

Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em História

Tese de Doutoramento

**Práticas de promoção da leitura nas bibliotecas públicas
municipais da Área Metropolitana de Lisboa (2008-2013)**

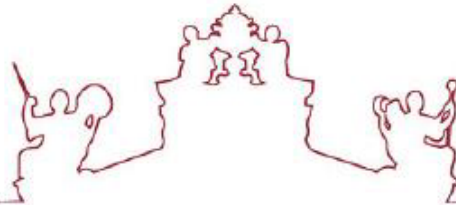
Volume de apêndices, glossário e anexos

Vera Maria da Silva

Orientador(es) | Francisco António Lourenço Vaz

Évora 2022





Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em História

Tese de Doutoramento

**Práticas de promoção da leitura nas bibliotecas públicas
municipais da Área Metropolitana de Lisboa (2008-2013)**

Volume de apêndices, glossário e anexos

Vera Maria da Silva

Orientador(es) | Francisco António Lourenço Vaz

Évora 2022



Esta tese foi escrita com a ortografia portuguesa anterior ao acordo de 1990

Volume II

ÍNDICE DO SEGUNDO VOLUME

Índice de gráficos em apêndice	II
Índice de quadros em apêndice	III
Índice de imagens em apêndice	V
Índice de sinopse e resumos de documentos previsionais em apêndice	V
Índice de gráficos e imagens em anexo	V
PARTE I	
Apêndice de documentos de suporte à orientação metodológica e preparação do trabalho de campo	1
Apêndice dos materiais do tratamento e análise de informação e dados	15
Sinopse e resumos de fontes documentais municipais	146
PARTE II	
Apêndice de sugestões para futuras investigações	157
Glossário de termos e expressões relacionados com promoção de leitura	168
PARTE III – Anexo de documentos apensos	223
Índice onomástico dos volumes I e II	233

ÍNDICE DE GRÁFICOS EM APÊNDICE

Gráfico 1- Objectivos visados pelas PPL nas bibliotecas da AML em 2013	43
Gráfico 2. Objectivos visados pelas PPL nas bibliotecas da AML entre 2008-2012	43
Gráfico 3 – Tipo de leitura promovida nas bibliotecas da AML em 2013	43
Gráfico 4 – Tipo de leitura promovida nas bibliotecas da AML, entre 2008-2012	44
Gráfico 5- Recursos metodológicos aplicados às PPL em 2013	50
Gráfico 6 - Recursos metodológicos aplicados às PPL entre 2008-2012	50
Gráfico 7- Recursos instrumentais privilegiados nas PPL destacadas em 2013	51
Gráfico 8 – Recursos instrumentais privilegiados nas PPL destacadas entre 2008-2012	51
Gráfico 9 - Nível de complexidade de articulação das práticas em 2013	80
Gráfico 10- Nível de complexidade de articulação das práticas de 2008-2012	80
Gráfico 11 – Espaços focalizados para as práticas destacadas entre 2008-2012	85
Gráfico 12 – Espaços focalizados para as PPL destacadas em 2013	85
Gráfico 13 – Escalões etários dos grupos-alvo das práticas de promoção da leitura em 2013	97
Gráfico 14 - Escalões etários dos grupos-alvo das práticas de promoção da leitura entre 2008-2012	97
Gráfico 15 – Distribuição da caracterização socioeconómica dos públicos-alvo das PPL	108
Gráfico 16 – Características das PPL focadas em finalidades	116
Gráfico 17 – Características das PPL focadas na sua modelação	117
Gráfico 18- Características das PPL associadas/focadas no conteúdo	118
Gráfico 19 – Características das PPL focadas nos públicos	119
Gráfico 20 – Frequência da utilização de questionários na avaliação de PPL	123
Gráfico 21 – Frequência da utilização de relatórios na avaliação de PPL	123
Gráfico 22 – Frequência da utilização de críticas na avaliação de PPL	123
Gráfico 23 – Frequência da utilização de sugestões na avaliação de PPL	124
Gráfico 24 – Frequência da utilização de observação na avaliação de PPL	124
Gráfico 25 – Frequência da utilização de entrevistas na avaliação de PPL	124
Gráfico 26 – Fonte de informação professores e educadores	125
Gráfico 27 – Fonte de informação acompanhantes	125
Gráfico 28 – Fonte de informação mediadores	125
Gráfico 29 – Fonte de informação crianças	126
Gráfico 30 – Fonte de informação adultos	126
Gráfico 31 – Fonte de informação jovens	126
Gráfico 32 – Fonte de informação biblioteca	127

ÍNDICE DE QUADROS EM APÊNDICE

Quadro1 – Resumo das opções metodológicas da investigação	3
Quadro 2 – O que é uma prática de promoção da leitura. Significado atribuído pela amostra	18
Quadro 3 – Primeira fase da preparação da informação para análise: unitarização de unidades de registo	19
Quadro 4 – Segunda fase: categorização a partir das unidades de significação, das representações conferidas a promoção da leitura	19
Quadro 5 – Tema - conceito de PPL. Preparação da informação para análise	20
Quadro 6 – Unidades de contexto discursivo da fundamentação das bibliotecas sobre a % da regularidade das PPL em relação à totalidade das actividades desenvolvidas	23

Quadro 7 – Síntese das respostas da unidade de registo à regularidade “Quase sempre “	25
Quadro 8 – Síntese das respostas da unidade de registo à regularidade “Frequentemente”	25
Quadro 9 – Síntese das respostas da unidade de registo à regularidade “Algumas vezes”	26
Quadro 10 – Ocorrências baseadas em características das práticas de promoção da leitura	26
Quadro 11 – Ocorrências baseadas na regularidade temporal das práticas de promoção da leitura	26
Quadro 12 – Unidades de contexto de procedimentos com base estratégica. Critérios enquadradores das PPL	27
Quadro 13 – Unidades de contexto de procedimentos com base conceptual operativa. Critérios enquadradores das PPL	30
Quadro 14 – Unidades de contexto de procedimentos com base formal. Critérios enquadradores das PPL	32
Quadro 15 – Síntese de indicadores procedimentos de base estratégica enunciados pela amostra	33
Quadro 16 – Síntese de indicadores de procedimentos de base estratégica partilhados pela amostra	34
Quadro 17 – Unidades de contexto sobre a responsabilidade pela selecção das PPL	35
Quadro 18 – Práticas de promoção da leitura destacadas pela amostra entre 2008-2013	37
Quadro 19 – Unidades de contexto do que são/visam as PPL destacadas em 2013	38
Quadro 20 – Unidades de contexto do que são/visam as PPL destacadas, entre 2008-2012	41
Quadro 21 – Eventuais competências de literacia a desenvolver nas práticas de promoção da leitura destacadas	44
Quadro 22 – Unidades de contexto da fundamentação das metodologias/processos utilizados	45
Quadro 23 – Tipologias de fundamentação das metodologias/processos utilizados nas PPL	48
Quadro 24 – Unidades de contexto de estratégias de abordagem usadas nas PPL entre 2009-2013	52
Quadro 25 – Categorias e subcategorias de estratégias e procedimentos prévios de abordagem usadas nas PPL	56
Quadro 26 – “Checklist” 1 - Estratégias de enquadramento prévio	59
Quadro 27 – “Checklist” 2 - Estratégias de abordagem e enquadramento no decurso da PPL	59
Quadro 28 – Síntese das estratégias de abordagem aplicadas pela amostra	60
Quadro 29 – Unidades de contexto de critérios para seleccionar e priorizar as PPL	61
Quadro 30 – “Checklist” 3. Objectivos para seleccionar e priorizar PPL	62
Quadro 31 – Síntese dos objectivos para seleccionar e priorizar as PPL	63
Quadro 32 – Unidades de contexto da fundamentação da interacção e intervenção activa dos participantes nas PPL	64
Quadro 33 – Unidades de contexto do envolvimento das famílias nas práticas de promoção da leitura	67
Quadro 34 – Unidades de contexto de fundamentação do conhecimento prévio dos públicos	69
Quadro 35 – Unidades de contexto da ponderação entre popularidade e interesse dos conteúdos das PPL	71
Quadro 36 – Fundamentação da elevada potencial relevância atribuída aos factores assinalados	73
Quadro 37 – Unidades de contexto sobre competências de oralidade associadas às PPL	74
Quadro 38 – Unidades de contexto sobre competências de audição associadas às PPL	75
Quadro 39 – Unidades de contexto sobre competências de visão associadas às PPL	76
Quadro 40 – Unidades de contexto sobre competências de escrita associadas às PPL	77
Quadro 41 – Unidades de contexto sobre competências de pesquisa associadas às PPL	78
Quadro 42 – Unidades de contexto sobre competências TIC associadas às PPL	79
Quadro 43 – Unidades de contexto sobre a fundamentação da articulação e continuidade das PPL	81
Quadro 44 – Unidades de contexto de descentralização das PPL concebidas para itinerar fora do espaço da biblioteca	83
Quadro 45 – Unidades de contexto de contributos especializados que enquadram a mediação das PPL	86
Quadro 46 – Contributos especializados, internos e externos, associados à mediação de PPL nas BPM da AML	89
Quadro 47 – Contributos especializados que enquadram a mediação das PPL em cada biblioteca da AML	90
Quadro 48 – Unidades curriculares dos planos de estudos de licenciaturas em CID	91
Quadro 49 – Unidades curriculares dos planos de estudos de cursos de especialização e pós-graduações em CID	92

Quadro 50 – Unidades curriculares dos planos de estudos de mestrado em CID	93
Quadro 51 – Unidades de contexto de actividades complementares às PPL	94
Quadro 52 – “Checklist” 4, PPL destacadas em 2013 e públicos visados	96
Quadro 53 – Unidades de contexto das características socioculturais dos públicos participantes nas PPL	98
Quadro 54 – Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos dos três aos seis anos	101
Quadro 55 – Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos dos sete aos dez anos	102
Quadro 56 – Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos dos onze aos doze anos	103
Quadro 57 – Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos dos treze aos dezassete anos	103
Quadro 58 – Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos dos dezoito aos vinte e cinco anos	104
Quadro 59 – Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos dos vinte e seis aos trinta e cinco anos	104
Quadro 60 – Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos trinta e seis aos cinquenta anos	105
Quadro 61 – Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos dos cinquenta e um aos sessenta e cinco anos	106
Quadro 62 – Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos maiores de sessenta e cinco anos	107
Quadro 63 – Unidades de contexto do que caracteriza as PPL visando os seus públicos-alvo	109
Quadro 64 – Síntese da caracterização das PPL visando o público-alvo.	112
Quadro 65 – Tipologias de PPL oferecidas aos públicos-alvo, baseadas nos s modelos/formato e âmbitos	114
Quadro 66 – Caracterização conferida às PPL visando o público-alvo	115
Quadro 67 – Unidades de contexto da avaliação das PPL	120
Quadro 68 – Unidades de contexto da leitura da amostra às avaliações das PPL	128
Quadro 69 – Fundamentação da maior relevância de factores nos resultados das PPL	131
Quadro 70 – Fundamentação da menor relevância de factores nos resultados das PPL	132
Quadro 71 – Unidades de contexto da fundamentação dos factores críticos com impacto nas PPL	133
Quadro 72 – Síntese dos factores críticos com maior impacto nas PPL	137
Quadro 73 – Unidades de contexto de possíveis soluções locais a mobilizar para a melhoria as PPL	138
Quadro 74 – Síntese das soluções locais a mobilizar para a melhoria das PPL	140
Quadro 75 – Unidades de contexto de reflexões sobre soluções supra-concelhias para melhoria das PPL	141
Quadro 76 – Síntese de reflexões sobre soluções a mobilizar a nível supra concelhio para a melhoria das PPL	144
Quadro 77 – Categorias e indicadores da caracterização das práticas de promoção da leitura	145

ÍNDICE DE IMAGENS EM APÊNDICE

Imagem 1 – Comunicações sobre leitura e literacias apresentadas nos congressos BAD no período próximo do arco temporal da investigação	2
Imagem 2 – Guião da entrevista	4
Imagem 3 – Questionário suplementar	10
Imagem 4 – Ficha de análise crítica dos documentos disponibilizados	11
Imagem 5 – Exemplo da carta a solicitar autorização para realizar as entrevistas aos executivos municipais	12
Imagem 6 – Exemplo da carta de agradecimento aos executivos municipais enviada no final do trabalho de campo	13
Imagem 7 – Exemplo da carta de agradecimento à amostra no final do trabalho de campo	14
Imagem 8 – Questão inicial colocada aos entrevistados, conforme constava no guião	16
Imagem 9 – Folha de transcrição das entrevistas	7
Imagem 10 – Processo de codificação da unidade hermenêutica com recurso ao programa de análise qualitativa ATLAS ti	22

ÍNDICE DE SINOPSE E RESUMOS DE DOCUMENTOS PREVISIONAIS EM APÊNDICE

Sinopse da localização e designações dos documentos previsionais dos municípios da AML	146
Resumo de exemplos de diversidade formal nos documentos previsionais	148
Resumo de exemplos e observações sobre a diversidade de conteúdo nos documentos previsionais	149
Resumo de exemplos de referências e cabimentações para Bibliotecas Municipais, promoção da leitura e para Serviços Culturais, Recreativos e Religiosos	151

ÍNDICE DE GRÁFICOS EM ANEXO

Gráfico 1 – Evolução dos desempenhos dos alunos portugueses no PISA	224
Gráfico 2 – Média das notas dos exames nacionais nas disciplinas de Português e Matemática	228
Gráfico 3 – Classe 2 – (Sub)urbano novo qualificado: importância populacional relativa por município da AML, 2011	233

ÍNDICE DE IMAGENS EM ANEXO

Imagem 1 – Carta de recomendação da DGAB aos executivos municipais	225
Imagem 2 – Classes das áreas edificadas da Área Metropolitana de Lisboa	226
Imagem 3 – Mapa das médias de classificação nos exames	229
Imagem 4 – Mapa da população residente com curso superior, 2011	230
Imagem 5 – Mapa e quadro do factor socioeconómico na AML	229
Imagem 6 – Mapa do cruzamento de factores demográfico, habitacional e socioeconómico na AML	230
Imagem 7 – Mapa da criticidade à escala municipal em Portugal	231
Imagem 8 – Índice de <i>A orientação da leitura</i> , de Ernesto Palma	232

Parte I

Apêndice de documentos de suporte metodológico e de preparação do trabalho de campo

COMUNICAÇÕES SOBRE LEITURA E LITERACIAS NOS CONGRESSOS BAD 2007-2012
11º Congresso BAD (2012) INTEGRAÇÃO ACESSO E VALOR SOCIAL, Lisboa
<p>“Estudo do impacto do projecto infoliteracia da RBMO nas competências de informação dos formandos”. Nádia Raminhos http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congresosbad/article/view/296/pdf</p> <p>“O evento do livro animado nas bibliotecas públicas”. Jacinta Maciel http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congresosbad/article/view/353/pdf</p>
10º Congresso BAD (2010) Políticas da Informação na Sociedade em Rede, Guimarães
<p>“Leitura para todos” [poster do projecto]. Rui Alberto Faria Viena & Maria Irene Barbosa da Costa Moreira Mesquita http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congresosbad/article/view/235/236</p> <p>“Ler, ouvir e falar: a experiência dos Grupos de Leitores nas Bibliotecas Municipais de Oeiras”. Bruno Duarte Eiras http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congresosbad/article/view/214</p> <p>“Olhar a animação, visando serviços educativos para as literacias e competências de informação”. Vera Maria da Silva & Susana Ramalho Filipe http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congresosbad/article/view/217</p>
9º Congresso BAD (2007) Informação para a cidadania, o desenvolvimento e a inovação
<p>“De pequenino se torce o pepino” [poster]. Maria Gorete Afonso http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congresosbad/article/view/606</p> <p>“Histórias de ida e volta: promover a cultura oral, formar contadores para quê?”. Ana Amold Guerreiro & Maria Rita Domellas http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congresosbad/article/view/553</p> <p>“A intervenção social da biblioteca na comunidade: qualificação individual e crescimento colectivo”. Vera Silva e Cláudia Brites http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congresosbad/article/view/562</p> <p>“A literacia da informação e o contributo da biblioteca”. Emília Pacheco http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congresosbad/article/view/559</p> <p>“Literacia em leitura – identidade e construção da cidadania”. Maria Graça Sardinha http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congresosbad/article/view/510</p> <p>“Livron@auta: contribuições para a construção da cidadania”. Simone Oliveira; Ellys Barros & Andréa Batista http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congresosbad/article/view/614</p> <p>“Lugares da leitura: o público adulto nos projectos das Bibliotecas Municipais de Oeiras”. Ana Paula Jardim http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congresosbad/article/view/555</p> <p>“Palavras cantadas: uma contribuição para a promoção da leitura em adolescentes e jovens adultos nas Bibliotecas Municipais de Oeiras”. Gaspar Matos http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congresosbad/article/view/549</p>

Imagem 1- Comunicações sobre leitura e literacias apresentadas nos congressos BAD no período próximo do arco temporal da investigação. Fonte: Produção própria a partir das actas do 9-11 Congressos BAD.

Âmbitos de focalização	Tipologias	Fundamentação
Objecto de estudo (PPL nas BP da AML)	Estudo exploratório e descritivo	Propõe-se abordar o problema com uma perspectiva distinta e dar dele outra visão, ao descrever o conceito e as características do fenómeno de PPL.
Amostra	Regional, representativa da AML, uma realidade regional ampla e expressiva em termos nacionais.	18 concelhos da AML, um espaço significativo de amostra.
Participantes da amostra	Bibliotecários e/ou mediadores	“O indicador é, em princípio, uma manifestação observável e mensurável das componentes do conceito” (Quivy, 2008, 262). Por vezes o que é observável são as palavras, e o “mensurável” são as opiniões, o conteúdo ou sentido do discurso (medição de intangíveis).
Métodos e técnicas de recolha de dados. “A abordagem adoptada e os métodos de recolha de informação seleccionados dependerão da natureza do estudo e do tipo de informação que se pretende obter”. (Bell, 2010, 19).	Inquérito por entrevista Gravação das entrevistas Inquérito por questionário Revisão da literatura (doc. oficiais e institucionais) Pesquisa documental (de materiais ainda não submetidos a tratamento analítico em investigações anteriores) Análise documental (evidências produzidas que sejam recolhidas)	Método misto com enfoque qualitativo nos dados gerados. Construção do enquadramento teórico fundamentado em: -Observação empírica e revisão da literatura; -Observação indirecta, por entrevistas semidirectivas e semiestruturadas, com questões abertas, fechadas e de escolha múltipla (lista; categoria; escala; quantidades; tabelas); -Cruzamento do trabalho de campo com metodologia quantitativa (usada complementarmente para dar suporte à análise qualitativa) e referenciais teóricos.
Instrumentos de recolha de dados	Guião da entrevista Questionário Teste de validação dos instrumentos por entrevistas exploratórias junto de profissionais, especialistas, teóricos e académicos.	Necessidade de construção de instrumentos que assegurem os procedimentos conducentes à resposta da questão inicial e aos objectivos da investigação. A eventual disponibilização de dados quantitativos visará enquadrar a realidade e aferir possíveis prevalências que possam ser caracterizadoras no campo da amostra. Os dados e a análise crítica de conteúdo, fornecerão elementos suplementares para enquadramento do seu tratamento, interpretação e confrontação de informação e dados obtidos com os de outros estudos.
Instrumentos de registo da investigação	Fichas de leitura Registos de gravações sonoras Cópias do guião p/ os registos singulares Diário de registos “Checklists”	Por serem adequados, de acordo com o uso que se afigura ser-lhes dado em estudos qualitativos e mistos.
Tratamento e análise de dados “Quando se trata de variáveis qualitativas, a descrição e a agregação dos dados podem assumir a forma de uma tipologia” (Quivy, 2008, 218).	Preparação sistemática dos dados, carregamento em grelhas e instrumentos de registo visando a organização dos dados recolhidos. Descrição dos dados em dimensões, categorias e indicadores com recurso a quadros, tabelas-resumo, gráficos e médias produzidas com o software Excel e organizados de acordo com a grelha de análise que explicitará os resultados da medição e análise das relações entre as variáveis.	A análise crítica de conteúdo dos dados e resultados categoriais estatísticos e a análise documental de conteúdo permitirá encontrar informação e comparação de significados e extrair conclusões resultantes da análise dos dados, pelo que acrescentaremos à análise de informação (verificação empírica se a informação recolhida para corroborar a hipótese) a análise de conteúdo, na medida em que esta, incidindo na frequência, modo de disposição e construção do discurso e seu desenvolvimento, é uma fonte informativa relevante para aportar conhecimento sobre o fenómeno.
Pesquisa e análise de evidências materiais	Pesquisa e análise documental e de conteúdo Para o processamento dos dados levantados recorreremos a técnicas de tratamento de dados e a ferramentas estatísticas para produzir os quadros, gráficos e tabelas necessárias.	Por existirem materiais que ou não recebem ainda um tratamento analítico, ou podem ser reelaborados de acordo com os objectos da pesquisa. A fazer sobre materiais fornecidos, enquadramentos ou resultantes das PPL, para levantamento de evidências a submeter a análise documental e de conteúdo. A delimitação do campo da análise vai basear-se na correspondência entre o campo da investigação e o coberto pelos materiais, de forma a encontrar informação útil para o período do objecto de estudo em análise. A análise, avaliação e interpretação da informação será feita na dimensão do paradigma fenomenológico.
Interpretação dos dados	Análise das informações, agregação e distribuição dos dados, análise e exploração das relações entre variáveis obtidas nas respostas a cada indicador, interpretação e verificação de se os seus resultados sustentam a hipótese da investigação.	Visa a verificação de hipóteses e a possibilidade de apresentação de resultados sobre o que são e como se processam PPL nas BP da AML e as relações existentes entre níveis teóricos e paradigmáticos e as PPL desenvolvidas.

Quadro1- Resumo das opções metodológicas da investigação. Fonte: produção própria.



Práticas de Promoção da Leitura nas Bibliotecas Públicas Municipais da AML GUIÃO DA ENTREVISTA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE _____ DATA ____/____/____ Início _____h.

Enquadramento prévio da entrevista. *Agradecer a disponibilidade. Informar que a entrevista, com duração de 1h/1.30h, se destina a uma investigação académica que pretende aferir a visão e realidade existente nas Bibliotecas da AML, entre 2009-2013, sobre: conceitos e conteúdos de práticas de promoção das leituras (PPL) no campo literário e outras; modelos que enformam as respectivas práticas (actividades de animação, actividades educativas); conhecer como se processa a sua concepção, desenvolvimento e avaliação. Gostaríamos de contar com o apoio e disponibilidade do entrevistado(a) para esclarecer qualquer eventual dúvida e teremos muito gosto em lhe entregar, posteriormente, uma cópia da investigação, sobre cujos dados asseguraremos o anonimato.*

1. O que considera ser uma prática de promoção da leitura (PPL)?

1.1. Em termos de concepção (objectivos, conteúdo, processo de envolvimento e interacção dos participantes), diria que as actividades que desenvolve na sua biblioteca são PPL:

Quase sempre (75 a 100%) Frequentemente (50 a 75%) Algumas vezes (25 a 50%) Poucas vezes (-25%)

1.1.2 Pode fundamentar a razão da regularidade que referiu?

1.2 Que procedimentos teve em conta para assegurar que as práticas desenvolvidas fossem objectivamente PPL?

1.2.1 A quem, ou a que instância, competiu a selecção e proposta sobre a generalidade das PPL realizadas 2008-2013?

1.3 Quando a sua Biblioteca se envolve em actividades de animação, são desenvolvidas dimensões de promoção activa da leitura, seja literária ou outra? **Sim** **Não**

Quase sempre (75 a 100%) Frequentemente (50 a 75%) Algumas vezes (25 a 50%) Poucas vezes (-25%)

2. Das PPL desenvolvidas em 2013 quais as três que destacaria?

1 _____ Visava _____
2 _____ Visava _____
3 _____ Visava _____

2.1. À que outras anteriores PPL, desenvolvidas até há 4 anos (de 2008 a 2012), daria particular destaque?

1 _____ Visava _____ // // //
2 _____ Visava _____ // // //
3 _____ Visava _____ // // //

2.3 Que métodos/processos enquadraram a generalidade das PPL desenvolvidas entre 2008-2013?

2.3.1 Quer fundamentar as razões para ter considerado esses métodos/processos? **Sim** **Não**

2.3.2 Que estratégias de abordagem foram desenvolvidas junto dos participantes às PPL referidas em 2. e 2.1?

2.4 Existiram objectivos concretos para seleccionar, delinear, priorizar e periodizar as PPL desenvolvidas entre 2008-2013

Sim **Não**

Pode explicitar? _____

3. Às PPL referidas em 2. e 2.1., em termos de potenciais resultados a alcançar, a que factores atribui maior relevância?

Factores relevantes nas PPLL	Menor relevância	Alguma relevância	Muita relevância	Elevada relevância	Porque atribuiu > relevância aos factores:
A -Ampliação do acesso à leitura					
B – Promoção do gosto e hábitos de leitura textual impressa e digital					
C- Ampliação de competências de leitura em literatura de ficção					
D- Ampliação de competências de leitura textual e não textual em campos específicos do conhecimento					
E- Finalidades lúdicas					
F- Potencial de sociabilização e interactividade grupal					
G – Possibilidade de envolvimento activo dos destinatários no projecto de PPL					
H- Ser uma oferta nova/alternativa					
L- Promoção da qualificação individual dos destinatários					

3.1 Deseja acrescentar outros factores omissos no quadro e que considere relevantes? Sim Não

_____ (solicitar a atribuição do respectivo nível de relevância)

4. As práticas destacadas referidas em 2. e 2.1. destinavam-se ao público geral Tinham um público-alvo



Escalões etários	Práticas (enunciadas em 2. e 2.1.)	Características socioculturais	Tipologia de prática desenvolvida
Até 3 anos <input type="checkbox"/>			
3-6 anos <input type="checkbox"/>			
7-10 anos <input type="checkbox"/>			
11-12 anos <input type="checkbox"/>			
15-17 anos <input type="checkbox"/>			
18-25anos <input type="checkbox"/>			
26-35 <input type="checkbox"/>			
36-50 <input type="checkbox"/>			
51-65 <input type="checkbox"/>			
+65 anos <input type="checkbox"/>			

4.1. Das PPL que referiu como tendo um público-alvo o que as caracterizava visando os destinatários?

- 1 _____
- 2 _____
- 3 _____
- 4 _____
- 5 _____
- 6 _____
- 7 _____
- 8 _____
- 9 _____
- 10 _____

4.2. As PPL que referiu em 2. e 2.1., previam interacção para intervenção activa dos participantes? Sim Não

Pode explicitar? _____
Pode dizer-nos porquê? _____

4.3. Nas PPL referidas em 2. e 2.1., procurou fazer ponderações entre popularidade/interesse da temática da prática e atractividade/pertinência dos respectivos conteúdos? Sim Não

Pode explicitar? _____

4.4. No caso de acolhimento para PPL de grupos escolares, ou outros, procurar conhecer previamente as características interesses e necessidades desses grupos, é algo habitual , frequente , raro ou inexistente ?

Quer fundamentar a sua resposta? _____

5. Em regra, as PPL que desenvolveu entre 2009-2013 são actividades articuladas e/ou continuadas? Sim Não

Quer comentar a sua afirmação? _____

5.1. As PPL desenvolvidas na sua biblioteca eram enquadradas por mediadores culturais e/ou técnicos especializados? Sim Não

Quer comentar a sua afirmação? _____

5.1.1. Como a sua resposta foi positiva, pode dizer-nos se tal ocorre:

Poucas vezes (até 25%) Algumas vezes (25% a 50%) Bastantes vezes (50% a 75%) Quase sempre (mais de 75%)

Que contributos especializados enquadram essas práticas? _____

5.2. As PPL desenvolvidas envolviam explicitamente actividades ou acções visando competências específicas de:

Oralidade , não sim. Pode exemplificar? _____

Audição , não sim. Pode exemplificar? _____

Visão , não sim. Pode exemplificar? _____

Escrita , não sim. Pode exemplificar? _____

Pesquisa , não sim. Pode exemplificar? _____

Uso de TIC , não sim. Pode exemplificar? _____

_____ , não sim. Pode exemplificar? _____

5.3. Algumas destas PPL realizadas visavam o envolvimento das famílias? Sim Não

Pode dar-nos exemplos? _____

5.4. Algumas destas PPL foram concebidas para itinerar em espaços fora da biblioteca? Sim Não

Quase sempre (75 a 100%) Frequentemente (50 a 75%) Algumas vezes (25 a 50%) Poucas vezes (-25%)

Pode detalhar? _____

5.4.1. Apesar de não ter sido prevista a itinerância, tal ocorreu? Sim Não

Quase sempre (75 a 100%) Frequentemente (50 a 75%) Algumas vezes (25 a 50%) Poucas vezes (-25%)

Pode detalhar? _____

5.5. Associada às práticas realizadas foram produzidas actividades complementares? Sim Não

Quase sempre (75 a 100%) Frequentemente (50 a 75%) Algumas vezes (25 a 50%) Poucas vezes (-25%)

Pode dar-nos exemplos? _____

5.6. Para a exploração dessas PPL foram produzidos:

Documentos Sim Não Materiais Sim Não Contextos cénicos de apoio Sim Não

Documt. Quase sempre (75 a 100%) Frequentemente (50 a 75%) Algumas vezes (25 a 50%) Poucas vezes (-25%)

Materiais Quase sempre (75 a 100%) Frequentemente (50 a 75%) Algumas vezes (25 a 50%) Poucas vezes (-25%)

C. cénicos Quase sempre (75 a 100%) Frequentemente (50 a 75%) Algumas vezes (25 a 50%) Poucas vezes (-25%)

Pode enunciar exemplos que considere relevantes? _____

5.6.1. Pode facultar-nos a consulta desses documentos e de registos dos materiais e dos contextos cénicos?

Não Sim Como os podemos obter e quando estarão disponíveis? _____

6. Foi efectuada a avaliação regular das actividades de PPL ocorridas entre 2009 - 2013? Não Sim

De que forma foi feita a avaliação? Sessão a sessão __% Avaliação global da PPL específica __% Agregação das PPL no relatório semestral e/ou anual __% Outro processo _____%

6.1. Em que se basearam as avaliações feitas:

Questionário __% Entrevista __% Observação __% Relatório __% Críticas __% Sugestões __% Outro _____%

6.2. Quem forneceu os dados para se fazer essa(s) avaliação(ões)?

Crianças __% Jovens __% Adultos __% Prof./educadores __% Acompanhantes __% Mediadores __% Biblioteca __% Outros _____%

6.3 Que análise e leitura faz dos resultados da avaliação das PPL?

6.3.1 Podemos ter acesso a um desses registos ou relatórios avaliação das PPL que foram feitos? Não Sim

Como o podemos obter? _____

7. Nas PPL referidas em 2. § 2.1., em termos de resultados obtidos, que relevância atribui aos factores:

VALORAÇÃO DA RELEVÂNCIA DE FACTORES EM TERMOS DE RESULTADOS	Menor relevância	Alguma relevância	Muita relevância	Elevada relevância	Publico** (B, I, C, J, JA, A, S, E, Sp.)
A) Promoção de valores pessoais e sociais					
B) Contribuição para fomentar o gosto pela leitura					
C) Contribuição para o sucesso escolar					
D) Ampliação do desenvolvimento da linguagem					
E) Desenvolvimento do sentido da narrativa					
F) Promoção de modelos para a escrita					
G) Incrementação de conhecimento (literacia cultural: conhecimento técnico e científico + humanidades)					
H) Contribuição para o domínio de conceitos de leitura textual* (independentemente dos suportes)					
I) Desenvolvimento de competências de literacia da informação (identificar necessidades de informação e saber pesquisar, organizar e usar competentemente a informação)					
J) Contribuição para a formação de leitores mais competentes					
K) Ampliar competências de comunicação					
L) Finalidades lúdicas					

* (atendendo aos diversos escalões etários e níveis de ensino, conceitos de autor; título; palavra; frase; organização do texto; semântica, interpretação...)

** Publico: B – até aos 3 anos, I – das 3 aos 6 anos, C – das 6 aos 12, J – das 12 aos 18, JA – das 18 aos 25, A – das 25 aos 65, S – mais de 65, E – estudantes, Sp – Públicas especiais

7.1. Deseja acrescentar outros factores que considere relevantes? Sim Não

7.1.1. Atribuiu maior relevância ao(s) factor(es) _____. Pode dizer-nos a razão da sua tão positiva valoração?

7.1.2. Atribuiu menor relevância ao(s) factor(es) _____. Pode dizer-nos a razão dessa sua menor valoração?

8. Nem sempre programas e projectos de PPL reúnem os recursos necessários para a sua operacionalização, ou conseguem atingir as expectativas que para eles existiam. Caso na sua BPM, existam limitações quais são as mais críticas para as PPL?

Factores críticos	<1	2	3	>4	Nas escolhas que referiu, a que atribui maior impacto nas limitações que esses factores críticos provocam?

8.1. O que considera que poderia ampliar/melhorar os resultados das práticas de promoção da leitura na sua biblioteca?

8.2. Deseja fazer um comentário final sobre práticas de promoção da leitura, ou o que considera que, para além do que possa fazer seu concelho, a uma escala mais ampla, as poderia melhorar?

Para conhecermos globalmente as práticas de promoção da leitura desenvolvidas e as podermos tipificar e padronizar melhor, gostaríamos de poder continuar a contar com a sua colaboração. Está disponível para, posteriormente nos responder a um pequeno questionário que visa uma recolha posterior de dados complementares?

Sim Não

Podemos obter esses dados na próxima quinzena? Não Sim Quando? _____

Nessa altura, podemos consultar ou obter os materiais documentais? _____

Agradecimento.

Conclusão _____ h.

(Eventuais anotações para o diário de campo)

9 PERFIL DO ENTREVISTADO

Função desempenhada na organização _____

Nível de responsabilidade na instituição: Gestão Planeamento Organização Operacionalização

Desempenho concreto no âmbito da promoção da leitura e das literacias

Duração da permanência nesse desempenho

Menos de 1 ano 1 a 2 anos 3 a 5 anos Mais de 5 anos _____

Habilitações académicas

Formação técnica específica

Experiências consideradas relevantes no âmbito da promoção da leitura e das literacias

Idade **Sexo**

-25 anos 25-30 anos 30-40 anos 40-50 anos +50 anos F M

DILIGÊNCIA SUPLEMENTAR À ENTREVISTA PARA DIVULGAÇÃO E PARTILHA DOS MATERIAIS PRODUZIDOS PARA AS PPL

Considerando que se trata de produtos para uso público e produzidos com finalidade de ampliar resultados de PPL, julga que seria interessante fazer a sua divulgação? Não Sim

Concordaria em poderemos, eventualmente, apresentá-los num repositório online de conteúdos sobre PPL? Não Sim Como os podemos obter para essa finalidade? _____

Imagem 2 – Guião da entrevista. Fonte: Produção própria.



**PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA NAS BIBLIOTECAS DA AML-
QUESTIONÁRIO COMPLEMENTAR À ENTREVISTA**

Agradecemos-lhe que tenha acolhido o nosso pedido de colaboração, disponibilizando-se a fornecer-nos os elementos informativos complementares aos que recolhemos na entrevista. Preencha, por favor, o questionário com os dados exactos ou aproximados que tenha disponíveis, apenas relativamente ao ano de 2013. Se de todo lhe for impossível indicar um valor, mesmo que estimado, deixe sff essa questão em branco e passe à seguinte. Muito obrigada.

1. Nº total de actividades em 2013 (na distribuição pelas três grandes tipologias, indicar o nº de actividades desenvolvidas e não o nº de sessões realizadas)		
Actividades de promoção da leitura textual, nº ____ Indique as três tipologias dominantes: 1. _____ Público-alvo: _____ 2. _____ Público-alvo: _____ 3. _____ Público-alvo: _____	Práticas de promoção de outras leituras, nº ____ Indique as três tipologias dominantes: 1. _____ Público-alvo: _____ 2. _____ Público-alvo: _____ 3. _____ Público-alvo: _____	Outras actividades educativas /de animação, nº ____ Indique as três tipologias dominantes: 1. _____ Público-alvo: _____ 2. _____ Público-alvo: _____ 3. _____ Público-alvo: _____

1.2 Tipos e modalidades de produção de actividades de promoção da leitura textual em 2013	Tipos e modalidades de produção de práticas de promoção de outras leituras em 2013	Tipos e modalidades de produção de outras actividades educativas /de animação em 2013
Tipos de produção: Interna: cerca de ____ % Externa: cerca de ____ % Mista: cerca de ____ %	Tipos de produção: Interna: cerca de ____ % Externa: cerca de ____ % Mista: cerca de ____ %	Tipos de produção: Interna: cerca de ____ % Externa: cerca de ____ % Mista: cerca de ____ %
Actividades externas de promoção de leitura textual e % aproximadas: Oferta <input type="checkbox"/> ____ % Empréstimo <input type="checkbox"/> ____ % Aquisição <input type="checkbox"/> ____ % Outra(s) <input type="checkbox"/> ____ % Especifique sff: _____	Actividades externas de promoção de outras leituras e % aproximadas: Oferta <input type="checkbox"/> ____ % Empréstimo <input type="checkbox"/> ____ % Aquisição <input type="checkbox"/> ____ % Outra(s) <input type="checkbox"/> ____ % Especifique sff: _____	Actividades externas educativas, culturais, de animação e % aproximadas: Oferta <input type="checkbox"/> ____ % Empréstimo <input type="checkbox"/> ____ % Aquisição <input type="checkbox"/> ____ % Outra(s) <input type="checkbox"/> ____ % Especifique sff: _____
Modalidade de produção de actividades mistas e % Co-produção <input type="checkbox"/> ca. ____ % No âmbito de projectos cooperativos <input type="checkbox"/> ca. ____ % Outra(s) <input type="checkbox"/> ca. ____ % Especifique sff: _____	Modalidade de produção de actividades mistas e % Co-produção <input type="checkbox"/> ca. ____ % No âmbito de projectos cooperativos <input type="checkbox"/> ca. ____ % Outra(s) <input type="checkbox"/> ca. ____ % Especifique sff: _____	Modalidade de produção de actividades mistas e % Co-produção <input type="checkbox"/> ca. ____ % No âmbito de projectos cooperativos <input type="checkbox"/> ca. ____ % Outra(s) <input type="checkbox"/> ca. ____ % Especifique sff: _____

3. Frequência total de público em 2013:		
Práticas de promoção da leitura textual	Práticas de promoção de outras leituras	Outras actividades educativas ou de animação
Até 3 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	Até 3 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	Até 3 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____
3-6 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	3-6 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	3-6 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____
7-10 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	7-10 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	7-10 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____
11-12 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	11-12 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	11-12 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____
15-17 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	15-17 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	15-17 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____
18-25 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	18-25 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	18-25 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____
26-35 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	26-35 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	26-35 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____
36-50 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	36-50 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	36-50 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____
51-65 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	51-65 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	51-65 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____
+65 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	+65 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____	+65 anos <input type="checkbox"/> Total de participantes, ca. ____

4. Duração média de cada actividade de promoção da leitura textual, de práticas de promoção de outras literacias e de outras actividades educativas, culturais e de animação. (Indique, nas respectivas tipologias abaixo, as três práticas realizadas em 2013 que destacou na entrevista .em relação às práticas que em 2013 destacou na entrevista)		
Das actividades de promoção da leitura textual	Das práticas de promoção de outras leituras	Das actividades educativas, culturais e de animação
1. Cerca de ____ h	1. Cerca de ____ h	1. Cerca de ____ h
2. Cerca de ____ h	2. Cerca de ____ h	2. Cerca de ____ h
3. Cerca de ____ h	3. Cerca de ____ h	3. Cerca de ____ h

5. Estimativa da % de inscrições prévias nas PPL e outras actividades educativas e de animação* em 2013 e tipo predominante de inscrição: individual ou grupal							
Bebés (0 a 3 anos)	Júnior (3 a 6)	Infantil (6 a 12)	Jovem (12 a 18)	Jovens adultos (18 a 25)	Adultos (25 a 65)	Sénior (>65)	Públicos especiais
PPL ____ %	PPL ____ %	PPL ____ %	PPL ____ %	PPL ____ %	PPL ____ %	PPL ____ %	PPL ____ %
Outras ____ %	Outras ____ %	Outras ____ %	Outras ____ %	Outras ____ %	Outras ____ %	Outras ____ %	Outras ____ %
Individual <input type="checkbox"/> Grupal <input type="checkbox"/>	I <input type="checkbox"/> G <input type="checkbox"/>	I <input type="checkbox"/> G <input type="checkbox"/>	I <input type="checkbox"/> G <input type="checkbox"/>	I <input type="checkbox"/> G <input type="checkbox"/>	I <input type="checkbox"/> G <input type="checkbox"/>	I <input type="checkbox"/> G <input type="checkbox"/>	I <input type="checkbox"/> G <input type="checkbox"/>

6. Espaços e equipamentos onde se inscreveram as práticas de promoção da leitura textual e de outras leituras ocorridas em 2013					
Biblioteca Municipal	Pólos da Biblioteca	Outros espaços municipais (indique) _____ %	Escolas	Outros espaços públicos (indique)* _____ %	Outros contextos (indique) _____ %
____ %	____ %	____ %	____ %	____ %	____ %

* Espaços públicos ou privados: instituições (jardins, praias, transportes, espaços culturais e desportivos não municipais, espaços de comércio, de saúde, de trabalho, transportes, etc. Reiteramos-lhe o nosso agradecimento pela sua colaboração. Se tiver alguma dúvida neste quadro pode s.f.f. contactar-nos

FICHA DE ANÁLISE CRÍTICA DOS DOCUMENTOS

Origem: Biblioteca Municipal de _____

Título: _____ **Autor** _____ **Data:** _____

Formato do documento:

Textual Digital Iconográfico Sonoro Audiovisual Multimédia

Tipo de documento:

Catálogo Guia de exploração Regras de enquadramento e uso
Folheto Auxiliar pedagógico Programa de pré-actividades
Flyer Folha de sala Outro _____

Contexto e enquadramento de produção:

Interno Externo _____, PPL a que está associado: _____

Objectivo:

Lúdico Pedagógico Didáctico Informativo Outro

Destinatários: _____

Uso:

Individual Colectivo Misto

Envolvimento visado:

Dialógico Reflexivo Misto

Tipo de conteúdo:

Expositivo Enunciativo Interactivo Misto _____

Descritores do assunto: _____

Sinopse do conteúdo:

Caro Senhor Presidente da Câmara Municipal do Seixal,
Eng.º Joaquim Cesário Cardador dos Santos

No âmbito do Curso de Ciências da Informação e Documentação da Universidade de Évora, estamos a desenvolver uma pesquisa sobre *Práticas de Promoção da Leitura nas Bibliotecas Municipais da Área Metropolitana de Lisboa*. É um campo onde muito trabalho é desenvolvido pelas Bibliotecas Municipais, mas sobre o qual existem lacunas de conhecimento, situação que se pretende superar. Para esta finalidade, desejamos recolher e sistematizar informação sobre a realidade da promoção da leitura nos Municípios da Área Metropolitana de Lisboa, uma vertente de intervenção socialmente significativa na relevante pluralidade do trabalho autárquico e que ocorre num espaço expressivo em termos nacionais.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, que desejamos possa enquadrar a totalidade das Bibliotecas Municipais da Área Metropolitana de Lisboa, gostaríamos de poder incluir os contributos da Biblioteca Municipal do Seixal para a promoção da leitura, e sobre cujos dados asseguraremos anonimato.

Esperando a melhor colaboração de Vossa Excelência, solicitamos a sua autorização para que a bibliotecária responsável pela Biblioteca Municipal do Seixal, Senhora Dr.ª Cláudia Brites, nos receba para nos informar sobre as práticas de promoção da leitura promovidas na vossa biblioteca, sendo que a sua representação pode ser delegada no técnico(a) da biblioteca que tenha responsabilidade directa pela conceptualização e operacionalização das práticas de promoção da leitura desenvolvidas.

Teremos o maior gosto em remeter à Câmara Municipal do Seixal um exemplar da pesquisa realizada, o que contribuirá para melhorar o conhecimento sobre as *Práticas de Promoção da Leitura* existentes nas Bibliotecas Municipais da Área Metropolitana de Lisboa, uma realidade marcada por um generalizado desconhecimento sobre a sua acção concreta, situação que não espelha nem o potencial social e cultural dos contributos prestados, nem a amplitude do trabalho que, no campo da promoção da leitura, é desenvolvido pelos Municípios através das suas Bibliotecas Municipais.

Antecipadamente gratos pela melhor colaboração de Vossa Excelência e aguardando a sua resposta, queira aceitar os nossos cordiais cumprimentos,

18 de Dezembro de 2013

Vera Maria da Silva
Doutoranda de Ciências da Informação e da Documentação da Universidade de Évora

Contactos: **Rua Pena Monteiro, 24 1600-571 Lisboa**, vmjduartedasilva@gmail.com tel. **917 770 483**

Excelentíssimos Senhores e Senhoras Presidentes dos Municípios da Área Metropolitana de Lisboa,

Na sequência da solicitação dirigida a Vossas excelências, a requerer a autorização para efectuar uma reunião com o técnico responsável pelas Bibliotecas Públicas Municipais dos vossos municípios para uma pesquisa sobre promoção da leitura, registei com o maior agrado que obtive junto de todas as administrações municipais da Área Metropolitana de Lisboa um despacho positivo.

Cumpre-me, então, dirigir a todas as administrações municipais o meu agradecimento pela autorização que me foi concedida. Tendo concluídas todas as reuniões, posso, agora, exprimir-vos a minha gratidão e fazê-lo numa base informada sobre a valia do apoio de Vossas Excelências. Ele foi essencial para a obtenção de uma sólida base informativa que visa um melhor conhecimento da realidade da promoção da leitura e do meritório trabalho desenvolvido pelas bibliotecas municipais dos concelhos da Área Metropolitana de Lisboa.

Devo, igualmente, expressar a Vossas Excelências o meu testemunho sobre a gentileza e simpatia recebida nas bibliotecas de todos os municípios. Os seus responsáveis e colaboradores dispensaram-me um excelente acolhimento. Estou-lhes muito grata, e irei fazer-lhes chegar o meu agradecimento. Sem a compreensão dos Senhores e Senhoras Presidentes e sem uma tão positiva colaboração dos responsáveis das Bibliotecas Públicas Municipais, não me seria, de todo, possível fazer uma caracterização e sistematização sobre a realidade da promoção da leitura nos Municípios da Área Metropolitana de Lisboa, um trabalho relevante que ocorre nas diversas comunidades e que tem um significado cultural e social incontornável.

Agradecendo a colaboração de Vossas Excelências, queiram aceitar os meus cordiais cumprimentos,

Vera Maria da Silva
Doutoranda de Ciências da Informação e da Documentação da Universidade de Évora

Caras e caros colegas,

Esta semana, finalmente, concluí as reuniões para a recolha de informação destinada à pesquisa que estou a desenvolver sobre práticas de promoção da leitura nas bibliotecas públicas municipais da AML. Estava a faltar-me uma, devido a dificuldades de articulação de agenda. Mas este derradeiro "marca desmarca", como era só uma questão de tempo, foi coisa de somenos.

Importante mesmo foi a vossa boa vontade, empenho facilitador onde ele foi preciso e a grande disponibilidade de colaboração que me manifestaram. Agora, que o capítulo das reuniões se encerrou, e tendo agradecido às vossas administrações a autorização dada por todos os municípios da AML, não posso deixar de registar e de agradecer a todo(a)s a vossa generosidade com as necessidades da minha pesquisa e o caloroso acolhimento que me dispensaram. Incluo aqui o dos colegas que, nalguns casos, participaram nas reuniões, bem como o apoio dos outros colegas que, anteriormente, muito me ajudaram a validar e a melhorar o guião da entrevista e a abrir para ela caminho.

Concluo dizendo-vos que tive muito gosto nas deslocações que fiz a instituições e às vossas bibliotecas. Algumas conheci-as pela primeira vez, mas, em todas, tive oportunidade de constatar a realidade dos trabalhos que desenvolvem. E de me espantar com o facto de existirem experiências tão interessantes na promoção da leitura e em outros âmbitos, experiências que, lamentavelmente, por vezes não são tão conhecidas e inspiradoras como se justificaria. Espero, sinceramente, ter capacidade e competência para, com objectividade e dentro do que se enquadre no âmbito da minha pesquisa, poder contribuir para minorar esta lamentável opacidade e projectar mais luz sobre o que é um positivo resultado do vosso trabalho, equipas locais e colabores que nas vossas bibliotecas persistem em contribuir para a promoção da leitura, das literacias e, com isso, para a qualificação das pessoas. Muito obrigada a todos e peço-vos o favor de fazerem chegar o meu agradecimento aos colegas que, para além de vocês, participaram em algumas das reuniões e aos que deram o seu valioso contributo para que estas se realizassem. Reitero-vos aqui o meu compromisso de, logo que a pesquisa esteja concluída e avaliada, lhes fazer o envio de um exemplar.

À vossa disposição para o que possam necessitar de mim, desejo-vos uma boa Páscoa e, apesar dos tempos difíceis, a continuação do vosso bom trabalho, Este, porventura, é agora ainda mais necessário.

Um grande abraço,

Vera

Imagem 7 – Exemplo da carta de agradecimento à amostra no final do trabalho de campo. Fonte: produção própria.

Apêndice de materiais do tratamento de informação e dados



PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA NAS BIBLIOTECAS DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE _____ DATA ____/____/____ Início ____h. Codificação _____

Enquadramento prévio da entrevista. *Agradecer a disponibilidade. Informar que a entrevista gravada, com duração previsível de 1h/1.30h, destina-se a uma investigação académica que pretende aferir a visão e realidade existente nas Bibliotecas da AML, entre 2009-2013, sobre: conceitos, conteúdos e operacionalização de práticas de promoção das leituras (PPL) nos seus diversos âmbitos; modelos que enformam as respectivas PPL (actividades de animação, actividades educativas, outras); conhecer como se processa a sua concepção, desenvolvimento e avaliação que fazem às PPL, o que não é nosso objectivo. Podem reconsiderar as respostas. Gostaríamos de contar com o apoio e disponibilidade do entrevistado(a) para esclarecer qualquer eventual dúvida que surja na gravação e teremos muito gosto em entregar, posteriormente, uma cópia da investigação, sobre cujos dados asseguraremos o anonimato.*

1. Em termos conceptuais, o que considera ser uma prática de promoção da leitura (PPL)?

1.1. Em termos de concepção (objectivos, conteúdo, processo de envolvimento e interacção dos participantes), diria que as actividades que desenvolve na sua biblioteca são PPL:

Quase sempre (75 a 100%) Frequentemente (50 a 75%) Algumas vezes (25 a 50%) Poucas vezes (-25%)

1.1.2 Pode fundamentar a razão da regularidade que referiu?

Imagem 8 – Questão inicial colocada aos entrevistados, conforme constava no guião. Fonte: Produção própria.

FOLHA de TRANSCRIÇÃO das ENTREVISTAS	
Biblioteca:	Codificação:
Entrevistados:	
TRANSCRIÇÃO	ANOTAÇÕES
Suspensão do registo áudio em ____' ____''	

Imagem 9 – **Folha** de transcrição das entrevistas. Fonte: produção própria.

O QUE É UMA PRÁTICA DE PROMOÇÃO DA LEITURA, SINOPSE DAS PALAVRAS DOS ENTREVISTADOS

E1- Uma PPL tem a ver com aquilo que se faz, independentemente dos meios, não é, porque há várias formas de levar à leitura. [...] Quando os idealizamos e quando os realizamos, é sempre (com) um objectivo de levar à leitura. Penso que a promoção é isso.
E2- É uma prática que leva a hábitos continuados de uso de biblioteca e dos livros. que as nossas práticas levassem que os nossos leitores viessem à biblioteca, procurassem a informação e procurassem a leitura
E3- É atrair público para a leitura, para o livro, para as selecções. Ir buscar obras e autores e trabalhar sobre eles, não confundindo isto com a animação.
E4- Todas as actividades, que têm como objectivo promover o livro, promover a leitura, integrar o nosso utilizador e chamar atenção de como é importante ler.
E5- É desenvolver um trabalho que chegue à população e que esse trabalho permita cada vez mais trazer mais pessoas para a biblioteca, mais utentes e mais frequentadores da própria biblioteca.
E6- Actividades de divulgação tem tudo a ver com a divulgação do livro e da leitura. [...] É estimular nos nossos leitores, sejam eles de que grupo etário forem, o gosto pela leitura e pelo livro, pela procura do livro, basicamente é isso.
E7- É a actividade que nós fazemos lúdica, [...] facilitarmos seja o que for, pomos tudo à disposição da criança. Temos actividades que promovam a leitura, o contacto directo de uma forma lúdica [...] A adolescentes reencaminhar sempre, não só, para o que nós temos, mas tentar com eles... ver o que a biblioteca lhe pode dar...
E8- É uma prática continuada, regular que trabalha com público, desde o público em idade escolar e o público em geral. São actividades com estrutura, têm um âmbito cronológico definido, um público-alvo a atingir, procuram trabalhar temáticas actuais, questões pertinentes dos currículos escolares, que sejam actuais, portanto... são limitadas no tempo, sujeitas a avaliação, a monitorização, são actividades que vão sendo reformuladas com o contributo dos vários públicos.
E9- É promover esse acto, de ler, ir à procura a partir do texto literário, obviamente que podemos depois trabalhar outros textos, mas o texto literário é a base. [...] A PL como base para uma literacia da informação [...] A questão é promoção da leitura mas há também aqui outra coisa. Promoção e animação da leitura que é outra coisa. Para mim não é a mesma coisa.
E10 - São práticas que são educativas, com componente educativa e uma componente lúdica, que levem as pessoas a lerem mais, a procurarem os livros e a utilizarem os livros como uma parte também do dia-a-dia mas também como uma parte, uma componente, didáctica e lúdica.
E11- Entendemos que são todas actividades, uma PPL envolve pelo menos duas vertentes, uma vertente que está relacionada com a promoção das nossas colecções, no sentido em que essas colecções podem ser um recurso de desenvolvimento da leitura [...]. Depois temos um conjunto, temos um programa de promoção de leitura dirigido às escolas e ao público infantil, [...] mais direccionado para o desenvolvimento de competências leitoras, por um lado, saber usar a informação, saber falar sobre as coisas, saber usar bem aquelas competências de interpretação e de comunicação, pronto, como eu já disse; por um lado e por outro lado desenvolver toda a vertente de criatividade, da fantasia, da imaginação. [...] Este programa de promoção de leitura está organizado em duas vertentes, a partir da colecção que é de não ficção e da colecção de ficção.
E12- Uma actividade de PL, o objectivo tem sempre a ver com um serviço que eu presto às escolas e ao público em geral que [...] procura sempre envolver de alguma forma... É escolhido um tema no caso da animação infantil, é escolhido um tema e depois [...] é elaborada uma história original e a partir daí faz-se um conjunto de ateliês, uma hora do conto, praticamente a hora do conto.
E13 - Uma prática de promoção de leitura será uma prática, uma acção, uma actividade, à partida baseada nalgum projecto, que tenha como objectivo incentivar a leitura e divulgar livros e autores, basicamente é isso.
E14 - Temos um conceito bastante abrangente que é a promoção de leitura, ou seja enquadrámos todas as nossas actividades que por alguma forma se relacionam com o livro, objecto, ou com o processo de leitura é essa a forma como operacionalizamos o conceito. Tudo o que tem a ver com o livro e com a leitura enquadra-se nas nossas práticas.
E15 - Uma PPL é uma acção, um projecto, qualquer coisa que vise levar as pessoas a lerem mais, mas também dar-lhes ferramentas para saberem o que estão a ler e também como devem ler.
E16- Chamamos-lhe programação cultural, depois temos promoção de leitura. E promoção de leitura chamamos a todos os projectos que tenham por base o livro, em primeiro plano. O livro trabalhado, [...] pode ser o acto de chegar ao livro, mas não partindo do livro, o caminho poder ser inverso. O trabalho de desconstrução e que leve a determinadas contextos que se relacionem com a história e [...] fazemos inferências a determinadas situações
E17- Primeiro é preciso distinguir o que é animação da leitura e promoção da leitura. Promoção da leitura é nós desenvolvermos uma actividade em que essa actividade tenha uma longa duração, tanto que não seja algo que se extinga naquela acção e que no fundo vá despoletar uma série de acções que vem dessa que nós despoletamos, que tenha no fundo uma continuidade. Que tenha resultados práticos.
E18 - Promover o gosto pela leitura passa por várias vertentes; uma delas será promover o livro e a disponibilização do livro e depois começar pela parte mais da promoção do gosto pela leitura a vários níveis, nomeadamente através de actividades que levem as pessoas a gostarem e aproximem a pessoa do acto de ler, porque é através do acto de ler que passa ao gosto por isso.

Quadro 2- O que é uma prática de promoção da leitura. Significado atribuído pela amostra. Fonte: produção própria.

UNIDADE de ANÁLISE 1 - O que é uma PPL CODIFICAÇÃO de unidades de registo presentes nas unidades de contexto recortadas (unitarizadas)	NOTAS
<p>A 1- Uma PPL tem a ver com aquilo que se faz, independentemente dos meios/, não é, porque /há várias formas de levar à leitura/, Nós na nossa divisão temos vários projectos de continuidade/ e /quando os idealizamos e quando os realizamos, é sempre (com) um objectivo de levar à leitura. /Penso que a promoção é isso.</p> <p>1.1 Uma PPL tem a ver com aquilo que se faz, independentemente dos meios [significado subjectivo: concretização]; 1.1.1 as que são idealizadas e realizadas com o objectivo de levar à leitura. Penso que a promoção é isso [finalidades visadas: levar à leitura] 1.1.2 Penso que a promoção é isso. [significado subjectivo: conceito pessoal]; 1.2 há várias formas de levar à leitura; [características inerentes: diversidade de processos] 1.3 projectos de continuidade [características inerentes: continuidade]</p>	<p>Desordenar para ordenar, processo inverso ao da escola e bibliotecas, o de "ordenar para desordenar". Rever MILANESI, Luiz (1989). Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo: Brasiliense).</p> <p>Focalização nos processos</p> <p>Promoção da leitura como...</p> <p>Projecto de desejo potenciador</p>
<p>B 2- É uma prática que leva a hábitos continuados de uso de biblioteca e dos livros/. Não quer dizer que a nossa prática seja sempre a mais correta, mas fazemos por isso /e o que eu sempre tentei que acontecesse/, foi que as nossas práticas levassem que os nossos leitores viessem à biblioteca, procurassem a informação e procurassem a leitura.</p> <p>2.1 prática que leva a hábitos continuados de uso de biblioteca e dos livros [significado normativo: ampliar hábitos de usar a biblioteca e os livros] 2.2 Não quer dizer que a nossa prática seja sempre a mais correta, mas fazemos por isso [reflexões aduzidas; sentido de relatividade e incerteza] 2.2.1 o que eu sempre tentei que acontecesse [reflexões aduzidas: convicção] 2.3 que as práticas levassem os leitores a virem à biblioteca [finalidades visadas: levar à biblioteca] 2.3.1 que as práticas levassem os leitores a procurar informação [finalidades visadas: levar à procura de informação] 2.3.2 que as práticas levassem os leitores a procurar a leitura [finalidades visadas: levar à procura da leitura]</p>	<p>Prática de promoção da leitura/ promoção do livro e da biblioteca</p> <p>Promoção da leitura como...</p> <p>Focalização nas finalidades visadas</p> <p>Significado normativo, no sentido de se associar a enunciados de documentos orientadores referenciais e no discurso social e profissional construído a partir deles</p> <p>Expressão de capacidade de questionamento crítico</p>

Quadro 3 - Primeira fase da preparação da informação para análise: unitarização de unidades de registo.

Fonte: produção própria.

Unidade de análise 1: o que é uma PPL					
Categorias de análise	Subcategorias	Unidades de significação	Unidades no contexto do corpus	Indicadores enunciados ou aduzidos	Freq. de UC
Significado normativo	Enunciados de base referencial	/É uma prática que leva a hábitos continuados de uso de biblioteca e dos livros./	2.1	Hábitos continuados de uso.	4
		/PL como base para a literacia da informação/ / uma prática, acção ou actividade baseada nalgum projecto tenha como objectivo incentivar a leitura/ /é através do acto de ler que passa o gosto por isso/	9.3 13.1 18.3	PL c/o base para literacia da inf. PL baseada em projectos p/ incentivar a leitura. Relação causa/feito entre ler/gosto pela leitura.	
Subtotal					4
Significado subjectivo	Intencionalidade	/Uma PPL tem a ver com aquilo que se faz, independentemente dos meios./ (var N) /Tudo o que tem a ver com o livro e com a leitura./	1.1 14.1	Promoção da leitura com atributos iminentes.	2
	Conceito pessoal	/Penso que a promoção é isso (levar à leitura)./ /Digamos o que eu entendo por práticas a actividade que se faz de forma lúdica/ / (...) no nosso entendimento, é mesmo isso, promover esse acto, de ler, ir à procura (a partir do texto literário), / /À promoção da leitura, entendemos que são todas actividades. / /Nesta biblioteca, uma prática de promoção de leitura é uma acção, um projecto, (qualquer coisa que vise levar as pessoas a lerem mais). / / Promoção da leitura é nós desenvolvermos uma actividade em que essa actividade tenha uma longa duração, /	1.1.2 7.1 9.1.3 11.1 15.1 17.1	Convicções/projecções subjectivas. Concepções instrumentais e formais. Gerar atitude de demanda. PL como meta-actividade. Finalidade de ler mais. A durabilidade da actividade	

Quadro 4 - Segunda fase: marcações para a unitarização e categorização a partir das unidades de significação, das representações conferidas a promoção da leitura. Fonte: produção própria.

TEMA: CONCEITO DE PPL – O QUE É UMA PRÁTICA DE PROMOÇÃO DA LEITURA?

Categories e subcategorias	Indicadores
Enunciados de base referencial	Hábitos continuados de uso Promoção da leitura como base para a literacia da informação Promoção da leitura baseada em projectos para incentivar a leitura Relação causa/efeito entre ler/gosto pela leitura
Intencionalidade	Promoção da leitura com atributos iminentes.
Conceito pessoal	Convicções/projecções subjectivas Concepções instrumentais e formais Gerar atitude de demanda PL como meta-actividade Finalidade de ler mais A durabilidade da actividade
Característica continuidade	Práticas e projectos com continuidade Continuidade da durabilidade do efeito e da acção
Característica regularidade	Periodicidade regular
Característica actualidade	Relação actualidade/ prazo
Característica envolvimento dos destinatários	Interacção Trabalho com o público. Contributo do público Envolvimento do público
Característica focalização na literatura	Centração em obras e autores, no texto literário, na história
Característica abordagens desenvolvidas	Diversidade de processos Abordagem temática Temas actuais no currículo escolar Visar progressiva melhoria Relação c/ processos de leitura Trabalho efectivo sobre o livro Mediação da leitura Indução de transformação Actividades geradoras de empatia pela leitura
Característica público-alvo	Públicos visados: infantil, escolar, adulto e público em geral
Característica tipologia de actividade	Actividades de divulgação Actividade lúdica Práticas educativas Programa de promoção da leitura Actividades para o desenvolvimento de competências leitoras Programação cultural
Critérios estratégicos	Transmissão do património cultural Promoção da leitura precoce Promoção junto das escolas Envolvimento dos adolescentes Temáticas actuais Enquadramento curricular Propostas do público Textos de não-ficção Destaques e sugestões Bibliografias contextualizadas Exploração de ficção e não-ficção Produção de histórias originais Abordagem não linear Uso de desconstrução e inferências Envolvimento das famílias Geração de dinâmicas de resposta
Critérios conceptuais	Actividades com estrutura Âmbito cronológico, público-alvo, sujeitas a avaliação e monitorização PL baseada em texto literário Práticas educativas e lúdicas Actividades para o público infantil e adulto

	Temas escolhidos Trabalhar com histórias originais Conceito abrangente A história parte do livro
Critérios formais	Formato lúdico Práticas educativas e lúdicas Animação cultural Animação de leitura/programação cultural
Finalidade ampliar hábitos de leitura	Levar à leitura Estimular a procura da leitura Atrair público para a leitura Aumentar quantitativos de leitura
Finalidade promover a biblioteca	Levar a frequentar a biblioteca Trazer mais pessoas, utentes e frequentadores à biblioteca. Divulgação nas escolas p/ trazer crianças a frequentar a biblioteca
Finalidade promover a procura de informação	Levar à procura de informação
Finalidade promover o livro	Atrair para o livro Promover o livro Divulgar o livro Gosto pela procura do livro Gosto pelo livro Inscrever o livro no quotidiano Divulgar o livro
Finalidade promover a leitura	P L como objectivo comum a todas as actividades Destacar a importância de ler PL com objectivo de divulgar a leitura Actividades promoverem a leitura PL como promoção do acto de leitura P L como incentivo à leitura
Finalidade divulgar autores	Divulgar autores
Finalidade promover a colecção	Atrair para selecções Promover as colecções Colecções como recurso para promover a leitura Marketing das colecções Marketing do acervo para promover a leitura
Finalidade integrar o utilizador	P L com objectivo de integrar o utilizador
Finalidade atingir a comunidade	PL para chegar à população PL p/ prestar serviço à comunidade
Finalidade dar acesso a recursos	Facilitar acesso Pôr tudo à disposição Disponibilizar o livro
Finalidade promover competências leitoras	Desenvolver competências leitoras Saber usar competências leitoras Fornecer ferramentas para uma leitura crítica Aquisição de efectivas competências leitoras
Finalidade promover capacidades imaginativas e criativas	Desenvolvimento da vertente fantasia, criatividade e imaginação
Reflexão sobre relativização	Expressão ontológica de relatividade e incerteza
Reflexão sobre envolvimento pessoal	Persistência
Reflexão sobre diferenciação PL/animação	PL e animação como realidades não confundíveis. PL é mais do que animação Enquadramento lúdico das PPL Necessidade de distinguir animação da leitura de PL
Reflexão sobre a ampliação de foco da promoção da leitura	Cruzamento de PL com programação informativa, educativa e cultural

Quadro 5- Tema conceito de prática de promoção da leitura. Preparação da informação para análise. Indicadores extraídos da unitarização de unidades de registo. Fonte: produção própria.

Query Report

HU: ENSAIO PPL_ATLAS
File: [C:\Users\Vera\Desktop\ENSAIO PPL_ATLAS.hpr7]
Edited by: Super
Date/Time: 2015-07-21 05:02:53

Document filter:
No active filter - use 19 Primary Documents in query

15 Quotations found for query:
"Base conceptual"

P 2: PPL_ Entrevista G.doc - 2:1 [é a actividade que nós fazemos..] (1:1) (Super)
Codes: [Base conceptual]
No memos

é a actividade que nós fazemos lúdica

P 2: PPL_ Entrevista G.doc - 2:5 [contacto directo de uma forma ..] (1:1) (Super)
Codes: [Base conceptual]
No memos

contacto directo de uma forma lúdica, isso é o que eu entendo pela prática

P 3: PPL_ Entrevista A.doc - 3:1 [aquilo que se faz, independent..] (1:1) (Super)
Codes: [Base conceptual]
No memos

aquilo que se faz, independentemente dos meios

P 4: PPL_ entrevista B.doc - 4:1 [leva a hábitos continuados de ..] (1:1) (Super)
Codes: [Base conceptual]
No memos

leva a hábitos continuados de uso de biblioteca e dos livros.

P 8: PPL_ Entrevista F.doc - 8:2 [É estimular nos nossos leitores..] (3:3) (Super)
Codes: [Base conceptual]
No memos

É estimular nos nossos leitores, sejam eles de que grupo etário forem, o gosto pela leitura e pelo livro, pela procura do livro, basicamente é isso.

Id	Name	Primary
2:1	é a actividade que nós fazemos..	PPL_ En
2:5	contacto directo de uma forma ..	PPL_ En
3:1	aquilo que se faz, independent..	PPL_ Ent
4:1	leva a hábitos continuados de ..	PPL_ ent
8:2	É estimular nos nossos leitores..	PPL_ Ent
9:1	É uma prática continuada, regu..	PPL_ Ent
10:1	é promover esse acto, de ler, ..	PPL_ Ent
11:1	São práticas que são educativa..	PPL_ Ent
12:1	são todas actividades	PPL_ Ent
14:1	uma prática, uma acção, uma ac..	PPL_ Ent
15:1	conceito bastante abrangente q..	PPL_ Ent

Imagem 10 – Processo de codificação da unidade hermenêutica com recurso ao programa de análise qualitativa ATLAS.ti.
Fonte: conteúdo produção própria, print screen da imagem gerada pelo programa.

Tema: Regularidade das PPL Categoria: Frequência das PPL em relação à totalidade das actividades desenvolvidas Subcategorias: Quase sempre; Frequentemente; Algumas vezes	
Variáveis categoriais	Unidades de contexto discursivo
Regularidade Quase sempre (75 a 100%)	E 1- Porque estas iniciativas se realizam sempre em torno do livro e da leitura. V- Mas esta quantidade de actividades e iniciativas realizam-se sempre em torno do livro e da leitura? E 1- Sim. Os encontros com os escritores são um por mês, mas depois há outros projectos aqui. Estou a falar mais dos encontros de escritores porque é os que acompanho e que eu sei como é que acontecem, mas depois há aqui outros que são outras colegas que fazem.
	E 5- Porque todos os trabalhos que desenvolvemos têm em base um livro. Fazemos um recital de poesia, tem por base um poeta, a poesia do poeta e fazemos a promoção aos livros. Temos uma hora do conto há vinte anos, faz agora vinte anos. Fazemos a hora do conto que é dramatizada com teatro, mas sempre com base num livro. E uma coisa curiosa, quando a hora do conto está em cena, o livro da hora do conto é sempre o primeiro dos mais requisitados, está sempre nos tops.
	E 6 - Isto acontece em quase todos os nossos projectos. Pelo menos em quase todos os projectos de continuidade, nós temos projectos pontuais que acontecem uma vez ou outra vez, ou que não têm continuidade no ano seguinte. [...] O nosso forte são projectos que têm continuidade, são projectos que têm essa preocupação. Eu refiro-me nomeadamente aqueles que não têm, por exemplo as exposições que nós fazemos aqui, nós fazemos exposições no espaço, por norma as exposições que estão ali têm a ver com, estão de alguma forma ligada ao livro, uma temática referida que tenha a ver com o livro, por um autor, ou é sobre um acontecimento no qual nós também temos documentação para fazer a exposição.
	E 7 - Nós, diariamente temos esta promoção da leitura, [Da questão anterior: "tem a ver realmente em promover a leitura através de diversas histórias em diversos [...] suportes, temos o digital, as marionetas, temos os fantoches, tudo serve para promover a leitura e formar leitores".] ou seja, conseguimos, ao longo do ano; todos os dias temos outras actividades, temos ateliês, digamos que é para o manuseamento mais fino das crianças, mas as histórias estão presentes todos os dias. V- [...] O meu objectivo aqui é apenas as práticas de promoção de leitura, o que vocês entendam que são práticas que contribuem para ampliar níveis de leitura e a promoção da própria leitura. Vocês dizem que é quase sempre, mas porquê? E - Nós temos sempre que contar a história e depois conversamos com eles e sobre a história ou sobre outras coisas que eles queiram, relacionados com a leitura ou a dramatização. [...] Não nos cingimos só ao contar da história, é feita depois uma conversa com eles [...] é dizer determinadas coisas [...] nomeadamente a hora do conto [...], não só conto a história, mas depois há abertura para eles nos fazerem perguntas e respostas.
	E 8 - Nós temos uma grande preocupação na planificação das nossas actividades, as nossas actividades não acontecem espontaneamente. Temos uma grande responsabilidade na definição de uma linha temática que conduza depois à selecção da nossa bibliografia e da forma como a trabalhamos também. Não é uma prática que se destine unicamente à animação do livro, mas nós temos uma grande preocupação com mediação leitora, com o estabelecimento da ponte entre o livro e o público estar presente para trabalhar. E são práticas regulares, [...] são actividades bem pensadas, estruturadas, planificadas. [...] São actividades que têm uma continuidade no tempo
	E 10 - O plano de actividades tem em conta essa promoção do livro e da leitura, mesmo, como aquilo que disse, sendo actividades que são directamente ligadas ao livro e a leitura, aquelas que não são ligadas, nós tentamos que estejam indirectamente ligadas com o livro e com a leitura.
	E 11 - É quase sempre pela seguinte razão, como toda a nossa intervenção está suportada nas directrizes da IFLA, nós elegemos o público mais novo e as famílias, [...] como prioritários em termos de identificação, considerando os recursos que temos em termos de trabalho de promoção de leitura. [...] É sempre uma essência que é relacionada com os contributos que a biblioteca dá para o desenvolvimento da criança pelo todo, mas particularmente, uma das vertentes que é salientada a vários níveis, para as questões que têm a ver com as competências leitoras, com a leitura, como um factor. Mesmo outras actividades que saem deste programa, que é muito cingido ao público infantil, não sejam culturais; nós procuramos sempre relacionar com a questão da leitura e com a promoção da leitura. Porque achamos que isso é uma das missões fundamentais da biblioteca e porque, para cumprir as outras missões em termos de direito à informação, de acesso ao conhecimento, a leitura é sempre um instrumento fundamental, então a leitura aqui tem sempre um aspecto.
	E 13 - Falando na área da animação concretamente, começamos por ser o primeiro chamariz de gente para que sejam novos utilizadores da biblioteca, isto é, trazendo através de um projecto que abrange toda a família, nós trazemos, [interrupção provocada por uma colega que veio transmitir uma informação interna]. Peço desculpa interromper, [...]. Portanto estamos a falar de toda a família, estamos a falar de vindo dos meninos e preparando as coisas para os meninos e para a faixa etária mais adulta que possa aqui vir, começamos logo a cativar, lembro-me, deste episódio [...] e começarem a perceber que afinal as coisas que vieram ver não eram só para os meninos, "isto no meu tempo não havia nada, mas isto para os meninos é ótimo, isto para os meus netos", depois começaram a perceber que há outro tipo de documentos que também lhes dizem respeito, afinal podiam começar a falar de pataniscas de bacalhau aqui dentro, olhando para aquilo que nós cá tínhamos, "ah eu tinha este livro lá em casa; ah eu nunca tive este livro mas fiz isto, porque já vem da tradição da minha avó". Os velhos começaram a falar de coisas que afinal tinham a ver com a biblioteca, [...]. V- O meu trabalho é de promoção da leitura; estas práticas todas, vocês fazem-nas para a promoção da leitura? Estou a perceber bem? E13a - Sim. No caso dos sábados de leitura, que é o que o colega está a falar, é sempre com base em livros e autores. Porque repara, a própria animação, ao ser apresentado o livro e ele está sempre presente, esse livro tem várias funções. Primeiro, os próprios meninos vêem um livro que ainda não é deles, porque está cá na biblioteca não é, ora se o virem num outro lado qualquer e se tiverem interesse em conhecer, por exemplo, no livro vinham muitas outras histórias e nós só contamos aqui seis, abrimos o apetite para que depois leiam as outras seis, imagina que tem doze, o livro. Temos a função de não só o disponibilizar na própria biblioteca, mas dos próprios papás andando a fazer compras no supermercado, é o miúdo que chama a atenção, "olha o livro que estava lá na biblioteca está aqui". Portanto, a possibilidade de ser o próprio miúdo a dizer aos pais que quer adquirir o livro, em vez de o levar daqui também o pode comprar, também é uma função nossa. V- Esta questão, de porque de todas as coisas que ocorreram, 75% vocês consideram que foi uma prática da promoção de leitura, vou procurar fazer a síntese do que disseram. É porque têm por base o livro e os autores e, de alguma forma, são actividades que, assim, acabam por procurar uma condução para a leitura. Percebi bem? E13- É isso mesmo. O que não significa que não haja em todas essas acções, não tenham entre elas características muito diferentes. Por exemplo, no caso destas animações, elas não pressupõem que a pessoa tenha lido o livro. Nem pressupõem obrigatoriamente que a pessoa vá ler o livro a seguir, é um incentivo para que tal aconteça. Agora há outras que pressupõem a leitura dos livros, no caso das comunidades de leitores que estamos a divulgar.

	<p>E 16 - Sim. No processo em si, sim. Quase sempre. E foi esta evolução que fomos tendo, se começamos a olhar para a promoção de leitura pura e dura em que o livro tinha que estar obrigatoriamente presente, damos ou estamos a dar o salto e temos vindo a refinar muito esse pensamento, em que estamos a cruzar com literacia emergente com literacia familiar, com o trabalho da comunicação da língua materna, que achamos que é fundamental e portanto aí, o trabalho com as famílias e com as crianças o mais cedo possível. Com a comunicação e com as línguas estrangeiras, estamos a trabalhar também com [...], temos trabalhado imenso, no sentido da língua inglesa estar sempre presente com frequência em projectos, estou a falar de projectos de continuidade, com frequência, com as famílias.</p>
	<p>E 18 - Eu julgo que podemos dizer que é uma regularidade muito frequente, quase sempre, porque todas as actividades educativas que realizamos, mesmo aquelas que não estão directamente ligadas ao livro, acabam por conduzir a essa promoção do livro e da leitura.</p>
Regularidade Frequentemente (50 a 75%)	<p>E 2- Porque se tem cuidado na escolha de actividades, por exemplo para crianças e em estimular a vinda à biblioteca e ao interesse pelo livro, a uma maior fidelização à leitura.</p> <p>E 4- Porque são quase todas focalizadas com esse objectivo. [...] O objectivo é sempre a promoção do livro. Na área do adulto é a temática da leitura, poderá em situações, existe um livro que é debatido, mas também existe a temática, a temática da poesia, a temática da prosa, existe sempre um objectivo com a promoção da leitura e do livro.</p> <p>E 9- Digamos temos dois programas. Temos um programa que fazemos todo o primeiro sábado de cada mês, que é um programa que é a hora do conto. Que é trabalhado para quem não está enquadrado no escolar. É um programa aberto, cativando o público... [...]</p> <p>V- E estavas a dizer que tinham dois programas...</p> <p>E 9 - Esse era um programa, depois temos um programa de nossa iniciativa, um dos outros dois programas de nossa iniciativa para o mundo escolar, quando é uma visita à biblioteca, a primeira visita, o primeiro contacto, contar uma história, promover os recursos que temos disponíveis, esse é um programa. Depois temos outro, que é o programa com as solicitações que o mundo escolar nos faz. Que estão a trabalhar [...]. Depois há uma outra em que são eles que tomam iniciativas. Há turmas que estão a trabalhar com os professores e pedem a nossa colaboração. Qual é a nossa colaboração? É a de reforçar a oferta de recursos informativos [...]. É assim, pedem-nos a colaboração e depois nós, não só disponibilizamos isso, mas também trabalhar a promoção da leitura. [...] O que está por trás é a promoção da leitura do texto literário [...] aprendem a ler, a escrever, começam a trabalhar. Escolhem sempre dois livros para trabalhar com eles e depois nós vamos desenvolvendo aquelas histórias com eles, na descoberta da história e depois aquelas histórias, aquela prática, de promoção da leitura, permite que os alunos vão descobrindo, depois, que há mais coisas para ler, querendo saber mais. Eu lembro-me de um livro que tinha os Açores, a partir daquele livro descobriram viagens marítimas, descobriram a geografia, descobriram história.</p> <p>E 12- Nós neste momento já estamos a desenvolver um conjunto de actividades para perceber que ultimamente, devido há escassez de, uma coisa que nós tínhamos aqui era os encontros com os escritores. Os encontros com os escritores, a câmara não paga a ninguém para vir aqui, mas a câmara ia buscar as pessoas, há dois anos para cá começamos a oferecer o jantar aos escritores, mas deixámos de o poder fazer, continuamos a ter algumas obras livres, mas são coisas residuais, umas apresentações de autor que pedem à Câmara, só para te dar o exemplo, nós agora estamos a fazer outra coisa, nós estamos a abrir o espaço da biblioteca à realização de outro tipo de ateliês. O ano passado tivemos aqui um ateliê sobre imensos bordados, o que acontece é a Câmara disponibilizar o espaço da biblioteca, fazemos a divulgação, normalmente esses ateliês são pagos, há aqui uma utilização do espaço da biblioteca mas não tem a ver... [...]. Agora temos aí uma proposta de pintura decorativa.</p> <p>V- Mas agora estão a falar de promoção de leitura...</p> <p>E 12 - Só para te dizer que as outras coisas que aparecem aqui na biblioteca não têm directamente a ver com leitura; essas actividades não têm directamente a ver com promoção da leitura, têm a ver com a tal satisfação das pessoas que operam nestas áreas.</p> <p>V- E aquelas que são de promoção de leitura? Se têm 75%, acaba por ser mais de metade; porque é que escolhes esta opção, 75%?</p> <p>E 12 - Tem a ver com a nossa missão. A nossa missão. Eu tento sempre que nas nossas actividades se faça ver, aqui o potencial dos fundos documentais que nós temos, dos nossos autores. Há aqui essa preocupação nas iniciativas que decorrem, que haja aqui uma referência, por exemplo, nós temos ateliês com o teatro [...], mas esses ateliês partem sempre de uma obra escrita.</p>
	<p>E 15 - Eu estou a visualizar mentalmente os projectos e, à partida, quando nascem projectos nas bibliotecas, para além de serem projectos que visam, nascem das bibliotecas públicas, logo são projectos artísticos, projectos de puro divertimento, mas todos estes projectos, geralmente, têm subseqüente a ideia de qualquer promoção do livro, ou de promoção da leitura. Por exemplo os projectos que temos agora planeados para Abril, para o aniversário da biblioteca, uma acção cômica, uma acção de puro lazer, mas o que é que nos cativou mais para além do talento do actor, [...]. Foi partir sempre da base; ele parte de peças de autor, de escritores conhecidos, de escritores humorísticos, etc. Depois há sempre um cuidado de acompanhar [...]. Partimos sempre, temos sempre o cuidado de, na maioria, podemos fazer uma ligação entre a acção e a nossa colecção, por exemplo. Por isso são raras as acções em que não fazemos uma ponte com o livro e a leitura.</p>
	<p>E 17 - É porque nós mesmo que tenhamos um espectáculo, ele já tem sido trabalhado nas escolas, connosco, nas visitas que fazemos, com certos livros que preparam. Portanto, os espectáculos agora não fazemos, eles estão enquadrados no global das práticas e que nós consideramos de promoção de leitura, por que ela destina-se sobretudo a esse efeito.</p>
Regularidade Algumas vezes (25 a 50%)	<p>E 3 - Tendo em conta as equipas que nós criámos, porque também fomos nós que as criámos não é, a tendência é ser só algumas vezes. Com muita facilidade fugimos para as outras actividades que não são. [...] As equipas que nós criámos são equipas que vêm com determinados conceitos, que fogem muito para a biblioteca virada para o marketing, para o teatralizado da sessão e não tanto para a preocupação de envolver o público e chamá-lo para a leitura e nós temos que estar sempre atentos e dizer que não a esse projecto, que não é um projecto muito interessante, mas é um projecto que não cria leitores, é um projecto que cria temporariamente leitores para aquele livro, mas depois não há continuidade e aí é que há a grande confusão, a tendência desta malta mais nova que está na área da animação é fugir para o que nós conhecemos, como a chamada <i>hora do conto</i>, que faz com que os meninos gostem muito, para aliviar e há ali muita coisa envolvida, mas depois não passam dali. [...] O nosso papel é tentar puxá-los para a continuidade, para o hábito da leitura e às vezes é mais difícil criar projectos nessa área e é mais fácil criar projectos que a gente até gosta, porque atrai muita gente, temos cinco mil, dá para filmar. É um pouco mais isso e daí eu dizer, as bibliotecas, no meu caso eu vejo por aí a nossa tendência, é atrair rapidamente públicos mas às vezes não temos a preocupação de os trabalhar e de os manter cá agarrados e nisso falhamos um bocadinho.</p> <p>E 14 - Porque grande parte das nossas actividades, apesar de não querer contradizer o que disse na primeira questão, ainda que o propósito seja esse, não é o que se verifica na maioria dos casos. Normalmente temos actividades muito mais relacionadas com questões lúdicas e eventualmente culturais, portanto não é uma prática que seja muito superior a 30 a 50%, ainda que a intenção fosse essa mas depois na prática não é isso que acontece. Da nossa visão um pouco romanceada do que é que é isto da promoção de leitura ou de práticas de promoção de leitura e como é que sabemos chegar isso aos utilizadores, como é que fazemos chegar a leitura e como é que fazemos chegar o livro, tem um pouco a ver com essa viabilidade.</p>

Quadro 6 – Unidades de contexto discursivo da fundamentação das bibliotecas sobre a % da regularidade das PPL em relação à totalidade das actividades desenvolvidas. Fonte: produção própria.

Amostra	Categoria “Quase sempre” Síntese da fundamentação dos excertos do contexto discursivo
E1	São iniciativas que se realizam sempre em torno do livro e da leitura.
E5	Os trabalhos têm por base um livro e fazem a promoção do livro.
E6	São projectos de continuidade de alguma forma ligados ao livro ou a temáticas sobre as quais a biblioteca possui documentação.
E7	Existem actividades diárias de promoção da leitura, através de contar uma história e falar sobre coisas relacionadas com ela, havendo abertura para os participantes participarem nessa conversa.
E8	Há preocupação de ter práticas regulares pensadas estruturadas e planificadas com continuidade no tempo, baseadas na planificação de actividades e definição de linha temática na selecção de documentos que não se limite à animação do livro mas que permita estabelecer mediação leitora.
E10	O plano de actividades tem em conta actividades directamente ligadas à promoção do livro e da leitura e tenta-se que as outras, mesmo que indirectamente, também o estejam.
E11	A intervenção desenvolvida está suportada nas directrizes da IFLA, e a PL é uma das missões fundamentais da Biblioteca, pois ela é o instrumento essencial para as outras missões: assegurar direito à informação e acesso ao conhecimento; elegem como públicos prioritários da PL as crianças e famílias, visando o desenvolvimento integral das crianças e de competências leitoras, e mesmo actividades que não sejam culturais, procuram relacioná-las com a leitura.
E13	A animação da leitura, que começa por ser o primeiro chamariz de gente para que sejam novos utilizadores da biblioteca, é sempre baseada em livros e autores e o livro, ao ser apresentado na animação, está sempre presente e tem várias funções: de estimular o interesse para as outras histórias do livro, e induzir a vontade de as crianças terem aquele livro, pelo que são um incentivo à leitura.
E16	São projectos frequentes e de continuidade que cruzam literacia emergente e literacia familiar com o trabalho de comunicação da língua materna e, também de línguas estrangeiras, como o inglês, ainda que estejam a dar o salto e o seu trabalho faz-se sem ser promoção de leitura pura e dura em que o livro tinha que estar obrigatoriamente presente.
E18	Todas as actividades educativas que realizamos, mesmo aquelas que não estão directamente ligadas ao livro, acabam por conduzir a essa promoção do livro e da leitura.

Quadro 7 - Síntese das respostas da unidade de registo à regularidade “Quase sempre”. Fonte: produção própria.

Amostra	Categoria “Frequentemente” Síntese da fundamentação dos excertos do contexto discursivo
E2	A escolha de actividades estimula a vinda à biblioteca e ao interesse pelo livro, a uma maior fidelização à leitura
E4	São actividades quase todas focalizadas no objectivo de promoção da leitura e do livro
E9	Têm programas que cativam o público, que contam uma história e promovem os recursos disponibilizados pela biblioteca e dão respostas a solicitações das escolas oferecendo recursos informativos e promovendo a leitura do texto literário que leve ao interesse por outros textos, à escrita e produção de trabalhos
E12	Têm, por dificuldades de manter encontros com os escritores, sessões de apresentação de livros solicitadas por autores e abrem o espaço da biblioteca à realização a outro tipo de ateliês, não gratuitos, mesmo que não tenham directamente a ver com leitura e com promoção da leitura, antes com a satisfação das pessoas que operam nestas áreas. No que tem a ver com actividades de promoção da leitura, procuram que as actividades evidenciem o potencial dos fundos documentais existentes e que os ateliês partam sempre de uma obra escrita.
E15	À partida, quando nascem projectos nas bibliotecas, para além de serem projectos que [a] visam [promover a leitura], nascem das bibliotecas públicas, logo são projectos artísticos, projectos de puro divertimento, mas todos estes projectos, geralmente, têm subsequente a ideia de qualquer promoção do livro ou de promoção da leitura, partem sempre de uma obra de um autor, faz-se uma ligação entre a acção e a nossa colecção. Por isso são raras as acções em que não fazemos uma ponte com o livro e a leitura.
E17	Mesmo um espectáculo ou visitas foram previamente trabalhados nas escolas que os preparam a partir de certos livros, pelo que estão enquadrados no global das práticas e que são consideradas de promoção de leitura e destinam-se a esse efeito.

Quadro 8- Síntese das respostas da unidade de registo à regularidade “Frequentemente”. Fonte: produção própria.

Amostra	Categoria “Algumas vezes” Síntese da fundamentação dos excertos do contexto discursivo
E3	Com muita facilidade fugimos para as outras actividades que não são de PL. As equipas da área de animação têm determinados conceitos que fogem muito para a biblioteca virada para o marketing, para o teatralizado da sessão e não tanto para a preocupação de envolver o público e chamá-lo para a leitura
E14	Temos normalmente actividades muito mais relacionadas com questões lúdicas e eventualmente culturais, portanto não é uma prática que seja muito superior a 30 a 50%, ainda que a intensão fosse essa mas depois na prática não é isso que acontece

Quadro 9 - Síntese das respostas da unidade de registo à regularidade “Algumas vezes”. Fonte: produção própria.

Ocorrências tipificadas em características	Subcategorias			
	Quase sempre PPL (75 a 100%)	Frequentemente PPL (75 a 50%)	Algumas vezes PPL (25 a 50%)	Total
Promoção do livro e da leitura	3	3		6
Baseadas no livro e/ou na sua promoção	1	2		3
Iniciativas legitimadas por serem ofertas da BP		1		1
Ligação ao livro ou temas do acervo da BP	1	1		2
Estímulo à frequência da biblioteca	1			1
Promoção dos recursos da biblioteca		2		2
Disponibilização dos recursos da B. às escolas		1		1
Actividades relacionadas com a leitura	1			1
Actividades relacionadas com a leitura e a escrita		1		1
Actividades cativantes que fidelizem à leitura		1		1
Animação de leitura	1			1
Leitura e diálogo sobre as histórias	1			1
Práticas estruturadas e planificadas	1			1
Práticas baseadas numa selecção do acervo	1			1
Actividades suportadas em directrizes da IFLA	1			1
Actividades de animação, lúdicas e culturais			2	2
Práticas que não se confundam com animação	1			1
Práticas que permitam mediação leitora	1			1
Práticas educativas para promoção do livro e da leitura, ainda quando não ligadas ao livro	1			1
Projectos de literacia emergente e familiar com base na comunicação em língua materna e língua inglesa	1			1

Quadro 10 - Ocorrências baseadas em características das práticas de promoção da leitura. Fonte: produção própria.

Ocorrências tipificadas em regularidade temporal	Subcategorias			
	Quase sempre PPL (75 a 100%)	Frequentemente PPL (75 a 50%)	Algumas vezes PPL (25 a 50%)	Total
Com referência explícita à regularidade temporal				
Actividades diárias	1			1
Sem referência explícita de periodicidade				
Projectos frequentes de continuidade	1			1
Projectos com continuidade no tempo	1			1
Práticas regulares	1			1
Actividades previstas no plano [anual]	1			1
Omissão de nexos de regularidade temporal	5	6	2	13

Quadro 11 – Ocorrências baseadas na regularidade temporal das práticas de promoção da leitura. Fonte: produção própria.

<p>Categoria: Critérios enquadradores das PPL</p> <p>Subcategoria: Procedimentos com base estratégica</p>
<p>Unidades de contexto discursivo</p>
<p>E1b- Quando se realizam actividades com escritores leva-se os autores às escolas, mas antes do autor ir fazemos chegar o livro que é trabalhado com antecedência e os miúdos quando o autor chega já conhecem a história, já a têm lido, ou em voz alta, pois por vezes o número de livros não é suficiente para todos lerem individualmente, mas já tem havido muito trabalho de preparação do professor com os alunos e há leitura.</p> <p>E1- Ai isso é isso aí não há dúvidas. [...] O projecto XXX, que é um projecto da promoção da leitura, promove a leitura individual. Quando foi concebido, [...] no fundo foi fazer com que os miúdos tivessem pequenos objectivos para lerem mais e de acordo com as capacidades leitoras de cada miúdo; portanto, não havia uma tabela de exigência igual para toda a gente, mas sim cada miúdo tinha as suas próprias circunstâncias e criámos um passaporte da leitura, onde eles registavam as leituras que iam fazendo, mas não como um resumo, porque isto não é a escola, mas onde mostravam de alguma forma e levavam os carimbos. [...] Com o tempo, apercebíamos-nos que eles iam evoluindo, havia uns que registavam páginas, havia muitos que registavam livros pequeninos e outros os grandes, como Harry Potter, e no fim havia uma tabela, eles iam vendo, mas não competiam à página ou ao livro, portanto havia o entusiasmo. E durante esse processo, as competências leitoras têm vindo a melhorar. É um projecto mesmo da leitura individual. [...].</p>
<p>E2- Nós temos algum cuidado na escolha das actividades para crianças e também em escolher, em estimular a vinda posterior à biblioteca e o interesse também nos grupos de leitura se tem verificado que as pessoas voltam constantemente, e há esse cuidado em cativar e que as pessoas se tornem leitores autónomos. [...] Quando ela é por base uma obra literária que chama a atenção para um determinado autor, um determinado conjunto de produção científica ou literária. Depois há outras actividades que têm a ver com outras formas que a comunidade tem de utilizar o espaço da biblioteca e de usufruir do espaço da biblioteca. Muitas vezes são iniciativas da própria comunidade a que a biblioteca dá acolhimento. [...] Mesmo nas de animação, que tem a ver com o uso da biblioteca, sobretudo nesse aspecto. Porque as crianças não vêm à biblioteca apenas para verem a animação; elas quando entram são conduzidas para a sala infanto-juvenil, onde lhes é feita uma introdução ao como podem utilizar a biblioteca. São-lhes mostrados livros, há ali uns vinte minutos que são de aproximação ao espaço que elas, em princípio, utilizarão na biblioteca nos seus primeiros anos e, portanto, mesmo que na animação tenha pouco a ver com a promoção da leitura, há sempre essa ligação, há um apelo a que se façam leitores da biblioteca, voltem aos fins-de-semana com os pais, tudo isso é importante. [...] Eu não creio que as coisas estejam assim tão definidas e tão bem pensadas, no entanto temos a percepção daquilo que é uma actividade de animação e aquilo que é uma actividade de promoção de leitura.</p>
<p>E3- Elas [PPL] tornam-se eficazes não é. Neste exemplo que eu te vou dar, como actuamos desde a mais tenra idade, o que notamos é que esse público é um público que depois vem à biblioteca mais informado, mais fiel, mais exigente.</p> <p>V- Então dirias, e corrige por favor se estou a entender mal, que o que se procura, no sentido de as actividades serem uma PPL, é que sejam desenvolvidas estratégias que visam continuidade?</p> <p>E3- Exactamente.</p> <p>V- Não é suposto eu estar a dizer nada no sentido de ter uma opinião; só quero compreender bem. Então são PPL no sentido em que procuram ser processos de continuidade?</p> <p>E3- De continuidade e crescimento do próprio leitor. Agrada-me, por exemplo, ter cá um leitor já adulto que vem reclamar, ou vem pedir ou dar uma sugestão de um livro e que faz o relato do seu crescimento, desde o colégio XXX que vinha à biblioteca e que se manteve cá, o que denota que há elos desde a infância até à fase adulta. [...] Queremos ir ao encontro do que as pessoas pretendem [...] quando discuto projectos com as animadoras, [...] os grupos são diferentes, [...] temos uma para os idosos, há sempre essa preocupação, é o que interessa.</p>
<p>E4- A apresentação, a divulgação, a tentativa de passar a mensagem que está composta.</p> <p>V- Peço desculpa. Mas para eu compreender melhor, o que é que vocês procuram fazer para que aconteça promoção da leitura?</p> <p>E4- Esta promoção da leitura é uma forma para que as pessoas venham mais à biblioteca.</p>
<p>E5- É uma coisa curiosa, quando a hora do conto está em cena, o livro da hora do conto é sempre dos mais requisitados, está sempre nos tops. [...] O nosso interesse é arranjar sempre formas de chegar ao leitor, não só através da história, mas através de todos os conteúdos da própria história. Qualquer abordagem que fazemos sempre aos livros, falamos depois sobre os próprios livros e damos uma panorâmica, talvez diferente, de abordagem ao livro que eles não têm nas escolas, porque quando temos algumas sessões, mesmo de promoções de livros de leitura, porque também fazemos promoções de livros, onde fazemos leitura com as crianças do primeiro ciclo, falamos dos livros e muitas vezes colocamos as crianças a ler e chegamos ao ponto de já termos professoras de boca aberta, porque tiveram alunos a lerem de uma forma como nunca tinham dado por isso na sala de aula.</p> <p>V- Vamos, então, ver se eu sistematizei bem o que disse, se isto reflecte o que está a dizer. Os procedimentos que desenvolvem são encontrar formas de chegar ao leitor através da história e de outras dimensões que podem explorar a partir dela. É isso? Estou a interpretar bem?</p> <p>E5- Hum, hum [sim, sim].</p>
<p>V- Pode fundamentar porque é que fazem quase sempre assim? O que os leva a fazer desta maneira?</p> <p>E6- Porque nós temos em atenção o público que frequenta a biblioteca. E com base no público que frequenta a biblioteca e nas lacunas que nós sentimos que temos, tentamos direccionar sempre os nossos projectos para uma faixa etária, daí que existem na biblioteca projectos para todas as faixas etárias e normalmente são projectos, nomeadamente os infantis, que envolvem não só directamente a faixa etária que nós queremos, por exemplo, bebés, esse projecto não é só direccionado aos bebés, também é direccionado às famílias. [...] São projectos de continuidade [...], no fundo as crianças que começam connosco, que começam em bebés e vão pelo menos até ao primeiro ciclo, não só são de continuidade eles próprios, os</p>

projectos, [...] porque sabemos que daqui a três anos estas crianças vão frequentar o outro projecto que nós temos do grupo etário seguinte e isso sucessivamente.
E7- Também, quando a criança, o jovem, temos a hora do conto, [...], vamos sempre direccioná-los para os livros que podem levar. Fazemos sempre, digamos, como é que podem levar os livros para casa, como podem ser leitores da biblioteca. [...] E temos uma colaboradora que declama a poesia e as crianças também podem e devem, ler a poesia e interiorizar o que é que a poesia, entretanto, lhes diz, e há ali um contacto de tal forma que os leve a gostar de poesia.
E8- Temos uma grande preocupação na selecção de uma bibliografia que seja actual e rigorosa e que tenha, efectivamente, um conteúdo que seja importante para o público que esteja presente, que tenha sempre o objectivo algo que seja prazeroso, que se possa fruir do ponto de vista do texto, da imagem. Nós construímos materiais de alguma maneira que a actividade não se esgote na sua realização, mas que possa ser continuada, tanto em casa com os pais como na escola com os professores. [...] E gostamos, no final, de saber as diferenças que tiveram [a partir] do que ouviram, dúvidas que lhes suscitaram, se foi ou não ao encontro das expectativas iniciais que criaram, o que é que problematizam do tema que ouviram ler, como é que podem levar aquele tema para as suas instituições, para as suas famílias; às vezes temos pequenas actividades de leitura [para as famílias] [...].
E9- A PL como base para uma literacia da informação. A questão é promoção da leitura mas há também aqui outra coisa. Promoção e animação da leitura que é outra coisa. Para mim não é a mesma coisa. V- Fazes, então, questão de distinguir promoção de animação de leitura. Só para recenrar, a minha pesquisa é sobre PPL. Então que procedimentos têm para assegurar que práticas desenvolvidas são objectivamente de promoção da leitura? Como é que eu podia sintetizar isto? E9- Nós fazemos essa colaboração regular, depois eles vistam a biblioteca regularmente e depois também começam a levar livros para casa, a requisitar. A partir de uma coisa é tudo encadeado. É aquilo que eu entendo como promoção da leitura, promovemos e colaboramos com aquela acção muito instrumental da escola, do professor que precisa trabalhar o texto literário para a parte dela, para a aprendizagem da língua e da escrita. Depois fazemos sessões, eles vão preparando uma actividade. V- Eu poderia sistematizar o que dizes, dizendo que consideras como procedimento dinâmicas de envolvimento? E9- Exactamente. É isso mesmo. Porque depois os alunos começam a ler, a ter vontade... a haver procura. Aconteceu-nos naquela biblioteca. que é uma biblioteca pequena, no XXX [local], a professora dizer-nos “os alunos já leram os livros todos”. [...] Eles depois levam os livros, começam a ser leitores. Começam a habituar-se a ler e depois querem cada vez mais. [...] Tornam-se leitores. A gente faz aquela dinâmica na escola que é decorrente do programa escolar, nós vamos reforçar isso. Logo colaboramos com a professora a construir e desconstruir o texto literário e ela depois... Os alunos começaram no 1.º ano sem saber ler e escrever e chegam ao 4.º ano já com grandes competências. [...] Esses meninos, de uma zona periférica, na transição do urbano para o rural, são os alunos que liam mais. Leram os livros todos, liam e sabiam utilizar os livros, o conhecimento. Eles depois construíram uma peça de teatro a partir das leituras que fizeram, das histórias que fizeram. Começaram depois a descobrir coisas. [...] É isso que se pretende e que conjuga um conjunto de coisas. Sabe ler, saber descobrir. Esta é a minha perspectiva.
E10- Nós reunimo-nos, temos um tema ou temos um livro, a actividade pode partir de um tema ou de um livro. Se partir de um tema, temos sempre essa preocupação de explorar práticas que levem as pessoas a terem motivação para, então, explorarem o livro, para lerem o livro ou então temos práticas em que eles a seguir queiram explorar outros assuntos, que levem sempre à leitura daquele livro ou de outros livros. [...] Outra coisa curiosa que é interessante, é muito giro e nos dá satisfação, os grupos que referimos e que nós acolhemos sempre, dizemos o que há na biblioteca., o que é que cá se passa e pedimos sempre para trazerem os pais à biblioteca. que os pais com certeza há muito tempo que não vêm à biblioteca., que é um espaço novo, que podem ir ao “shopping”, mas que à biblioteca se esquecem um bocadinho e o que é curioso é que depois verificamos que eles trazem mesmo os pais à biblioteca. E fazem o cartão, e levam livros e é muito curioso porque muitos pais: “ai há tanto tempo que eu não vinha a uma biblioteca”.
E11 – A própria concepção, a própria tipologia da actividade penso que poderão dar resposta a isso, porque ao desenvolvermos e concebermos o próprio programa definimos algumas tipologias de actividades, essas actividades são construídas, tendo em conta algumas dessas competências leitoras, por exemplo, nós temos actividades de oficinas, que designamos de oficinas. O objectivo destas actividades, das oficinas, por exemplo, levam a que se explorem os novos recursos, com vista a que os meninos possam a vir fazer, no aprender e no saber fazer, mais de pesquisa ou atividades que envolvam aprender qualquer coisa, fazer qualquer coisa em que a leitura é fundamental, sempre esta intenção, elas são logo concebidas com esta intenção. [...] Outra vertente que posso referir, por exemplo, actividades para bebés e baseando nas directrizes da IFLA, como é que nós as organizamos? Podíamos organizar, como as bibliotecas fazem, a vertente para espectáculo para bebés, não é. A nossa actividade para bebés, o nosso objectivo é a literacia na primeira infância, elas são construídas, são pensadas sempre com este objectivo. Sustentam-se nisto, podíamos ter engendrado por outra opção, elas estão muito relacionadas com a comunicação, das aprendizagens que as próprias crianças fazem do uso da língua, o saber utilizar bem a língua. [...] Por exemplo, nós fomos ver como se faziam actividades para bebés e por num contexto muito particular, ali eles faziam muitas dramatizações para os pequeninos, muito nesta linha. A nossa não tem nada a ver com isto.
E12 – Nem sempre as nossas actividades têm como base um livro; umas sim, outras não. Quando nós fazemos estas actividades do programa de animação infanto-juvenil, a ideia é de alguma forma colmatar uma lacuna que existe, que é oferecer às escolas uma actividade que lhes seja útil em termos da sua formação actual. [...]. O nosso objectivo é que esses miúdos de alguma forma tenham contacto com o espaço da B. Há meninos que não vêm à biblioteca e muitas vezes essa deslocação à hora do conto é o momento em que eles vêm à biblioteca pela primeira vez, a maior parte deles, do primeiro ciclo e do pré-escolar. Portanto, a partir daí, não só estabelecer a ligação com a comunidade escolar, mostrar o que a biblioteca. tem, aproveitamos sempre para falar sobre os serviços disponíveis na biblioteca, empréstimos, a consulta local. A ideia é que de alguma forma fazer a ligação entre esse público escolar, algum que está a começar a sua carreira universitária, ou activa e não universitária e fazer essa ligação. Por outro lado, também, envolver o próprio corpo docente nessa realidade

<p>que tem a ver com a existência das B. no concelho. [...]. Basicamente a ideia é apresentar as bibliotecas, muitas vezes quer ao corpo docente quer ao próprio público directamente. Por outro lado, o tema que é escolhido anualmente tem a ver com alguns dos temas estruturantes. Neste caso escolhemos a questão financeira, já passámos por outros temas, normalmente são sempre temas que estão... que têm a ver com a realidade do dia-a-dia. Já tivemos aquela questão das diferenças culturais, migração, tudo isso. Não sei se respondi à tua questão.</p>
<p>E 13</p>
<p>E14- A ideia é perceber de que forma é que aquele livro, o objecto livro, pode ser apresentado de uma outra forma, enquanto meio de conhecer a história. V- Pode detalhar mais um pouco? E14- É uma forma de apresentar o livro; é uma forma de conhecer a história, é uma forma de conhecimento, de leitura essencialmente. Conseguir conhecer o livro sem ser pela leitura; conhecer a história, o autor. V- Neste caso, se estou a entender bem, aquilo que vocês dizem que visam de alguma forma é a partir do livro, daquele conteúdo, poder ser pretexto para o estabelecimento de um conjunto de outras relações e de interacções que ali ocorrem? E14- Certo. V- É isto? E14- É [...]. Ou seja, quando seleccionamos os livros tentamos usar um conceito, que é o conceito de “desenvolvimento do leitor”. Que é, não queremos que aquelas pessoas leiam os livros que habitualmente lêem, os géneros ou os autores. Apresentamos novos autores, novas formas de escrita, novos enredos. Tentamos ler histórias que aquelas pessoas habitualmente não lêem. É um projecto que já existe há alguns anos, já conseguimos identificar qual é a tipologia daqueles leitores e quando fazemos a selecção vamos escolher sempre autores diferentes e géneros diferentes. A ideia é que seja possível conseguir construir um processo de desenvolvimento do leitor, não nos interessa muito se as pessoas vão ler clássicos ou vencedores de prémios literários, queremos é que as pessoas conheçam autores diferentes, o propósito é esse, que eles façam um pequeno percurso como leitor e dar-lhes a conhecer novos autores, novos enredos, nos géneros e novas histórias. V- Posso, então, pensar que na medida em que também oferece aos leitores a oportunidade de eles se surpreenderem com livros, com leituras que habitualmente lhes são estranhas, que há aqui este factor de novidade, de os despertar para outras leituras que possam ser surpreendentes, um pouco aditivas? O gosto de explorar, de conhecer coisas novas? E14- Sim, sim. Como a lógica de dinâmica de grupo, faz com que as pessoas, que à partida, estavam mais reticentes a ler aquele livro possam também ter despertado para a leitura, porque há sempre aquelas pessoas que já tentaram ler aquele autor, já tentaram ler aquele livro e não gostaram ou não conseguiram e aproveitando esta lógica da dinâmica de grupo nos nossos próprios leitores é possível levar a pessoa novamente a ler ou a ultrapassar os obstáculos que eriu em determinada altura.</p>
<p>E15- [...]. Fizemos uma mostra com texto, fundamentador da mostra bibliográfica, a alertar as pessoas quais são os grandes valores actuais da escrita egípcia. Temos o cuidado de fazer compra de autores, mas depois também temos o cuidado de apresentar literatura que permita às pessoas ter um juízo crítico sobre o que se está a passar agora.</p>
<p>E16- No processo em si, sim. Quase sempre. [...]. Isto no sentido que o horizonte da promoção de leitura não se limita, unicamente, à narrativa e portanto ler e como nós entendemos a leitura. Ler não é especificamente a narrativa e o textual. É o contexto, é o som, é a imagem, é tudo aquilo que nos rodeia e é tudo aquilo que nos leva a outros caminhos e são esses outros caminhos que temos vindo a fazer com o nosso público, sendo que o nosso público, muitas das vezes, nem se apercebe que esse é o caminho que estamos a pensar.</p>
<p>E17- [...]. Porque quem é abordado com quem vem ao espectáculo, antes de os participantes e das pessoas que participam no espectáculo, sejam alunos, sejam professores, o quer que seja, há um falar com essas pessoas. Portanto nós enquadrámos sempre, para que eles saibam sempre o que vêm ver, muitas vezes está inserido no próprio programa lectivo, porque são coisas que os próprios professores vão fazer, até pelo diálogo e pela relação que mantemos com eles, portanto tentamos fazer sempre esse elo de ligação, para saber o que é que eles vão trabalhar para que no fundo nós possamos ser, enquanto promotores da leitura, um complemento.</p>
<p>E18- A leitura de uma obra escolhida, não se pode dizer que seja uma leitura encenada, uma leitura expressiva para crianças. [...]. Podemos destacar aqui os objectivos da actividade, que são a capacidade de escuta e o estimular a imaginação deles quando ouvem. [...]. Neste caso, quando estamos a falar de crianças, por outro lado, porque julgamos que a prática da promoção da leitura não se faz só de uma forma unilateral, o retorno que se recebe, a participação activa do público, constrói saberes, constrói conhecimentos e julgo que é uma mais-valia.</p>

Quadro 12 - Unidades de contexto de Critérios enquadradores das PPL. Procedimentos com base estratégica..
Fonte: produção própria.

<p>Categoria: Critérios enquadradores das PPL</p> <p>Subcategoria: Procedimentos com base conceptual operativa</p>
<p>Unidades de contexto discursivo</p>
<p>E1b [outro participante na entrevista] – As colegas pegam no livro, trabalham o livro e incentivam à leitura. Apesar de ser uma actividade de animação porque elas fazem teatro, o que fazem é teatro, há sempre interacção com os alunos, com os miúdos e eles lêem o livro e elas baseiam-se num livro ou num tema onde escolhem vários livros, normalmente para os mais pequeninos era um livro e para os maiores era outro, mas há sempre o livro, há sempre a promoção do livro, independentemente da forma como se faz, através da animação. [...] Elas fazem a leitura da história e depois há sempre uma interacção, há sempre uma atitude participativa por parte dos miúdos em que eles fazem jogos. [...] O envolvimento é na leitura ou...</p> <p>E1- Vai dar ao mesmo. Porque até quando fazemos exposições, muitas vezes fazemos ateliês.</p>
<p>E2- —</p>
<p>E3- Porque intervém na comunidade, têm um grupo-alvo definido, mantêm-se [os participantes] ao longo de vários tempos, há resultados positivos que passam para as famílias e para quem está nessa área da educação.</p>
<p>E4- Chamamos as pessoas cá. Existe a deslocação, agora, só às escolas. [...] Tem havido situações [nos adultos] em que tem havido recepção e que quando falo no adulto não falo no lançamento de livros daqui da biblioteca, falo em palestras. E temos, quase sempre, porque temos que procurar que exista a colaboração do outro lado.</p>
<p>E5- —</p>
<p>E6- O nosso forte são projectos que têm continuidade. Portanto, são projectos que têm sempre essa preocupação. [...] nós fazemos exposições no átrio, por norma as exposições que estão ali têm a ver com... de alguma forma estão ligadas ao livro, a uma temática referida que tenha a ver com o livro, ou é sobre um autor, ou é sobre um acontecimento do qual nós também temos documentação para enriquecer a exposição. É mais essa a preocupação, haver essa ligação, não estamos tão preocupados com o público, quem é que vem ver, porque é diverso, não há essa preocupação e não há propriamente um projecto por trás; são exposições itinerantes que vêm de um lado para o outro.</p>
<p>E7- —</p>
<p>E8- Nós fazemos o levantamento, sempre no final de cada ano civil, sobre o que é que vai ser actual, [...] o tema que se vai trabalhar e procuramos, tendo em conta essa definição de tema, fazer uma pesquisa de informação para o complementar. Para a definição do tema, procuramos ver se a bibliografia está disponível e que seja uma bibliografia que seja considerada de qualidade para tal autor, qual o registo icónico e também que seja uma bibliografia que possa espelhar o panorama nacional, mas também possa espelhar o panorama internacional, depois de escolhermos a bibliografia. [...]. Definimos, então, as estratégias. Como é que vamos animar aquela leitura? Vamos utilizar só o registo de voz? Vamos dinamizar em parceria? Vamos utilizar outros recursos audiovisuais? Qual é a melhor maneira de apresentar ao público aquele livro e aquele tema? Definimos um enquadramento, depois concebemos alguns cenários minimalistas, aqui na biblioteca não apostamos muito num cenário; interessa-nos o conteúdo, [...] [os cenários] são apontamentos, apenas, que nos permitem cativar os meninos, o público que vem, mas não acentuamos demasiado o que ali está. Porque no registo textual temos muita conversa com o público, realizar a antecipação que eles esperam daquela actividade, se conhecem aquele tema, o que é que eles acham que vai ser para eles a participação. Nós gostamos de saber as expectativas que eles trazem. O que é que eles esperam da actividade em primeira instância, quanto ao tema, o que é que eles esperam assistir e depois, mais concretamente quando apresentamos um livro, elementos textuais, o que é que eles acham que está contido naquele miolo?</p>
<p>E9- —</p>
<p>E10- Por exemplo há casos que usamos os serviços para contacto precoce com o livro, dá-se no caso para bebés. Dá-se, por exemplo, as pessoas levam um folheto de quais é que são as vantagens do contacto precoce com o livro, como é que podem fazer a primeira abordagem, damos essas... no fundo não é só a actividade em si, mas também se dá dicas de como hão de, não vêm cá só assistir à hora do conto, não é só isso, isto é um exemplo. [...] Nós tivemos uma actividade em que aquele livro acabava e nós vimos que eles gostam de repetir a mesma história, então aquele livro acabávamos a actividade e a educadora levava com ela o livro para eles lerem, porque eles queriam explorar depois também mais as ilustrações e depois darem também continuidade com outras actividades. [...] Muitas vezes também levam os materiais que nós criamos para as actividades para, depois, também darem continuidade na sala de aula, também acontece.</p>
<p>E11 —</p>
<p>V- Então, estas atividades de promoção de leitura partem sempre do textual? Quando digo textual, pode ser impresso ou digital.</p> <p>E12- Do textual, sim. Eu vou-te dar um exemplo de uma coisa que fizemos ali. O ano passado fizemos uma parceria com um grupo de uma associação de pais, em que a história foi feita a partir da história da pequena sereia. Houve aqui um trabalho de, não só, conhecimento do texto para eles dramatizarem, para assegurarem a ligação a partir da animação, mas envolvemos outra vertente com a questão da dança.</p> <p>V- Espera aí. Há casos em que vocês procuram que haja um conhecimento prévio do texto?</p> <p>E12- Parte-se do texto e isto foi um pouco uma experiência. Como não temos dinheiro para o espectáculo para o dia</p>

mundial da criança, vamos ter uma iniciativa nesse género. Nós além da questão do texto, como se partiu da história e da dramatização da história não é, os miúdos ficaram inclusivamente a saber da pequena sereia, ainda associámos outra componente que foi a dança, associámos uma professora de dança à iniciativa para fazer um teatro musicado. Isto é só um exemplo daquilo que nós fazemos, mas aí, como digo, a actividade parte, tem como base um texto.
E13 —
E14 —
E15- Este marketing do livro que nós fazemos, o próprio marketing do livro, para além de estarmos sempre a renovar, temos mostras bibliográficas pontuais mas fundamentadas, por exemplo quando foi das convulsões do Egipto. V- Então, posso deprender que também existe uma preocupação, sempre que as actividades o permitam, de procurar estabelecer uma conexão com o que está a acontecer na realidade? [a propósito de uma PPL referida sobre as, à época recentes, convulsões no Egipto] E15 - Exactamente. Sem nenhuma arrogância de querer formar as pessoas, mas dá-lhes ferramentas e mesmo às vezes coisas completamente divergentes entre si, mas dá a oportunidade às pessoas de perceberem [a realidade], aliás porque esta biblioteca tem uma coisa interessante, não sei se a biblioteca do Seixal se identificará com isto, temos, também, algum cuidado para sermos bem-sucedidos; tínhamos que ter uma comunidade. Temos uma comunidade que servimos por excelência e, depois, dentro desta comunidade existem vários tipos de comunidades.
E16- [...] vai perguntar-me [o entrevistado refere-se ao que acabou de relatar] é promoção da leitura ou das literacias? E eu aí posso-lhe dizer que faço, em algumas bibliotecas desde ateliês de costura, ateliês de encadernação, ateliês não, “workshops”, para seniores, para adultos, está a ter uma dinâmica imensa, estamos a virar-nos muito para a experiência e para aquilo, que neste momento, as pessoas começaram a perder e que as bibliotecas podem dar resposta. Como é que isto se interliga com a leitura? Basicamente temos a colecção que lhe dá suporte, mas basicamente nas bibliotecas hoje em dia o livro é só uma parte da história.
E17- É assegurado um diálogo prévio e um enquadramento que os informa do que vão ver e que é também enquadrado no programa de actividades a trabalhar nesse ano. [...] Nós mesmo que tenhamos um espectáculo ele já tem sido trabalhado nas escolas, connosco, nas visitas que fazem, com certos livros que preparam.
E18- Temos tido ou tentado ter a preocupação de que o livro, a leitura, as histórias e de um modo geral a informação do conhecimento vinculado através dos livros, esteja presente mesmo nessas actividades que aparentemente não tenham esse objectivo. Pelo menos uma referência, uma presença do objecto livro, uma referência bibliográfica, uma leitura. [...] Há a preocupação que depois do acto de concepção, por parte de cada funcionária não é, ser feito uma planificação que preveja, não só, uma descrição da actividade, mas também o significado dos seus objectivos, as estratégias de operacionalização. [...] Essas preocupações até são próprias das metodologias que os profissionais aprendem no âmbito da sua formação, não é.

Quadro 13 - Unidades de contexto de critérios enquadradores das PPL. Procedimentos com base conceptual operativa.
Fonte: produção própria.

Categoria: Critérios enquadradores das PPL	
Subcategoria: Procedimentos com base formal	
Unidade de contexto discursivo	
E1-	—
E2-	Por exemplo, ocorrem espectáculos na biblioteca se esse espectáculo tiver algo a ver com o livro, leitura, dou-te um exemplo, [...] um espectáculo sobre poesia do Fernando Pessoa, isso nós consideramos uma actividade que tem uma base a promoção da leitura. Agora se esse espectáculo tiver a ver com canção popular, fado, acontece muito as pessoas usufruírem deste espaço para se encontrarem e dizerem poesia, muitas vezes poesia própria, aí nós temos mais reservas que seja uma actividade de promoção da leitura.
E3-	—
E4-	—
E5-	todos os trabalhos que desenvolvemos têm em base um livro. Fazemos um recital de poesia, tem por base um poeta, a poesia do poeta e fazemos a promoção aos livros. Temos uma hora do conto há vinte anos, faz agora vinte anos. Fazemos a hora do conto que é dramatizada com teatro, mas sempre com base num livro. [...]. Nas peças de teatro, por exemplo, há sempre, no final, palestras com o espectador, onde o espectador faz perguntas. V- Dá-se então o envolvimento dos participantes? E5- Quando fazemos as apresentações de livros, abrimos sempre o espaço aos leitores para fazer perguntas aos convidados e falarem sobre o livro e o que bem entenderem, depois da palestra concluída.
E6-	—
E7-	Sim, é frequentemente. Tanto que nomeadamente este da poesia, que iniciamos agora, em que é distribuído, passa pelas crianças, o livro físico que é muito bonito. [...] Ele é projectado, também, na tela, em que criamos o som de bichos, nomeadamente, o gafanhoto, o cão, o gato, o que desperta as crianças. [...] Este é um projecto que não direi piloto, mas estamos a abordar a poesia, pela primeira vez, não é a história pela história, não é uma dramatização teatral, também é uma mais-valia da biblioteca, visto que temos, uma das nossas colegas é actriz e aqui a dramatização
E8-	—
E9-	—
E10-	—
E11-	—
E12-	É escolhido um tema no caso da animação infantil, é escolhido um tema e depois esse tema centra-se... no caso da hora do conto em geral, é feita uma história, nós trabalhamos muito com histórias originais. É elaborada uma história original e a partir daí faz-se um conjunto de ateliês, uma hora do conto, praticamente a hora do conto. V- Diz-me só, quando tu dizes que é feita uma história original, quer dizer que pegas numa história... E12- Não. A educadora, regra geral, é uma questão da animação de Natal, seja um grande tema da hora do conto faz uma história original, escreve uma história. V- Sim, e é ela que escreve ou é com o público, em conjunto? E12 - É ela que escreve. Este ano o tema é literacia financeira. Temos escolhido para 2013-2014, para a área do infante-juvenil a literacia financeira.
E13-	Eu tenho alguma dificuldade em responder a isso, esses exemplos que deste, nós não apostamos muito nisso. Por isso é que nós fomos para os 75%, porque nós não temos muitas actividades. Não temos ateliês de manipulação de materiais por exemplo, não temos isso. Nem só, nem como complemento de uma acção. Está tudo muito centrado, efectivamente, na questão da leitura. [...] Tudo o que cheire a escola nós não fazemos. Se vamos incluir as outras, como os exemplos das exposições de artes plásticas, frequentemente.
E14-	Todas as nossas actividades que por alguma forma se relacionam com o livro, objecto, ou com o processo de leitura é essa a forma como operacionalizamos o conceito. Tudo o que tem a ver com o livro e com a leitura enquadra-se nas nossas práticas.
E15-	—
E16-	—
E17-	V- E o que é que há ali [na actividade que a entrevistada evocava] para ser uma prática de promoção de leitura? E17b- Trabalhar uma obra. [...]. Podemos ler a obra e a partir daí desenvolver um trabalho que os envolva e temos feito isso em alguns. E17- Eles depois trabalham na escola, fazem trabalhos finais onde expõem na biblioteca ou na escola, sobre aquilo que, dar a volta aquilo que leram. Aquilo segue e nós deixamos de ter controlo na acção, isso para mim, se calhar não é correcto ou não; mas isso para mim é, tanto que nós temos um plano e muitas vezes termina-se este plano e a actividade que era de um ano, os professores continuam a desenvolvê-la. V- Ganha vida própria? E17- Exactamente. É mesmo isso. E17- Isto também é o relacionamento íntimo que há sempre com as escolas e com os professores e com o público. Isto é pequenino, é diferente. E17b- E eles falarem uns com os outros. Realmente nós tivemos muita pena de nos cortarem a hipótese de continuar o trabalho que estávamos a fazer, porque ele tinha muito impacto, agora continuamos a fazer, mas é à nossa medida, com os recursos que temos, que são muito poucos. Os professores, “ah mas nós precisávamos de mais actividades”. E17- Integramos isso com visitas. E17b- Nós insistimos sempre na leitura.
E18-	—

Quadro 14 - Unidades de contexto de critérios enquadradores das PPL. Procedimentos com base formal
Fonte: produção própria.

Amostra	Síntese de indicadores da subcategoria “Procedimentos com base estratégica”
E1	Efectuar trabalho de preparação Fazer com que os participantes tenham pequenos objectivos Observar a evolução dos participantes Promover o desenvolvimento do leitor
E2	Escolher as actividades cm critério Estimular a vinda à biblioteca Cativar e autonomizar os leitores Disponibilizar o espaço da biblioteca à comunidade Formar os utilizadores Recorrer à animação
E3	Assegurar actividades de continuidade Oferecer projectos de continuidade Observar a evolução dos participantes Ir ao encontro do que as pessoas pretendem
E4	Estimular a vinda à biblioteca
E5	Chegar ao leitor através da história e de outros conteúdos da história Enquadrar a actividade com estratégias de abordagem Realizar sessões de promoção do livro
E6	Ter em atenção o público que frequenta a biblioteca Direccionar projectos para todas as faixas etárias Oferecer projectos de continuidade
E7	Estimular a vinda à biblioteca Direccionar as crianças para livros que podem levar Ampliar a interiorização da leitura em sessões de declamação
E8	Seleccionar bibliografia actual e rigorosa Oferecer conteúdos importantes para o público Proporcionar ofertas de actividades de leitura prazerosas Assegurar que o efeito da actividade não se esgota na sua realização Enquadrar a actividade com estratégias de abordagem Observar a evolução dos participantes Produzir materiais para que as actividades possam ser continuadas em família e nas escolas Promover o desenvolvimento do leitor
E9	Colaborar regularmente com as escolas Gerar dinâmicas de envolvimento Estimular a curiosidade dos leitores Prover o acesso a recursos de leitura Promover o desenvolvimento do leitor Apoiar o envolvimento do leitor em processos e projectos criativos
E10	Ter um tema de trabalho Oferecer práticas que depois motivem à exploração do livro e de outros assuntos Apelar às crianças para trazerem os pais à biblioteca
E11	Ter um programa com tipologias de actividades definidas Oferecer actividades que promovam competências leitoras Oferecer actividades educativas em contexto oficial de “lab library” Investir na literacia emergente
E12	Oferecer actividades que não tenham por base exclusiva o livro Disponibilizar às escolas actividades que lhes sejam úteis Proporcionar contacto com o espaço da biblioteca Promover a ligação de públicos de vários perfis sociais e etários com a biblioteca Escolha de um tema anual estruturante que tenha actualidade social
E13	–
E14	Apresentar livro de forma a ele ser um meio para conhecer a história e que esteja para lá dela Aplicar o conceito de desenvolvimento do leitor Escolher autores e géneros diferentes Recorrer a processos de dinâmicas de grupo
E15	Apresentar exposições bibliográficas, com textos fundamentados, sobre temáticas sociais actuais Seleccionar autores com cuidado para oferecer leituras que permitam um juízo crítico sobre o presente
E16	Promover a leitura a partir do texto, do som e da imagem (transliteracias)
E17	Diligenciar contactos para informar e enquadrar previamente o público Articular as actividades com as matérias dos programas escolares
E18	Oferecer actividades que estimulem capacidade de escutar e imaginar

Quadro 15- Síntese de indicadores procedimentos de base estratégica enunciados pela amostra. Fonte: produção própria

Amostra	Procedimentos de base estratégica partilhados pela amostra	Ocorrências
(E2; E4; E7; E10)	Estimular a vinda à biblioteca	4
(E1; E8; E9; E14)	Promover o desenvolvimento do leitor	4
(E1; E3; E8)	Observar a evolução dos participantes	3
(E9; E12; E17)	Colaborar com as escolas	3
(E3; E6)	Assegurar continuidade às actividades	2
(E10; E12)	Trabalhar a partir de um tema	2
(E5; E8)	Enquadrar a actividade com estratégias de abordagem	2
(E8; E10)	Produzir PPL que motivem continuidade de exploração pelos participantes	2
(E12; E15)	Conferir actualidade social à temática	2
(E5; E7)	Procurar promover o livro	2

Quadro 16- Síntese de indicadores de procedimentos de base estratégica partilhados pela amostra.
Fonte: produção própria.

Categoria: Selecção das práticas de promoção da leitura	
Subcategorias: Equipa e responsável da biblioteca; Equipa específica responsável pelas PPL e responsável da biblioteca; Equipa da biblioteca e chefia municipal; Chefia municipal; Instituições, organizações da comunidade representativas dos públicos destinatários.	
Subcategorias	Unidade de contexto discursivo
Equipa técnica e bibliotecário	E2- Escolhemos em equipa, na biblioteca, tendo em atenção o que pode promover a leitura e aumentar o número de leitores.
	E3- É a equipa, é o corpo técnico, não é? E em conjunto connosco, comigo. V- A equipa técnica e a bibliotecária responsável? E3- Sim. A proposta não sobe se não houver um consenso entre nós. A proposta vem a mim. Há um consenso de a discutir para haver um consenso e ver qual é o melhor caminho antes de a formalizar e decidir e isso acaba por ser uma prática tão normal que quase não nos apercebemos.
	E7- É a biblioteca. V- Vocês seleccionam... E7- Nós seleccionamos. A única bibliotecária neste momento na biblioteca sou eu, falo sempre com as colegas, nomeadamente estamos a agendar, temos sempre dois serões por ano. Estamos a agendar a programação dos serões, temos que fazer o programa dos serões e depois ele é sempre aprovado superiormente. Toda a nossa programação é proposta pela biblioteca, temos uma equipa [...] para testar a animação [...] as animações, são entretanto, faladas entre as pessoas, que depois falam comigo, nomeadamente as pessoas têm uma ideia e falam comigo e se realmente é exequível, vamos trabalhá-la e depois é proposta superiormente, pela aquela hierarquia. V- A bibliotecária selecciona uma determinada actividade com eventual interesse, avalia com a equipa e recebe... E7- A bibliotecária não selecciona. V- Propõe? E7- Fala com a equipa e sugere [...]. V- Vamos pôr neste sentido: sugere e avalia com a equipa, recebe também as sugestões da equipa e propõe, superiormente as propostas para serem aprovadas? É isto que acontece? E7- Sim, sim.
	E9- Isto é assim, no nosso município as coisas não estão bem estabelecidas. É a iniciativa da biblioteca municipal, tentando esboçar uma política, não uma decisão supra que diga “vamos fazer isto”, digamos que foi uma proposta nossa enquadrada naquilo que tem sido. A biblioteca faz a proposta para que haja um enquadramento para tentar consolidar toda a nossa estrutura. Depende sempre de mim. V- não estás “preso” a decisões superiores? E9- Não. Dou conhecimento, digo que estou a fazer isto, que foi uma proposta nossa enquadrado naquilo que tem sido. A biblioteca faz a proposta para que haja um enquadramento para tentar consolidar toda a nossa estrutura. Depende sempre de mim. Dou conhecimento, digo que estou a fazer isto.
	E13- Supostamente a aprovação é sempre do executivo municipal, é sempre da administração. No caso da animação nunca aconteceu de outra maneira, as sugestões dos técnicos são sempre aprovadas. V- [...] Depois de a avaliação ser tua ou de uma equipa? E13- Há uma proposta dos técnicos, ela vai à coordenação e à direcção. V- E depois é que é aprovada superiormente, é isso? E13- Exactamente.
	E15- Aos próprios bibliotecários, à hierarquia mais próxima, aos chefes de divisão. Há discussão de coordenadores. V- Vocês apresentam uma proposta, vocês que trabalham na biblioteca... E15- Apresentamos uma proposta anual das actividades, sem fechar a porta a actividades pontuais.
	V- Nas práticas da promoção da leitura, [...], a quem ou a que instância é que competiu a selecção e a proposta sobre a generalidade nas actividades que realizaram de 2008 a 2013? E17- A nós. V- Como é que é? O serviço propõe? A equipa da biblioteca propõe? A colega valida? EX- Sim, exactamente. E vai mais acima, que considera depois, até certa altura o dinheiro, o preço. Depois começaram a ter estes problemas porque depois começaram a surgir queixas e estas trampinhas todas. Mas a selecção éramos nós que seleccionávamos, que concebíamos os programas e eu claro que tinha o global e fazia a parte final. V- E a aprovação é superior e quando diz superior é pelo director de departamento ou pelo presidente? E17- Não. Era o director de departamento e depois é que ia ao presidente. V- Ia até ao presidente? E17b- Vai. E17- Antes ia, agora não sei. Ia por causa dos dinheiros. Aliás quando era eu que lidava directamente com o presidente, ia ter com ele e era eu que explicava, durante sete anos. Depois [...] foi um recuo muito grande.
	Equipa responsável pelas PPL e bibliotecário
E6- Nós temos um grupo de técnicos capacitados para elaborar os projectos, alguns projectos já foram premiados pela XXX, pelo menos três já foram. Isto como é? Surge uma ideia para um projecto, para estimular a leitura durante, estimular os sons, a leitura também, durante a gestação, alguém pensou nisso. Foram [essas] técnicas da biblioteca. V- A sugestão parte dos funcionários da biblioteca, mas a decisão é de quem? E6- É minha, mas acima de mim vem o vereador, é sempre a última pessoa, por exemplo, o presidente que aprova as	

	<p>iniciativas.</p> <p>E8- Eu faço a concepção da actividade e do seu planeamento e apresento à XXX [nome da chefia] para aprovação.</p> <p>E8b- Eu depois passo para chefia de divisão e no final é aprovado pela vereação.</p> <p>V- A base da proposta sai dos serviços, a partir de quem tem a responsabilidade de concepção e operacionalização, depois de aprovado pela chefe de divisão, (a coordenadora) vai mais para cima, para ser aprovado superiormente. As vossas propostas, normalmente, são aprovadas?</p> <p>E8b- Sim. Ocasionalmente, é raro, mas também nos propõem, na altura do 25 de Abril, também nos propõem actividades.</p>
	<p>E10- O facto de haver um plano de actividades não quer dizer que aquilo seja estanque, regra geral é feita pela equipa do sector de animação, depois vem ao bibliotecário e depois vai ao chefe e ao director de departamento.</p> <p>V- Que depois submete superiormente?</p> <p>E- Até ao vereador.</p>
	<p>E11- Na primeira fase, eu acompanhei muito directamente isso, na altura era a técnica superior e era a responsável pelo serviço e portanto, até a organização de um serviço para crianças, com esta vertente de promoção de livro de leitura é coincidente com este período de estudo que estás a fazer. O que é que acontecia? Seguiam-se algumas actividades, havia vários técnicos responsáveis. As atividades eram dispersas e não tinham uma estrutura, não tinham um fio condutor, cada técnico era responsável por fazer uma actividade e fazia. De 2009 para a frente o que é que aconteceu? Estruturou-se esta área de intervenção. Há um programa-base, uma tipologia de actividade, a concepção, os temas, a selecção das obras a abordar, as temáticas, numa primeira fase, foram muito da minha responsabilidade, que era muito superior, conseguiu-se construir uma equipa, que no início era basicamente eu e outra pessoa...</p> <p>V- Isso já vamos abordar mais à frente, agora as sugestões partem da equipa? As propostas são validadas pela responsável da biblioteca?</p> <p>E11- Quando partem da equipa, as sugestões... Acho que há um misto. A maioria dos casos as actividades partem da equipa, muitas vezes elas são validadas por mim, pronto.</p> <p>V- Então partem da equipa ou da responsável?</p> <p>E11- Ou ao contrário. Muitas vezes há temas, certos livros que eu proponho, na maioria dos casos são propostos pela equipa e lideradas por mim.</p> <p>V- Termina aqui ou ainda tem que ir mais para cima?</p> <p>E11- Não. Não.</p> <p>V- Termina aqui?</p> <p>E11- Termina aqui.</p>
	<p>E12- As propostas vêm, são feitas pelas duas equipas, [a dos públicos infanto-juvenil e de adultos]. São feitas por quem está, há aqui uma subdelegação nestas áreas, tem que haver uma equipa para infanto-juvenil e tem depois outra pessoa que trabalha com os adultos, não é? São eles que fazem as propostas e depois são analisadas por mim e pelo executivo. E é assim hoje em dia mantém-se a mesma prática, apesar de eu já estar com a chefia informal, há sempre propostas da parte de outros para discutirem em conjunto e depois é validado pelo executivo. Não havendo aqui interferências pelas decisões tomadas.</p>
	<p>E14- Em primeiro lugar sempre aos técnicos. Ao bibliotecário, neste caso estamos numa situação que não temos chefe de divisão, portanto as propostas são sempre feitas pelos técnicos envolvidos em cada área de trabalho. Portanto a proposta parte sempre deles; a questão da aprovação superior, nomeadamente com questões relacionadas com despesa segue as hierarquias da câmara mas, em primeira instância, a proposta é sempre feita pelo técnico e a definição daquilo que vai ser feito em cada uma das áreas de trabalho é sempre feita pelos técnicos.</p> <p>V- E depois a aprovação...?</p> <p>E14- Segue para mim, não temos chefe de Divisão.</p> <p>V- Mas pára onde?</p> <p>E14- Vai até à senhora vereadora.</p>
	<p>E18- De um modo geral as propostas vêm das funcionárias que estão ligadas a esta equipa de serviço educativo. Acontece algumas vezes, não todas, fazemos reuniões de programação, aí as coisas até são debatidas, muitas vezes o que acontece é uma funcionária propõe e eu coloco superiormente e é aprovado, outras vezes... também dependendo das actividades e das iniciativas. Fazemos reuniões de programação em que todas as propostas, mesmo que individuais, são debatidas em equipa, mas depois o resto do processo é como disse.</p>
Equipa da biblioteca e chefia municipal	<p>V- A quem ou a que instância, aqui na biblioteca XXX [concelho] competiu a selecção e a generalidade das propostas?</p> <p>E1- ...</p> <p>V- Quem é que toma essas decisões? Os técnicos de biblioteca?</p> <p>E1- Eles e outros das chefias.</p> <p>V- Vocês... Dão sugestões?</p> <p>E1b- Indicações da chefia da biblioteca.</p>
Chefia municipal	<p>E[X]- A chefia do serviço [a direcção da Divisão da Cultura].</p>
Organizações da comunidade representativas dos destinatários	<p>E16- A comunidade. Este é um trabalho extremamente moroso. Foi fazer um trabalho que foca os grupos e com cada biblioteca e com a sua comunidade envolvente, juntando juntas de freguesia, associações de moradores, associações. Muito de incentivo local e, portanto, perceber claramente o que é que era importante para aquela comunidade. Se para aquela comunidade, vamos dar o exemplo da X [local] [...]. O modelo que nós apostamos aqui é completamente diferente, porque estamos a falar de um público completamente diferente, já se pensarmos na biblioteca dos X [local], o que nós começamos a fazer, [foi] depois de saber desse levantamento.</p>

Quadro 17- Unidades de contexto sobre a responsabilidade pela selecção das PPL. Fonte: produção própria.

PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA DESTACADAS ENTRE 2008-2013

2013	2008-2012
<i>Escolas a ler</i>	Oficina Saramago
<i>Leituras em voz alta</i>	O mar e outras histórias
<i>Liga dos livros.</i>	<i>Escolas a ler</i>
<i>Grupos de leitura</i>	<i>Grupos de leitura</i>
<i> Animação para crianças</i>	<i>Animação para crianças</i>
<i>Clube de leitura de Verão</i>	<i>Clube de leitura de Verão</i>
<i>Falar de...</i>	<i>Arte do Saber</i>
<i>Noite de Mistério</i>	<i>Falar de...</i>
<i>Biblioteca de Praia</i>	<i>Noite de Mistério</i>
<i>Concurso Nacional de Leitura</i>	<i>Programa Biblioteca com Vida</i>
<i>Palestra sobre poesia</i>	<i>Texto na Praça</i>
<i>Conferência sobre poesia</i>	<i>O livro do mês</i>
<i>Hora do Conto</i>	<i>Hora do Conto</i>
<i>Semana dos Contadores de Histórias</i>	<i>Semana dos Contadores de Histórias</i>
<i>PensARTE</i>	<i>PensARTE</i>
<i>Hora do Conto</i>	<i>Bienais de Cultura Lusófona</i>
<i>Ler dá saúde e faz crescer</i>	<i>Hora do Conto</i>
<i>O Bibliófilo vai à escola</i>	<i>O Bibliófilo vai à escola</i>
<i>Histórias na biblioteca</i>	<i>Projecto Andersen</i>
<i>Seniores na Net</i>	<i>A biblioteca vai a casa</i>
<i>Conto contigo na biblioteca.</i>	<i>Seniores na Net</i>
<i>Formação de leitores</i>	<i>No primeiro Sábado do mês era uma vez</i>
<i>Igualdade de género</i>	<i>Crianças miúdas, leituras graúdas</i>
<i>Atelier de escrita criativa</i>	<i>Semana da Leitura</i>
<i>Hora do Conto Mensal</i>	<i>Hora do Conto Mensal</i>
<i>Eu, a leitura e o mundo</i>	<i>Eu, a leitura e o mundo</i>
<i>Disponibilização de recursos de leitura às escolas</i>	<i>Disponibilização de recursos de leitura às escolas</i>
<i>Segredos do mar</i>	<i>Pró bebé ler</i>
<i>Caroços e tremoços</i>	<i>Roteiros de contos</i>
<i>O que os números contam</i>	<i>Biblioteca na praia</i>
<i>Chapinhar com livros</i>	<i>Programa sobre Maria Alberta Menéres</i>
<i>Aniversário da biblioteca (temática anual)</i>	<i>Mata dos Medos</i>
<i>Sábado na Biblioteca</i>	<i>Sábado na Biblioteca</i>
<i>Hora do Conto</i>	<i>Oficina de jornalismo</i>
<i>Feira do Livro e encontros com os autores</i>	<i>Comunidade de leitores</i>
<i>Contos literários para seniores</i>	<i>Colaboração na semana da mobilidade</i>
<i>Comunidade de leitores</i>	<i>Mostras documentais</i>
<i>Verão da minha infância</i>	<i>Comunidade de leitores</i>
<i>Sábado em cheio</i>	<i>Sábado em cheio</i>
<i>Grupos de Leitura (Comunidades de Leitores)</i>	<i>Dez livros num século ilustrado</i>
<i>Hora do Conto</i>	<i>Grupos de Leitura (Comunidades de Leitores)</i>
<i>Olhos de gigante coração de pássaros</i>	<i>Hora do Conto</i>
<i>Escrita de opinião</i>	<i>Com olhos de ler</i>
<i>Os livros da minha vida</i>	<i>Noites com poemas</i>
<i>Mostras bibliográficas</i>	<i>Cheirinhos a contos</i>
<i>Assalto a XXX</i>	<i>Ler em todo o lado</i>
<i>Dias de bem cá estar</i>	<i>Festival In</i>
<i>Feira do livro</i>	<i>Mimos e livros à mão de semear</i>
<i>A manta</i>	<i>Comunidade de leitores</i>
<i>Construções para a leitura</i>	<i>Oficina de Poesia</i>
<i>A arte da leitura de pais para filhos.</i>	<i>Contos tradicionais</i>
<i>Hora do Conto</i>	<i>Projecto Ver e Olhar</i>
<i>Vitória, Vitória, não se acabou a história</i>	<i>Estação do Livro</i>
<i>As atividades da Bebéteca</i>	<i>Hora do Conto</i>

Quadro 18- Práticas de promoção da leitura destacadas pela amostra entre 2008-2013. Fonte: produção própria.

O que são/visam as PPL destacadas em 2013
Unidades de contexto discursivo
O que é que fazemos? Fazemos encontro com escritores, fazemos chegar os livros às escolas, há preparação dos livros, os miúdos preparam as perguntas, depois fazem aos autores, sobre as obras ou mesmo sobre a biografia. Fazem aqueles trabalhos que depois expõem nas bibliotecas e vê-se se houve ali um trabalho de leitura, que é o que nós pretendemos quando inicializamos os projectos.
São encontros que se realizam com alguma frequência, que entre os colegas, convidam pessoas da comunidade, é mais ou menos o que se estava a dizer das leituras partilhadas, um programa todo o ano. [...] Irem à biblioteca, escolherem os textos, autores, poemas, ou o que for e fazem leituras em voz alta. Por outro lado eles recebem as pessoas na biblioteca, mas também se deslocam a instituições fora da biblioteca, a lares.
Promove a leitura individual. [...] É através dos tais xxx que os miúdos têm e da indicação. Portanto é feito um apoio de referência bastante intensivo. A técnica que trabalha com aquele grupo de meninos conhece já [...], a partir daí sugere outros tipos de leituras. [...] A XXX [prática] não é igual nas bibliotecas que participam, também fazem sobre o livro, com outros livros no fundo e fazem muitos jogos de pistas nas salas, portanto aprendem a fazer pesquisa bibliográfica.
Ocupar os tempos, são uma comunidade de leitores (partilha de leituras).
Oferecer dramatizações de histórias com grupos de autores, portugueses e outros.
Ocupar os tempos livres das férias de verão das crianças e jovens, com actividades de leitura e actividades paralelas. [Estas] São encenações, um pequeno teatro, visitas a um local de interesse cultural, museus, outras bibliotecas.
Isto é tão simples como uma exposição itinerante de livros que envolve todas as IPS do concelho, jardins-de-infância. [Para] essa exposição são seleccionados livros de imagens, essencialmente imagens e com pouco texto e nós seleccionamos tendo em conta a mensagem que está a ser transmitida. [...]. O objectivo é que as educadoras, através dos meninos irem [chegarem] aos pais, para que tratem dos seus assuntos e dos problemas da vida. O primeiro “falar de” foi de coisas difíceis: a morte, o baptismo, não fazer chichi na cama.
A XXX é feita com o recurso à exploração exaustiva do livro que se escolhe.
As pessoas estão na praia, não temos cá ninguém, então temos que ir ter com elas. Essa promoção que há na praia, na leitura, não há só o empréstimo do livro, há também a exploração do livro. [...]. Aqui tem uma vertente mais lúdica também, mas não é essa a parte que nos interessa. A parte mais lúdica é só para atrair à biblioteca; mas depois tem toda a outra parte do ateliê, de leitura, de leitura em voz alta, leitura com os miúdos, leitura que importa
Visou a promoção da leitura, principalmente numa camada juvenil, em direcção às escolas, a que estavam direccionadas.
Era uma palestra sobre poesia que teve muita interacção. Visava que houvesse interactividade, que houve.
Visava a importância da poesia nas nossas vidas. O senhor leu alguns textos, mas não leu textos dele e depois pedia às pessoas para desenvolverem, para dizerem o que é que pensavam, se achavam que a forma dele interpretar era igual, pronto era neste conteúdo.
Fazemos com base num livro e é promover esse livro, é promover o autor e da própria leitura quando chamamos o público a intervir também.
O nosso objectivo, como lhe disse, é sempre a promoção da leitura. [...] Como temos sempre por base os livros, a leitura dos livros [...]. Esta envolve não só trabalhos dramatizados, histórias, promoção da leitura com leituras em sala, colocar o público a ler, falar sobre livros. [...] Depois ... vão pintar quando não mexem com a palavra, desenvolvem com a expressão plástica... nós queremos criar um âmbito com as crianças que vêm à nossa biblioteca, ganham o hábito, primeiro, de nos ouvirem contar histórias, depois à medida que vão aumentando de faixa etária, o contacto com o livro, o começar a ler, nós trabalhamos desde os seis meses na Bebeteca.
Esta visava a promoção de leitura junto dessa faixa etária (3.ª idade) e trabalhando com eles, porque nessa faixa etária há várias pessoas com variadíssima formação. O XXX [prática] é a arte de fazer várias abordagens artísticas, trabalhamos a palavra, trabalhamos a imagem através da pintura. [...] Dando um grande ênfase à parte da leitura. Fizemos a promoção da leitura em voz alta.
No fundo é por um lado divulgar a própria história, por outro lado criar nas crianças o gosto de ouvir e ler histórias e por outro lado até desenvolverem algumas capacidades, porque para além da história existem ateliês relacionados com os espaços.
Sobretudo é criar um momento especial no hospital às crianças que estão internadas no serviço de pediatria, estimular, também, o gosto pela leitura e por ouvir histórias neste caso algumas são mesmo muito pequeninas, nem conseguem ler, depois no fundo é pôr a sua imaginação a trabalhar, porque a seguir existem ateliês sempre relacionados com a história, as crianças são levadas a criar um animal que estava na história, que eles gostaram, ou outra coisa qualquer.
Disponibilizar a crianças desfavorecidas o acesso ao livro e depois também ajudar os educadores de infância a terem material para poderem trabalhar com as crianças e efectivamente os livros são muito trabalhados junto das crianças. Eles lêem, eles manipulam.
Têm sempre como base a promoção da leitura, desde a infância e [...] envolve a família.

A promoção da literacia informática para a terceira idade.
É a literacia. Tem a ver com o contacto com as letras, com a leitura em si. Com a leitura e a escrita [...] através de jogos lúdicos.
Depois da visita, para sistematizarem conhecimentos, havia um preenchimento de um vídeo paper, em que tinham as questões da pesquisa num catálogo. Era demonstrado numa sala de adultos, através de um computador que temos vertical, como é que podiam fazer a pesquisa por um título, por um autor. Além disso a questão do jogo, mais lúdica, também acabava por divulgar os livros que nós temos aqui na biblioteca.
Também se estava a criar a nível da [prática] um glossário para a igualdade, nós tivemos todos os técnicos a ensinar formação com este tema e pareceu-nos realmente bastante actual. [...]. Visava dar a conhecer este tema aos alunos das nossas escolas, trabalhando concretamente o livro XXX do XXX [autor], e para além disso foi construído um guião de leitura para que os meninos pudessem levar para os pais sobre o tema, era feito a actividade final da leitura em debate com eles, onde então (se procurava saber) o que é que eles achavam nesta divisão de papéis na sociedade.
O enfoque era dado na tradição, no contributo popular, nos provérbios. Tínhamos um conjunto de provérbios, a proposta era a realização de actividades com as turmas, em que eles eram parte activa, porque eles trabalhavam individualmente, trabalhavam em grupo, faziam a apresentação dos trabalhos quando eram divididos em grupo. Visava a promoção da escrita, da oralidade e o visual também, porque tinha um exercício particular de provérbios em imagens, em que a partir da associação às imagens, eles teriam que adivinhar qual era o provérbio que ali estava.
Visa cativar as famílias para a prática da leitura, para a utilização dos recursos.
Visa responder às situações de promoção da leitura por parte das escolas
Levamos estímulos aos estabelecimentos escolares do nosso território, na zona periférica, citadina e rural, aos pólos da nossa biblioteca e da nossa biblioteca itinerante que vai lá. A biblioteca itinerante vai às escolas onde não temos ponto de leitura fixo e assim vamos às escolas. [...]. Cooperação com o estabelecimento escolar.
Tinha uma exposição de fotografia sobre as praias do mar, fazíamos então a visita, falávamos sobre cada praia, que lendas existiam em cada praia, tudo isto sobre os livros de lendas de XXX e depois tinha [...] uma história, um conto, com um cenário em que fizemos um conto diferente para várias faixas etárias [...] com toda a envolvimento do espaço o complemento com as fotografias, o livro.
Trabalhávamos o livro, mas com expressão dramática, dramática não mas com teatro, com gestos, com movimento, levando-as a participar na história.
Aí vamos trabalhar a matemática de uma forma lúdica e no aproveitamento de materiais reciclados, que é muito importante. Colocamos caixas no nosso cenário, as caixas vão-se abrir e vão aparecer coisas curiosas.
Promoção da literacia na primeira infância para bebés. Então o mesmo tipo de actividades que fazemos para bebés na biblioteca, mas em vez de fazermos na biblioteca fazemos nas piscinas... [...]. A partir destas histórias tu trabalhas as vertentes da aprendizagem e do desenvolvimento da imagem, o desenvolvimento da linguagem. É muito ao (para o) desenvolvimento da linguagem e da narração, o ouvir, o contar...
Visa, essencialmente, trabalhar sobre histórias do imaginário infantil, histórias [...] que eles revejam, ou conheçam várias abordagens à obra XXX de várias formas. Pode ser com dança mas o que está na base é sempre divulgar o texto. Mas isso é instrumental para conhecer a história. Quem não conhece, divulgar a história; quem conhece, voltar à história.
Tem como objectivo envolver as famílias nas várias vertentes, nas várias dimensões da leitura, seja ela a leitura necessária para o saber fazer, a informação, o conhecer, seja a leitura do ponto de vista da literatura, da ficção, da fantasia.
O objectivo da hora do conto é precisamente a abordagem, [...] aproximação à leitura e à própria biblioteca. Tinha a tal dimensão de também apresentar a biblioteca aos meninos [...] Tem sempre essa preocupação de também abordar, uma temática.
O objectivo foi aproveitar o facto de nos estarmos a aproximar do Natal, colocar à disposição das pessoas e da população no geral livros mais baratos. [...] A promoção do livro. Criar junto dos meninos que vieram participar, com o trabalho feito com as professoras na sala de aula, eles estarem em contacto com as obras dos escritores para depois naquele encontro puderem colocar (as questões).
Sessões literárias para o público sénior. [...]. Primeiro houve um trabalho da parte da equipa de animação infantil, também junto dos idosos, em que eles levaram algumas histórias, alguns contos que compartilharam com eles e neste momento há neste grupo a técnica que trabalha com esta área, no qual ela apresenta o conto e ao mesmo tempo serve para fazer a apresentação do conto, serve também para eles depois apresentarem, eles partem dali e fazem aquela retrospectiva, contar as histórias interessantes, as suas experiências de vida, mas tudo isto parte, estas conversas a partir de determinado... [contexto vivencial]
Pretende incentivar a leitura, a partilha de opiniões e perspectivas de leitura, que leram a mesma obra e a partir daí, partir para a leitura do mundo. E depois há uma coisa que eu acho fundamental, que é criar comunidades.
Dar a conhecer autores, junto de pessoas com baixo nível de literacia. [...]. Poucos ou nenhuns, exactamente. Há leitura de textos, foi muito pelas autobiografias dos autores, o XXX [prática] dos autores e depois tentamos fazer a relação do XXX [aspecto associado à prática] dos participantes. Trabalhou-se muito os textos autobiográficos dos autores, depois aquelas pessoas não foram ler os livros, mas para ouvirem falar dos autores, ouviram textos dos autores e por esse lado, pela diferença.
É aquilo que eu te digo, se tens uma história num livro que tem dez, ela vai ser o chamariz. Digamos, o despertar dessa curiosidade para a leitura de todos os outros (as outras nove histórias).
Os grupos de leitores têm um propósito um pouco mais complexo. O modelo que nós usamos [...] quando seleccionamos os livros, tentamos usar um conceito, que é o conceito de “desenvolvimento do leitor”. Que é, não queremos que aquelas pessoas leiam os livros que habitualmente lêem, os géneros ou os autores. Apresentamos novos autores, novas formas de escrita, novos enredos. Tentamos ler histórias que aquelas pessoas habitualmente não lêem. [...]. A ideia é que seja possível

<p>conseguir construir um processo de desenvolvimento de um leitor, não nos interessa muito se as pessoas vão ler clássicos ou vencedores de prémios literários, queremos é que as pessoas conheçam autores diferentes. O propósito é esse, que eles façam um pequeno percurso como leitor [...] e aproveitando esta lógica da dinâmica de grupo nos nossos próprios leitores é possível levar a pessoa novamente a ler ou a ultrapassar os obstáculos que criou em determinada altura. [...]. Visamos [...] novos autores; novas experiências de leitura.</p>
<p>São momentos de animação da leitura com base em obras específicas. A ideia é perceber de que forma é que aquele livro, o objecto livro, pode ser apresentado de uma outra forma, enquanto meio de conhecer a história. (...) É uma forma de apresentar o livro; é uma forma de conhecer a história, é uma forma de conhecimento, de leitura essencialmente. Conseguir conhecer o livro sem ser pela leitura; conhecer a história, o autor. [...] São basicamente momentos que chamamos de animação à leitura, portanto é sempre baseado no livro ou num conjunto de livros, que as pessoas normalmente já sabem, tem a ver com o tema da actividade, é o próprio livro que dá o nome à própria actividade, é essencialmente isso. São complementados em alguns casos com um ateliê que tem a ver com a história ou tem a ver com as personagens ou com a própria temática do livro.</p>
<p>Projecto dedicado à XXX sobre a poesia e a ilustração da poesia na obra de XXX [autor]. Foram convidados oito ilustradores, para ilustrar um dos livros infantis da XXX [...] apoiava depois a realização de ateliês feitos nas escolas, [...] as turmas com quem nós trabalhámos tinham todas que ter lido aquela história, para conseguir perceber o segmento da história que o ilustrador utilizou para a exposição e eles próprios tinha que desenvolver quadros com partes da história. O ponto de partida era a obra poética, onde se chegava aos livros infantis, que era aquilo que era trabalhado ou mais trabalhado em termos de currículo na escola.</p>
<p>Curso de formação que se chamava XXX, era muito baseado no desenvolvimento de capacidades de competências de escrita de opinião, [...] eram sempre cursos periódicos da biblioteca, ou seja, aprendiam a descodificar o que estava nas crónicas de vários autores (literacia mediática), etc. e desenvolviam, também, competências de escrita.</p>
<p>É convidado uma personalidade [...]. Livros que foram marcantes para a sua vida e [...] essas obras são disponibilizadas para os utilizadores que quiserem. [...] É uma actividade de troca de ideias à volta de livros. [...]. Depois há o período de troca de ideias, há sempre o período de troca de ideias, não é um monólogo, tanto que já desistimos de tentar controlar a acção, [...] esta actividade, pelo que me apercebo, permite arar terreno; há leitores, há utilizadores da biblioteca; até se tornarem leitores há um longo caminho a fazer. Há utilizadores da biblioteca que acredito que se tornem leitores, ou que se estão a tornar leitores, com este tipo de actividades.</p>
<p>Promoção de leitura e destaque na focalização da temática de leitura e promoção do fundo documental da biblioteca. [Exemplo XXX], fazemos um destaque de literatura XXX [prática]. [...] Fizemos uma amostra temática, sobre leitores XXX, como a explicação do valor da literatura XXX [prática] no panorama cultural europeu. [...]. Tem sido um sucesso, as pessoas param. Tentamos ter, isto acaba por ser promoção da leitura, tentamos que as mostras bibliográficas, que os destaques sejam muito dinâmicos. Temos ali os XXX [prática], como de repente temos mostra de humor.</p>
<p>É um projecto inserido nas festas de XXX, nós durante três dias estamos a desenvolver várias práticas da promoção da leitura, das literacias e programação artística. [...]. Visava várias literacias [...] tínhamos uma série de sessões de contos, tínhamos ateliês de inglês, tínhamos atividades pura e duras de promoção de leitura de narração oral, portanto aqui cruzava várias coisas.</p>
<p>Visa muito [...] o bem-estar da pessoa, portanto que está associado a medicinas alternativas, às práticas de feng shui, yoga, de iridologia, portanto, se por um lado tem muita prática... [...]. Diria que é um projecto para a literacia da saúde numa perspectiva holística.</p>
<p>Fizemos a programação toda para as escolas e a programação para as famílias [...]. Em torno do livro, em torno das literacias. [...] Primeiro o objectivo essencial disto era que nós queríamos promover as bibliotecas. [...] Também temos aqui iliteracias e/ou competências que tivemos no âmbito tecnológico, tudo o que tem a ver com robótica, jogos de lógica.</p>
<p>Visava envolver os vários [participantes], a manta é uma história... É um livro maravilhoso em que a actividade decorria em três fases, os meninos ouviam a história, era-lhes pedido que trouxessem um pedaço de tecido, porque (ele) contava a história de uma avó que contava as suas histórias a partir de uma manta de retalhos de tecidos e, portanto, logo aí nós falávamos da importância, que antigamente tinham as coisas feitas dessa forma, porque não havia cá o comprar; logo ali os meninos [...] tinham o contacto que antigamente não era nada como agora e daí isso ter tanto valor. [...]. Tínhamos aqui a envolvência de todos, porque era a escola que era envolvida, era a biblioteca que era envolvida e a família que acabava por ser envolvida. [...] Tinham de escrever o texto (leitura textual, audição, oralidade e escrita).</p>
<p>Juntava artes plásticas com livros. A designer concebeu a exposição, fez a exposição com base naqueles livros e depois as crianças tinham que escolher, os livros estavam expostos.</p>
<p>Promoção da leitura familiar [...]. Tínhamos o trabalho com as escolas e aos sábados fazíamos com os pais e os filhos [...]. Dar ferramentas para os pais, para aquelas questões que têm do que dar a ler, como dar a ler.</p>
<p>A leitura de uma obra escolhida, não se pode dizer que seja uma leitura encenada, uma leitura expressiva para crianças. Podemos destacar aqui os objectivos da actividade, que são a capacidade de escuta e estimular a imaginação deles quando ouvem.</p>
<p>É basicamente a mesma coisa noutro contexto.</p>
<p>As actividades da Bebeteca são o proporcionar a pais e bebés um primeiro contacto com o livro.</p>

Quadro 19- Unidades de contexto do que são/ visam as PPL destacadas em 2013. Fonte: produção própria.

O que são/visam as PPL destacadas de 2008-2012
Unidades de contexto discursivo
A oficina XXX foi um projecto intermunicipal entre a câmara XXX e XXX e visava dar a conhecer a obra [...] a vida do [...], o homem, o escritor e o político. [...] houve várias conferências internacionais, com pessoas do Brasil, de França, vieram falar sobre a obra dele.
Promover a leitura e a escrita. Desenvolverem textos que foram publicados.
(Já indicado em 2013)
Ocupar os tempos, são uma comunidade de leitores [partilha de leituras].
Oferecer dramatizações de histórias com grupos de autores, portugueses e outros.
Ocupar os tempos livres das férias de verão das crianças e jovens, com actividades de leitura e actividades paralelas. [Estas] são encenações, um pequeno teatro, visitas a um local de interesse cultural, museus, outras bibliotecas.
Nós ainda temos aqui muitas pessoas que não sabem ler e escrever. Por isso o que fazemos é ler para eles e exploramos muito a imagem. Gostam de ver. Estão numa fase que gostam de ver. [...] Os idosos quando vêm à biblioteca têm a parte jogo, a parte filme, quadras populares, chegam a ter música, a cantar. [...] O nosso objectivo era, essencialmente, aproximá-los da leitura, embora tenhamos a consciência que dali... em termos de literacia, o que se consegue com este projecto é mais informação.
(Já indicado em 2013)
(Já indicado em 2013)
Havia dias em que havia mais que uma actividade inclusive havia produção de música, porque nestas duas actividades criámos ali um espaço (...) onde era que estava aquela parte da exposição, usamos o espaço que é o multiusos, temos lá o piano e aí é onde se faz este tipo de actividades. Com apontamentos musicais, com apontamentos de poesia, vocal, piano, é com isso o tipo de fundamento.
Convidamos alguns professores e público geral [...] já estavam mais ou menos preparadas com [para] o que ia acontecer. Foi um debate sobre o texto, a importância do texto e escolheram-se alguns textos como XXX de XXX. O XXX era uma abertura, era um género de formação aberta.
É feita uma pesquisa ao autor, não é só uma questão biográfica, e é feita uma exposição que poderá ser sobre o autor, de outras pessoas (...), por exemplo, alguém ganhou um prémio, não quer dizer que esse prémio seja o livro do mês a seguir, é feita uma divulgação dessa informação. Vê-se que existe um “feedback” e que esse livro durante uns tempos está constantemente em reserva.
(Já indicado em 2013)
(Já indicado em 2013)
(Já indicado em 2013)
Dar a conhecer os livros e os autores para vários grupos etários, não só infantis mas também infanto-juvenis, como também para adultos.
(Já indicado em 2013)
(Já indicado em 2013)
Para já foi o contacto com o próprio Anderson, as histórias do Andersen. Havia meninos que desconheciam, assim como as pessoas mais idosas, também as desconheciam. Depois foi dar a conhecer a própria biblioteca, as visitas que entretanto foram sendo promovidas, a biblioteca como era recente, havia meninos que ainda não tinham entrado cá. A partir daí as histórias dramatizadas, as visitas guiadas, foi o contacto com os objectos.
Visava o empréstimo de livros, que era acessível para todos os leitores, independentemente da idade, não é preciso serem idosos. Independentemente das idades, que estejam imobilizados de (para) vir à biblioteca, para ter acesso aos documentos. [...] Nós fomos, entretanto, solicitados para que um técnico acompanhasse o idoso em casa, para a leitura de jornais, só que não foi possível esta disponibilização.
(Já indicado em 2013)
É uma actividade de pais e filhos que acontece com um carácter regular [...]. Decidimos o alinhamento temático para 12 meses, é aprovado superiormente, incluímos a bibliografia e depois, [...] é feita uma planificação do desenvolvimento de cada actividade. [...] A actividade abre sempre com o conto do mundo, que é só narrado sem a mediação do livro, olho no olho, é a voz, que trabalha o conto e depois entram os livros de literacia.
Por um lado focava em equipar aquela escola com aquilo que não tinha que eram livros, por outro lado, ao mesmo tempo trabalhávamos os títulos, dávamos uma espécie de formação, se assim quisermos, dar às professoras, que percebiam a forma como nós trabalhávamos, os livros e divulgávamos o prazer de ler junto das crianças. Isso ajudou-nos, porque aquela zona era mesmo muito carenciada do ponto de vista socioeconómico.
É um mês que a biblioteca sai de fora de portas e está rigorosamente com todas as salas do pré-escolar e do primeiro ciclo pelo concelho, num total de cerca de mil e sessenta alunos. São actividades muito curtas, temporalmente falando, porque são trinta minutos que estamos com cada sala [...] o objectivo é apresentar o tema da semana da leitura e ler uma obra. [...] no fundo, nós consideramos que é plantar uma semente. Chegar, apresentar um livro, deslunbrar.
(Já indicado em 2013)
(Já indicado em 2013)
(Já indicado em 2013)
Levar a biblioteca fora de portas mas também tínhamos actividades. [...] Promoção do acesso e de actividades da leitura [...] a ideia era dar-lhes as ferramentas para o contacto precoce com o livro, não só através de livros e de material, mas também através de actividades desenvolvidas com agentes de promoção de leitura, as pessoas, até aos pais e técnicos de biblioteca. [...] Todos os meses ou de dois em dois meses levávamos cestas de leitura a cada uma das instituições, levávamos também actividades de promoção de leitura, levávamos contos ou, então, coisas ligadas. Chegamos cá a ter uma pediatra que falava dos benefícios do contacto precoce com o livro e associado a isso tínhamos uma campanha com os centros de saúde, que todos os bebés que iam fazer o teste do pezinho, recebiam uma mochila, onde tinham um folheto sobre os benefícios do contacto precoce com o livro, sobre as várias abordagens, como poderiam, entre outras, utilizar os livros para bebés.
Os contos andavam de escola em escola, era um roteiro, uma maratona de contos. [...] ia a uma escola do itinerário contar um conto, havia uma

escola que recebia e uma que ditava [...] havia um encontro final para que todos tivessem a possibilidade de assistirem aos contos que foram produzidos. [...] E não só, também havia contos da leitura tradicional, mas também havia muitas escolas que pegavam em livros ou liam, ou representavam, havia de tudo.
Promoção do acesso e de actividades da leitura. [...] Muitas vezes tínhamos vários contos e ligados à parte do verão, cuidados a ter.
Dar a conhecer a obra da X [autora]. Partiu sempre dos textos dela, das histórias dela [...] da obra literária do escritor. Incentivar a leitura.
Também é leitura textual. Porquê? Porque também partimos de história editada pela câmara sobre a XXX, que é um património do concelho e depois usar esta leitura como forma de aprender e conhecer mais sobre esta realidade, conhecer mais sobre as espécies da mata XXX [local], sobre, por exemplo, os morcegos, as árvores, as plantas. Um património a conhecer.
(Já indicado em 2013)
Tinha a ver com um jornalista que fez um ateliê sobre a prática.
Tem a ver com esta ligação que temos com o X [grupo de teatro], com as comunidades de leitores. São comunidades de leitores que partem de uma obra escrita, geralmente uma peça de teatro, mas conjugam aqui as duas coisas, conjugam a abordagem da obra em si e depois com todo o trabalho de montagem. [...]. Fazemos a abordagem com o encenador e por vezes com o próprio autor da peça.
Enriquecerem o programa de mobilidade com a prática para a promoção da leitura e reflexão para os estilos de vida saudáveis.
(Já indicado em 2013)
(Já indicado em 2013)
Visam dar a conhecer os recursos informativos da biblioteca.
(Já indicado em 2013)
(Já indicado em 2013)
Estava [refere-se a conferências sobre os livros, que foram editadas em livro comunicações] efectivamente previsto fazer-se um trabalho com as escolas. A produção dos guiões, que tem sido uma prática nos últimos anos neste registo de conferência, é uma prática que os nossos utilizadores gostam bastante, mas não temos conseguido que isso funcione efectivamente com uma forma de trabalho. [...]. Usar os tais conteúdos que foram propositadamente criados a nível de guião de leitura para aí sim, conseguir cumprir esta função de prática de leitura. [...]. Pomos esse mas se possível, fazendo essa ressalva. [...]. O que conseguimos fazer com as conferências XXX, exactamente, pois era esse o propósito, foi trabalhar mais as literacias, pois eram trabalhados um conjunto de conceitos que tinham a ver com política, filosofia, com as ciências [...]. Era uma actividade para a promoção da literacia cultural.
Comunidade de leitores. [...]. Não só o voluntarismo das pessoas que as dinamizam, como a longevidade como a prova do sucesso delas. [...]. Desaparecendo qualquer barreira interior que as pessoas tenham, desaparecendo qualquer foco de intimidação que estes edifícios possam ter, de impedimento que estes equipamentos possam ter, acho que temos meio caminho andado para trazeremos as pessoas à leitura, conseguir que as pessoas frequentem o espaço, basta isto, conseguir que as pessoas frequentem o espaço é meio caminho andado para conseguir tudo o resto. Porque mesmo que nós tenhamos uma acção no tempo e haja alguém que nunca veio.
Eles também têm uma coisa muito interessante. É que têm convidados que fazem lançamentos de livros nas próprias noites de XXX, mas também [...] abordam pontualmente prosa, mas essencialmente focam-se em poesia, na troca de impressões...
Hora do conto que tem sido um sucesso, mas não é promoção da leitura pura e dura, é a promoção da oralidade [...]. A ideia aqui de lançar XXX [prática] foi abranger as tais comunidades que rodeiam a biblioteca de XXX [local] [...], pensava eu que tinha pernas para andar, pernas para andar um ano, já lá vão quatro e é sustentada. O XXX [prática] tem sido sempre dinamizado por pessoas da comunidade, voluntários. Já temos cá alunos, alunos com professores, pais, avós, um artesanato. [...]. Há pessoas que vêm com o livro, lêem o livro e depois explicam o porquê; lêem o conto e depois explicam porquê é que aquilo é importante. Oral, patrimonial e não sei se se pode dizer uma própria literacia de valores, digamos que há uma pessoa de filosofia a ler um conto, uma pessoa que tem uma licenciatura em filosofia a ler um conto que era à volta de valores, depois a própria troca de impressões. Depois temos uma hora do conto e temos mais uma vez o cuidado em apostar sempre que possível, em pessoas profissionalizadas, que é sempre apoiada num livro, que é uma hora do conto apoiada num livro. Essas para mim são as actividades âncora, que são um sucesso. Ao sábado, esta biblioteca torna-se quase inaturável.
A ideia aí, diria muito mais, que é a pura e dura promoção da leitura, muito mais, haverá um ou outro projecto de [...], transliteracia... [...] este projecto é muito interessante porque nós envolvemos as escolas, envolvemos as bibliotecas de XXX [concelho] e envolvemos as livrarias e portanto, há aqui uma parceria muito clara entre a câmara e a XXX [uma instituição]
Tem muito a ver com questões de... literacia, literacia em termos gerais. [...]. Também a queremos virar para a literatura fantástica e para o "steampunk". [...] é muito virado para a estética, literatura estética e da questão do "steampunk" e do fantástico.
Projecto de literacia emergente e projecto de literacia familiar [...]. Tem quatro vertentes. [...] este foi o tal projecto que foi apoiado pela Gulbenkian durante seis meses. Depois trabalhámos com esses pais mensalmente ou bimensalmente, conforme depois haja a disponibilidade. Temos o tal ler em família que pretendemos que esses pais levem para casa sacos, que vão sendo trocados, os livros que lá estão, com pequenas fichas, muito na linha do... [...]. Chamar-lhes-ia mesmo mediadores de leitura em contexto familiar.
Visa lerem e compreenderem o que estão a ler e poderem ter visões completamente opostas. [...]. Aqui o grupo era um grupo muito exigente que tinham muitas vezes visões diferentes daquilo que liam e alguns deles começaram a criar as suas próprias comunidades.
Pelo XXX para jovens. [...]. Visava desenvolver o gosto pela poesia e fazer poesia, porque houve pessoas aqui que aprenderam a escrever poemas e depois começaram a publicar.
Nós fazíamos (contos tradicionais) todos os anos no verão e agora infelizmente não fazemos. Era com o Fontinha. E envolvia a comunidade.
O projecto XXX visava a promoção da literacia (visual).
Visa a realização de actividades de promoção do livro e da leitura junto do público escolar.
[Já indicado em 2013]. A leitura de uma obra escolhida, não se pode dizer que seja uma leitura encenada, uma leitura expressiva para crianças. Podemos destacar aqui os objectivos da actividade, que são a capacidade de escuta e o estimular a imaginação deles quando ouvem.

Quadro 20- Unidades de contexto do que são/visam as PPL destacadas, entre 2008-2012. Fonte: produção própria.

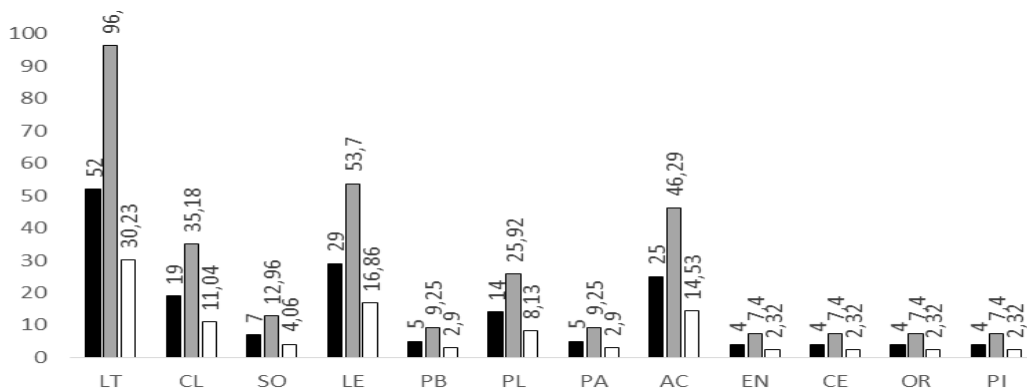


Gráfico 1- Objectivos visados pelas PPL nas bibliotecas da AML em 2013. 1ª coluna, total de práticas com um dado objectivo; 2ª, sua % em relação às 54 PPL destacadas, 3ª, a % das 172 respostas fornecidas em relação a objectivos. Fonte: produção própria

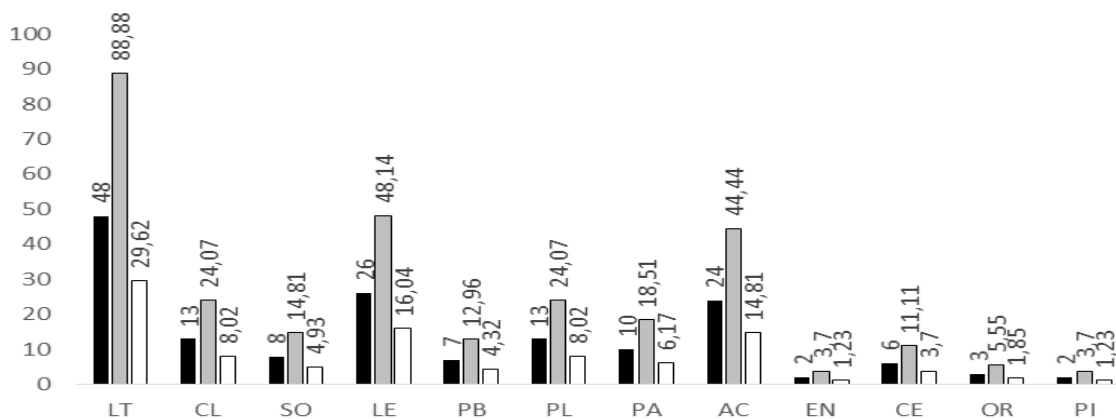


Gráfico 2. Objectivos visados pelas PPL nas bibliotecas da AML entre 2008-2012. 1ª coluna, total de práticas com um dado objectivo; 2ª, sua % em relação às 54 PPL destacadas; 3ª a % das 162 respostas fornecidas em relação a objectivos. Fonte: produção própria.

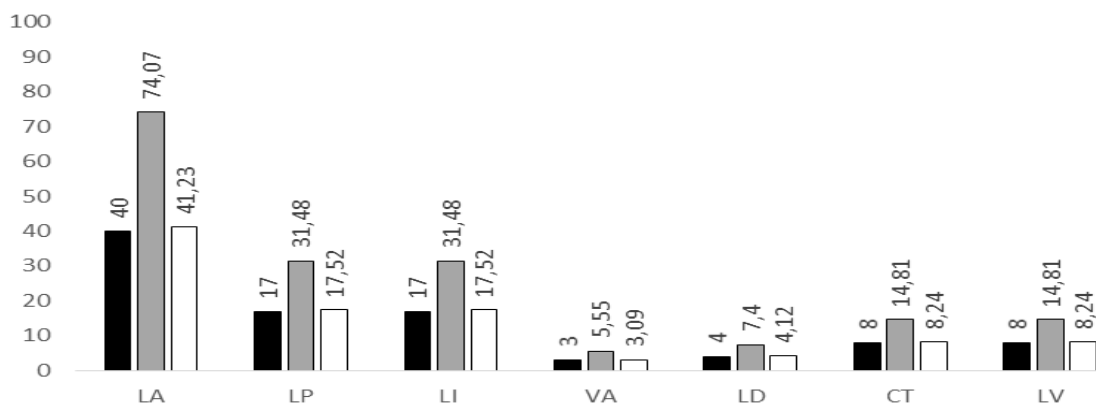


Gráfico 3 – Tipo de leitura promovida nas bibliotecas da AML em 2013. Leitura auditiva (LA); leitura partilhada (LP); leitura individual (LI); leitura em voz alta (VA); Leitura digital (LD); leitura contextual (CT); leitura visual (LV). 1ª coluna ano, 2ª % 54 PPL, 3ª % 97 respostas. Fonte: produção própria

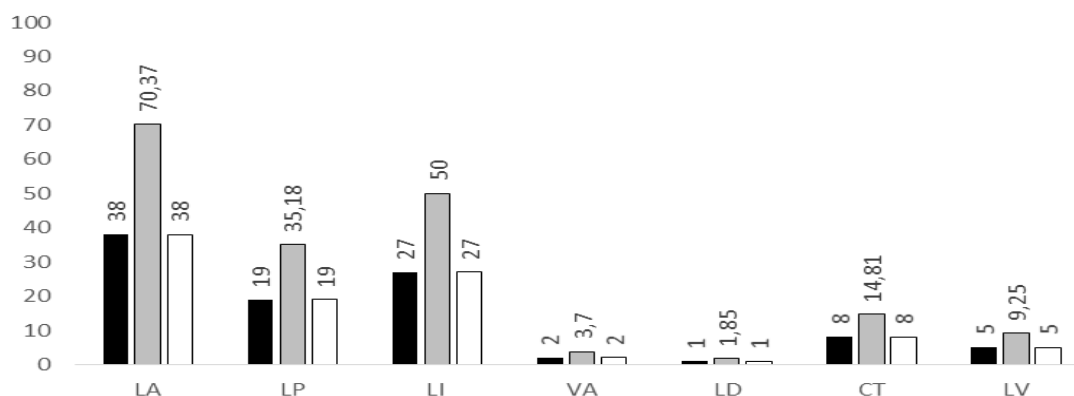


Gráfico 4 – Tipo de leitura promovida nas bibliotecas da AML, entre 2008-2012. Leitura auditiva (LA); leitura partilhada (LP); leitura individual (LI); leitura em voz alta (VA); Leitura digital (LD); leitura contextual (CT); leitura visual (LV). 1ª coluna anos, 2ª % 54 PPL, 3ª % 100 respostas. Fonte: produção própria

Literacias visadas	Competências a desenvolver	2013	2009 2012	Total
Literacia de informação	Saber pesquisar, seleccionar e usar informação	2		2
Literacia digital	Conhecer e usar a dequadamente os meios e conteúdos digitais	4	1	5
Literacia emergente	Explorar capacidades sensoriais de leitura precoce para futura aprendizagem formal da leitura e da escrita	10	5	15
Literacia social	Compreender os normativos e valores de um dado contexto social para o desenvolvimento crítico e informado de comportamentos	1		1
Literacia em poesia	Conhecer códigos de expressão e abordagem ao conteúdo poético e sua fruição	3	2	5
Literacia musical	Conhecer e relacionar códigos, técnicas e sentidos da linguagem de combinação e expressão de sons e ritmos organizados num período de tempo.	-	1	1
Literacia teatral	Conhecer e usufruir códigos de abordagem a conteúdos, contextos e produção de dramatologia.	1	1	2
Literacia cultural oral	Conhecer conteúdos patrimoniais orais e saberes práticos da tradição cultural material e simbólica transmitida vocalmente	6	3	9
Literacia histórica	Conhecer e interpretar fundamentada e criticamente o passado para a construção de uma consciência social da história dos colectivos humanos	1		1
Literacia cultural	Adquirir informação e conhecimento sobre modelos e convenções culturais e ter sobre eles uma reflexão consciente	-	1	1
Literacia visual	Conhecer e relacionar códigos de expressão e abordagem a conteúdos visuais, sua fruição e produção	5	1	6
Literacia auditiva	Explorar o universo sonoro e a memória auditiva verbal para ampliar informação sobre a língua e as diversas linguagens de comunicação		1	1
Literacia da escrita	Conhecer e compreender o vocabulário, estruturas morfológico-sintáticas e saber usar a linguagem escrita	1	4	5
Literacia matemática	Usar conhecimentos matemáticos para formular, representar e resolver problemas, operações e formular relações apropriadas	1		1
Literacia financeira	Saber gerir o dinheiro usando um julgamento informado nas decisões de investimentos e conhecer ferramentas financeiras do quotidiano	1		1
Literacia crítica	Pensar e projectar um pensamento crítico informado e fundamentado	3		3
Literacia mediática	Analisar fontes informativas e conteúdos de informação veiculados pelos media para construir pontos de vista críticos informados e se necessário alternativos	1	1	2
Literacia em saúde	Compreender e usar informação para manter a saúde, tomar decisões responsáveis e saber como aceder a cuidados de saúde	1	1	2
Literacia ambiental	Identificar e relacionar factores que potenciam desequilíbrios ambientais e desenvolver comportamentos pró-ambientais.	1	2	3
Literacia científica	Usar conhecimento científico para retirar conclusões baseadas em evidências		1	1
Transliteracias	Promover a leitura e a escrita numa variedade de plataformas, usando diversos recursos comunicacionais com base numa ou várias literacias	2	2	4
Total		43	27	70

Quadro 21- Eventuais competências de literacia a desenvolver nas práticas de promoção da leitura destacadas
Fonte: produção própria.

Amostra	Metodologias/processos utilizados
	Unidades de contexto discursivo
E1	<p>V- Porque é que estes métodos e processos, [preparação prévia, envolvimento de parceiros], porque é que vocês escolhem esses processos? Quer fundamentar?</p> <p>E- Porque decidimos que era assim. A leitura não tem que ser obrigatória, mas feita dessa forma, de forma lúdica, porque faz a hora da leitura e depois tem a possibilidade de conhecer o autor e acho que há sempre uma motivação grande para eles lerem. Decidimos que era assim, porque só faz sentido de vir o autor se os miúdos tiverem lido o livro. Nem sempre é assim, há autores que não exigem isso, quando são aqueles livros para os mais pequeninos, livros mais lúdicos, que são livros em verso, porque os miúdos gostam muito de rimas, não exigem grande coisa e nós não fazemos essa exigência ao professor, mas eles “a posteriori” procuram o livro.</p>
E2	<p>E- A nível conceptual, não existe. Isto é feito empiricamente. Há um fio condutor que tentamos sempre manter nas atividades como uma ligação directa à promoção do livro e da leitura, ter sempre a percepção do que isto contribui para criar hábitos de leitura e criar leitores.</p>
E3	<p>E- Por norma tem por objectivo um público específico e existe uma preocupação na exploração do que nós temos dentro de casa, dos nossos fundos. [...] O objectivo é ver o que daí resulta em termos práticos no final do ano de maior empréstimo de maior leitura a nível da biblioteca não é? A animação, então sim, é uma espécie de marketing que nós temos, nós bibliotecas para atrair pessoas.</p> <p>V- Queres fundamentar as razões para ter usado esses métodos e processos?</p> <p>E- Eu acho que às vezes é tudo tão natural que é difícil falar sobre as coisas. É difícil às vezes especificar as coisas porque também não paramos para pensar se realmente os métodos que nós utilizamos são métodos... como é que eu te hei-de explicar. São práticas que nós usamos, tão correntes e tão normais, não é, como o conceber um projecto, avaliar o projecto, ao que se ajusta, ver o tipo de público que vamos atingir, que às vezes nem paramos para pensar se realmente as práticas correntes são as melhores ou não. Daquilo que nos é exigido, se é que nos é exigido alguma coisa, às vezes penso que não; às vezes as vereações o que querem é saber quantos mil vieram ao longo do ano, quantos entraram na biblioteca... Não lhes interessa saber quantos centímetros investiram por habitante, não lhes interessa; só lhes interessa saber se aumentou ou diminui o número de público que frequentou a biblioteca e muitas vezes não nos deixa margem para reflectir sobre estas questões.</p>
E4	<p>E- São coisas que vão surgindo. Por vezes até são propostas que vêm...</p> <p>V- Isso é como chega; mas depois qual é o vosso caminho, o método?</p> <p>E- É desenvolver para que as coisas possam ser implementadas e depois é feito um processo de divulgação interior e exterior.</p> <p>V- Porque é que vocês escolhem esses métodos?</p> <p>E- Porque é a forma que achamos que o público poderá aceder e despertar, que poderá vir á biblioteca. O nosso objectivo não é só o público que está todos os dias na biblioteca e com algumas destas actividades conseguimos ganhar mais público, que [como] foi nestes dois últimos anos.</p>
E5	<p>E- Estes métodos dão garantia de sucesso porque nós vimos a trabalhar neles há imensos anos e temos tido “feedback” deles.</p> <p>V- O “feedback” tornou-se [é] positivo?</p> <p>E- O “feedback” tornou-se [é] positivo. Temos o público, o nosso objectivo era criar públicos e eles estão cá. Estão na biblioteca, eles vêm à biblioteca e mesmo com o aparecimento das bibliotecas escolares, nós no concelho de XXX temos trinta e tal bibliotecas escolares, continuamos ainda, embora essa faixa etária fique muito pelas bibliotecas escolares, já traz o livrinho da escola, mas quando tem tempo livre regressa à biblioteca municipal.</p>
E6	<p>E- O nosso método específico de acordo com cada um dos projectos, basicamente, é tentar fundamentar até que ponto determinado projecto é para determinado grupo etário, em que sentido é que isso vai ajudar o sujeito a que é dirigido [...] para dar competência a quem o projecto se dirige directamente; outro também ajuda a dar competências a quem no fundo está a ajudar, vamos lá ver se me faço entender, um projecto que seja para bebés, muitas vezes o projecto é para os bebés, mas também, ao mesmo tempo, está a dar competências aos pais para que em casa o trabalho que é feito aqui tenha continuidade em casa.</p> <p>V- Quer fundamentar as razões porque escolhem este caminho?</p> <p>E- Porque nós acreditamos que este é o caminho. Não vale a pena estar a fazer actividades pontuais sem que fique nada; fica naquele momento, naquele momento assistiu-se, viu-se, ouviu-se, mas passado aquele momento tudo se acaba por esquecer e não se cria aqui raiz nenhuma.</p>
E7	<p>E- Este nosso processo pode ser, sempre, pensado no ano anterior.</p> <p>V- Mais alguma coisa?</p> <p>E- Depois há livro e exposições que ao longo do ano, somos contactados para lançamentos de livros e exposições, [...] que tentamos conciliar. [...]. Temos sempre essa preocupação desse enquadramento que não sejam actividades soltas, têm que ter sempre uma sequência e têm que estar sempre enquadrados. Neste momento estamos a pensar no dia do alimento e não tinha sido planeado antecipadamente, vamos ter uma história com conversa sobre a alimentação. Uma apresentação que fale sobre alimentação saudável para as famílias, um ateliê, tem que ter tudo uma sequência. [...] Foi uma forma que nós encontramos, realmente, [para] que a programação da biblioteca tenha um sentido, um fio condutor.</p>

E8	<p>E- Eu posso-lhe dar o exemplo, eu fui professora durante sete anos e tinha sempre uma grande preocupação com a planificação da aula, o que é que eu ia fazer, como é que ia acontecer, que interrogações eu podia colocar a mim própria antes de a aula acontecer? Que expectativas podiam criar nos alunos, suscitar e que eu podia estar de alguma forma pronta a responder e é assim que eu concebo este serviço educativo, é pensando de uma forma sistemática sobre o que é que pode ser útil, o que é que pode ser apelativo para aquele grupo de turma em presença, como é que nós, biblioteca, podemos contribuir para a formação do leitor. Pode auxiliar o dia-a-dia do docente, como é que podemos mostrar o livro realmente como objecto de deslumbre e que dê vontade de ler.</p>
E9	<p>V- Queres indicar as razões porque é que optam por estes métodos de trabalho e não outros? E- Foi uma prática que foi enraizada, as pessoas foram trabalhando, sentem-se confortáveis com isso, também há uma boa reacção, do outro lado também é isso que se procura, temos feito muito esse tipo de trabalho. Depois há muita proximidade [...]. Nestes grupos temos bons indicadores de um ponto de vista de utilização dos recursos, procuram-nos.</p>
E10	<p>E- Pois, portanto, o objectivo é simples, desenvolver práticas para que os participantes tenham vontade de pegar no livro e levá-lo, nós tentamos desenvolver sempre práticas de exploração do livro de uma forma também lúdica, mas que tenha sempre uma componente didáctica, didáctica no sentido que será mais educativa, que acrescente conhecimentos, mas que também seja agradável estar ali e que acrescente sempre algum conhecimento. V- Porque é que vocês têm essa preocupação? E- Essa preocupação, nós tentamos sempre [...] achamos que é importante que assim seja, mas que as pessoas consigam referir [reter] alguma informação, mas que não seja dada assim muito directamente, por práticas mais lúdicas mas que digam alguma coisa.</p>
E11	<p>E- Assentam no livro. V- Seja textual, seja digital, num livro? E- Sim. Sim. V- Numa base textual? E- Sim. Porque aí predomina o livro. V- Numa base textual com predomínio do livro? E- Sim. Isso começa sempre, a metodologia começa sempre com uma recolha de informação, uma avaliação dos recursos, como é que eu hei-de explicar, uma avaliação no sentido de adequar à informação daquilo que vamos recolhendo do que vamos fazendo, se baseada em experiência acumulada também. [...] V- Porque é que é assim que vocês fazem as coisas? E- Porque temos que reflectir sobre o que fazemos e porque temos que organizar o trabalho não é? Seria impensável numa rede ou numa equipa. Isto tem dois objectivos, não se programa uma actividade sem reflectir, ou seja, o nosso objectivo não é andar a fazer objectivos por fazer actividades e o que eu percebi de início nas equipas, é que isto era uma maneira de ajudar à própria concepção, pronto. E todas as pessoas trabalham no mesmo método, ou seja, todas as pessoas acabam por dar os mesmos passos na concepção de uma actividade, porque é vantajoso em termos de trabalho de equipa. [...]. V- Anoto, então, razões de reflexão e operacionalização da actividade? E- Sim, mas também tem outra vantagem, nós replicamos. Nós gastamos tempos a preparar uma actividade, construindo algumas vezes, alguns recursos, isto é rentabilizado na rede. Muitas vezes esta actividade, as pessoas da equipa não podem estar a programar a actividade. Nós fazemos actividades regulares todas as semanas, todos os meses, era impensável por uma equipa tão pequena andar sempre a fazer actividades novas. Tendo as fichas, e havendo uma cooperação, as pessoas, a equipa troca, muitas das vezes, as actividades. Um mês estão nesta biblioteca e no mês seguinte estão na outra, portanto, e dividimos a concepção [e a operacionalização, depreende-se] das actividades por várias pessoas.</p>
E12	<p>E- Quando é feita a actividade e é apresentada na infanto-juvenil há uma preocupação de escolher um tema, primeiro que o tema escolhido seja relevante em termos da actualidade. Não vamos escolher o mar só porque nos apetece escolher o mar. [...] Ter um tema que de alguma forma diga algumas coisas, que também possamos abordar com as escolas que é para a malta das escolas, [saber] o que é que eles estão a trabalhar, há essa preocupação. Depois há sempre aquela componente, primeiro na literacia infantil é uma educadora que está à frente, há sempre aquela análise pedagógica. Ela faz sempre aquela análise pedagógica, como é que vamos abordar o tema de forma a que isto chegue ao público. Depois é como eu digo, não se esqueçam que somos uma biblioteca, o objectivo das nossas actividades, em último caso é promover aquilo que nós temos, que podemos oferecer. Temos na nossa biblioteca actividades que são quase diárias, promover os nossos acervos, não é, quer os serviços que nós prestamos à comunidade, que são aqueles serviços que são recorrentes da biblioteca, da nossa missão e mais alguma coisa que possamos oferecer. V- Porque é que vocês têm este caminho, este método? E- Porque temos trabalhado, temos preparado ao longo destes anos, tanto que agora o trabalho que temos feito junto dos interlocutores tem tido uma avaliação positiva, até hoje não se equacionou outro tipo de abordagem, aqui há um pouco do nosso comodismo também, por outro lado é o outro tipo de coisas que nós conseguimos fazer com os recursos que temos neste momento. Temos que trabalhar só com a prata da casa, sem custos.</p>
E13	<p>E- Implica, como tinha dito logo no início, há sempre livros e autores envolvidos, por isso implica selecção de obras, é comum a todas essas actividades que falamos [...]. V- Porque é que vocês fazem as coisas desta maneira? E- Se calhar porque somos nós e não outras pessoas. Porque se fosse outro grupo de pessoas a fazer, mesmo partindo dos mesmos pressupostos não fará igual, poderá fazer parecido, melhor ou diferente.</p>

E14	E- Não temos, exactamente porque a interpretação que nós temos do conceito de promoção leitura e das práticas de leitura é de tal forma abrangente, que acabamos por usar ou adaptar a cada uma das actividades que temos e a cada um dos projectos que implementamos ao longo do tempo, metodologias muito diferentes e por isso não é possível criar aqui uma. A metodologia de aproximação de práticas de promoção de leitura é esta, tem muito a ver com as situações criadas.
E15	E- Não sei se lhe estou a dizer algum disparate, mas há um denominador comum, não sei se já ouviu dizer, mas há coisas que só são sucesso porque funcionaram muito mais pela atracção do que pela promoção. E acredito que, daí esta ideia de as pessoas tornarem a biblioteca num espaço familiar, ser familiar para elas, eu acho que a promoção de leitura deve começar, primeiro, pela atracção para a leitura. A atracção pela leitura é o primeiro passo para chamar as pessoas ao espaço da biblioteca. Nós sentimos isto muito cá, mais uma vez tem a ver com estas comunidades, a necessidade de integrar as comunidades na biblioteca, está muito primeiro do passarmos logo para projectos muitos específicos de promoção da leitura. V- Depois como é que já podem passar para eles, como é que vocês? E- Aí temos uma metodologia, que é temos muita ideia do que é que queremos em termos de público, focos. A ideia do, por exemplo, dos livros da minha vida é muito para o público adulto. Facilmente achamos que o público adulto já tem hábitos de leitura, não sei se a estatística de empréstimo que temos aqui não é assegurada por 25% dos leitores inscritos na biblioteca. V- Porque é que consideram estes métodos e processos? E- Porque já nos deram indícios de sucesso. Porque nos deram indícios de serem um bom caminho para o sucesso.
E16	No outro dia fiz uma apresentação em que o tema da comunicação era XXX. Aqui, a ideia do verbo vinha-se interligar com tudo o resto e vinha-se interligar porque as bibliotecas se não forem acção e se não forem conjugadas na primeira, na segunda e na terceira e assim, com os pronomes pessoais, não fazem sentido; as bibliotecas quando abrem as portas têm de envolver as pessoas e aí temos o trabalho de que as pessoas experimentem as coisas. E quando fazemos trabalhos de continuidade, e por exemplo, muito nesta linha da experimentação que seja, ou até pode acontecer numa comunidade de leitores se nós quisermos virar-nos para a promoção da leitura. [...]. O público, pode também ele próprio ter, ser interveniente, ser personagem, muito nesta coisa, do envolvimento activo sim, mas também de levar as pessoas a perceberem o que é que se pretende delas. Há projectos sim, que as pessoas têm um envolvimento passivo, mas nesta lógica da experimentação.
E17	E1- O que nós pretendíamos mesmo era desenvolver o gosto pela leitura, pelos livros, pelo espaço da biblioteca e que isso fosse enquadrado culturalmente, portanto, não fosse apenas práticas que se relacionassem só com a biblioteca mas que abrangessem, também a parte cultural da comunidade. [...]. V- Porque é que consideram que este método é importante? E1- Porque ele movimentou toda a comunidade.
E18	E- Sim. Há sempre certas actividades ou tarefas que têm que ser sempre tomadas em linha de conta, de que forma é que divulgamos e isso tem que ser feito sempre da mesma forma. V- A minha pesquisa é sobre as práticas e promoção da leitura. Aqui, aquilo que engloba a parte mais da operacionalização das próprias práticas é porque... E- isso assim de uma forma concreta, não há uma definição, não vejo que isso esteja assim definido de forma concretizada.

Quadro 22- Unidades de contexto das metodologias/processos utilizados. Fonte: produção própria.

Tipos de fundamentação	Amostra	Fundamentação individualizada das metodologias/processos utilizados
Decisão/ crença Dimensão lúdica Motivacional Promoção do livro e da leitura	E1	- Porque decidimos que era assim - A leitura não tem que ser obrigatória, mas feita dessa forma, de forma lúdica - Tem a possibilidade de conhecer o autor e acho que há sempre uma motivação grande para eles lerem - Só faz sentido de vir o autor se os miúdos tiverem lido o livro
Empírica. Promoção do livro e da leitura Criar hábitos de leitura e leitores.	E2	- A nível conceptual, não existe. Isto é feito empiricamente. - Tentamos sempre manter nas actividades como uma ligação directa à promoção do livro e da leitura. - A percepção do que isto contribui para criar hábitos de leitura e criar leitores.
Visar públicos específicos Exploração do acervo Promover os resultados da biblioteca Atrair públicos Empírica.	E3	- Em norma tem por objectivo um público específico. - Existe uma preocupação na exploração do que nós temos dentro de casa, dos nossos fundos - Em termos práticos no final do ano de maior empréstimo de maior leitura a nível da biblioteca [...] às vezes as vereações o que querem é saber quantos mil vieram ao longo do ano, quantos entraram na biblioteca. - A animação, então sim, é uma espécie de marketing que nós temos, nós bibliotecas para atrair pessoas. - Não paramos para pensar se realmente os métodos que nós utilizamos são métodos... [...] muitas vezes não nos deixam margem para reflectir sobre estas questões.
Casuística Processual Divulgativa Atrair públicos Promover frequência Captar novos públicos	E4	- São coisas que vão surgindo. Por vezes até são propostas que vêm... - É desenvolver para que as coisas possam ser implementadas. - Depois é feito um processo de divulgação interior e exterior. - É a forma que achamos que o público poderá aceder e despertar. - É a forma que achamos que o público [...] poderá vir á biblioteca. - Não é só o público que está todos os dias na biblioteca e com algumas destas actividades conseguimos ganhar mais público.
Sucesso com base no “feedback” Criar públicos	E5	- Estes métodos dão garantia de sucesso porque nós vimos a trabalhar neles há imensos anos e temos tido feedback deles. - O nosso objectivo era criar públicos e eles estão cá.
Adequação à idade Contribuir p/ compet. dos destinatários Decisão/ crença Consolidar a informação dos destinatários	E6	- Até que ponto determinado projecto é para determinado grupo etário. - Em que sentido é que isso vai ajudar o sujeito a que é dirigido. - Dar competências aos pais. - Porque nós acreditamos que este é o caminho. - Não vale a pena estar a fazer actividades pontuais sem que fique nada, [...] passado aquele momento tudo se acaba por esquecer e não se cria aqui raiz nenhuma.
Programação Promoção do livro Actividades culturais Articulação de actividades	E7	- Este nosso processo pode ser, sempre, pensado no ano anterior - Depois há livro. - [Depois há livro] e exposições que ao logo do ano, somos contactados para lançamentos de livros e exposições. - Temos sempre essa preocupação desses enquadramentos que não sejam actividades soltas, têm que ter sempre uma sequência e têm que estar sempre enquadradas.
Contribuir para a formação do leitor Promoção do livro e da leitura	E8	- É pensando de uma forma sistemática sobre o que é que pode ser útil, o que é que pode ser apelativo para aquele grupo de turma em presença, como é que nós, biblioteca, podemos contribuir para a formação do leitor. - Como é que podemos mostrar o livro realmente como objecto de deslumbre e que dê vontade de ler.
Continuidade, habitual Receptividade Promoção do livro	E9	- Foi uma prática que foi enraizada, as pessoas foram trabalhando, sentem-se confortáveis com isso. - Também há uma boa reacção, do outro lado também é isso que se procura, temos feito muito esse tipo de trabalho. Depois há muita proximidade. - Nestes grupos temos bons indicadores de um ponto de vista de utilização dos recursos, procuram-nos.
Promoção do livro Lúdica-didáctica Acréscimo de conhecim. Lúdica e informativa	E10	- Desenvolver práticas para que os participantes tenham vontade de pegar no livro e levá-lo. - Tentamos desenvolver sempre práticas de exploração do livro de uma forma também lúdica, mas que tenha sempre uma componente didáctica. - Didáctica no sentido que será mais educativa, que acrescente conhecimentos, mas que também seja agradável estar ali e que acrescente sempre algum conhecimento. - Que as pessoas consigam referir [reter] alguma informação, mas que não seja dada assim muito directamente, por práticas mais lúdicas mas que digam alguma coisa.
Promoção do livro Processual	E11	- Assentam no livro. - A metodologia começa sempre com uma recolha de informação, uma avaliação dos recursos. Uma avaliação no sentido de adequar à informação daquilo que vamos recolhendo do que vamos fazendo, se baseada em experiência acumulada também. - Temos que reflectir sobre o que fazemos e porque temos que organizar o trabalho não é? [...] não se programa uma actividade sem reflectir, - O nosso objectivo não é andar a fazer objectivos por fazer actividades [...] é que isto era uma maneira de ajudar á própria concepção. - Todas as pessoas trabalham no mesmo método, ou seja, todas as pessoas acabam por dar os

		<p>mesmos passos na concepção de uma actividade, porque é vantajoso em termos de trabalho de equipa. [...].</p> <ul style="list-style-type: none"> - Também tem outra vantagem, nós replicamos. Nós gastamos tempos a preparar uma actividade, construindo algumas vezes, alguns recursos, isto é rentabilizado na rede. - Tendo as fichas, e havendo uma cooperação, as pessoas, a equipa troca, muitas das vezes, as actividades. Um mês estão nesta biblioteca e no mês seguinte estão na outra, portanto, e dividimos a concepção [e a operacionalização, depreende-se] das actividades por várias pessoas.
Actualidade Informativa Focalização no público Promoção do acervo Princípios normativos Continuidade Acomodação Compatibilidade com os recursos	E12	<ul style="list-style-type: none"> - Quando é feita a actividade e é apresentada na infanto-juvenil há uma preocupação de escolher um tema, primeiro que o tema escolhido seja relevante em termos da actualidade. - Ter um tema que de alguma forma diga algumas coisas. - [Um tema] que também possamos abordar com as escolas também, que é para a malta das escolas o que eles estão a trabalhar, há essa preocupação. - Há sempre aquela análise pedagógica. Ela faz sempre aquela análise pedagógica, como é que vamos abordar o tema para que isto chegue ao público. - Não se esqueçam que somos uma biblioteca, o objectivo das nossas actividades, em último caso é promover aquilo que nós temos, que podemos oferecer. Temos na nossa biblioteca actividades que são quase diários, promover os nossos acervos, não é. - [Promover] os serviços que nós prestamos à comunidade, que são aqueles serviços que são recorrentes da biblioteca, da nossa missão e mais alguma coisa que possamos oferecer. - Porque temos trabalhado, temos preparado ao longo destes anos, tanto que agora os trabalhos que temos feito junto dos interlocutores têm tido uma avaliação positiva. - Até hoje não se equacionou outro tipo de abordagem, aqui há um pouco do nosso comodismo. - Por outro lado este é o outro tipo de coisas que nós conseguimos fazer com os recursos que temos neste momento. Temos que trabalhar só com a prata da casa, sem custos.
Processual Identidade própria	E13	<ul style="list-style-type: none"> - Há sempre livros e autores envolvidos, por isso implica selecção de obras, é comum a todas essas actividades que falamos. - Se calhar porque somos nós e não outras pessoas. Porque se fosse outro grupo de pessoas a fazer, mesmo partindo dos mesmos pressupostos não fará igual, poderá fazer parecido, melhor ou diferente.
Processual, contingencial, circunstancial	E14	<ul style="list-style-type: none"> - A interpretação que nós temos do conceito de promoção leitura e das práticas de leitura é de tal forma abrangente, que acabamos por usar ou adaptar a cada uma das actividades que temos e a cada um dos projectos que implementamos ao longo do tempo, metodologias muito diferentes e por isso não é possível criar aqui uma. A metodologia de aproximação de práticas de promoção de leitura é esta, tem muito a ver com as situações criadas.
Atrair públicos Integração social Resultados anteriores	E15	<ul style="list-style-type: none"> - Há um denominador comum, não sei se já ouviu dizer, mas há coisas que só são sucesso, porque funcionaram muito mais pela atracção do que pela promoção. - E acredito que, daí esta ideia de as pessoas tornarem a biblioteca num espaço familiar, ser familiar para elas, eu acho que a promoção de leitura deve começar, primeiro, pela atracção para a leitura. A atracção pela leitura é o primeiro passo para chamar as pessoas ao espaço da biblioteca. - Nós sentimos isto muito cá, mais uma vez tem a ver com estas comunidades, a necessidade de integrar as comunidades na biblioteca, está muito primeiro do passarmos logo para projectos muito específicos de promoção da leitura. - Facilmente achamos que o público adulto já tem hábitos de leitura, não sei se a estatística de empréstimo que temos aqui não é assegurada por 25% dos leitores inscritos na biblioteca. - Porque já nos deram indícios de sucesso. Porque nos deram indícios de serem um bom caminho para o sucesso.
Focalização nos públicos Envolvimento activo Experienciação	E16	<ul style="list-style-type: none"> - Interligar com tudo o resto e vinha-se interligar porque as bibliotecas se não forem acção e se não forem conjugadas na primeira, na segunda e na terceira e assim, com os pronomes pessoais, não fazem sentido. - As bibliotecas quando abrem as portas têm de envolver as pessoas e aí temos o trabalho de que as pessoas experimentem as coisas. - E quando fazemos trabalhos de continuidade, e por exemplo, muito nesta linha da experimentação.
Focalização na comunidade	E17	<p>E- O que nós pretendíamos mesmo era desenvolver o gosto pela leitura, pelos livros, pelo espaço da biblioteca e que isso fosse enquadrado culturalmente, portanto, não fosse apenas práticas que se relacionassem só com a biblioteca mas que abrangessem, também a parte cultural da comunidade. [...]</p> <p>V- Porque é que consideram que este método é importante?</p> <p>E- Porque ele movimentou toda a comunidade.</p>
Processual Indefinição de critérios	E18	<ul style="list-style-type: none"> - Sim. Há sempre certas actividades ou tarefas que têm que ser sempre tomadas em linha de conta, de que forma é que divulgamos e isso tem que ser feito sempre da mesma forma. - Não há uma definição, não vejo que isso esteja assim definido de forma concretizada

Quadro 23- Tipologias de fundamentação das metodologias/processos utilizados nas PPL. Fonte: produção própria.

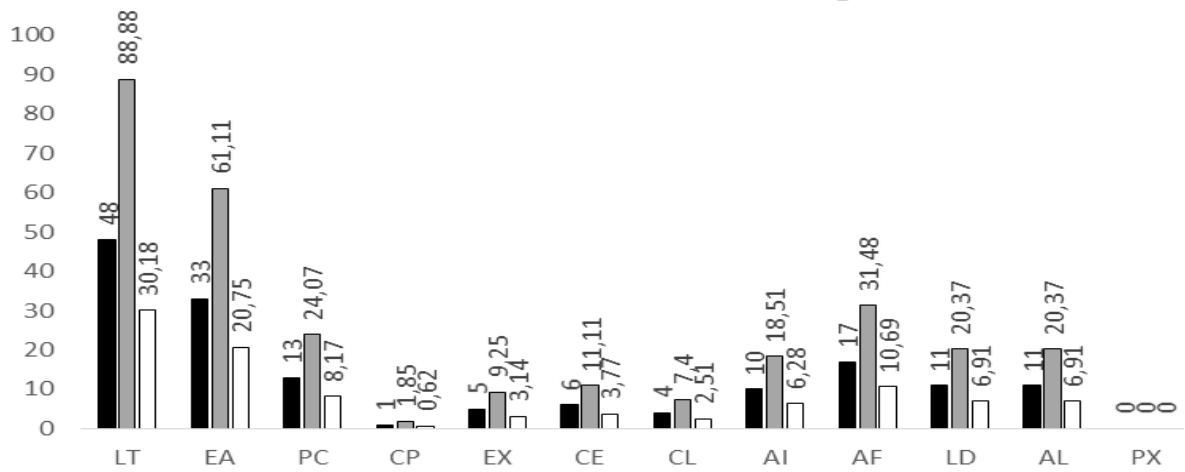


Gráfico 5 - Recursos metodológicos aplicados às PPL em 2013.
 1ª coluna, tipo de recurso considerado; 2ª a sua % nas 54 PPL; 3ª, a % nas 159 respostas. Fonte: produção própria

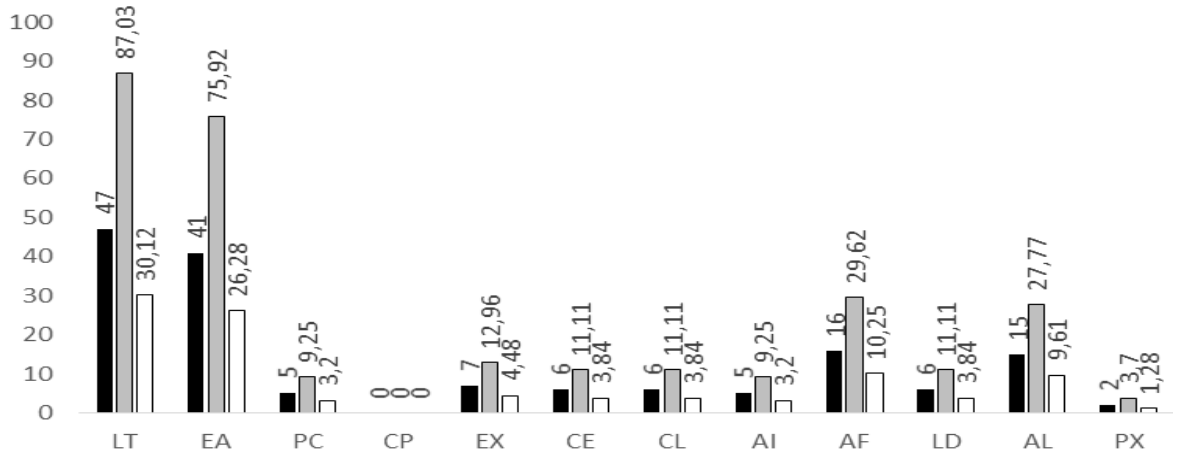


Gráfico 6 - Recursos metodológicos aplicados às PPL entre 2008-2012.
 1ª coluna tipo de recurso considerado; 2ª a sua % nas 54 PPL, 3ª, a % nas 156 respostas. Fonte: produção própria

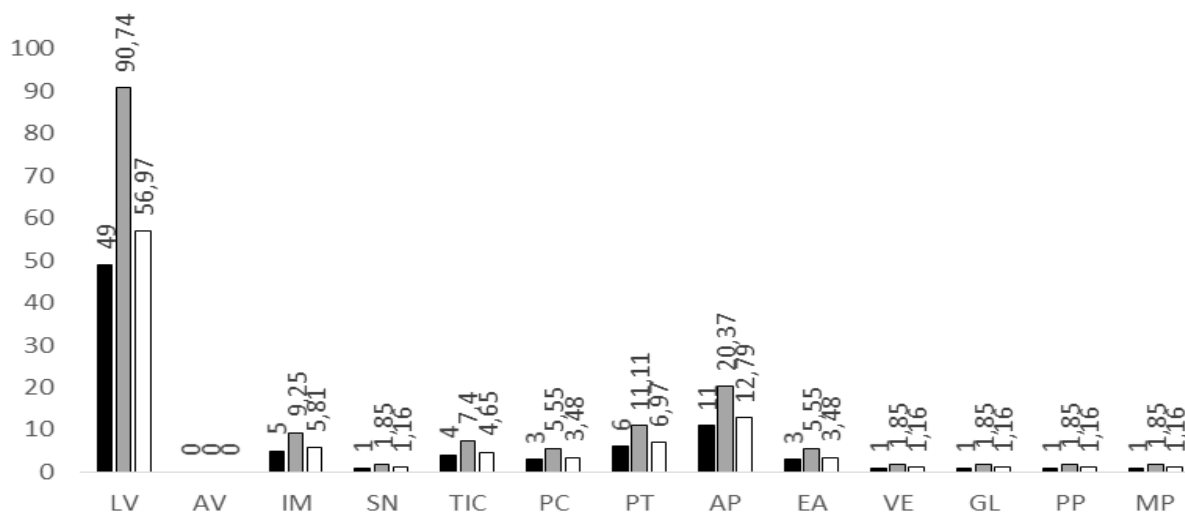


Gráfico 7- Recursos instrumentais privilegiados nas PPL destacadas em 2013. Livro (LV); audiovisuais (AV); imagem (IM); som (SN); tecnologias de informação e comunicação (TIC); património cultural (PC); perícias e conhecimentos técnicos de criação/produção (PT); artes performativas (AP); encontros com autores e outros criadores (EA); visitas externas (VE); guíões de leitura (GL); publicações periódicas (PP); manipulação de materiais (MP). 1ª coluna, ano, 2ª, % 54 PPL, 3ª % 86 respostas. Fonte: produção própria.

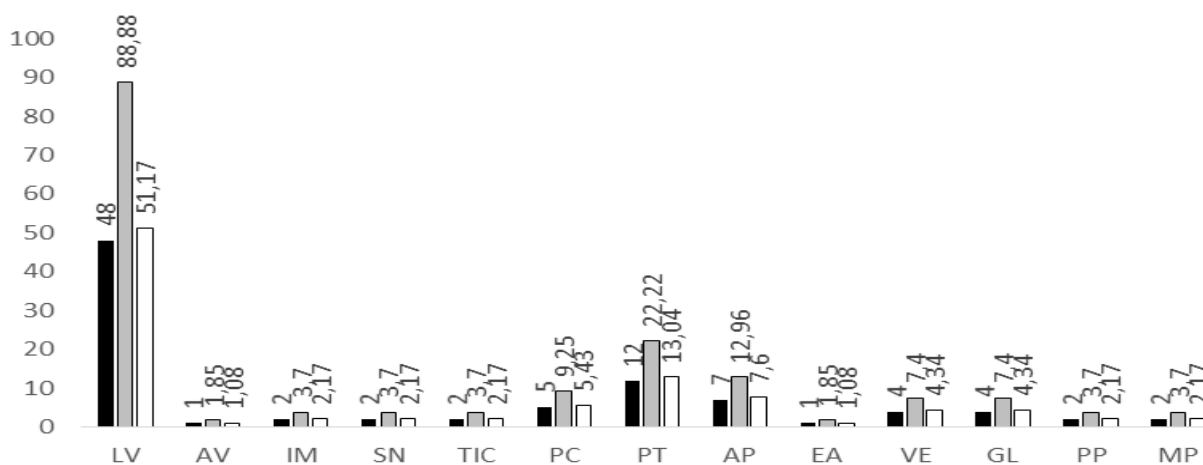


Gráfico 8 – Recursos instrumentais privilegiados nas PPL destacadas entre 2008-2012. Livro (LV); audiovisuais (AV); imagem (IM); som (SN); tecnologias de informação e comunicação (TIC); património cultural (PC); perícias e conhecimentos técnicos de criação/produção (PT); artes performativas (AP); encontros com autores e outros criadores (EA); visitas externas (VE); guíões de leitura (GL); publicações periódicas (PP); manipulação de materiais (MP). 1ª coluna, anos, 2ª, % 54 PPL, 3ª % 92 respostas. Fonte: produção própria.

Amostra	Estratégias de abordagem utilizadas nas PPL entre 2008-2013
Unidades de contexto discursivo	
E1	E- Normalmente fazemos uma apresentação e chamamos sempre a atenção para a importância da leitura, para a frequência do espaço, dizemos sempre que a biblioteca é de todos.
E2	<p>E- Não serão comuns às três. Os grupos de leitura são destinados a jovens adultos e a partir daí, aos adultos e às pessoas mais idosas e portanto são grupos que se vão constituindo e que eles próprios têm uma dinâmica interna, vão escolhendo os livros que querem ler e fazendo essa abordagem e escolhendo sempre os caminhos por onde querem ir. O papel do mediador também será, de vez em quando, reconduzir as discussões que se dão no próprio grupo à leitura...</p> <p>V- Quanto às outras?</p> <p>E- Quanto às animações, há sempre esse cuidado de escolher um autor que seja adequado aquele nível etário e também fazer a ligação aos livros e à leitura e ao uso da biblioteca, apelar a que estas crianças voltem à biblioteca. Temos disso alguns exemplos que são as crianças que estiveram cá durante a semana e voltam no sábado. [...]. Vamos com eles à sala infanto-juvenil e mostramos os livros que temos ao seu dispor, dizemos que basicamente se quiserem voltar para ler estes livros, podem fazê-lo, a biblioteca está só aberta no seguinte horário, podem trazer os vossos pais, aproveitem no próximo fim-de-semana e tragam-nos cá e aproveitem para fazer os cartões de leitor. [...]. Como te disse a recepção começa sempre na sala infanto-juvenil, que é onde estão os materiais.</p> <p>V- Mas depois para a actividade?</p> <p>E- Aí eu creio, e não sou eu que faço isto no dia-a-dia, mas há sempre um apelo ao envolvimento das próprias crianças durante a animação, há diálogo, há um remeter de questões para as crianças, pedindo-lhes participação e suscitando as respostas delas. Portanto nunca se trata, de como dizemos, dramatização, nunca se trata de algo que tenha só uma vertente dos animadores para as crianças que estão a assistir, portanto há sempre essa participação e essa interacção, não são só espectadores. A adesão das crianças à actividade mede-se, obviamente, pelo diálogo de interacção que têm com os animadores. [...] O XXX [prática] trata-se de uma ocupação desses tempos livres de Verão e temos uma série de envolvimentos lúdicos da leitura, tem a ver, logo, por eles estarem divididos por participantes, estarem divididos em escalões etários, e conviverem com crianças e jovens da mesma faixa etária e desenvolverem em conjunto uma série de actividades. Isso para eles é bastante apelativo, no sentido em que estão juntos, em que desenvolvem actividades em conjunto. Depois temos, também, essas actividades de dramatizações, por exemplo, que fazem durante o grupo de leitura, ou as saídas da própria biblioteca para ver locais de interesse cultural.</p>
E3	<p>E- Por norma aqui, o que nós tentamos fazer é numa breve descrição, explicar às pessoas onde é que estão a situa-las. E situá-las num espaço é dar-lhes a conhecer a importância da biblioteca e dos serviços que ela presta, por norma é sempre esta a primeira abordagem, aliás todos os grupos que são recebidos, são recebidos no átrio.</p> <p>V- E depois?</p> <p>E- Não estou a perceber.</p> <p>V- Quando passam para a actividade, como é que começam as coisas, como é feita a abordagem para a desenvolver?</p> <p>E- Depende das situações. É como te digo, os grupos que são encaminhados para qualquer tipo de acção, são grupos que numa primeira abordagem é feita essa apresentação da biblioteca e dos serviços da biblioteca.</p> <p>V- Mas à prática concreta que eles vêm fazer?</p> <p>E- Por norma eles sabem ao que vêm.</p> <p>V- E sabem como?</p> <p>E- Sabem porque essa informação chega às instituições, chega às pessoas, chega no “boca a boca”, nós temos parcerias e as parcerias aqui são muito importantes.</p>
E4	<p>E- Acaba-se por criar um ambiente, há sempre uma tentativa de criar um ambiente descontraído para que as pessoas participem e tem resultado bem.</p> <p>V- Quer dizer mais alguma coisa sobre isto?</p> <p>E- Não. Há sempre uma tentativa, mesmo quando há aquele público entusiasmado, que já tem noção daquilo que vai falar, se é interessante ou não interagir. E depois há aquele público que depois de estar cá, como já existe algum conhecimento e depois são pessoas extrovertidas e comunicativas, isso depois também faz com que exista uma interactividade.</p>
E5	<p>E- O XXX [prática] tem uma forma diferente das outras actividades, porque são faixas etárias diferentes, no XXX [outra prática] tentamos dinamizar o grupo em várias sessões, [...] é feito em doze sessões de duas horas, duas horas e meia, trabalhamos com base num grupo que vem, fazemos encontros onde nos vamos conhecer todos, onde vamos fazer exercícios de relaxamento de uma série de coisas e dá para colocar os participantes à vontade, para depois começarmos, então, a desenvolver o trabalho nas várias vertentes.</p> <p>V- E nas outras?</p> <p>E- Na hora do conto, geralmente falamos sobre a história, agarramos sempre pontos da história com um enquadramento prévio. E daí vão surgir imensas perguntas sobre a história, vamos falar, não só da história, começam a surgir perguntas colaterais e vamos conversar sobre algumas coisas que os próprios espectadores, alunos, utentes, as perguntas que eles fazem. [...] O que nos interessa é que a criança, ao sair daqui, fique alguma coisa e no fundo deixamos uma sementinha para ver se eles conseguem criar a planta.</p> <p>V- Para consolidar o que possam ter sido os adquiridos na actividade? Estou a exprimir-me bem?</p> <p>E- Está sim senhor.</p>
E6	<p>E- Por norma nós fazemos sempre um enquadramento quando as crianças vêm à biblioteca. Em primeiro lugar damos a conhecer a biblioteca, os espaços da biblioteca, de uma forma muito soft, como se organiza uma biblioteca, como é que os meninos devem proceder numa biblioteca. [...] Começamos com um enquadramento do espaço, na sala infantil as crianças são levadas a conhecer todos os cantos da sala infantil, onde é que está o quê, onde estão os livros dirigidos para aqueles grupos que estão ali e então de seguida é que as crianças, normalmente cada um destes projectos tem uma sala própria e a coisa vai-se desenrolando. A sala infantil, nós temos duas salas, tem a sala de leitura geral e depois tem uma sala de leitura e uma sala onde fazem as actividades para os bebés, para os mais pequeninos até aos cinco, seis anos.</p>

	<p>V- Mas eu digo, para a actividade concreta que vai acontecer.</p> <p>E- Depois para a actividade, começa-se por perguntar sempre às crianças, para tentarmos envolver as crianças, quem é que gosta de ler, quem é que conhece a história que eventualmente se vai tratar, há sempre esta introdução à volta do livro, não só como enquadramento do espaço, como o enquadramento. [...]. De vez em quando há a surpresa.</p> <p>V- Surpresa...</p> <p>E-...</p> <p>V- Surpresa, no sentido de utilizar, de criar ali quase como se fosse uma situação de criação de um suspense?</p> <p>E- Exactamente.</p>
E7	<p>V- E que estratégias de abordagem foram desenvolvidas junto dos participantes nas PPL que vocês referiram?</p> <p>E- Nomeadamente, quando nos apercebemos do potencial do utente, que possamos incluir naquela actividade, falamos com ele para tentarmos desenvolver, para vermos como é feita e convidamos sempre a pessoa a participar, se está interessado ou se não está. [...]. Nós aproveitamos que o público se dirija à nossa biblioteca, por exemplo, um pai e uma mãe que venha fazer empréstimo domiciliário, divulgamos as nossas actividades, quase que porta-a-porta, neste caso em que informamos as pessoas do que vamos fazer. Temos sempre a nossa programação a ser divulgada num LCD, o que é que vai acontecer. [...]. Mas aproveitamos sempre que os pais das famílias vêm à biblioteca, aproveitamos para divulgar as nossas actividades, também. Depois, telefonicamente, contactamos as pessoas de quais são as actividades, para além da "newsletter", o Facebook da câmara, mas funciona melhor a pessoa ser contactada aqui na própria biblioteca e explicando um pouco as actividades.</p>
E8	<p>E- As questões do enquadramento, do estimular, do procurar criar ali assim uma interrogação, uma posição sobre as coisas. Nós fazemos o levantamento, sempre, no final de cada ano civil sobre o que é que vai ser actual, qual o tema que vai ser actual, o que é que se vai trabalhar e procuramos, tendo em conta essa definição de tema, poder fazer uma pesquisa de informação para o complementar. Para a definição do tema, procuramos ver se a bibliografia está disponível e que seja uma bibliografia considerada de qualidade para tal autor, seja quanto ao registo icónico, e também que seja uma bibliografia que possa espelhar o panorama nacional, mas também possa espelhar o panorama internacional e depois de escolhermos a bibliografia definimos, então, as estratégias. Como é que vamos animar aquela leitura? Vamos utilizar só o registo de voz? Vamos dinamizar em parceria? Vamos utilizar outros recursos audiovisuais? Como é que é a melhor maneira de apresentar ao público aquele livro e aquele tema? Definimos um enquadramento, depois concebemos alguns cenários minimalistas, aqui na biblioteca efectivamente não apostamos muito num cenário, interessa-nos o conteúdo, são apontamentos, apenas, que nos permitem cativar os meninos, o público que vem, mas não acentuamos demasiado o que ali está. Porque no registo textual, interessa-nos muita conversa com o público, realizar a antecipação [de o] que é que eles esperam daquela actividade, se conhecem aquele tema, o que é que eles acham que vai ser para eles a participação.</p>
E9	<p>V- Que estratégias de abordagem é que são desenvolvidas nestas práticas?</p> <p>E- As pessoas apresentam-se, já há conhecimento...</p> <p>V- Mas para a prática?</p> <p>E- [...]. Normalmente o que elas costumam fazer, já fizeram um trabalho prévio. [...]. Das coisas que já vi e me deram a observar, pega-se numa deixa que um miúdo deixe. Ficam surpreendidos, ou ficam à espera que o grupo se tranquilize, que esteja confortável naquela posição e tentar que a actividade consiga começar, no fundo é sempre aquela coisa de conseguir acalmar. Depois, por exemplo, uma vez tivemos uma actividade, eu posso ilustrar isso como é que fizemos. Tivemos uma actividade muito engraçada, o campo aqui tão perto, em que fizemos um intercâmbio, em que crianças da cidade do XXX, das zonas urbanas, foram visitar as crianças das escolas rurais e vice-versa e levávamos uma história. Tínhamos uma história que era o rato do campo e o rato da cidade e no fundo fazíamos a dramatização daquilo. [...] as pessoas chegam lá, ouve-se sempre aquele burburinho, aquela expectativa, aquela ansiedade...</p> <p>E- [...] Há uma deixa, entretanto já se sabe que se andou a trabalhar aquele assunto, se já foi abordado, se aquele livro já foi falado, a qual corresponde um título, um livro e depois estabelece-se um diálogo, depois também depende do grau da questão. [...].</p> <p>E- Isto é tudo feito por duas colegas, uma colega que tem muita apetência para trabalhar com este público. Há uma coisa que é preciso que é chamada a escuta atenta, interagem comigo, tu interages com ele, depois é que se começa a trabalhar, há estratégias, só a presença das coisas e do diálogo, há outros momentos que se conta a história dramatizando, com personagens, figurinos, depende do tipo de histórias, há muitas que são trabalhadas nesse sentido, já temos uma carteira de situações, em que podemos ter duas pessoas, normalmente são duas, mas podemos alargar a quatro, seis personagens.</p>
E10	<p>V- Que estratégias de abordagem é que vocês desenvolveram junto dos participantes, relativamente a estas actividades que aqui destaque?</p> <p>E- Isso está sempre considerado na própria ficha.</p> <p>V- Sim, mas qual é a estratégia de abordagem?</p> <p>E- A estratégia tem muito a ver com cada grupo que recebemos. Nós antes de recebermos o grupo temos que saber a faixa etária, para adequar depois a abordagem que vamos fazer. Recebemos o grupo, a abordagem começa sempre por contextualizar a biblioteca, para que é que serve, a utilidade da biblioteca e depois quando falamos da actividade, cada actividade tem a sua contextualização, fazemos sempre uma abordagem e uma contextualização, preparamos sempre o grupo para a temática que vamos tratar com o livro, mesmo o próprio cenário. Normalmente temos sempre elementos do próprio livro na actividade e que vão depois remeter para cada actividade.</p>
E11	<p>E- Há sempre uma introdução à actividade, há sempre umas boas-vindas, um enquadramento; depende da actividade, se nós estamos a contar uma história falamos do autor, falamos de outras obras dele. Há sempre um contexto mínimo das actividades antes de as executar. Ou porque se comemora uma efeméride, que celebramos, ou se são actividades municipais ou uma qualquer intervenção municipal, porque é que ela existe, porque é que nós fazemos aquela actividade e não outra. Qual é o sentido daquela actividade e isso é sempre o início.</p>
E12	<p>E- Primeiro parte das pessoas que aparecem, nomeadamente os adultos, as coisas já foram contadas previamente. Por exemplo nas comunidades de leitores, as pessoas que participam na comunidade de leitores.</p> <p>V- Mas eu digo na própria actividade, quando a actividade começa...</p> <p>E- Geralmente cabe à técnica, é ela que faz a apresentação...</p>
E13	<p>V- Mas, já agora, para tornar um pouco mais fina a informação da questão de cima, que estratégias de abordagem foram</p>

	<p>desenvolvidas junto dos participantes nestas actividades que referiram? Quais é que são as vossas estratégias de abordagem dos participantes?</p> <p>E- Para o envolvimento dos participantes vale tudo ou quase tudo. Tudo o que seja uma boa ideia para cativar gente para a leitura [...]. Para já têm que estar aqui muito bem repousadas, muito bem sentadas, muito disponíveis para ouvir. Ora para criar essa disponibilidade, quem tenta formular ou criar essa disponibilidade da vossa parte, tem que se colocar num patamar que dê para que vocês consigam estar, como direi, que me toleram, neste caso se for eu, que gostem do que estão a ouvir ou da forma que está a ser apresentada.</p> <p>V- Mais?</p> <p>E- Vigiar essa mesma disponibilidade, isto é, estar permanentemente atento seja com crianças, seja com pessoas idosas, para que o que esteja a ser passado, seja recebido por todos, pelo menos que ninguém sai...</p> <p>V- Daquele fluxo, que ninguém se disperse?</p> <p>E- Exactamente. Tal e qual e que estejam aqui. Quando eu digo vigiar, não só vigio quem vê, mas tenho que me vigiar a mim próprio, para estar atento a tudo aquilo que vou passando e à forma como o estou a fazer. Eu não posso adormecer na calma, tenho que estar sempre vigilante. [...]. Pode ter uma participação activa ou passiva, depende da actividade em si.</p>
E14	<p>E- Depende [...] a melhor forma de receber o grupo, [de] que normalmente estamos a falar, não exclusivamente, mas normalmente são grupos escolares, que para recebermos esse tipo de grupos no espaço da biblioteca, é fundamental que haja toda esta preparação prévia, para que não seja o momento em que os grupos chegam, sentam-se, estão ali durante trinta ou quarenta e cinco minutos e a seguir saem. Aquela ideia, mais uma vez, que nós tínhamos que a hora do conto forma o leitor, que entram 25 crianças de um lado e saem 25 crianças leitoras do outro. Não é assim. É necessário saber fazer todo este envolvimento, esta preparação para conseguir também potenciar aquele momento, porque muitas vezes temos os grupos durante uma hora e meia na biblioteca e muitas vezes não temos mais nenhuma oportunidade de ter aqueles meninos no espaço, por isso é essencial esta preparação.</p> <p>V- Eu estou a interpretar mal ou a vossa preocupação aqui é como a de provocar uma situação que seja favorecedora de uma certa imersão prévia para criar uma predisposição para uma maior envolvimento?</p> <p>E- Exactamente; estamos a falar de grupos escolares, ou seja, é nosso propósito conseguir e tentar trazer turmas que venham à biblioteca para que seja um registo diferente. [...]. Neste caso, como estamos a falar para um público adulto a necessidade de envolvimento é menor. A preocupação vai, por exemplo, por ter os tais guiões de leitura que são distribuídos no início da sessão. Mas aí é diferente, o espaço é completamente diferente, é um auditório, o público também, estamos a falar de adultos, a expectativa das pessoas vem, ou normalmente pelo convidado da conferência, e/ou pelo tema. As preocupações são menores, há a preocupação de seleccionar temas pertinentes, convidados mediáticos.</p> <p>V- Nestas actividades que vocês referiram (esta, os grupos de leitura, a hora do conto com a segmentação e a XXX) já expuseram um conjunto de estratégias de abordagem, há mais alguma que queiram acrescentar?</p> <p>E- Nos últimos anos temos feito algumas actividades, vulgarmente chamadas actividades fora de portas, com a preocupação de mostrar o conjunto de serviços e o conjunto de actividades da biblioteca. Já o fizemos no conjunto de serviços e no conjunto de actividades da biblioteca. Já o fizemos na XXX [prática] [...] ou seja, menos de dia inteiro, em que apresentamos à comunidade e à população geral um conjunto de actividades e serviços de tudo o que se passa na biblioteca, quase como se fosse uma feira em que replicamos todas as nossas actividades. Esta tem sido nos últimos anos, uma prática.</p>
E15	<p>E- Faz-se uma introdução, faz-se sempre um apresentação do porque é que estamos ali, porque é que achamos que as pessoas estão ali, o que é que pretendemos com a acção, damos um contexto.</p>
E16	<p>E- Eu diria que depende de actividade para actividade, não está sistematizado nesse sentido, se for projectos para um público muito específico, seja um público escolar...</p> <p>V- Eu queria saber era em relação a estas actividades que destacou.</p> <p>E- Não é muito fácil. Porque é assim, eu estive a destacar-lhe projectos e não lhe tive a destacar actividades soltas, (não sei se me está a entender, não é muito fácil de lhe dizer. Eu entendo projectos como várias actividades...</p> <p>V- Sim, um programa engloba vários projectos e os projectos podem ter diversas actividades que podem ter destinatários diferentes.</p> <p>E- Essa pergunta não me é muito fácil dizer-lhe.</p> <p>V- Essa estratégia de abordagem de alguma forma, não quero estar a induzi-la, mas pode projectar-se aqui, e por favor mantenha-se absolutamente livre para dizer aquilo que pensar, pode ter um pouco a ver com a forma como encaram aquelas pessoas, se elas vão estar ali como espectadores, se vão estar numa perspectiva de participação e como é que as abordam no início e para a “démarche” daquela actividade?</p> <p>E- Mais uma vez vou dizer, não há um modelo definido, vou dar exemplos, nesta linha, que nós estamos sempre a usar o termo em inglês. [...] Nesta linha do “making” que nós temos, viramo-nos muito para o “making”, os americanos têm muito o “making”.</p>
E17	<p>E17b- Primeiro tem a ver com o público que tenho à minha frente, se forem crianças que venham com uma escola, eu tenho um tipo de abordagem, normalmente começo por apresentar, por lhes dar as boas vindas ao espaço onde estão e perguntar de onde é que eles vêm, porque é uma coisa que eles gostam de dizer, se forem crianças, porque se forem adultos, se perguntamos de onde vêm eles começam a contar e aí temos [...]. Depois pergunto se sabem o que vêm fazer, se vêm fazer uma visita, se vêm participar em alguma actividade, isto se forem crianças, porque eu trabalho mais com o público infantil.</p> <p>V- Com as crianças procura saber as expectativas que eles têm da iniciativa?</p> <p>E17b- Que eles têm.</p> <p>V- Com os adultos não procura saber?</p> <p>E17- Nós com os adultos quando chegam são sempre recebidos, há sempre aquele espaço onde eles são recebidos na biblioteca, onde há o contacto a conversa, portanto, quando começa a actividade, já todos se conhecem, já falaram uns com os outros. [...].</p> <p>E17b- Com o trabalho, com as crianças, é muito importante nós lembrarmo-nos deles, “não te lembras? Tu estiveste comigo não sei onde. Eu já vinha cá no jardim” e aí está a continuidade e até me dizem o que é que fizeram, que isso então é que é giro, por exemplo. Nós tentamos, porque para eles é importante que haja essa lembrança da nossa parte.</p>

	<p>V- E eles lembram-se, tornam-se memórias activas?</p> <p>E17b- Exactamente e depois lembram-nos a nós muitas das vezes. O mais giro é lembrarem-se da actividade e não se lembrarem de nós, isso é mais giro ainda.</p> <p>V- E em relação aos adultos?</p> <p>E17- Os adultos é as boas-vindas, é a recepção inicial, é o apresentar as pessoas umas às outras, que isso acontece muito e depois quando seguem para a actividade já há ali um grupo, vá lá.</p> <p>V- E há uma pequena síntese sobre a actividade?</p> <p>E17- Sim. Isso faz-se sempre. Isso é o monitor que faz, quem vai fazer a actividade que faz. Que é o caso da colega, eu não faço directamente, eu planeio, eu lido directamente na recepção, estou presente, etc., mas é diferente não é.</p>
E18	<p>E- Sim, mas como as coisas estão divididas por áreas e por idades, a própria interacção é diferente, dependendo do público com quem se interage, por isso não sei se esteja assim definido.</p> <p>V- Então, não existe propriamente uma preocupação em termos de se começar com uma estratégia de abordagem?</p> <p>E- Existe, mas isso depende... Cada actividade tem a sua. [...]. Eu estava a achar é que estava a perguntar se havia um fio condutor para todas as actividades e isso não é possível porque os grupos também são diferentes. [...] Essas preocupações aplicam-se até dependendo, não estava a perceber, peço desculpa. Essas preocupações até são próprias das metodologias que os profissionais aprendem no âmbito da sua formação, não é. [...] Depois a utilização de materiais pedagógicos, no final a própria avaliação.</p> <p>V- Quer fundamentar as razões porque acham fundamental a utilização destes métodos como métodos articuladores?</p> <p>E- Achamos que, ainda [que] trabalhando numa área que é a educação não formal, que as metodologias de abordagem, neste caso dos públicos, se estivermos a falar de públicos mais pequenos, são aquelas que deverão ser em todas as práticas de interacção com públicos pequenos, neste caso, quando estamos a falar de crianças, por outro lado, porque julgamos que a prática da promoção da leitura não se faz só de uma forma unilateral, o retorno que se recebe, a participação activa do público, constrói saberes, constrói conhecimentos e julgo que é uma mais-valia.</p> <p>V- E como é que se materializam as estratégias de abordagem?</p> <p>E- São a captação da atenção... Depois a aplicação propriamente dita da actividade em causa. [...]. Se estivermos a falar da hora do conto, temos que esperar que haja todo o desenrolar de contar a história, na fase a seguir pode levar a um diálogo e aí assim há a participação do público, se calhar se estivermos a conduzir uma visita já há um lugar a um diálogo simultâneo.</p>

Quadro 24 - Unidades de contexto de estratégias de abordagem usadas nas PPL entre 2009-2013.

Fonte: produção própria.

Categorias e subcategorias	Amostra	Estratégias de abordagem e procedimentos utilizadas nas PPL
		I - Unidades de contexto discursivo de enquadramento prévio à prática de promoção da leitura
Divulgação da PPL	E7	E- Quando nos apercebemos do potencial do utente, que possamos incluir naquela actividade, falamos com eles para tentarmos desenvolver, para vermos como é feita e convidamos sempre a pessoa a participar, se está interessado ou se não está. [...] Nós aproveitamos que o público se dirija à nossa biblioteca, [...], divulgamos as nossas actividades, quase que porta-a-porta, neste caso em que informamos as pessoas do que vamos fazer. Temos sempre a nossa programação a ser divulgada num LCD, o que é que vai acontecer. [...] Depois, telefonicamente, contactamos as pessoas de quais são as actividades, para além da “newsletter”, o Facebook da Câmara, mas funciona melhor a pessoa ser contactada aqui, na própria biblioteca e explicando um pouco as actividades.
Preparação do grupo participante	E6- E14	V- É difícil conseguir a fidelização dos públicos a estas sete sessões? E- Não, não é. Para já aceitamos as famílias que estão dispostas e que assumem o compromisso connosco. V- Como é esse compromisso? E- É um compromisso verbal, mas é um compromisso que é dado numa primeira reunião. Os pais inscrevem-se, nós promovemos antes da primeira sessão uma reunião com os pais, explicamos qual é a filosofia do projecto e explicamos também o que queremos deles, se acharem que estão em condições de se comprometerem de quinze em quinze dias, de estarem presentes no projecto, então eles ficam inscritos no Projecto. E- É necessário saber fazer todo este envolvimento, esta preparação para conseguir também potenciar aquele momento. [...] Estamos a falar de grupos escolares, ou seja é nosso propósito conseguir e tentar trazer turmas que venham à biblioteca para que seja um registo diferente.
Adequação etária das leituras	E2 E10	E- Há sempre esse cuidado de escolher um autor que seja adequado aquele nível etário [...]. Tem a ver, logo, por eles estarem divididos por participantes, estarem divididos em escalões etários, e conviverem com crianças e jovens da mesma faixa etária e desenvolverem em conjunto uma série de actividades. Isso para eles é bastante apelativo, no sentido em que estão juntos, em que desenvolvem actividades em conjunto. E- A estratégia tem muito a ver com cada grupo que recebemos. Nós antes de recebermos o grupo temos que saber a faixa etária, para adequar depois a abordagem que vamos fazer.
Adequação do espaço à PPL	E10	E- Depois, quando falamos da actividade, cada actividade tem a sua contextualização, fazemos sempre uma abordagem e uma contextualização, preparamos sempre o grupo para a temática que vamos tratar com o livro, mesmo o próprio cenário. Normalmente temos sempre elementos do próprio livro na actividade e que vão depois remeter para cada actividade.
Criar ambiente descontraído	E4	E- Acaba-se por criar um ambiente, há sempre uma tentativa de criar um ambiente descontraído para que as pessoas participem e tem resultado bem.
Informação sobre a promoção da biblioteca	E1 E2 E3 E6 E10 E14 E17	E- Chamamos sempre a atenção para a importância da leitura, para a frequência do espaço, dizemos sempre que a biblioteca é de todos. E- E fazer a ligação aos livros e à leitura e ao uso da biblioteca, apelar a que estas crianças voltem à biblioteca. E- Por norma aqui, o que nós tentamos fazer é, numa breve descrição, explicar às pessoas onde é que estão a situá-las. E situá-las num espaço é dar-lhes a conhecer a importância da biblioteca e dos serviços que ela presta, por norma é sempre esta a primeira abordagem, aliás todos os grupos que são recebidos, são recebidos no átrio. [...] É como te digo, os grupos que são encaminhados para qualquer tipo de acção, são grupos em que numa primeira abordagem é feita essa apresentação da biblioteca e dos serviços. E- Por norma nós fazemos sempre um enquadramento quando as crianças vêm sempre à biblioteca. Em primeiro lugar damos a conhecer a biblioteca, os espaços da biblioteca de uma forma muito “soft”, como se org... uma biblioteca, como é que os meninos devem proceder numa biblioteca. [...] Começamos com um enquadramento do espaço, na sala infantil as crianças são levadas a conhecer todos os cantos da sala infantil, onde é que está o quê, onde estão os livros dirigidos para aqueles grupos que estão ali e então, de seguida, é que as crianças, normalmente cada um destes projectos tem uma sala própria, e a coisa vai-se desenrolando. E- Recebemos o grupo, a abordagem começa sempre por contextualizar a biblioteca, para que é que serve, a utilidade da biblioteca. E- Já o fizemos na XXX [local de evento municipal] [...] ou seja, menos de dia inteiro, em que apresentamos à comunidade, e à população geral, um conjunto de actividades e serviços de tudo o que se passa na biblioteca, quase como se fosse uma feira em que replicamos todas as nossas actividades. Esta tem sido nos últimos anos uma prática. E- Nós aproveitamos que o público se dirija à nossa biblioteca, por exemplo, um pai e uma mãe que venha fazer empréstimo domiciliário, divulgamos as nossas actividades, quase porta-a-porta, neste caso em que informamos as pessoas do que vamos fazer.
Apresentação dos intervenientes	E1 E2 E5	E- Normalmente fazemos uma apresentação E- A recepção começa sempre na sala infanto-juvenil, que é onde estão os materiais. E- O XXX [prática] tem uma forma diferente das outras actividades, porque são faixas etárias diferentes, [...] tentamos dinamizar o grupo em várias sessões, é feito em doze sessões de duas horas, duas horas e meia, trabalhamos com base num grupo que vem, fazemos encontros onde nos vamos conhecer todos, onde

	E9 E12 E17	<p>vamos fazer exercícios de relaxamento de uma série de coisas e dá para colocar os participantes à vontade, para depois começarmos, então, a desenvolver o trabalho nas várias vertentes.</p> <p>E- As pessoas apresentam-se, já há conhecimento...</p> <p>E- Primeiro parte das pessoas que aparecem, nomeadamente os adultos, as coisas já foram contadas previamente. Por exemplo nas comunidades de leitores, as pessoas que participam na comunidade de leitores.</p> <p>V- Mas eu digo na própria actividade, quando a actividade começa...</p> <p>E- Geralmente cabe à técnica, é ela que faz a apresentação...</p> <p>E17b- Primeiro tem a ver com o público que tenho à minha frente, se forem crianças que venham com uma escola, eu tenho um tipo de abordagem, normalmente começo por apresentar, por lhes dar as boas vindas ao espaço onde estão e perguntar de onde é que eles vêm, porque é uma coisa que eles gostam de dizer, se forem crianças, porque se forem adultos, perguntamos de onde vêm eles começam a contar e aí temos [...].</p> <p>E17- Nós com os adultos quando chegam são sempre recebidos, há sempre aquele espaço onde eles são recebidos na biblioteca, onde há o contacto a conversa, portanto, quando começa a actividade, já todos se conhecem já falaram uns com os outros.</p>
Assegurar uma escuta atenta	E9	<p>E- Isto é tudo feito por duas colegas, uma colega que tem muita apetência para trabalhar com este público. Há uma coisa que é preciso que é chamada a escuta atenta, interação comigo, tu interagias com ele, depois é que se começa a trabalhar.</p>
II - Unidades de contexto discursivo de enquadramento à prática de promoção da leitura		
Apresentação da PPL	E11 E15 E17	<p>E- Há sempre uma introdução à actividade, há sempre umas boas-vindas, um enquadramento; depende da actividade, se nós estamos a contar uma história falamos do autor, falamos de outras obras dele. [...]. Há sempre um contexto mínimo das actividades antes de as executar. Ou porque se comemora uma efeméride, que celebramos, ou se são actividades municipais ou uma qualquer intervenção municipal, porque é que ela existe, porque é que nós fazemos aquela actividade e não outra. Qual é o sentido daquela actividade e isso é sempre o início.</p> <p>E- Faz-se uma introdução, faz-se sempre um apresentação do porque é que estamos ali, porque é que achamos que as pessoas estão ali, o que é que pretendemos com a acção, damos um contexto.</p> <p>E 17b- Depois pergunto se sabem o que vêm fazer, se vêm fazer uma visita, se vêm participar em alguma actividade, isto se forem crianças, porque eu trabalho mais com o público infantil.</p> <p>E17b- Faz-se sempre [uma síntese da actividade]. Isso é o monitor que faz, quem vai fazer a actividade que faz. Que é o caso da colega, eu não faço directamente, eu planeio, eu lido directamente na recepção, estou presente, etc., mas é diferente não é.</p>
Suscitar e cruzar questões sobre a PPL p/ aferir c/ experiências do público	E5 E6 E8 E9	<p>E- Na hora do conto, geralmente falamos sobre a história, agarramos sempre pontos da história com um enquadramento prévio. E daí vão surgir imensas perguntas sobre a história, vamos falar não só da história, começam a surgir perguntas colaterais e vamos conversar sobre algumas coisas que os próprios espectadores, alunos, utentes, as perguntas que eles fazem.</p> <p>E- Depois para a actividade, começa-se por perguntar sempre às crianças, para tentarmos envolver as crianças, quem é que gosta de ler, quem é que conhece a história que eventualmente se vai tratar, há sempre esta introdução à volta do livro, não só como enquadramento do espaço, como o enquadramento. [...]. De vez em quando há a surpresa [...]. Na hora do conto, geralmente falamos sobre a história, agarramos sempre pontos da história com um enquadramento prévio. E daí vão surgir imensas perguntas sobre a história, vamos falar, não só da história, começam a surgir perguntas colaterais e vamos conversar sobre algumas coisas que os próprios espectadores, alunos, utentes, as pergunta que eles fazem.</p> <p>E- As questões do enquadramento, do estimular, do procurar criar ali assim uma interrogação, uma posição sobre as coisas.</p> <p>E- Normalmente o que elas costumam fazer, já fizeram um trabalho prévio [...]. Das coisas que já vi e me deram a observar, pega-se numa deixa que um miúdo deixa. Ficam surpreendidos, ou ficam à espera que o grupo se tranquilize, que esteja confortável naquela posição e tentar que a actividade consiga começar, no fundo é sempre aquela coisa de conseguir acalmar [...]. Há uma deixa, entretanto já se sabe que se andou a trabalhar aquele assunto, se já foi abordado, se aquele livro já foi falado, a qual corresponde um título, um livro e depois estabelece-se um diálogo, depois também depende do grau da questão.</p>
Considerar dinâmica geradas nos grupos	E2	E- São grupos que se vão constituindo e que eles próprios têm uma dinâmica interna, vão escolhendo os Livros que querem ler e fazendo essa abordagem e escolhendo sempre os caminhos por onde querem ir.
Papel da mediação	E2	E- O papel do mediador também será, de vez em quando, reconduzir as discussões que se dão no próprio grupo à leitura...
Envolvimento dos participantes	E2 E4	<p>E- Há sempre um apelo ao envolvimento das próprias crianças durante a animação, há diálogo, há um remeter de questões para as crianças, pedindo-lhes participação e suscitando as respostas delas. Portanto nunca se trata de, como dizemos, dramatização, nunca se trata de algo que tenha só uma vertente dos animadores para as crianças que estão a assistir, portanto há sempre essa participação e essa interacção, não são só espectadores. [...]. A adesão das crianças à actividade pede-se, obviamente, pelo diálogo de interacção que têm com os animadores.</p> <p>E- Há sempre uma tentativa, mesmo quando há aquele público entusiasmado, que já tem noção daquilo que vai falar, se é interessante ou não interagir. E depois há aquele público que depois de estar cá, como já existe algum conhecimento e depois são pessoas extrovertidas e comunicativas, isso depois também faz com que</p>

	E13	exista uma interactividade. E- Para o envolvimento dos participantes vale tudo ou quase tudo. Tudo o que seja uma boa ideia para cativar g para a leitura. [...]. Para já têm que estar aqui muito bem repousadas, muito bem sentadas, muito disponíveis para ouvir. Ora para criar essa disponibilidade, quem tenta formular ou criar essa disponibilidade da vossa parte, tem que se colocar num patamar que dê para que vocês consigam estar, como direi, que me toleram, neste caso se for eu, que gostem do que estão a ouvir ou da forma que está a ser apresentada. [...]. Pode ter uma participação activa ou passiva, depende da actividade em si.
	E17	E- Nomeadamente, quando nos apercebemos do potencial do utente, que possamos incluir naquela actividade, falamos com ele para tentarmos desenvolver, para vemos como é feita e convidamos sempre a pessoa a participar, se está interessado ou se não está. [...].
	E18	E- Achamos, ainda trabalhando numa área que é a educação não formal, que as metodologias de abordagem, neste caso dos públicos, se estivermos a falar de públicos mais pequenos, são aquelas que deverão ser em todas as práticas de interação com públicos pequenos, neste caso, quando estamos a falar de crianças, por outro lado, porque julgamos que a prática da promoção da leitura não se faz só de uma forma unilateral, o retorno que se recebe, a participação activa do público, constrói saberes, constrói conhecimentos e julgo que é uma mais-valia. [...]. São a captação da atenção... Depois a aplicação de propriamente dita da actividade em causa. [...]. Se estivermos a falar da hora do conto, temos que esperar que haja todo o desenrolar de contar a história, na fase a seguir pode levar a um diálogo e aí assim há a participação do público, se calhar se estivermos a conduzir uma visita já há lugar a um diálogo simultâneo.
Enquadramento lúdico	E2	E- Trata-se de uma ocupação desses tempos livres de Verão e temos uma série de envolvimento lúdico da leitura
Enquadramento teatralizado	E2	E- Depois temos, também, essas actividades de dramatizações, por exemplo, que fazem durante o grupo de leitura.
	E9	E- Há outros momentos que se conta a história dramatizando, com personagens, figurinos, depende do tipo de histórias, há muitas que são trabalhadas nesse sentido, já temos uma carteira de situações em que podemos ter duas pessoas, normalmente são duas, mas podemos alargar a quatro, seis personagens.
Enquadramento prático	E16	E- Mais uma vez vou dizer, não há um modelo definido, mas vou dar como exemplos nesta linha do “making”, estamos sempre a usar o termo em inglês, [...]. Nesta linha do “making” que nós temos, viramo-nos muito para o “making”, os americanos têm muito o “making”.
Recursos complementares - guiões de leitura	E14	E- Neste caso, como estamos a falar para um público adulto, a necessidade de envolvimento é menor. A preocupação vai, por exemplo, por ter os tais guiões de leitura que são distribuídos no início da sessão. Mas aí é diferente, o espaço é completamente diferente, é um auditório, o público também, estamos a falar de adultos, a expectativa das pessoas vem, ou normalmente pelo convidado da conferência, e/ou pelo tema. As preocupações são menores, há a preocupação de seleccionar temas pertinentes, convidados mediáticos.
Visitas externas	E2	E- Ou as saídas da própria biblioteca para ver locais de interesse cultural.
	E9	E- Tivemos uma actividade muito engraçada, o campo aqui tão perto, em que fizemos um intercâmbio, em que crianças da cidade XXX, das zonas urbanas, foram visitar as crianças das escolas rurais e vice-versa e levávamos uma história.
Síntese final de adquiridos	E5	E5- Nós fazemos isto depois da história, sempre. [...]. O que nos interessa é que a criança ao sair daqui, fique alguma coisa e no fundo deixamos uma sementinha para ver se eles conseguem criar a planta.

Quadro 25 - Categorias e subcategorias de estratégias e procedimentos prévios de abordagem usadas nas PPL
Fonte: produção própria

Amostra	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16	E17	E18	Total	
E. prévio																				
DV							✓													1
PG						✓								✓						2
ID		✓								✓										2
AE										✓										1
AM				✓																1
IB	✓	✓	✓			✓				✓				✓				✓		7
AI	✓	✓			✓				✓			✓						✓		6
EA									✓											1
Total: 19	2	3	1	1	1	2	1	0	2	3	0	1	0	1	0	0	1	0	21	

Quadro 26 - "Checklist" 1 - Estratégias de enquadramento prévio à PPL

DV- (Divulgação da PPL); PG (Preparação do grupo participante PPL); ID (Adequação etária das leituras); AE (Adequação do espaço à PPL); AM (Criação de ambiente descontraído) IB (Informação sobre a biblioteca); AI (Apresentação dos intervenientes); EA (Assegurar escuta atenta).

Fonte: produção própria.

Amostra	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16	E17	E18	Total	
E. à PPL																				
AP											✓				✓		✓			3
EX					✓	✓		✓	✓											4
DG		✓																		1
PM		✓																		1
EV		✓		✓									✓				✓	✓		5
EL		✓																		1
ET		✓							✓											2
EP																✓				1
GL														✓						1
VE		✓							✓											2
SA					✓															1
Total: 28	0	6	0	1	2	1	0	1	3	0	3	0	3	3	1	1	2	1	22	

Quadro 27 – "Checklist" 2 - Estratégias de abordagem e enquadramento no decurso da PPL

AP (Apresentação da PPL); EX (Aferir experiências do público); DG (Considerar dinâmicas grupais); PM (Papel da mediação); EV (Envolvimento dos participantes); EL (Enquadramento lúdico); ET (Enquadramento teatralizado); EP (Enquadramento prático); GL (Guiões de leitura); VE (Visitas externas); SA (Síntese final de adquiridos).

Fonte: produção própria.

Amostra	Síntese das estratégias de abordagem
E1	- Efectuar a apresentação. - Chamar sempre a atenção para a importância da leitura e para a frequência do espaço, “dizemos sempre que a biblioteca é de todos”.
E2	- Escolher autores que sejam interessantes. - Fazer a ligação dos livros, à leitura e biblioteca.
E3	- Fazer uma breve descrição, para explicar às pessoas onde é que estão e situá-las. - Dar a conhecer a importância da biblioteca e dos serviços que ela presta.
E4	- Criar um ambiente descontraído.
E5	- Procurar incutir envolvimento físico e emocional para criar predisposição para a actividade. - Fazer enquadramento prévio da história.
E6	- Fazer enquadramento prévio, dando a conhecer a biblioteca. - Fazer enquadramento prévio, colocando questões sobre o conhecimento da história. - Fazer envolvimento posterior à história para consolidar adquiridos.
E7	- Fazer o convite a potenciais interessados na prática de promoção da leitura. - Fazer a divulgação das práticas de promoção da leitura.
E8	- Ter uma selecção de bibliografia actual e rigorosa. - Oferecer conteúdos temáticos de interesse para o público. - Fazer abordagens prazerosas que estimulam a fruição de textos e imagens. - Enquadrar possibilidades de continuidade da exploração e aprofundamento dos temas.
E9	- Efectuar a apresentação. - Criar um ambiente descontraído. - Procurar apresentar um efeito de surpresa. - Gerar expectativa sobre a história. - Intercâmbio entre leitores de meios rurais e urbanos.
E10	- Contextualizar a biblioteca. - Contextualizar o livro. - Desenvolver actividades relacionadas com o tema do livro.
E11	- Introdução à actividade. - Explicação sobre o sentido da actividade.
E12	- Apresentação. - Explicação do que vai ser feito. - Diálogo.
E13	- Cativar a assistência. - Procurar assegurar a focalização do interesse do público na actividade. - Dar atenção à receptividade do público no desenrolar da actividade.
E14	- Fazer enquadramento. - Perspectivar como a acção se vai desenvolver em relação aos grupos. - Perspectivar articulações. - Ter um registo mais tradicional, desenvolvido por técnicos da biblioteca e próximo de um momento de animação. - Ter um registo mais ligado à narração oral e ao conto tradicional. - Complementar os registos com um ateliê de escrita e/ou, plástico, sempre com ligação à história.
E15	- Fazer uma introdução. - Fazer uma apresentação. - Dar uma contextualização.
E16	- Estratégias variáveis, dependentes das actividades.
E17	- Estratégias aplicadas variam em função dos públicos.
E18	- Estratégias dependem do público com que se interage.

Quadro 28 -Síntese das estratégias de abordagem aplicadas pela amostra. Fonte: produção própria.

Critérios para seleccionar e priorizar as PPL

Amostra	Unidades de contexto discursivo
E1	E- Elas têm calendarização, planificação anual.
E2	E- Não. Não existe muito esse hábito. [...]. Nós fazemos muito aquilo que nos é possível e não aquilo que gostaríamos sempre de fazer e, portanto, é geralmente aquilo que envolve menos dinheiro que acaba por se fazer. É difícil fazer uma programação, contar com meios e podemos realmente contar com esses meios, por isso tentamos fazer com que as actividades que não estejam dependentes de grandes financiamentos e que possamos levar avante, quer com pouco, quer com muito dinheiro. Se me disserem, vocês fazem as actividades que querem? Não; fazemos as que podemos fazer. Com os recursos que temos. Depois, quando nos surgem oportunidades, se aderimos a elas, aderimos. Mas as três actividades que referi são a coluna vertebral. Quando disse que essas três actividades por exemplo eram uma coluna vertebral, nós fazemo-las e estão pensadas desde o início, pelo menos desde o ano anterior. Diria que temos programadas cerca de 75%. Em Setembro apresentámos no PAO [Plano de Actividades e Orçamento] as actividades, com uma ficha para cada uma das actividades. O que não quer dizer que quando me propõem [outras] actividades [imprevistas no PAO]...
E3	E- Não. O que eu te disse de início a nossa preocupação é tentarmos abarcar todo o público. São logo delineadas, existe um plano. [...]. Nós escolhemos um projecto e no início do projecto colocamos os objectivos. É um projecto com continuidade, ele vai-se alinhando e vai-se limando. [...]. São planeadas porque terão que ser vistas ao nível dos recursos humanos e dos temas, ao nível dos recursos financeiros, têm mesmo que ser planeadas.
E4	E- É a promoção da leitura e o envolvimento do utilizador. [...]. Nos últimos anos temos tido, como viu nesta questão dos programas, nós temos sempre uma estrutura anterior. [...]. São articuladas. Às vezes podem é não ser concretizadas. Tentar encontrar um contexto que elas proporcionam o que seja num determinado contexto e numa determinada temática.
E5	E- Nós temos a preocupação em criar actividades que se complementem, no fundo, em relação às faixas etárias; as datas também, costumamos ter as sextas-feiras de manhã para o pré-escolar, temos sempre as terças e quartas para a hora do conto, já fidelizámos.
E6	E- Existe e é um pouco aquilo que lhe disse há pouco. Para já temos o cuidado de atingir todos os grupos etários e alguns ainda não são etários porque ainda não nasceram, que é o caso do projecto das grávidas. Que esses projectos tenham continuidade, que as crianças possam sempre saltar de um projecto para o outro projecto. E como é que nós conseguimos isso? Normalmente os nossos projectos de continuidade são feitos por sessões, são sete sessões e para cada uma das sessões há uma evolução sempre. Tem sempre a lógica da evolução, começamos sempre no patamar mais primário, até atingir um patamar que para aquele grupo etário já é considerado médio superior. Depois há sempre a preocupação [de] que o projecto do grupo etário seguinte também tenha esta continuidade.
E7	E- Sim. Quando pensamos na programação, é para que ela não seja antiquada. Inicialmente tínhamos histórias, neste momento já começamos em que realmente temos um projecto em que envolve diversas histórias e que ela seja articulada.
E8	E- O planeamento previsto que decorre da temática anual seleccionada.
E9	E- Esse tipo de trabalho sempre se fez. Não muito consciente, mas hoje já é mais organizado, mais trabalhado. Já é fruto da experiência, há coisas que são pedidas e outras que já temos em carteira e que podemos utilizar, por exemplo, os próprios professores já pedem as coisas. V- Isso permitiu construir uma carteira de ofertas? E- Sim e são os mesmos de sempre.
E10	E- Isso temos sempre em atenção, as actividades não aparecem por acaso, nós fazemos um plano anual e depois as actividades vão acontecendo com determinados objectivos que foram explicados anteriormente. Por exemplo, nós tivemos uma actividade que é muito concorrida, que é dedicada ao mês dos namorados, acontece neste mês derivado á comemoração deste dia, depois nós vamos canalizar determinadas idades para diferentes alturas do ano.
E11	E- Os objectivos, são objectivos que estão definidos para as actividades. Divulgar a literatura de autores portugueses, preferencialmente livros do plano nacional de leitura, incentivar o conto e o reconto. O próprio programa define alguns objectivos gerais e depois cada actividade define os objectivos específicos, podem ser sobre natureza, diversidade.
E12	E- Sempre. Faz-se a promoção do “programa das festas”, o que é que está previsto
E13	E- Sim. V- Podem exemplificar? E- Há animações que são feitas por encomenda. [...]. O avulso é a excepção.
E14	E- Sim, preocupa-nos, essencialmente ter oferta para todo o tipo de público que identificamos. Não penalizando, obviamente, questões temáticas Nós temos um inquérito que nós distribuimos no final de cada actividade, que permite termos um acesso à faixa etária, ao sexo, ao interesse específico, a avaliação em si e da actividade ao que [o público] assistiu. Nós organizamos muitas das nossas actividades, tendo em conta o ano lectivo, ou seja, como estávamos a falar há pouco de tentar sinalizar públicos que temos trabalhado nos últimos anos. Essencialmente para esse público, que são dois, que é o público familiar [e o das crianças]. Já tivemos e continuamos ainda a ter projectos especialmente vocacionados para trabalhar com famílias, não queremos só trabalhar com crianças, não queremos trabalhar só com adultos, queremos trabalhar no contexto de família. Nós investimos muito tempo nessa parte da monitorização e da avaliação, mas é o que nos permite também ter e reunir um conjunto de dados, que nos permite identificar públicos prioritários, tipos de actividades que são mais do agrado das pessoas ou que as pessoas mais gostavam de ver oferecidos aqui pela biblioteca. Portanto, é um trabalho onde investimos muito é o tratamento de dados de avaliação.

E15	<p>E- Há um programa de actividades, especificamente, mas se a pergunta é se há um plano específico de promoção de leitura, não. É um avulso organizado Temos estas ideias muito arrumadas de quem é que queremos servir, por exemplo temos a ideia muito clara, porque sabemos a comunidade que servimos e os públicos que temos, e é mesmo isto, são públicos, e é para estes que dirigimos muitas actividades. Há actividades que nós sabemos que têm um perfeito sucesso, que podem ter sucesso e por exemplo em XXX [local], são forçosamente vivências diferentes. Apesar deste concelho não ser assim muito grande, em muitas coisas [as pessoas] estão a mundos de distância, as de XXX, de XXX [locais], etc. E terem o cuidado de serem inclusivas [as práticas], de incluírem toda a gente.</p> <p>V- O que quer dizer exactamente com serem “inclusivas”? [...] Há alguma estratégia específica que aqui acrescentem para conseguirem que elas sejam mais inclusivas?</p> <p>E- A estratégia não é propriamente uma estratégia, será talvez um bocadinho de senso comum, bom senso a fazer as coisas, porque tentamos, por exemplo, de ano para ano tentamos perceber se do ano anterior ficou alguém para trás. Quando digo isto são as faixas etárias, estarmos atentos a tendências. Temos uma relação muito próxima com quem está, [...] ou seja, temos muita sensibilidade e ganhamos alguma sensibilidade para o potencial que determinado nicho possa ter, ou seja, pode parecer um paradoxo, contando com um determinado nicho, daí a parte dos adolescentes, o ano passado tivemos, deixe-lhe dar este exemplo que por acaso é uma actividade cultural, tivemos o cuidado, que tem a ver com aquela ideia do espaço inclusivo, de só aceitarmos exposições de jovens adultos.</p>
E16	<p>E- Sim. O que nós temos feito é, se por um lado temos feito o trabalho de cavar e de perceber efectivamente o que é que se está a fazer naquelas comunidades, nós já começamos a perceber com esse levantamento, e as juntas, as associações daquela comunidade, disseram-nos o que é que aquelas pessoas queriam e agora encontramos o que as pessoas queriam. Agora o que é que nós queremos receber daquelas pessoas?</p> <p>Mas eu acho que se deve exigir, também, aquele que nos exige, o que é que acha que deve ser uma biblioteca e ao exigir isso é efectivamente de dar às pessoas a hipótese de terem as bibliotecas como “leves” e de poderem usar as bibliotecas como espaços de reuniões, de experimentação e é isso que acontece nos XXX [prática]. E quando nós colocamos isso às pessoas, depois aparecem coisas tão interessantes que eu digo, “que interessante, nunca tinha pensado isto se fazer numa biblioteca”.</p>
E17	<p>E17b- Sim.</p> <p>V- Podem explicitar?</p> <p>E17b- Há actividades que nós temos. Por exemplo, imaginemos que nós estamos a falar de trabalharmos o ambiente, portanto se há uma altura que as escolas estão a trabalhar essa temática, ou porque se celebra o dia do ambiente, ou porque celebram o dia da água, nós tentamos, faz mais sentido apontar uma actividade ou duas ou três, que se focalize naquela altura do que estar a escola a trabalhar ou celebrar numa altura e celebrarmos depois num sítio, numa altura que não tem enquadramento nenhum.</p> <p>E17- Nós depois estendemos às famílias, geralmente com as actividades ao sábado ou à noite, tentamos abranger.</p>
E18	<p>E- Há.</p> <p>V- Pode explicitar?</p> <p>E- Ainda que de um modo, às vezes mais implícito do que explícito, tentamos fazer, dar um fio condutor às actividades da promoção de leitura par um ano, esta é a primeira ordem de razão, pelo menos para a escolha e depois também para a priorização, até podemos ter uma ideia sobre outra temática, mas que não se enquadra e fica para outra fase, depois também há uma calendarização do ano, dependente de vários factores. Um factor pode ser o determinar a iniciativa enquadrar-se numa efeméride, numa comemoração. E há a preocupação de fazer uma planificação com bastante tempo de antecedência, portanto antecipamos.</p>

Quadro 29- Unidades de contexto de critérios para seleccionar e priorizar as PPL.
Fonte: produção própria.

Amostra	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16	E17	E18	Total
Objectivos																			
AP	V		V																2
PA		V			V					V		V	V					V	6
EP				V															1
AD				V	V				V					V	V	V			6
CT						V													1
AR						V	V	V										V	4
ON							V												1
EC										V							V	V	3
DL											V								1
ET											V								1
IA															V	V			2
ES																	V		1
Total:	1	1	1	2	2	2	2	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	3	29

Quadro 30- “Checklist” 3. Objectivos para seleccionar e priorizar PPL.

AP (Atingir públicos); PA (Actividades enquadráveis no Plano Anual de actividades); EP (Actividades estruturadas e planeadas em torno de programas); AD (Práticas adequadas aos destinatários) CT (Projectos que tenham continuidade); AR (Projectos com articulação entre si e com a temática anual); ON (Oferta de programação com novidade, que não seja antiquada); EC (Conformar as ofertas com eventos relevantes); DL (Práticas que permitam divulgar a literatura e autores portugueses); ET (Práticas que permitam explorar temas); IA (Práticas que visem a inclusão e apropriação do espaço da biblioteca pela comunidade); ES (Conteúdo das actividades ajustado a temáticas trabalhadas nas escolas).

Fonte: produção própria.

Amostra	Síntese dos objectivos para seleccionar, delinear, priorizar PPL
E1	- Chegar a todos os grupos etários
E2	- Ter práticas que sejam uma coluna vertebral do plano de actividades anual
E3	- Tentar abarcar todo o público.
E4	- Estruturar e planear as actividades em torno de programas. - Adequá-las aos destinatários
E5	- Criar sempre actividades que se complementem em relação a diferentes públicos - Criar sempre actividades que se complementem em relação ao plano
E6	- Escolher projectos que possam ter continuidade - Oferecer projectos que permitam transitar para o outro projecto.
E7	- Oferecer uma programação que não seja antiquada - Apresentar histórias articuladas entre si
E8	- Assegurar a articulação das PPL com a temática anual seleccionada
E9	- Organizar as ofertas com base no conhecimento empírico dos públicos perante elas
E10	- Conformar as ofertas com o Plano Anual - Conformar as ofertas com eventos e datas relevantes do calendário
E11	- Permitir divulgar a literatura e autores portugueses - Incentivar seu reconto e exploração de temas
E12	- Conformar as ofertas ao Plano Anual
E13	- Conformar as ofertas ao Plano Anual
E14	- Ter ofertas identificadas com os interesses sinalizados para todos os tipos de públicos
E15	- Cruzar as ofertas propostas com interesses dos públicos - Práticas que visem a inclusão e apropriação do espaço da biblioteca pela comunidade
E16	- Oferecer actividades ajustadas aos interesses de cada comunidade; - Oferecer actividades ajustadas às comunidades e à sua apropriação da biblioteca
E17	- Procurar ajustar o conteúdo das actividades às temáticas trabalhadas nas escolas; - Procurar ajustar o conteúdo das actividades ao calendário celebrativo
E18	- Conformar as ofertas com o Plano Anual; - Conformar as ofertas e com eventos e datas relevantes do calendário; - Dar um fio condutor às actividades, podendo existir uma temática articuladora

Quadro 31- Síntese dos objectivos para seleccionar, delinear e priorizar as PPL. Fonte: produção própria.

Amostra	Interação e intervenção activa dos participantes nas PPL
	Unidades de contexto discursivo
E1	E1a- Porque a participação é importante para a integração. E1- Enriquece a pessoa que faz a palestra e a própria pessoa que faz a pergunta. E1a- E enriquece a iniciativa.
E2	E- São grupos que se vão constituindo e que eles próprios têm uma dinâmica interna, O papel do mediador também será de vez em quando reconduzir as discussões que se dão no próprio grupo à leitura... Escolher um autor que seja adequado àquele nível etário e também fazer a ligação aos livros e à leitura e ao uso da biblioteca.
E3	E- Sim. V- Podes explicitar? E- Intervenção activa são todos os trabalhos que fazem, nomeadamente que resultam destes projectos. [...] Neste projecto há uma intervenção activa dos participantes, não só ao longo do projecto mas também no seu termo e o que resulta daí e que nós apuramos através de inquérito. Por exemplo a XXX nós temos esse “feedback” através de inquérito, levam sempre algo que possam continuar essa conversa, essa abordagem. [...] Porque será difícil para nós apercebermos se não houver essa participação do público-alvo, será difícil para nós depois percebermos se o trabalho que estamos a fazer está correcto ou não.
E4	E- O objectivo é a pessoa interagir, levar... O público, para além de ter a sua opinião sobre os assuntos, todos ligados à literatura, todos eles sabiam que iria existir uma participação. Isto não tem a ver que nós como biblioteca nos interessasse qual era o, não tem a ver com o livro, tem a ver com a interactividade entre as pessoas que participavam com aquele assunto entre eles, que houvesse uma partilha.
E5	E- Sim, sim. Por exemplo o XXX [prática], em que através de dez palavras-chaves, tinham que criar uma história. Eles estavam em grupos e depois tinham que reunir, e acabavam por fazer a história. No final todos iriam apresentar a sua história e falar sobre a. Algumas histórias tinham a ver com a região, porque eu apontava como palavra-chave como XXX, XXX [palavras relacionadas com a região], e alguns deles como tinham esse conhecimento dos nomes, porque uns eram de cá, outros não eram, tinham experiência na [local], XXX e familiares e outros não tinham, depois começavam à conversa e ao conhecimento das próprias vivências de XXX [local], no início do século passado. Através dessas experiências, dos que a têm e dos que a não têm, de seguida surge uma conversa sobre um livro e de um autor que lhes vai proporcionar um maior conhecimento sobre a XXX [território específico], e sobre XXX [concelho]. Assim estamos, também, a promover o conhecimento do autor, neste caso o XXX.
E6	E- Por exemplo no meio da hora do conto, para já na hora do conto há muita interação entre as duas animadoras que estão a retratar determinada personagem e as crianças, e havia algo directo entre uma personagem e o próprio público, neste caso a história é à volta dos pinguins, as crianças em determinada altura viram um pinguim, portanto há aqui esta... V- Transfiguração? E- Exactamente. Não viram em termos de figura, mas a personagem olha para elas, como elas fossem um pinguim. [...] Nesses e noutros projectos tínhamos, por exemplo, o ano passado um projecto que tinha a ver com as questões de género. Então as histórias que eram contadas, primeiro havia sempre aquela parte da sensibilização acerca do tema, do que as crianças pensavam do que era ser menino ou ser menina. Do que é que eles achavam relativamente a uma cor, por exemplo, “você acham que um menino pode usar cor-de-rosa?” Havia sempre ali uma conversa de enquadramento acerca daquilo que nós íamos, no fundo, desenvolver “a posteriori” e as crianças aqui participam imenso, “os meninos não podem fazer isto, as meninas não podem fazer aquilo”, “mas então não podem porquê? Mas digam lá porque é que a menina não pode fazer isto ou não pode vestir aquilo, ou porque é que isto só pode ser feito por uma menino ou uma menina”, portanto tentar tirar deles aquilo que eles pensam daquela temática. V- Porque é que vocês estão a fazer dessa maneira? E- Porque o resultado é aquilo que fica, é aquilo que eles depois levam para casa. É pensar sobre uma coisa que eles eventualmente nunca tinham de uma forma mais elaborada e no fundo é isso que depois os ajuda a crescer, para eventualmente, “não, não é assim é assado”, pronto.
E7	E- Sim. V- Pode especificar? E- Eu falo muito no XXX [prática], porque é a que eu desenvolvo. Eles participam, têm mesmo que participar, se não a actividade não existe, porque são jogos. V- Mas as outras todas, em regra, esta ideia de participação activa das pessoas envolvidas é comum a todas elas? E- Menos na XXX [prática]. Na XXX [outra prática] há leitores, neste caso utilizadores, que também há um envolvimento da técnica [...] e da pessoa, o utilizador. Depende da técnica que vá a casa e tenha uma aproximação e uma maior conversação com o utilizador.
E8	E- É muito nos contributos orais que recolhemos, nas opiniões que têm, naquilo que querem saber para além daquilo do que é apresentado, da curiosidade. Algumas, depois têm uma componente depois plástica e de ateliê. [...]. Dando-lhe a palavra, exactamente ouvindo aquilo que eles perceberam, aquilo que eles querem saber para além, de alguma forma, mediando o diálogo entre eles também. [...] A da igualdade de género era qualquer coisa. Não houve uma sessão igual. Esta parece um bocadinho redundante de dizer mas eles costumavam dizer que lá em casa... não queira saber... e falar mesmo. Foi um laboratório.

E9	E- Porque, para já, o contador que está a fazer o trabalho coloca-lhes questões, remetemos para o texto, para situações que eles conhecem, que é preparado com os professores, para saber o que eles estão a ler, o texto literário está debatido e faz-se essas questões, que eles sabem, que leram, as personagens tudo isso é trabalhado, depois, por outras coisas. Existe sempre uma preparação prévia.
E10	E- Sim. Umas mais que outras, mas sempre. V- Podem explicitar? E- A que estamos a fazer durante este mês, a do mês dos namorados, eles vão-nos fazendo questões e essas questões vão sendo incorporadas na actividade, por exemplo, o que é o amor, o que é estar apaixonado, e o que eles vão dizendo vai sendo incorporado para se desenvolver a actividade. Depois, fazendo desenvolver a actividade com o que eles, também, se vão pronunciando. Nenhuma actividade é igual, porque vai vivendo com aquilo que eles dizem, que vai ser acrescido na actividade. A ideia é que na actividade, as pessoas que as assistam não sejam passivas, mas sejam activas e direccionadas para os interesses delas, que sejam activas. V- Porque é que vocês têm essa preocupação? E- Porque há o saber, e há o saber fazer. Acho que só se pode inculir algo se a pessoa experimentar, nós tentamos que não esteja só, não seja só o ver e ouvir; é também o fazer, para se sentirem parte daquela actividade. Eu acho que para eles também é importante e nós notamos isso, darem a opinião, participarem para se sentirem parte integrante da actividade. Também faz parte um pouco da estratégia, porque se nós vamos tentar promover o livro e inculir hábitos de leitura, se nós vamos fazer uma coisa em que a escola às vezes... em que estamos ali e é mais uma coisa que tem que se estar a debitar e é uma coisa que tem que se estar a ouvir, se calhar para determinadas faixas etárias, isto é uma grande seca, como eles dizem não é?
E11	E- Todas. No caso das crianças, quer as crianças quer os pais são chamados a participar, a fazer coisas. V- Pode explicitar? E- Sim, para a realização da actividade, não assistem a. Em relação aos pais é porque eles são parceiros [...] eles têm que ser activos na promoção da leitura. Porque nós somos sempre um recurso da comunidade, na educação, na promoção da leitura, eles sejam agentes. V- E para os garotos? E- Para os meninos... tem como objectivo fortalecer os laços de afecto com os pais através dos livros e da leitura.
E12	E- Sim. As actividades requerem participação.
E13	E- [...]. Pode ter uma participação activa ou passiva, depende da actividade em si. [...]. Eu costumo dizer que normalmente não gosto de perguntar aos adultos, é sempre com os adultos que as coisas correm mal, portanto com eles [crianças] corre sempre tudo muito bem. Portanto a participação deles é mesmo em pé de igualdade. Às vezes há perguntas, ou determinado tipo de coisas. Por exemplo, o caso das mostras documentais, que parece menos óbvio, já fizemos mostras em que a próxima também vai ter, em que há participação de utilizadores da biblioteca. Por exemplo aquela das XXX [prática]. Para além de expormos objectos que nos foram cedidos temporariamente por utilizadores, houve também uma base fotográfica, para esta base documental, mostramos como os objectos funcionavam, em que os modelos, alguns deles foram dos utilizadores da biblioteca e funcionários da biblioteca. Disponibilizaram para tirar as fotografias com um determinado objecto, no caso do título, do rádio portátil, houve outros. Todos os que convidamos a participar, gostaram imenso de ver as fotografias na exposição.
E14	E- A da XXX [prática]... na componente exclusivamente da XXX [prática], não, mas nos ateliês sim; eram ateliês práticos e plásticos, em que as crianças eram convidadas a desenvolver cenários, a identificar elementos das ilustrações, a complementar as ilustrações, nessa componente da actividade. V- Na hora do conto? E- Na hora do conto só na parte do ateliê, porque normalmente são actividades mais passíveis para o público, as crianças. V- E aqui assim na XXX [prática]? E- Na parte da conferência tem sempre um momento final na parte da intervenção do público, mas estamos a falar de conferência. V- Mas na conferência havia debate? E- Sim, sim, em todas as conferências, há sempre um momento no final para colocação de perguntas, esclarecimentos ou de complementar alguma informação.
E15	E- Previam. V- Pode explicitar? E-... [pausa]. Caso da Hora do Conto e XXX [prática], a escolha de quem vai fazer, não só é uma preocupação com a promoção e com a leitura. V- Mas como é que os participantes têm um papel activo naquela acção? E- Se isso é explicitado às pessoas? V- Atrás, disse que as PPL previam uma intervenção activa das pessoas... E- Estas mostras bibliográficas têm uma premissa que... de futuro queremos que, por exemplo, queremos lançar agora em Abril, nós saímos sempre da biblioteca, vamos promover a biblioteca nas escolas, este ano vamos privilegiar as escolas profissionais e, por exemplo, vamos ter uma acção, desde que tenhamos o apoio devido, que é o meu livro favorito. Vamos ver se conseguimos [...].
E16	E- Sim, sim. Como lhe disse, nós nas PPL queremos, é aquilo que nós temos enquanto conceito, é a forma que os possa levar a participar, a interagir, a agir e a criar.
E17	V- Nas seis práticas que tínhamos referido há bocadinho, elas prevêm intervenção activa dos participantes ou não? E17- Todas. V- Podem explicitar?

	<p>E17a- Os XXX [prática], eles são convidados a contar, são convidados a participar, entretanto, acaba por se criar ali umas adivinhas por exemplo, conta sempre umas duas ou três e as pessoas são convidadas a participar e criam-se ali as suas histórias. Na XXX [prática] é a mesma coisa.</p> <p>V- Porque é que vocês têm esta preocupação, de fazer as pessoas terem uma participação activa?</p> <p>E17- Porque gostamos daquilo que fazemos e gostamos de dar aquilo que temos e, também, é a nossa obrigação, nós estamos num serviço, fazê-lo funcionar de uma maneira mais correcta possível, depois também gostamos e como também gostamos, gostamos de partilhar.</p> <p>E17a- Também é uma forma de perceber se as pessoas se envolveram ou não. Por exemplo, num XXX [prática], o último que tivemos, tive aí cem pessoas. Era suposto ter-se contado duas histórias e tivemos que dizer às pessoas realmente “temos mesmo que ir”, e é difícil, que as pessoas, pronto são famílias inteiras que estão ali, que trazem os amigos e depois gera-se ali... a XXX [local] também tem pessoas de visita e as pessoas da terra trazem essas famílias que ali estão.</p>
E18	<p>E- Achamos que trabalhando numa área que é a educação não formal, que as metodologias de abordagem, neste caso dos públicos, se estivermos a falar de públicos mais pequenos, são aquelas que deverão ser em todas as práticas de interacção com públicos pequenos, neste caso, quando estamos a falar de crianças, por outro lado, porque julgamos que a prática da promoção da leitura não se faz só de uma forma unilateral, o retorno que se recebe, a participação activa do público, constrói saberes, constrói conhecimentos e julgo que é uma mais-valia. Através do diálogo as técnicas que dinamizam as actividades, colocam as questões previamente pensadas, vistas em função do que se espera que seja essa interacção do público. Basicamente é através do diálogo, [...] no caso da hora do conto há, também, aqueles ateliês que servem para, através da prática manual, as crianças também mostrarem de que forma é que vêm e sentiram aquilo que foi a prática anterior, nas outras através do diálogo.</p> <p>V- Porque é que vocês acham que isso é importante?</p> <p>E- É importante porque o facto de o público interagir e verbalizar, faz com que reflectam acerca do que acabaram de assistir e essa reflexão permite uma consciencialização do que acabaram de fazer, fazendo assim com que se expressem criticamente acerca da aprendizagem que acabaram de fazer e dos saberes que adquiriram.</p>

Quadro 32- Unidades de contexto da fundamentação da interacção e intervenção activa dos participantes nas PPL. Fonte: produção própria.

Amostra	Envolvimento das famílias nas práticas de promoção da leitura
	Unidades de contexto discursivo
E1	V-O que é que os pais aqui [na actividade] faziam? E- Interagiam com os miúdos, porque a história fala de uma flor em busca de água e às tantas os meninos deitam-se no chão e fazem de flor e os pais fazem que são a água e depois invertem. Há ali uma interacção entre a personagem desse modo.
E2	E- Sim, as animações para crianças. V- Podes explicitar mais um bocadinho, por favor? E- A tal vinda com os pais num momento subsequente. Inscreverem-se, virem não só eles mas trazerem também os pais.
E3	E- Sim. V- Dá-me um exemplo de práticas que envolvem as famílias. E- O XXX [prática]. Esse chegou a ter um encontro, depois passamos a ter um encontro de boas práticas de técnicos, mas no primeiro que fizemos, fizemos um encontro para pais. Foi muito gira a noite, foi falar de coisas difíceis, terminou com o convívio com os próprios pais na biblioteca, enquanto o filho ficava numa animação para os entreter, nós entre todos falávamos e deu coisas muito giras, porque há pais que saíram daqui a dizer, “nunca imaginei que pudesse procurar numa biblioteca uma ajuda para o filho deixar de fazer chichi na cama”, coisas como esta.
E4	E- Não.
E5	E- Sim. Há uma actividade que temos na biblioteca de XXX [local] com animadores que trabalham com fantoches e que trabalha, à partida, com a história do Pedro e o Lobo. Os pais acompanham os filhos, trabalham em conjunto, no final, depois de verem os fantoches, depois de ouvirem a história do Pedro e o Lobo, são envolvidos e vão escrever uma história, escrevem os filhos, eles escrevem uma história em grupo e os pais acompanham, andam sempre atrás e a acompanhar os filhos. V- Mais alguma que queira destacar? E- Para pais e filhos? V- Eu tenho aqui uma anotação... Referiu no início que tinha uma coisa que era para os pais... E- A internet era para os pais, mas também temos, para pais e filhos, a Bebeteca onde fazemos a promoção dos livros, mas os pais também estão sempre presentes. As actividades que fazemos aos sábados preferencialmente são sempre para pais e filhos. Já chegámos a fazer o “scrabble” historiar. Tem várias histórias, tem várias letras e nós vamos construindo palavras, vamos ganhando conforme vamos conseguindo construir palavras. Isso conta-nos uma história e depois com base nessa história, vamos fazer um scrabble historiar a partir daquela história que ouviram e é feita por pais e filhos. [...]. As nossas actividades são sempre dirigidas à família.
E6	V- Algumas destas práticas visavam o envolvimento das famílias? E- Sim. V- Pode dar exemplos? E- Um é este projecto; outro XXX [prática], também. V- Este XXX [prática], faz parte da hora do conto? E- Não. Depois temos a hora do conto durante a semana para as escolas e depois temos a hora do conto aos sábados. Ainda há aquele projecto das grávidas, XXX [prática]. [...]. Nós temos aqui outro projecto que envolve as famílias, que é a noite de XXX [prática].
E7	E- Eles estão presentes na actividade, geralmente são os avós, [...] e vão intervindo. Acompanham a leitura da criança em casa e vão intervindo junto com a criança. V- Então pode considerar-se que, depois, eles são também como que facilitadores, mentores? E- Sim. Podemos considera-los assim.
E8	E- Sim. O XXX [prática]. Tivemos uma outra... V- A XXX [prática], que vocês já tinham referido, e que não tinha tido muito sucesso? E- Era o projecto de promoção. Nós temos depois encontros com autores que também envolvem as famílias, comemorávamos o dia das famílias. Tínhamos sempre cá um contador de histórias, mas também à medida que os recursos financeiros foram esgotando... V- O que aqui acontece no XXX [prática]? E- [...] As famílias são convidadas para assistir dentro daquele tempo. É enviada uma pequena sinopse ou para os contactos de e-mail ou para o site da câmara, é feita a divulgação. As pessoas têm que se inscrever na actividade e já sabem ao que vêm, pelo menos os adultos que se inscrevem, sabem do que se vai falar e depois temos que as famílias participam, fazem-se as leituras, exploram-se em cada momento. V- E o que é que há quando querem atingir um pai ou uma criança? Como é que pegam para envolver a criança? Como é que pegam para envolver o pai? Para eles participarem activamente, como é que vocês fazem? E- Eu diria, como o Sebastião da Gama diz, a aula acontece. A sessão acontece com aquelas pessoas, naqueles momentos. Não é nada muito premeditado... há alturas que sim, somos, temos grupos educativos e temos medidas preparadas para surpreender um ou outro pai e perguntar concretamente, fazer perguntas. Muitas vezes aquilo que acontece e que se dá ali, não foi a nível da participação do público e das intervenções que têm, não é algo muito esperado... Gera-se ali uma dinâmica e é uma coisa espectacular.

E9	<p>E- Sim. Nesta própria actividade XXX [prática], também participam. Na parte final, também há uma intervenção deles, [as crianças] mostram o trabalho aos pais e, depois, há uma fase em comum, em que eles vão participando nas actividades.</p> <p>V- Podes explicitar um pouco mais essa participação?</p> <p>E- Acompanhando na feitura da leitura dos cenários, na leitura acompanhada.</p>
E10	<p>E- Sim.</p> <p>V- Podemos ter exemplos?</p> <p>E- A XXX [prática]. E há outras actividades, das que são realizadas ao sábado, porque a família está presente, por isso há sempre um envolvimento da família.</p> <p>V- Mas estamos a falar num envolvimento activo?</p> <p>E- Activo, e depois eles também estão ali presentes na actividade e, também, é solicitada a sua participação.</p>
E11	<p>E- Todas.</p> <p>V- Queres explicitar melhor?</p> <p>E- É como já antes te disse.</p>
E12	<p>Sim. Olha, o teatro musical. Este trabalho envolveu a acção de pais, proporcionaram os fatos, alguns deles até participaram com os meninos a fazer a peça. Isto aqui é só um exemplo.</p>
E13	<p>E- Sim. É sobretudo os XXX [prática].</p>
E14	<p>E- Sim.</p> <p>V- Pode dar um exemplo?</p> <p>E- Sim, em 2010 tivemos uma actividade, que é XXX [prática], um jogo que fizemos com as famílias com os “pufs” e com o XXX [convidado].</p> <p>V- E como é que as famílias, os pais, estavam aqui “enfeudados”?</p> <p>E- Porque cada actividade tem que ser, obrigatoriamente, feita pelas famílias. Não só porque as crianças sozinhas não conseguiam completar os desafios e os adultos, só se participassem é que tinha um grande interesse.</p>
E15	<p>E- Sim, claro.</p> <p>V- Dê-me exemplos que visavam o envolvimento das famílias.</p> <p>E- Tivemos cá a XXX [prática]. Uma acção XXX [caracterização que identifica a prática]. Na hora do conto, também. Depois, complementam sempre a actividade, que tanto envolve pais e [como] filhos. A iniciativa implicava mesmo ouvir e falar e envolvia os pais.</p>
E16	<p>E- Sim.</p>
E17	<p>E17- Sim.</p> <p>E17a- Sim, sim. Nós depois estendemos às famílias, geralmente. Com as actividades ao sábado ou à noite, também tentamos abranger.</p> <p>E1- E continuamos com elas [em família]. A XXX, [uma actividade que se desenvolve nas escolas], aos sábados, em família.</p>
E18	<p>E- Sim. A dos bebés.</p> <p>V- Há mais alguma que envolva?</p> <p>E- A XXX [prática], eles vêm sempre com a família. Há um envolvimento dos pais, para além de os trazerem, apreciam assistir com os filhos e estar com os filhos no momento.</p> <p>V- Mais alguma coisa que queira acrescentar?</p> <p>E- Um coisa que notamos quando temos, aí há um envolvimento na vinda em família é quando temos aqui patente exposições de coisas que os miúdos produziram. Se for uma coisa feita no âmbito escolar e que depois temos aqui para mostrar, eles vêm com as famílias.</p>

Quadro 33 - Unidades de contexto do envolvimento das famílias nas práticas de promoção da leitura. Fonte: produção própria.

Amostra	Conhecimento prévio dos públicos
	Unidades de contexto discursivo
E1	V- Diz-me que é algo habitual. Então o que é que vocês já sabem deste grupo? E- Sabemos o que é que eles já trabalharam, as pesquisas que fizeram, com os pequeninos isso ainda acontece.
E2	E- Não, não é muito feito, não. É raro. V- Porque é que isso é raro? E- Porque geralmente a iniciativa está do lado de lá, está do lado de quem se inscreve e como é um universo heterogéneo, nós acabamos por saber o básico que nos dizem, foi um grupo da XXX [local], de um bairro desfavorecido ou vem um grupo do XXX [local], nós sabemos mais ou menos quais são os interesses e quais são as apetências, as oralidades que as crianças já têm não é?
E3	E- Não. Se são grupos novos, sim. Os outros já os conhecemos e trabalhamos com eles há anos. Se são grupos novos, tentamos perceber que grupo é, de onde é que vem, se vem dum ambiente difícil.
E4	E- Tentamos conhecer para saber onde direccionamos a nossa divulgação e despertar o interesse, porque sabemos que aquele grupo vai ficar interessado naquele assunto e que lhe é direccionado, existe sempre essa preocupação. V- Mas eu digo antes, elas sabem antes? E- Isso é difícil.
E5	E- É raro, ponha é raro.
E6	E- Raro. V- Pode fundamentar? E- Em grupos escolares, quer dizer, se nós recebemos crianças para virem á hora do conto, nós sabemos que são crianças naquele grupo etário para o qual se dirige aquela actividade.
E7	E- Habitualmente, para saber se há alunos com algum tipo de limitação, ou o que eles possam estar a fazer na escola com os professores. V- Como é que fazem isso? E- Telefonicamente, quando é feita a inscrição.
E8	E8- Quero. No serviço educativo nós temos um impresso de marcação de actividade que é, por assim dizer, obrigatório. Qualquer turma que se queira inscrever tem que fazer esse preenchimento e esse formulário tem num ponto a caracterização do grupo que o professor deverá fazer. De identificação, de alunos em situações especiais, quantos alunos são? Que faixa etária que têm os alunos? Esse conhecimento prévio do grupo que vamos receber, tendo em conta a idade, o ano lectivo, os casos sociais da turma, permite-nos saber o que vamos esperar. [...]. Não é preciso vir impresso de marcação porque nós temos acesso aos programas, sabemos quando estão a dar aquelas matérias, se é de terceiro ou de quarto [anos]. Muitos dos que abordamos são transversais, não têm esta preocupação, que o primeiro ano está esgotado, mas a igualdade de género é desde que se nasce, tema [de] que todos deveríamos falar a qualquer altura da vida.[...]. E8b - Temos um grupo de actividades no início do ano lectivo e junto dos professores, alguma temática específica que se esteja a trabalhar, que os professores queiram, podem para além da nossa proposta sugerir. E8- Ela lembrou bem. O nosso impresso de avaliação tem um campo final que diz sugestões, para além do professor avaliar depois a actividade, desde os conteúdos às estratégias, à linguagem que foi utilizada, o professor pode ainda sugerir alguma coisa.
E9	V- Queres fundamentar? E- Tem a ver com a nossa capacidade organizativa. Às vezes a gente tenta fazer esse trabalho prévio de reuniões preparatórias, mas nem sempre as coisas correm como queremos. Nem sempre podemos deslocar-nos lá. [...]. Quando se contacta sabe-se logo, as duas educadoras estão instruídas para saber o que se pretende sempre.
E10	E- É habitual. V- Queres fundamentar? E- Temos a preocupação, se queremos chegar às pessoas, temos que lhes dar coisas que estejam de acordo com as suas necessidades, com os próprios gostos, com próprio contexto em si. [...]. Normalmente quando nos pedem alguma actividade, nós reunimos sempre esses dados, que grupo é que é, faixa etária, interesses. Quando criamos, também temos em conta as características da faixa etária e do público-alvo que se destinam.
E11	E- Sim. V- Queres comentar isto? E- Para adequarmos, devidamente, a nossa oferta.
E12	E- Isso é um trabalho que a educadora faz, como ela já trabalha há muitos anos nesta prática, ela tem um conhecimento, eles têm uma prática em relação ao primeiro ciclo e ao pré-escolar de uma prática continuada da realidade desde o aparecimento disto. V- Vocês procuram saber como é o grupo é quase sempre? Frequentemente? E- Não. Eu acho que é mais dos 75% aos 100%. Porque há um trabalho prévio de apresentação às escolas. V- Dizes que há um trabalho prévio? E- A equipa desloca-se às escolas, à maior parte das escolas. [...]. Há essa preocupação de saber quais são no próximo ano, quais são os temas, os programas das escolas, para que, de alguma forma, não estarmos a dar um tiro no escuro, há aqui essa preocupação.

E13	<p>E- Não fazemos. V- Não fazem por alguma razão... E- Não acho que se conseguisse fazer. Nós temos um relatório e esse relatório é o que garantimos a quem nos visita, organizados turma a turma, ou de duas turmas em duas turmas, agora é ter alguma coisa com capacidade de resposta para os meninos que nos visitam. Eles vêm efectivamente nos visitar, e para eles é uma novidade, para muitos inclusive é a primeira vez que vêm à biblioteca.</p>
E14	<p>E- É raro. Normalmente, são sempre ofertas tipificadas para um grupo escolar. Não aquele; o que para a nossa ideia é um grupo escolar. Não fazemos essa adequação específica a um grupo em concreto. Fazemos com um grupo escolar, com uma faixa etária específica, de um ciclo específico, não nos orientamos para aquele grupo em concreto. Tanto que muitas vezes só conhecemos esse grupo no decorrer da própria actividade. [...]. Quando se inscrevem dão informação “olhe, é um grupo que tem alguns repetentes, ou tem dificuldades” V- Então, diria que apesar de as práticas serem diferentes mas tipificadas, há a preocupação de conhecer os potenciais actantes que vão enfrentar? E- Há essa preocupação sempre. As actividades são sempre feitas com marcação, para além de sabermos o número de crianças e o ciclo, obviamente, a que correspondem, os professores dão-nos sempre essas indicações. Ou para um conjunto de crianças ou se é possível orientar mais para este tema ou mais para outro tema, ainda que as actividades não sejam de encomenda mas fazemos sempre esta adaptação.</p>
E15	<p>E- Quais são as possibilidades de resposta? V- Se é algo que é habitual, frequente, raro ou inexistente? E- Frequente, frequente. V- Quer fundamentar porque é que, frequentemente, têm esta preocupação de tentar conhecer previamente as pessoas que vão, ou estão, inscritas num grupo ou actividade de PPL? E- Para ver se a actividade se adequa ao público. Para vermos se temos capacidade de apoio, para vermos se temos de recorrer à colecção. Por exemplo, recentemente houve visitas de um centro comunitário da [local] que quiseram vir cá visitar a biblioteca, para fazermos um jogo em relação à biblioteca, um jogo de “quiz”, de perguntas e respostas, e depois dava lugar a uma hora do conto, com uma técnica nossa. O ajustamento está, que de repente nos trocaram as voltas e eram alunos de entidades diferentes. A técnica que fez a actividade, teve que ter o cuidado de mudar o livro com que ia basear a actividade, os miúdos mais pequeninos tiveram uma actividade de promoção de leitura, do estudo do livro, depois com uma actividade de corte e cola, de expressão plástica, etc. Os outros miúdos mais velhos [ela] já teve o cuidado de ler outra obra completamente diferente e de fazer uma actividade de pergunta e resposta do que é que eles perceberam do livro. E tudo no espaço que teve de ser mudado, porque tínhamos uma outra visita exactamente no mesmo dia.</p>
E16	<p>E- Nós, uma das coisas que começamos a fazer foi uma metodologia de foco de grupos e foi perceber o que se passava nas comunidades, para que não repetíssemos o que as comunidades estavam a fazer. É muito prática das bibliotecas, por exemplo, em determinado período do ano em que se está, sei lá, agora é moda falarmos nas questões da literacia financeira e, de repente, as bibliotecas substituírem alguma instituição da própria comunidade ou reeditar o que a própria comunidade já está a fazer, porque não aliar esforços e trabalhar no mesmo sentido. V- E como é que sabem o que a comunidade está a fazer? E- [...] exactamente, porque têm uma dinâmica comunitária muito grande. A dinâmica que ali se tentou criar foi, fazer regularmente reuniões com e tentar... com associações de moradores como, por exemplo, [...] a associação de residentes de XXX, a junta de freguesia que tem uma dinâmica imensa, juntamos, também, associações de empresários V- Eles financiam? E- Não financiam, mas podem fazer uma coisa muito interessante, que nos aconteceu há pouco tempo, que é fazerem determinado tipo de conferência ou de esclarecimento à população, que, por exemplo, do ponto de vista do empreendedorismo, estamos numa época em que o desemprego é elevadíssimo e precisamos de esclarecimentos em termos de microcréditos, de empreendedorismo, então, o que é que as bibliotecas podem fazer neste sentido? Nós não sabemos fazer isso, nem temos que saber fazer isso, mas há... por exemplo, o XXX, que é uma das empresas [...] no empreendedorismo, dar conferências... chamar-lhe-ia “workshops” mais de esclarecimentos específicos às pessoas numa fase de desemprego o que é que uma pessoa pode fazer.</p>
E17	<p>E17- É frequente, porque às vezes também vêm cá pedir-nos coisas e nós não os conhecemos muito bem, mas tentamos sempre perguntar. V- Porque é que vocês fazem isso? E17b- Para, depois, sabermos enquadrar da melhor maneira aquilo que nós vamos apresentar. Porque faz muita diferença. Porque se tenho uma turma, por exemplo uma criança, que tem uma cadeira de rodas, duas ou três, tem que se adequar, por exemplo a disposição da sala. Imaginemos que é um jogo onde se vão sentar todos no chão e vão fazer uma actividade qualquer em que estejamos todos sentados no chão, já tem que se pensar que aquelas crianças, e, se calhar, já não nos vamos sentar no chão, vamos sentar-nos todos nas cadeiras, para depois não ficar... não é?</p>
E18	<p>E- Digamos que não é sempre que se consegue fazer isso. De uma maneira geral tenta-se, enquadrando-se aqui nisto, de uma maneira geral, podemos dizer que é frequente. Porque quando fazemos a inscrição e no acto da inscrição, há recolha de informação sobre o grupo que se vai receber. V- Que tipo de informação é que se recolhe? E- Estou a pensar, julgo que tínhamos falado mas ainda não concretizamos, fazer-se mesmo uma ficha de levantamento [...], mas temos não só as idades, como as expectativas que têm da actividade, isso é uma coisa que não se pergunta, mas eu sei que é pensado. Dependendo do local de onde vêm, também se percebe o meio e isso determina, por vezes, a interacção com o grupo.</p>

Quadro 34 – Unidades de contexto de fundamentação do conhecimento prévio dos públicos. Fonte: produção própria.

Amostra	Fundamentação da ponderação popularidade/interesse atractividade/pertinência dos conteúdos
	Unidades de contexto discursivo
E1	E- Tem que haver um equilíbrio entre as duas, senão fazemos actividades que não têm popularidade, não têm cá ninguém e o interesse é trazer pessoas à biblioteca.
E2	E- Não é pacífico e nem sempre é fácil, mas tenta-se não ceder ao mais fácil e àquilo que apela de imediato mas que não tem tanto interesse, tenta-se sempre ter esse. Fazer esse balanceamento das duas questões.
E3	E- Eu acho que fazemos um “mix”. Tentamos sempre fazer um “mix” não é? [...]. Nós estamos preocupados com a qualidade daquilo que se faz e não tanto, não estamos à espera que eles saiam daqui maravilhados, mas aquilo que pretendemos fazer é mais atingir a qualidade da própria iniciativa ao máximo. Se daí resultar popularidade melhor, não é?
E4	E- Sim. V- Pode explicitar? E- O nosso objectivo é as pessoas virem à biblioteca e que as pessoas que vêm à biblioteca sejam interactivas. V- Como é que vocês fazem? E- O objectivo é esse, tentar procurar o público-alvo, além de querermos englobar o público geral, haver sempre algo no qual aquilo vai despertar atenção e interesse.
E5	E- Ponderamos porque nós temos sempre... quando fazemos alguma coisa, o nosso trabalho tem que ter sempre algum sumo... não podemos só ter um “bouquet”. Nós sabemos que estamos enquadrados numa biblioteca e que todo o trabalho que aparece aqui, se fazemos um trabalho de animação, esse trabalho tem que complementar algo. Há aqui um objectivo, que é a promoção dos livros. Nós queremos e estamos aqui para promover livros e com essa promoção de livros levar à promoção da leitura, por isso ponderamos sempre criar trabalhos que lá está, vivemos naquela fase do aliciamento.
E6	E- Vou concretizar com os projectos. Nós temos um projecto de integração de surdos, crianças surdas e crianças com audição normal. Qual era o grande objectivo deste projecto? Que tanto uma criança como a outra conseguisse comunicar entre si, tudo isto através de actividades em que o livro era o instrumento fundamental. [...]. O popular, para nós, não nos interessa; basicamente o que nos interessa é que cada um dos projectos deixe marcas e que sirva efectivamente para aquilo que nós pretendemos que é o estímulo pela leitura. Pelo gosto pelo livro, pelo gosto da leitura e isso fazemo-lo através de mecanismos que não só são direccionados directamente, estou a falar aqui no caso das crianças, às crianças, como temos a preocupação de que os pais sejam de tal modo envolvidos e que também eles ganhem novas capacidades, novas competências para continuarem esse trabalho em casa.
E7	E- Sim. V- Podem explicitar? E- Aqui connosco tem que ser atractiva, mas que tenha a consistência e que seja uma mais-valia. Na questão que vamos fazer do XXX [prática], [...] é um pouco difícil para as crianças. Uma das obras aqui seleccionadas para a biblioteca, para a leitura, agora para a prova distrital, foi XXX [prática], que também vamos fazer uma peça com marionetas numa noite de Verão. [...] É ver onde podemos enquadrar, [...] leituras, que não sejam aquelas leituras muito fáceis, porque senão, não há desafios. Não pensam, não conhecem e o que nos interessa é que tenham contacto com os diferentes autores.
E8	E8- Porque é um conteúdo com pertinência... É mais por aí. E8b- Valorizamos a pertinência. V- Podem explicitar? E8- Este ano lectivo estamos a trabalhar o ano da agricultura familiar, é em 2014 o ano internacional e paralelamente temos uma actividade que complementa este sobre a floresta, crescer com a floresta e procuramos transmitir um tema importante, de falar sobre os conteúdos que depois em contexto tanto de actividade como de sala de aula, tanto o professor como os alunos possa ter continuidade. [...]. Temos percebido através destas actividades, que cada vez mais os pais, com o espaço que têm, tentam cultivar nem que sejam ervas aromáticas [...]. Nesta actividade da agricultura eles levam sempre um grão para plantar. É uma actividade que se faz frequentemente nas escolas.
E9	E- Sim. V- E como é que é? E- É assim, por exemplo, nesta hora do conto, temos uma vez por mês, nem todas as situações são feitas da mesma forma. [...] [enuncia várias PPL calendarizadas] Depois aquilo tem uma parte mais lúdica. Noutras situações a questão da popularidade nunca é observada, é observada aquilo que nós queremos, o tema que queremos chamar à atenção ou então aquilo que nos pedem, o “on demand”, que é o que é encomendado. [...]. Normalmente é assim, para o sábado fazemos de uma maneira, somos nós que tomamos a iniciativa, para os grupos é consoante o que os grupos nos pedem ou tomamos a iniciativa de ir ao encontro de certas necessidades.
E10	E- Sempre. V- Podem explicar? E- Às vezes são mesmo escolas que nos dizem, “aquele livro é tão interessante, podiam trabalhar aquele livro”; outros, o tema, não são? “Ah tenho dificuldade em trabalhar determinados temas, se vocês pudessem através da leitura”... V- Sentem-se como facilitadores, com as escolas, no processo educativo? E- Também. E a leitura pode ser uma forma. Eu acho que aqui junta-se dois, ou três, em um. Porque se junta

	aquilo que se quer fazer, que é a promoção da leitura e a criação de hábitos de leitura e, ao mesmo tempo, ajudá-los no seu percurso escolar. A promoção da leitura é com estratégias, é quase como um namoro: temos de namorar o leitor ou o futuro leitor. Nós temos que ter essas estratégias. Eu costumo dizer que a arte de fazer um leitor é um enamoramento e, portanto, temos que ter essa estratégia, por isso procuramos que a pertinência e o tema, e isso, esteja tudo interligado.
E11	E- Devia ser um requisito quando estás a pensar nas actividades e nas abordagens. Outra coisa, que eu agora também sublinho, é não fazemos propostas sempre com as mesmas abordagens. Isso é muito importante e eu tenho verificado que isso é o que mantém, também, a dinâmica aos sábados. Porque se nós estivéssemos a contar uma história, uma hora do conto que fosse sempre da mesma maneira, se estivéssemos a fazer uma oficina sempre com a mesma abordagem, as pessoas desviavam-se, não estariam cá todos os sábados, eu penso que nós já temos um público fidelizado [...] andamos sempre a modificar as abordagens e isso também cria dinâmica. Porque uma vez, por exemplo, quando eu comecei a trabalhar, nós tínhamos aqui um grupo de teatro [...] e a câmara comprava esse serviço, [...] eram actores profissionais que vinham cá contar as histórias e não tinha grande público, porque a pessoa que vinha contar a história vinha sempre com um personagem que era uma velhota, uma avó e era sempre aquilo. Mudava a história mas era sempre um contacto com a história no mesmo registo, com a mesma abordagem e o personagem era sempre o mesmo. Ao fim de um certo tempo as pessoas, “ah já fui lá”, não se interessam tanto. Se existir sempre uma certa surpresa e se a pessoa nunca souber bem o que é que vai acontecer, isto mantém público.
E12	E- Sim. Nós é o que tentamos fazer, que é pedir às pessoas que nos indiquem [...] qual seriam os temas que gostariam de ver abordados em termos de práticas da biblioteca, áreas de preferência. Parte dessa comunicação que também nos leva a outra parte e a ter em conta o que vamos desenvolver também.
E13	E- Sim V- Podem explicitar? E- Acho que isso tem a ver com o marketing e com a forma como as coisas são apresentadas. Vale quase tudo, como eu dizia há bocado, só não valem os palhacinhos e os balõezinhos.
E14	E14- Sim. Equilibra-se com o convite a intervenientes de qualidade e que também sejam figuras mediatizadas.
E15	E- E- Sim, claro. V- E, pode explicar como fazem isso? E- Primeiro na escolha da actividade, no planeamento da actividade, há sempre uma conversa prévia, um debate de ideias entre os técnicos, mais uma vez dou o exemplo da XXX [prática], [...]. Há uma atenção especial à pertinência porque, por exemplo, tentamos estar sempre atentos à realidade que nos rodeia e ao que está a acontecer, no caso, mais uma vez, da XXX [prática], estávamos, e estamos, no momento dos cronistas e dos escritores de opinião, as pessoas têm, mais do que nunca, ferramentas por onde se expressar, é a internet, é os blogs, as caixas de comentários dos jornais, etc. [...].
E16	E- E- Sim. Tenho de confessar que sim. V- E porquê? E- É como lhe digo, quando eu cheguei a XXX [concelho], as bibliotecas precisavam de dar uma grande volta, portanto, a popularidade aí era temos de fazer projectos, que em termos políticos sejam assumidos, valorizados e quando precisamos de orçamento, precisamos de ter dinheiro, precisamos de mostrar que isto está ter impacto na XXX [no local], essa era uma das razões. Depois era perceber o que é que não existia, o que não tinha sido feito, o que é que nós queríamos, efectivamente, trabalhar ao longo destes quatro anos, (...) e já estamos a caminhar noutro sentido e a rever, aqui, a nossa rede de bibliotecas [...]. Mas a ideia era um bocadinho essa, com o caminho que nós tínhamos trilhado, tocar em todos esses pontos, porque, como sabe, se não formos populares, politicamente não chega a informação e, depois, também não chega o orçamento que precisamos.
E17	E- Nós tentamos juntar os elementos possíveis, sim. V- E porque é que vocês procuram fazer esta síntese? E- Porque, também, queremos levar estas coisas ao maior número de pessoas, não é? Uma coisa de qualidade se só vierem aqueles que já conhecem, podem vir pessoas que estão interessadas naqueles temas e tipo de espectáculo ou de actividade, mas vindo até passam a gostar e passam a entender. Por isso, às vezes, também é preciso ir até às pessoas com um bocadinho daquilo que elas gostam ou que elas estão habituadas a apreciar, mas dando-lhe a volta de outra maneira. Não sei se me fiz entender. É um bocadinho de... Eu não concordo com aqueles programas de televisão que só dão às pessoas aquilo que elas gostam... Eu, há muito tempo, que não via ao domingo à tarde e agora... Fiquei escandalizada. Acho que aquilo é dar às pessoas o que elas pensam que gostam e embrutecê-las. Se nós às vezes pegarmos naquilo que elas pensam que gostam, mas se lhes mostrarmos as coisas de outra maneira. elas vêm, mas, se não, ficam em casa por “eu não gosto daquilo”; “eu não percebo nada”. E em vez de evoluirmos...
E18	E- Sim. V- Pode explicitar? E- Essa reflexão é feita na medida em que por vezes se escolhem temas que podem não ser tão atractivos, mas que pensamos que são pertinentes de abordar. Quando pensamos enquadrar uma hora do conto numa temática cuja pertinência nos parece determinante abordar num determinado contexto.

Quadro 35 – Unidades de contexto da ponderação entre popularidade e interesse dos conteúdos das PPL.

Fonte: produção própria

Potenciais factores relevantes	Amostra	Fundamentação da elevada potencial relevância atribuída aos factores assinalados
A - Ampliação do acesso à leitura	(E1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 17, 18) Total: 13	E1- Para ultrapassar limitações culturais E2- Para dar visibilidade aos recursos e abrir perspectivas p/o convite à leitura E4- Para promover o livro, promover a leitura E5- Para criar o gosto pela leitura e as pessoas ultrapassarem o iletrismo e adquirirem mais conhecimentos E6- Para levar ao gosto pela leitura e por tudo o que está relacionado com os livros E7- Para chegar ao maior número de utentes e permitir acesso à leitura E8- Por serem os mais importantes do ponto de vista dos leitores E9- Porque se constitui de interesse transversal para todos os destinatários. E10- Porque estão previstos que devem estar na génese das actividades de PL E13- Por ser estruturante para o desenvolvimento dos outros factores E14- Por ser um factor previsto atingir com as PPL E17- Porque não existe, no país e na comunidade, suficiente acesso material e interesse pessoal pela leitura E18- Porque estes factores são os [a] que se atribui maior relevância
B - Promoção do gosto e hábitos de leitura textual impressa e digital	(E1, 3, 5, 6, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18) Total: 11	E1- Pela promoção do texto E3- Porque são estruturantes para se conseguir uma efectiva promoção da leitura E5- Para criar o gosto pela leitura e as pessoas ultrapassarem o iletrismo e adquirirem mais conhecimentos E6- Para levar ao gosto pela leitura e por tudo o que está relacionado com os livros E9- Porque se constitui de interesse transversal para todos os destinatários. E10- Porque estão previstos que devem estar na génese das actividades de PL E11- Porque fazem parte das orientações da IFLA e dos direitos das crianças E13- Por ser estruturante para o desenvolvimento dos outros factores E14- Porque é importante E16- Porque as bibliotecas não se podem esquecer dessa parte, mas podem mostrar o outro lado, que há mais mundo para além da leitura textual E18- Porque estes factores são os [a] que se atribui maior relevância
C - Ampliação de competências de leitura em literatura de ficção	(E11) Total: 1	E11- Porque abordam várias áreas e têm um papel importante.
D- Ampliação de competências de leitura textual e não textual em campos específicos do conhecimento	(E1, 3, 6, 7, 8, 9, 11, 16) Total: 8	E1- Porque a hora do conto é feita em várias áreas temáticas E3- Porque são estruturantes para se conseguir uma efectiva promoção da leitura E6- Para levar ao gosto pela leitura e por tudo o que está relacionado com os livros E7- Por serem fundamentais numa biblioteca e permitirem o acesso e difusão da leitura em diversos suportes E8- Por serem os mais importantes do ponto de vista dos leitores E9- Porque se constitui de interesse transversal para todos os destinatários. E11- Porque é estruturante E16- Para as bibliotecas olharem o livro, a colecção, como um todo, serem um espaço dinâmico, um centro cultural de proximidade
E- Finalidades lúdicas	(E7) Total: 1	E7- Por serem fundamentais numa biblioteca e permitirem o acesso e difusão da leitura em diversos suportes
F- Potencial de sociabilização e de interactividade grupal	(E6, 8, 10, 11, 13, 16, 17) Total: 7	E6- Por levar ao gosto pela leitura e por tudo o que está relacionado com os livros E8- Por serem os mais importantes do ponto de vista dos leitores E10- Porque estão previstos que devem estar na génese das actividades de PL E11- Porque é mesmo o nosso objectivo e são amplificadores da leitura E13- Porque é fundamental para o contexto social mais lato E16- Porque são importantes conexões entre as pessoas, os grupos e a comunidade E17- Para a biblioteca responder ao que lhe é requerido pela comunidade
G – Possibilidade de envolvimento activo dos destinatários nas PPL	(E3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 17) Total: 9	E3- Porque são estruturantes para se conseguir uma efectiva promoção da leitura E7- Por serem fundamentais numa biblioteca e permitirem o acesso e difusão da leitura em diversos suportes E8- Por serem os mais importantes do ponto de vista dos leitores E9- Porque se constitui em interesse transversal para todos os destinatários. E10- Porque estão previstos que devem estar na génese das actividades de PL E11- Porque do ponto de vista de educação têm uma acção directa sobre as crianças. E12- Para se tornarem utilizadores e leitores da biblioteca E15- Porque é essencial para envolver as pessoas na leitura, [...] haver troca de ideias, troca de opiniões E17- Para as pessoas envolverem-se integralmente na PPL
H- Ser uma oferta nova/alternativa	(E7,10, 16) Total: 3	E7- Por serem fundamentais numa biblioteca e permitirem o acesso e difusão da leitura em diversos suportes E10- Porque estão previstos que devem estar na génese das actividades de PL E16- As bibliotecas de XXX estavam esquecidas no mapa, queríamos destacar-nos [...] estamos a trabalhar numa linha de inovação e inovação estratégica [...] e queríamos que [...] passassem a ser espaço de “startups”
I- Promoção da qualificação individual dos destinatários	(E1, 3, 6, 8, 9, 10, 12) Total: 7	E1- Porque as pessoas ficam mais qualificadas do que antes E3- Porque são estruturantes para se conseguir uma efectiva promoção da leitura E6- Porque esse é um objectivo a atingir E8- Por serem os mais importantes do ponto de vista dos leitores E9- Porque se constitui em interesse transversal para todos os destinatários. E10- Porque estão previstos que devem estar na génese das actividades de PL E12- Para convidar à formação dos leitores

Quadro 36 – Fundamentação da elevada potencial relevância atribuída aos factores assinalados. Fonte: produção própria.

Amostra	Competências específicas de Leitura
	Unidades de contexto de competências de oralidade associadas às PPL
E1	E- As leituras em voz alta.
E2	E- Sim. As animações da leitura estimulam essa parte, porque as crianças têm que se exprimir. São-lhes pedidos contributos, opiniões e elas terão que desenvolver essa capacidade.
E3	E- Quando nós estamos a fazer uma leitura em voz alta estamos a valorizar e a chamar à atenção para a oralidade.
E4	E- Na participação interactiva.
E5	E-O trabalho em torno do conto tradicional com base na oralidade, em contar as histórias e também a outra coisa da oralidade é a importância que damos à palavra. As actividades, esta actividade para a terceira idade, também, trabalhavam a palavra, falávamos da questão da importância da oralidade e do dizer.
E6	E- Os projectos dos mais pequeninos, tem muito a ver com a oralidade. O projecto dos mais pequeninos, é um projecto de continuidade onde se começa a ensinar ou tentar que as crianças consigam identificar as cores, as formas e tudo isto é feito com a oralidade. V- Como é que isto é feito? E- É sempre com imagens projectadas ou tridimensionais.
E7	[Enunciação de uma actividade].
E8	E8a- O XXX [prática] de leitura em voz alta, que é para o público mais adulto E8- É leitura oral. É definido um tema em cada sessão e é trabalhada a leitura com três minutos de duração no limite sobre aquele tema e uma leitura de diferentes géneros literários, pode ser prosa, pode ser poesia. [...] e técnicas de leitura em voz alta, que a colega trabalha como atriz, como técnicas de colocação de voz, expressividade...
E9	E- Dá para a oralidade: representaram aquela história, depois construíram um texto, porque o cenário estava cheio de textos, frases, iam produzindo frases à medida que iam dizendo o que significava, o era a valer, depois contaram a história. Ao mesmo tempo descobriram que essa história falava de outras paragens.
E10	E- Temos XXX [prática] em que eles próprios têm de ler, têm de participar na actividade através da leitura. V- Como se chama a actividade, dá-me um exemplo de uma dessas? E- Há muitas que têm, a XXX [prática] têm partes que eles têm que fazer uma leitura.
E11	E- Falar sobre a história por exemplo. Saber falar sobre a história. Falam sempre sobre as personagens, a história que se ouviu.
E12	E- A dramatização da história da XXX [prática].
E13	E- Ia pôr as Comunidades de Leitores.
E14	[Enunciação de uma actividade]
E15	E [...] se olharmos de fora, esquecemo-nos do que está a fazer, está a dinamizar a hora do conto, é uma pessoa da comunidade, e essa já está a desenvolver competências da oralidade dos próprios contos XXX [prática], porquê? Porque é à volta do livro, ou à volta da poesia, mas depois de uma parte de discussão à volta de um livro, da de poesia, e todas as pessoas têm um contributo de poesia pessoal, muitas das vezes é eleito um tema e as pessoas têm um trabalho prévio... e de declamação, etc.
E16	[Enunciação de uma actividade]
E17	E- Os contos tradicionais é não só ouvirem, como eles próprios contarem.
E18	E- Há coisas com os bebés, por exemplo, que têm a ver com a oralidade, não da verbalização, mas da oralidade. Depois a própria exploração exterior à hora do conto, também explora muito essa vertente.

Quadro 37 –Unidades de contexto sobre competências de oralidade associadas às PPL. Fonte: produção própria

Amostra	Competências específicas de Leitura
	Unidades de contexto de competências de audição associadas a PPL
E1	E1b- As leituras em voz alta. E1- Fazíamos espectáculos de música.
E2	E- A audição também, porque no fundo elas têm, que também ouvir e aperceber-se daquilo que se está a passar para depois puderem emitir uma opinião, não é? Primeiro há sempre um contributo dos animadores e depois é que elas são chamadas a dar a sua opinião e a intervir no próprio curso da animação.
E3	E- Um grupo de jovens trabalha um determinado tema, nós já cá tivemos um grupo de jovens que trabalhou as peças de Gil Vicente, no Verão, foi um workshop que tivemos [...]. Esse grupo desenvolvia imenso a audição.
E4	E- As atividades infanto-juvenis e aquela coisa da palestra.
E5	E- Nós também temos trabalho para professores, que são chamadas as XXX [prática], uma formação onde desenvolvemos e onde damos a prática... onde mostramos todas as metodologias que eu falava há pouco que eram necessárias para a leitura e para cativar os jovens a ler. E aí ao trabalharmos a palavra, trabalhamos a importância da entoação, ou seja, é preciso ouvir bem, [...], e estar atento à forma de dizer, de entoar, de trabalhar a palavra para que isso venha a desenvolver e venha a fazer com que a pessoa que desenvolve a audição a possa vir a empregar [...]. Nós fizemos aqui uma actividade, XXX, com o Rui Vieira Nery. No início fizemos um pequeno apontamento com poemas que foram cantados pela Amália e, depois, o Rui Vieira Nery veio falar da história do fado.
E6	E- O ouvir, este projecto também começa com música e com uma canção. Sempre que se inicia uma sessão as crianças cantam aquela canção.
E7	[Enunciação de uma actividade]
E8	E8a – É desenvolvida com a promoção do gosto pela leitura, com técnicas de leitura em voz alta.
E9	E- Ouvirem as leituras e as representações pois, como já disse, importa desenvolver uma escuta atenta.
E10	E- Elas estão todas, têm uma quantidade muito forte, nessas duas vertentes. Eles têm de dar atenção ao que estão a ouvir.
E11	E- Por exemplo a música associada às histórias para bebés. O ritmo... Muitas vezes, também contamos a história a partir dos sons.
E12	E- O teatro musical da XXX [prática].
E13	E- Comunidades de Leitores, tanto para uma como para a outra.
E14	E- Sim, as XXX [prática] tinham essa componente também, quer ao nível da actuação, quer ao nível da performance também. Nessa vertente, sim, mas também com a componente musical.
E15	E- As XXX [prática] com poemas porque se misturam, eles são ecléticos, têm partes de música e poesia, poesia musicada. Nos XXX [prática], já nos aconteceu ter alguém que não só conta a história mas dedilha uma guitarra.
E16	[Enunciação de uma actividade] E16- Posso falar em projectos de parceria com a XXX, tudo o que seja literacia musical.
E17	E- Todas as da hora do conto.
E18	E- A audição, as actividades da música, quer para bebés quer no âmbito da ludoteca. Uma é música XXX [prática] e outra XXX [prática] com música.

Quadro 38 – Unidades de contexto sobre competências de audição associadas às PPL. Fonte: Produção própria

Amostra	Competências específicas de Leitura
	Unidades de contexto de competências de visão associadas a PPL
E1	E1a- No XXX [uma actividade] [...] todos os meses fazíamos uma exposição. [...]. Às vezes fazíamos visitas guiadas, muitas vezes e fazíamos ateliês.
E2	E- Sim, também. Creio que muito nos mesmos termos. A visão eu levaria a questão para a educação visual não é? Talvez a da visão seja também das menos educadas.
E3	E- A visão, nós temos grupos a vir explorar esta exposição do Andersen, a questão visual.
E4	E- Aqui não. É melhor tirar.
E5	E- [...] temos o trabalho com as pinturas. V- Diga lá. E- Estava no XXX [evento]. V- E como é que ele contribui para esta parte das competências visuais? E- Através de uma leitura visual, eles acabavam por contar histórias.
E6	E- Também desse projecto dos mais pequeninos o visual, tanto um como o outro. Porque são projectadas muitas imagens e portanto é à volta da imagem que as crianças vão desenvolvendo a actividade.
E7	[Enunciação de uma actividade]
E8	E- A importância que eu percebi que tem que se dar à dupla componente do texto e da imagem, um conjunto de estratégias que apreendi. A forma de exploração de cada livro.
E9	E- Criação de cenários.
E10	E- A visão também, porque nós exploramos muito também a ilustração, é uma das preocupações que nós temos, também, é a parte da ilustração.
E11	E- A parte do desenho e a ilustração do livro.
E12	—
E13	E- As exposições.
E14	E- A visão também, temos trabalhado sempre essa questão relacionada com a ilustração, com a literacia visual, quer com exposições.
E15	E- Por exemplo, pode ser uma actividade específica. Tivemos aqui uma exposição de pintura, ai agora não me lembro do nome da senhora, ela tem algum currículo, e conseguimos que ela nos fizesse o favor de vir cá, fez duas sessões de leitura dos quadros dela e foi um sucesso, porque temos aqui esta escola secundária e tem duas turmas muito fortes de artes, ela fez duas sessões de leitura guiada de interpretação das obras dela.
E16	E-Aqui [actividade desenvolvida em ateliers de artistas plásticos] cruzamos muito a ideia da ilustração para a escrita. Também um trabalho que fazemos muito, não só da escrita para a ilustração mas da ilustração para a escrita. [...]. Essa parte da literatura estética é algo que eu acho uma pena que não se trabalhe em termos escolares e que se as bibliotecas o trabalhem, que uma das coisas que as bibliotecas não o podem fazer é repetir o que as escolas já fazem, porque as bibliotecas escolares já o fazem, as escolas já o fazem, portanto, se nós continuarmos com a tendência de fazer a mesma coisa que é feita em termos escolares, não estamos a abrir caminhos, não estamos a promover a aprendizagem ao longo da vida, dando competências que sejam essenciais do aprender a aprender, outra coisa que é importantíssima é aprender a aprender. (...) Como tínhamos que destacar aqui a questão do visual, como é muito virado para a estética, da literatura estética e da questão do “steampunk” e do fantástico etc. e tal, que é muito interessante também para uma literacia visual.
E17	E17a- As exposições por exemplo. São guiadas e fazemos sempre uma actividade, como na de XXX [pintor]. Eles escolhem livros para porem os XXX [participantes] a ler e, depois, na actividade, ainda fazem trabalho com o professor que é eles escolherem um XXX [tópico alvo] e fotografarem. E17- E trabalham sobre as ilustrações dos livros E17a- Com o XXX [um ilustrador premiado], ele vinha aqui. Mas não já nestes anos. Temos atividades mesmo, Imaginando que é uma actividade que se baseia na ilustração, portanto eles têm que fazer vários jogos, a partir só da ilustração do livro. E17- Isto também temos feito nestes cinco anos. Esta foi uma das tais que começou num ano e continuou sozinha e continua, os professores fazem.
E18	E- Eu destacaria o XXX, [enuncia um projecto específico concebido para a literacia visual] porque é o exemplo mais paradigmático.

Quadro 39 - Unidades de contexto sobre competências de visão associadas às PPL Fonte: Produção própria

Amostra	Competências específicas de Leitura
	Unidades de contexto de competências de escrita associadas a PPL
E1	E- Fizemos algumas oficinas de escrita criativa, mas poucas.
E2	E- A escrita sim. Muitas vezes, sobretudo no clube de leitura, é pedidos que escrevam.
E3	E- Na escrita temos ateliês de escrita também, virados só para a escrita criativa.
E4	E- Concurso XXX [prática] de escrita.
E5	E- Temos actividades para o primeiro ciclo em que desenvolvemos a escrita. O XXX [prática] também promove a escrita, aquela das dez palavras para construir a escrita. V- Tem mais alguma prática que queira referir aqui? E- Havia uma que era feita por uma colega que começava com história e partia para um ateliê de escrita, de começo da escrita. E houve uma que nós tivemos aqui, XXX [prática], embora essa não, mas essa já foi há mais de 5 anos.
E6	E-Ateliers de escrita criativa.
E7	[Enunciação de uma actividade]
E8	E- Promove-se a escrita e competências de escrita no ateliê de escrita criativa.
E9	E- Para a encenação de textos.
E10	E- Temos actividades de escrita criativa, a XXX [prática], por exemplo.
E11	E- Oficinas de escrita criativa.
E12	E- Na oficina de XXX [prática].
E13	E- Ateliês de escrita criativa já fizemos.
E14	E- A escrita também. Temos praticamente, cerca de metade, ou talvez um pouco mais, dos ateliês que fazemos nível da hora do conto, naquela vertente interna, por XXX [nome], há sempre uma forte componente de ateliê da escrita.
E15	E- Temos a XXX [actividade] escrita [...] de opinião, e pelo valor relativo que tenha, já temos formação de escrita criativa.
E16	E- Temos cursos de escrita criativa.
E17	E- Pode ser a XXX [prática], por exemplo. Eles tinham de escrever.
E18	E- Algumas das actividades para jovens envolveram escrita criativa.

Quadro 40 - Unidades de contexto sobre competências de escrita associadas às PPL Fonte: Produção própria

Amostra	Competências específicas de Leitura
	Unidades de contexto de competências de pesquisa associadas a PPL
E1	E1a- A XXX [uma PPL] faz muitas actividades de pesquisa, pesquisa também, os enigmas e dos jogos.
E2	E- Estranhamente eu acho que a pesquisa não tenha sido tão...
E3	E- A pesquisa também, porque essa é uma das preocupações das nossas animadoras é orientá-los para todo o tipo de exploração do espaço. Há sempre a preocupação, foi sempre uma exigência, não virem à animação pela animação. Há também a preocupação dentro da própria animação passar-lhes conceitos, passar-lhes ferramentas que ao fim ao cabo possam utilizar quando saem à procura.
E4	E- No momento não, mas anteriormente, nas pessoas que vieram para a actividade do Professor XXX, por exemplo, tiveram que fazer uma pesquisa prévia, era neste tipo de pesquisa que eu estava a pensar.
E5	E- Sim. Sim. Geralmente, quando trabalhamos, há actividades que trabalhamos em que deixamos algumas pontas e depois desafiamos mesmo, não só os alunos, mas também os próprios professores a ajudarem os alunos a procurar para complementar a actividade que estiveram a ver.
E6	E- Tem a ver contudo o que fazem nos vários projectos e depois que os leva a ir procurar livros que tratam daquele tema para levar para casa, que é uma preocupação muito grande que os miúdos têm.
E7	—
E8	E- Está associada a pesquisar informação sobre as actividades e com os materiais que levam para fazer
E9	E- Pesquisas necessárias para os cenários e textos. A pesquisa foi para construírem essas coisas, porque há coisas que eles não sabem.
E10	E- Temos uma actividade que aborda o património de XXX [local], em que eles têm que ir pesquisar e responder a perguntas que lhes são colocadas.
E11	E- Jogos de pesquisa sobre assuntos .
E12	—
E13	V- Esta da pesquisa, o que é que fazes exactamente para eles ficarem mais habilitados? E- É sobretudo a nível das competências de pesquisa e de acesso à informação.
E14	E- Sim, também. Quer com as actividades com as escolas que nós temos, actividades como XXX, que é uma actividade de pesquisa de informação online do catálogo da biblioteca. V- Como é XXX [a prática referida]? E- É uma actividade antiga, aqui em XXX [local], tinha a ver com o filme <i>A suspeita</i> ¹ , que foi o primeiro filme de animação a ganhar o prémio [premiado no Fantasporto e vencedor do Cartoon d'Or (2001) galardão europeu dos mais considerados do mundo], e a partir do excerto do filme que é quando no filme eles têm que descobrir quem é que roubou, quem é o criminoso. A partir desse excerto, damos um conjunto de pistas e um conjunto de actividades, tarefas que os miúdos têm que cumprir, que passa por pesquisar informação na internet, pesquisar no catálogo, nos próprios livros da biblioteca, para conseguir completar o “puzzle”; mas temos outras, que podiam ser usadas para outras [actividades].
E15	V- E de pesquisa? E- Dou o exemplo de uma actividade em que é, eu tenho um amor pelo fundo local, então, inventei uma actividade, que (...) com base no fundo local, que se chamava qualquer coisa como XXX. Implicava os miúdos fazerem o levantamento do nome da rua, da localidade onde viviam, virem cá, irem às estantes tentar procurar o fundo local, procurarem o livro onde poderiam ir buscar o significado do nome da rua, seja lá do que for, da toponímia, e depois de fazerem esta pesquisa, podiam divulgar na internet, porque criou-se um micro site em que eles divulgavam o resultado das pesquisas. Faziam a transcrição do significado. Para algumas foi uma descoberta. O micro site tinha um podcast e eles durante X tempo tinham disponível a internet, depois podiam mostrar aos amigos, etc. Depois faziam a pesquisa com o nosso apoio.
E16	E- Temos desde formação de leitores, estou a falar de formação de leitores para pesquisa em catálogo e para pesquisa em fontes ou em referências de informação, pesquisa em motores de busca.
E17	E- O videopaper, é a visita á biblioteca, aprender a explorar o catálogo, os temas, como encontrarem um livro, um CD, um DVD, de que forma as coisas estão organizadas, os espaços que existem e como chegar até ao tema.
E18	E- No âmbito da pesquisa estou-me a lembrar de uma coisa que a XXX [nome] colaborou com algumas escolas, com guiões de pesquisa.

Quadro 41 - Unidades de contexto sobre competências de pesquisa associadas às PPL Fonte: Produção própria

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7fkrLMGRhPw>

Amostra	Competências específicas de leitura
	Unidades de contexto de competências de uso de TIC associadas a PPL
E1	E1a- Temos a internet sem mistério e o abc do computador. São ateliês de TICs. V- O que é que acontece? E1a- Normalmente são quatro sessões de uma hora ao fim de semana. V- E o que é que distingue uma da outra? E1a - A internet sem mistérios quando foi criada era que as pessoas ganhassem mais competências para descobrir a internet, o que se verificou é que as pessoas não tinham competências básicas nas TICs e então, com o apoio das bibliotecas, criou-se um outro projecto que era um ABC do computador, era sobretudo o Office, as pessoas aprendiam a trabalhar com o Office, mas o que acontece é que uma grande parte das vezes na internet sem mistérios, nos dois primeiros dias nem temos hipóteses de nos dedicar à pesquisa, porque muitas pessoas não sabem.
E2	E- Exposições sobre a internet, o uso seguro da internet.
E3	E- Também, muitas das vezes são utilizadas em algumas acções, são exploradas em sala. V- Como complementar à pesquisa ou autonomamente? E- Às vezes como complementar à pesquisa, a maioria das vezes.
E4	E- De momento, não.
E5	E- Temos uma de Internet, XXX [uma actividade] que é dirigida a pais e outra que é dirigida a alunos. Esta actividade alerta para os perigos da internet, para usar. Temos uma formação para reformados e desempregados, agora abrimos para desempregados também, porque inicialmente não havia, era só para desempregados e agora estamos a ver como é a iniciação às tecnologias de informação e comunicação.
E6	E- Aqui apoiamos nos trabalhos de casa e também através da pesquisa informática.
E7	E- Para a XXX [enunciação de uma actividade], os miúdos fazem pesquisas.
E8	—
E9	—
E10	E- Também nessa actividade, e têm que ir através do computador, também têm que ir explorar determinadas perguntas e procurar no computador.
E11	E- O uso das TICs tem sido muito associado à pesquisa. E, às vezes, a algumas histórias, que estão em formato digital na internet, e que nós, às vezes, usamos e aproveitamos para uma familiarização com o formato.
E12	—
E13	E- Nas TICs, temos a formação, acções de formação. Introdução aos computadores, Facebook, internet.
E14	E- O uso de TICs também, por cada actividade que nós temos, quer XXX [prática], que era feito pelo aniversário do XXX [instituição], quer a XXX [prática], à volta do Google Earth, uma série de actividades com este tipo. São, exclusivamente, actividades de pesquisa de informação, ou na internet ou no catálogo [da biblioteca]. Há algumas actividades, como é o caso da actividade do XXX, em que há um jogo em que eles têm de completar, também, um conjunto de pistas e com a informação que não está no jogo. Só conseguem avançar no jogo pesquisando na internet, no site de apoio ao XXX [projecto], CD/DVD complementar. No caso, por exemplo, da XXX [prática] à volta do Google Earth, é tentar encontrar através do Google Earth um conjunto de locais, de que nós temos um guião, que tem as vistas de cada um dos sítios, para encontrarem monumentos de países ou de cidades, para além de todas as outras actividades como as WebQuests. Tentar que através do uso das tecnologias, consigam completar um guião de tarefas.
E15	E- Olhe, a anterior é um bom exemplo de uma actividade que promove competências de TICs, que os miúdos manipulam equipamentos para pesquisar, produzir e partilhar o que fazem na actividade.
E16	E- Nas TICs temos mesmo cursos específicos para adultos/seniores, desde facebook, redes sociais, uso operativo do computador, etc. [...]. Também temos aqui literacias e/ou competências que tivemos no âmbito tecnológico, tudo o que tem a ver com robótica, jogos de lógica.
E17	E-Temos uma formação todos os anos, e ainda continuamos com ela, XXX [prática], para aprender a pesquisar no catálogo, a fazer reservas à distância e fazemos sistematicamente com este público e com as escolas. V- E há outras que não estejam aqui? [pergunta de confirmação das escolhas destacadas pelos entrevistados a partir da lista do guião] E- Para nós a digital, nós ainda não chegamos bem lá a esse ponto, mas isso é uma deficiência, é importante, mas para nós não é tanto porque ainda não conseguimos chegar lá, mas porque é importante, claro.
E18	V- E o uso de TICs? E- Na animação. V- Na animação? E-Sim, e nas formações do XXX [projecto formativo para conferir competências básicas em literacia informática]

Quadro 42 - Unidades de contexto sobre competências TIC associadas às PPL Fonte: Produção própria

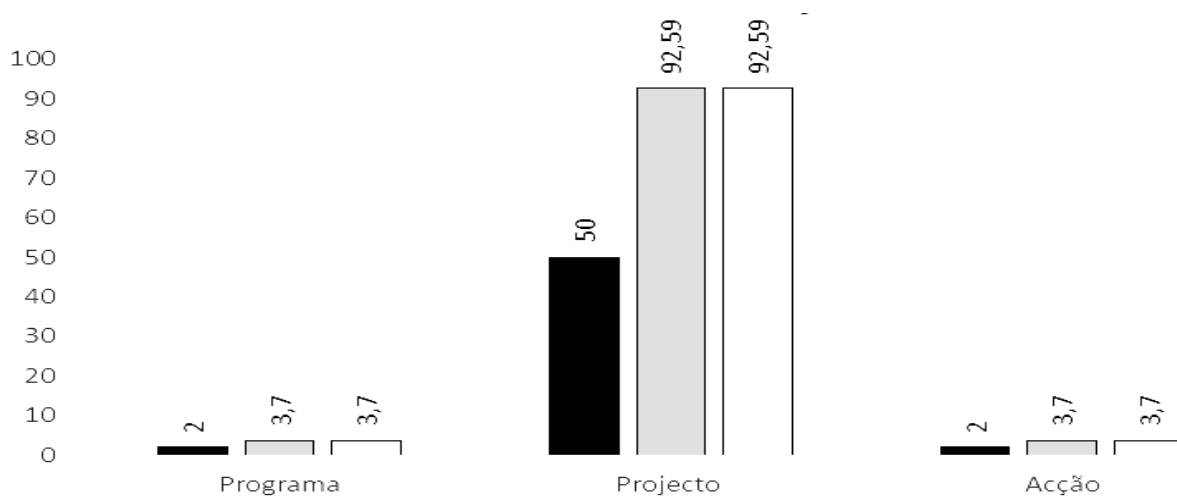


Gráfico 9 - Nível de complexidade de articulação das práticas em 2013.
 1ª coluna total do ano, 2ª % em relação às tipologias de articulação das 108 PPL, 3ª % respostas da amostra.
 Fonte: produção própria

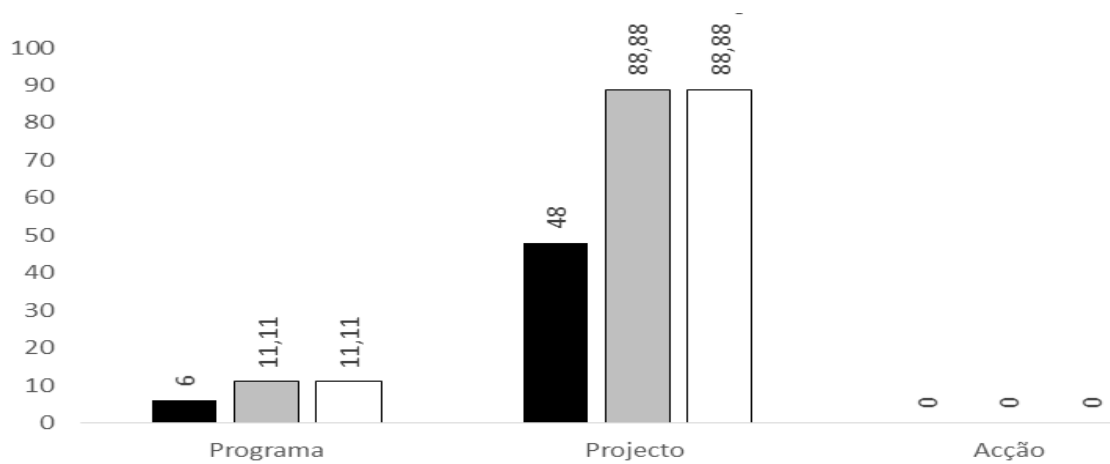


Gráfico 10- Nível de complexidade de articulação das práticas de 2008-2012.
 1ª coluna total do ano, 2ª % em relação às tipologias de articulação das 108 PPL, 3ª % respostas da amostra.
 Fonte: produção própria

Amostra	Fundamentação da articulação e continuidade das PPL
	Unidades de contexto
E1	E1- São, neste momento acho que sim. São projectos de continuidade. V- Quer comentar? São projectos de continuidade... E1- Porque é que eles ganharam este tipo de projectos de continuidade? E1a- Isto aconteceu porque vimos que os projectos funcionavam bem, como por exemplo as escolas a ler. E1- E tivemos respostas positivas.
E2	E- Eu acho que por um lado são actividades que conseguimos manter com os recursos que temos, por outro são actividades que de facto, na nossa opinião, têm a ver com... conseguem o objectivo de promover o livro e a leitura e portanto são aquelas que mais vão ficando de um conjunto e de algum universo, às vezes tentativas que se fizeram e não foram bem-sucedidas.
E3	E- Não. O que eu te disse de início a nossa preocupação é tentarmos abarcar todo o público. [...]. Nós escolhemos um projecto e no início do projecto colocamos os objectivos. É um projecto com continuidade, ele vai-se alinhando e vai-se limando. [...]. Mas este projecto só tem sentido no seu todo, porque emprestar por emprestar, pode ir buscá-lo a outro lado. O que está aqui por trás disto tudo são as relações, a convivência, conhecer os coordenadores, ganharem alguma confiança connosco, o debate de ideias. [...]. Só aí é que conseguimos ver os frutos do nosso trabalho ao longo dos anos, não é. Se nós tivermos actividades pontuais, acho que temos resultados, mas não são resultados que se possam esperar efectivos, também podem ser resultados passageiros. O trabalho que pretendemos fazer aqui com estes projectos e mantê-los ao longo dos anos e ir alinhando os projectos é ir aperfeiçoando, é ir vendo o que é que as instituições e o que o público necessita.
E4	E- Algumas. Lá está, estas existe a tentativa de continuar, o livro do mês também existe, relativamente aos ensaios também existe esta possibilidade de continuar.
E5	E- A vantagem é continuarmos a ter públicos, a termos leitores. (...) há uma coisa, quanto maior é a longevidade da actividade, maior é a responsabilidade, porque para a actividade se manter...
E6	E- Sim. V- Quer fazer algum comentário sobre isto... E- Acho que não, já disse tudo. A fundamentação para que isto aconteça é que, no fundo, não sejam irrisórias, que não tenham qualquer... que sejam só de momento e, depois, não tenham qualquer fruto.
E7	E- Algumas são desenvolvidas por período lectivo... umas têm e outras não. V- Devo assinalar como? Acham que é [em] “algumas vezes”? E- Sim. V- Quer fundamentar? E- Pelas razões já referidas e pela aceitação que vai merecendo. Têm surtido efeito, quando não temos público penso que a actividade não surtiu e pode ser a partir daí.
E8	V- Querem comentar para percebermos como isto é? E- Por exemplo a XXX [prática] é uma actividade de continuidade, para além da dos primeiros sábados do mês, temos a temática definida e aprovada, que é trabalhada depois em cada sessão. [...]. Depois, o serviço educativo de acordo com o ano internacional, o tema do ano internacional muda, já tivemos o ano internacional do morcego e tivemos histórias com morcegos, igualdade de géneros, a floresta. V- Estes que estão a focalizar e a destacar, acabam por ser todos continuados ou não? E- São continuados. V- Então porque é que disse que, em regra, não é? E- As temáticas não são continuadas, as estratégias sim, são actividades de promoção de leitura. A preocupação da articulação, podemos dar o exemplo, concretamente, deste período lectivo, estamos a trabalhar ao mesmo tempo a agricultura familiar e a questão da floresta, porque a floresta também se articula com a agricultura, são duas actividades... temas com complementaridade.
E9	E- Sim e, como disse, são devidamente acordadas.
E10	E- Algumas são. Sim. V- Querem comentar isso? E- Algumas são desenvolvidas, não só ao longo de um ano, mas de vários anos, são continuadas, algumas são articuladas com as escolas. V- Estou a referir-me às próprias actividades. [...]. E- Há vários pacotes de actividades que têm uma sequência entre si, estas agora com os modelos é nesse contexto, têm várias etapas e exploram várias.
E11	E- São continuadas, sim. V- Queres comentar? E- A articulação é necessária para manter coerência e consistência na intervenção. O continuado porque é que fideliza públicos e cria públicos. Se não for continuado não se consegue isso.
E12	E- Geralmente são articuladas e continuadas. [...]. Mesmo alguma desta articulação que nós temos, tem também a ver com o trabalho que desenvolvemos para a literacia também. Algumas destas coisas são feitas em conjunto com outros serviços. [...].
E13	E- Por considerarmos que o trabalho tem que ser continuado, sistematizado, não podemos trabalhar com base em iniciativas pontuais, tem que ser continuado para poder ter melhores resultados.

E14	E- Estas, especificamente, sim, fazem parte sempre do planeamento e são articuladas e continuadas. [...]. Nós, normalmente, quando pensamos no projecto para aquele ano, tentamos, em primeiro lugar, que ele seja complementar nesta lógica, que já tínhamos visto, de públicos, com diferentes abordagens para diferentes públicos. Essa preocupação vai primeiro para o público e só depois é que tentamos fazer esse cruzamento entre actividades que sejam complementares ou que possam auxiliar aquilo que já estava definido. Por exemplo, quando tivemos esses ciclos de XXX [evento], sempre que possível, tentamos que outras actividades trabalhassem aqueles temas, ou se fosse um livro em concreto, e que esse livro também fosse abordado de outra forma. [...] normalmente, tenta ter-se sempre por base abordar um livro específico, ou um tema, que depois se traduz num livro, ou num tema da actualidade, mas que tem um livro que sobressaia. Portanto fazemos essa articulação mas a principal preocupação é com os públicos.
E15	E- Se for a comparar em números de actividades totais, ao longo destes cinco anos, predominam as actividades pontuais. São coisas continuadas, porque são projectos que continuam ao longo dos anos, embora se possa recorrer a meios diferentes.
E16	E- Sim. Completamente. Pensamos em que projectos é que nós queríamos, como é que podíamos sistematizá-los e poderiam ser projectos de continuidade e chamarmos a isso projectos de promoção de leitura, em que nós partíssemos do objecto livro, mas que o objecto livro também cruzasse com questões das literacias Isso levou-nos a ir reflectindo que projectos é que podíamos fazer directamente em cada biblioteca de acordo com o público, de acordo com o que já estava a ser feito para não haver um corte radical, de acordo com a formação que as pessoas tinham no terreno, até porque nem todas as pessoas que estão a fazer promoção de leitura têm a formação específica na área e, depois, a questão era, também, expandirmos um pouco o nosso campo de actuação, não estamos só dentro das bibliotecas, mas também poderemos fazer projectos de exterior.
E17	E17a- Sim. V- Os dois processos? E17- Sim. Nós no projecto tínhamos sempre 50% de actividades que estávamos a continuar e 50% de actividades novas. E17a- Ainda que muitas vezes, não sendo as mesmas, são actividades que decorrem de outras anteriores. Muitas vezes ou fazemos uma actividade num ano, depois volta-se a fazer para quem fizemos, “ai que giro, fizemos assim e era giro fazermos para o ano sobre este”. E17- Tivemos sociodrama, que fizemos com os contos de fadas, essa ocupação com os contos de fadas e essa emoção, as pessoas tinham que contar a história e depois tinham que mostrar naquela perspectiva. Depois no ano seguinte já se faziam com os mitos, já não eram com as fadas mas com os mitos.
E18	E- Sim. V- Pode explicitar? E- Basta o facto de pensarmos numa temática como fio condutor para elas terem alguma articulação ao nível do tema e depois também ao nível da forma como implementamos, era aquilo que falávamos há bocado, o facto de poder haver metodologias e estratégias comuns de abordagem.

Quadro 43 - Unidades de contexto sobre a fundamentação da articulação e continuidade das PPL. Fonte: produção própria

Amostra	Descentralização de PPL concebidas para itinerar fora do espaço da BPM
Unidades de contexto	
E1	No caso das escolas a ler nós fazemos fora da biblioteca. Porque inicialmente fazíamos aqui na biblioteca XXX, mas depois havia sempre o constrangimento dos transportes. Para virem os miúdos das outras freguesias ou das escolas rurais era difícil porque muitas vezes não havia disponibilidade de transporte e assim os da XXX [freguesia] é que eram sempre privilegiados. Então decidimos levar nós os autores às escolas. Essa é uma delas.
E2	E- Sim. V- Eu agora não estou a falar só daquelas três; estou a falar de tudo o que vocês fazem. É tudo? E- Sim. [...]. Os sítios para onde foram, normalmente escolas e hospitais. [...]. São, geralmente, as animações para as crianças.
E3	Estou-me a referir a materiais da exposição do próprio livro, que são emprestados e são cedidos às instituições, às escolas.
E4	E- Dessas que estão aí não, mas tem havido algumas que foram. Aí podemos pôr a hora do conto fora da biblioteca nas escolas.
E5	E- Empréstamos uma exposição do XXX [tema]. Nos últimos anos não temos levado. Mas nós temos uma actividade que vai só às escolas, que chamamos a XXX. As XXX [prática] vão às escolas e quando concebemos esta actividade foi mesmo para levar às escolas. [...]. Agora está a ir duas vezes por ano. Tivemos há três anos, andamos a contar contos por várias escolas e isto foi o que antecedeu, depois decidimos criar as XXX [prática], quando ainda eram os XXX [técnicos] que iam a várias escolas. Recitais de poesia também fizemos nas escolas. [...]. Eles [os lares de idosos] não vêm cá porque não têm condições para virem e trazerem os velhotes, porque alguns são mesmo do lar, estão lá mesmo e vai a montanha ao Maomé. Embora nós não tenhamos isto acordado, e a escolas estão fartas de nos aliciarem para ir às escolas, dizemos que o nosso objectivo não é esse, embora às vezes possamos, pontualmente, irmos às escolas fazermos alguns recitais de poesia, a maior parte das vezes, queremos que eles venham à biblioteca. Eles têm que vir à biblioteca, porque a escola existe, mas a escola também tem a obrigação de dar a conhecer a biblioteca aos alunos e, muitas vezes, se não for através das escolas, não frequentam a biblioteca municipal e é importante eles frequentem, porque a BM não vai ficar só naquela fase da sua vida, mas vai ficar ao longo da sua vida. Nós temos um problema grave que é o buraco negro, que é o buraco negro da leitura, que aparece por volta dos treze, catorze anos e depois se mantém até aos dezoito. Nós sabemos que se fizermos um bom trabalho até aos treze anos, eles vão entrar no buraco negro, mas depois, do outro lado, vão sair uns quantos e esses quantos vão ficar como leitores e esses quantos vão voltar como leitores adultos à biblioteca.
E6	E- Para fora vai o XXX, vai o YYY [dois tipos de baús de livros]. Vai o XXX, porque temos para as escolas e a casa, que é para pessoas que estão impossibilitadas de se deslocarem à biblioteca.
E7	E- [...] Não. V- Apesar de não terem sido concebidas para essa finalidade, tal aconteceu ou não? E- Não.
E8	E- Quase todas excepto a dos pais e filhos [...]. Cada vez mais pensamos que tem de ir para fora [...]. Qualquer uma destas actividades para o público escolar itineram, a actividade e os materiais são construídos para que possa sair fora de portas [...]. V- Então, qualquer uma destas actividades, pode ter o potencial de atingir o público escolar, tem esta característica? E- Exactamente. O público escolar é o alvo. Como o nosso concelho tem escolas fora da freguesia de XXX e não temos possibilidade de as transportar até cá, como tivemos até 2009, nós vamos ao encontro das turmas onde se inserem. V- Têm a preocupação em atingir outros públicos que não o escolar? E- Sim. Temos a dupla de pais e filhos e temos o XXX [prática], que é para o público em geral. Já estivemos representados no XXX, para públicos de todas as idades.
E9	E- Sim também fazem coisas para fora. V- 25% a 50%? E- Não, é mais. É frequentemente. Temos um grupo que é, uma parte vai para fora e outra que está cá. Fazem a animação de leitura nas escolas e levam-lhes livros
E10	E- Quase sempre, 75% a 100%. V- Podem detalhar isto? E- Nós estamos com dificuldades, agora, que as escolas venham à biblioteca, elas vêm uma ou duas vezes num ano, mas depois não podem vir sempre devido aos custos dos autocarros e, então, nós também vamos às escolas e fazemos lá [as sessões de animação de leitura]
E11	E- Para itineram na rede das bibliotecas, para poderem ser feitas em qualquer biblioteca. V- Isso na tua rede, mas, por exemplo, para as escolas, para outras bibliotecas, para os centros de dia, para os infantários, fora das tuas bibliotecas, sim ou não? E- Foram concebidas para aqui, mas algumas, às vezes, fazemos, sim. V- Podes detalhar? E- A XXX [prática]. [...]. Nós pegamos na actividade que fizemos aqui e fomos fazer às escolas. V- Às escolas e...? E- A actividades municipais de outros serviços. Vamos sempre contar histórias à festa do XXX [serviço municipal].
E12	E- Algumas vezes. Fazemos a animação de Natal que fazemos aqui no XXX [local], que dá para receber cerca de seiscientos meninos de cada vez aqui na biblioteca e temos aqui o público todo. Tem a ver com os espaços, nós estamos a oferecer algo para estarmos perto da zona rural aos que não conseguem vir cá. [...]. Há esta preocupação porque o concelho é muito grande, e nós tentamos levar as peças XXX [prática] o mais perto possível da população. Não estamos só a falar dos meninos mas também dos idosos, temos ai essa dupla focalização. [...]. Houve uma altura que chegámos a levar a outros espaços, a bibliotecas de XXX [outro concelho].

E13	E- Não. Não foram pensadas...
E14	<p>E- Sim, 25 a 50%.</p> <p>V- Vocês fazem assim porquê?</p> <p>E- Não há recursos, essencialmente. Sentimos a necessidade, é cada vez mais difíceis as escolas virem á biblioteca, não só porque a autarquia tem mais dificuldade em assegurar o transporte, como, também, permite-nos só trabalhar com as escolas de proximidade.</p> <p>V- Não devia, então, ser favorecedor haver maior itinerância?</p> <p>E- Não, a questão é dos recursos, nossos, não dá para esticar mais. Aqui as escolas já nos disseram que têm de ser nossos parceiros, não nossos destinatários. Não é só oferecermos aquilo que há disponível para as escolas mas é também conceber conjuntamente com as escolas algumas actividades e iniciativas que eles próprios tenham interesse em intercalar, claro está, nos currículos. O nosso problema aqui é de escala. Nós tivemos o ano passado um plano estratégico e operacional para a rede escolar, para a nossa proposta de trabalho com as escolas, e só conseguimos implementar um projecto-piloto.</p> <p>V- Como se chamava esse plano estratégico?</p> <p>E- Era o XXX, o Plano Estratégico e Operacional para XXX.</p> <p>V- E levaram algumas pessoas a voltar com este projecto?</p> <p>E- [...] Fizemos um ano à experiência no agrupamento de escolas XXX [local]. E o problema que se coloca aí é um problema de escala, ou bem que só vamos trabalhando em cada ano com agrupamentos específicos, e agora com os mega agrupamentos nem conseguimos trabalhar, ou bem que fazemos um trabalho de continuidade ao longo do ano lectivo, ou ir lá uma vez fazer o “Happening”, não conseguimos ter resultados. No agrupamento de escolas da XXX, conseguimos trabalhar desde o pré-escolar até ao secundário, trabalhar com todas as turmas, mas foi um esforço acrescido e penalizou, também, as actividades que fazemos aqui localmente nas bibliotecas. Agora para alargar isso a toda a rede escolar é um problema de escala para conseguirmos, ou a primeira escola ou a primeira turma que marcar, vemos, e fica com esse lugar, por isso não conseguimos abranger toda a rede escolar. [...] aqui a dificuldade é sempre trabalhar ou com os estabelecimentos de ensino que estão mais próximos, e trabalhamos numa lógica de proximidade ou, então, naquela outra lógica de trabalhamos com aqueles que têm interesse em trabalhar connosco. Nós sabemos, quando alargamos a oferta a todo o universo, há pessoas que não têm interesse, ou não têm disponibilidade para trabalhar connosco. Ou é por proximidade ou é por interesse.</p>
E15	<p>V- Algumas destas actividades, feitas nestes cinco anos, foram concebidas para iterarem em espaços fora da biblioteca?</p> <p>E- Não.</p> <p>V- Mesmo que não tenham sido pensadas, algumas das coisas que fizeram aqui, acabaram por ir para outros sítios?</p> <p>E- As horas do conto especificamente. Os XXX [uma das modalidades de hora do conto] vai às escolas.</p>
E16	<p>E- Sim, fizemos imensos. Havia um sobre o XXX [tema], havia todo o enquadramento com a XXX [prática], o que eles faziam era desde o XXX [âmbito da prática], desde mostra bibliográfica de periódicos da altura e depois a visita, desde o XXX [âmbito da prática], até à recriação, até aos locais em si. [...] em Junho, queremos fazer a maior manta de histórias que alguma vez foi feita, tipo instalação de Joana Vasconcelos. A ideia é que cada escola, neste momento temos XXX [nº] inscritos e o ano passado tivemos XXX, a ideia é que cada escola trabalhe dentro do plano curricular um livro e a turma vai ilustrar esse livro. Nós damos o quadrado do tecido, esses quadrados de tecido vão ser pintados com canetas de tecido, depois vão ser tricotados todos os quadrados ou pelas famílias ou pela escola [...]. Nós fazemos um primeiro encontro com os professores todos, depois explicamos exactamente o projecto. [...] Vai circulando assim, depois há a ideia em que, no final, todos vão ver o final de todos e criar dinâmicas a esse nível.</p>
E17	<p>E- Sim. Para as escolas. Os contos e a manta.</p> <p>V- Para além das escolas, “exportam” actividades para outras bibliotecas do vosso concelho, para outras bibliotecas públicas ou para outras instituições?</p> <p>E- Nunca nos foi pedido.</p>
E18	<p>E- Sim. As exposições, as maletas. Mesmo a hora do conto já tem sido por diversíssimas vezes levada para fora de portas e aqueles workshops que começou por aprender a explorar XXX [prática], que já está uma coisa diferente, também é feito muitas vezes fora daqui.</p>

Quadro 44 – Unidades de contexto de descentralização das PPL concebidas para itenerar fora do espaço da biblioteca.

Fonte: produção própria

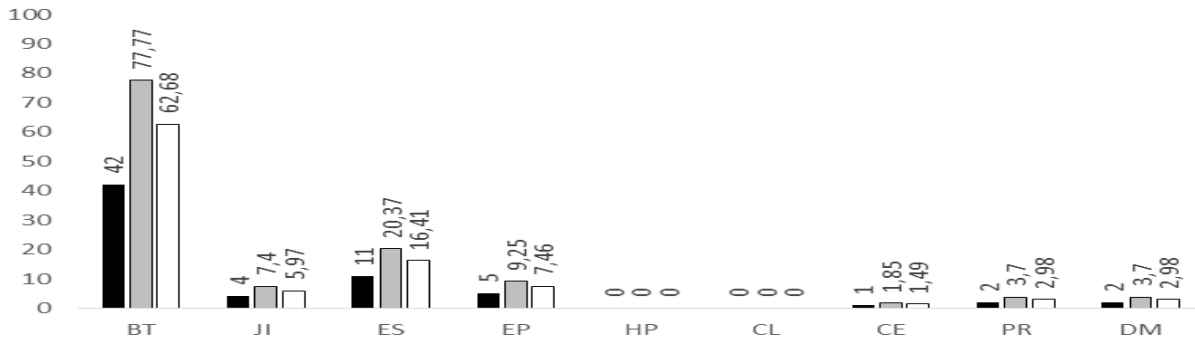


Gráfico 11 – Espaços focalizados para as práticas destacadas entre 2008-2012.
 Biblioteca municipal (BT); jardins-de-infância (JI), escolas (ES), espaços públicos diversos (EP) – jardins, livrarias, associações – hospitais (HP), centros de dia/lares (CL), espaços culturais externos (CE) – museus, outras BPM e instituições culturais – praias (PR), domicílios (DM). 1.ª coluna anos, 2.ª % 54 PPL, 3.ª % 67 respostas. Fonte: produção própria.

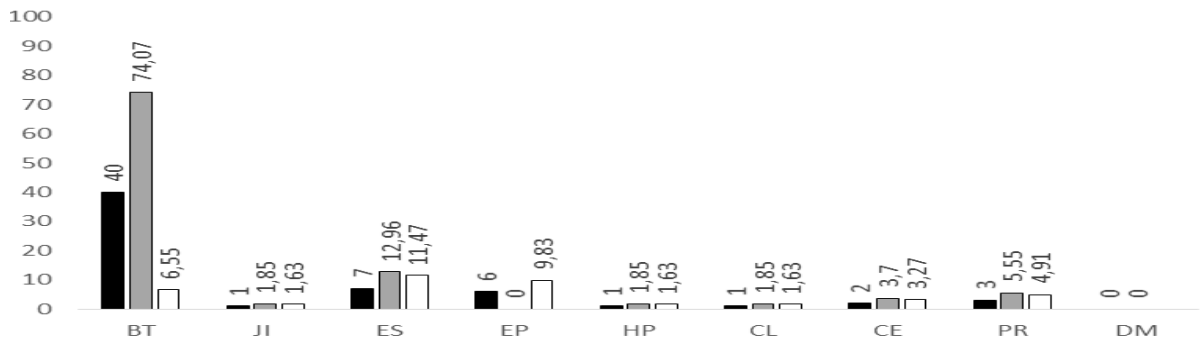


Gráfico 12 – Espaços focalizados para as PPL destacadas em 2013.
 Biblioteca municipal (BT); jardins-de-infância (JI), escolas (ES), espaços públicos diversos (EP) – jardins, livrarias, associações – hospitais (HP), centros de dia/lares (CL), espaços culturais externos (CE) – museus, outras BPM e instituições culturais – praias (PR), domicílios (DM). 1.ª coluna ano, 2.ª % 54 PPL, 3.ª % 61 respostas. Fonte: produção própria.

Amostra	Mediação - Contributos especializados que enquadram as PPL
Unidades de contexto	
E1	<p>V- Então é alguns?</p> <p>E1a- Os animadores são bibliotecários e em alguns casos são animadores socioculturais, que temos de facto e fazem parte das equipas. O resto não temos.</p> <p>V- E tiveram alguma formação para isso ou não?</p> <p>E1- Elas vão fazendo alguma autoformação nas leituras, sempre que há alguma coisa vão, não há muitas, não é. [...]. Há projectos da promoção da leitura que são desenvolvidos por técnicos. [...]. Há uma [das duas animadoras] que é animadora e base [afecta ao atendimento regular do público] ao mesmo tempo.</p>
E2	<p>E- Não temos de uma forma geral, excepto a literacia informática em que estamos a dar os primeiros passos no sentido de termos aqui um técnico especialista nessa área. [...]. Sobretudo nas actividades que têm a ver com segurança informática, internet segura, é um exemplar do trabalho que fazemos.</p>
E3	<p>E- Quando temos esse tipo de acções [temáticas específicas] são enquadradas por técnicos especializados. Estou-me a lembrar por exemplo da XXX [prática].</p>
E4	<p>E- Tentamos que sejam pessoas que estejam dentro da área.</p> <p>V- Que contributos especializados, então, é que enquadraram estas práticas?</p> <p>E- É professor universitário numa universidade da Bretanha. E o professor X é professor do secundário e, também, investigador.</p>
E5	<p>E- Sim.</p> <p>V- Quer comentar?</p> <p>E- A maior parte dos trabalhos são dirigidos por XXX, [...] [tem] formação em teatro e na área de educação e da arte.</p> <p>V- E porque é que têm a preocupação que as vossas práticas tenham medidas culturais ou técnicos especializados?</p> <p>E- Porque achamos que os trabalhos... e toda a metodologia tem que ser preparada de forma a chegar ao receptor de uma forma que eles compreendam facilmente o que estão a ler e que seja muito mais fácil para eles descodificar as mensagens pretendidas por nós no trabalho desenvolvido.</p>
E6	<p>E- Tenho uma técnica formada na área da literatura, tenho vários técnicos da animação.</p> <p>V- O técnico da área da literatura...</p> <p>E- Calhou a jovem vir para cá, de qualquer forma acabámos por a enquadrar nalguns projectos, que são projectos que tem mais a ver com aspectos da língua fundamentalmente. Mas os grandes agentes e os motores destes projectos são efectivamente os animadores socioculturais. Temos quatro, temos os técnicos mas eles não ganham como tal. Para além disso recebemos vários estagiários do ISCTE, do curso de animação sociocultural, estagiários esses que desenvolvem sempre connosco projetos. [...] E já temos tido alguns professores.</p> <p>V- Quer dizer, há colaboradores para práticas em áreas especiais?</p> <p>E- Não colaboradores para áreas especiais, nós pedimos habitualmente.</p> <p>V- São colaborações voluntárias?</p> <p>E- Sim, são sempre voluntárias.</p>
E7	<p>E- Não.</p> <p>V- E fora do vosso quadro, não contratam?</p> <p>E- Não. Contratar está fora de questão.</p> <p>V- Não têm ninguém?</p> <p>E- Não. Só os da XXX [instituição que financia e apoio um projecto].</p> <p>V- Depois a XXX põe-vos cá a técnicos especializados?</p> <p>E- Não. Explicam como se faz a actividade, estão cá presentes na actividade [...] conferem competências para que no futuro esta actividade funcione sem a presença dos técnicos.</p> <p>V- [...] E estes contributos especializados eles fazem o quê? Um curso?</p> <p>E- Não. Acompanham a acção e preparam a acção antecipadamente, com os materiais, e acompanham a acção em si.</p> <p>V- Então são uma espécie de um tutor?</p> <p>E- Sim, exactamente.</p>
E8	<p>E8a- De alguma maneira, o conhecimento que adquiri [na pós-graduação em livro infantil] de obras literárias de qualidade. A importância que eu percebi que tem que se dar à dupla componente do texto e da imagem, um conjunto de estratégias que apreendi. A forma de exploração de cada livro. Eu tenho feito muita formação, eu sou professora de história de terceiro ciclo e secundário, foi essa a minha formação de base e fiz a pós-graduação em ciências documentais [...] e depois fiz a pós-graduação da [cita uma universidade] em livro infantil, depois já em 2009-2010, eu estou aqui desde Setembro de 2006 e só fiz em 2009-2010. Temos ido aos encontros de literatura, onde aprendemos imenso e feito muita autoformação com narradores orais e mediadores de leitura. Temos feito a formação disponível.</p> <p>E8- Aqui na biblioteca, temos um clube de leitura desde 2009, começou em Março de 2009. O XXX [prática] [...] é promovido pela Andante, a associação artística Andante, que neste caso, são mais que especializados. [...]. Sobre aquele tema apresentam, [...] uma leitura de vários géneros literários, pode ser prosa, pode ser poesia. [...] e técnicas de leitura em voz alta, que a colega trabalha como actriz, como técnicas de colocação de voz, expressividade...</p>
E9	<p>E- Não. Todo o meu trabalho aqui de promoção da leitura, da sua concepção à sua execução, é feito pelos trabalhadores da biblioteca municipal, portanto, assistentes técnicos.</p> <p>V- Não fizeram nenhuma especialização técnica ou fizeram?</p> <p>E- Foram-se especializando. Têm cursos de especialização adquiridos na Gulbenkian.</p>

E10	<p>E- À partida são os técnicos da biblioteca</p> <p>V- Não têm mediadores culturais, mediadores de leitura ou técnicos de animação sociocultural?</p> <p>E- Sim. Temos um técnico de animação.</p> <p>V- E as pessoas da equipa, as técnicas de BAD que fazem este trabalho, elas têm alguma apetência para estas coisas, desenvolveram competências em autoformação ou...</p> <p>E- Há um animador cultural e nós somos três no sector de animação. [...] e estamos sempre em formação da divulgação do livro e da leitura, estamos sempre atentos às formações que há.</p>
E11	<p>E- Não. É tudo técnico de biblioteca, assistentes técnicos da biblioteca.</p> <p>V- Não tens mediadores culturais?</p> <p>E- Não, não.</p> <p>V- Queres comentar?</p> <p>E- A nossa actividade regular é feita por nós, em regra. [...] Tenho estado a ver que elas próprias [as técnicas] adquiram um conjunto variadíssimo de competências, que não tem nada a ver até com a nossa formação na área das bibliotecas. Para quê? Para que elas depois possam fazer a abordagem da promoção da leitura utilizando esses recursos. Uma actividade para resultar bem tem que combinar de modo equilibrado o cumprimento dos nossos objectivos, nessas competências leitoras e que são subjacente à promoção da leitura, mas também serem interessantes e aliciantes, serem motivadoras.</p>
E12	<p>E- Quem está à frente é uma educadora e um animador cultural. Aqui nos adultos, não têm formação específica, têm formação superior, mas todo o trabalho que fez na vida tem sido para a área de animação da promoção da leitura.</p> <p>V- Então, vocês fazem também mediação nesta parte da promoção para adulto nas XXX [prática]?</p> <p>E- Sim. Mas há aqui uma separação de áreas, estás a perceber? [...] No entanto antes de estar aqui ela passou pela área social, tem uma bagagem social enorme. Com os escritores é ela que faz a recepção.</p>
E13	<p>V- E esta bibliotecária baseia [a mediação] na aquisição de um conhecimento empírico ou ela assenta...</p> <p>E- Nós aprendemos muito com os primeiros mediadores que fizeram as comunidades de leitores. Também passa por aí; nós aprendemos com eles nos primeiros anos. Nós fomos sempre pedindo comunidades de leitores à DGLB, fomos tendo praticamente todos os anos, nós tivemos aqui a Inês Pedrosa, a Helena Vasconcelos, Rui Zink, Paula Moura Pinheiro, eu acho que aprendemos muito com eles para nos sentirmos agora à vontade com as coisas, com alguma dignidade e sustentabilidade, foi importante essa experiência que tivemos com eles.</p>
E14	<p>V- Que contributo especializados enquadraram estas práticas?</p> <p>E- Nós fazemos muita coisa com recursos internos. Não estamos só a falar de figuras externas relevantes.</p> <p>V- Mas estes recursos internos não são animadores socioculturais ou animadores culturais?</p> <p>E- Não.</p> <p>V- Têm... “tarimba”?</p> <p>E- Sim. Essa é a nossa vantagem, podemos usar recursos internos com qualidade</p> <p>V- Então que contributos especializados enquadraram estas práticas? O que é que vocês tiveram aqui? Tiveram animadores socioculturais, pessoas especializadas em temáticas?</p> <p>E- Tivemos animadores socioculturais, na XXX [prática]</p> <p>V- Vocês também têm pessoas no vosso quadro de pessoal habilitadas e preparadas?</p> <p>E- Sim. [...] Conferencistas sobre áreas especializadas, formadores também. [...] Eram formadores nessa lógica de promoção de formação de leitura ou da mediação da leitura. Nós temos a funcionar em XXX [local], o XXX [evento formativo], que uma das áreas de trabalho é, exactamente, ter cá formadores especializados nesta área em concreto. Não sei se lhe interessa...</p> <p>V- Sim, sim.</p> <p>E- É para formar o público e os técnicos da biblioteca, mas sempre nesta lógica de competências de promoção de leitura, para um público especializado a ler. O objectivo é formar e criar uma rede de promotores e mediadores de leitura em XXX [evento local]. Não é para o público – pode ser, qualquer pessoa se pode inscrever – mas é para professores, educadores, técnicos de biblioteca, é para um público mais especializado.</p> <p>V- Neste caso, então, é para criar massa crítica e competente para desenvolver...</p> <p>E- É esse o objectivo; o XXX [evento local] todo é nas várias valências que tem e, uma delas, é na área da formação.</p>
E15	<p>E- Sim.</p> <p>V- Quer comentar a afirmação?</p> <p>E- Não.</p> <p>V- Agora como esta resposta foi positiva, quando referiu que as PPL eram enquadradas por mediadores culturais ou técnicos especializados, aqui, quando me refiro aos técnicos especializados não me refiro aos nossos colegas BAD que tenham apenas uma formação técnica de base, mas posso considerar os que ou por aprendizagem, interesse próprio, por autoformação, autodidactismo, tenham alguma especialização que não seja apenas na base de tratamento documental, ou pessoas de fora, colaboradores, voluntários que tenham uma competência específica, o que quero saber é se estas actividades, enquadradas com mediação, se isto acontece algumas vezes, bastantes vezes ou quase sempre?</p> <p>E- É quase sempre. É regra, é quase sempre.</p> <p>V- E que contributos especializados é que enquadram estas práticas?</p> <p>E- O critério por excelência, é que nós tentamos sempre, é a regra que a pessoa que faça parte da acção etc. tenha provas dadas. [...] Temos como premissa para se passar qualquer acção destas, que a pessoa tenha provas dadas. Tanto que há um cuidado especial do levantamento do perfil da pessoa ou do currículo, mesmo do contacto... hoje em dia temos N ferramentas para perceber com quem estamos a lidar.</p>
E16	<p>E- Sim. [...] Posso-lhe dizer que trabalhamos muito com equipas multidisciplinares, [...] tenho pessoas que trabalham na área da comunicação, tenho pessoas que trabalham na área de projecto, temos pessoas de XXX [instituição de ensino] de artes, tenho pessoas de assistência social, de serviço social, tenho agora a trabalhar comigo</p>

	<p>uma socióloga e uma psicóloga, pessoas especializadas na formação da Universidade XXX.</p> <p>V- Agora diga-me uma coisa, estas pessoas, estão aqui e fazem parte do seu quadro ou são contratadas?</p> <p>E- Sim. Fazem parte do quadro da biblioteca. Uma das coisas que temos feito muito e temos ganho muito é parcerias com outras entidades de XXX [local], que são nossos parceiros estratégicos, desde áreas do empreendedorismo a áreas culturais.</p>
E17	<p>E17- A XXX e a XXX [nomes] que fizeram o curso de animador sociocultural. Mas não temos equipa de animação que faça só isso, fazem tudo.</p> <p>E17a- Monitores externos, a XXX [nome], que fazia aqueles ateliês com os pais, trabalhava muito com as crianças. Depois o XXX, o XXX, escritores, como o XXX com a poesia.</p> <p>E17- Há também uma educadora que tinha o curso de animação, a XXX [nome], e que durante muitos anos fez a hora do conto. Vinha uma vez por mês e em 2009 ainda trabalhava connosco.</p> <p>V- Nestes cinco anos?</p> <p>E17- Nestes cinco anos, ainda, sim.</p>
E18	<p>V- Com que contributos especializados é que vocês, aqui, contam para a mediação das PPL?</p> <p>E- Então, temos uma educadora de infância.</p> <p>V- Mais?</p> <p>E- Uma técnica profissional de animação.</p> <p>V- Sim?</p> <p>E- Uma técnica superior de animação. E duas técnicas que são de base mas por via de formação têm alguma especialização.</p> <p>V- Não contam com colaborações exteriores?</p> <p>E- Contamos com colaborações exteriores. As da Bebeteca continuam a ser, algumas delas, dinamizados por externos.</p>

Quadro 45 - Unidades de contexto de contributos especializados que enquadram a mediação das PPL

Amostra	Contributos especializados internos e externos para promover a leitura nas bibliotecas públicas municipais da AML	Número	Total
E14	Formadores no domínio da mediação e formação de leitores	Número incerto	?
E6;	Técnico superior de educação	1	1
E18	Técnico superior de animação	1	1
E16	Técnico superior de sociologia	1	1
E16	Técnico superior de psicologia	1	1
E1; E4; E6; E10; E12; E13; E14; E17; E18	Técnicos de animação sociocultural	2, 1, 4, 1, 1, 1, 1, 2, 1	14
E17	Educadora de infância e animadora sociocultural externa	1	1
E2; E12; E13; E18	Educadores de infância	1, 1, 1, 1	4
E16	Técnicos de assistência social	Número incerto	?
E16	Técnicos de serviço social	Número incerto	?
E13	Actor e animador, com formação dramática e em animação cultural	1	1
E5	Técnico superior com formação de teatro, de educação e arte.	1	1
E16	Técnicos de livro infantil	Número incerto	?
E18	Técnicos de BAD com formação superior em animação	2	2
E9	Técnicos de BAD com formação na FCG em psicologia infantil, construção de texto e escrita, expressão dramática	Número incerto	?
E10; E14	Técnicos de BAD que adquiriram competências nas formações disponíveis	3 + Número incerto	3?
E1; E8; E11;	Técnicos da biblioteca que vão fazendo autoformação	Número incerto	
E6;	Técnico de BAD com formação na área da literatura	1	1
E15	Técnico de BAD	Número incerto	
E8	Técnico superior com pós-graduação em livro infantil	1	1
E2; E13	Técnicos superiores de biblioteca	Número incerto + 1	1?
E2; E4	Técnico de informática	1	1
E16	Técnicos de comunicação	Número incerto	?
E16	Técnicos de projecto	Número incerto	?
E16	Técnicos de programação cultural	Número incerto	?
E16	Técnicos de artes	Nº incerto	?
E8	Grupo teatral externo	Prestações pontuais	?
E3; E4; E14; E15; E17; E18	Colaborações externas especializadas nas diversas temáticas	Número incerto e prestações pontuais	?
E5;	Animadores externos	Prestações pontuais	?
E6	Estagiários do ISCTE	Número incerto	?
E16	Parcerias estratégicas que enquadram formações	Número incerto	?
E15	Voluntários da comunidade com competências técnicas ou académicas relacionadas com as respectivas PPL	Número incerto	?
E6; E17	Mediadores voluntários	Prestações pontuais	?

Quadro 46- Contributos especializados, internos e externos, associados à mediação de PPL nas BPM da AML
Fonte: produção própria

Amostra	Contributos especializados que enquadram a mediação das práticas em cada biblioteca	
E1	2 (Número incerto)	-Técnicos de animação sociocultural -Técnicos da biblioteca que vão fazendo autoformação
E2	(Número incerto) 1 1	-Técnicos superiores de biblioteca - Educador de infância. -Técnico de informática
E3	(Prestações pontuais)	- Elementos externos especializados nas diversas temáticas
E4	1 (Prestações pontuais)	-Técnico de animação sociocultural - Elementos externos especializados nas diversas temáticas
E5	1 (Prestações pontuais)	-Técnico superior com formação de teatro, de educação e arte. - Animadores
E6	1 4 1 (Número incerto) (Prestações pontuais)	-Técnico superior de educação - Animadoras socioculturais -Técnico de BAD com formação na área da literatura - Estagiários do ISCTE - Professores voluntários
E7	0	[Excepto para um projecto específico promovido e financiado por uma instituição internacional que fornece apoio de técnicos próprios para o projecto]
E8	1 (Número incerto) (Prestações pontuais)	-Técnico superior com pós-graduação em livro infantil -Técnicos da biblioteca que vão fazendo autoformação - Grupo teatral externo
E9	(Nº incerto)	Assistentes técnicos de BAD que fizeram formação na FCG em psicologia infantil, construção de texto e escrita, expressão dramática
E10	1 3	- Animador sociocultural - Técnicos de BAD que adquiriram competências nas formações disponíveis
E11	(Número incerto)	- Técnicos de BAD que vão fazendo autoformação
E12	1 1	- Educadora - Animador cultural
E13	1 1 2 1	- Actor e animador, com formação dramática e em animação cultural - Animadora cultural - Educadoras de infância - Bibliotecária
E14	1 (Número incerto) (Número incerto) (Número incerto)	- Animador sociocultural - Colaborações externas relevantes em diversos domínios -Técnicos de BAD que adquiriram competências em mediação e promoção da leitura - Formadores no domínio da mediação e formação de leitores
E15	(Número incerto) (Número incerto) (Número incerto)	- Técnicos de BAD - Voluntários da comunidade com competências técnicas ou académicas relacionadas com as respectivas PPL - Colaborações externas
E16	(Número incerto) (Número incerto) (Número incerto) (Número incerto) (Número incerto) (Número incerto) 1 1 1 (Número incerto)	- Técnicos da área de comunicação - Técnicos da área de projecto - Técnicos da área do livro infantil - Técnicos da área de artes - Técnicos da área de assistência social - Técnicos da área de serviço social - Técnico de programação cultural - Psicóloga - Socióloga - Parcerias estratégicas que enquadram formações
E17	2 1 (Número incerto)	- Animadores socioculturais - Educadora de infância e animadora sociocultural externa - Mediadores externos remunerados e voluntários
E18	1 1 1 2 (Número incerto)	- Educadora de infância - Técnica de animação sociocultural - Técnica superior de animação - Técnicas de BAD com formação superior em animação - Colaborações exteriores

Quadro 47- Contributos especializados que enquadram a mediação das PPL em cada biblioteca da AML. Fonte: produção própria.

Licenciaturas			
Unidades curriculares	Nº	Unidades curriculares	Nº
História da informação	1	Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)	3
História (da Cultura; Adm. Pública; Contemporânea, do livro e da leitura; da produção documental)	9	Internet e multimédia digital, produção de conteúdos multimédia	2
Direito e ética da informação	4	Informação para a internet	1
Filosofia da linguagem	1	Literacia da informação	2
Psicologia social	1	Animação cultural em bibliotecas	1
Sociologia, sociologia da informação, da comunicação e dos média	2	Estatística, estudos métricos em informação e ciências humanas	3
Linguística	1	Tratamento e análise qualitativa de dados	1
Crítica textual	1	Marketing	3
Correntes literárias contemporâneas	1	Inglês técnico aplicado à ciência de informação	4
Sistemas de informação (nas organizações; análise; e gestão de sistemas, de investimentos)	6	Gestão de recursos humanos, negociação, gestão de conflitos; comportamento organizacional	3
Latim	2	Gestão estratégica	1
Paleografia e diplomática medieval, moderna*	3	Gestão da Qualidade	1
Ciência de Informação (suportes e tipologias de informação gestão da informação; teoria e método; gestão de processos e recursos; projecto gestão de informação)	11	Organização e Gestão (de organizações; serviços de inf.; procedimentos administrativos, sistemas de apoio à decisão)	7
Organização da informação em bibliotecas	1	Gestão, Inovação e empreendedorismo	2
Fontes de informação e serviço de referência	4	Políticas de informação e tecnologia	2
Serviços de informação empresarial	1	Projecto de serviços e recursos de informação; planeamento, gestão de projectos, avaliação	4
Descrição de informação catalogação	3	Preservação e conservação da informação (restauro); gestão de colecções	4
Indexação análise, representação da informação, controle de autoridade, avaliação da recuperação da informação	11	biblioteconomia e arquivística	1
Representação da informação, resumos e linguagens codificadas**	1	Sistemas integrados para bibliotecas e arquivos	1
Normas e aplicação de metadados	1	Bibliotecas e Arquivos digitais	1
Descrição técnica de informação digital	1	Serviços de Arquivo, Biblioteca e Museu, tipologias,	2
Programação, linguagens de programação, metodologias e desenvolvimento de software	4	Teoria e métodos de recolha e levantamento do património cultural	1
Bases de dados	5	Museologia	1
Informática e conteúdos relacionados (lógica, sist. computacionais e de comunicação, estrutura de dados, algoritmia; interoperabilidade, redes, aplicações informáticas)	11	Organização da informação em arquivos; descrição; indexação	3
Comportamento informacional	2	Teoria arquivística	1
Comunicação, técnicas de expressão, de relação, comunicação organizacional	3	Normas jurídicas para arquivos	1
Design gráfico; computação gráfica; publicação digital	3	Gestão de arquivos	1
Tecnologia multimédia	1	–	

Quadro 48– Unidades curriculares dos planos de estudos de licenciaturas em CID.
 Designação e número de ocorrências das UC de dez licenciaturas nas instituições académicas pesquisadas.
 Fonte: produção própria.

Cursos de especialização e pós-graduações			
Unidades curriculares	Nº	Unidades curriculares	Nº
Sistemas de informação e bibliotecas	1	Gestão de colecções de ebooks	1
Redes de bibliotecas privadas e públicas;	1	Gestão de colecções de informação científica	1
Bibliotecas digitais	1	Gestão de repositórios	1
Redes de arquivos	1	Open access	1
Sistemas e subsistemas de bibliotecas e arquivos,	1	Empréstimo de documentos electrónicos	1
Biblioteca, arquivo e centro de documentação como sistema, missão objectivos	1	Gestão da informação documental e recursos documentais; aquisição e organização	3
Colecções de fundos arquivísticos, inputs e outputs de bibliotecas e arquivos	1	Missão, objectivos e organização dos circuitos documentais e de utilizadores	1
Ética e direitos de autor; Direito e ética da informação	2	Fundamentos da Ciência informação	1
Fontes de pesquisa online	2	Perfil de utilizadores de bibliotecas especializadas	1
Literacia digital,	1	Catalogação ISBD; NPC;	2
Literacia da informação	1	Indexação normas ISSO, NP e construção de thesauri	1
Pluralidade linguística no espaço organizacional	1	Modelos de gestão	1
Ambientação online	1	Planeamento estratégico de serviços	1
Produção de conteúdos digitais	1	Gestão dos sistemas de informação	1
Produção de conteúdos na Web	1	Gestão e comportamento organizacional	2
Normas e legislação, gestão de recursos, avaliação de desempenho	1	Marketing digital e comunicação integrada; Marketing e comunicação da informação	2
Metodologia de investigação, metodologia de investigação educacional; métodos em ciências de informação e gestão	7	Promoção, mediação e animação da leitura; gestão e animação de projectos, Projecto de promoção da leitura, leitura e animação de histórias	6
Análise de dados	1	Informação científica, função, produção, acesso;	1
Competências digitais, dados informação, conhecimento	1	Bibliometria, a publicação, citação, factor de impacto	1
Literacias no séc. XXI	1	Financiamento da ciência	1
Políticas públicas e governança da informação	1	Cultura, educação e informação	1
Sociologia da leitura; informação e sociedade	2	Orientações da DGA p/ descrição arquivística	1
Análise de social média	1	Literatura e cinema	1
Literatura para crianças e jovens	1	Escrita e dramaturgia	2
Leitura e escrita criativa	1	Leitura e conto	2
Leitura e expressões artísticas	1	Objectos e formas animadas	2
Literatura para a infância e juventude	1	Redes de leitura e suas interligações	1
Contextos de animação de histórias	2	Públicos da leitura pública	1
Corpo, voz, movimento, performance	2	Relação leitura e sistema de ensino	1
História do livro e da edição, história do livro e da leitura	9	Estruturas cooperativas, SABE, PNL;	1
Leitura e ilustração; ilustração e tecnologias da imagem e do som	3	Promoção da leitura, aprendizagem ao longo da vida, bibliotecas itinerantes;	1
Características de suportes gráficos e digitais	1	Diagnóstico em arquivo	1
Gestão e dinamização de bibliotecas escolares	1	Circuito de tratamento documental arquivístico	1
Preservação de materiais gráficos, electrónicos e digitais; preservação e recuperação da informação	2	Descrição física e intelectual da documentação de arquivo;	2
Medidas preventivas, de preservação e restauro em diversos suportes	1	Normas ISAD (G); normas ISAR (CPF) de registo de autoridade arquivística (instituições, singulares, famílias)	2
Avaliação de medidas de restauro a tomar nos diversos suportes de informação	1	Ordenação arquivística	1
Preservação construtiva e ambiental em edifícios	1	Recuperação de informação em arquivo	1
Gestão de colecções de documentos electrónicos	1	-	

Quadro 49- Unidades curriculares dos planos de estudos de cursos de especialização e pós-graduações em CID. Designação e número de ocorrências das UC de 13 pós-graduações e dois cursos de formação técnico superior profissional nas instituições académicas pesquisadas. Fonte: produção própria.

Mestrados			
Unidades curriculares	Nº	Unidades curriculares	Nº
Teoria e metodologia das ciências da documentação e informação;	2	Bibliotecas digitais; bibliotecas digitais, literárias e científicas;	3
Paleografia e diplomática	3	Leitura pública; bibliotecas públicas	2
História das instituições; história do livro; codicologia e história do livro	3	Bibliotecas escolares e públicas; gestão de bibliotecas escolares	3
Linguística aplicada	1	Inovação em serviços de informação	1
Sociologia da informação; informação e sociedade; teoria e sociologia da informação	4	Sociedade da informação; Teoria e Crítica da Sociedade da Informação	2
Informação e comunicação científica	1	Desenvolvimento de serviços Web	1
Comunicação educacional	1	Comunicação da informação;	1
Gestão, planeamento e administração	2	Serviços de referência	1
Gestão da Informação nas Organizações; sistemas de informação organizacionais	2	Marketing e Comunicação em Serviços de Informação; Marketing da Informação	3
Gestão de sistemas de informação; gestão de sistemas de bibliotecas; gestão de serviços de informação	3	Tecnologias da informação; tecnologias da informação e da comunicação	2
Avaliação de desempenho em bibliotecas e arquivos	1	Design dos serviços	1
Consultoria em gestão da informação	1	Projecto em tecnologias e serviços de informação	1
Ciência dos serviços de informação; Ciência da Informação; Sistemas de Informação	3	Projecto de empreendedorismo em tecnologias de informação	1
Gestão estratégica empresarial I		Investigação em tecnologias e sistemas de informação	1
Património Documental e Bibliográfico. Preservação e conservação; preservação e segurança da informação; preservação e conservação da inf. e da documentação.	5	Tecnologias da informação e da edição; tecnologias aplicadas à gestão de informação biblioteconómica; tecnologia documental.	3
Representação do conhecimento	1	Design de Interação	1
Indexação e catalogação; descrição e comunicação da informação biblioteconómica; tratamento documental; classificação, indexação e recuperação da informação.	5	Metodologia de investigação; de projecto; Teorias e Métodos em Ciência da Informação	4
Análise de conteúdo e indexação	1	Segurança da informação	1
Organização da Informação; organização da Informação e do Conhecimento Digital; gestão e organização do conhecimento em bibliotecas; Prática profissional em biblioteconomia	6	Direito e/da informação; direito e deontologia da informação	4
Repositórios digitais	1	Psicologia cognitiva	1
Pesquisa e utilização de recursos de informação	1	Fundamentos de competência leitora	1
Gestão de colecções	1	Avaliação e diagnóstico da linguagem oral e escrita	1
Serviços de informação	1	Literatura para a infância e juventude	1
Organização e gestão de bibliotecas escolares	1	Investigação educacional em animação de leitura	1
Gestão do conhecimento e colaboração	1	Oficina de ilustração	1
Análise e visualização de dados; bibliometria	2	Oficina de música e drama	1
Sistemas arquivísticos; sistemas de informação arquivística	2	Introdução ao trabalho de projecto em animação de leitura	1
Arquivos fotográficos	1	Tecnologias educativas na animação de bibliotecas	1
Descrição avançada de informação arquivística	1	Laboratório de leitura e escrita criativa	1
Arquivos e bibliotecas digitais;	1	Literacia da informação	1
Sistemas biblioteconómicos	1	—	

Quadro 50- Unidades curriculares dos planos de estudos de mestrado em CID. Designação e número de ocorrências das UC de oito mestrados nas instituições académicas pesquisadas. Fonte: produção própria

Amostra	Actividades complementares às práticas de promoção da leitura
Unidades de contexto	
E1	<p>E1- Frequentemente. V- Pode dar exemplos de quando fazem coisas dessas? E1a- Uma ou outra, uma mostra bibliográfica, por aí. E1- Das coisas que fazemos mais frequentes, fazemos uma exposição e colocamos uma mostra bibliográfica, fazemos um ateliê. Quando fazemos um encontro com o escritor fazemos a venda de livros e mostras bibliográficas. Quando é nas escolas há sempre exposições dos trabalhos que lá fazem à volta do tema ou do autor.</p>
E2	<p>V- Associadas a estas práticas, foram produzidas actividades complementares? E- Poucas. [...]. Por exemplo escrita criativa, temos um baú de contos de onde eles tiram, foram produzidas imagens, essas imagens depois são associadas e dão um exercício de escrita criativa, isso foi uma das coisas que se produziu, dos materiais que se produziram. Quanto aos contextos cénicos cada vez que há uma actividade é produzido um cenário, muitas vezes também com a colaboração da divisão de comunicação da câmara.</p>
E3	<p>V- Resultam que actividades complementares? E- Resulta. No encontro com as práticas, por exemplo, do encontro com os pais. [...]. Acabámos por fazer o itinerário dos livros pela instituição e por casa. Aliás eles levam muito esse trabalho e envolver as famílias. Temos um pai que nos veio dizer “o meu filho diz que quer ser bibliotecário...”. Ele tinha estado connosco numa prática.</p>
E4	<p>E- Não... Quero dizer, eram assim leituras de outros documentos, eram passagem de vídeos nos lares, leituras em voz alta para eles.</p>
E5	<p>E- Frequentemente. V- Pode dar exemplos? E- Temos a nossa visita guiada, que tem a nossa visita guiada à biblioteca. V- A visita guiada não posso propriamente considerar como uma actividade de promoção de leitura; é mais no âmbito da divulgação da biblioteca, da formação de utilizadores e o meu trabalho é sobre promoção da leitura... E- A actividade para o pré-escolar, em que é contada a história e depois a seguir há uma actividade de expressão plástica em que as crianças, com base naquilo que leram, da história que ouviram, vão desenvolver um desenho colectivo com base na história, neste caso, a história actual é XXX, que tem a ver com a metamorfose, o ciclo da lagarta. [...] E as histórias que temos dos sons, XXX [prática]. V- O que é que acontece aí? E- Há uma história e, depois dessa história contada e falada, as pessoas envolvidas vão explorar sons e instrumentos, ouvir sons e vão tentar através da audição; olhe aqui está mais uma coisa sobre a audição que não foi dita há bocado. V- E há mais alguma coisa? E- Temos outra prática importante, na biblioteca da XXX estamos com uma actividade de oficina de desenho e ilustração, que é através de um poema. O poema é lido e os alunos a seguir à leitura daquele poema e falarem sobre o poema, a seguir há uma colega, que está ligada às artes, desenvolve um trabalho, o traço, e eles acabam sempre por fazer um desenho com base no poema que ouviram e informação sobre conceitos: a partir do poema fazem trabalho de ilustração e desenho e são-lhes transmitidos conceitos de linha, traço, etc.</p>
E6	<p>E- Quase sempre. V- Pode dar-nos exemplos? E- A seguir fazemos sempre ateliês, por exemplo na hora do conto a temática são os XXX [um animal], as crianças no final são convidadas a fazer o seu XXX [um animal] e levam consigo. V- E em termos da promoção da leitura? O que é que aqui há nesta actividade? E- Sempre a tal promoção do livro que nós temos na biblioteca que tenha a ver com o assunto e outro interesse das crianças; mas aí a promoção é basicamente promover aquilo que temos para as crianças levarem para casa. V- Mas eles, quando fazem estas coisas, ainda vão procurar ler nos livros, vão procurar informação à internet? E- Na internet não, mas ao livro sim. Tanto porque nós não privilegiamos a internet na nossa sala infantil.</p>
E7	<p>E- Temos as horas do conto seguida de escrita criativa. Temos a hora do conto, com ateliês de reciclar e criar [...] conta-se um conto, tiram-se objectos de um saco, os meninos tiram o objecto e criam a sua história, tendo em atenção os objectos que tiraram [de] dentro do saco. Está relacionado com a história que vamos fazer. Vamos fazer isso relativamente à história dos presentes da xxx [autora], que é uma história do traço da xxx [autora], depois de terem os próprios presentes é que adquirem a cor [...].</p>
E8	<p>E8- Sim. Esta actividade do ano internacional da agricultura, nós na planificação final temos propostas de actividades para os alunos construírem. [...]. Temos [na biblioteca] alguns ateliês de expressão plástica a decorrer, associados às actividades e animação de promoção da leitura, não são... nem todas as actividades da promoção da leitura têm ateliês de expressão plástica, algumas têm, no Natal as actividades de promoção da leitura têm sempre um ateliê de expressões associado. Por exemplo esta da floresta tem uma proposta de actividades que é deixada com os professores, o que é que dentro daqui podem fazer; ideias, neste capítulo da planificação há algo que os miúdos podem fazer. Temos o guião de leitura pais e filhos, que de alguma maneira pretende promover sugestões de actividades dentro daquele tema ou outras obras. E8a- Há propostas de actividades a partir daquelas que nós levamos e que deixamos para os professores essa possibilidade</p>
E9	<p>E- O que há, em alguns casos, é uma actividade de ateliê, que fazemos cá na biblioteca, que é uma actividade de ateliê. Nesta actividade há uma actividade de pesquisa associada, porque os alunos vão ao polo da biblioteca e fazem a pesquisa.</p>
E10	<p>E- Pode acontecer. V- Isto é quase sempre, frequentemente, algumas vezes ou raras vezes? E- Algumas vezes. V- Pode dar uns exemplos de actividades onde acontece? E- Aquela da exposição das fotografias [...] XXX [prática]. V- Nesta do XXX [prática], o que é que acontece em relação a actividades complementares? E- Era uma exposição de fotografia, em que quem tirou a fotografia foi a própria biblioteca, com outra abordagem na nossa</p>

	forma de vida, as praias, depois nós explorávamos as lendas, a parte geográfica, a parte histórica das praias, depois fica sempre uma ponta solta para que a actividade tenha depois tenha espaço dentro da sala de aula, que tenha continuidade para outro tipo de actividades. Houve sempre aquela motivação da professora levar aquele livro para a sala de aula e dar continuidade, muitas vezes trazem-nos os resultados dessas actividades.
E11	E- No nosso ciclo de actividades não há actividades complementares.
E12	V- Achas, então que não tens tanto actividades complementares... E- Não. Há um conjunto de actividades ao mesmo tempo. Fazemos textos e enviamos os textos para trabalharem na escola. [...]. Também fazemos outras coisas mas não tem muito a ver com a parte da leitura, são manuais, mas por exemplo, fizemos uma agora que foi o XXX [prática] com a ideia da ecologia. [...]. Tivemos agora uma exposição que nós fizemos este ano, que foi aquela exposição da XXX [tema], não sei se já ouviste falar, fomos nós que a fizemos. V- E a seguir a esta exposição o que é que acontecia? E- O trabalho era feito. Essas turmas que vieram são agora as que vêm assistir e continuamos [...]. Havia aqui a parte da abordagem da leitura, havia a parte social dos sem-abrigo e depois havia a outra parte que tem a ver com uma realidade que tem a ver... V- Isto na própria história, mas depois o que é que os miúdos fazem a partir daí? E- Depois a seguir iam ver exposição e a seguir têm a história que se chama XXX ... [...]. É mais um conjunto de actividades ao mesmo tempo.
E13	E- Sim. V- Quase sempre, frequentemente, algumas vezes ou poucas vezes? E- Quase sempre. V- Podes dar exemplos? E- A poesia como o canto do fado, era assim. Uma mostra documental sobre poesia que foi utilizada depois no fado, deu origem a uma sessão, um espectáculo, aquilo foi um verdadeiro espectáculo de fado de Coimbra, por exemplo. Aquela exposição que lá está em cima deu origem a uma comunidade de leitores.
E14	E- Algumas vezes. V- Exemplos disto? E- Nós fazemos como complemento... Já dissemos lá em cima, vários do ateliê de escrita...
E15	E- Muitas vezes, acontece o ateliê após a hora do conto. Pode ser considerada uma actividade complementar? V- Sim. E- Sim, muitas vezes, um ateliê de promoção de leitura, não em ambiente escolar mas em ambiente familiar. Poucas vezes tivemos uma exposição de pintura, de escultura, e foram produzidos robôs e “kokeshis” [bonecas tradicionais japonesas], tínhamos uma caixa que os miúdos podiam mexer. Não sei se será útil, temos o nosso jogo de descoberta da biblioteca. Eles fazem a visita à biblioteca e depois respondem a perguntas sobre suportes, sobre diferentes áreas da biblioteca. V- E aquilo que estava a falar dos robôs? E- Foi numa exposição que foi um sucesso total o ano passado, e podemos atribuir primazia a jovens valores. Um professor orientou e fizeram os robôs.
E16	E- Eu diria que é frequentemente. Sim. Porque geralmente uma coisa leva a outra e acaba por um projecto estar interligado com outro.
E17	E17- Isso sim. V- É quase sempre? Frequentemente? Algumas vezes ou poucas vezes? E17- É frequentemente. V- Podes dar algum exemplo? E17- Por exemplo a XXX [prática], faziam os bonequinhos e exploravam; as dos animais, XXX [prática], depois, pesquisavam, exploravam e faziam um trabalho sobre o autor e, no final do ano, expunham nas escolas e na biblioteca. E17a- Nas horas do conto também. V- O que é que vocês fazem como actividade complementar da hora do conto? E17a- Um ateliê a seguir à hora do conto. [...] principalmente no Verão, há famílias em que a actividade acaba por demorar um bocadinho mais, mas eles querem que demore, porque os miúdos estão descontraídos e estão de férias e, portanto, normalmente ouvem a história e depois da história há um ateliê que se enquadra com os pais. V- E o que é que acontece nesse ateliê? E17a- Podem fazer um trabalho de actividade plástica, por exemplo, que vá ao encontro daquilo. Vamos dar o exemplo de uma história. Nós tivemos uma história que tinha a porquinha e a princesa, a porca era a princesa e a princesa era a porca, e os meninos, no fim, construíram um relógio, porque na história aparecia sempre um relógio de parede e eles construíram o relógio com os pais. No fim era proposto que eles com os pais se lembrassem que horas estavam marcadas nos vários relógios. Alguns ainda não sabiam as horas mas os que sabiam, o que era muito mais giro era os pais que não conseguiram captar nada, depois, levaram o relógio e pronto. E17- Ou com cartolinas, ou com desenhos e também coisas de procurar, construir coisas a partir da história, a partir da história, sempre.
E18	E- Na maior parte dos casos sim. Quando são ateliês são só ateliês, mas quando há a hora do conto, ateliês complementares, às vezes é só pequenas fichas que eles têm depois de, através de meios diversos, têm que mostrar o que acharam ou se quiserem deixar um desenho.

Quadro 51- Unidades de contexto de actividades complementares às PPL. Fonte: produção própria

2013	BB	CR	JV	JÁ	AD	ID	PG	FM
Escolas a ler		✓	✓					
Leituras em voz alta			✓	✓	✓	✓		
Liga dos livros.		✓	✓					
Grupos de leitura					✓	✓		
Animação para crianças		✓						
Clube de leitura de Verão		✓	✓					
Falar de...	✓							✓
Noite de Mistério		✓						
Biblioteca de Praia		✓					✓	
Concurso Nacional de Leitura			✓					
Palestra sobre poesia			✓	✓	✓			
Conferência sobre poesia					✓			
Hora do Conto		✓						
Semana dos Contadores de Histórias		✓						
PensARTE						✓		
Hora do Conto		✓						
Ler dá saúde e faz crescer	✓	✓	✓					
O Bibliófilo vai à escola	✓							
Histórias na biblioteca		✓						✓
Seniores na Net						✓		
Conto contigo na biblioteca.	✓	✓						
Formação de leitores	✓	✓	✓					
Igualdade de género	✓	✓	✓					
Atelier de escrita criativa		✓						✓
Hora do Conto Mensal		✓						
Eu, a leitura e o mundo		✓						
Disponibilização de recursos de leitura às escolas	✓	✓						
Segredos do mar		✓						
Caroços e tremoços	✓	✓						
O que os números contam	✓							✓
Chopinhar com livros		✓						
Aniversário da biblioteca (temática anual)		✓						✓
Sábado na Biblioteca	✓	✓						
Hora do Conto		✓					✓	
Feira do Livro e encontros com os autores						✓		
Cantos literários para seniores					✓			
Comunidade de leitores					✓			
Verão da minha infância		✓						✓
Sábado em cheio					✓	✓		
Grupos de Leitura (Comunidades de Leitores)	✓	✓						
Hora do Conto		✓						
Olhos de gigante coração de pássaros					✓			
Escrita de opinião					✓			
Os livros da minha vida							✓	
Mostras bibliográficas		✓	✓	✓	✓		✓	
Assalto a XXX					✓	✓		
Dias de bem cá estar		✓	✓				✓	
Feira do livro		✓	✓					✓
A manta	✓	✓						
Construções para a leitura					✓			✓
A arte da leitura de pais para filhos.	✓	✓						
Hora do Conto	✓	✓						
Vitória, Vitória, não se acabou a história	✓							✓
As atividades da Bebêteca	15	33	12	3	12	7	4	9

Quadro 52 - Checklist 4. PPL destacadas em 2013 e públicos visados: bebés (BB), crianças (CR), jovens (PJ), jovens adultos (JÁ), Adultos (AD) e idosos (ID). Houve necessidade de acrescentar aos indicadores, não etárias, público geral e públicos familiares.

Fonte: produção própria.

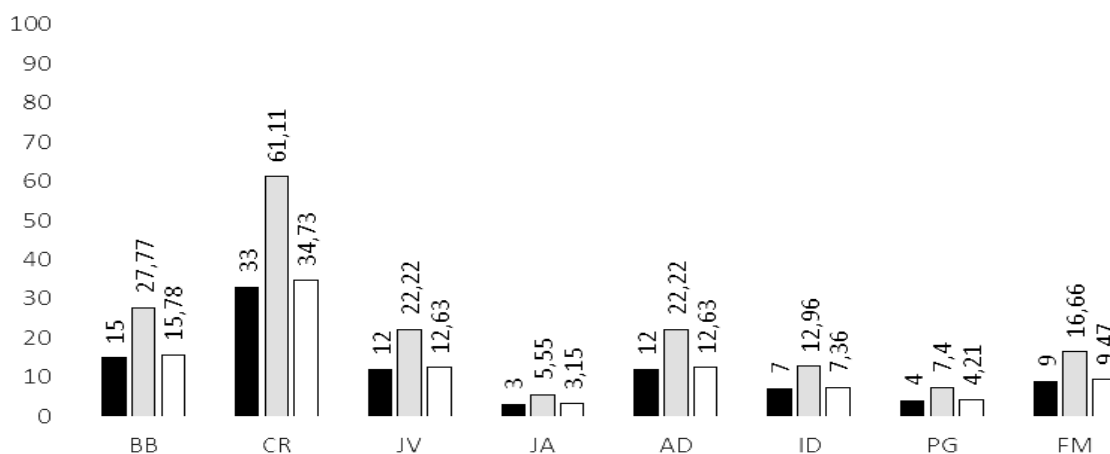


Gráfico 13 – Escalões etários dos grupos-alvo das práticas de promoção da leitura em 2013. Bebés (BB), crianças (CR), jovens (JV), jovens adultos (JA), adultos (AD), idosos (ID). Categorias não etárias: público geral (PG), público familiar (FM). 1.ª coluna total do ano, 2.ª, % 108 PPL, 3.ª, % das 95 respostas. Fonte: produção própria.

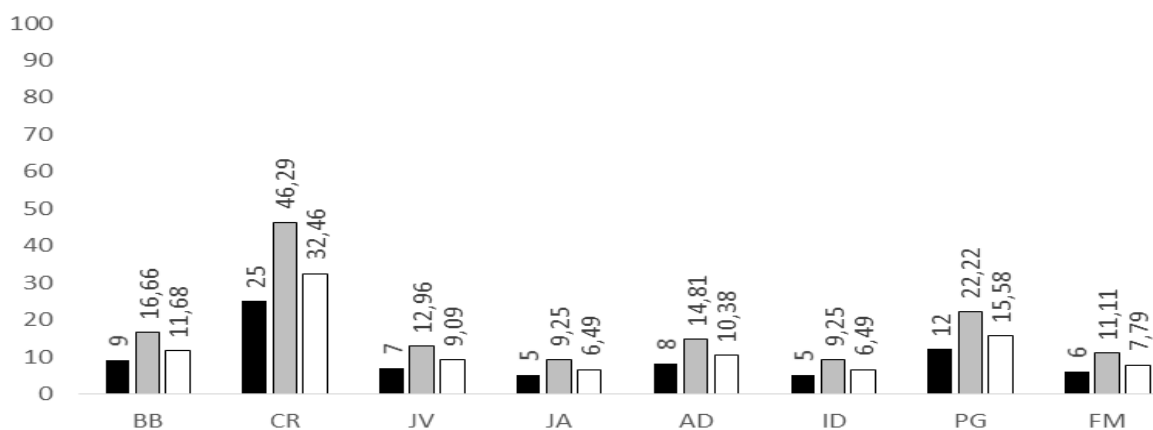


Gráfico 14 - Escalões etários dos grupos-alvo das práticas de promoção da leitura entre 2008-2012. Bebés (BB), crianças (CR), jovens (JV), jovens adultos (JA), adultos (AD), idosos (ID). Categorias não etárias: público geral (PG), público familiar (FM). 1.ª coluna total do ano, 2.ª, % 108 PPL, 3.ª, % das 77 respostas. Fonte: produção própria.

Amostra	Características socioculturais dos públicos participantes nas PPL
	Unidades de contexto discursivo
E1	V- Quais são as características socioculturais dos grupos envolvidos nestas práticas? E- É um bocadinho heterogénea.
E2	V- Estes grupos, que características socioculturais têm? Apesar de referires alguma heterogeneidade, o que consideras que predomina em cada prática? E- O grupo das comunidades de leitores, os grupos de leitura geralmente são, da percepção que eu tenho, são pessoas a partir dos trinta anos, entre os trinta e os cinquenta, será o grosso dos participantes. V- E o seu nível cultural, o extracto social? E- Geralmente são pessoas licenciadas. V- E são de que grupos sociais? E- São uma classe média. V- E os outros? E- As crianças das animações são [públicos] muito heterogéneos, são os grupos do concelho, tanto pode vir uma escola de um bairro desfavorecido como de um colégio privado. V- E as XXX [prática]? E- O que se nota é que existe uma grande adesão dos grupos mais desfavorecidos a nível económico, que procuram este serviço que se presta durante o Verão. V- E o nível cultural dessas pessoas? E- É um nível médio.
E3	E- Por norma estão institucionalizadas, mas abrimos ao público em geral, ao idoso que queira aparecer. V- Quais é que são as características socioculturais das pessoas que participam nestas práticas? E- Nessas IPSs vais encontrar de tudo.
E4	V- Quem foram as pessoas que cá vieram? E- Foram, acabou por muita parte da população estar aqui achar interessante, mesmo os que estavam deste lado e mais intelectuais os que participaram. V- Então, em termos sociais, vamos considerar classe média alta ou classe média baixa? E- Média alta e média baixa.
E5	E- O público é heterogéneo. E na nossa rotina do XXX [prática] foi muito heterogéneo, aliás tivemos desde professores a pessoas que tinham a quarta classe. V- E o que é que domina? Uma coisa é a diversidade mas notou-se nela existirem casos pontuais... E- Dominam os professores, mas foi muito interessante porque havia um grande número era de professores e depois também havia pessoas com menos escolaridade. Aqui o interessante, é que os que dominavam, puxavam os outros e apoiavam, foi muito interessante. A solidariedade foi uma coisa muito interessante na iniciativa. V- Que são de uma classe... E- Digamos que professores é uma classe média com um nível de educação mais elevado. V- Entre estes e participantes com menor nível de escolaridade, acontece serem de um menor estrato social ou não? E- Não.
E6	V- Quando é que começam a ser classe média alta, a partir de que idade? E- A partir da idade adulta, vinte e dois, vinte e três anos. É claramente vinte seis. V- As crianças que participam aqui também têm crianças de classe baixa? E- Aqui é heterogéneo. V- Não se sente que haja algumas crianças, de extractos sociais mais baixos, que venham mais que as dos mais altos? E- Não. Mas essas crianças que vêm com as famílias, efectivamente são, não posso estar a dizer isto com bastante certeza, mas são de classe média. São pessoa que têm sensibilidade para estas questões, que acham importante, desde cedo, os filhos estarem envolvidos em actividades que lhes vão despertar o interesse pelo livro, por ler, o interesse por vir à biblioteca e são pessoas que têm mais disponibilidade financeira. (E6)
E7	E- Nós tínhamos, e continuamos a ter, (...) classe média. (...) Tínhamos aqui romenos, que nos dois primeiros anos eram assíduos, portanto jovens, alguns acompanhados pelos pais. A partir de uma determinada altura, há dois anos, voltaram para o seu país. V- E qual era o nível educativo destes país (...) e destas pessoas que cá vêm? E- Dos romenos é baixo. V- Mas estavam a dizer que era média. E- Anteriormente que não participavam. Participavam, mas havia actividades desenvolvidas só para eles pelas escolas. V- Globalmente, se pudessem fazer aqui um perfil dos frequentadores das vossas PPL... E- Classe média. V- Os pais, os avós, os acompanhantes destes meninos qual é o seu nível educativo? É um nível básico, um nível médio ou superior? [...]. E- Os avós básico, os pais já é um nível superior.
E8	V- É de classe média baixa, classe média, classe média alta? E- São da escola pública, acabam por ser heterogéneo [...]. Nota-se nos pais e filhos, no XXX [prática], é onde se nota... Há uma tendência de classe média, média alta. V- E o nível de escolaridade? E- Médio e superior.

	<p>V- E aqui nestas crianças?</p> <p>E- Esse projecto de leitura é na zona mais carenciada do concelho. Quem participou é de classe média baixa.</p> <p>V- E a educação destas pessoas?</p> <p>E- É baixa. São de situações sociais muito complicadas. O projecto falhou num aspecto, que foi no envolvimento das famílias. Nós não conseguimos envolver as famílias, apesar de estarmos presentes nas reuniões. Articulávamos com os docentes, tanto com a educadora como com a professora de primeiro ciclo, estivemos presentes nas reuniões a divulgar o projecto que pretendíamos fazer, a convidar as famílias a participar, mas as famílias pouco se pronunciaram. Todas as sessões de animação levavam também uma proposta para ser feita em casa, com os pais, era um pouco o retorno que fomos tendo sempre. Muitos pais de acordo com as professoras, são não-leitores, pais não-leitores, situações de alcoolismo, de prostituição, é mesmo uma zona muito complicada.</p>
E9	<p>E- Aqui, no nosso caso, o grupo tem vindo a crescer, está ali mais ou menos estabilizado, mas tem vindo a crescer, mas pronto, vamos; já temos uns “habitúes”, pessoas que já se repetem, já procuram, é nesse segmento, classe média, pessoas mais “bem-parecidas”.</p> <p>V- Classe média ou classe média alta?</p> <p>E- Classe média, aqui não é muito alta.</p>
E10	<p>E- É muito heterogéneo.</p> <p>V- Mas o que é que domina?</p> <p>E- O próprio concelho XXX é muito heterogéneo, temos a parte rural e a parte urbana também. [...]. Eu acho que toda a gente consegue participar em todas as actividades. Nós temos das pessoas das classes mais altas, porque temos a parte urbana do concelho, na rural também acontece isso, mas também temos a parte urbana onde tens aquelas escolas problemáticas, em que às vezes [as crianças] não são acompanhadas pelos pais, (...) e temos a parte das comunidades africanas, em que muitos não têm quase apoio nenhum em casa e são classes muito baixas.</p> <p>V- E estes meninos estão em todas as actividades?</p> <p>E- Estão. Porque vêm com a escola.</p> <p>V- Neste caso dirias que a escola é um factor equalizador?</p> <p>E- É.</p>
E11	<p>E- Por exemplo, nas bibliotecas, mas o povo circula entre elas, mas como nós temos uma oferta aos sábados...</p> <p>V- Mas então o que é que predomina?</p> <p>E- Não sei, o médio.</p> <p>V- Médio, médio e não médio baixo ou médio alto?</p> <p>E- O que predomina é médio. Nos bebés esta gente é quase licenciada. Nos bebés é onde eu acho que há um público com maiores habilitações e melhores condições.</p> <p>V- É uma classe média, não baixa nem alta e um nível educativo elevado?</p> <p>E- Sim. Ainda que não esteja absolutamente certa, pois não recolhemos essa informação.</p> <p>V- Vou anotar isso e registar que essa informação é impressiva, de base empírica.</p> <p>E- Nós aqui temos um problema de recolha de informação.</p> <p>V- Bom, enquanto não tens a recolha de informação destaco que é impressiva, que é a que há.</p> <p>E- Acho que num sábado, nas actividades para bebés, vamos fazer um questionário e então as pessoas põem as habilitações, e assim fica-se com uma ideia. Mas o nosso público não é média alta. Uma coisa que eu também gostava de saber é se dessas pessoas, que vêm à actividade, quantas têm cartão de leitor.</p>
E12	<p>V- E os participantes, classe média baixa, classe média ou classe média alta?</p> <p>E- Eles vêm do universo escolar... é heterogéneo</p> <p>V- E aqui os XXX [prática] para seniores?</p> <p>E- [...]. É uma classe média baixa. [...].</p> <p>V- E o nível de escolaridade destas pessoas é baixo, médio ou elevado?</p> <p>E- São pessoas que participam e que não têm um nível educativo muito elevado.</p> <p>V- Os futuros reformados já serão outra coisa. E aqui?</p> <p>E- Na comunidade de leitores já têm, quase todos, uma educação superior.</p> <p>V- E é classe média, média ou alta ?</p> <p>E- Sim. Regra geral é média alta. [...]. Todos os que têm participado têm uma formação académica.</p>
E13	<p>V- Mas o que é que domina mais neste grupo?</p> <p>E- É a classe média.</p> <p>V- E este grupo concreto tem um nível educativo elevado ou tem um nível educativo médio elevado?</p> <p>E- Muitas vezes são professores que vêm, professores e equiparados, que vêm com os filhos, muitas vezes sim.</p> <p>V- E aqui no XXX [prática]...</p> <p>E- Aí no caso do XXX [prática referida] já é diferente.</p> <p>V- Uma classe média, classe média baixa?</p> <p>E- Baixa.</p> <p>V- E o nível educativo?</p> <p>E- Também baixo.</p>
E14	<p>V- E em relação às características socioculturais? Pretendo traçar um perfil sociocultural, elas pertencem à classe social média-baixa, média, média-alta?</p> <p>E- Média-alta.</p> <p>V- Média-alta. E o nível educativo?</p> <p>E- Estamos a falar questões de caracterização sociocultural e temos que considerar que estamos em XXX [concelho], que temos esse trabalho feito, também, nomeadamente com os grupos de leitores, que era importante para a tal</p>

	<p>tipificação e tipologia dos leitores. Mas quando se fala nesse tipo de características, temos que considerar que estamos em XXX [concelho], que tem um conjunto de características na população muito específico. Em relação à questão, é média alta.</p> <p>V- E o nível educativo? É médio, superior?</p> <p>E- Superior.</p>
E15	<p>V- O que eram estas pessoas em termos socioculturais?</p> <p>E- Classe média.</p> <p>V- E o nível educativo?</p> <p>E- O nível educativo seria do nono ano até à licenciatura.</p> <p>V- Mas a maior parte deles eram licenciados ou com uma formação média?</p> <p>E- Formação média. [...].</p> <p>V- E o maior parte do público que participa aqui nos XXX [prática], em termos de características socioculturais e meios educativos, como é que é?</p> <p>E- É heterogéneo, os XXX [prática] é heterogéneo, porque vem de todo o lado.</p> <p>V- Então, é classe média, baixa e alta. E em termos educativos?</p> <p>E- Também é muito variado, mas essencialmente médio e médio alto.</p> <p>V- Mas estão relativamente equilibradas ou há aqui uma predominância?</p> <p>E- Para o médio.</p>
E16	<p>E- O que lhe posso dizer é em termos de senso comum.</p> <p>V- O que estou a pedir, é uma informação numa base impressiva, empírica; podendo não haver outra base, então, não posso ter outras certezas para além da sua resposta.</p> <p>E- Nesse ambiente que estamos a falar... classe média [...].</p> <p>V- Estamos a falar de classe média baixa, média média, classe média alta...?</p> <p>E- Classe média média.</p> <p>V- E os níveis educativos dessas pessoas? Baixo, médio ou superior? Não das próprias crianças, sendo o caso, mas dos acompanhantes, pois pode projectar-se nelas o ambiente educativo das famílias.</p> <p>E- Isto aqui envolveu muitos educadores, professores. Estamos a falar de um médio e superior.</p> <p>V- E os XXX [prática]? Era para que idades?</p> <p>E- Entre os vinte e cinco e os sessenta e qualquer coisa.</p> <p>V- E era, classe média, classe média baixa, média elevada?</p> <p>E- Eu aqui diria classe média elevada.</p> <p>V- E o nível educativo?</p> <p>E- Superior.</p>
E17	<p>E17a- Eu acho que é um bocadinho de tudo.</p> <p>V- É mesmo heterogéneo?</p> <p>E17- Eu acho que sim.</p> <p>V- Mas nenhum predomina?</p> <p>E17- Não. Não há.</p> <p>E17a- Classe média baixa é que predomina, se calhar, classe média baixa predomina. [...]. Classe alta não temos muito, o nosso leitor não é muito da classe média alta.</p> <p>V- Mas porque vocês aqui não têm?</p> <p>E17- Não querem misturar-se.</p> <p>E17a- O que sucede em muitas actividades da biblioteca, convida-se essas pessoas mas não vão; vão é aos convites da Câmara estão todos lá caídos, não faltam, ah, ah, [riso]. Não são eles que vêm inscrever-se; são convidados.</p> <p>V- E o nível educativo da generalidade das pessoas?</p> <p>E17a- É médio. Também há gente licenciada mas a maioria é médio.</p>
E18	<p>V- [...] Aqui os pais o que é que predomina? Classe média baixa, classe média ou classe média alta?</p> <p>E- Eu acho que classe média.</p> <p>V- E o nível educativo das famílias?</p> <p>E- No caso da XXX [actividades para bebês] serão de uma maneira geral pessoas com alguma formação.</p> <p>V- É uma educação de nível médio ou superior?</p> <p>E- Média superior.</p> <p>V- E aqui nestas [...]? É o mesmo tipo de público para cada uma delas? Na hora do conto?</p> <p>E- Como recebemos visitas institucionais acaba por abranger crianças de extractos heterogéneos.</p> <p>V- E depois...</p> <p>E- No caso do XXX [prática] já é mais espontâneo e de livre vontade, as pessoas vêm em família, já é mais parecido com a XXX [prática].</p> <p>V- Classe média?</p> <p>E- Classe média, em termos de formação educativa é superior.</p>

Quadro 53 – Unidades de contexto das características socioculturais dos públicos participantes nas PPL. Fonte: produção própria.

Escalões etários	Características socioculturais	Tipologia de prática desenvolvida
3-6	E1- Heterogéneo E2- Heterogéneo E3- Heterogéneo E4- Heterogéneo E5- Heterogéneo E6- Heterogéneo E6- Heterogéneo E6- Heterogéneo E7- Classe média-média, nível educativo médio. E7- Classe média-média, nível educativo médio E8- Heterogéneo E8- Classe média e média alta, educ. média e sup. E9- Classe média-média, educ. média e sup. E10- Heterogéneo E10- Heterogéneo E10- Heterogéneo E10- Heterogéneo E11- Classe média, com educação média E11- Heterogéneo E12- Heterogéneo E12- Heterogéneo E13- Heterogéneo E13- Heterogéneo E14- Classe média, educação médio E14- Classe média, educação médio E15- Heterogéneo E15- Heterogéneo E15- Heterogéneo E16- Classe média, educação média e superior E16- Heterogéneo E17- Classe média baixa, educ. média e superior E17- Classe média baixa, educação média E18- Heterogéneo E18- Heterogéneo E18- Heterogéneo E18- Heterogéneo	E1- Lúdica e educativa E2- Dramatização E3- Lúdica E4- Lúdica E5- Promoção do livro, da leitura e da oralidade E6- Hora do conto E6- Acesso a materiais de leitura em hospital E6- Itinerância pelas escolas de livros e Horas do Conto E7- Lúdica e educativa E7- Leitura domiciliária E8- Promoção do livro e da leitura E8- literacia familiar E9- Hora do conto E10- Promoção da leitura E10- Promoção de literacia cívica e histórica E10- Promoção da oralidade E10- Acesso a materiais de leitura E11- Promoção da leitura textual, patrimonial e ambiental E11- Promoção da leitura textual, divulgação do livro E12- Hora do Conto E12- Divulgação do livro E13- Lúdica E13- Divulgação do livro E14- Hora do Conto E14- Promoção da leitura (Sophia) E15- Hora do Conto E15- Divulgação do livro E15- Promoção da literacia cultural e oral E16- Lúdica e educativa (Assalto; Festas populares) E16- Divulgação do livro E17- Literacia emergente E17- Promoção da leitura oral, textual e visual E18- Hora do conto E18- Hora do conto E18- Literacia visual E18- Divulgação do livro

Quadro 54- Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos dos três aos seis anos.
 Fonte: produção própria.

Escalões etários	Características socioculturais	Tipologia de prática desenvolvida
7-10	E1- Heterogéneo E2- Baixa, grup. sociais desfavorecidos, estudantes E2- Baixa, grup. sociais desfavorecidos, estudantes E3- Classe média alta, ed. média e superior E4- Heterogéneo E5- Heterogéneo E6- Heterogéneo E6- Heterogéneo E6- Heterogéneo E7- Classe média-média, nível educativo médio. E7- Classe média-média, nível educativo médio E8- Heterogéneo E8- Heterogéneo E8- Heterogéneo E9- Classe média-média, nível educativo baixo E10- Heterogéneo E10- Heterogéneo E10- Heterogéneo E10- Heterogéneo E11- Classe média, com educação média E11- Heterogéneo E12- Heterogéneo E12- Heterogéneo E13- Heterogéneo E14- Classe média, nível educativo médio E14- Classe média, nível educativo médio E15- Heterogéneo E15- Heterogéneo E15- Heterogéneo E16- Classe média, educação média e superior E16- Heterogéneo E16- Classe média alta, educação elevada E17- Classe média baixa, educação média E17- Classe média baixa, educação média E17- Classe média baixa, educação média E18- Heterogéneo E18- Heterogéneo E18- Heterogéneo E18- Heterogéneo	E1- Educativa E2- Dramatização E2- Partilha de interpretação e reflexão leitora, leitura c/ processo de sociabilização E3- Literacia da informação e competências comunicacionais E4- Lúdica E5- Promoção do livro, da leitura e da oralidade E6- Hora do conto p/ promover interesse pela hist. e conteú. E6- Acesso a materiais de leitura em hospital E6- Itinerância de livros e horas do conto E7- Lúdica e educativa E7- Leitura domiciliária E8- Promoção do livro e da leitura E8- Promoção de literacia da informação E8- Promoção de literacia social E9- <i>Incentivo à leitura e pesquisa de informação</i> E10- Promoção de literacia ambiental e matemática E10- Promoção de literacia cívica e histórica E10- Promoção da oralidade E10- Acesso a materiais de leitura E11- Promoção da leitura textual e patrimonial E11- Promoção da leitura textual, divulgação do livro E12- Hora do Conto E12- Divulgação do livro E13- Divulgação do livro E14- Hora do Conto E14- Promoção da leitura (Sophia) E15- Hora do Conto E15- Divulgação do livro E15- Promoção da literacia cultural e oral E16- Lúdica e educativa E16- Divulgação do livro E16- Promoção da leitura E17- Promoção da leitura oral, textual e visual E17- Promoção de literacia cultural E17- Promoção da leitura de contos tradicionais E18- Hora do conto E18- Hora do conto E18- Literacia visual E18- Divulgação do livro

Quadro 55- Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos dos sete aos dez anos.
 Fonte: produção própria.

Escalões etários	Características socioculturais	Tipologia de prática desenvolvida
11-12	E1- Heterogéneo E2- Grupos sociais desfavorecidos, em regra estudantes E3- Classe média alta, educação elevada E4- Heterogéneo E5- Heterogéneo E6- Heterogéneo E6- Heterogéneo E7- Classe média-média, nível educativo médio. E7- Classe média-média, nível educativo médio E8- Heterogéneo E8- Heterogéneo E9- Classe média-média, nível educativo baixo E10- Heterogéneo E10- Heterogéneo E11- Heterogéneo E12- Heterogéneo E13- Heterogéneo E14- Classe média, nível educativo médio Oeiras E15- Heterogéneo E15- Heterogéneo E16- Classe média, educação média e superior E16- Heterogéneo E16- Classe média alta, educação elevada E17- Classe média baixa, educação média E17- Classe média baixa, educação média E18- Heterogéneo E18- Heterogéneo E18- Heterogéneo E18- Heterogéneo	E1- Educativa E2- Partilha de interpretação e reflexão leitora e leitura como processo de sociabilização E3- Literacia da informação e competências comunicacionais E4- Concurso Nacional de Leitura E5- Promoção do livro, da leitura e da oralidade E6- Acesso a materiais de leitura em hospital E6- Itinerância de baús de livros pelas escolas e H. do Conto E7- Lúdica e educativa E7- Leitura domiciliária E8- Promoção de literacia da informação E8- Promoção de literacia social E9- Acesso a materiais de leitura E10- Promoção da oralidade E10- Acesso a materiais de leitura E11- Promoção da leitura textual E12- Actividade informativa E13- Divulgação do livro E14- Promoção da leitura (Sophia e il) E15- Divulgação do livro E15- Promoção da literacia cultural e oral E16- Lúdica e educativa E16- Divulgação do livro E16- Promoção da leitura E17- Promoção de literacia cultural E17- Promoção da leitura de contos tradicionais E18- Hora do conto E18- Hora do conto E18- Literacia visual E18- Divulgação do livro

Quadro 56- Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos dos 11 aos 12 anos. Fonte: produção própria.

Escalões etários	Características socioculturais	Tipologia de prática desenvolvida
13-17	E1- Heterogéneo E2- Grupos sociais desfavorecidos, em regra estudantes E3- Classe média alta e formação média e sup. E4- Heterogéneo E6- Heterogéneo E6- Heterogéneo E7- Classe média-média, nível educativo médio. E7- Classe média-média, nível educativo médio. E8- Heterogéneo E10- Heterogéneo E11- Heterogéneo E13- Heterogéneo E15- Heterogéneo E15- Classe média, educação média e elevada E15- Classe média, educação média E15- Heterogéneo, E16- Classe média, educação média e superior E16- Heterogéneo E16- Classe média alta, educação elevada E17- Classe média baixa, educação média E18- Heterogéneo E18- Heterogéneo	E1- Educativa E2- Partilha de interpretação e reflexão leitora e leitura como processo de sociabilização E3- Literacia da informação e competências comunicacionais E4- Divulgação do livro E6- Acesso a materiais de leitura em hospital E6- Projecto lúdico-pedagógico E7- Lúdica e educativa E7- Leitura domiciliária E8- Promoção da leitura E10- Acesso a materiais de leitura E11- Promoção da leitura textual E13- Divulgação do livro E15- Divulgação do livro E15- Promoção da literacia cultural e oral E15- Promoção da leitura e da escrita E15- Promoção da poesia E16- Lúdica e educativa E16- Divulgação do livro E16- Promoção da leitura E17- Promoção da leitura de contos tradicionais E18- Literacia visual E18- Divulgação do livro

Quadro 57- Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos dos 13 aos 17 anos. Fonte: produção própria.

Escalões etários	Características socioculturais	Tipologia de prática desenvolvida
18-25	<p>E1- Cl. média média. Estudantes e professores</p> <p>E1- Cl. média média. Estudantes e professores</p> <p>E2- Classe média, com educação média e superior</p> <p>E3- Classe média alta e formação média e sup.</p> <p>E4- Classe média e média alta, nível sup de educ.</p> <p>E4- Cl.média média. Estudantes e professores</p> <p>E6- Heterogéneo</p> <p>E6- Heterogéneo</p> <p>E7- Heterogéneo</p> <p>E7- Heterogéneo</p> <p>E8- Heterogéneo</p> <p>E10- Heterogéneo</p> <p>E10- Heterogéneo</p> <p>E13- Heterogéneo</p> <p>E15- Heterogéneo</p> <p>E15- Classe média, educação média e elevada</p> <p>E15- Classe média, educação média</p> <p>E15- Heterogéneo,</p> <p>E15- Heterogéneo,</p> <p>E16- Classe média, educação média e superior</p> <p>E16- Heterogéneo</p> <p>E16- Classe média alta, educação elevada</p> <p>E17- Classe média baixa, educação média</p> <p>E17- Classe média baixa, educação média</p> <p>E17- Classe média baixa, educação média</p> <p>E18- Heterogéneo</p>	<p>E1- Leitura lúdica</p> <p>E1- Formativa</p> <p>E2- Partilha de interpretação e reflexão leitora, leitura como processo de sociabilização</p> <p>E3- Promoção de leitura textual</p> <p>E4- Divulgação do livro</p> <p>E4- Conferência e palestra sobre poesia</p> <p>E6- Promoção do livro e incentivo à leitura</p> <p>E6- Evento literário</p> <p>E7- Lúdica e educativa</p> <p>E7- Leitura domiciliária</p> <p>E8- Promoção da escrita</p> <p>E10- Promoção de literacia cultural e oral</p> <p>E10- Acesso a materiais de leitura</p> <p>E13- Divulgação do livro</p> <p>E15- Divulgação do livro</p> <p>E15- Promoção da literacia cultural e oral</p> <p>E15- Promoção da leitura e da escrita</p> <p>E15- Promoção da leitura textual de ficção</p> <p>E15- Promoção da poesia</p> <p>E16- Lúdica e educativa</p> <p>E16- Divulgação do livro</p> <p>E16- Promoção da leitura</p> <p>E17- Promoção da leitura textual ficção (Comum. de Leit.)</p> <p>E17- Promoção da leitura e escrita poética</p> <p>E17- Promoção da leitura de contos tradicionais</p> <p>E18- Literacia visual</p>

Quadro 58- Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos dos 18 aos 15 anos. Fonte: produção própria.

Escalões etários	Características socioculturais	Tipologia de prática desenvolvida
26-35	<p>E1- Cl. média média . Estudantes e professores</p> <p>E1- Cl. média média. Estudantes e professores</p> <p>E2- Classe média, com educação média e sup.</p> <p>E3- Classe média alta e formação média e sup.</p> <p>E4- Classe média e média alta, educ. elev. e sup.</p> <p>E4- Classe média e média alta, educ. elev. e sup.</p> <p>E6- Classe média, ed. média e superior</p> <p>E6- Classe média e média alta, educ. elev. e sup.</p> <p>E7- Heterogéneo</p> <p>E7- Heterogéneo</p> <p>E8- Classe média e média alta, educ. média e sup.</p> <p>E10- Heterogéneo</p> <p>E10- Heterogéneo</p> <p>E12- Classe média e média alta, nível educ. sup.</p> <p>E12- Classe média e média alta, nível educ. sup.</p> <p>E13- Heterogéneo</p> <p>E13- Heterogéneo</p> <p>E14- Classe média alta, educação superior</p> <p>E15- Heterogéneo</p> <p>E15- Classe média, educação média e superior</p> <p>E15- Classe média, educação média</p> <p>E15- Heterogéneo</p> <p>E15- Heterogéneo</p> <p>E16- Classe média, educação média e superior</p> <p>E16- Heterogéneo</p> <p>E16- Classe média alta, educação elev. e sup.</p> <p>E16- Classe média alta, educação superior</p> <p>E17- Classe média baixa, educ. média e superior</p> <p>E17- Classe média baixa, educação média</p> <p>E17- Classe média baixa, educação média</p> <p>E17- Classe média baixa, educação média</p> <p>E18- Heterogéneo</p>	<p>E1- Leitura lúdica</p> <p>E1- Leitura formativa</p> <p>E2- Partilha de interpretação e reflexão leitora</p> <p>E3- Promoção de leitura textual</p> <p>E4- Divulgação do livro</p> <p>E4- Conferência e palestra sobre poesia</p> <p>E6- Promoção de acesso a material de lei. e incentivo à leitura</p> <p>E6- Evento literário</p> <p>E7- Lúdica e educativa</p> <p>E7- Leitura domiciliária</p> <p>E8- Literacia familiar</p> <p>E10- Promoção de literacia cultural e oral</p> <p>E10- Acesso a materiais de leitura</p> <p>E12- Promoção da leitura textual (C. Leitores)</p> <p>E12- Actividade formativa</p> <p>E13- Lúdica</p> <p>E13- Divulgação do livro</p> <p>E14- Conferência, promoção cultural e de conhecimento.</p> <p>E15- Divulgação do livro</p> <p>E15- Promoção da literacia cultural e oral</p> <p>E15- Promoção da leitura e da escrita</p> <p>E15- Promoção da leitura</p> <p>E15- Promoção da poesia</p> <p>E16- Lúdica e educativa</p> <p>E16- Divulgação do livro</p> <p>E16- Promoção da leitura</p> <p>E16- Literacia da saúde numa perspectiva holística</p> <p>E17- Literacia emergente</p> <p>E17- Promoção da leitura textual (Comunidade de Leitores)</p> <p>E17- Promoção da leitura e escrita poética</p> <p>E17- Promoção da leitura de contos tradicionais</p> <p>E18- Literacia visual</p>

Quadro 59- Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos dos 26 aos 35 anos. Fonte: produção própria.

Escalões etários	Características socioculturais	Tipologia de prática desenvolvida
36-50	<p>E1- Classe média, educ. média e superior (prof/alu)</p> <p>E1- Classe média, educ. média e superior (prof/alu)</p> <p>E2- Classe média, com educação superior</p> <p>E3- Classe média alta e educação média e superior</p> <p>E4- Classe média e média alta, educação superior</p> <p>E4- Classe média e média alta, educação superior</p> <p>E6- Classe média e média alta, educ. elev. e sup.</p> <p>E6- Classe média e média alta. educ. elev. e sup.</p> <p>E7- Classe média e média alta, educação superior</p> <p>E7- Classe média e média alta, educação superior</p> <p>E7- Classe média e média alta, educação superior</p> <p>E8- Classe média e média alta, educ. média e sup.</p> <p>E10- Heterogéneo</p> <p>E10- Heterogéneo</p> <p>E12- Classe média e média alta, educ. elev. e sup.</p> <p>E12- Classe média e média alta, educ. elev. e sup.</p> <p>E13- Heterogéneo</p> <p>E13- Classe média, educação média e superior</p> <p>E14- Classe média alta, educação superior</p> <p>E14- Classe média alta, educação superior</p> <p>E15- Heterogéneo</p> <p>E15- Classe média, educação média e superior</p> <p>E15- Classe média, educação média</p> <p>E15- Heterogéneo</p> <p>E15- Classe média alta, educação elevada e sup.</p> <p>E15- Heterogéneo,</p> <p>E16- Classe média, educação média e superior</p> <p>E16- Heterogéneo</p> <p>E16- Classe média alta, educação elevada e sup.</p> <p>E16- Classe média alta, educação superior</p> <p>E17- Classe média baixa, educ. média e superior</p> <p>E17- Classe média baixa, educação média</p> <p>E17- Classe média baixa, educação média</p> <p>E17- Classe média baixa, educação média</p> <p>E18- Heterogéneo</p>	<p>E1- Leitura lúdica</p> <p>E1- Leitura formativa</p> <p>E2- Partilha de interpretação e reflexão leitora</p> <p>E3- Promoção de leitura textual</p> <p>E4- Divulgação do livro</p> <p>E4- Conferência e palestra sobre poesia</p> <p>E6- Promoção de acesso a material de leitura , incentivo à leitura</p> <p>E6- Evento literário</p> <p>E7- Lúdica e educativa</p> <p>E7- Leitura domiciliária</p> <p>E7- Leituras transgeracionais</p> <p>E8- Literacia familiar</p> <p>E10- Promoção de literacia cultural e oral</p> <p>E10- Acesso a materiais de leitura</p> <p>E12- Promoção da leitura textual (Comunidade de Leitores)</p> <p>E12- Actividade formativa</p> <p>E13- Lúdica</p> <p>E13- Promoção da leitura textual (Comunidade de Leitores)</p> <p>E14- Conferência, promoção cultural e de conhecimento.</p> <p>E14- Promoção da leitura textual (Comunidade de Leitores)</p> <p>E15- Divulgação do livro</p> <p>E15- Promoção da literacia cultural e oral</p> <p>E15- Promoção da leitura e da escrita</p> <p>E15- Promoção da leitura textual de ficção</p> <p>E15- Promoção da leitura textual de ficção</p> <p>E15- Promoção da poesia</p> <p>E16- Lúdica e educativa</p> <p>E16- Divulgação do livro</p> <p>E16- Promoção da leitura</p> <p>E16- Literacia da saúde numa perspectiva holística</p> <p>E17- Literacia emergente</p> <p>E17- Promoção da leitura textual (C. Leitores)</p> <p>E17- Promoção da leitura e escrita poética</p> <p>E17- Promoção da leitura de contos tradicionais</p> <p>E18- Literacia visual</p>

Quadro 60- Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos 36 aos 50 anos. Fonte: produção própria.

Escalões etários	Características socioculturais	Tipologia de prática desenvolvida
51-65	E1- Classe média, educ. média e superior E1- Classe média, educ. média e superior E2- Classe média, com educação superior E3- Classe média alta e formação média e sup. E4- Classe média e média alta, educ. elev. e sup. E4- Classe média e média alta, educ. elev. e sup. E5- Classe média, nível de educação médio E6- Classe média e média alta, educ. elev. e sup. E7- Classe média e média alta, educ. elev. e sup. E7- Classe média e média alta, educ. elev. e sup. E7- Classe média e média alta, educ. elev. e sup. E8- Classe média baixa, baixo nível educativo E10- Heterogéneo E10- Heterogéneo E12- Classe média e média alta, educ. elev. e sup. E12- Classe média e média alta, educ. elev. e sup. E13- Heterogéneo E13- Classe média baixa, baixo nível educativo E14- Classe média alta, educação superior E14- Classe média alta, educação superior E15- Heterogéneo E15- Classe média, educação média e superior E15- Classe média, educação média E15- Heterogéneo, educação média E15- Classe média alta, educação elevada e sup. E15- Heterogéneo, educação média E16- Heterogéneo E16- Classe média alta, educação elev. e sup. E16- Classe média alta, educação superior E17- Classe média baixa, educação média E17- Classe média baixa, educação média E17- Classe média baixa, educação média E18- Heterogéneo	E1- Leitura lúdica E1- Leitura formativa E2- Partilha de interpretação e reflexão leitora E3- Promoção de leitura textual E4- Divulgação do livro E4- Conferência e palestra sobre poesia E5- Promoção da leitura em vários suportes E6- Evento literário E7- Lúdica e educativa E7- Leitura domiciliária E7- Leituras transgeracionais E8- Promoção da leitura E10- Promoção de literacia cultural e oral E10- Acesso a materiais de leitura E12- Promoção da leitura textual (comunidade de leitores) E12- Atividade formativa E13- Lúdica E13- Atividade informativa e de partilha de experiências E14- Conferência, promoção cultural e de conhecimento E14- Promoção da leitura textual (Comunidade de Leitores) E15- Divulgação do livro E15- Promoção da literacia cultural e oral E15- Promoção da leitura e da escrita E15- Promoção da leitura textual de ficção E15- Promoção da leitura textual de ficção E15- Promoção da poesia E16- Divulgação do livro E16- Promoção da leitura E16- Literacia da saúde numa perspectiva holística E17- Promoção da leitura textual (C.Leitores) E17- Promoção da leitura e escrita poética E17- Promoção da leitura de contos tradicionais E18- Literacia visual

Quadro 61 - Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos dos 51 aos 65 anos.

Fonte: produção própria.

Escalões etários	Características socioculturais	Tipologia de prática desenvolvida
> 65	E1- Classe média, educação média e superior E1- Heterogéneo (Universidade. Sénior) E2- Classe média, educação superior E3- Classe baixa e baixo nível de escolaridade E4- Classe média e média alta, educ. elev. e sup. E4- Classe média e média alta, educ. elev. e sup. E5- Classe média, nível de educação médio E6- Classe média e média alta, educ. superior E7- Classe baixa e baixo nível de escolaridade E7- Classe baixa e baixo nível de escolaridade E7- Classe baixa e baixo nível de escolaridade E8- Heterogéneo E10- Heterogéneo E10- Heterogéneo E12- Classe média baixa, baixo nível educativo E13- Classe média baixa, baixo nível educativo E14- Classe média alta, educação superior E14- Classe média alta, educação superior E15- Heterogéneo E15- Classe média, educação média e sup. E15- Classe média, educação média E15- Heterogéneo E15- Classe média alta, educação elev. e sup. E15- Heterogéneo E16- Heterogéneo E16- Classe média alta, educação elevada e sup. E16- Classe média alta, educação superior E17- Classe média baixa, educação média E17- Classe média baixa, educação média E17- Classe média baixa, educação média E18- Heterogéneo	E1- Leitura lúdica E1- Leitura formativa E2- Partilha de interpretação e reflexão leitora E3- Aproximação à leitura e à informação E4- Divulgação do livro E4- Conferência e palestra sobre poesia E5- Promoção da leitura em vários suportes E6- Evento literário E7- Lúdica e educativa E7- Leitura domiciliária E7- Leituras transgeracionais E8- Promoção da leitura e da oralidade E10- Promoção de literacia cultural e oral E10- Acesso a materiais de leitura E12- Promoção da leitura e da oralidade E13- Actividade informativa e de partilha de experiências E14- Conferência, promoção cultural e de conhecimento E14- Promoção da leitura textual (Comunidade de Leitores) E15- Divulgação do livro E15- Promoção da literacia cultural e oral E15- Promoção da leitura e da escrita E15- Promoção da leitura textual de ficção E15- Promoção da leitura textual de ficção E15- Promoção da poesia E16- Divulgação do livro E16- Promoção da leitura E16- Literacia da saúde numa perspectiva holística E17- Promoção da leitura textual (Comunidade de Leitores) E17- Promoção da leitura e escrita poética E17- Promoção da leitura de contos tradicionais E18- Literacia visual

Quadro 62 - Características socioculturais e tipologia de PPL para públicos maiores de 65 anos. Fonte: produção própria.

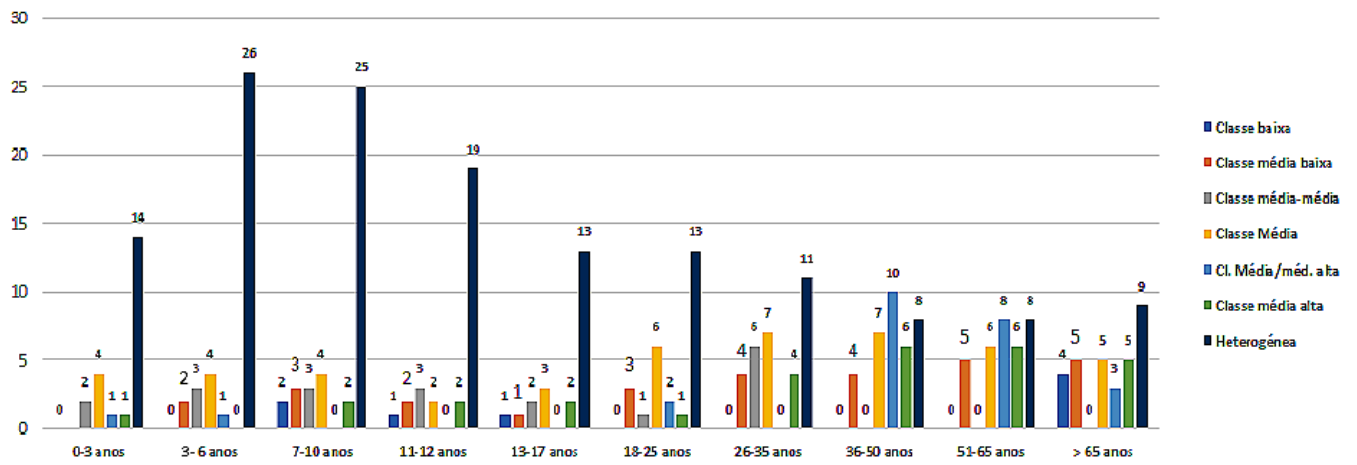


Gráfico 15– Distribuição da caracterização socioeconómica dos públicos-alvo das PPL. Fonte: produção própria.

Amostra	O que caracteriza as PPL visando o seu público-alvo
	Unidades de contexto discursivo
E1	E- Os livros que foram apresentados à universidade sénior [...], o “Memorial do convento”, os professores tiveram o cuidado de apresentar aquelas partes mais cómicas, são sérias mas são apresentadas de uma forma mais cómica para eles poderem perceber que é acessível.
E2	E- Eu posso-te descrever mais ou menos o que se passa e ver se conseguimos caracterizar. O que se passa basicamente é um grupo de jovens que, são três grupos de jovens, consoante os escalões etários ,que se reúnem na biblioteca e partilham leituras. Isto é, há uma lista de livros recomendados, tipo a lista do PNL e eles vão ler esses livros e partilhar as leituras entre si, vão também fazer essas actividades, geralmente à volta de dramatizações, à volta dos grupos de leitura e portanto são essas as práticas. Há leitura e processo de sociabilização. [...]. Já o das animações, quando vêm, são grupos organizados, na escola, no ATL, [que] os inscreveu para virem à biblioteca, o que os atrai é este lado lúdico no tratamento duma história do conto, da literatura no fundo, que depois os vai conduzir a procurar esse tipo de prazer que sentiram em ver uma dramatização, a procurarem nos livros e daí a importância dessa relação, demonstrar que aquilo que está a acontecer tem sempre que ver com o que alguém escreveu e que está num livro. [...]. O que há em comum é o ser lúdico. E a atracção que o lúdico tem sobre as crianças, no fundo é uma característica universal.
E3	V- E os mais idosos? E- É mais comunicacional. Eles chegam a uma fase em que ficam muito fechados. Será de comunicação e sociabilização através da leitura. V- E o que é que queres que se reporte à leitura? E- A leitura vou-te explicar e tu vais traduzir por palavras tuas. V- Não, eu quero é as tuas. E- Nós usamos textos, histórias, algumas que lhes façam reavivar a memória e que as fazem reflectir e comunicar, e esse é que é o grande objectivo. V- Com base na leitura? E- Sim, é esse o nosso objectivo. Quando nós começamos a contar, a ler, eles começam “eu lembro-me...” e as coisas começam a sair, a partilhar. Nós tivemos uma experiência, que eu não falei, que nós tivemos aquela experiência com voluntários, temos tido muitos ao longo de 2005 até hoje.
E4	E- Nessa questão dos conteúdos, eles foram desenvolvidos pelos participantes que os vinham resolver, aí estava... V- Pode explicitar? E- O nosso objectivo é as pessoas virem à biblioteca e que as pessoas que vêm à biblioteca sejam interactivas. [...]. O objectivo é esse, tentar procurar o público-alvo, além de querermos englobar o público geral, haver sempre alguém no qual aquilo vai despertar atenção e interesse.
E5	E- O trabalho prévio para as tornar atractivas, fazendo transparecer e evidenciando, através da acção, outras formas de leitura e, como “encantadores de cobras”, conferindo à leitura dimensões que a valorizem, na entoação, enquadramento e exploração. [...]. Nós temos que os cativar, temos que os trazer, temos que lhes mostrar a outra forma da leitura, temos que os atrair, quase como... uma cobra, um encantador de cobras que os traz para leitura, temos que lhes trazer algumas novidades no resto. Porquê? Porque eles ouvem muitas pessoas a lerem e nós temos que fazer uma abordagem à leitura de outra forma, de uma forma mais cativante, temos que saber entoar, trazer vozes, trazer uma série de coisas... trazer alguns registos que lhes façam... que lhes mostre que a leitura é interessante, pode ser agradável e não é aquela coisa monocórdica, que às vezes os professores, se calhar muitos deles sem culpa, fazem transparecer nas aulas e penso que isso tem sido positivo, porque toda essa preparação de dar a volta a um texto, porque à partida todas as pessoas, em princípio, que têm um texto à frente sabem ler, temos que mexer neles, temos que o enquadrar, temos que o direccionar; se eu trabalhar para o primeiro e segundo ano do 1.º ciclo não vou trabalhar da mesma forma para o terceiro e quarto ano, que já têm outro conhecimento, já têm leitura, têm conhecimento de vocabulário diferente e eu tenho que fazer abordagens diferentes por aí. V- Então vamos lá ver se eu consigo fazer bem a síntese do que o XXX [entrevistado] disse. O que as caracteriza [as práticas] visando os destinatários é a selecção das obras ser ponderada para as faixas etárias respectivas. Depois, uma metodologia que envolva os públicos e atinja os objectivos daquelas PPL com um trabalho prévio para as tornar atractivas, fazendo transparecer e evidenciando, através da acção, outras formas de leitura e, como “encantadores de cobras”, conferindo à leitura dimensões que a valorizem, na entoação, enquadramento e exploração. É isto? E-É isso.
E6	E- Em cada sessão as crianças têm ao seu dispor, se são projectos que têm, por exemplo, cinco sessões, em cada uma das sessões há uma evolução. Por exemplo, os mais pequeninos são levados a conhecer as letras, os números, nós temos como base isso. Por exemplo uma história que ajude as crianças a aprender com as letras, ou os números ou as cores ou os símbolos. Portanto, o documento é sempre trabalhado nessa sessão. [...]. Sobretudo [numa outra actividade] é criar um momento lúdico durante um período em que a criança está mais fragilizada e utilizar o livro como um meio para atingir esse fim, para que esse momento seja recordado com menos dor. [...] Depois disso ainda tem uma continuidade, já agora posso acrescentar esse projecto, todas as crianças que participam no projecto deixam um testemunho, esse testemunho pode ser numa dimensão tridimensional ou pode ser simplesmente um desenho, pode ser simplesmente uma dedicatória, que posteriormente é exposto no hospital em

	<p>formato de exposição, no hospital e na biblioteca. Porque já que levamos a biblioteca ao hospital, também gostaríamos, mas raramente conseguimos, porque dispersa-se, que é trazer a criança à biblioteca. O hospital é do concelho, a biblioteca é do concelho e o grande objectivo é com este testemunho que a criança deixa o resultado dessa actividade seja visto por outras crianças, que as crianças tenham noção que aquilo é feito num hospital e nós fazemos esse trabalho, já o fizemos.</p>
E7	<p>E-O acesso à leitura, porque somos nós próprios que já conhecemos os utentes que vamos adequar. Nomeadamente às histórias, pensamos em histórias adequadas à faixa etária. [...]. Relativamente aos seniores, eu sei que temos uma lista de vinte pessoas [...] porque a formação dos seniores não pode ser com muita gente, porque tem que ser no máximo com quatro pessoas, porque há pessoas que não sabem manusear um rato. Por isso sabem que esta actividade decorre aqui na biblioteca e somos procurados.</p> <p>V- Mas o que é que vocês fazem, para as ajustar bem, a este público com esta idade?</p> <p>E- Tem a ver com as colegas que, entretanto, fazem esta actividade; têm que se aperceber das dificuldades. Não pode haver só um programa padrão e vamos cumprir esse programa, temos que nos adequar às pessoas. [...]. É um projecto [menciona um outro projecto patrocinado por uma instituição internacional] muito consistente, ao mesmo tempo dá formação aos dois técnicos que acompanham a actividade. Neste momento nós funcionamos com um grupo, a partir agora de Março vai iniciar-se um grupo, vai encerrar um ciclo de um primeiro grupo e havia duas opções, ou este grupo se vai encerrar ou passa para um patamar seguinte, que será os dois. Vamos iniciar um segundo grupo de tarde nesse patamar.</p>
E8	<p>E8a- Só há uma que podemos indicar como tendo, claramente, tido em conta, tomando como pré-requisito a questão do público a que se dirigia, que é o projecto de leitura do XXX. As outras nós dirigimos para todos, tendo em conta as diferenças.</p> <p>E8- Não tivemos em atenção as diferenças, de alguma maneira; tentamos fazer só actividades que só tivessem de ir ao encontro das características económicas, sociais do grupo heterogéneo. Há uma dessas actividades para adulto que atingiu o público, posso dizer que não esperava, a actividade XXX, foi afinando a participação ostensivamente nos pais com as licenciaturas, com os cursos médios e novos moradores, sobretudo. [...]. Não foi o nosso objectivo oferecer uma actividade com esse target, mas o que nós verificamos, porque vamos conhecendo as pessoas, porque há uma fidelização de um público, é que esses pais são novos moradores, são pais muito preocupados, que gostam de ficar no final para saberem o que é que podem ler, que mais podem fazer, que outros sítios podem visitar. Demonstaram uma grande preocupação com a formação, com a aprendizagem em geral. [...]. Ela foi pensada para todos, mas vamos público de fora da XXX [local]. Também temos a actividade do lar, é mensal, uma deslocação por mês baseia-se na sabedoria popular, nas melodias de sempre que gostam muito. Começamos por levar leituras e começamos por afinar o reportório que vamos levando, contos muito curtos, porque a capacidade de atenção é muito diminuta e há uma diversificação de estratégias.</p> <p>E8a- Momentos de lazer com XXX [prática]. Tem o conto tradicional, tem provérbios, tem trava-línguas, tem lengalengas, tem cantigas, agora a ultima descoberta foi [que] eles adoram cantar, gostam de trautear, gostam de fado, gostam aqui das modas [...] dos corridinhos, das touradas, dos provérbios. Cinema português tivemos uma sessão só com cinema português.</p>
E9	<p>E- É feito muito na base daquilo que eles pedem no enquadramento, há sempre uma conversa, depois é orientado para aquilo que se pretende. Digamos que aquilo que a gente quer que aconteça, encontra neles receptividade dos docentes e, depois, aplica.</p> <p>V- O que é que tu queres que aconteça?</p> <p>E- Que as pessoas estejam disponíveis, que as crianças estejam preparadas para a leitura. Que o objecto livro não seja uma coisa estranha, que seja algo do seu dia-a-dia, do seu quotidiano e que o trabalho que elas fazem com as educadoras e com os professores de primeiro ciclo resulte nisso, que sejam portadores de competências e de capacidades, terem apetência e vontade, que se interessem e que, muitas vezes, esse trabalho reflecte-se também com os pais, que também se mostram interessados.</p>
E10	<p>E- Nós trabalhamos a actividade para uma determinada faixa etária, conhecemos as características do grupo, de envolvimento, o nível psicológico das crianças, tudo isso é tido em conta para desenvolver a actividade. As características da tipologia daquele tipo de público adaptamos sempre a actividade tendo em conta a faixa etária e a tipologia.</p> <p>V- E isto acontece para estas PPL todas?</p> <p>E- Exacto, sim.</p>
E11	<p>E- Uma actividade para resultar bem tem que combinar de modo equilibrado o cumprimento dos nossos objectivos, nessas competências leitoras e que são subjacentes à promoção da leitura, mas também serem interessantes e aliciantes, serem motivadoras.</p>
E12	<p>E- É as actividades terem em conta as idades e o interesse destes públicos. Eu aí sou muito da opinião que ou tens o gosto ou não tens. Não é uma área que se o bicho não estiver contigo...</p> <p>V- Então, achas que promover um gosto pela leitura é um pouco congénito, ou ele existe, ou não existe independentemente...</p> <p>E- Eu digo isso pelas várias experiências pessoais que tenho, com pessoas com quem me relaciono, com miúdos que acompanho desde muito pequenos... mesmo dentro da própria família.</p>
E13	<p>V- O que é que as caracteriza particularmente, o que as vocaciona para o público-alvo que elas têm?</p> <p>E- Os objectivos específicos que têm. No caso do XXX [prática], as estratégias adoptadas, tendo em conta especificamente com esse público.</p> <p>V- E que estratégias são essas?</p>

	<p>E- É uma metodologia de ensino não formal, muito simples, que se chama círculos de aprendizagem, e que foi adoptada especificamente para esta actividade. Estás a ver uma comunidade de leitores com pessoas de baixos níveis de literacia, mas que partilham as suas experiências de vida e recebem da parte dos técnicos, dos facilitadores, por assim dizer, dessa aprendizagem dentro desse círculo de aprendizagem, recebem alguma informação, alguns dados para acrescentar. Há uma aquisição de conhecimentos, mas simultaneamente há uma troca, a ideia que depois disso, que nós não conseguimos concretizar, mas a ideia depois era fazer uma pequena brochura, precisamente com todas essas aprendizagens que tínhamos conseguido, nomeadamente a nível de vocabulário. Nós ouvimos coisas que nunca tínhamos ouvido em lado nenhum, que essas pessoas nos trouxeram para esse círculo de aprendizagem. Portanto é juntar a estes saberes tão distintos, mas conseguir que uns e outros aprendam uns com os outros.</p>
E14	<p>E- Direcionamos as actividades, como aliás se vê aí pelos seus apontamentos, para os extremos dos públicos. Neste caso estas XXX [actividades] temos aqui as crianças, desde o pré-escolar até ao primeiro ciclo, essencialmente até ao segundo e depois temos, essencialmente, um público sénior [adultos e idosos]. Daqui vê-se que neste caso em concreto, nestas quatro actividades, focamos estes dois extremos dos públicos. Portanto, o infantil e o adulto, deixamos de parte o público juvenil, que é sempre o mais difícil [de] trabalhar, que consciente ou inconscientemente deixamos sempre de lado, mas nestas quatro actividades, práticas, o que se vê é que privilegiamos o infantil e o adulto. [...]. A nível de actividades infantis e como trabalhamos sempre com as escolas, trabalhamos sempre numa componente complementar à escola. Ou seja, não especialmente complementar aos “currícula”, mas que seja complementar ao que afecta a escola. É com esse cuidado que planeamos actividades que visam trabalhar com grupos escolares, fazer esta ligação com os professores ou agora com os agrupamentos, naquilo que vamos oferecer, no local onde oferecemos. [...]. Depois a nível do público adulto, preocupa-nos a selecção dos temas, mas temos sempre, também, a preocupação de seleccionar conferencistas, que nos garantam alguma mediação da actividade, associada à qualidade da intervenção. Mas tentamos sempre procurar figuras, de alguma forma, emblemáticas para trazer a estes registos, porque pensamos neste tipo de público, que também é um público também exigente e que vai querer ver, se possível, o melhor, a melhor pessoa para falar sobre esse tema com aquela abordagem específica.</p>
E15	<p>V- Destas práticas que tinham um público-alvo, o que as caracterizava visando o seu público-alvo? E- Só destacava as tais horas do conto. Porquê? Porque mesmo que tenha um público-alvo, abre-se sempre um admirável mundo novo. Por exemplo, no caso dos XXX [prática], apesar de o público-alvo ser o público infantil, a própria acção se foi transformando um bocadinho e apercebemo-nos que mesmo pela oferta que tem havido, etc., os pais já ficam, não só para acompanhar os filhos, como tiram prazer da própria acção, ou seja, de futuro, e em termos de planeamento, temos de fazer a reformulação da própria actividade, temos que ver que lições é que tiramos daquilo. É só isto que me ocorre dizer. V- Mas o que é que as caracteriza especificamente para os público-alvo? Porque ao fim e ao cabo, há aqui duas que são heterogéneas, estas aqui predominam até um público adulto, temos dois públicos heterogéneos, público infantil, vocês têm alguma preocupação, nestas práticas, atendendo, aqui, estes públicos que elas visam? O que é que direcciona esta prática para esse público, por exemplo, a partir do grupo 18-25 anos? E- Acreditamos que eles querem uma conversa mais adulta, acreditamos que o tipo de acção não se coadunará muito... uma actividade que requere já algum tipo mínimo de maturidade. Para nós basta o em termos de vida, o resto vem por acréscimo. O mesmo se passa com os adultos e os idosos. O que se lhes propõe são realidades e temas que lhes possam interessar na sua fase de vida, que os desafiem e, também, os que reflectem a realidade actual, como o XXX [prática].</p>
E16	<p>E- Serem projectos de continuidade, porque são projectos que têm várias actividades, desenvolver várias práticas da promoção da leitura onde se cruzam várias coisas, práticas e esclarecimentos muito específicos para diferentes públicos, comunidades e com muitas parcerias, temos trabalhado muito com parcerias. Nós queríamos promover as bibliotecas junto de potenciais utilizadores para a educação não formal na vida, levar a criar, agir, a ler, a formar.</p>
E17	<p>E- No geral, o total das actividades abrangiam todos. [...]. A XXX [prática], começou por ser para jovens no primeiro ano mas, depois, tivemos que alargar a todas as idades também. Na XXX eram adultos, jovens adultos desde os dezoito e [até] oitentas. A XXX [prática] era para os sete anos e foi crescendo até aos quinze.</p>
E18	<p>E- As actividades da Bedoteca são pensadas para os bebés de [para]quem são, começar com a interacção com os bebés, a passar pelo local onde se realiza, que tem que ser naquele e não noutra, porque ele está adaptado. [...]. Ainda que sendo lato, os grupos não se misturavam, as práticas também eram diferentes dependendo dos grupos.</p>

Quadro 63- Unidades de contexto do que caracteriza as PPL visando os seus públicos-alvo. Fonte: produção própria.

Escalões etários	Síntese da caracterização das PPL visando o seu público-alvo
Até aos 3 anos	<p>E1- Tipo de conteúdo e forma de apresentação adequada à idade</p> <p>E2- São organizadas em contexto lúdico tendo em conta as características dos participantes</p> <p>E3- Estimular competências comunicacionais e interpretação dos textos</p> <p>E4- O objectivo de ter interesse</p> <p>E6- Exploração de uma forma teatralizada; grande interação com a criança</p> <p>E7- Adequar livros à faixa etária para promover o gosto pela leitura</p> <p>E8- Ter conteúdos para incentivar o gosto pelo livro e pela leitura; promover literacia familiar</p> <p>E10- Desenvolver a actividade de acordo com as características de cada grupo</p> <p>E11- Desenvolver a linguagem, divulgação da BPM como espaço de leitura para famílias visando acréscimo de competências</p> <p>E12- Ter em conta a idade, e interesses dos públicos</p> <p>E14- Trabalhamos sempre numa componente complementar à escola</p> <p>E15- Capacidade de transformar a própria acção e de lhe induzir prazer a retirar na participação da PPL</p> <p>E16- Serem projectos de continuidade para promover educação não formal</p> <p>E18- O público-alvo é feito consoante o grupo etário</p>
3-6 anos	<p>E1- Tipo de conteúdo e forma de apresentação adequada à idade</p> <p>E2- São organizadas em contexto lúdico tendo em conta as características dos participantes</p> <p>E3- Estimular competências comunicacionais</p> <p>E4- O objectivo de interesse e interpretação do texto</p> <p>E5- Selecção de livros adequados às faixas etárias; trabalho prévio que a torne atractiva e direcione para outras leituras</p> <p>E6- Exploração teatralizada para incentivar à leitura; grande interação com a criança; usar o livro e conteúdos produzidos para ajudar num momento de fragilidade; fazer chegar o livro às crianças mais desfavorecidas</p> <p>E7- Adequar livros à faixa etária para promover o gosto pela leitura</p> <p>E8- Ter conteúdos para incentivar o gosto pelo livro e pela leitura; promover literacia familiar</p> <p>E9- Feito na base do que os educadores pedem, há sempre uma conversa e, depois, é orientado para aquilo que se pretende</p> <p>E10- Desenvolver a actividade de acordo com as características de cada grupo</p> <p>E11- Desenvolvimento etário, cognitivo e competências leitoras</p> <p>E12- Ter em conta a idade, e interesses dos públicos</p> <p>E13- Ser para um público geral e assegurar momentos em que crianças e acompanhantes estão em pé de igualdade</p> <p>E14- Trabalhamos sempre numa componente complementar à escola</p> <p>E15- Capacidade de transformar a própria acção e de lhe induzir prazer a retirar na participação da PPL</p> <p>E16- Serem projectos de continuidade para promover educação não formal</p> <p>E18- As práticas dependerem dos públicos</p>
7-10 anos	<p>E1- Tipo de conteúdo e forma de apresentação adequada à idade</p> <p>E2- São organizadas em contexto lúdico tendo em conta as características dos participantes</p> <p>E3- Promover leitura textual e competências de interpretação</p> <p>E3- Envolvimento familiar no compromisso com a leitura</p> <p>E4- O objectivo de interesse e interpretação do texto</p> <p>E5- Selecção de livros adequados às faixas etárias; trabalho prévio que a torne atractiva e direcione para outras leituras</p> <p>E6- Exploração teatralizada para incentivar à leitura; grande interação com a criança; usar o livro e conteúdos produzidos para ajudar num momento de fragilidade; fazer chegar o livro às crianças mais desfavorecidas</p> <p>E7- Adequar livros à faixa etária para promover o gosto pela leitura e interesse pela escrita</p> <p>E8- Incentivar à leitura, criar oportunidades de uso de literacia da informação e gerar interesse por questões sociais</p> <p>E9- Fornecer fundamentos comportamentais, saber fazer escuta activa, para receberem as informações e participarem</p> <p>E10- Desenvolver a actividade de acordo com as características de cada grupo</p> <p>E11- Divulgar a literatura, a ficção, porque as actividades têm o objectivo que é a literatura e as competências leitoras.</p> <p>E12- Ter em conta a idade e interesses dos públicos</p> <p>E14- Trabalhamos sempre numa componente complementar à escola</p> <p>E15- Capacidade de transformar a própria acção e de lhe induzir prazer a retirar na participação da PPL</p> <p>E18- As práticas dependerem dos públicos</p>
11-12 anos	<p>E1- Tipo de conteúdo e forma de apresentação adequada à idade</p> <p>E2- Dar a conhecer as actividades às instituições p/ obter garantia do interesse das actividades pensadas para elas</p> <p>E3- Facilitação do acesso à mensagem da literatura textual</p> <p>E4- O objectivo de interesse e interpretação do texto e deslocação às escolas</p> <p>E5- Selecção de livros adequados às faixas etárias; trabalho prévio que a torne atractiva e direcione para outras leituras</p> <p>E6- Incentivarem à leitura; usar o livro e conteúdos produzidos para ajudar num momento de fragilidade; fazer chegar o livro às crianças mais desfavorecidas; terem dimensão lúdica e pedagógica</p> <p>E7- Adequar livros à faixa etária para promover o gosto pela leitura e interesse pela escrita</p> <p>E8- Incentivar à leitura, criar oportunidades de uso de literacia da informação e gerar interesse por questões sociais</p> <p>E9- Disponibilizar recursos para o acesso à informação e à educação</p> <p>E10- Desenvolver a actividade de acordo com as características de cada grupo</p> <p>E11- Divulgar a literatura, a ficção, porque as actividades têm o objectivo, que é a literatura e as competências leitoras</p> <p>E12- Ter em conta a idade, e interesses dos públicos</p> <p>E14- Trabalhamos sempre numa componente complementar à escola</p> <p>E15- A PPL oferecer-se apelativa</p> <p>E16- Serem projectos de continuidade para promover educação não formal</p> <p>E18- As práticas dependerem dos públicos</p>
13-17 anos	—

18-25 anos	<p>E1- Tipo de conteúdo, forma de apresentação, perfil do público</p> <p>E2- São grupos de leitores organizados e o envolvimento faz-se de acordo com as suas características</p> <p>E3- Facilitação do acesso à mensagem da literatura textual</p> <p>E4- Divulgação da leitura, promoção da literacia e da escrita</p> <p>E6- Aproximação do escritor ao público</p> <p>E7- Promoção da leitura, literacia e literacia cultural e sociabilização entre públicos</p> <p>E8- Promoção da escrita</p> <p>E10- Desenvolver a actividade de acordo com as características de cada grupo</p> <p>E15- Conferir à PPL características que se ajustem a pessoas jovens que já têm uma maior maturidade</p> <p>E16- Serem projectos de continuidade para promover educação não formal</p> <p>E18- As práticas dependerem dos públicos</p>
26-35 anos	<p>E1- Tipo de conteúdo e abordagem conforme às exigências do público</p> <p>E2- São grupos de leitores organizados e o envolvimento faz-se de acordo com as suas características</p> <p>E3- Facilitação do acesso à mensagem da literatura textual</p> <p>E4- Divulgação da leitura, promoção da literacia e da escrita</p> <p>E6- Aproximação do escritor ao público</p> <p>E7- Promoção da leitura, literacia e literacia cultural e sociabilização entre públicos</p> <p>E8- Promoção da literacia familiar</p> <p>E10- Desenvolver a actividade de acordo com as características de cada grupo</p> <p>E12- Ter em conta a idade, e interesses dos públicos</p> <p>E13- Ser para um público geral e assegurar momentos que crianças e acompanhantes estão em pé de igualdade</p> <p>E14- Seleccionar conferencistas que associem qualidade da intervenção e mediatização da actividade</p> <p>E15- Basear as PPL em realidades e temas interessantes, desafiantes e actuais</p> <p>E16- Serem projectos de continuidade para promover educação não formal</p> <p>E18- As práticas dependerem dos públicos</p>
36-50 anos	<p>E1- Tipo de conteúdo e abordagem conforme às exigências do público</p> <p>E2- São grupos de leitores organizados e o envolvimento faz-se de acordo com as suas características</p> <p>E3- Facilitação do acesso à mensagem da literatura textual</p> <p>E4- Divulgação da leitura, promoção da literacia e da escrita</p> <p>E6- Aproximação do escritor ao público</p> <p>E7- Promoção da leitura, literacia e literacia cultural e sociabilização entre públicos</p> <p>E8- Incentivar à leitura; promover literacia familiar</p> <p>E10- Desenvolver a actividade de acordo com as características de cada grupo</p> <p>E12- Ter em conta a idade e interesses dos públicos</p> <p>E13- Ser para quem já tem hábitos de leitura</p> <p>E14- Seleccionar conferencistas que associem qualidade da intervenção e mediatização da actividade</p> <p>E15- Basear as PPL em realidades e temas interessantes, desafiantes e actuais</p> <p>E16- Serem projectos de continuidade para promover educação não formal</p> <p>E18- As práticas dependerem dos públicos</p>
51-65 anos	<p>E1- Tipo de conteúdo e abordagem conforme às exigências do público</p> <p>E2- São grupos de leitores organizados e o envolvimento faz-se de acordo com as suas características</p> <p>E3- Facilitação do acesso à mensagem da literatura textual</p> <p>E4- Divulgação da leitura, promoção da literacia e da escrita</p> <p>E5- Associar a promoção da leitura a outras dimensões de exploração e interações que se estabelecem entre os participantes</p> <p>E6- Aproximação do escritor ao público</p> <p>E7- Promoção da leitura, literacia e literacia cultural e sociabilização entre públicos</p> <p>E8- Promoção da leitura e da oralidade</p> <p>E10- Desenvolver a actividade de acordo com as características de cada grupo</p> <p>E12- Ter em conta a idade, e interesses dos públicos</p> <p>E13- Ser p/ público geral; considerar a especificidade do público; assegurar espaço de igualdade a crianças/ acompanhantes</p> <p>E14- Seleccionar conferencistas que associem qualidade da intervenção e mediatização da actividade</p> <p>E15- Basear as PPL em realidades e temas interessantes, desafiantes e actuais</p> <p>E16- Serem projectos de continuidade para promover educação não formal</p> <p>E18- As práticas dependerem dos públicos</p>
>65 anos	<p>E1- Tipo de conteúdo e abordagem conforme às exigências do público</p> <p>E2- São grupos de leitores organizados e o envolvimento faz-se de acordo com as suas características</p> <p>E3- Comunicacional e de sociabilização com base na leitura para idosos</p> <p>E4- Divulgação da leitura, promoção da literacia e da escrita</p> <p>E5- Associar a PL a outras dimensões de exploração e interações que se estabelecem entre os participantes</p> <p>E6- Aproximação do escritor ao público</p> <p>E7- Promover a literacia e informar</p> <p>E8- Cuidada selecção de materiais e aplicação de estratégias diversificadas</p> <p>E10- Desenvolver a actividade de acordo com as características de cada grupo</p> <p>E12- Ter em conta a idade, e interesses dos públicos</p> <p>E13- Ter em conta a especificidade do público</p> <p>E14- Seleccionar conferencistas que associem qualidade da intervenção e mediatização da actividade</p> <p>E15- Basear as PPL em realidades e temas interessantes, desafiantes e actuais</p> <p>E16- Serem projectos de continuidade para promover educação não formal</p> <p>E18- As práticas dependerem dos públicos</p>

Quadro 64 – Síntese da caracterização das PPL visando o público-alvo. Fonte: produção própria.

Tipologias de PPL oferecidas aos públicos-alvo		0-3 anos	3-6 anos	7-10 anos	11-12 anos	13-17 anos	18-25 anos	26-35 anos	36-50 anos	51-65 anos	> 65 anos	Total
Baseadas no modelo/formato												
HC	Hora do conto (HC)	5	7	6	2	–	–	–	–	–	–	20
IHCL	Itiner. HC/ livros nas escolas	–	1	1	1	–	–	–	–	–	–	3
LD	Actividade lúdica	2	3	1	–	–	–	1	1	1	–	9
LL	Leitura lúdica	–	–	–	–	–	1	1	1	1	1	5
LD/ED	Actividade lúdica e educativa	1	3	2	2	2	2	2	2	1	1	18
ED	Actividade educativa	–	–	1	1	1	–	–	–	–	–	3
LD/PD	Activ. lúdica e pedagógica	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	1
IF	Actividade informativa	–	–	–	1	–	–	–	–	1	2	4
FR	Actividade formativa	–	–	–	–	–	1	2	2	2	1	8
CNL	Concurso Nacional de Leitura	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	1
CP	Conferências	–	–	–	–	–	1	2	2	2	2	9
EL	Evento literário	–	–	–	–	–	1	1	1	1	1	5
DR	Dramatização	1	1	1	–	–	–	–	–	–	–	3
DVL	Divulgação do livro	2	5	5	4	5	4	3	3	3	3	37
14	Subtotal	11	20	17	12	9	10	12	12	12	11	126
Baseadas no âmbito do estímulo precoce à leitura												
PO	Promoção da oralidade	1	1	1	1	–	–	–	–	–	–	4
LF	Literacia familiar	1	1	–	–	–	–	1	1	–	–	4
LE	Literacia emergente	4	1	–	–	–	–	1	1	–	–	7
3	Subtotal	6	3	1	1	0	0	2	2	0	0	15
Baseadas no âmbito da promoção de leitura textual												
PLV/PL	Prom. livro e leitura textual	2	2	2	–	–	1	1	–	–	–	8
PLT	Leitura textual, comunid. leitores	1	2	2	1	1	3	3	7	6	4	30
PP	Promoção da poesia	–	–	–	–	1	1	1	1	1	1	6
3	Subtotal	3	4	4	1	2	5	5	8	7	5	44
Baseadas no âmbito do incentivo à expressão oral/escrita do leitor												
PLV/L/0	Pr. livro/leitura/oralidade	–	1	1	1	–	–	–	–	–	–	3
PLE	Promoção da leitura e escrita	–	–	–	–	1	2	2	2	2	2	11
PE	Promoção da escrita	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	1
3	Subtotal	0	1	1	1	1	3	2	2	2	2	15
Baseadas no âmbito da promoção da literatura oral e cultura tradicional												
PLCT	Pr. leit. de contos tradicionais	–	–	1	1	1	1	1	1	1	1	8
PLO/C	Pr. literacia cultural e oral	–	1	1	1	1	2	2	2	2	2	14
PLO	Pr. da leitura e da oralidade	–	–	–	–	–	–	–	–	–	2	2
3	Subtotal	0	1	2	2	2	3	3	3	3	5	24
Baseadas no âmbito do incentivo à leitura comunitária partilhada												
LTG	Leitura transgeracional	–	–	–	–	–	–	–	1	1	1	3
PIRS	Partilha intpt/reflexão leitora c/ processo de sociabilização	–	–	1	1	1	1	1	1	1	1	8
2	Subtotal	0	0	1	1	1	1	1	2	2	2	11
Baseadas no âmbito da diversificação de objectos e suportes de leitura												
PLOTV	Leitura oral textual e visual	–	1	1	–	–	–	–	–	–	–	2
PLTPA	Leit. text. patrim. ambiental	–	1	1	–	–	–	–	–	–	–	2
PL	PL. leitura em ≠ suportes	–	–	–	2	2	1	2	1	3	2	13
3	Subtotal	0	2	2	2	2	1	2	1	3	2	17
Baseadas no âmbito da promoção de literacias												
LI	Literacia da informação	–	–	2	1	–	–	–	–	–	–	3
LICC	Literacia da informação e comp. comunicacionais	–	–	1	1	1	–	–	–	–	–	3
LAM	Literacia ambiental e matemática	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	1
LCH	Literacia cívica e histórica	–	1	1	–	–	–	–	–	–	–	2
LSC	Literacia social	–	–	1	1	–	–	–	–	–	–	2
LS	Lit. da saúde (persp. holística)	–	–	–	–	–	–	1	1	1	1	4
LC	Literacia cultural	–	–	1	1	–	–	–	–	–	–	2
LVs	Literacia visual	–	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9
8	Subtotal	0	2	8	5	2	1	2	2	2	2	26
Baseadas no âmbito da facilitação de acesso a materiais de leitura												
AM	Acesso a materiais de leitura	1	1	1	2	1	1	2	2	1	1	13
AMH	Acesso a materiais de leitura em hospital	1	1	1	1	1	–	–	–	–	–	5
LD	Leitura domiciliária	–	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9
3	Subtotal	2	3	3	4	3	2	3	3	2	2	27
TOTAL		22	36	39	29	22	26	32	35	33	31	305

Quadro 65- Tipologias de PPL oferecidas aos públicos-alvo, baseadas nos modelos/formato e âmbitos.
Fonte: produção própria.

Caracterização conferida às PPL visando o público-alvo		0-3 anos	3-6 anos	7-10 anos	11-12 anos	13-17 anos	18-25 anos	26-35 anos	36-50 anos	51-65 anos	> 65 anos	Total
Características focadas nos públicos												
ID	Ofertas adequadas à idade	4	3	4	4	—	—	1	1	1	1	19
CG	Of. adequ. às caract. do público/grupos	2	5	3	2	—	4	4	3	5	5	33
IN	Terem interesse p/ o público	2	2	2	2	—	1	1	1	1	1	13
IIV	Interesse p/ as instituições visitantes	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	1
	Subtotal	8	10	9	9	—	5	6	5	7	7	66
Características focadas em finalidades												
AC	Proporcionar acesso à leitura	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	2
IE	Proporcionar acesso à educação e inf.	—	—	—	1	—	—	—	—	—	1	2
DF	Divulgar literatura de ficção	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	2
PX	Aproximar os escritores do público	—	—	—	—	—	1	1	1	1	1	5
AH	Responder a situações de fragilidade	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	1
PS	Promov. sociabilização entre públicos	—	—	—	—	—	1	1	1	1	1	5
CS	Transmitir comportamentos sociais	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1
CF	Promover. compromisso das famílias com a leitura	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1
OEI	Oferecer outras dimensões de explor. e interações entre participantes	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1	2
PE	Promover a Biblioteca como espaço de leitura para as famílias	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
	Subtotal	1	—	3	5	—	2	2	2	3	4	22
Características focadas na modelação das práticas												
CL	Contexto lúdico	1	1	1	—	—	—	—	—	—	—	3
LP	Dimensão lúdica e pedagógica	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	1
AP	Forma de apresentação	1	1	1	1	—	1	—	—	—	—	5
AB	Forma de abordagem	—	—	—	—	—	—	1	1	1	1	4
ET	Exploração teatralizada	1	1	1	—	—	—	—	—	—	—	3
IC	Interação com as crianças	1	1	1	—	—	—	—	—	—	—	3
SCE	Seleção cuidada de materiais e uso de estratégias diversificadas	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1
TC	Tipo de conteúdo	1	1	1	1	—	1	1	1	1	1	9
DA	Temáticas interessantes, desafiantes e actuais	—	—	—	—	—	1	—	1	1	1	4
QM	Seleccionar conferencistas de qualidade e mediáticos	—	—	—	—	—	1	—	1	1	1	4
CT	Continuidade das práticas	1	1	—	1	—	1	1	1	1	1	8
PZ	Geradora de atractividade e prazer	1	1	2	1	—	—	—	—	—	—	5
IGP	Assegurar momentos de igualdade entre crianças e acompanhantes	—	1	—	—	—	—	1	—	1	—	3
ENF	Promover a educação não formal	1	1	—	1	—	1	1	1	1	1	8
	Subtotal	8	9	7	6	—	6	5	6	7	7	61
Características associadas aos conteúdos das práticas												
CC	Estimular competên. comunicacionais	1	1	—	—	—	—	—	—	—	1	3
DL	Promover desenv. da linguagem	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
DD	Promover desenv. dos destinatários	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
LF	Promover literacia familiar	1	1	—	—	—	—	1	1	—	—	4
CE	Complementaridade com a escola	1	2	2	1	—	—	—	—	—	—	6
EA	Estimular escuta activa	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1
IT	Estimular interpretação de textos	1	1	2	2	—	—	—	—	—	—	6
GL	Promover o gosto pela leitura	1	2	1	1	—	—	—	—	—	—	5
PL	Promover a leitura	—	—	2	2	—	3	3	4	4	1	19
PLT	Promover a literacia	—	—	—	—	—	2	2	2	2	2	10
PLC	Promover literacia cultural	—	—	—	—	—	1	1	1	1	—	4
LI	Criar oport. de usar literacia da inf.	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	2
OL	Levar a outras leituras	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	2
GE	Promover o gosto pela escrita	—	—	1	1	—	2	1	1	1	1	8
CPL	Promover competências leitoras	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	2
OR	Promover da oralidade	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	1
ENF	Promover a educação não formal	1	1	—	1	—	1	1	1	1	1	8
QS	Gerar interesse por questões sociais	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	2
	Subtotal	8	8	13	12	—	9	9	10	10	6	85
Total -234		25	27	32	32	—	22	22	23	27	24	234

Quadro 66 – Caracterização conferida às PPL visando o público-alvo. Fonte: produção própria.

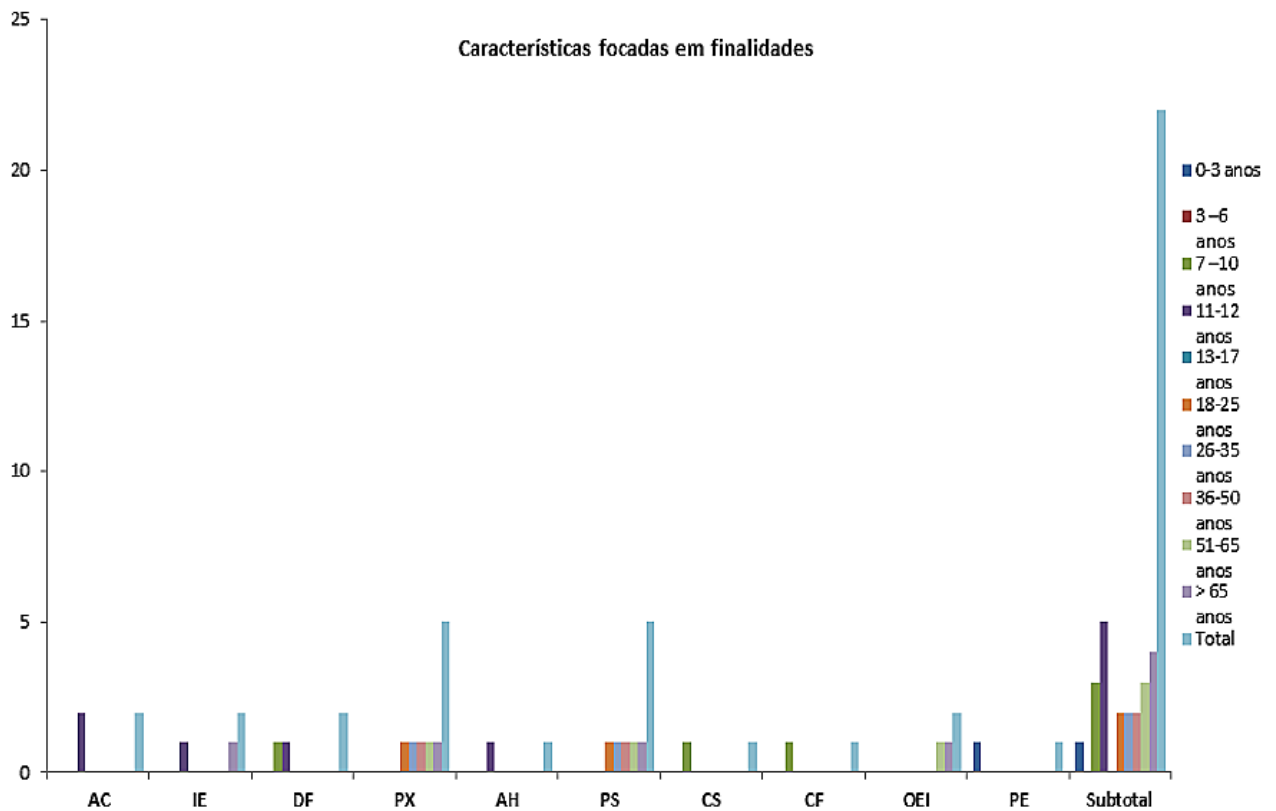


Gráfico 16- Características das PPL focadas em finalidades

AC- Proporcionar acesso à leitura; IE- Proporcionar acesso à educação e à informação; DF- Divulgar literatura de ficção; PX- Aproximar os escritores do público; AH- Responder a situações de fragilidade; PS- Promover sociabilização entre públicos; CS- Transmitir comportamentos sociais; CF- Promover o compromisso das famílias com a leitura; OEI- Oferecer outras dimensões de exploração e interações entre participantes; PE- Promover a Biblioteca como espaço para as famílias. Fonte: produção própria.

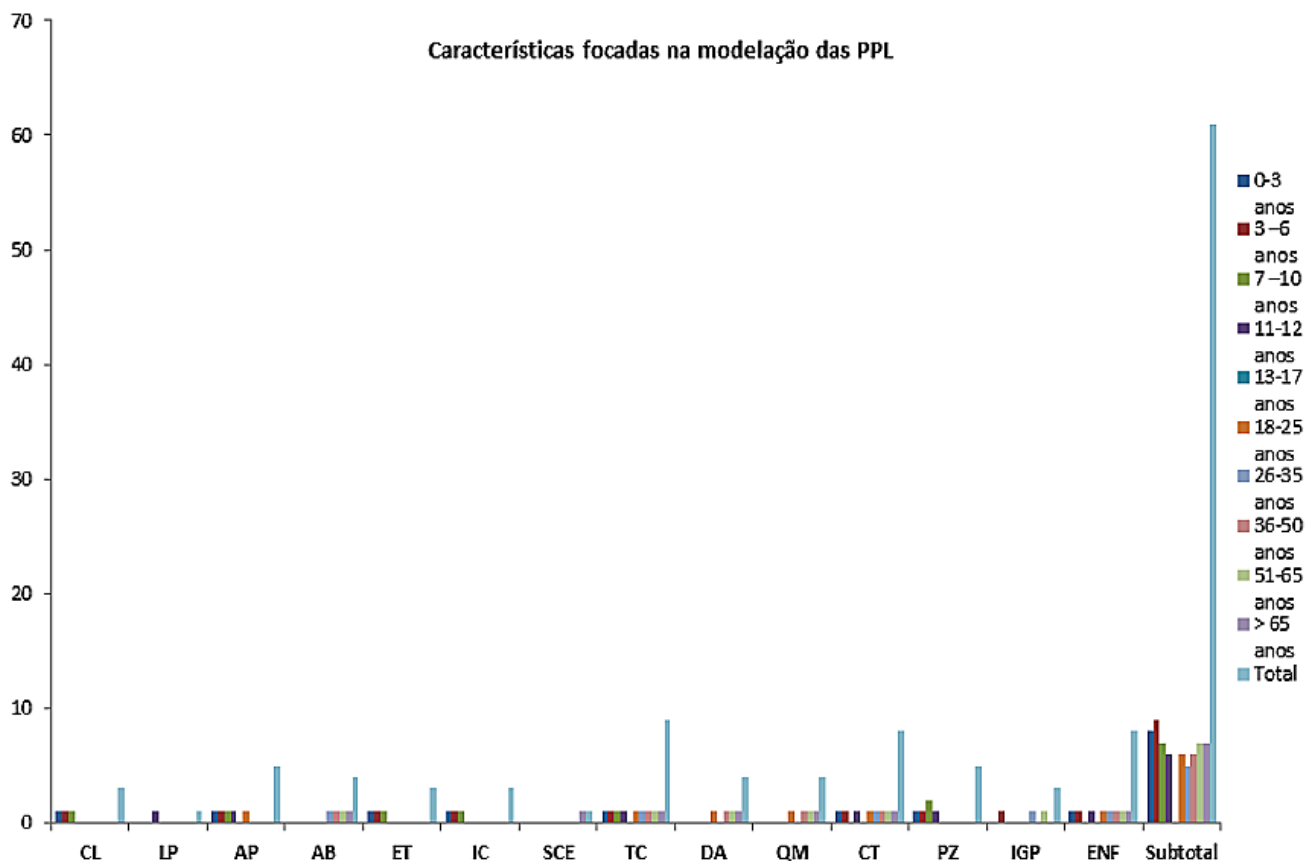


Gráfico 17- Características das PPL focadas na sua modelação
 CL- Contexto lúdico; LP- Dimensão lúdica e pedagógica; AP- Forma de apresentação; AB- Forma de abordagem;
 ET- Exploração teatralizada; IC- Interação com as crianças; SCE- Selecção cuidada de materiais e uso de estratégias diversificadas;
 TC- Tipo de conteúdo; DA- Temáticas interessantes, desafiantes e actuais; QM- Seleccionar conferencistas de qualidade e mediáticos;
 CT- Continuidade das práticas; PZ- Gerar atractividade e prazer; IGP- Assegurar momentos de igualdade entre crianças e acompanhantes;
 ENF- Promover a educação não formal. Fonte: produção própria.

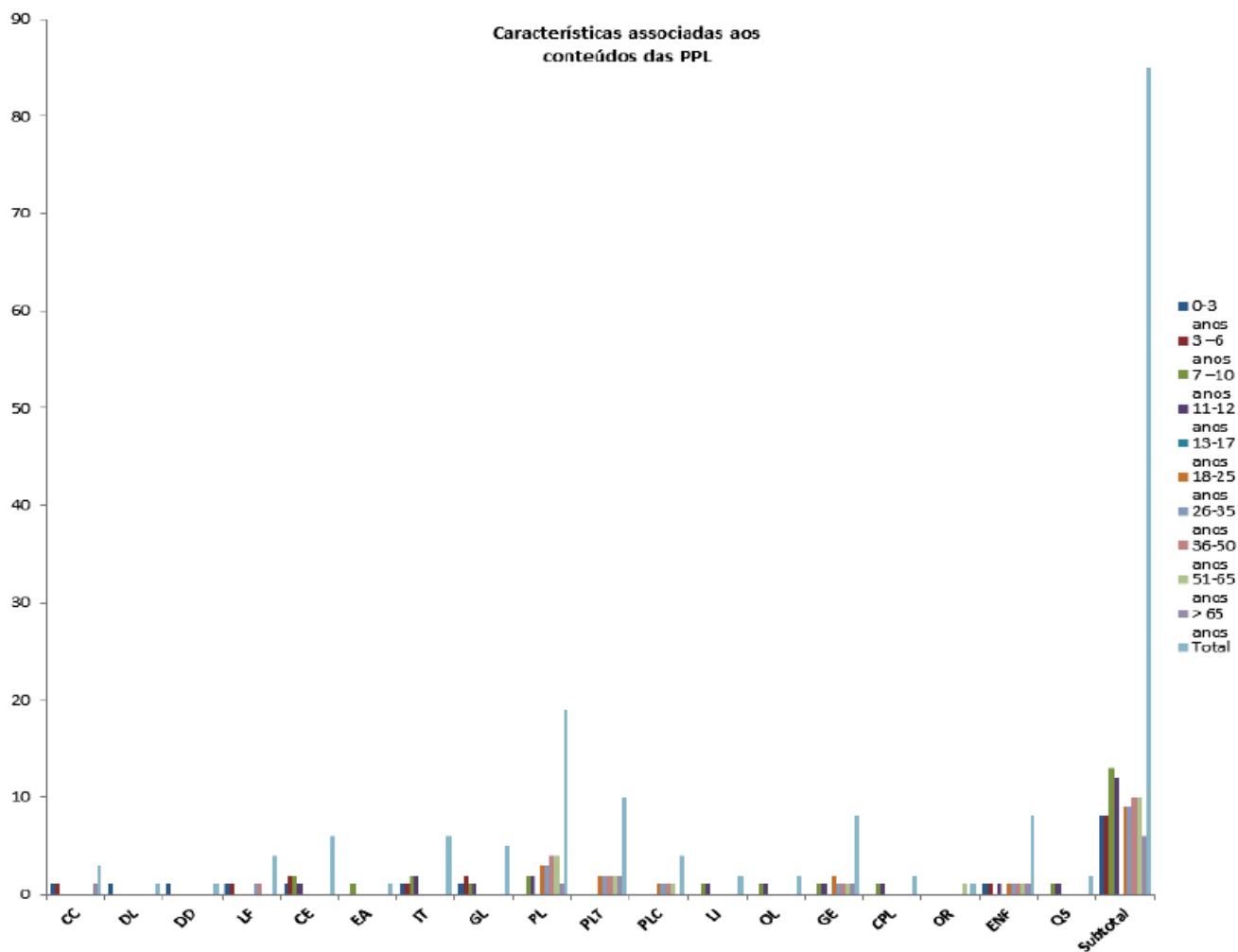


Gráfico 18- Características das PPL associadas/focadas no conteúdo.

CC- Estimular competências comunicacionais; DL- Promover o desenvolvimento da linguagem; DD- Promover o desenvolvimento dos destinatários; LF- Promover literacia familiar; CE- Ter complementaridade com a escola; EA- Estimular escuta activa; IT- Estimular interpretação de textos; GL- Promover o gosto pela leitura; PL- Promover a leitura; PLT- Promover a literacia; PLC- Promover a literacia cultural; LI- Criar oportunidades de usar literacia da informação; OL- Levar a outras leituras; GE- Promover o gosto pela escrita; CPL- Promover competências leitoras; OR- Promover a oralidade; ENF- Promover a educação não formal; QS- Gerar interesse por questões sociais. Fonte: produção própria.

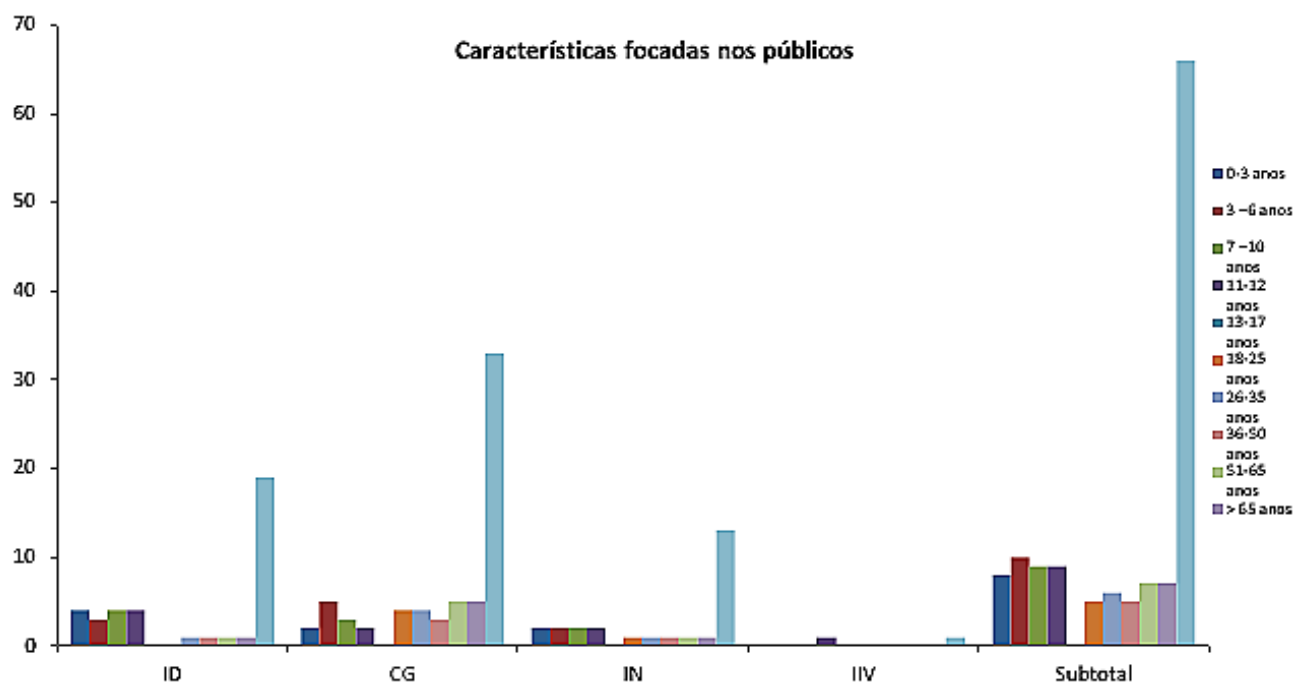


Gráfico 19- Características das PPL focadas nos públicos.
 Indicadores: ID- Ofertas adequadas à idade; CG- Ofertas adequadas às características do público/grupos;
 IN- Ofertas que têm interesse para o público; IIV- Ofertas com interesse para as instituições visitantes.
 Fonte: produção própria.

Amostra	Avaliação das PPL
	Unidades de contexto discursivo
E1	E1a- Eu por exemplo não tenho nada que faça sessão a sessão, mas quando fazia as coisas do XXX, nessa época fazia um relatório anual. [...]. E1- O que eu faço [sessão a sessão] não é bem uma avaliação, mas é uma descrição do que aconteceu.
E2	Foi determinado o índice de satisfação, neste caso, dos utentes do projecto.
E3	É sessão a sessão, depois fazem a avaliação trimestral e depois fazem o relatório anual. [...]. Há um relatório, sempre, e a sugestão se ela deva continuar. [...]. Aliás quando esta câmara aderiu ao sistema da qualidade, toda a Câmara foi obrigada a fazer a avaliação da prestação de serviço, nós também fazemos.
E4	E –Não. V- [Na sequência de sucessivas afirmações negativas:] Têm a comunicação da experiência empírica dos vossos funcionários, ou das pessoas? E- Dos funcionários e das pessoas que cá vêm.
E5	Nós tentamos sempre durante a actividade ter sempre “feedback” e saber o que se está a passar. As pessoas que vêm ver, tentamos sempre saber a opinião das pessoas . [...]. Depois, para além disso, vamos fazendo as nossas próprias avaliações, reunimos, falamos sobre a actividade. E depois fazemos sempre uma avaliação no final de cada espectáculo, juntamo-nos sempre, no final de cada sessão. quando falo de um objectivo é ver o que é que eu tenho que mudar. É claro que nós nunca estamos satisfeitos, temos que alterar para melhor e temos que estar constantemente a melhorar. Em todas actividades, quando vamos fazer uma actividade nova, pretendemos sempre que ela resulte... Temos essa percepção um pouco pelo “feedback” e por tudo aquilo que fazemos depois das iniciativas. Nós como estamos num meio em que, felizmente, estamos sempre em contacto com os professores e alunos e temos o feedback das iniciativas e a importância das iniciativas para algumas situações que vamos sabendo, e que nos deixa muito contentes por estarmos minimamente activos naquilo que nos propusemos, que é contribuir para semear o gosto pela leitura, pelos nossos utentes, pelos nossos leitores.
E6	V- De que forma é feita? Sessão a sessão? Avaliação global daquela actividades quando termina? Na avaliação do projecto de que faça parte? De cada vez que há uma sessão, há uma ficha de avaliação para as crianças ou para os próprios funcionários irem fazendo a avaliação? E- Se forem projectos que forem por sessão, portanto, que forem obrigatoriamente por X sessões... V- Fazem todas? E- Não. Fazemos no final. V- Então é a avaliação global? E- Sim, mas há outros projectos que fazemos, temos as duas versões, não sei como distinguir. Por exemplo a hora do conto fazemos sempre sessão a sessão. XXX [prática], ou o outro projecto dos bebés, YYY [prática], fazemos no final das sessões. V- Fazem no final de todas? E- No final de todas.
E7	Fazemos e quando elas [as PPL] não têm razão de existir, deixam de existir. Não vale a pena termos actividades que não têm público. [...]. Nós o ano passado tivemos um ateliê de XXX, não sei muito bem o porquê, mas as pessoas não aderiram e este ano não renovamos.
E8	E- Sim em todas. [...]. É 100%. Nós temos criadas as normas de acesso às actividades de educação e os documentos são transversais aos serviços educativos do município, sejam eles biblioteca, fórum cultural, protecção civil, ou para orientação das hortas. Mediante essas normas. [...]. Eu vou-lhe explicar. Nós temos os impressos da avaliação da actividade que estão adaptados, os serviços educativos, têm a avaliação do docente e tem a avaliação do público, se é pré-escolar e primeiro ciclo é o impresso, se é segundo ciclo é outro impresso. Depois para a actividade pais e filhos que é para o público em geral, o impresso de avaliação já é diferente daquele adoptado no serviço educativo. O que acontece é que a actividade pais e filhos, no final do ano, gera um relatório anual. E temos relatórios mensais, os públicos e a taxa de satisfação. V- Então, têm a avaliação global e mensal. O que vocês dizem é que sobre a prática concreta fazem um relatório, sempre? E- Fazemos sempre, onde está espelhada a avaliação qualitativa e quantitativa.
E9	E- A avaliação é feita numa forma muito simples. Inicialmente era apenas nas observações dos participantes com os professores e isso. Agora temos uma folha de... é mais num questionário, muito simples, e na observação. [...]. Depois, isto vai para uma zona mais estatística, número de acções, número de participantes. Mas isto é consoante, a hora do conto tem um questionariozinho. V- Em todas as sessões? E- Sim. As da escola é no fim, depois do balanço com a professora. [...] depois no fim consta no relatório. V- Que relatório? E- Recebemos o relatório da professora e que a gente, depois, também introduz. [...] fica como decorreu, houve uma conversa com a professora e ficam umas notas, até agora não é um documento que pudéssemos arriscar o que é que aconteceu, o que é que ocorreu.
E10	V- Em que é que se baseiam estas avaliações? E- Questionários e observação também. É feito por nós e alguns que os professores façam ou os intervenientes. V- E quem é que fornece os dados para estas avaliações? As crianças? Os jovens? Os adultos, neste caso

	<p>enquanto participantes? Professores, educadores, acompanhantes? Os mediadores? A própria biblioteca?</p> <p>E- A maioria são os professores e educadores.</p> <p>V- As crianças, os jovens e os adultos não?</p> <p>E- Os educadores que preenchem as fichas, normalmente, escutam o grupo.</p> <p>V- Os pequenos não fazem?</p> <p>E- Não.</p> <p>V- Os pais?</p> <p>E- Sim.</p>
E11	<p>V- Foi efectuada uma avaliação regular das actividades referidas nestes cinco anos?</p> <p>E- Eu não sei quando começaram a fazer a avaliação, mas creio que vem de 2010.</p> <p>V- E desde aí é regular?</p> <p>E- Sim. [...]. Cada actividade tem uma informação, tem uma avaliação certo? Depois tu juntas a avaliação...</p> <p>V- Depois também se projecta no relatório anual?</p> <p>E- Sim, projecta-se no relatório anual. Das que são especiais faz-se relatório, das regulares faz-se assim.</p> <p>V- Existe algum processo para além destes? Avaliações externas?</p> <p>E- Não.</p>
E12	<p>V- Vocês fazem uma avaliação regular? Vocês fizeram uma avaliação regular neste últimos cinco anos ou não?</p> <p>E- Mais nos últimos três anos. [...]. Por exemplo, há iniciativas que a avaliação vem com o relatório, há sempre um relatório para essas actividades.</p> <p>V- Então é 100%?</p> <p>E- Sim. Há sempre um relatório e esse relatório pode valer a pena ser feito na próxima visita, como tem acontecido. Em relação às actividades temos um pequeno inquérito, relativamente à sessão.</p> <p>V- Em que é que se baseiam as avaliações? Em relatórios? Em questionários? Em entrevistas? Em observações? Em críticas/sugestões?</p> <p>E- Em relatório.</p> <p>V- É 100%, como já referiste, não é? E os questionários, também?</p> <p>E- Os questionários não são 100%.</p> <p>V- Mas eu percebi tu dizeres que havia.</p> <p>E- Não, não é relatórios não; há é questionários para a avaliação.</p> <p>V- E dirias que é?</p> <p>E- Metade.</p> <p>V- Entrevistas, não há?</p> <p>E- Não.</p> <p>V- E aquilo de destacar alguém, interno ou externo, para assistir à prática?</p> <p>E- Externo não. Costumo ser eu.</p> <p>V- Fazes a...</p> <p>E- É 25%.</p> <p>V- Críticas e sugestões, também são objecto de avaliação?</p> <p>E- Também recebemos online. Mails, essas coisas.</p> <p>V- Isto será também 25%?</p> <p>E- Sim. Menos.</p>
E13	<p>Fazemos a avaliação das iniciativas específicas e fazemos a do relatório anual. [...]. Já fizemos dois questionários em relação aos serviços todos, entrevistas não fazemos muito. Observação sim.</p>
E14	<p>V- Foi efectuada alguma avaliação regular das actividades ocorridas nestes cinco anos?</p> <p>E- Sim, sempre.</p> <p>V- E de que forma é feita a avaliação?</p> <p>E- É sessão a sessão. Pode haver excepções pelo tipo de actividade...</p> <p>V- E não utilizam os outros?</p> <p>E- Usamos, sim os relatórios do final do projecto.</p> <p>V- E há sempre um relatório da actividade?</p> <p>E- Sim, ajuda depois a perceber aqui na parte da avaliação. Nós temos as bibliotecas certificadas com sistema de gestão de qualidade, portanto toda esta parte da avaliação da comunicação, está sempre garantida e é feita não só para dar cumprimento aos requisitos, mas também são práticas que fazem parte do processo de planeamento.</p>
E15	<p>E- Fazemos uma avaliação anual. A avaliação faz-se quando se está a fazer o planeamento de actividades para o ano, é feita uma avaliação do ano anterior, agora há uma avaliação, por exemplo, estatística de sessão a sessão.</p> <p>V- Em que é que se baseiam as avaliações que vocês fazem? Em questionários? Entrevistas? Observações?</p> <p>E- Em observação, chegamos a ter um avaliador, mas isto neste momento não está específico, esta minha colega propôs uma ficha de avaliação, mas agora tudo é controlado pela divisão de marketing e comunicação. Tivemos fichas de avaliação dos questionários. Agora, fazemos por observação. Também tivemos uma ficha, mas nós aqui estamos a passar por uma normalização total.</p>
E16	<p>E- Infelizmente nem todas. [...]. Eu não estou a dizer isto tão bem quanto eu queria. Na verdade foi e foi feita porque nós temos isto por vários processos. Nós temos uma ficha de caracterização de eventos, neste momento ela está a ser mudada, e em que neste momento estamos também a pedir às pessoas o projecto que está a fazer, que competência é que está a abarcar, porque isto para nós vais ser importante para depois desenvolver. Ela (a ficha) tem associada um glossário que é para todos sabermos o que estamos a conversar e depois daqui vai</p>

	<p>resultar uma avaliação de desempenho, em que essa avaliação de desempenho vai focar, não só os termos estatísticos do trabalho da biblioteca puro e duro, biblioteconómico, mas também em termos de programação.</p> <p>V- Aqui, posso considerar que existe avaliação sobre práticas específicas porque, depois, vai ver o que as pessoas responderam?</p> <p>E- Não. O que eu queria era, em termos qualitativos, por isso é que eu já lhe estava a dizer que não. Em termos qualitativos, estamos a começar aos poucos a fazer relatórios detalhados com análises SWOT, portanto já estamos a falar a outro nível.</p> <p>V- Sessão a sessão?</p> <p>E- Sim; de sessão a sessão. Isso é o que vai dar o resultado da avaliação de desempenho. Consigo fazer em termos estatísticos, só. [...]. Nós neste momento estamos a fazer o nosso programa de avaliação de desempenho e já tem a ver com esta nova ficha; já estamos a fazer com indicadores e queremos trabalhá-los em termos qualitativos e quantitativos. Neste momento já vamos a fazer isto e em 2014 já vamos tratar os dados de forma completamente diferente. Chegámos à conclusão que não podíamos dar resposta a um conjunto de questões. Estava-nos a acontecer isso; era uma multiplicidade de coisas que não conseguíamos tratar.</p>
E17	<p>V- Foi efetuada uma avaliação regular das actividades ocorridas nestes cinco anos ou não?</p> <p>E- Foi. Temos sessão a sessão com um questionário e, depois, no final de todas as sessões da actividade. [...] nos relatórios anuais.</p>
E18	<p>V- Foi efetuada a avaliação regular das atividades ocorridas entre 2009 e 2013?</p> <p>E- Sim.</p> <p>V- De que forma é feita esta avaliação?</p> <p>E- É individual, sessão a sessão, depois vai pelas outras todas não é.</p> <p>V- E avaliações externas?</p> <p>E- Não.</p>

Quadro 67 – Unidades de contexto da avaliação das PPL. Fonte: produção própria

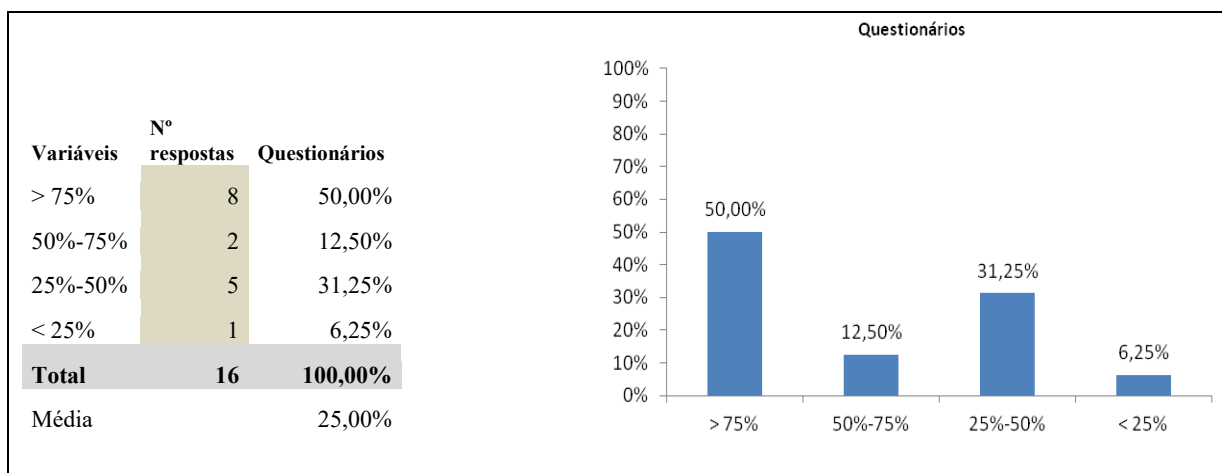


Gráfico 20 – Frequência da utilização de questionários na avaliação de PPL. Fonte: produção própria.

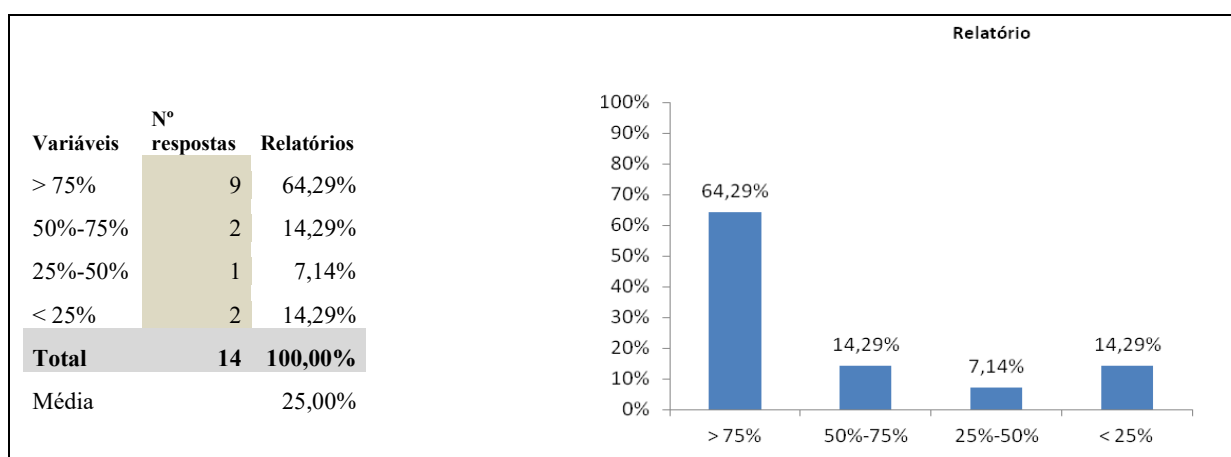


Gráfico 21 – Frequência da utilização de relatórios na avaliação de PPL. Fonte: produção própria.

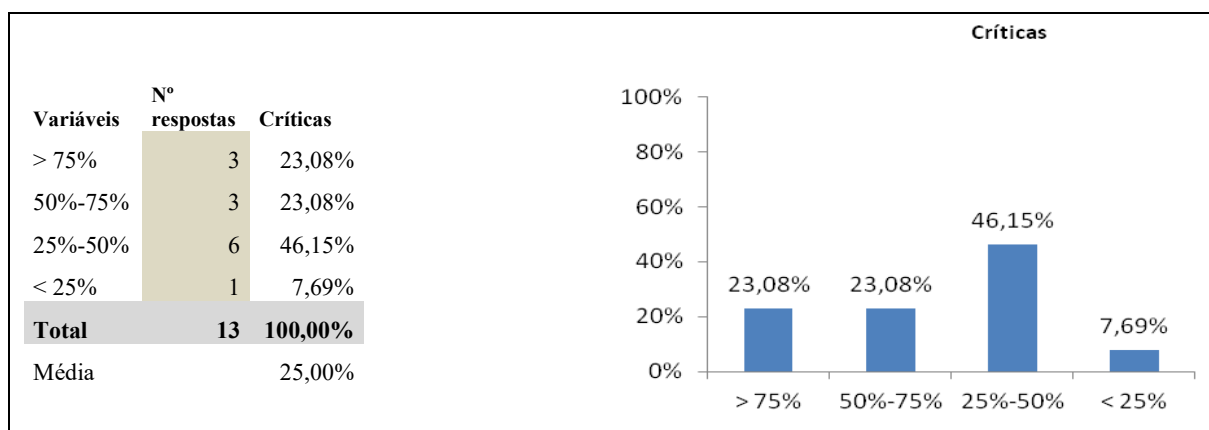


Gráfico 22 – Frequência da utilização de críticas na avaliação de PPL. Fonte: produção própria.

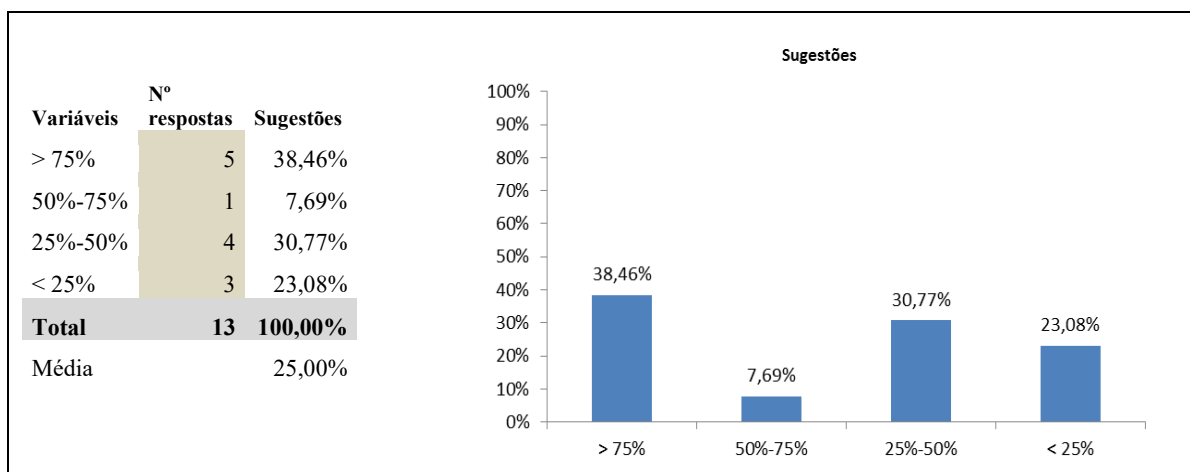


Gráfico 23 – Frequência da utilização de sugestões na avaliação de PPL. Fonte: produção própria.

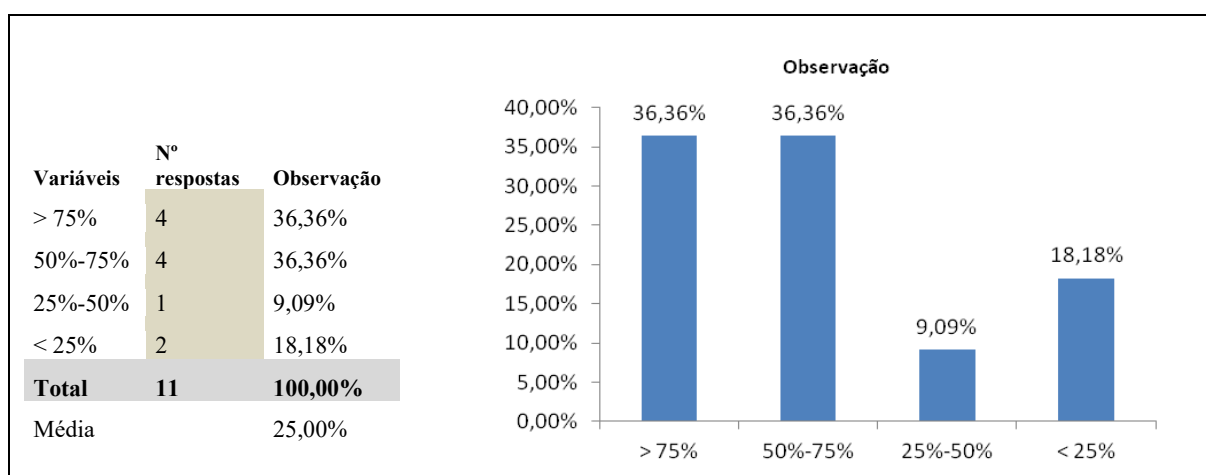


Gráfico 24– Frequência da utilização de observação na avaliação de PPL. Fonte: produção própria.

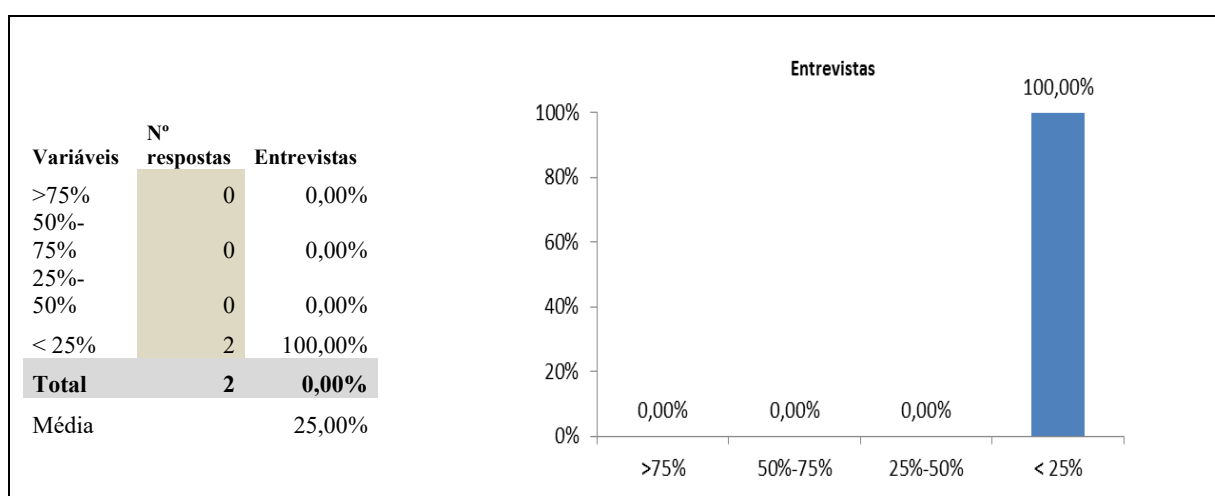


Gráfico 25– Frequência da utilização de entrevistas na avaliação de PPL. Fonte: produção própria.

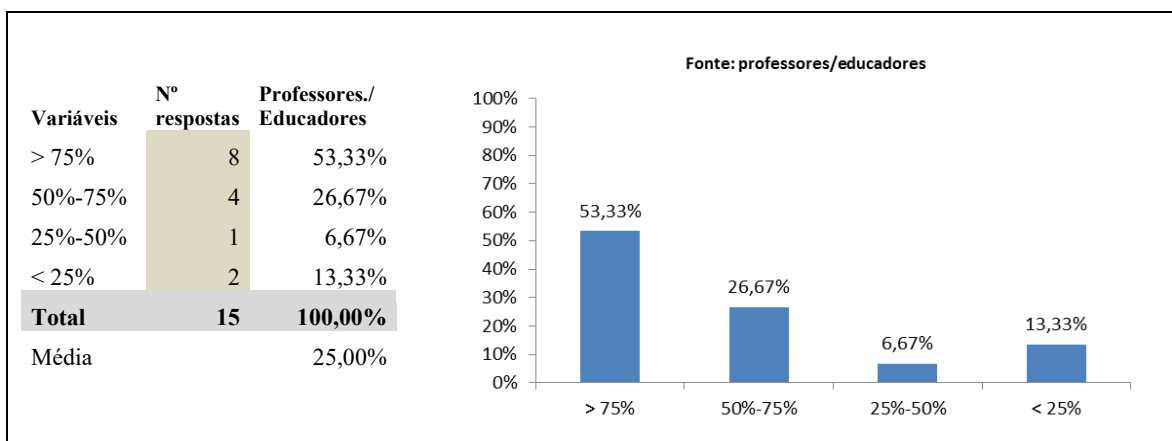


Gráfico 26 – Fonte de informação professores e educadores. Fonte: produção própria.

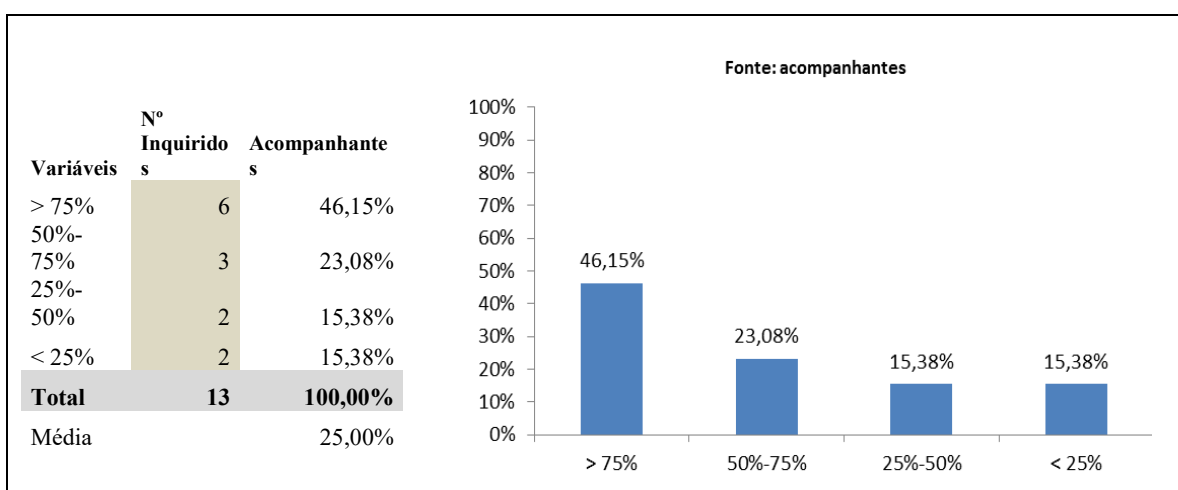


Gráfico 27 – Fonte de informação acompanhantes. Fonte: produção própria.

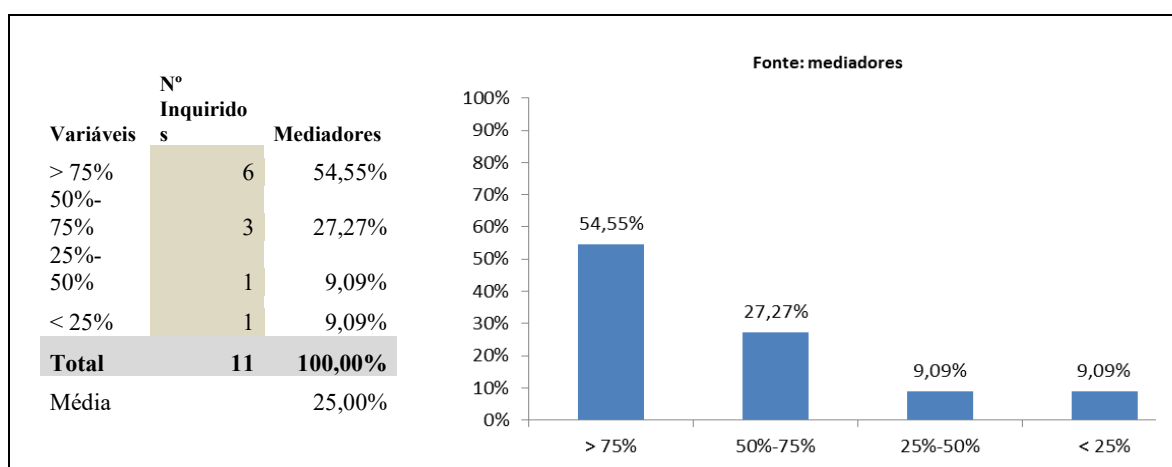


Gráfico 28 – Fonte de informação mediadores. Fonte: produção própria.

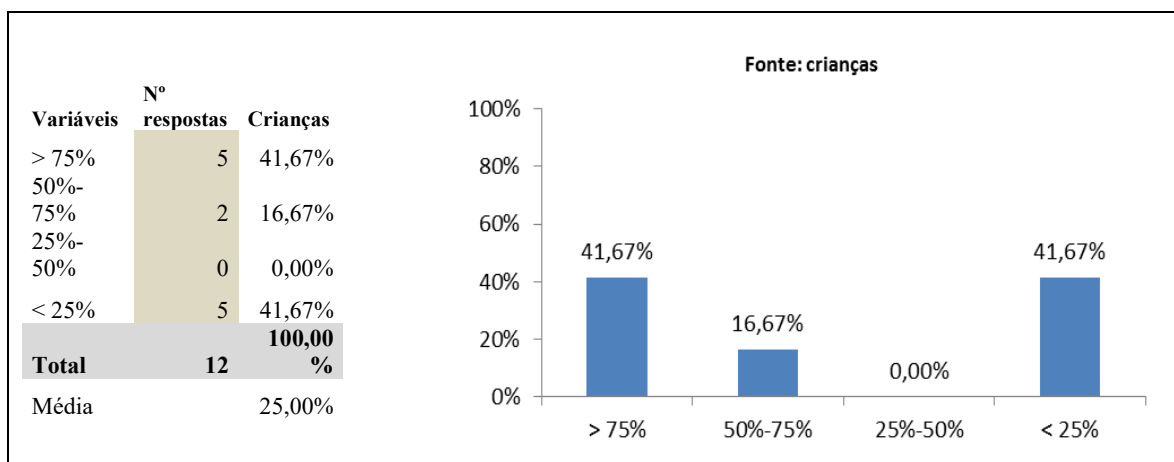


Gráfico 29– Fonte de informação crianças. Fonte: produção própria.

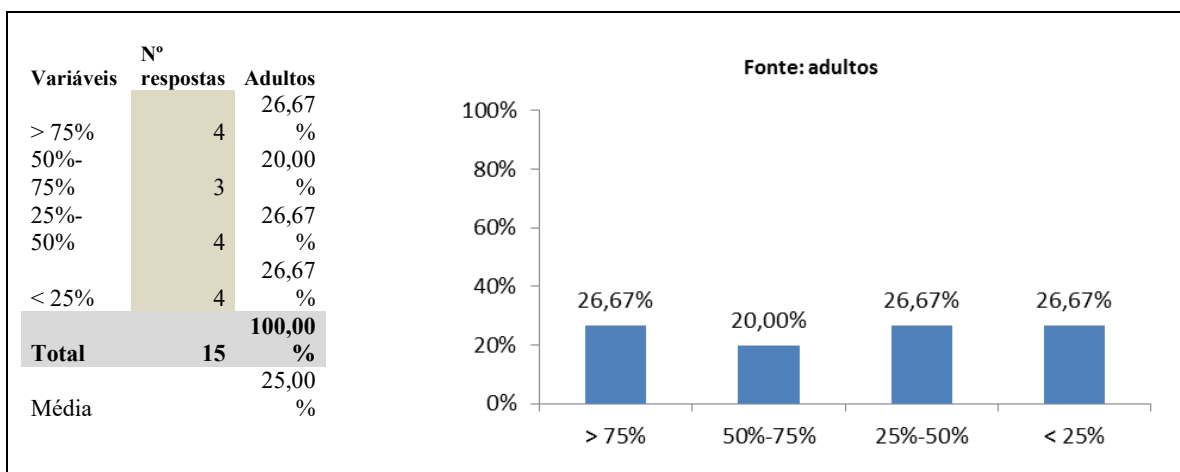


Gráfico 30– Fonte de informação adultos. Fonte: produção própria.

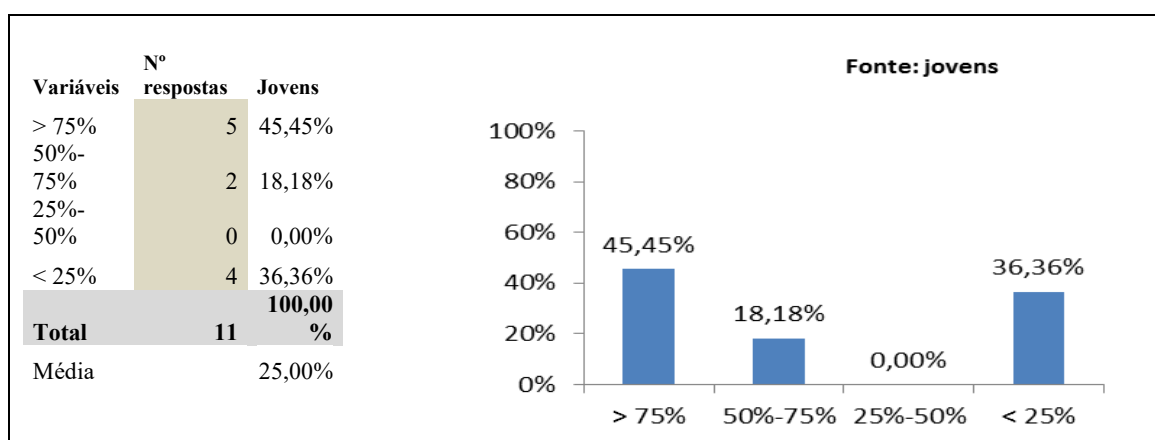


Gráfico 31– Fonte de informação jovens. Fonte: produção própria.

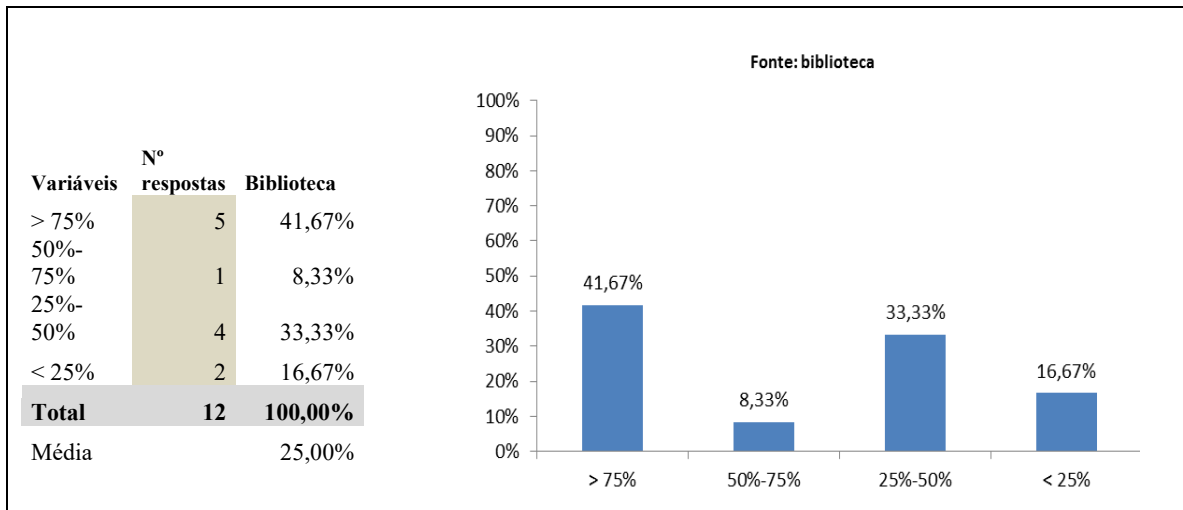


Gráfico 32– Fonte de informação biblioteca. Fonte: produção própria .

Amostra	Leitura da amostra às avaliações das PPL
Unidades de contexto discursivo	
E1	<p>E1- Isso depois temos que ver o que correu bem, o que correu menos bem, o que temos que alterar.</p> <p>E1a- Há projectos que estamos cientes que estão a correr lindamente e há outros projectos em que temos que mudar algumas coisas. Os que têm vindo a crescer como as escolas a ler e outros projectos assim, mostram que estão a ir no bom caminho, outros verificamos...</p> <p>E1- Sim, mas ao longo do projecto, ao longo do ano temos que ir olhando para as coisas e ver como está a correr, com os professores fazemos isso. Vemos o que é que correu mal, o que temos que alterar.</p>
E2	<p>E- No fundo nós tiramos muitas consequências disso. No fundo ficamos a saber o grau de satisfação, porque o questionário, inquirido tem muito a ver com isto. Com o grau de satisfação que as pessoas manifestam pela actividade. Depois acabamos por não tirar muitas consequências disso, realmente; mas é claro que também temos, sobretudo da parte dos professores, algum “feedback” sobre aquilo que foi o melhor ou foi o pior durante a actividade, é mais a esse nível. Tenta-se colmatar, mas não há uma prática sistemática desses resultados. [...]. Os resultados globalmente são bons, agora para nós técnicos, as actividades deixam-nos sempre insatisfeitos, sobretudo a nível do investimento que seria necessário realizar para melhorar a actividade e que acabamos por não conseguir fazer por falta de recursos. No entanto, geralmente a resposta das pessoas, dos participantes, é uma resposta boa e uma boa avaliação.</p>
E3	<p>E- Eu julgo que há uma grande evolução e por mais pequena que seja, ela tem sempre importância, porque estas áreas, como sabes, não são áreas fáceis e são caminhos longos, eu quando cá cheguei a biblioteca não recebia estes clientes. A biblioteca não existia e mesmo a importância que era dada à biblioteca... Agora não; vai crescendo é o que eu retiro daqui destas avaliações</p>
E4	<p>E- Lá está, como correm bem, há sempre depois. [...]. É positiva, também temos noção do que não correu bem. Temos essa noção do que corre bem, do que não corre bem, dos pontos onde as coisas [se] desenvolveram sem problemas, nos pontos onde houve mais dificuldade, onde as coisas corresse um pouco melhor, essa percepção vamos tendo numa ou outra actividade. Aí tentamos sempre estar organizados.</p> <p>V- O que quer dizer com organizados?</p> <p>E- Estar preparados, pensarmos sempre no que é que poderá haver a ser preciso, o que é que terá de ser feito.</p>
E5	<p>E- É claro que nós nunca estamos satisfeitos, temos que alterar para melhor e temos que estar constantemente a melhorar. Em todas actividades, quando vamos fazer uma actividade nova, pretendemos sempre que ela resulte...</p> <p>V- Isso já me disse no início. Agora, é quando olha mesmo para a avaliação e aprecia as PPL, pensa estou muito satisfeito, não estou nada satisfeito, estou plenamente satisfeito, tenho de implementar melhorias em...</p> <p>E- Muito satisfeito, mas tem-se sempre que se implementar melhorias. Plenamente satisfeito acho que não pode ser. [...]. Estamos realmente satisfeitos mas com a noção de que é necessário estar sempre preocupado em melhorar e em criar coisas novas e tentar estar actualizado.</p>
E6	<p>E- É positiva, muito positiva. Isso revela-se na consistência do nosso público, o nosso público sobretudo infanto-juvenil, cresce connosco.</p>
E7	<p>E- Tendo em atenção que nós fizemos uma evolução, com o “feedback” que o público nos dá, melhoramos, quer no nível da oferta da programação, quer a nível dos destaques que temos, também no atendimento [...]. O “feedback”, que entretanto é importante, é que os serviços da biblioteca melhoraram, realmente existem pontos fracos...</p> <p>V- Os serviços ou as actividades?</p> <p>E- Serviços e as actividades.</p> <p>V- E a vossa opinião interna? Coincide com o público?</p> <p>E- Coincide com o público, se bem que eu tenha uma avaliação mais crítica, que como estou por dentro, sei onde estão os pontos fracos e os fortes, nomeadamente, são os fracos que me saltam mais à vista, daí tentar melhorar.</p>
E8	<p>E8- Por um lado nós temos o que nos é dado a observar da oferta da actividade e da participação que temos. Quando é uma participação esmagadora a análise indica-nos que de alguma forma estamos a trabalhar ou estamos a oferecer um produto que é apelativo. [...]. Muitas vezes traduz-se no número de empréstimos realizado e o aumento da emissão de cartões. Notamos também ao nível do serviço de referência tanto a nível quando os pais nos perguntam o que é que nós aconselhamos, como também os professores nos contactam e nos pedem materiais que sabem que nós temos na biblioteca e que podemos emprestar, mas também dizerem-nos “a nossa turma tem um projecto regular de turmas sobre os reis e rainhas” ou “vejam lá que sugestões têm”, a Reserva Ambiental do XXX [local] o ano passado fez-nos chegar um “bip”, “que títulos nos sugerem dentro das questões ambientais.</p> <p>V- Na análise há então um reconhecimento positivo deste trabalho da biblioteca?</p> <p>E8- Que se traduz neste serviço de referência [...]. Até os miúdos que nos aparecem e dizem “olha a professora diz que eu este período tenho de ler um livro; o que é que achas que eu devo ler?”. Perguntamos-lhe, então, o que é que gostas de ler, para podermos dar o livro certo ao leitor certo. Eles vêm-nos perguntar e nós damos ali sugestões.</p> <p>V- Como é que vocês se sentem, como acham que as coisas estão quando olham para as vossas PPL?</p> <p>E8- É muito bom, é o melhor que nós temos, é o retorno do nosso público. Nós percebemos que há uma satisfação do nosso público pela nossa oferta. Contudo, no que toca ao público escolar, o que eu posso dizer é que acho que os professores, apesar de ter uma alta participação, tudo o que oferecemos eles são sófregos, mas contudo são pouco críticos. Às vezes gostávamos de ver os impressos de sugestão com mais ideias, o que nos facilitaria o trabalho, porque também é um pouco conveniente da nossa parte, em vez de partirmos tanta pedra, para sabermos o que é que eles gostavam de ouvir se eles nos fossem deixando sugestões, nós poderíamos direccionar, assim, de alguma forma, somos nós que fazemos as grandes propostas, tendo em conta o tal rigor, a actualidade e tudo, mas ainda assim nós</p>

	<p>saudamos a participação deles.</p> <p>E8b- Nós estamos a trabalhar bem, temos muitas preocupações nos vários campos da literacia, procuramos sobretudo que a actividade acrescente alguma coisa a quem vem, não seja meramente ilustrativa, não seja só a animação, a palhaçadazinha à volta do livro, não, as coisas têm que ser importantes para nós e conseguirmos transmitir essa importância ao outro, acrescentar alguma coisa, é sobretudo isso.</p>
E9	<p>E- A leitura que fazemos de acordo com este processo que tem sido evolutivo, uma coisa era o relato dos trabalhadores/actores, relatavam as situações, com tinham sido as sessões, se tinham corrido melhor ou pior, o que valia a pena, o que não valia a pena, o que tinha que ser corrigido, o que tinha que ser aperfeiçoado, com quem vale a pena trabalhar, com quem não vale a pena trabalhar. Evoluímos muito, por exemplo, sabes que as câmaras gostam muito destas coisas diversificadas, aí deixamos de dizer que só recebíamos um grupo ou dois grupos, só trabalhar com um grupo ao todo, não queremos cá trabalhar para cem, não fazemos isso para cem, já fizemos. Esse trabalho faz a análise das sessões, como decorreu, era uma análise oral.</p> <p>V- O que é que, depois, avalias daí?</p> <p>E- ...</p> <p>V- Serve para uma reflexão da forma como estás a trabalhar? Para retirar conclusões?</p> <p>E- Não. Com grupos alargados não se conseguia chegar a conclusão nenhuma, não resultava os resultados que se queria, muitas vezes não passava a mensagem. Com os grupos reduzidos, percebemos que o trabalho é mais proficuo, por exemplo essa turma do XXX, assistimos concretamente que os alunos sabiam fazer coisas. [...]. Esta avaliação está a permitir, digamos que, que é para o que manter, que resulta. [...]. Confirma que há receptividade em contar a história, às abordagens que fazemos das histórias e da maneira como trabalhamos. E com os grupos, quando os grupos são mais particularizados e há um trabalho prévio de organização disto. E há uns resultados, por exemplo, sabemos que, quando vemos a hora do conto, se os nossos subscritores aumentam e os pais. Significa que isso funciona. Há também pedidos, aumenta o pedido da procura. [...]. O modelo está consolidado. [...] mas [há que] introduzir melhorias. [...] temos uma procura grande, mas não conseguimos dar resposta. Temos que ser selectivos [...], para já é em termos da equipa, introduzir outros elementos nossos. [...]. Mais para as reforçar para as respostas. Por outro lado, sabemos que os grupos destinatários, os nossos interlocutores começam a pedir mais exigências.</p> <p>V- Que tipo de exigências?</p> <p>E9- Exigências no sentido da... [...] Querem fazer actividades mais regulares, ir para aquele caminho de emriões de comunidades de leitores.</p>
E10	<p>E10- A avaliação no fundo é para termos o feedback daquilo que fizemos [...]. Analisámos os pontos positivos e os pontos negativos, o que temos a melhorar e funciona sempre para melhorarmos as próximas acções.</p> <p>V- E como é que vocês se posicionam perante a avaliação a estas práticas que têm feito nos últimos cinco anos?</p> <p>E10- Estão a cumprir os objectivos e, em muitos, estão a superar, tanto que nos pedem depois mais actividades dentro daquela linha, que não esperávamos, porque por vezes, lá está, eles vêm novamente ter connosco.</p>
E11	<p>E11- Daqui eu retiro o impacto específico, relativamente à concepção das nossas actividades em relação a três parâmetros. Em relação a três indicadores, a qualidade da equipa, o trabalho em equipa, a adequação dos parâmetros ao grupo etário.</p> <p>V- Grupo etário ou destinatários?</p> <p>E- Para mim é o grupo etário, o destinatário. Podes pôr destinatário. Nem sempre as actividades... Sabes que fazes aquilo para um grupo etário, mas por vezes as pessoas que estão de fora... Nós planeamos aquilo para um grupo etário, percebes, e isto tem dois níveis. Os adultos dão informação sobre a qualidade da equipa, a adequação ao grupo etário a que se destina a actividade e ao grau de satisfação global. As crianças dizem apenas se gostaram ou não gostaram; o grau de satisfação, não se pronunciam sobre mais nada. Isto é um tipo de informação que retiramos. E sobre a fidelização de público, se crescemos, mantemos ou não mantemos os públicos nestas áreas da promoção da leitura. Isso são dados quantitativos e frequência nas actividades. Outra informação é para desenvolvermos outro tipo de actividades; como isto tem uma parte das sugestões... uma...</p> <p>V- Uma informação para um uso prospectivo?</p> <p>E- Exactamente. Dá-nos informação para planear e desenvolver futuras actividades de acordo com o interesse do público, ok? Isto é um tipo de informação que nós retiramos daqui, retiramos também informação relativamente à fidelização de públicos, se mantemos ou não mantemos, se aumentamos ou não aumentamos os públicos nestas áreas, nestas vertentes. Porque tens dados quantitativos, porque isto é importantes saber, se estou a crescer ou a diminuir em relação aos públicos da promoção da leitura, entretanto fidelizados. Que outro tipo de informação? Informação para a proposta para desenvolver futuras actividades. Ou seja, como isto tem uma vertente de sugestões, para podermos planear o desenvolvimento de actividades de acordo com os interesses do público.</p> <p>V- Isto são os instrumentos, ferramentas que tu usas. Da leitura que tens, que fazes, que conclusões tiraste desta informação?</p> <p>E- Os dados das fichas que nós temos dão, em todos os parâmetros, entre 80 a 90% de satisfação. Muito satisfeitos.</p>
E12	<p>E12- Eu avalio o que estou a fazer, como podíamos fazer mais. Primeiro, podemos fazer mais, já fizemos mais do que fazemos neste momento, e o que eu posso dizer é que neste momento fazemos o que é possível com os meios que temos disponíveis, quer meios humanos quer técnicos. Não poderei aspirar a muito mais do que isso, mas gostaria de fazer muito mais iniciativas. Nós fizemos o ano passado inquéritos às pessoas sobre as nossas práticas, quer a nível das instalações, quer a nível geral do que fazíamos. Fazemos, não é, não só da parte da biblioteca, do que é a biblioteca, fundos experimentais que disponibilizamos na parte da animação e a avaliação foi completamente positiva.</p> <p>V- Estás a dizer o que o público acha, não o que tu achas.</p> <p>E12- Muito bom mas a precisar de melhoria. Por exemplo, estamos a ter falta de meios para ir mais além.</p>
E13	<p>E13- Fazemos acertos, por vezes, fizemos este ano, chegamos à conclusão dos relatórios que tínhamos, que não estávamos a fazer tanto trabalho com o público sénior como era necessário.</p> <p>V- Como é que chegaste a essa conclusão?</p>

	<p>E13- Pelos relatórios. [...]. E até mesmo, já tínhamos tentado fazer algumas coisas mas não conseguimos fazer de forma consistente. Então este ano resolvemos para o próximo ano lectivo aliás, vamos fazer uma coisa, vamos trabalhar directamente com a Academia Sénior, isso já está em termos de proposta [...] para depois, não são as aulas todas obviamente, mas dentro do calendário das aulas deles, ele virem à biblioteca e nós termos um trabalho para desenvolver com eles. [...] Normalmente as críticas e os comentários e a avaliação que fazemos é positiva, há sempre qualquer coisa que se pode melhorar.</p>
E14	<p>E14- Gericamente, há um à vontade para exercer aqui uma opinião e um comentário. Como sou eu que faço a coordenação do processo da qualidade, todos esses dados passam por mim, maioritariamente. Uma taxa muito elevada, as pessoas estão muito satisfeitas com as actividades que estamos a oferecer. Penalizam-nos essencialmente em duas áreas, e são áreas de análise difícil. Por um lado a divulgação, acham que divulgamos pouco, e depois pela regularidade. [...]. Mesmo em actividades regulares, por exemplo, vamos ver o período de leitores, quem está inscrito, recebe no início do ano o calendário de todas as actividades, e nós fazemos uma avaliação sessão a sessão. Em todas as sessões as pessoas põem, divulgação – deficiente, mesmo quando a pessoa já sabia quando era a actividade e ela [a divulgação] continua a sair, continua a ser publicada na agenda cultural, na nossa newsletter da mailing list, no blog, no Facebook, mas as pessoas continuam a achar que... As pessoas confundem muitas vezes, a questão da divulgação, ou seja, elas tomarem conhecimento daquela actividade, com outra questão que é a mediatização da actividade. Mas vamos lá ver, porque é que acha que é pouco divulgado? Porque não se vê nada, não se ouve um spot na rádio, não há um anúncio de televisão, não há um “outdoor”, não vem nos jornais ou nas revistas. Confundem, muitas das vezes, divulgação com mediatização, por ser uma actividade reconhecida e que é muito divulgada, porque é a única explicação. Agora a regularidade, e nós temos todos os dias da semana, nós temos disponíveis actividades para grupos escolares, temos oferta em todas as bibliotecas, todos os dias da semana, pode haver dias que não realizamos porque não houve inscrições, mas é raro. E todos os sábados, nas XXX bibliotecas, temos sempre actividades para as famílias e mesmo assim as pessoas acham que a regularidade devia ser maior. Compreendo, com a regularidade de serviços, compreendo com a qualidade do que oferecemos também e com a necessidade das pessoas quererem mais oferta. Mas depois entramos nos campos de termo actividades à noite, aos domingos, aos feriados, fechamos menos vezes. [...] as pessoas confundem divulgação com mediatização. As pessoas sabem o que acontece, quando acontece, e onde é que vai ser. Mas queriam ver mais, ter o reconhecimento num “outdoor” no meio da estrada, ver um “spot” na televisão, confundem essa questão. A actividade em si, os convidados, os conferencistas, os animadores, os escritores, as exposições ou a actividade, eles avaliam isso tudo sempre muito bem.</p> <p>V- Mas a única coisa em que eles são críticos é em relação à divulgação, de resto está tudo bem?</p> <p>E- Sim. Acontece, com certeza, haver opiniões de pessoas que não gostaram daquela actividade, mas que não é a opinião da maioria. Nós até conseguimos ter uma boa classificação por aqui em XXX [âmbito], [...] mas mesmo assim temos uma escala muito boa, menos nesses dois indicadores, em que as pessoas nos penalizam muito. Na divulgação e na regularidade; queriam mais dias, mais vezes, mais acções.</p> <p>V- Então a crítica à regularidade não é no sentido de as actividades serem irregulares mas no sentido de uma maior intensidade?</p> <p>E- Intensidade e periodicidade, exacto.</p>
E15	<p>E- Estamos satisfeitos sabendo que podemos fazer muito melhor. Quando eu digo que estamos satisfeitos é chegámos a um ponto em que por muitos inquéritos que hajam, por muitas reuniões de avaliação que haja, etc., chegamos a um ponto em que “o algodão não engana” e temos a biblioteca, e às tantas vejo-me e desejo-me, aqui em XXX [local], os nossos colegas informáticos, no outro dia, usaram uma expressão patética, mas que é verdade: estamos um bocado na periferia e às vezes vale a pena a tutela dar-se ao trabalho de se deslocar cá para ver como de facto, como estão as pessoas.</p>
E16	—
E17	<p>E17a- O “feedback” que eu tenho é que as pessoas querem mais, ou seja, não chega aquilo que nós fazemos.</p> <p>E17- Normalmente quando pedem estão muito satisfeitos.</p> <p>E12a- Sim. É sempre noventa e tal por cento satisfeito e muito satisfeito.</p> <p>V- Há um desejo expresso de continuidade?</p> <p>E17a- Há um desejo expresso que a gente continue e se possível retomemos... [...].</p> <p>E17- E há críticas de ser diminuído.</p> <p>E17a- E para que retomemos as coisas que fazíamos antigamente e que, infelizmente, deixámos de fazer.</p> <p>V- E vocês, como avaliam os resultados?</p> <p>E17a- Estamos satisfeitos com os resultados que temos, mas sentimos que estamos limitados.</p> <p>E17- Temos sugestões, ainda há pouco tempo aquelas duas professoras, um trabalho muito interessante com leitura e ao mesmo tempo com uma professora de português e de artes visuais, elas puseram-se a fazer [preparar] um ateliê, durante um mês, e depois nunca foi feito.</p> <p>E17a- As críticas sentiram-se, é tão óbvio, o que já tiveram. É por aí que elas [as pessoas] pegam mais. O “hardware” que temos, o que actualizamos e é actualizado. Nós nem sequer temos computadores como deve ser.</p>
E18	<p>V- Que análise e leitura é que faz dos resultados de avaliação das PPL nestes cinco anos?</p> <p>E- Eu acho que em termos de resultados é muito difícil fazer, era bom que nós conseguíssemos avaliar mais do que os resultados, os impactos que estas coisas têm. Mas em termos de resultados eu julgo que há uma boa aceitação por parte do público. Conseguimos, julgo eu, através de algumas destas actividades, fidelizar o público à biblioteca. Criar em alguns deles o gosto pelo livro, pela leitura e também pela frequência da biblioteca, julgo que é um dos objectivos também.</p>

Quadro 68 – Unidades de contexto da leitura da amostra às avaliações das PPL. Fonte: produção própria.

Amostra	Factores	Fundamentação da maior relevância de factores nos resultados das PPL
E1	A,E,L	E- Porque são os mais observáveis. As pessoas quando participam nas nossas iniciativas depois demonstram.
E2	L	E- Isto tem a ver sobretudo com os resultados obtidos, [...] [o que é reportado] ainda que eu ache que nós pecamos um pouco por muitas vezes não conseguirmos partir do lúdico para aquilo que é mais substantivo em termos de literacia e acho que nos falta sempre dar esse salto.
E3	A,H,I,J	E- Nós desejávamos que fosse isto tudo e com elevada relevância. Leitores competentes e informados geram leitores exigentes, autónomos e com sentido crítico.
E4	A,B,G,H,K	E- Porque estes são os que estão mais virados para a formação do perfil do utilizador e do cidadão que devia ter essas competências bem desenvolvidas, até como pessoa de um utilizador de um espaço público como a biblioteca e como ser humano, eu acho que estas ajudam a complementar, a ter uma percepção da cultura, da educação, da literatura, da forma de estar na vida também, não coloco só, para a formação pessoal de qualquer indivíduo.
E5	A,B,G,J,L	E- Temos essa percepção um pouco pelo feedback e por tudo aquilo que fazemos depois das iniciativas. Nós como estamos num meio em que, felizmente, estamos sempre em contacto com os professores e alunos e temos o feedback das iniciativas e a importância das iniciativas para algumas situações que vamos sabendo, e que nos deixa muito contentes por estarmos minimamente activos naquilo que nos propusemos, que é contribuir para semear o gosto pela leitura, pelos nossos utentes, pelos nossos leitores.
E6	A,B,G,H, I,J,K	V- Deseja acrescentar a estes outros factores? E- Não. V- Porque é que acha que estes atingem maior relevância? E- Porque estes são mais visíveis para nós. Conseguimos detectar, pessoalmente, esses resultados.
E7	A,B,C,F,J,L	E- Porque foram os que entretanto foram mais trabalhados e mais aprofundados e fizeram mais.
E8	B,G,H, I, K	E- Acabam por ser transversais [...]. Acharmos que de alguma maneira a nossa acção complementa a educação não formal, a educação que se faz para além dos conteúdos escolares, [...] a direcção da actividade foi nesse sentido, investiu-se mais nesses aspectos, que consideramos que para os receptores, para os participantes, que não são meramente receptores, era aquilo que nós gostávamos no final.
E9	A,B,C,G,I,J	E- Porque aquilo que a gente conhece depois de conversas com o professor e do lado escolar também dizem que vão acompanhando a evolução dos grupos, notam a melhoria dos grupos em termos de comportamento e atitude e isso reflecte-se em alguns daqueles casos, isso é baseado em alguns daqueles casos mais localizados.
E10	A,B,C,D,E, G,H,I,J,K,L	E- É o feedback que nos fazem chegar, realmente são esses, depois, os resultados. Era mesmo aquilo que queríamos atingir.
E11	B,D,E,G, I,J,K	V- Porque é que achas que estes factores atingiram uma relevância maior nos resultados das práticas? E- Porque são competências que são necessárias, fundamentais. E eles são confirmados como sendo relevantes pelas informações e os resultados que recolhemos nas avaliações.
E12	A, I	E- Tem a ver com a nossa, com os objectivos que também têm mais possibilidades, estás a perceber?
E13	A,B,G,I,J	E- No caso da promoção dos valores pessoais, eu acho que mais do que ser as competências específicas da oralidade é mesmo... Para nós, também, são mais importantes como ponto de partida. V- Então, de alguma forma, tiveram este resultado porque, em parte, elas foram objecto das vossas opções iniciais? E- Exactamente.
E14	B,H,I,J,	E- Porque acabam por ser aqueles que sendo os mais tradicionais, são aqueles que nós temos a percepção, e a reacção das pessoas, que são mais valorizados também, que as pessoas mais gostaram de ver trabalhar, ou ver desenvolvidas ou representadas essas competências nas áreas de trabalho nas nossas actividades. Por isso é que é também importante estes momentos e, ainda que não estejamos nessa fase, quero agradecer-lhe, também, ter vindo.
E15	K,L	E- Porque? Porque continuo a acreditar que independentemente de qualquer actividade que se faça, continua a ser ainda a leitura lúdica, a parte lúdica o objectivo último, das pessoas virem, procurarem a leitura. [...]. E depois a questão da comunicação tem muito a ver com as vivências criadas, eu estou a deduzir que a comunicação entre a comunidade, a comunicação entre pares. Que estas actividades, por permitirem uma sociabilização, abrem as pessoas e por consequência dá-nos mais capacidades, e elas têm que forçosamente [de] desenvolver capacidades de comunicação [...]. V- Porque é que acha que isto aconteceu mesmo? Que evidências tem disto? E- Pelas pessoas ficarem, muitas das vezes, a fazerem parte de um grupo... V- Então... pela fidelização? E- Exactamente. V- Estou a interpretar bem? E- Está a interpretar muito bem.
E16		—
E17	A,B,L	E17- Por que foi as que nós nos apercebemos mais. V- Mas porquê é que têm essa impressão? E17a- Por aquilo que as pessoas diziam, por exemplo, porque as pessoas falavam connosco, pela procura aqui das obras. Estas partes são tão específicas que eu não tenho muita certeza [...]. É mais por percepção
E18	B,G,H,J	E18. Como resultado natural das actividades e porque nós temos essa percepção pelo retorno que se recebe. V- Isso nota-se, depois, no retorno das pessoas? E18- Sim. V- E nos outros? E18- Pelas informações da animadora e pelas respostas dos próprios aos questionários. Os outros [contribuição para o domínio de conceitos de leitura textual e contribuição para a formação de leitores mais competentes] é resultado da nossa interacção com o público com base nos materiais que produzimos, ainda que seja uma informação não muito mais... para podermos ter a relevância com mais... V- Para a afirmarem com base em evidências mais sustentadas? E18- Sim.

Quadro 69- Fundamentação da maior relevância de factores nos resultados² das PPL. Fonte: produção própria.

² Parte da amostra não utilizou a variável “elevada relevância” (veja-se, na dissertação, Quadro 25). Para não omitir a expressão qualitativa desses casos, eles apresentam-se assinalados nas respostas à variável anterior de valor, a de “muita relevância”.

Amostra	Factores	Fundamentação da menor relevância de factores nos resultados das PPL
E1	C,DFJ,K	E- Porque não conseguimos observar mais do que isso.
E2	C,D,E,FL	E- Não conseguimos ainda ter aí uma programação definida.
E3	L	Tem sempre alguma relevância, uma vez que o prazer da leitura pode associar-se a uma vertente lúdica mas não se considera como principal, é só complementar
E4	C,D,E,F, I,J,L	E- O sucesso escolar se uma pessoa tiver estas competências, o sucesso escolar também será bom não é, também terá um nível melhor. São mais complementares, não sei. Por só adquirir estas, a promoção da leitura e de modelos de escrita se tiver estas bem desenvolvidas, se calhar aqui a relevância é muita, mas não tanto como as competências na escrita. As literacias da informação realmente são importantes e cada vez no mundo de hoje é muito importante que a literacia esteja bem desenvolvida.
E5	F	E- Se calhar não é não atribuir, é uma área em que estamos a trabalhar pouco.
E6	C,D,E,F, L	V- A estes aqui atribuí-lhes muita relevância, mas apesar de tudo menos do que aos outros. Porquê? E- Este aqui, porque é evidente que há uma finalidade lúdica, mas não é o nosso objectivo principal. Relativamente a este, não é por lhe ter atribuído uma relevância menor, mas é porque não tenho elementos, concretamente, que possa, nem sequer sensoriais ou visuais, que eu possa dizer, efectivamente eu acho que atingiam... V- Para ter uma opinião? E- Exacto, é isso.
E7	E,G,H	E- Porque eles também não foram abordados da mesma forma que os outros. V- Não foram abordados tão aprofundadamente? E- Não foram.
E8	F	E- Há menos investimento. E porque só há uma actividade que propriamente foca a questão da escrita, que é a de escrita criativa, é uma escrita muito no ponto de vista lúdico. V- Então eu não estou a ser abusiva se achar que existe aqui uma correlação entre aquilo que é o investimento da própria biblioteca e aquilo que são os resultados alcançados? E- Sim. Há.
E9	F	E- Não é muito abordado, também não conhecemos muito o que é que fazem e há sempre, para mim são as coisas que tinham mais impacto e que se vão conhecendo.
E10	F	E- É aquilo que achamos que ainda não tem grandes resultados, que ainda não se revela. (...) Não é uma coisa que conseguimos ver logo, porque se calhar a pessoa vai começar a ler e o facto de começar a ler vai-lhe dar competências, que se calhar só mais tarde é que vai ter, não é tão imediato. O factor de uma pessoa vir aqui a uma actividade e que aprende como é que se há-de movimentar na biblioteca, como há-de fazer uma pesquisa de informação é uma coisa que pode ser imediata. Agora o reflexo que essa PPL tem na sua forma de escrita, não é tão imediato. É uma das coisas que nós estávamos a tentar fazer com XXX, em que conseguindo o contacto precoce com o livro, fez com que essas crianças adquirissem competências diferentes de outras que não tinham.
E11	C	V- Porquê é que este teve apenas alguma relevância? E11- Achamos que tem relevância, mas temos muito pouco... capacidade de perceber este efeito. Mas o ciclo para ser leitor teria sempre relevância para o sucesso escolar.
E12	E,F,H	E- Não tem tido o mesmo peso. Se olhares para as nossas actividades tem havido desde escrita criativa, mas não tem tido o mesmo peso.
E13	L	E- É a mesma. [Não foram objecto das opções iniciais.]
E14	A,F,K	E- Não são aquelas áreas em que, quando pensamos nas actividades, num primeiro momento, equacionamos ou são mais valorizadas. Depois, também, para desenvolver, também não são aquelas que, conseqüentemente, também se não pensamos antes, não temos que fazer esse feedback da parte das pessoas. Não têm sido as áreas que têm sido mais valorizadas.
E15	C,G	E- Não é uma questão de resultar, por observação resolvi ser prudente, porquê? Não consigo medir. São coisas que não consigo medir. V- São factores mais dificilmente mensuráveis e não pode ter tanta percepção deles? É isso? E- É.
E16		—
E17	C,D,E,F,G, H, I,J,K	E- Porque não tivemos esse tipo de feedback.
E18	I	E- Porque as próprias actividades não se centram muito no desenvolvimento destas competências.

Quadro 70- Fundamentação da menor relevância de factores nos resultados³ das PPL. Fonte: produção própria

³ Parte da amostra não utilizou a variável “menor relevância” (vd. Vol. I, Qd.. 25). Para não omitir a expressão qualitativa desses casos, neste quadro, eles apresentam-se assinalados nas respostas à variável posterior de valor, a de “alguma” ou “muita relevância”.

Amostra	Fundamentação dos factores críticos com impacto nas PPL
	Unidades de contexto discursivo
E1	<p>E1- Captar público quando não são actividades para as escolas, quando são actividades individuais nas bibliotecas. [...] de qualquer faixa etária.</p> <p>E1b- Que nós consigamos atingir as escolas, os mais pequeninos, os jovens, os seniores, há ali uma faixa etária entre os trinta e seis e os cinquenta e tal que nós não sabemos o que havemos de fazer para eles.</p> <p>E1- Há uma coisa que eu acho quando são actividades para as escolas, que tem a ver com uma questão de conceptualização em si, o conhecimento da realidade não é tão profundo quanto deveria ser. [...] nós somos uma biblioteca e o acto de ler tem que ser um acto voluntário, a pessoa tem que ter motivação para.</p> <p>E1a- Eu acho. Uma das dificuldades é que a biblioteca não está tão entrosada na comunidade como gostaríamos que estivesse.</p>
E2	<p>E- São factores críticos não podermos contratar especialistas. Por exemplo, nós notamos que as coisas correm muito bem quando temos aqui alguém que é especialista em teatro.</p>
E3	—
E4	<p>E- O público, se as outras coisas, como a divulgação, se estiver bem-feita, eu acredito que o público venha. Se calhar uma falta de interesse do público do concelho. O concelho é um bocado disperso. [...] É também para que o público possa estar aqui, e nós tentamos ir ao encontro do público que vem à biblioteca. Acaba por estar interligado com a divulgação.</p> <p>A pior, é a falta de recursos financeiros. Nós de tudo o que foi feito, isto aqui, tirando a questão do IPLB, conseguimos fazer o que fizemos; aquelas coisas que tinham que ser feitas por aqui, mas fez-se. Agora difícil, difícil é nós querermos trazer alguém ou alguma coisa que soubéssemos que, realmente, iria mexer, que iria impulsionar, que iria trazer público, mas a pessoa diz, “sim senhora vou aí mas é X” e não temos. A motivação quem não tem... quem tem faz por todos. [...] A divulgação, porque a divulgação à comunidade não é feita pela biblioteca.</p>
E5	<p>E- Agora com esta falta de dinheiro... antes, as bibliotecas tinham muito dinheiro para vir gente de fora e nós não sentimos nada disso com a animação; continuamos a ter prata da casa, formamos os nossos técnicos de biblioteca e há possibilidade de terem mais conhecimento na área e hoje grande parte dos técnicos estão a fazer animação. Agora é notório que temos técnicos que estão a fazer animação mas continuam a fazer o trabalho normal e isso é uma coisa complicada [...]. Sabe que a questão da leitura e da promoção da leitura não serve de muito se nós das bibliotecas estamos preocupados com a promoção da leitura quando a própria escola não desenvolve a promoção da leitura. Temos uma coisa um pouco ou quanto estranha que lançaram para aí... há pessoas que acham que é interessante, mas eu não vejo isso tão interessante quanto o plano nacional de leitura.</p> <p>Eu sei que aquele buraco negro existe, mas não sei se o buraco negro existe porque nós, se calhar, todos e não só as bibliotecas, não se trabalha de outra forma para aquela faixa etária [...]. Se quiser precisar, da faixa etária dos catorze aos dezoito.</p> <p>V- E quer incluir isso aqui como um problema?</p> <p>E- É um problema.</p>
E6	<p>E- Basicamente é a falta de verbas, falta de recursos financeiros.</p> <p>V- Mais?</p> <p>E- Eu acho que o nosso problema é mesmo falta de recursos financeiros. Quer para adquirir documentação, quer para adquirir outros materiais que precisamos. Essa é a nossa grande dificuldade, porque imaginação, vontade e competência, não faltam aos técnicos que trabalham aí, faltam-nos mesmo pessoas, ou seja o público.</p> <p>V- Falta público?</p> <p>E- Não, não. Público, para cada projecto que nós temos, também não falta. Mas nós também temos um bocado essa preocupação em que, efectivamente, se façam projectos em que temos a certeza que conseguimos assegurar público. Eu acho que aquilo que nós temos menos público é nas exposições, mas isso é uma actividade muito secundária.</p> <p>V- Não considera que pode ser um projecto de promoção de literatura visual?</p> <p>E- Nesse sentido sim, não no sentido directamente literário.</p>
E7	<p>E- Aqui, concretamente, na biblioteca de XXX [concelho], acham um factor crítico... Digamos que nós não temos falta de recursos humanos, temos é falta de profissionais.</p> <p>V- De recursos humanos qualificados?</p> <p>E- Recursos humanos qualificados específicos para as áreas da animação. Porque temos aqui colegas que não são de animação e a colega avança para a área da animação, porque eu assim a “obrigo”. Nós até 2005 só tínhamos o tratamento documental e depois avançamos com a abertura do XXX [serviço], precisávamos de animação e em 2005 as colegas são “obrigadas” a avançar para a animação.</p> <p>V- E mais?</p> <p>E- A divulgação é aqui sem dúvida um “handicap”. Nós temos as actividades só que não chegam ao público. O simples facto de termos a “newsletter” electrónica, enviada pelo nosso gabinete de relações públicas, o cartaz colocamos na porta, o convite só não chega. Tem que haver outra forma que ainda não descobrimos. [...] O que nos falta e nos continua a faltar é os estudos sobre públicos, saber o que é que o público espera encontrar aqui na biblioteca e há faixas etárias às quais não conseguimos chegar. [...] há eventos [a] que as pessoas não aderem. E temos outras atividades, [...] tínhamos o auditório completamente cheio de pessoas e foi feita uma divulgação, era uma actividade promovida por uma associação, em que houve uma marcação cerrada, em que as pessoas estavam interessadas em vir a esta actividade. Há aqui faixas etárias em que nós não conseguimos, é nessas que temos que apostar. Porque a faixa etária do ensino do pré-escolar e ensino básico está ganha. Os jovens é complicado e nós sabemos que é, depois há a faixa adulta [...] mas a faixa adulta é uma das que temos que chegar e vamos ver se conseguimos chegar neste ano de 2014 [...].</p> <p>V- Acha, então que é um problema esta questão de públicos que estão a ser difíceis de atingir?</p> <p>E- [...]. A política desta casa tem sido investir em actividades de animação interna e disponibilizar técnicos. [...] Antes, as bibliotecas tinham dinheiro para vir gente de fora e nós não sentimos nada disso com a animação; continuamos a ter prata da casa, [...] e parte dos técnicos estão a fazer animação [...] mas continuam a fazer o trabalho normal e isso é uma coisa complicada [...] isso é uma sobrecarga. E até com a intenção de atingir outras faixas etárias há falta de pessoas.</p> <p>V- Anoto, então, que considera isso um factor crítico?</p> <p>E- Eu não sei se isso não é um factor crítico que é devido às nossas deficiências, em não termos pessoal suficiente para nos</p>

	<p>dirigirmos a essas faixas etárias .Nós temos, por exemplo, aqui jovens na biblioteca [...] que são estudantes universitários. Mas eles estão dentro da biblioteca, estão ao corrente do que se passa na biblioteca. Mas só com o portátil e a internet. [...]. E nós temos tentado as mais diversas atividades. [Enuncia diversas actividades: de arte, com componente teórica e prática; cozinha em microondas, arranjos florais para o natal, artes decorativas]. Primeiro interessava que elas entrassem na biblioteca, encontrassem e ficassem cativados pelos livros e nada disso motiva as pessoas, nomeadamente, até essas actividades [...]. É uma população muito desligada da biblioteca. Aqui temos, por exemplo, as inaugurações, a última que tivemos aqui estava o pintor e estava o amigo e não estava mais ninguém. Depois há inaugurações que temos o pintor que mobiliza os amigos todos e temos cem pessoas aqui.</p>
E8	<p>E8- Nós gostávamos muito de ter um autocarro. Isto porquê? Porque nós temos escolas fora da sede do concelho e era importante a vivência da biblioteca. Não é a mesma coisa ir promover um livro a uma sala do que eles poderem assistir à promoção do livro no espaço biblioteca. Há muitos meninos que se não vierem com os professores à biblioteca, nunca virão com os pais e, se calhar, tão cedo não vêm autonomamente.</p> <p>V- Mais?</p> <p>E8a- A aquisição de fundo documental actual. Nós compramos os livros para trabalhar, compramos o nosso material porque a câmara não adquire, há anos, fundo documental, vivemos de doações e do nosso empenho, ou seja, eu quero aquele livro vou comprá-lo.</p> <p>V- Mais?</p> <p>E8a- Nós gostávamos de ter acções que pudéssemos adquirir também ao exterior. Nós fazemos as coisas e gostamos de as fazer, mas acho que às vezes gostávamos de uma coisa diferente. Para.....</p> <p>V- Para... , também, poderem ter um olhar com que se confrontarem?</p> <p>E8- Isso.</p> <p>E8a- Isso, Vera</p> <p>V- Há mais?</p> <p>E8a- Mesmo a nível externo? Podemos falar das escolas, dos professores, do ambiente que se vive nas direcções dos agrupamentos, eles não estarem motivados?</p> <p>V- Sim, sim.</p> <p>E8a- Acho que passa um bocadinho por aí, a desmotivação dos professores às vezes em trabalhar e continuar a trabalhar os temas E em a participar nas actividades. A questão é, são pouco críticos. Nós precisávamos que o professor dissesse, “olhe não gostei nada disto”. As vezes podiam ter um olhar mais sugestivo...</p> <p>V- Querem dizer...sentiram falta de contributos críticos que pudessem ser estimulantes?</p> <p>E8- Sim. Estamos satisfeitos, não é no mau sentido, é...</p> <p>V- Uma necessidade de um maior contributo crítico que funcione como estímulo?</p> <p>E8- Exacto.</p> <p>E8a- Exactamente.</p> <p>E8- As parcerias com as bibliotecas escolares agora estão um pouco... agora não há professores bibliotecários, mudou a direcção dos agrupamentos e com estas mudanças... Há dificuldade em manter as parcerias com as bibliotecas escolares. Em manter ao nível do que já trabalhámos no ano lectivo. Actividades em pareceria que estão a cair.</p> <p>E8a- Estão fechadas a maior parte das bibliotecas escolares por falta de professores. [...] quando falta um professor é o professor bibliotecário que vai substituir o titular.</p> <p>V- Há mais alguma questão que vocês acham que podia melhorar?</p> <p>E8- Há aqui sempre o problema da divulgação, não tanto para estas actividades para o público escolar que consegue articular directamente com os coordenadores e estabelecimentos. Mas muitas vezes temos dificuldade em divulgar as actividades. O nosso serviço de comunicação e imagem funciona muito mal.</p> <p>E8a- infelizmente o nosso site não é nada apelativo, não se consegue chegar à informação com muita facilidade.</p> <p>E8- Isso só não nos prejudica mais porque articulamos directamente com os professores.</p> <p>E8b- O facto do não reconhecimento destas questões por parte do próprio executivo.</p> <p>E8- Isso é muito importante porque a nossa motivação é intrínseca, porque se dependesse da motivação que nos dessem...</p>
E9	<p>E- Factor crítico é logo, no primeiro momento, ter recursos humanos, ter pessoas. [...] Recursos humanos preparados. Portanto com apetência para a promoção e, depois, precisarem de qualificação, de trabalho.</p> <p>V- Mais algum?</p> <p>E- Outro factor crítico é também do outro lado, a questão dos interlocutores, se existe ou não existe interlocutores válidos do lado dos destinatários, eu estou-me aqui a focar muito no mundo escolar, nós aqui temos que fazer opções, não dá para tudo, portanto optámos que de pequenino é que se torce o pepino, começámos com os grupos escolares enquadrados. [...] Aí [a promoção da leitura] precisava ser uma política de escola. [...] .O participante, esse aí é consoante aquilo que se lhe der, desde que são se faça coisas idiotas. [...]. Os outros são muito condicionantes e aqui deveria haver uma política de escola, eu diria quase uma política municipal, os municípios têm já as coisas de educação, o tal projecto municipal territorial. Sempre defendi que o plano nacional de leitura era um bom embrião para os municípios fazerem um projecto educativo e cultural, em termos leves, um contexto muito abrangente. É um exemplo, uma boa forma dos agrupamentos de escolas ganharem coesão, ganharem identidade, porque é uma coisa muito difícil em alguns territórios [...] também tem a ver com as pessoas, porque algumas não querem trabalhar com os outros, não estavam habituados a isso, eram autónomas, trabalhavam sozinhos, estavam dependentes do ministério, do programa e agora têm que trabalhar com o resto. A cooperação é algo que tem que ser mais trabalhada, mais desenvolvida.</p> <p>V- Há outros factores críticos?</p> <p>E- Outro factor crítico, estamos a promover a leitura, é a questão de recursos. Recursos informativos, documentos.</p> <p>V- Mais algum factor crítico?</p> <p>E- O que estou a ver agora aqui é essa, a questão dos recursos, depois hei de lá chegar. É também a questão de ter os recursos e os recursos chegarem às pessoas. já falámos da acessibilidade, tornar as coisas disponíveis. Uma coisa é ter, posso ter tudo concentrado aqui, mas não chego lá, tendo em conta o meu território, este aqui é um território denso. Nós temos feito esse trabalho, temos pontos de leitura fixos nesses territórios e temos na itinerância, mas... [...]. Se não há interlocutores válidos, não conseguimos comunicar, não conseguimos comunicar, quer dizer, temos lá o universo, mas depois os interlocutores não se envolvem naquilo [...] e aquilo não dá continuidade é apenas “para inglês ver”, como se costuma dizer. Nós precisamos de pessoas actantes que continuem o</p>

	<p>trabalho [...].</p> <p>V- Queres dizer, que acontecem no momento e não consolidam?</p> <p>E- Sim. Aqui o que interessa é lançar sementes.</p>
E10	<p>E- É muito difícil eles chegarem cá e, depois, há outros serviços da Câmara que têm, como estávamos a falar há pouco, que têm lá clubes de leitura para os jovens. Eles fazem um trabalho, porque é um público que é difícil trazê-lo, de captar. [...]. Mas há respostas locais. Têm os clubes de leitura e têm os clubes das novas tecnologias e o uso das novas tecnologias. [...]. Faltam-nos recursos materiais para enriquecer e diversificar as PPL. E era preciso, também, recursos humanos mais informados [...] que tenham sensibilidade para distinguir e compreender as diferenças entre promoção da leitura e actividades lúdicas.</p>
E11	<p>E- Falta de formação em vertentes que são suportes à promoção da leitura. Por exemplo, psicologia infantil. Isto ser uma equipa que constróis para a biblioteca, ou seja, acho que isso é um factor crítico. Uma coisa que não tens e é um factor crítico. Em vez de comprares actividades tens uma equipa. Eu tenho e isso é bom. Nós não temos, por exemplo, [...] algumas técnicas do teatro, colocação de voz. Coisa que faz falta às pessoas de formação. O que eu acho que é um factor crítico é não ter mais competências instaladas.</p> <p>V- Então vê se entendi: insuficiência de competências específicas em vários âmbitos para suporte à promoção da leitura. É isto?</p> <p>E- Sim. [...] É muito importante garantir abordagens diversificadas e uma dinâmica nas propostas para o público, porque senão as pessoas não têm uma maior dinâmica de intervenção junto dos públicos, de adequação das actividades ao público. São duas coisas. Por exemplo, a formação na área da psicologia é extremamente importante quando estás a trabalhar com miúdos e ninguém tem formação na área da psicologia. Aquilo que tu tens é o que vais estudando, vais lendo algumas coisas ...</p> <p>V- Mais?</p> <p>E- Uma melhor adequação... mas isso não se resolve, do espaço, ou seja, o espaço que nós temos em termos de arquitectura, planeado para as actividades, muitas das vezes é limitador. Nós aqui temos algumas limitações dadas pelo espaço, [pela] inadequação do espaço arquitectónico para algumas actividades. O espaço existente limita e condiciona as actividades a desenvolver [...].</p> <p>V- Mais?</p> <p>E- Recursos financeiros e recursos tecnológicos.</p>
E12	<p>E- Isto é o que eu sinto. Penso que tem a ver com este tempo, com as dificuldades actuais, não é?</p>
E13	<p>E- Os recursos necessariamente, por que precisamos...</p> <p>V- Que recursos são esses?</p> <p>E- Os recursos financeiros, acaba por ser condicionante.</p> <p>V- Para alguma coisa em especial estes recursos?</p> <p>E- Para tudo. Por exemplo, no último ano nem sequer consegui comprar livros novos praticamente. Há a questão dos recursos informativos, porque se nós queremos pôr as pessoas a ler mais, nós temos que ter os recursos na biblioteca. Depois, a nível do trabalho que se faz, nós gostávamos de ter um leque mais diversificado para proporcionar às pessoas e acabamos por estar limitados àquilo que nós conseguimos fazer. [...]. Há espectáculos de promoção da leitura que são excelentes mas que implicam a aquisição de serviços ao exterior. E neste momento temos muita dificuldade.</p> <p>V- E mais?</p> <p>E- Um dos problemas que eu sinto também é que nem sempre as pessoas com quem queremos trabalhar estão tão disponíveis quanto nós gostaríamos que elas estivessem.</p> <p>V- Podes detalhar?</p> <p>E- Os professores e o público em geral.</p> <p>V- E isso reflecte-se negativamente em quê?</p> <p>E- No trabalho de articulação com as escolas, para fazer alguma coisa que saia fora da rotina. Nós há uns anos atrás chegamos a fazer actividades à noite com uns professores bibliotecários e hoje em dia já não sinto que eles estejam tão disponíveis para colaborar nesse tipo de acção. Eu sinto que os professores já estiveram muito mais disponíveis para trabalhar connosco do que estão hoje em dia.</p> <p>V- E mais?</p> <p>E- Os contextos, o nível cultural das pessoas, mas por aí é mais que evidente, isso faz parte do contexto onde trabalhamos, a falta dos hábitos culturais, eu sinto isso com as actividades que nós fazemos, mas sei que outros colegas sentem o mesmo, não é. As pessoas muitas vezes preferem ficar em casa do que sair para vir a determinadas actividades que nós temos para oferecer.</p> <p>V- E mais.</p> <p>E- Acho que já falei do essencial.</p>
E14	<p>E- Temos de ter uma estratégia para o que se quer fazer e de rever a relação com as escolas, repensar a relação com as escolas. E de avaliar a rede de bibliotecas de XXXX [concelho] e pensar se queremos continuar com a lógica de abrir espaços ou se vamos pensar que implantação devemos ter no terreno.</p>
E15	<p>E- Factores críticos, para mim, são recursos humanos formados; uma visão bem delineada, o que é que queremos com a promoção da leitura. Isto de uma visão bem delineada porque se nós só tivermos esta visão é o que conseguimos tentar pregar. Há um fio condutor mas falta-nos pôr este fio condutor num plano mais global.</p> <p>V- Há mais alguma coisa que, para si, seja crítico?</p> <p>E- Está aí tudo, ò Vera, só nos recursos humanos está tudo.</p> <p>V- Mas quando me disse, tomei nota, disse recursos humanos formados. Refere-se à insuficiência numérica dos seus recursos humanos formados ou à necessidade de lhes dar formação?</p> <p>E- Estou-me a referir às duas, recursos humanos em quantidade e recursos humanos formados, para fazer e conceber. Insuficiência de recursos humanos.</p> <p>V- E porque é que você acha esta parte da formação importante?</p> <p>E- Acho importante que as pessoas tenham uma formação específica. Levanta-me problemas porque, essencialmente, quando quero fazer um projecto de promoção de leitura, etc. essencialmente, tenho que recorrer a prestadores externos.</p> <p>V- E têm recursos para isso?</p> <p>E- Pontualmente vamos tendo.</p>
E16	<p>—</p>

E17	<p>E17a- Na área dos projectos que enviamos para cima. A aprovação das propostas que são apresentadas no Plano de Actividades.</p> <p>E17- Depois quando despacham dizem que não há dinheiro. Depois só podemos fazer aquelas que a gente faz por nós próprios. Os recursos humanos tiram-nos o pessoal e não... nunca nos deram pessoal suficiente para fazer uma equipa de animação. Temos sempre que coordenar com outras; é uma dispersão muito grande de recursos.</p> <p>V- Mais?</p> <p>E17- Isto passa tudo pelos recursos. Queríamos um trabalho continuado, mais na área das oficinas de leitura, quer para os adultos e cursos breves, quer formações que dissessem respeito às necessidades das pessoas, sendo que elas... Mais diversificado e mais continuado. Para irmos mesmo trabalhar com pequenos grupos, como já fizemos, para que conseguíssemos ter resultados mais evidentes nas áreas que fossem necessárias, quer pedagogicamente ou de apoio curricular, em conjunto com os professores, em complemento com o que eles fazem nas bibliotecas escolares. E, também com os adultos, e com o público em geral. Com as famílias também, o trabalho que nós iniciamos de leitura para as famílias também parou praticamente, só temos os XXX em família que são os contos. Todas essas áreas precisavam de continuar a ser desenvolvidas e não a retrocederem como estão a retroceder, não é? Era deixar trabalhar o que estava a ser feito, se desenvolve-se, e não que ele fosse cortado como foi.</p> <p>V- E mais?</p> <p>E17a- Nós já estamos tão desmoralizadas que, de momento, só queremos retomar o trabalho que deixámos para trás. Em 2009, quando as bibliotecas escolares, a rede ficou... assim...</p> <p>V- Mais comatosa?</p> <p>E17a- Exacto. Nós só queríamos continuar a desenvolver o trabalho. E, então, o que nós queríamos era começarmos a desenvolver atividades, mais com o público adulto, porque esse público adulto estava-nos a pedir solicitações, e nós precisávamos de corresponder, esse trabalho estava a ser feito, com muitos cursos breves, com as tais comunidades ao longo de todo o ano, foi tudo cortado.</p> <p>E17- É muito difícil, com o público jovem. Nós trabalhamos com o liceu mais os professores, o XXX [nome] fez essa tentativa com a poesia. O público jovem, para nós, está inserido no público adulto. O público jovem participava nas sessões de poesia e outras, mas estava sempre dentro do conjunto. 1/3 de jovens, 2/3 de adultos. Fizemos também um clube de leitura com o XXX [prática] mas eram mais pequenos, 8 a 12 anos. Quando tínhamos o acervo actualizado os jovens ainda vinham. Agora... não fazem a manutenção da parte sonora, avaria qualquer coisa não arranjam.</p> <p>V- Há mais coisas que vocês, aqui na biblioteca, achem críticas?</p> <p>E17- A colega está muito mais directamente nisso do que eu, mas eu acho que na nossa missão, agora, é o facto de termos recuado; teríamos, pelo menos, de ir ao encontro daquilo que já fizemos.</p> <p>V- Não tem mais a acrescentar aqui?</p> <p>E17a- Acho que não.</p> <p>E17- E até os espaços aqui nos estão a tirar, a sala aqui ao lado só volta a estar disponível quando? Em Junho. Assim...</p>
E18	<p>E- Dificuldades financeiras, desmotivação das equipas [...]. Quando tínhamos até uma maior oferta de actividades no âmbito da XXX [designação], havia escolas e algumas escolas em particular, que eu consigo apontar particularmente, em que as professoras bibliotecárias relatavam episódios de grande, grande... de grande dificuldade em angariar uma turma para participar numa actividade. Eu não acho que isto seja um interesse relativamente a actividades da promoção da leitura, sendo que, depois, há interesse em atividades desportivas. Acho é que há este nível de desinteresse das escolas porque os professores têm uma série de outras coisas que lhes toma o tempo e muitas vezes não querem participar com os outros.</p> <p>V- Restringia isto à escola ou, também, a fora da escola?</p> <p>E- Este exemplo era particularmente das escolas e acho que nas escolas há motivos muito próprios. Se extravasarmos para a generalidade das pessoas, tenho a opinião de que, actualmente, apesar de termos uma série de outras ofertas, se estivermos a falar de crianças e jovens, têm uma panóplia de oferta para a fruição, para o fazer muito grande. Eu julgo que volta a haver, mas não consigo dar uma justificação para o motivo, porque julgo voltar a haver uma predisposição para a leitura. Porque eu vou notando, e isto é mesmo uma percepção muito empírica, eu vou notando que os pais, muitos pais, voltam em ter interesse em trazer as suas crianças à biblioteca. Houve uma fase que notávamos que as crianças só vinham praticamente à biblioteca no meio escolar. Conversas que tenho tido com várias pessoas, muitas me dizem que vêem as pessoas mais a ler, mesmo nos transportes públicos, nas filas de espera, mas eu não consigo encontrar uma justificação para isto. Acho que, por um lado, as ofertas são muito grandes mas, por outro lado, há mais gente a ficar predisposta para a leitura, como se pode ver. Melhor para nós [...]. Julgo que se houvesse um maior interesse os professores participariam mais e, participando mais, estaríamos a contribuir mais para a promoção da leitura, se eles participassem mais nas nossas atividades. Por um lado isso advém das dificuldades financeiras, e não só, se pensarmos nos mais crescidos.</p> <p>V- Mais algumas questões que considere que são factores críticos para as suas PPL?</p> <p>E- Não.</p>

Quadro 71 – Unidades de contexto da fundamentação dos factores críticos com impacto nas PPL. Fonte: produção própria

Amostra	Síntese dos factores críticos com maior impacto nas PPL
E1	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade em captar público não escolar, em todas as faixas etárias - Dificuldades acrescidas em captar públicos adultos (dos 36 a mais de 50 anos) - Insuficiente conhecimento da realidade local - Insuficiente entrosamento da biblioteca na comunidade
E2	<ul style="list-style-type: none"> - Não poder contratar especialistas - Falta de recursos - Falta de formação dos próprios técnicos da biblioteca que deviam ter formação em algumas áreas e não têm
E3	<ul style="list-style-type: none"> - Insuficiente divulgação - Falta de recursos humanos especializados - Limitações financeiras
E4	<ul style="list-style-type: none"> - Insuficiente divulgação - Falta de recursos financeiros - Falta de interesse do público - A motivação dos funcionários não é geral
E5	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de disponibilidade financeira para afectar em exclusividade recursos humanos às práticas de promoção da leitura - Dificuldade de atingir certas faixas etárias - Falta de competências de leitura dos alunos
E6	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de recursos financeiros
E7	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de profissionais preparados - Falta de divulgação - Falta de estudos sobre públicos - Dificuldade em atingir públicos de certas faixas etárias - Existir uma situação de desligamento das pessoas da biblioteca
E8	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de autocarro para transportar os participantes das escolas - Aquisição de fundo documental - Falta de actividades externas - Problemas de divulgação - Falta de massa crítica - Decréscimo de parcerias com as bibliotecas escolares
E9	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de recursos humanos preparados. - Falta de interlocutores válidos - Falta nas escolas de uma política de promoção da leitura - Falta nas bibliotecas públicas de um projecto educativo e cultural - Necessidade de aprofundar e desenvolver cooperação - Necessidade de recursos informativos e documentais - Necessidade de melhorar a acessibilidade aos recursos - Necessidade de consolidar o alcance do que é disponibilizado
E10	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade em captar público jovem - Falta de recursos materiais para enriquecer e diversificar as práticas de promoção da leitura - Falta de recursos humanos mais informados
E11	<ul style="list-style-type: none"> - Insuficiência de competências específicas em vários âmbitos para suporte à promoção da leitura. - Inadequação do espaço arquitectónico que condiciona algumas actividades - Falta de recursos financeiros e recursos tecnológicos.
E12	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de actualização do fundo documental - Riscos de mobilidade interna com redução de efectivos da biblioteca - Perda de importância da biblioteca na política cultural da autarquia
E13	<ul style="list-style-type: none"> - Insuficiência de recursos financeiros para aquisições documentais e espectáculos para a promoção da leitura - Menor disponibilidade das pessoas [particularmente dos professores] para trabalharem com a biblioteca - Falta de hábitos culturais
E14	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de ter uma estratégia - Rever a relação com as escolas - Avaliar a rede local de bibliotecas públicas - Repensar critérios de implantação das bibliotecas no território concelhio
E15	<ul style="list-style-type: none"> - Insuficiência de recursos humanos formados - Falta de uma visão bem delineada para as práticas de promoção da leitura
E16	—
E17	<ul style="list-style-type: none"> - Reduzir a morosidade de despacho superior - Melhorar os recursos financeiros - Suspender a redução dos recursos humanos - Necessidade de ofertas formativas mais diversificadas e continuadas aos públicos - Retomar o trabalho com pequenos grupos de participantes - Reverter o processo de regressão que se tem registado nas práticas de promoção da leitura locais - Enfraquecimento das ofertas da biblioteca com a debilitação da RNLP - Suspender a ocupação de espaços da biblioteca para finalidades de outros serviços
E18	<ul style="list-style-type: none"> - Ter menos dificuldades financeiras - Alguma desmotivação das equipas - Algum desinteresse das escolas em participarem nas práticas de promoção da leitura

Quadro 72 – Síntese dos factores críticos com maior impacto nas PPL. Fonte: produção própria.

Amostra	Possíveis soluções locais a mobilizar para a melhoria das PPL
Unidades de contexto discursivo	
E1	<p>E1a- A nível da promoção de leitura nem é tanto o dinheiro, o fim das itinerâncias foi crítico, fez com que deixássemos de ter acções para miúdos.</p> <p>E1- Fazer a promoção fora da biblioteca.</p> <p>E1a- O trabalho de sala pode ser uma referência muito bem-feita, muito insistente.</p> <p>V- Há mais?</p> <p>E1a- Um apoio muito directo ao leitor, pode ajudar a captar mais.</p>
E2	<p>E- O enfoque menos no lúdico ou um maior balanceamento do lúdico com o instrutivo. Acho que muitas vezes temos muito e nas atividades que são lúdicas que agradam e na tentativa de agradar ao público e de agarrar o público, acabamos por esquecer que temos alguns objectivos para atingir.</p>
E3	—
E4	<p>E- Lá está a questão dos recursos, melhorar os recursos financeiros. Era estruturar ainda melhor.</p> <p>V- Estruturar melhor o quê?</p> <p>E- Estruturar melhor as necessidades do público, perceber realmente do que é que eles gostam, é necessidade, é gostos, preferências e ir ao encontro.</p> <p>V- Há mais alguma coisa que desejaria melhorar?</p> <p>E- Formar uma equipa mesmo, nós temos realmente um animador cultural e uma outra colega, mas se calhar estruturava uma equipa mais dinâmica. Ter outras competências noutras áreas. isto acaba por estar interligado.</p>
E5	<p>E- Um factor que eu penso que condiciona bastante, que é a disponibilidade financeira, não haver, realmente, disponibilidade de ter mais pessoas a trabalhar nas áreas, porque para chegarmos a várias faixas etárias e termos pessoas... Estas são básicas, haver mais dinheiro para trazer mais pessoas para conseguirmos aumentar as actividades e [estas] terem maior qualidade e haver maior oferta. ...</p> <p>V- Acha, então que é um problema esta questão de públicos que estão a ser difíceis de atingir por falta de dinheiro para ofertas?</p> <p>E- Não. (Ainda bem que a política desta casa tem sido investir em actividades de animação interna e disponibilizar técnicos. Agora com esta falta de dinheiro; antes as bibliotecas tinham muito dinheiro para vir gente de fora e nós não sentimos nada disso com a animação; continuamos a ter prata da casa, formamos os nossos técnicos de biblioteca e há a possibilidade de terem mais conhecimento na área e hoje grande parte dos técnicos estão a fazer animação. Agora é notório que temos técnicos que estão a fazer animação mas continuam a fazer o trabalho normal e isso é uma coisa complicada. O problema é que as pessoas que estão a fazer animação estão a fazer o outro trabalho e isso é uma sobrecarga. E até com a intenção de atingir outras faixas etárias há falta de pessoas.</p> <p>V- Anoto que considera isso um factor crítico?</p> <p>E- Eu não sei se isso não é um factor crítico que é devido às nossas deficiências, em não termos pessoal suficiente para nos dirigirmos a essas faixas etárias.</p>
E6	<p>E- ...</p> <p>V- Pense que eu sou Deus Nosso Senhor, assim algo do género “pede e terá”.</p> <p>E- Então, eu quero muitos livros, muitos CDs.</p> <p>V- O acréscimo do acervo documental?</p> <p>E- Completamente.</p> <p>V- Mais?</p> <p>E- Formação, mesmo para quem já é da área da promoção da leitura. [...]. Formação, nós estamos sempre a pedir formação interna que tenha a ver com a promoção da leitura.</p> <p>V- Mais?</p> <p>E- Precisava de variadíssimos materiais para que possa desenvolver variadíssimas actividades, que pode estar directamente ou não com a promoção da leitura, mas precisamos de muitos materiais.</p> <p>V- Mais alguma coisa?</p> <p>E- Precisava de um jardim interior para desenvolver actividades ao ar livre.</p>
E7	<p>E- A biblioteca ter um Facebook próprio, ajudava muito, porque aí nós podíamos fazer a gestão e colocar a nossa informação, evidentemente, autorizada superiormente. [...] Penso que dessa forma chegávamos muito mais ao público direccionado [...] o acesso à nossa divulgação é através da newsletter ou do site da câmara, aquilo parece um labirinto, às vezes queremos corrigir e já não podemos.</p> <p>V- É mais?</p> <p>E- Temos um grupo realmente residente na biblioteca que aderisse às nossas actividades, porque nós não temos comunidade de leitores, sendo o clube de leitura, nós não temos. Se tivéssemos aqui uma comunidade de leitores, conseguíamos mobilizar mais facilmente, mais leitores. Nós não temos aquela questão de ter o livro para adultos, nós não temos. [...] um grupo de leitores activistas, que conseguissem mobilizar, em sintonia com a biblioteca, outros leitores.</p> <p>V- Mais alguma sugestão?</p> <p>E- Nós no XXX [prática] tínhamos um desdobrável de actividades [...]. Nós não temos a programação de livrinho, não temos, isso era uma forma junto no pólo, que funcionava muito bem. As actividades eram todas marcadas sistematicamente. [...] Funcionamos muito da electrónica, mas aí, a questão da informação escrita de livrinhos, as pessoas vão marcando e ainda funciona.</p> <p>V- Então querem suporte digital e suporte textual?</p> <p>E- Exacto. Se bem que cada vez o suporte textual está a deixar de existir, como é óbvio. [...]. Se bem que temos um projecto, que irá em muito, fomentar a prática da leitura, XXX, irá ser tudo estruturado e será uma forma de nós chegarmos “àquela” faixa etária.</p>
E8	<p>V- O que é que vocês acham que, localmente, poderia ampliar as práticas de promoção de leitura, o que poderia melhorar as coisas?</p> <p>E8- Temos o nosso “jardim de animação” construído que nos permitisse além de usar o espaço exterior ao ponto de se conseguir fazer actividades ali fora... estas são críticas: Outros recursos, se calhar a nível tecnológico, que não tenhamos. Porque às vezes precisamos e temos dificuldade com o som, ou com a data show, outros recursos de apoio à actividade.</p> <p>E8b- Material de apoio, para ateliês, de desgaste, por exemplo. Por exemplo. O guião da leitura tivemos de deixar de ter em papel. Eu até percebo as limitações mas o impacto não é o mesmo, Vera. Muitos pais recebem por e-mail e não lêem. No dia</p>

	<p>da actividade recebiam o papel e liam, eles tinham logo aquela curiosidade e pronto, isso, reconhecemos, é uma pena... A semana da leitura quando oferecíamos um livro a cada escola...</p> <p>V- Mais?</p> <p>E8a- O facto do reconhecimento destas questões por parte do próprio executivo.</p> <p>E8- No final [para finalizar] há o encontro, o Encontro XXX ... [de bibliotecários] falta espaço de discutirmos [onde poderiam ser abordadas estas questões?]</p>
E9	<p>V- Aqui, no caso das PPL, o que é que achas que poderia melhorar as coisas?</p> <p>E9- Boa pergunta. Para já gostaria que as coisas se tornassem uma política municipal, ter essa força, ser institucional organizacional, uma política nossa. Não sendo uma política nossa, tudo o que haverá por ai, dilui-se. Ao mesmo tempo era também uma política de [das] escolas e abrangíamos a génese. Íamos mais longe com uma política municipal. Íamos para os públicos escolares e para todos os outros públicos que os acompanham, isso é que era importante.</p>
E10	<p>E10- Tudo o mais está lá atrás referido, como não fazer tão grande distinção entre algumas intervenções socioculturais e as da biblioteca. Deviam enriquecer-se, em comum com o sector sociocultural, as ofertas para os públicos jovens.</p>
E11	<p>E11- Estudos sobre o impacto junto, de certa maneira, nas pessoas na vertente dos hábitos e gosto pela leitura. Saber se isto contribui para alguma coisa. Não temos aqui estudos sobre isso... É difícil, e um outro estudo sobre se temos leitores mais competentes. Sobre literacia da informação, sobre o impacto das actividades na promoção das literacias e sobre o gosto e hábitos de leitura. Não temos, e faltam-nos estudos desses.</p>
E12	<p>E12- Porque estas coisas ajudavam e podíamos melhorar com maior investimento. A própria câmara precisava de repensar a sua política informativa.</p>
E13	<p>E13- Aquilo que eu gostaria de fazer que nunca tive possibilidade de o fazer, era ter um projecto de grande escala que envolvesse, não só a população local, que fosse muito par além das escolas, porque esse é o universo para o qual nós vamos trabalhando mais, e que pudesse ter visibilidade a nível nacional também. Mas isso implica haver recursos e vontade política para o fazer.</p> <p>V- Mais alguma coisa?</p> <p>E13- Não. Esse era o grande [projecto], digamos assim.</p>
E14	<p>E14-Repensar as estratégias, repensar o que foi feito em PPL, e ter distanciamento de olhar e reavaliar o que foi feito. Não temos nem as mesmas condições nem recursos que outros, temos de procurar estratégias, estamos separados, individualizados.</p>
E15	<p>E- A parte política...</p> <p>V- E o que é isso?</p> <p>E- Isso é termos a parte política. O envolvimento e a sensibilidade para tal... Como é que se vai definir, por exemplo, planos de promoção de leitura mais globais, etc.? Não vamos ser ingénuos, são precisos recursos. São precisos recursos e se calhar, por curtos que venham a ser, se calhar importa dirigi-los, não é? Se não sabemos, neste momento, qual é que é a visão política das pessoas sobre a promoção da leitura etc.. Não há um plano, nem sequer a nível concelhio existe, que permitisse criar, apesar de eu ter parcerias aqui com a escola XXX, etc. O trabalho em rede ainda é um trabalho muito a palmilhar. Acho que devia haver uma lógica concelhia. Depois esta, a visão política, nos deixa coxos permanentemente. Nós estamos habituados a viver na adversidade, não é? Mas esta é gritante. Porquê? Porque temos este problema que é por muito que nós queiramos aproveitar os recursos humanos durante a semana não podemos, que eles fazem uma coisa ou outra; os fins-de-semana, neste momento que nós estamos para abrir aos sábados, contamos com os recursos de todos os serviços que gravitam aqui à volta; ao sábado é escusado tentarmos fazer alguma coisa para além; quando temos as horas do conto etc. é impossível estar a alocar uma das pessoas para fazer só uma das coisas, senão, a pessoa que está no atendimento é literalmente desviada. Por exemplo, durante a semana, eu quero dinamizar aqui uma hora do conto, com actividades, exploração do livro, etc. e neste momento tenho de recorrer a uma colega minha que trabalha na XXX [outro serviço municipal].</p> <p>V- Bom, ainda existe interacção entre serviços...</p> <p>E- Mas gostava de ter capacidade de dar uma resposta mais elaborada, mais autónoma. Mas estamos numa época de vacas magras, mesmo no atendimento. Alguma vez uma pessoa consegue avançar com uma certificação de qualidade, etc.? Daquelas pessoas que estão na sala de leitura só o XXX [nomeia um colega] é da área de bibliotecas, o que não invalida tudo o resto. A XXX, por exemplo, é brilhante, veio da carreira administrativa e é uma pessoa excelente.</p>
E16	—
E17	<p>E1- Era preciso os cursos breves para adultos. É muito importante, isso. Porque tínhamos público e terminaram nas mais diversas áreas. Por exemplo, tínhamos uns cursos de história de arte.</p> <p>V- Mais?</p> <p>E1- Tínhamos curso de jornalismo. Tínhamos vários de literatura, tivemos de artesanato, aproveitávamos muitas pessoas que vinham da comunidade. Havia um senhor que fazia velas, outro que fazia latas, percebe? Aproveitar os recursos.</p> <p>V- Acabou porque tinha custos?</p> <p>E1- Tinham os materiais e isso tudo. [...] Eles tinham muita procura e acho que era muito importante. As pessoas aprenderam muitas coisas. Agora até fizeram um no museu que não fomos nós, de tricô, e teve tanta gente. Outro curso que foi levado a efeito, que foi na área do museu, que deixa-mos de ter certas coisas, a encadernação, também foi muito procurado. Há tantas coisas que, mesmo as pessoas dentro do concelho sabem fazer que, às vezes com uma pequena verba, nem sequer eram caros. Repare, as pessoas vêm de outro local, vêm de transporte, fazem-se pagar duzentos euros ou cento e cinquenta euros, é uma ninharia para a câmara e abrange tanta gente. [...] Isto é o que muito gente precisa. Maior agilidade no processo decisório e recursos.</p>
E18	<p>E18- Precisava de um bom orçamento, o que me proporcionava algumas coisas mais, nomeadamente a aquisição de fundos documentais e não só. Precisava de umas belas obras de requalificação do edifício. (...) Eu julgo que, de uma maneira geral, nós temos as condições certas. Não sei se seriam os políticos que poderiam criar condições, a não ser ao nível do orçamento, ou outra coisa que eu julgo que contribuiria bastante, era uma coisa que eu acho que funciona muito mal: ao nível de comunicação e divulgação. Para alcançar resultados, parece colateral mas não é tanto assim, e funciona mal.</p>

Quadro 73 – Unidades de contexto de possíveis soluções locais a mobilizar para a melhoria as PPL. Fonte: produção própria.

Amostra	Síntese das soluções locais a mobilizar para a melhoria das PPL
E1	<ul style="list-style-type: none"> - Reverter o abandono de algumas PPL - Fazer a promoção fora da biblioteca - Melhorar serviços de referência - Prestar serviços à medida
E2	<ul style="list-style-type: none"> - Menor enfoque no lúdico - Maior equilíbrio entre o lúdico e o instrutivo
E3	<ul style="list-style-type: none"> - Um maior empenho das administrações colocando as PPL ao nível de outras opções políticas
E4	<ul style="list-style-type: none"> - Mais recursos financeiros - Conhecer melhor as necessidades do público
E5	<ul style="list-style-type: none"> - Mais dinheiro - Mais pessoas disponíveis para trabalhar na área de animação a tempo inteiro
E6	<ul style="list-style-type: none"> - Ampliação do fundo documental - Formação em promoção da leitura - Materiais para desenvolver diversas actividades - Um jardim interior para desenvolver actividades ao ar livre
E7	<ul style="list-style-type: none"> - Ter um Facebook autorizado para divulgar as actividades - Ter um grupo de leitores activistas, <i>que</i> mobilize outros leitores - Voltar a ter uma agenda impressa para complementar a agenda electrónica - Estruturar melhor os projectos
E8	<ul style="list-style-type: none"> - Ter um “jardim de animação” - Dispor de recursos tecnológicos - Dispor de mais materiais de desgaste - Recuperar a anterior disponibilidade de oferta de recursos às escolas - Maior apoio às PPL por parte do executivo municipal - Encontros de bibliotecários
E9	<ul style="list-style-type: none"> - Existir uma política municipal de promoção da leitura - Existir localmente uma política escolar de promoção da leitura
E10	<ul style="list-style-type: none"> - Resolver os factores críticos anteriormente referidos : - Recursos materiais para enriquecer e diversificar as PPL - Recursos humanos mais informados
E11	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de estudos sobre o impacto local das PPL nos hábitos e gosto pela leitura - Falta de estudos sobre o impacto local das PPL na promoção das literacias e competências leitoras
E12	<ul style="list-style-type: none"> - Reposição do investimento em colecções - Contratualização externa para diversificar as actividades - Resolver o problema de limitação de acesso ao espaço por falta de vigilância - Melhorar a divulgação das actividades
E13	<ul style="list-style-type: none"> - Vontade política e recursos para desenvolver um projecto que envolvesse a população local
E14	<ul style="list-style-type: none"> - Repensar as estratégias - Repensar as PPL - Reavaliar as PPL - Necessidade de ter condições e recursos similares aos de outras áreas - Necessidade de desenvolver estratégias de articulação entre bibliotecas
E15	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de um plano concelhio de política de leitura - Necessidade de trabalhar em rede - Necessidade de mais recursos humanos
E16	—
E17	<ul style="list-style-type: none"> - Maior agilidade no processo decisório - Mais recursos - Retomar ofertas anteriores de PPL
E18	<ul style="list-style-type: none"> - Um bom orçamento - Aquisição de fundo documental - Requalificação do edifício da biblioteca - Melhorar a comunicação e divulgação

Quadro 74 – Síntese das soluções locais a mobilizar para a melhoria das PPL. Fonte: produção própria.

Amostra	Reflexões sobre soluções supra-concelhias para melhoria das PPL
	Unidades de contexto discursivo
E1	<p>E1a- Diríamos que precisávamos de dinheiro, recursos humanos e tempo. E1- e o que é que fazias com isso? E1a- Imagina que tinhas uma quantidade tão grande que poderias fazer montes de coisas durante o ano. E1- Mas eles não vinham cá à mesma. E1a- Mas se tu insistisses tanto, anos de uma insistência brutal, claro que é ridículo e inexequível, mas quando as famílias não funcionam e as escolas mal funcionam, tinha que a biblioteca ter um poder extraordinário [para] conseguir inserir alguma transformação num maior segmento. V- Quando diz o tempo...? E1a- O tempo é para essa insistência, é o tempo. V- Deseja fazer mais algum comentário final? E1a- Não.</p>
E2	<p>E- Eu acho que o meu comentário está aqui, está aqui nisto que eu disse, nós muitas vezes cedemos àquilo que é lúdico. Neste caso seria, talvez, não ceder e ter também os recursos para o fazer não é? Porque, obviamente, para um actor que se especialize nestas questões, ou um especialista em literatura e nestas questões da literacia, se nós tivéssemos possibilidades de os contratarmos, com certeza eles não cairiam em alguns dos erros em nós caímos.</p>
E3	-
E4	<p>Se calhar... não ter só aquilo que estávamos a falar há pouco. A questão de existir uma interactividade e uma cooperação entre as várias, não digo só do concelho, de várias bibliotecas que, estava a pensar [em] Lisboa, estava a pensar XXX, estava a pensar XXX [práticas]. Nós podemos ir buscar experiências a outros concelhos, ao que resulta bem ali.</p>
E5	<p>E- Isso são coisas que, as ambições para sermos melhores tínhamos que ir a outras coisas que já transcendia um bocado... penso que não vale a pena... Mais possibilidade de termos um grupo mais meta, meta disciplinar, não sei, se calhar estou a sentir-me um pouco ambicioso. Com psicólogos, um grupo para trocarmos ideias. V- Então a reflexão, as ideias, é um problema? E- É. A questão é que não quer dizer sem isso que não se possa fazer um trabalho [...]. Assim é preciso estudar, andar a pesquisar métodos e mais... Quando se fala numa questão técnica, acho que o plano nacional de leitura coloca alguns livros ou promove alguns livros que deixam muito a desejar e isso leva-nos a reflectir quem está por trás, qual é o grupo de reflexão que está por trás daquele plano nacional de leitura. A escola é muito importante para o desenvolvimento das competências das crianças; nós podemos fazer um trabalho, mas nunca será um trabalho... será um trabalho paralelo. Acho que há alunos que não têm as competências, não conseguem ler, muitas das vezes, se calhar... se calhar os professores não escolhem o melhor caminho para seguir; um professor quando encontra os alunos, aquilo não é chapa cinco e são todos iguais e eu penso que nesse aspecto... e há casos de quando eu trabalhava mais com os contos contados e trabalhávamos com leitura directa, em que eu trabalhava os contos e dava a ler, havia alunos que ofereciam-se para ler e liam quase sílaba a sílaba [...]. V- Aqui estamos a falar de quando diz de sílaba a sílaba, estamos a falar de uma criança que já tem oito anos, nove anos? E- Estamos a falar de crianças de terceiro ano, crianças do quarto ano, que aparecem ainda a ler de uma forma... V- Quando chegam ao ciclo, já está o problema resolvido? Quando chegam ao quinto e ao sexto já lêem bem? E- Não, ficam encostados às boxes. Esses miúdos depois não conseguem, são os tais que depois andam para lá... V- Então, acha que esse caso ainda perdura e que os faz ficar desconfortáveis? E- Claro, comecem a ouvir os colegas a rirem, começam a ouvir aquelas risotas sobre o seu comportamento, sobre a sua leitura e depois não desenvolvem e não vão conseguir ler. V- Então é um problema ao nível da educação? E- Da educação. Porque através da leitura isso é notório, porque quanto mais se lê mais vocabulário se tem e naquela fase é importante, se souber ler vão ler mais, vão aumentar o vocabulário. É mais fácil, vou ler mais, vou aumentar o meu conhecimento, vou aumentar o meu conhecimento começo a abrir os meus horizontes, se começo a abrir os meus horizontes começo a ser outro ser humano. Agora se eu tenho dificuldades a ler... O problema é que as pessoas quando entram para a escola são todas formatadas, nós não vimos todos do mesmo extracto social, por isso é preciso ter cuidado com isso e continuamos ainda como há cinquenta anos [...].</p>
E6	<p>E- A troca de experiências é fundamental. Saber o que se faz e como se faz à nossa volta é fundamental. Pode ser um factor crítico a falta de troca de experiências com os profissionais da área. [...]. O que há tem que ser pago, porque não há formação sem ser paga.</p>
E7	<p>E- Há sempre uma coisa, um factor que eu penso que condiciona bastante, que é a disponibilidade financeira, não haver, realmente, disponibilidade de ter mais pessoas a trabalhar nas áreas, porque para chegarmos a várias faixas etárias e termos pessoas... Estas são básicas, haver mais dinheiro para trazer mais pessoas para conseguirmos aumentar as actividades e [estas] terem maior qualidade e haver maior oferta.... [...]. As práticas de animação da cultura passarão sempre pela capacidade de mobilização, divulgação e do interesse. Se forem uma série de projectos que não digam nada aos nossos leitores...</p>
E8	<p>E8- Acho que era importante haver mais técnicos especializados nas bibliotecas que estivessem mesmo especializados em promoção da leitura. V- Mediadores? E8- Exactamente. Depois, no final, há, o Encontro. Era importante haver os tais encontros XXX [designação], para troca de experiências e também de materiais, itinerância de actividades promovidas.</p>

	<p>E8a- Para podermos rentabilizar. E2- Onde se poderia abordar estas questões... V- Mais alguma coisa? E8 - Não. Obrigada.</p>
E9	<p>E- Uma política nacional de leitura e informação, que não existe não é? Nunca tivemos. Tivemos uns gastos, tivemos ao longo destes tempos e foi edificado imóveis, edifícios, já é alguma coisa, mas falta-nos mais coisas. [...] Estamos numa situação de impasse, numa situação mesmo de recessão, como muitas coisas em Portugal neste momento [...]. Os factores críticos estão sempre presentes, mas cada vez estão mais evidenciados [...]. V- Estás a falar da questão da rede? E- Porque nós começamos com plano nacional de leitura pública, que se materializou com a construção da biblioteca pública municipal [...] a ir ao encontro às missões das bibliotecas públicas. Fez-se um trabalho de terreno [...]. Fomos ocupando, fomos marcando a agenda, fomos apanhando territórios. Obrigou que outros programas aparecessem, as bibliotecas escolares decorre daí, o plano de leitura decorre daí. Depois há aí o processo das competências, o estado das competências da educação, e mesmo da acção social, e as nossas áreas começaram a ficar descapitalizadas, a gente começa a ficar em situações de impasse, os edifícios começam-se a deteriorar e não são reparados, os fundos documentais [...]. Nunca trabalhamos em rede, nunca tivemos uma visão consertada da coisa, foi sempre uns aqui, outros acolá que iam fazendo umas coisas e alguns casos são uma boa prática, um bom exemplo para outros. [...] [Isto] remete para as questões de cooperação e particularmente, nunca houve no território, no nosso território então, nunca houve uma perspectiva intermunicipal das coisas. A semana passada estive lá numa reunião do XXX [designação] e eu perguntei assim “onde é que está a intermunicipalidade? Nunca a vi”. O que havia era proximidade, afectividade [...]. Um percurso de pessoas que desde as origens disto que a gente tinha proximidade uns com os outros, porque tínhamos um denominador comum. Eu disse lá, o XXX [evento] tem vários denominadores comuns. Um foi fazer o tal XXX [evento] que atingiu, em alguns casos, uma grande qualidade, outro era aquele do XXX. [projecto]. Depois há um denominador comum muito interessante: o coordenador XXX [nome], nunca foi um bibliotecário, que é outro dado para se reflectir. E o que é que acontece? Acontece que fomos fazendo coisas, mas hoje precisamos de estar mais em regime de partilha e cooperação e num conceito de intermunicipalidade. Quem diz aqui, diz neste território. V- Então, isso é, também, uma coisa que sugeres? E- Isso ajudaria, porque há práticas, há conhecimentos [...]. E, no caso de algumas questões críticas, há uma política interna municipal que dá outra força. A intermunicipalidade aqui é muito importante.</p>
E10	<p>E- Afigura-se que em termos sociais não existe suficiente sensibilidade para a importância da promoção da leitura e não há formação específica nesta área na formação dos bibliotecários e dos técnicos. Houve programas de apoio, como os da Fundação Calouste Gulbenkian, que implicava um projecto e não estavam tanto na formação e as itinerâncias eram mais actividades. A promoção da leitura está numa dimensão mais prática. Formação e os recursos que fossem necessários para a promoção da leitura.</p>
E11	<p>E- Haver uma maior partilha de experiências entre os profissionais, do género “benchmarking”, coisas assim, actividades dessa natureza. V- Mais? E- A produção de literatura sobre esta área, estudos, comunicações, coisas desse género. Acho que essas coisas já eram boas. [...] Uma maior preocupação de relacionar a promoção de leitura com as bibliotecas e o investimento nas colecções das bibliotecas.</p>
E12	<p>E- Eu acho que era muito importante para todas as bibliotecas que fizessem a reactivação das Itinerâncias Culturais, para voltarmos a poder ter coisas diferentes das que podemos fazer [...]. Também era preciso sabermos... avaliar o que as bibliotecas andam a fazer no sentido da promoção da leitura, para estarmos mais orientados, informados, não é?.</p>
E13	<p>E- Não queria estar a cair no mesmo, mas tem havido um desinvestimento muito grande nas bibliotecas, isso é um facto. V- Contrariar o desinvestimento que tem havido nas bibliotecas? E- Eu acho que sim a todos os níveis. Depois acho que houve outro problema que aconteceu, a partir do momento em que surgiu o Plano Nacional de Leitura e a Rede de Bibliotecas Escolares, muito do trabalho que tinha sido feito pelas bibliotecas públicas acabou por ser esquecido, mas foi posto em segundo plano, eu sinto isso. Com o Plano Nacional de Leitura e as bibliotecas escolares, começaram a surgir, por exemplo, as semanas da leitura, onde as bibliotecas municipais não tinham necessariamente de estar incluídas, quando antes já existia a comemoração do dia mundial do livro, que em tempos teve um impacto que hoje em dia já não tem. Desinvestiu-se totalmente na questão da comemoração do dia mundial do livro. Com o Plano Nacional de Leitura as bibliotecas públicas não foram devidamente integradas. V- E mais? E- Se calhar pedia mais coisas mas agora não me estou a lembrar de mais.</p>
E14	<p>E- Há muita coisa por fazer na nossa área, por pensar, por reflectir, por cruzar. Algumas coisas estão feitas mas não estão cruzadas, não têm uma leitura de conjunto. Ou são quantitativas ou são monográficas, era preciso cruzar. Era necessário articular a ligação da promoção da leitura com outras áreas culturais e do conhecimento e com as escolas. Áreas que potenciem a actuação.</p>
E15	<p>V- Agora vamos descentrar-nos um bocadinho do local. Isto aqui eram os problemas que o XXX [entrevistado] dizia que tinha de enfrentar aqui. Agora imagine que eu era o Jorge Barreto Xavier e lhe dizia: diga-me o que é que é importante que aconteça para, de uma forma geral, se ampliarem resultados nas práticas de promoção de leitura? E- Dê-me lá aqui dois minutos para meditar... Uma resposta que não seja simples não é grande resposta. O que eu acho que é importante para melhorar, era avaliar o que tinha sido feito até agora. Avaliar não é em termos numéricos, é ver o que aconteceu, ver realmente o que aconteceu, depois ouvir os verdadeiros agentes, quem está realmente no</p>

	<p>terreno, concluir e apresentar de facto um plano nacional de promoção de leitura. Ter uma visão do que é que queremos, tendo em conta que já não somos o Portugal de há cinquenta anos; somos outro Portugal completamente diferente. Reformular, por exemplo, coisas como o plano nacional de leitura, deixar de serem editores a propor livros para o plano nacional de leitura, que eu acho que é mais isso [o] que acontece, do que... não sei bem como é que aquelas listagens [são feitas]... são roles e roles e roles de livros, acho que é mais uma vez... que, complica-se mais do que se simplifica. Já viu as listagens do plano nacional de leitura?</p> <p>V- Já, já [vi]</p> <p>E- Eu acho que era uma coisa que é transversal: ouvir de facto a experiência de quem está no campo; sentar professores a falarem com bibliotecários; bibliotecários a falarem com professores.</p> <p>V- Era o que recomendava?</p> <p>E- Era.</p> <p>V- O XXX [nome do entrevistado] deseja fazer mais algum comentário final?</p> <p>E- Não.</p>
E16	—
E17	<p>E17- Dos recursos existentes fazerem [a DGLAB] várias formações, para além daquelas formações que já pararam, as Itinerâncias, dar possibilidade das pessoas que estão nas bibliotecas fazerem formações nessa área, gratuitas de preferência.</p> <p>V- Mais?</p> <p>E17- Haver bolsas de actividades, não só que fossem distribuídas, mas que as pessoas podiam, como era nas itinerâncias, concorrer e dar sugestões para que fossem admitidas certos grupos ou certas pessoas que fazem coisas e pudessem ir àquela biblioteca, fossem admitidas mais facilmente nessas bolsas e com inclusão de sugestões emanadas das bibliotecas.</p> <p>V- Mais?</p> <p>E17- Depois uma avaliação das actividades, uma avaliação correcta...</p> <p>V- Só destas ou de todas as que as bibliotecas estão a fazer?</p> <p>E17- Destas e de todas. E apoios, concursos específicos para determinados projectos emanados das bibliotecas.</p> <p>V- E mais?</p> <p>E17- Conhecimento do terreno através de questionários. Questionários para saber prioridades em geral da leitura para conhecer e avaliar o que está a ser feito.</p> <p>V- Então, era preciso estudos para conhecer e avaliar o que está a ser feito?</p> <p>E17-Era sim.</p> <p>E17a- Por exemplo, uma coisa que eu acho que todos os colegas precisam era aquelas reuniões que dantes havia e que sempre servia para se ouvir olha estou a fazer isto e resulta, depois vinha o de X e dizia eu estou a fazer aquilo. Agora, não se tem esse contacto. Ou se vai àqueles encontros que nós nunca vamos ou então não contactamos com os colegas a não ser que nós possamos ir a algum lado, mas...</p> <p>E17- Por exemplo, nós tínhamos aqui aquelas senhoras de Belas-Artes e depois elas fizeram aqui ateliês interessantíssimos; aprender a ver um quadro, e elas queriam concorrer aos projectos do IPLB e elas tinham muita qualidade e nem sei se elas alguma vez foram aceites.</p>
E18	<p>E- Precisamos de um plano de intervenção a nível das escolas diferente daquilo que tem sido a prática do plano nacional de leitura.</p> <p>V- Explique-me lá com mais detalhe.</p> <p>E- Eu acho que o plano nacional de leitura teve o enorme valor de ter sido, pelo menos, pensado; na medida em que alguém considerou que a leitura, quantos anos tem o plano de leitura? Dez?</p> <p>V- Oito.</p> <p>E- Teve o valor inicial de alguém ter pensado, finalmente, que a leitura é importante para o desenvolvimento do aluno, para se tornar um cidadão...</p> <p>V- Mas?</p> <p>E- Mas eu daquilo que conheço, ele tem práticas muito boas, muito positivas, houve formas de o colocar em prática muito positivas, mas eu daquilo que conheço, não tem, não teve a abrangência nacional que poderia ser de esperar. Por isso quando eu digo uma implementação de algo diferente do plano nacional de leitura, ele até poderia ser o plano nacional de leitura, mas se é o ministro que me pergunta, poderia ser implementado...</p> <p>V- Numa lógica mais ampla de públicos?</p> <p>E- Sim. E mesmo das escolas partirem para o exterior.</p> <p>V- O que, perante o que existe, poderia então melhorar a promoção da leitura neste país?</p> <p>E- As práticas ao nível das várias bibliotecas e ao nível das escolas são semelhantes, que eu, sinceramente, é uma reflexão que eu preciso de fazer: como é que se havia de fazer práticas diferentes para atingirmos resultados também diferentes, [mas] não é uma reflexão que eu tenha feito.</p>

Quadro 75 – Unidades de contexto de reflexões sobre soluções supra-concelhias para melhoria das práticas de promoção da leitura.
Fonte: produção própria.

Amostra	Síntese de reflexões sobre soluções a mobilizar a nível supra concelhio para a melhoria das PPL
E1	- Necessidade de mais dinheiro, de recursos humanos e de tempo
E2	- Mais recursos - Formação dos técnicos - Contratação de especialistas para as PPL
E3	—
E4	- Partilha de experiências entre bibliotecas.
E5	- Maior investimento das escolas na promoção da leitura - Equipas meta-disciplinares
E6	- Maior troca de experiências entre os profissionais
E7	- Disponibilidade financeira para técnicos especializados e ofertas qualificadas para diversos públicos - Ter capacidade de mobilização, divulgação e ter ofertas com interesse
E8	- Necessidade de haver nas bibliotecas mais técnicos especializados em promoção da leitura - Necessidade de haver mais troca de experiências de promoção da leitura entre as bibliotecas
E9	- Existir uma política nacional de leitura e informação - Necessidade de existir um funcionamento em rede - Ultrapassar problemas de atomismo - Ultrapassar limitações de descapitalização de competências dos recursos humanos - Necessidade de cooperação e partilha - Necessidade de existir perspectivas intermunicipais
E10	- Maior sensibilidade social para a importância da promoção da leitura - Formação específica em promoção da leitura nos cursos da profissão - Mais recursos para a promover a leitura
E11	- Maior partilha de experiências entre os profissionais - Produção de literatura sobre esta área - Maior preocupação de relacionar a promoção de leitura com as bibliotecas e o investimento nas colecções
E12	- Reactivar o programa das Itinerâncias culturais - Avaliar o que se faz no país na promoção da leitura
E13	- Contrariar o desinvestimento nas bibliotecas - Reverter a secundarização do papel das bibliotecas provocado pelo surgimento da RBE e do PNL
E14	- Cruzar leituras de conjunto sobre as actividades de promoção de leitura existentes - Articular a promoção da leitura com outras áreas culturais e do conhecimento - Potenciar o trabalho das bibliotecas com o das escolas e outras instituições
E15	- Avaliar as PPL das bibliotecas - Ouvir os agentes da promoção da leitura que estão no terreno - Produzir um plano nacional de promoção de leitura - Reformular o PNL
E16	—
E17	- Oferta de formação em promoção da leitura pela DGLAB - Reiteração do programa Itinerâncias Culturais - Incluir sugestões das bibliotecas no programa Itinerâncias Culturais - Efectuar uma correcta avaliação das actividades formativas e das ofertas para promoção da leitura - Efectuar a avaliação das PPL promovidas pelas bibliotecas - Concursos específicos para projectos emanados das bibliotecas - Estudos sobre a realidade das bibliotecas - Retomar reuniões periódicas entre os bibliotecários
E18	- Falta de abrangência do PNL - O PNL, devia partir para o exterior das escolas - As escolas e bibliotecas deviam apostar em fazer práticas diferentes para obterem resultados diferentes

Quadro 76 – Síntese de reflexões sobre soluções a nível supra concelhio para a melhoria das PPL. Fonte: produção própria

Caracterização das práticas de promoção da leitura destacadas	
Categorias relacionadas	Indicadores
Objectivos	Promoção da leitura textual Ampliação de competências de leitura Sociabilização em torno de PPL Promoção de literacias específicas Promoção da biblioteca Promoção ao livro Promoção de acessibilidade aos recursos Disponibilização de uma actividade de animação cultural Disponibilização de uma actividade de entretenimento Promoção de competências de escrita Promoção de competências de oralidade e promover a imaginação
Literacias específicas visadas	Literacia de informação Literacia digital Literacia emergente Literacia social Literacia em linguagem poética Literacia tradicional oral Literacia visual Literacia escrita Literacia matemática Literacia crítica Literacia mediática Literacia em saúde Transliterarias
Grupo alvo	Bebés Crianças Jovens Jovens adultos Adultos Idosos Público geral Famílias
Recursos metodológicos	Leitura textual Envolvimento activo dos participantes Produção de conteúdos Concursos e prémios Exposições Conferências, encontros Comunidade de leitores Actividade informativa Actividade formativa, educativa Actividade lúdica, actividade de animação de leitura
Tipo de leitura promovida	Leitura auditiva Leitura partilhada Leitura individual Leitura em voz alta Leitura digital Leitura contextual Leitura visual
Recursos instrumentais	Dramatologia Dança Recitação Ilustração Multi-performativos
Espaços de desenvolvimento	Biblioteca Jardins-de-infância Escolas Espaços públicos de sociabilização e associativismo Hospitais Centros de dia e lares Espaços culturais externos Praias
Nível de articulação	Programa Projecto Acção

Quadro 77 – Sinopse das categorias e indicadores da caracterização das práticas de promoção da leitura. Fonte: produção própria.

Sinopse da localização e designações⁴ dos documentos previsionais dos municípios da AML

- Alcochete, vd. em <https://www.cm-alcochete.pt/pages/140> separador “Documentos de gestão”, “Documentos previsionais”, *Grandes Opções do Plano e Orçamento*;
- Almada, vd. em http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage_qry=BOUI=11930266&actualmenu=18122121 separador “Plano de Actividades”, *Opções do Plano e Orçamento*;
- Amadora, vd. em <http://www.cm-amadora.pt/municipio/gestao-financeira/grandes-opcoes-do-plano-e-orcamento.html> separador “Grandes Opções do Plano e Orçamento”, autonomizados em dois documentos, *Grandes Opções do Plano e Plano e Orçamento*.
- Barreiro, vd. em <https://www.cm-barreiro.pt/pages/1376> e https://www.cm-barreiro.pt/pages/1376?folders_list_27_folder_id=27 separador “Documentos - Câmara Municipal do Barreiro”, pasta “Plano de Actividades e Orçamento”.
- Cascais, vd. em <https://www.cascais.pt/gestao-financeira> separador “Gestão financeira”, em *Contratos Programa de Desenvolvimento Desportivo, Pacote fiscal, Subvenções concedidas*. Os documentos são referidos por *Prestação de contas, Orçamento, Grandes Opções do Plano, Relatórios de execução* e, em alguns anos, estão agregados em “Documentos previsionais”.
- Lisboa, vd. em <http://www.cm-lisboa.pt/en/city-council/city-council/finance/instrumentos-previsionais> <http://www.cm-lisboa.pt/en/city-council/city-council/finance/instrumentos-previsionais/orcamento-2012-2015> *Orçamentos do Plano; Grandes Opções do Plano* no separador “City Council”, subseparadores “Finanças” e “Orçamento”.
- Loures, vd. em <https://www.cm-loures.pt/Conteudo.aspx?DisplayId=305> separador “Instrumentos de gestão”, *Orçamento e Grandes Opções do Plano*
- Mafra, vd. em <https://www.cm-mafra.pt/pages/96> e em https://www.cm-mafra.pt/pages/553?folders_list_32_folder_id=177 separador “Documentos de gestão”⁵
- Moita, vd. em https://www.cm-moita.pt/pages/442?folders_list_33_folder_id=191 separador “Documentos de Gestão”, *Grandes Opções do Plano e Orçamento*.
- Montijo, vd. em <https://www.mun-montijo.pt/pages/461> no separador “Gestão financeira”, -separador “Planos de actividade e orçamento”.
- Odivelas, vd. em https://www.cm-odivelas.pt/pages/512?folders_list_10_folder_id=34 separador “Informação económico-financeira”, *Planos de actividades*.

⁴ Enunciam-se, apenas, as localizações de documentos previsionais relacionados com o período da investigação.

⁵ Acedeu-se ao separador “Documentos de gestão” através do mapa do site (vd. <https://www.cm-mafra.pt/pages/96>). Apresentam-se organizados em três pastas: Documentos previsionais; Documentos de prestação de contas; Outros documentos. É longa a identificação do acesso ao plano e orçamento de 2013: *Documentos previsionais 2013: orçamento municipal; grandes opções do plano: plano plurianual de investimentos; plano de actividades municipais*.

- Oeiras, vd. em <https://oeirasviva.pt/empresa/planos-relatorios/?id=37&title=plano-e-orcamento> site “Oeiras Viva”, *Plano e Orçamento*.
- Palmela, vd. em <https://www.cm-palmela.pt/pages/449> separador “Planos de Actividades”, *Grandes Opções do Plano e Orçamentos*
- Seixal, vd. em <http://www.cm-seixal.pt/politica-e-orcamento-0/2013/2013> separador “Política e Orçamento: Grandes Opções do Plano ”, aparece o mais recente. No link “Outras edições”, acede-se a anos anteriores, todos designados por *Grandes Opções do Plano e Orçamento*
- Sesimbra, vd. em <https://www.sesimbra.pt/pages/435> separador “Contas”, no subseparador “Orçamento”. Os documentos, em formato pdf, são diversos.
- Setúbal, vd. em <https://www.mun-setubal.pt/orcamento> separador “Orçamento e Grandes Opções do Plano”.
- Sintra, vd. em <https://cm-sintra.pt/institucional/camara-municipal/informacao-financieira> separador “Informação Financeira”.
- Vila Franca de Xira, vd. em <https://www.cm-vfxira.pt/pages/342> separador “Gestão financeira”, subseparador “Planos de actividade e orçamento”..

Resumo de exemplos de diversidade formal nos documentos previsionais

Os documentos previsionais consultados apresentam várias designações e agregação diversa. Em Oeiras intitulam-nos, apenas, *Plano e Orçamento*. Em Cascais *Prestação de contas, Orçamento, Grandes Opções do Plano, Relatórios de execução*, e agregam-nos em “Documentos previsionais”. Em Sesimbra o seu número e designação variam ao longo dos anos: em 2008 apresenta *Resumo do orçamento, Resumo da despesa por classificação económica, Resumo da despesa por classificação orgânica*; em 2010, *Orçamento da receita e despesa, e Grandes opções do plano*; em 2013, *Plano plurianual de investimentos*⁶, *Actividades mais relevantes, GOP’s- Introdução, GOP’s- Objectivos, GOP’s-2013*. No Montijo constam em pastas homónimas o “Orçamento anual” e “Documentos previsionais”, por vezes identificados pelo ano. No Barreiro, nalguns anos surgem pastas com 13 documentos, noutros com dois a três. Em Odivelas, a partir de 2014, ano em que os passam a disponibilizar online, o *Relatório de actividade* do ano anterior e o *Plano de actividades* do ano seguinte constam nas pastas “Planos de actividade”. Em Palmela agregam-nos em *Grandes Opções do Plano e Orçamentos* reportados a triénios. Em Sintra cada ano apresenta dois documentos: *Orçamento Municipal e Grandes Opções do Plano* e o *Relatório de Gestão*.

O formato livro digital domina nos documentos previsionais, ainda que alguns municípios os apresentem como documentos avulsos. Em Sesimbra — desdobrados em Plano Plurianual de Investimentos, Actividades mais relevantes, GOP’s-Introdução, GOP’s-Objectivos; GOP’s 2013⁷ — surgem mapas orçamentais na forma de pdf. Em Setúbal, apesar de no seu site não constarem documentos sobre o período investigado, os disponibilizados no separador “Orçamento e Grandes Opções do Plano” apresentam designação e morfologia variável: *Orçamento e Grandes Opções do Plano*, num volume; *Orçamento e Grandes Opções do Plano e Orçamento: responsabilidades contingentes* em duas partes. E mais recentemente, em quatro partes: *Orçamento e Grandes Opções do Plano; Orçamento por classificação orgânica e económica, Anexos de normas de execução orçamental; Mapa dos empréstimos a médio e longo prazo e responsabilidades contingentes*. Em Vila Franca agregam a informação num livro digital as *Grandes opções do plano 2013-2016: orçamento municipal de 2013*. Os documentos mais antigos, de 2009 e 2010, não constituem um documento único, surgem como documentos autónomos: *Plano plurianual de investimentos; Plano de actividades municipais; Resumo do orçamento da despesa; Resumo do orçamento da receita; Resumo do orçamento por capítulo económico*. A partir de 2011 as *Grandes Opções do Plano e Orçamento* aparecem num documento, o plano para triénios ou quadriénios e o orçamento anual, e desde 2014 mantêm o título *Orçamento Municipal [ano] e Grandes Opções do Plano [triénio ou quadriénio]*. Esta estabilidade de designação não ocorre em relação ao respectivo arco temporal, o que poderá estar associado aos ciclos eleitorais de quatro anos, ainda que nesta e noutras câmaras os documentos previsionais possam reportar-se a triénios.

A numeração dos documentos previsionais também apresenta critérios diversos. Há casos em que ela é sequencial ao longo dos documentos, outros em que a cada documento constitutivo é atribuída numeração individualizada. Há ainda documentos com dupla numeração, em que esta é individualizada em cada documento e têm uma segunda numeração sequencial atribuída ao seu conjunto (vd. Município de Palmela, ([2012]).

⁶ “O plano plurianual de investimentos das autarquias locais, de horizonte móvel de quatro anos, inclui todos os projectos e acções a realizar no âmbito dos objectivos estabelecidos (...) e explicita a respectiva previsão de despesa. (...) [Nele] devem ser discriminados os projectos e acções que impliquem despesas orçamentais a realizar por investimentos. Na elaboração do plano plurianual de investimentos, em cada ano, devem ser tidos em consideração os ajustamentos resultantes das execuções anteriores” (Decreto-Lei n.º 54/1999).

⁷ Veja-se em https://www.cm-vfxira.pt/cmvmfxira/uploads/document/file/623/OM_2013_-_GOP_2013-2016.pdf e em https://www.sesimbra.pt/pages/435?folders_list_6_folder_id=39).

Resumo de exemplos e observações sobre a diversidade de conteúdo nos documentos previsionais

A informação relativa às bibliotecas municipais, suas funções e actividades apresenta diversidade, quer o conteúdo informativo surja nos mapas orçamentais ou nos textos enquadradores. Alguns documentos referem o apoio à criação e funcionamento de bibliotecas escolares, trabalho técnico, produção de catálogos colectivos e de conteúdos. Outros aludem aos serviços regulares e actividades temporárias das bibliotecas, ao seu envolvimento em redes, associações e parcerias. Alguns identificam a participação das bibliotecas municipais na Rede de Bibliotecas Escolares, Rede Nacional das Bibliotecas Públicas e, nos dos concelhos do Sul da AML, na Associação de Municípios da Região de Setúbal, no apoio à criação de bibliotecas noutros países ao abrigo de acordos ou protocolos de geminação, caso do de Almada com a província angolana de Kwanza Sul para a elaboração do projecto da Biblioteca da Conda (vd. [2012], 116).

Nem todos os documentos têm conteúdos textuais enquadradores. Nestes as referências às bibliotecas são esporádicas, não se encontram menções a práticas de promoção da leitura, apesar do elevado número de participantes que algumas podem envolver. Veja-se como exemplo o plano e orçamento para 2013 da Câmara de Almada. Na introdução faz-se a explanação da visão municipal sobre os eixos de desenvolvimento e numa das opções destacadas aponta: “A manutenção dos níveis de disponibilidade da rede de equipamentos do Município, e o seu alargamento designadamente com a entrada em pleno funcionamento de novos equipamentos (Biblioteca Municipal Maria Lamas, Piscinas Municipais no Monte da Caparica, Museu da Música Filarmónica, Centro de Interpretação de Almada Velha, Quarteirão das Artes” ([2012], VI). Estes equipamentos integrar-se-ão nos eixos de desenvolvimento traçados, nomeadamente no eixo 3, Mobilidade Urbana, Acessibilidades e Espaço Público⁸, e no eixo 4, Educação, Formação, Conhecimento e Juventude⁹. As referências à rede de bibliotecas municipais constam no Mapa das Grandes Opções do Plano 2013, no Objectivo “Serviços Culturais, recreativos e religiosos”, mas indicam, apenas, a continuidade das despesas com a empreitada da nova biblioteca Maria Lamas (vd. [2012], 163) e no Plano Plurianual de Investimentos, no projecto “Almada Poente – regeneração para uma nova centralidade”, aparece uma rubrica reportada à biblioteca, “Construção de biblioteca municipal”, com o valor definido de 4.471€ ([2012], 163). No item Serviços Culturais, Recreativos e Religiosos não constam rubricas sobre a biblioteca, nem se identificou outra informação orçamental relacionável com ela, mas já surgem em relação a transferências de capital e transferências correntes, cerca de 2.600.000€, destinadas a instituições sem fins lucrativos. Ao contrário do que sucede com a biblioteca, aparecem rubricas para o Museu de Arte Contemporânea Mestre Rogério Ribeiro, este com sub-rubricas no total de 160.000€; Arte Pública, 100.000€; Aquisição de Equipamentos para Museus, 25.000€.

As cabimentações para a rede de bibliotecas de Almada poderão estar associadas às rubricas gerais — Aquisição de Equipamentos para Instalações Culturais, 50.000€; Conservação e Manutenção de Instalações Culturais, 90.725€; Actividades Culturais- Projectos/Actividades Socioculturais, 85.498.25€ (vd. [2012], 165-166). O mesmo poderá suceder na parte Orçamento da Despesa Corrente, onde surgem as rubricas Livros e Documentação técnica, 5.085.50€ e Material de Educação, Cultura e Recreio, 20.817,74€ (vd. [2012], 196). Ainda que a aquisição de fundo documental seja considerada em Despesa de Investimento, o mesmo poderá suceder em Orçamento da Despesa Corrente, onde aparecem as rubricas Livros e Documentação técnica, 5.085.50€ e Material de Educação, Cultura e Recreio, 20.817,74€ (vd. [2012], 196) mas não se sabe qual o valor destas verbas que é previsto repartir pelas diversas unidades orgânicas da Câmara de Almada. Assim, com base neste documento, não é possível saber qual a verba destinada para assegurar o funcionamento da biblioteca e as actividades por ela a desenvolver em 2013, nem inferir o valor aproximado que ela terá tido para afectar a práticas de promoção da leitura.

Na Câmara de Sesimbra o orçamento da biblioteca surge desagregado. É um dos que apresenta com algum detalhe as designações das acções que correspondem aos códigos e rubricas de classificação económica (vd. [2012], 8-10), o que permite identificar alguns custos de funcionamento e verbas

⁸ Eixo para oferecer “espaços públicos qualificados, atractivos e multifuncionais” (Almada [2012], 1).

⁹ Eixo para desenvolver o concelho “como polo de conhecimento, competências e criatividade (...) de formação ao longo da vida”. ([2012], 2).

atribuídas para actividades previstas, incluindo de promoção da leitura (vdexcerto das Grandes Opções do Plano do ano 2013 da Câmara Municipal de Sesimbra relativas à biblioteca in: <https://www.sesimbra.pt/cmsesimbra/uploads/document/file/229/GOPs.pdf>)

Este tipo de informação é importante para: poder saber-se o valor atribuído à biblioteca; retirar ilações sobre as verbas consignadas à promoção da leitura; inferir o que esta representa quer nos orçamentos municipais, quer nos das bibliotecas. Por exemplo, em Mafra, nas *Grandes Opções do Plano*, o item “Biblioteca e Documentação” apresenta a rubrica “Biblioteca, Difusão e Animação”, cabimentada com 13.298,33€ (vd. [2012], 12). Para promover a leitura são orçamentados 1.630€. Os únicos valores cabimentados nas GOP 2013 são 171.730.00€ para um novo pólo da biblioteca na Póvoa da Galega, cujo custo total terá sido 321.730.00€¹⁰, e 20.000.00€ para uma empreitada, possível obra de manutenção numa das bibliotecas da sua rede (vd. [2012], 60). Na entrevista mencionaram os pólos da Ericeira, Malveira e Venda do Pinheiro, pelo que, à data do trabalho de campo, a média desta verba por quatro bibliotecas dará 3.324€ a cada uma, ou seja, 277€ por mês, cerca de nove euros diários, valor que, a ser integralmente aplicado na compra de documentos, nem terá chegado para a aquisição básica de periódicos. A referida verba de 1.630.00€ para actividades de difusão e animação é um valor irrisório que não permite rentabilizar os gastos efectuados com despesas fixas e correntes e com bens duradouros. O quase nulo investimento em ofertas informativas, culturais e educativas impedirão a qualificação do funcionamento desta rede de bibliotecas e a ampliação das suas ofertas¹¹, o que limitará o seu desempenho como serviço e recurso social para assegurar e promover a leitura pública.

¹⁰ No Plano Plurianual de Investimentos está inscrito um financiamento de 150.000€, previsto para o ano seguinte, para dar continuidade Biblioteca da Póvoa da Galega.

¹¹ Coloca-se a possibilidade de ter havido alguma verba suplementar retirada da dotação atribuída na rubrica geral “Instalações Culturais”, a sub-rubricas aquisição de mobiliário e equipamento, trabalhos especializados.

Resumo de exemplos de referências e cabimentações para Bibliotecas Municipais, promoção da leitura e para Serviços Culturais, Recreativos e Religiosos

Este apêndice faculta informação de enquadramento sobre: os dados disponíveis nos documentos previsionais relativos às bibliotecas municipais e à promoção da leitura; exemplos da diversidade de articulações, designações e conteúdo relativos às verbas que lhes são consignadas e ilustram os distintos montantes das cabimentações atribuídas às bibliotecas da amostra. Esta informação permite: i- observar a distribuição das rubricas descritivas e orçamentais das bibliotecas pelos vários documentos dos planos e orçamentos municipais — Grandes Opções do Plano (GOP); Plano Plurianual de Actividades Municipais por Objectivos¹², Plano Plurianual de Actividades Municipais por Funções¹³ — o que gera natural dispersão dos conteúdos descritivos e orçamentais¹⁴; ii- constatar que é nas “GOP” e em “Actividades mais relevantes” que surge a maioria dos dados sobre as bibliotecas ou com elas relacionados, ainda que a partir destas rubricas não se possa saber o valor exacto que lhes é destinado e a respectiva aplicação (vd. Vol I, Qd. 33-35); iii- aferir significativas divergências entre os orçamentos das bibliotecas nos vários municípios e entre os valores identificados para elas e para outros serviços que operam no domínio das funções municipais culturais, recreativas, desportivas e religiosas.

Dão-se exemplos destas ocorrências. Em Sintra, no “Orçamento-Despesas” ([2012], 32) as cabimentações do Departamento da Cultura, Turismo, Juventude e Desporto são atribuídas a duas unidades orgânicas identificadas por 08.01 e 08.01.00. A respectiva dotação total, excluindo despesas com pessoal, é 4.014.640€ e 2.388.960€ ([2012], 22 pag. online). Adiante, à Divisão de Animação Cultural, identificada por 08.01.01, são consignados 350.560€ e à rubrica “Aquisição de bens e serviços” 99.300€. A verba cabimentada no mapa “Orçamento da Despesa para 2013” apresenta uma rubrica única – com um valor total agregado para a Divisão de Bibliotecas, Museus e Património Histórico-Cultural – o que não permite discernir o montante atribuído à biblioteca, nem identificar a verba prevista para ela promover a leitura. Na parte “Grandes Opções do Plano”, apresentadas por Estrutura Funcional, no mapa resumo consta a síntese do “Plano Plurianual de Investimentos” (PPI) e “Actividades Mais Relevantes” (AMR) e o respectivo valor total. Atribuem 5.236.310€ a Serviços Culturais, Recreativos e Religiosos, montante que é desagregado por: Património Histórico e Cultural, 1.772.210€; Animação Cultural, 905.100€; Desporto e tempos livres, 2.487.950€; Juventude, 56.750€; Cemitérios, 14.300€ (idem, 66). Neste resumo não se encontra informação sobre as bibliotecas. A verba prevista para a leitura pública estará incluída na cabimentação das rubricas acima indicadas, apesar de a acção das bibliotecas, com possível excepção da dos cemitérios, ser socialmente tão transversal quanto a das outras estruturas funcionais destacadas e ser superior a da Juventude que aparece autonomizada. No mapa “Plano Plurianual de Investimentos”, o financiamento definido para as bibliotecas surge em dois códigos de classificação: “Aquisição de Mobiliário e Equipamento”, 670€, e “Espólio Documental Sintriana”, 100€ ([2012], p.7 do referido documento). É no “Plano das Actividades Mais Relevantes” que consta informação mais detalhada nas rubricas “Bibliotecas” 6.320€, e “Animação de bibliotecas” 1.300€ (idem, 13). As sub-rubricas de “Bibliotecas” são:

¹² Os objectivos destas actividades estão, em regra, relacionados com o planeamento, qualificação urbana, acção sociocultural e desenvolvimento dos concelhos.

¹³ Estas funções reportam-se a competências municipais nos domínios da segurança pública, educação, saúde, habitação, serviços culturais, recreativos e religiosos, e ainda outros serviços colectivos como vias de comunicação, transportes e regulações sobre o espaço público.

¹⁴ Veja-se um exemplo na Introdução das *Grandes opções do plano 2013-2016: orçamento municipal de 2013* de Vila Franca de Xira ([2012]). Entre nove projectos que o município tenciona realizar em 2013 destacam o da nova biblioteca municipal. Este volta a surgir no “Plano Estratégico Municipal”, no “Objectivo 06 –Acção Sociocultural e Actividades de Lazer” onde é identificado como um dos “sete grandes objectivos que enquadrarão as grandes áreas de intervenção e desenvolvimento da actividade municipal”. Nas Actividades Relevantes é reiterada a referência ao programa 06 estruturado em Cultura; Gestão de equipamentos culturais; Desporto e Movimento Associativo; Gestão de equipamentos desportivos e recreativos. Adiante, no orçamento municipal, na componente “Despesa”, nas dez obras mais relevantes no programa de investimento do município não consta a nova biblioteca. É nas GOP por objectivos que numa informação textual se informa que, em 2013, está prevista no grande objectivo Planificação e Qualificação urbana 15,46 milhões de euros, dos quais 1,5 milhões destinam-se à nova biblioteca ([2012], 17).

Aquisição material escritório, 100€; Serviços de divulgação do projecto, 100€; Material educação cultura e recreio, 5.520€; Trabalhos especializados, 500€; Outras despesas, 100€. As sub-rubricas de “Animação de Bibliotecas” são: Matérias-primas e subsidiárias, 1.000€; Aquisição de bens para o projecto (?), 100€; ‘Transportes, 100€; Direitos de autor, 100€.

Em Oeiras, nas Grandes Opções do Plano 2013 (vd. p. 116), o orçamento atribuído ao programa “Actividades Culturais”, apresenta vários itens relacionados com a biblioteca mas com alguma dispersão: Museu da Pólvora Negra-aquisição de equipamento técnico, 70.000€; Aquisição de obras de arte, esculturas, 100€; Apoio aos agentes culturais, 100€; Fundos documentais, 88.500€; Programa Oeiras a Ler: promoção da leitura e das literacias, 60.000€; Programação expositiva, 87.000€; Aluguer equipamentos técnicos e logísticos, 32.650€; Acções de promoção e divulgação no âmbito do património histórico-cultural, 41.100€; Divulgação e promoção de iniciativas culturais, 21.011€; Publicações de âmbito histórico-patrimonial, 4.019€; Protocolos e apoios aos agentes culturais, 527.640€; Rede de Bibliotecas de Oeiras, 4.300€; Utilização de auditórios, 129.450€; Museu da Pólvora Negra-dinamização e publicações, 1.305€; Protocolo com entidades privadas, 130.000€; Programação cultural, 101.000€; Museu da Ciência – Exposição Darwin, 125.000€; Parque dos Poetas - actividades culturais, 2.500€; Animação cultural de interesse turístico, 107.000€; projectos identificados na entrevista, Memória de Oeiras - colecção pombalina e obras do séc XVII, 30.000€.

Em Palmela o orçamento é apresentado por classificação orgânica. Na rubrica “Divisão de Bibliotecas” detalha-se a despesa prevista com pessoal e “Aquisição de Bens”. Esta tem duas sub-rubricas: Material de Educação, Cultura e Recreio, 17.600€ e Outros Bens, 250€. A de “Aquisição de Serviços”, com o montante de 193.925€, subdivide-se em Encargos de Instalações, 49.800€; Limpeza e Higiene, 41.150€; Conservação de Bens, 200€; Locação de Edifícios, 9.675€; Vigilância e Segurança, 88.000€; Assistência Técnica, 5.000€; Outros Serviços, 200€ (vd. [2012], 37-38). Nas “Grandes Opções do Plano” constam duas rubricas para a biblioteca: “Manutenção e Conservação dos Edifícios”, 184.150€ — ainda que na coluna “Valor definido” não existam verbas sinalizadas — e “Aquisição de Fundos Documentais Periódicos”, 17.600€¹⁵ (vd. [2012], 52).

Encerram-se estes exemplos com as *Grandes opções do plano 2013-2016: orçamento municipal de 2013* de Vila Franca de Xira ([2012], um dos documentos previsionais mais completos e claros na apresentação e visualização da informação. Apesar de conter várias rubricas sobre a biblioteca, pode observar-se como a incontornável dispersão de informação — imposta pelos requisitos de apresentação de vários mapas — pode tornar morosa a pesquisa interna e identificação de dados orçamentais com interesse para a pesquisa, morosidade acrescida pela: diversidade dos critérios locais no destaque de actividades; situações de redundância ou ausência de rubricas descritivas e orçamentais em várias partes do documento. A síntese abaixo faculta informação que ilustra o processo de identificação do valor orçamentado para as bibliotecas municipais. Ela também fundamenta as inferências extraídas das rubricas e montantes consignados às biblioteca e a outros serviços associados a funções culturais recreativas e religiosas. Apesar de esta informação ser extensa, e algo árida, a agregação destes dados evitará a necessidade de consultar extensas partes do documento previsional para os localizar nas várias partes do documento ao longo de largas dezenas de páginas, e a sua leitura também será útil para, no âmbito da política cultural municipal, aferir o papel que nela é conferido à leitura pública.

As “Grandes Opções do Plano para 2013” constam nos mapas “GOP por objectivos” (idem, 17-19) e “GOP por funções” (idem, 20-21). O mapa por objectivos apresenta para Acção Sociocultural e Actividades de Lazer uma dotação global de 2.620.306€. O cumulativo dos valores inscritos no Plano de Actividade Municipal, 2.082.597€, e Plano Plurianual de Investimento, 537.709€ ([2012], 17), representa 5,63% do orçamento municipal que ascende a 69.819.417€ (vd. [2012], 8). O mapa por funções ([2012], 20-21) prevê 4.628.375€ para assegurar Serviços Culturais Recreativos e Religiosos, um valor que resulta das verbas inscritas nas colunas “Plano de Actividades Municipais” (PAM), 1.910.310€ e “Plano Plurianual de Investimentos” (PPI), 2.718.965€ (vd. [2012], 20). Dada a abrangência da designação desta rubrica funcional, e da respectiva rubrica orçamental, importaria

¹⁵ Esta rede de bibliotecas é formada pelo núcleo central e pelos pólos do Pinhal Novo e Quinta do Anjo. A fazer-se uma média deste valor, em 2013 cada biblioteca teria tido 5.866€ para aquisições, ou seja 488€ mensais, 122€ semanais, cerca de 17€ diários, um financiamento que pode ter sido praticamente consumido na aquisição de dois ou três jornais diários, de uns dois semanários e numa ou outra revista generalista.

saber qual fora a verba destinada aos vários serviços na área da cultura, em particular às bibliotecas municipais.

O “Plano Plurianual de Investimentos” (PPI), subdividido em “Resumos do PPI por Objectivos”, “Resumos do PPI por Funções” (22-23) e “Desagregação das grandes opções do PPI” (24-34) indica no “Resumo do PPI por Objectivos” que a dotação para Serviços Culturais Recreativos e Religiosos é 537.709€. Esta verba apresenta-se desdobrada por Cultura, 77.000€; Gestão de Equipamentos Culturais, 38.650€; Desporto e Movimento Associativo, 138.711€; Gestão de equipamentos desportivos e recreativos, 283.348€. O valor total das dotações “A definir” ascende a 365.000 (vd. [2012], 22). No “Resumo do PPI por Funções” (idem, 23), Serviços Culturais Recreativos e Religiosos são dotados com 2.718.965€ e desagregados por Cultura, 888.000€; Desporto, recreio e lazer, 1.799.065€; Outras actividades cívicas e religiosas, 21.000€. Estes mapas não identificam as verbas para as bibliotecas municipais. No mapa “Grandes Opções do Plano 2013/2016” (idem, 24-34) na distribuição da verba destinada a “Acção sociocultural e actividades de lazer”, os referidos 537.709 €, detalha-se caber à Cultura 77.000€, e deste valor é atribuído à Biblioteca Municipal 16.200€. Este montante reporta-se às seis bibliotecas que compõem a rede e apresenta-se distribuído por quatro rubricas: Equipamento básico, 3.500€; Equipamento mobiliário, 10.000€; Equipamento informático, 2.500€; Software informático, 200€ (vd. [2012], 32). Note-se, e compare-se, que os valores definidos nas GOP para outros serviços são os seguintes: Museus municipais, 22.450€; Museu do Neo-realismo, em rubrica autónoma, 13.000€ (idem); Desporto e Movimento Associativo, 133.711€; Participações para obras financiadas pela administração central no Futebol Clube de Alverca, 138.711€ (idem, 33); Gestão de equipamentos Desportivos e Recreativos, 283.345€; Quintas e Palácio Municipais, 229.348€; Espaços de Lazer, Jogo e Recreio, 15.000€ (idem). Esta verba é pouco inferior à consignada às seis bibliotecas municipais, 16.200€, e corresponde a cerca de 5,7% do atribuído à Gestão de equipamentos Desportivos e Recreativos, 283.345€ (vd. idem, 32-33).

O “Resumo por Funções” das GOP faculta informação sobre a distribuição dos referidos 2.718.965€ para Serviços Culturais Recreativos e Religiosos: Cultura, 888.000€; Desporto, recreio e lazer, 1.799.065€; Outras actividades cívicas e religiosas, 21.000€. No Plano de Actividades Municipais (PAM), o “Resumo por objectivos” (idem, 35) informa que a dotação definida para “Acção sociocultural e actividades de lazer” é 2.082.597€. No âmbito destas actividades, as verbas são, para Cultura, 89.125€; Gestão de Equipamentos Culturais, 272.635€; Desporto e Movimento Associativo, 609.343€; Gestão de equipamentos desportivos e recreativos, 1.111.494€ (vd. [2012], 35). No “Resumo por Funções” do PAM (idem, 36), na descrição “Serviços Culturais Recreativos e Religiosos” atribuem-lhes 1.910.310€, desdobrados por “Cultura”, 530.365€; “Desporto, recreio e lazer”, 1.274.259€; “Outras actividades cívicas e religiosas”, 105.686€ (vd. [2012], 36).

No mapa de desagregação das GOP (idem 37-53) a verba para “Acção sociocultural e actividades de lazer” desdobra, com maior expressão, os referidos 2.082.597€ pelas grandes rubricas Desporto e Movimento Associativo 609.343€, que são apresentadas com códigos orgânicos distintos, 06 e 15, cabendo ainda a Apoio Movimento Associativo 561.428€¹⁶. Os Museus municipais têm no PAM uma rubrica geral de 220.235€, e sub-rubricas para Museu do Neo-Realismo, 74.945€(p.47) e Núcleo Museológico de Alverca, 30.100€ (p.48). À rubrica “Cultura” são atribuídos 89.125€, a “Actividades de Animação Cultural” 14.500€ e a “Actividades Diversas” 14.500€. Esta comporta elevado número de sub-rubricas (vd. [2012], 46-49). Opta-se por referir, apenas, as que no documento estão destacadas a negrito e apresentam o respectivo valor bruto, pois ao facultarem informação sobre os distintos valores permitem inferir o possível nível de valorização que na política cultural desta autarquia é conferida aos seguintes serviços e acções: Artes Plásticas, 22.600€; Galerias Municipais, 3.000€; Outras Exposições, 6.500€; Artes Plásticas, 3.000€, valor dedicado a aquisições de serviços e materiais; Teatro, 14.500€; Palácio para os Pequenininos, 3.250€; Prémio de Teatro, 5.000€; Actividades Diversas, 7.725€; Prémio Alves Redol, 5.125€; Dia Mundial da Poesia, 200€; Ciclo de Conferências, 1.300€; Rede Bibliográfica da Lusofonia, 100€; Projecto “Vida” Dinamização Cultural

¹⁶ A atribuição dos códigos não apresenta sequência, pois após o código 15, o de apoios, volta a surgir o 06 associado à Gestão de Equipamentos Desportivos, Recreativos, 1.111.494€, (vd.49-50) sendo as Piscinas Municipais dotadas com 842.900€, e Quintas e Palácios Municipais 117.364€. Quem consulte o documento poderia supor que esta descrição, associada à gestão de equipamentos culturais (vd. 47-48), surgiu anteriormente no código 09.

em Instituições, 1.000€; Rota Histórica das Linhas Defensivas de Torres Vedras, Núcleo Museológico/Centro Interpretativo do Forte da Casa, 29.800€; Projectos Comuns Diversos, 13.100€; Observatório Paisagem/Monumento das Linhas de Torres, 2.000€; Gestão de Equipamentos Culturais, 272.635€; Museus Municipais, 220.245€; Museu Municipal de Vila Franca de Xira, 39.000€; Museu do Neo-realismo, 74.945€; Centro de Documentação, 4.500€; Núcleo Museológico de Alverca, 30.100€; Núcleo Museológico do Mártir-Santo, 11.500€; Laboratório de Conservação e Restauro, 5.000€; Casa-Museu Mário Coelho, 3.600€; Museu de Alhandra, Casa Museu Dr. Sousa Martins, 1.100€; Exposições Temporárias e Itinerantes, 26.000€; Coleções do Museu Municipal, 3.500€; Edições do Museu Municipal, 4.500€; Folhetos e divulgação, 2.000€; O Museu Oferece, 9.000€; Arquivo Municipal, 5.500€; Bibliotecas Municipais, 45.390€; Outros equipamentos culturais, 7.000€.

No mapa da “Despesa por Classificação Orgânica” o Departamento da Cultura, Turismo e Actividades Económicas apresenta uma previsão global de encargos de 1.193.277€, dos quais 937.627€ destinam-se a despesas correntes e 255.850€ a despesas de capital. Estas despesas não se apresentam desagregadas por outras unidades orgânicas, como Divisões e Serviços, o que impede conhecer o montante das suas despesas (vd. [2012], 80). Já unidades orgânicas mais restritas, como Gabinetes, apresentam a previsibilidade das despesas em rubricas com classificação orgânica própria — independentemente de a acção de alguns ser específica à administração municipal ou transversal a toda a Câmara e poderem constar na grande rubrica e sub-rubricas previstas para o seu funcionamento — o que não deixa de constituir um exemplo do diverso destaque e agilização do processo de execução orçamental que nos documentos previsionais é dado a vários serviços e às suas funções. É o caso do Gabinete de Apoio aos Órgãos Municipais¹⁷; Gabinete de Informação e Relações Públicas¹⁸; “Gabinete Municipal de Modernização, Qualidade e Tecnologias de Informação”¹⁹; Gabinete de Apoio ao Movimento Associativo²⁰; Gabinete de Protecção Civil²¹. Surge ainda uma despesa destinada a Equipa Multidisciplinar de Requalificação Urbana²² que tem classificação orgânica autonomizada. O documento da despesa encerra com as transferências para as 11 Juntas de Freguesia, cujo valor total previsto em 2013 foi de 3.573.936€, e os encargos com empréstimos a longo prazo.

Atendendo ao objectivo da pesquisa desenvolvida nos documentos previsionais justifica-se destacar as sub-rubricas expressamente identificadas que se reportam às bibliotecas municipais. Nas GOP 2013, os 45.390€ distribuem-se por Animação dos Auditórios das Bibliotecas, 1.000€; Conservação e Manutenção, 5.000€; Material didáctico / fundos documentais, 11.000€; Aquisição de serviços para iniciativas, 2.000€; Aquisição de materiais, 3.000€; Restauro / Edição de folhetos e materiais gráficos diversos, 1.000€; Aquisição de jornais e revistas, 14.000€; Exposições, 50€; Serviços de limpeza, 8.240€; Projecto Livrolândia – aquisição de fundos documentais, 50€.

¹⁷ Com 23000€, verba que apresenta a particularidade de poder ser totalmente lançada em três rubricas (vd. [2012],81);

¹⁸ Com uma despesa prevista de 264.250€, sendo 238.250€ para despesas correntes e 25.000€ para despesas de capital (vd. [2012], 82),

¹⁹ Com previsão de despesa de 1.414.100€, sendo 562.100€ destinados a despesas correntes, a maioria com comunicações, 237.000€ e Assistência técnica, 238.600€, e 852.000€ para despesas de capital (vd. [2012], 84). Nestas, as previstas para equipamento informático ascendem a 180.000€ e para Software a 140.000€. Note-se que a verba destinada a estas compras para as bibliotecas municipais 2.700€ (vd. Qd. 5) não surge desagregada, pelo que incluirá aquisições para fins internos dos serviços e para uso público destes recursos em seis bibliotecas municipais.

²⁰ Este Gabinete, autonomizado do Departamento da Cultura, Turismo e Actividades Económicas, tem uma dotação global de 675.931€. A sua previsão de despesas correntes é 534.220€ —a rubrica mais elevada, 530.620€, pode ser lançada na totalidade numa ou em duas rubricas com a mesma designação, “Instituições sem fins lucrativos” mas com duas classificações económicas distintas. Despesas de capital, com 141.711€, destes 3.000€ destinam-se a transferências para a Administração Local, Freguesias, e 138.711€ e para “Instituições sem fins lucrativos” (vd. [2012], 83). Os desdobramentos de rubricas dos Gabinetes e outros serviços levam a questionar a sua rarefacção nas bibliotecas, o que dificulta a identificação do valor do seu orçamento e as finalidades que lhe destinam (vd. Qd.5).

²¹ Com uma despesa prevista de 485.000€, dos quais 444.992€ para despesas correntes, sendo a maior destinada a transferências para Instituições sem fins lucrativos, igualmente com uma mesma designação funcional e dois códigos de classificação económica para despesas de capital com 21.000€ (vd. [2012], 85)..

²² Com uma previsão total de despesa de 12.001.527€, dos quais 142.541€ para despesas correntes, a maior com Aquisição de serviços, 117.541€ e Despesas de capital, 12.188.986. Este é o único caso em que, nos mapas observados, a Despesas de capital é superior à Despesa corrente. Sem considerar designações genéricas ou indefinidas como “Outros”, os montantes mais elevados destinam-se a “Edifícios para Instalações desportivas e recreativas”, 1.505€ e “ Bens do domínio Público, Parques e Jardins”, 6.180.876€ (vd. [2012], 86).

No documento previsional de 2013 da Câmara de Vila Franca de Xira o objectivo de edificar a nova biblioteca terá sido a decisão mais expressiva no domínio da leitura pública. Mas atendendo às irrisórias verbas cabimentadas para a rede de bibliotecas, caso não ocorram novas perspectivas para o seu financiamento, as cabimentações que lhes conferem podem inviabilizar o retorno social do investimento realizado na rede existente e o previsto para a nova biblioteca. Este documento, e os da maioria de outros municípios que houve oportunidade de analisar, não aponta para que o investimento previsto para oferta pública de recursos de leitura, meios e dispositivos tecnológicos e práticas de promoção da leitura possa ser considerado suficiente para as bibliotecas municipais concretizarem os seus objectivos, prosseguirem a sua acção num tempo histórico que apresenta um novo contexto sociocultural e poderem potenciar a sua intervenção na comunidade como equipamentos públicos numa sociedade em transformação. O orçamento atribuído à rede de bibliotecas de Vila Franca de Xira, à imagem do que sucede com as de outros concelhos, não só é baixo como reduzido em comparação com o de outros serviços que operam no domínio sociocultural. Este e outros casos validam as observações dos entrevistados sobre a falta de recursos das suas bibliotecas, bem como as observações que fizeram sobre não ser conferido às bibliotecas municipais tratamento e meios equiparáveis a outros serviços. Os dados também fundamentam anteriores ilações sobre a baixa expressão que as bibliotecas públicas e a promoção da leitura têm nas rubricas descritivas da maioria dos documentos previsionais dos municípios analisados e nos montantes dos respectivos orçamentos, o que, igualmente, limita a oferta, desenvolvimento e qualificação de práticas de promoção da leitura.

A apresentação e análise mais detalhada que aqui se faz ao documento previsional de Vila Franca de Xira permite ilustrar situações encontradas noutros documentos consultados. E exemplificar a elevada dispersão de cabimentações por códigos e rubricas de classificação funcional e orçamental pelas grandes categorias de funções e subfunções dos serviços que operam no âmbito cultural, recreativo e religioso. As rubricas funcionais e orçamentais, ao contrário do que seria expectável, nem sempre apresentam constância de critérios ou, como se viu, aportam clareza e facilidade de consulta (vd. OCDE (2012,4)). Os exemplos indicados reforçam, como já antes se referiu e aqui se demonstra, a importância de bases de literacia financeira para consultar estes documentos. Já omissões de rubricas relacionadas com as bibliotecas dificultam, neste e outros concelhos, a identificação da sua despesa total, o que não evidencia uma cultura de responsabilidade e de estímulo à exigência cívica de escrutinar a aplicação dos recursos públicos. Alguns documentos previsionais não apresentam mapas de resumos. Os que o fazem só facultam informação sobre valores globais por “Classificação Económica” ou “Grandes objectivos” e “Classificação Orgânica” agregada, o que não permite saber o montante atribuído a serviços com campos de actuação específicos, caso das bibliotecas públicas, informação que seria útil para os cidadãos, para os técnicos destes serviços públicos e para os investigadores, e que aponta para o interesse de estarem disponíveis online os relatórios de actividades e os relatórios intercalares e anuais dos serviços municipais, o que para esta investigação exploratória seria o caso dos das suas bibliotecas.

Parte II

Apêndice de sugestões para futuras investigações

Glossário de termos e expressões relacionados com promoção de leitura

SUGESTÕES PARA POSSÍVEIS FUTURAS INVESTIGAÇÕES

Não importa ao tempo o minuto que passa mas o minuto que vem.
Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (2016,33)

No processo investigativo emergiram algumas lacunas de conhecimento relacionadas com o fenómeno da promoção da leitura em bibliotecas públicas municipais. Algumas foram referidas pela amostra, que apontou a necessidade de se saber mais sobre a gestão das bibliotecas, o papel dos seus serviços, as suas actividades para a educação social e a intervenção sociocultural da biblioteca na comunidade. Sugeriram a realização de estudos sobre: i- o impacto local das práticas de promoção da leitura nos hábitos e gosto pela leitura; ii- o contributo das práticas oferecidas para a promoção de literacias e competências leitoras dos participantes; iii- as necessidades do público das bibliotecas públicas municipais. Estes estudos de cruzam-se com outros cuja falta, e necessidade, foi identificada na investigação, pelo que se considera ser de interesse partilhar a sua sinalização. Ela poderá estimular futuras investigações complementares, ou particularmente relacionadas com esta ou sobre outros temas associados à problemática da promoção da leitura. Dado tratar-se de um assunto de interesse sociocultural conviria continuar, ou iniciar, estes estudos para que eles possam abranger maior horizontalidade territorial. Seria desejável que eles, conjuntamente, também visassem uma ampla cobertura e aprofundamento de abordagem para assim poder acrescentar-se o panorama do conhecimento sobre a promoção da leitura, pelo que eles poderiam começar por ser extensivos e procurassem, progressivamente, cobrir de forma sistemática o território nacional focando-se, porventura, nos espaços territoriais definidos para cada Entidade Intermunicipal²³.

Perante os temas sinalizados afigura-se que algumas dessas eventuais investigações poderão apresentar conexões de abordagens macro e micro investigativas, e ser desenvolvidas não só no campo das Ciências da Informação e Documentação mas terem o aporte de outras áreas do conhecimento e carecerem de equipas de investigação interdisciplinares²⁴. A abordagem com a articulação de contributos de diversos campos disciplinares permitiria: desenvolver novas incursões investigativas e metodológicas; ampliar o horizonte de compreensão do fenómeno através das relações entre campos científicos e respectiva experiência investigativa; facilitar a permuta de diálogos teóricos e trocas de “capital empírico”, conceptual e teórico entre os investigadores envolvidos; alargar a produção teórica e de conhecimento; potenciar inovação nas práticas de promoção da leitura e renovar os seus públicos. Nalguns casos seria útil que estas investigações contassem com apoio institucional e de voluntários – pessoas qualificadas ou estudantes²⁵ cujo percurso académico se cruze com o âmbito dessas investigações – para apoiar o trabalho de campo a realizar.

A serem desenvolvidos os estudos abaixo indicados, e outros cuja necessidade se venha a identificar, se orientados para construir ou ampliar conhecimento sobre o tema, eles permitiriam obter nova informação, aprofundar o quadro do conhecimento sobre a promoção da leitura e, possivelmente, contribuir para melhorar as práticas de promoção da leitura oferecidas pelas bibliotecas públicas municipais.

²³ Entidades Intermunicipais: Alto Minho; Alto Tâmega; Terras de Trás-os-Montes; Cávado; Ave; Área Metropolitana do Porto; Tâmega e Sousa; Douro; Região de Aveiro; Viseu, Dão, Lafões; Beiras e Serra da Estrela; Região de Coimbra; Região de Leiria; Beira Baixa; Médio Tejo; Oeste; Lezíria do Tejo; Área Metropolitana de Lisboa; Alto Alentejo; Alentejo Central; Alentejo Litoral; Baixo Alentejo; Algarve; Região Autónoma da Madeira; Região Autónoma dos Açores.

²⁴ Possíveis cruzamentos interdisciplinares: Ciências da Informação e Documentação; Sociologia, Psicologia Social; Linguística; Política Educativa; Política Cultural; Gestão da Cultura; Educação Social; Ciências da Comunicação; Gestão; Estatística Aplicada.

²⁵ Por exemplo, discentes de Cursos de CID, de Sociologia e de outros domínios do conhecimento associados aos âmbitos disciplinares a investigar, e cujo contributo poderia, também, ter interesse para os seus objectivos académicos.

TEMA: *Estudo sobre a comunidade da biblioteca pública X²⁶: caracterização, interesses, necessidades de leitura e de ampliação de competências leitoras*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Sociologia; Estatística Aplicada; Política Educativa; Política Cultural; Gestão Municipal; Gestão das bibliotecas.

FUNDAMENTAÇÃO: Necessidade de dispor-se de informação, geral e sectorial, sobre a comunidade, através da recolha de dados estatísticos e de informação sociocultural sobre ela, para que a biblioteca possa: interagir com a comunidade de forma informada; compreender os valores, atitudes e comportamentos; conhecer as suas necessidades e expectativas em relação ao funcionamento dos seus serviços; seleccionar/desenhar e gerir de forma adequada a afectação dos seus recursos; planificar e programar o acesso e a operacionalização das ofertas que disponibiliza à comunidade de forma ajustada aos distintos grupos do seu meio sociocultural.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Quantitativa; objectivo descritivo²⁷; procedimento estudo bibliográfico²⁸ complementado com inquérito por questionário.

TEMA: *Os leitores/utilizadores das bibliotecas públicas municipais.*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Sociologia; Estatística Aplicada; Gestão da rede de leitura pública; Gestão das bibliotecas.

FUNDAMENTAÇÃO: Importância de conhecer-se os públicos da biblioteca, os seus interesses e necessidades de leitura, informativas, culturais e formativas, a frequência e uso que fazem dela.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Quantitativa; objectivo exploratório²⁹ e descritivo; procedimento estudo estatístico. Informação sobre o seu perfil sociocultural, poderia ser obtida através da análise da base de dados de inscritos, se devidamente desenhada e actualizada, pode facultar informação sobre quem são os seus leitores/utilizadores – género, idades, freguesia de residência, habilitações académicas, ocupação – e contribuir para o planeamento da aquisição de recursos e disponibilização de ofertas, incluindo as de promoção da leitura. E, porventura por exclusão de tipologias não identificadas, permite inferir alguma informação sobre os seus não-utilizadores e facultar pistas para as bibliotecas procederem a algum redesenho de ofertas que visem os seus públicos potenciais.

²⁶X- Rede concelhia de bibliotecas do município ou redes inter-concelhias, de acordo com os recursos investigativos reunidos para a pesquisa.

²⁷ Objectivo visado por estudos descritivos: “especificar as propriedades importantes das pessoas, grupos, comunidades ou qualquer outro fenómeno que seja submetido a análise” (Vilelas, 2009, 122). Procuram observar, registar analisar, classificar e interpretar os dados para identificar e descrever os factores que possam estar correlacionados com um dado fenómeno particular,

²⁸ Os estudos bibliográficos são, conforme Vilelas (idem, 123), produzidos a partir de material já publicado, neste caso, porventura, os mais recentes censos nacionais relativos ao concelho da respectiva biblioteca.

²⁹ Objectivo visado por estudos exploratórios: “proporcionar maior familiaridade com o problema [...] são usados para conhecer as variáveis desconhecidas, necessárias a uma investigação mais específica e profunda” (idem, 119).

TEMA: *Os interesses de leitura dos públicos das bibliotecas públicas municipais de X.*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Sociologia; Psicologia Social; Política Cultural; Política Educativa; Estatística Aplicada; Gestão das bibliotecas.

FUNDAMENTAÇÃO: Interesse em coligir informação sobre os interesses de leitura dos públicos das bibliotecas para que elas lhes possam facultar ofertas e recursos mais ajustados.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Quantitativa; objectivo exploratório e descritivo; procedimento estudo estatístico.

A informação sobre os interesses de leitura dos públicos das bibliotecas poderia ser obtida através da solicitação às bibliotecas de informação, quantitativa e anónima, existente nas suas base de dados de empréstimos sobre: o género, idades, freguesia de residência, habilitações académicas, ocupação; a classificação por assuntos dos livros emprestados. Poderiam, em alternativa, facultar uma cópia da base de dados apenas com estes elementos relativamente ao período em análise que, naturalmente, deve ser comum às bibliotecas da amostra.

TEMA: *O conhecimento, frequência e interesse da comunidade pela biblioteca municipal de X.*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Ciências da Comunicação; Estatística Aplicada; Gestão das bibliotecas.

FUNDAMENTAÇÃO: Necessidade de saber-se o nível de conhecimento, frequência e o interesse que a comunidade tem sobre a biblioteca, para que esta possa programar de forma adequada o seu programa de divulgação e de comunicação junto da comunidade.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Quantitativa; objectivo exploratório e descritivo; procedimento inquérito por questionário.

O estudo, por amostragem, poderia ter por alvo os utentes de Centros de Saúde e Serviços de Finanças dos concelhos-alvo da investigação, porventura as instituições que poderão congregam maior transversalidade social. Poderia haver interesse em cruzar os resultados do perfil da amostra com o perfil da população do município e o dos leitores inscritos na biblioteca para poder, eventualmente, inferir-se níveis de convergência/divergência entre os respectivos dados.

TEMA: *Os programas de comunicação das bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: histórico e análise [ano(s)]*³⁰.

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Ciências da Comunicação; Sociologia; Marketing, Relações Públicas; Gestão municipal; Gestão das bibliotecas.

FUNDAMENTAÇÃO: Interesse em identificar-se as técnicas e processos comunicação a que as bibliotecas recorrem para comunicar com os seus públicos reais e potenciais. A comunicação – processo social de interacção baseado na troca de informação através de ideias, discursos e práticas, veiculado por vários tipos de mensagens e transmitido por diversos canais comunicativos – é uma coadjuvante da gestão que, se apropriadamente apoiada por políticas de comunicação, marketing e relações públicas, pode ser um auxiliar relevante para se efectuar, de forma coordenada e sistemática, o intercâmbio de informações entre as organizações e os seus públicos e a divulgação das suas ofertas, o que permitiria identificar e analisar os meios e processos usados e sinalizar os que, eventualmente, sejam mais marginalizados ou não convocados.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Mista, qualitativa e quantitativa; objectivo exploratório e descritivo; procedimento análise tipológica das técnicas e procedimentos usados, e análise documental e de conteúdo dos documentos produzidos.

³⁰ Em algumas sugestões para futuros estudos na designação do tema omite-se a referência ao arco temporal. Pretende-se, nestes casos, sinalizar que estas investigações deveriam focar-se no tempo que corresponde ao da sua realização ou a um período próximo dela..

TEMA: *Ofertas de promoção da leitura, de actividades culturais, educativas, formativas, de animação e lazer nas bibliotecas públicas municipais em [ano(s)].*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Política Educativa; Política Cultural; Educação Social; Animação Sociocultural; Gestão da Cultura.

FUNDAMENTAÇÃO: Interesse em identificar-se e conhecer-se a tipologia e caracterização das práticas oferecidas pelas bibliotecas para promover a leitura e a iniciativa e participação dos indivíduos e da comunidade no processo de desenvolvimento do seu interesse pela leitura e acréscimo de competências leitoras, culturais e sociais.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Mista, qualitativa e quantitativa; objectivo exploratório e descritivo; procedimento inquérito por questionário complementado com observação presencial.

TEMA: *Os participantes nas práticas de promoção da leitura e noutras actividades das bibliotecas entre [ano(s)]*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Sociologia; Gestão da Cultura; Gestão das bibliotecas.

FUNDAMENTAÇÃO: Necessidade de saber-se quem são os públicos reais que usufruem das ofertas disponibilizadas pelas bibliotecas públicas, pelo que importa conhecer os seus perfis socioculturais. A informação reunida poderia facultar informação que contribuiria para avaliar e planear as ofertas, melhorar o seu ajustamento e ponderar a eventual ampliação de tipologias de actividades.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Quantitativa; objectivo exploratório e descritivo; procedimento inquérito por questionário. Este seria realizado “in loco”, em dias definidos e durante um período de tempo determinado para, eventualmente com apoio de voluntários, proceder à recolha de informação. Haveria interesse em cruzar esta com a obtida sobre o perfil sociocultural da população com base, no mínimo, na informação apurada no mais recente censo populacional. Por exclusão poderá ainda inferir-se quem possam ser os não participantes nas actividades de cada biblioteca.

TEMA: *A avaliação dos participantes às práticas de promoção da leitura nas bibliotecas públicas municipais entre [ano(s)]*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Gestão de bibliotecas.

FUNDAMENTAÇÃO: Interesse em conhecer-se os níveis de satisfação, e os tipos de críticas e sugestões, que os participantes têm sobre as ofertas disponibilizadas, para que as bibliotecas possam enquadrar estes resultados nas suas perspectivas de avaliação e redesenho das práticas de promoção da leitura.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Mista, qualitativa e quantitativa; objectivo exploratório, descritivo e correlacional³¹; procedimento inquérito por entrevista a bibliotecas e a participantes e análise de conteúdo do histórico de críticas e sugestões relativas a um período anterior a determinar.

³¹ Estudos com objectivos correlacionais procuram, conforme Vilelas (i2009, 122), “determinar as relações entre as variáveis presentes no estudo. Não procuram estabelecer uma relação causa-efeito. O seu objectivo é quantificar, através de provas estatísticas, a relação entre duas ou mais variáveis”.

TEMA: *As competências técnicas disponíveis nas bibliotecas da Rede Nacional de Leitura Pública para planear, conceber e mediar práticas de promoção da leitura*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Gestão de Recursos Humanos, Educação Social; Serviços Educativos e Culturais.

FUNDAMENTAÇÃO: Importância de identificar-se o quadro das competências técnicas existentes nas bibliotecas da Rede Nacional de Leitura Pública para promover a leitura, a fim de poder aferir-se o seu nível de adequação e eventuais necessidades de requalificação

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Quantitativa; objectivo exploratório e descritivo; procedimento inquérito por questionário.

TEMA: *Conteúdos curriculares e fontes indicadas nos cursos de Ciências da Informação e Documentação para conceber e operacionalizar práticas de promoção da leitura em bibliotecas públicas*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Gestão da Cultura; Educação Social.

FUNDAMENTAÇÃO: Importância de se identificar os conteúdos curriculares associados à promoção da leitura, e as normativas, directrizes e outros documentos teóricos e técnicos neles indicados, que contribuam para qualificar os alunos nesse domínio.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Mista, qualitativa e quantitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento análise documental e descritiva de conteúdo com base no levantamento e análise dos planos de estudo e da bibliografia indicada sobre o tema.

TEMA: *Promoção da leitura: significados atribuídos pelas bibliotecas públicas municipais de X e pelos seus leitores.*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Ciências da Linguagem; Sociologia; Psicologia Social; Educação Social.

FUNDAMENTAÇÃO: Interesse em, a partir do léxico e conceitos usados por bibliotecários e leitores sobre promoção da leitura, aferir-se e conhecer-se: as representações sociais, simbólicas e teóricas que os profissionais de bibliotecas e os seus públicos têm sobre a promoção da leitura; os respectivos níveis de correspondência; os enformes de construção de significado e processos de subjectivização em torno da promoção da leitura. Bem como os possíveis níveis com que nos seus discursos, uns e outros, expressam sobre ela sentidos de: integração cultural – a concordância entre as normas de uma cultura; de integração comunicativa – o intercâmbio de significações; de integração funcional – intercâmbio de serviços por via da divisão de trabalho e grau de especialização (vd. Pinto & Almeida, 1975),

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Qualitativa; objectivo exploratório, descritivo e correlacional; procedimento inquérito por entrevista para, a partir do estudo discursos dos dois grupos da amostra, efectuar uma análise de conteúdo linguístico, sociológico e cultural.

TEMA: *As finalidades visadas pelas práticas de promoção da leitura na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas entre [anos]*

ÂMBITO DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Sociologia; Educação Social; Gestão da Cultura; Gestão das bibliotecas.

FUNDAMENTAÇÃO: Importância de se conhecer as finalidades perspectivadas para serem alcançadas com as práticas de promoção da leitura oferecidas pelas bibliotecas e quais os recursos teóricos, técnicos e materiais que, para esse efeito, elas visam mobilizar.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Qualitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por entrevista e análise documental.

TEMA: *Metodologias, estratégias e contributos mobilizadas para conceber, planear e operacionalizar práticas de promoção da leitura na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas entre [ano(s)]*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Educação Social; Serviços Educativos; Serviços Culturais; Animação Sociocultural.

FUNDAMENTAÇÃO: Necessidade de se dispor de uma descrição sistemática dos contributos científicos, teóricos e técnicos, e de conhecer as normativas, directrizes e outras fontes que são mobilizadas nas metodologias, estratégias e procedimentos usados para conceber, planear e operacionalizar as práticas de promoção da leitura na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Qualitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por entrevista, análise documental e observação.

TEMA: *Os documentos e materiais de apoio produzidos pelas bibliotecas Rede Nacional de Bibliotecas Públicas para as suas práticas de promoção da leitura entre [ano(s)]*

ÂMBITO DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Ciências da Educação; Educação Social; Serviços Educativos; Serviços Culturais; Animação Sociocultural.

FUNDAMENTAÇÃO: Interesse em identificar-se e conhecer-se os formatos e conteúdos informativos, educativos, formativos e culturais produzidos pelas bibliotecas – materiais de apoio, auxiliares pedagógicos e outros documentos – para enquadrar o desenvolvimento e operacionalização das suas práticas de promoção da leitura e facultar apoio suplementar aos participantes.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Qualitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento análise descritiva e de conteúdo para identificar, descrever, classificar e analisar os materiais e documentos.

TEMA: *Instrumentos, fontes e procedimentos usados na avaliação das práticas de promoção da leitura da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas entre [ano(s)]*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Gestão de bibliotecas.

FUNDAMENTAÇÃO: Necessidade de conhecer-se os instrumentos, fontes e procedimentos com os quais as bibliotecas desta rede enquadram a avaliação das suas práticas, as inter-relações que desenvolvem para esse efeito, bem como as alterações que implementaram na sequência dos resultados de avaliação das suas práticas de promoção da leitura

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Quantitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por questionário, análise documental descritiva e de conteúdo.

TEMA: *Promoção da leitura, animação e animação sócio cultural nas bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas entre [ano(s)]*

ÂMBITO CIENTÍFICO/ DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Educação Social; Animação Sociocultural; Serviços Educativos e Culturais.

FUNDAMENTAÇÃO: Interesse em conhecer-se os modelos que enformam as ofertas das bibliotecas para promover a leitura

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Qualitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento observação não participativa para coligir anotações, filmagens e, gravações para submeter a tratamento e análise.

TEMA: *A promoção de leitura não textual nas bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas entre [ano(s)]*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Educação Social; Política cultural; Política educativa.

FUNDAMENTAÇÃO: Interesse em aferir-se o nível de expressão que é dado aos diversos domínios de leitura, para além da textual, nas práticas oferecidas pelas bibliotecas.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Mista, qualitativa e quantitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por questionário, análise documental descritiva e de conteúdo.

TEMA: *Tipologias e caracterização de actividades complementares às práticas de promoção da leitura nas bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas entre [ano(s)]*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Educação Social; Animação Sociocultural; Serviços Educativos e Culturais.

FUNDAMENTAÇÃO: Interesse em identificar e caracterizar o investimento e a regularidade conferidos às actividades complementares das práticas de promoção da leitura e os possíveis contributos, expectáveis e atingidos, com estas actividades.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Quantitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por entrevista e análise documental descritiva e de conteúdo.

TEMA: *Os documentos de apoio produzidos para práticas de promoção da leitura na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas entre [ano(s)].*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Ciências da Educação; Ciências da Comunicação; Educação Social; Animação Sociocultural; Serviços Educativos e Culturais.

FUNDAMENTAÇÃO: Utilidade de efectuar o levantamento destes documentos e de os analisar para se conhecer o seu potencial contributo para a promoção social da leitura e para o estímulo e acréscimo de competências leitoras.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Quantitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por questionário e análise documental descritiva e de conteúdo.

TEMA: *Propostas dos leitores para práticas de promoção da leitura na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas entre [ano(s)]*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Sociologia; Política Educativa; Política Cultural; Gestão das bibliotecas; Gestão municipal

FUNDAMENTAÇÃO: Interesse em conhecer-se os estímulos e canais de comunicação previstos para a participação dos leitores no planeamento das práticas, categorizar as suas sugestões, o seu acolhimento, integração nos planos de actividades e respectiva concretização.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Qualitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por entrevista e análise documental descritiva e de conteúdo.

TEMA: *Participação dos munícipes nos planos de actividades propostos pelas bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas e sua expressão nos documentos previsionais municipais [ano(s)]*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Política cultural; Estatística Aplicada; Gestão municipal; Governança; Gestão das bibliotecas.

FUNDAMENTAÇÃO: Importância de saber-se o estímulo e o acolhimento que são dados à dimensão participativa dos munícipes na política de leitura pública das autarquias.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Qualitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por entrevista, estudo bibliográfico³² e análise documental descritiva e de conteúdo.

TEMA: *Práticas de promoção da leitura nas bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas entre [anos]: as propostas pelas bibliotecas, as aprovadas e as realizadas.*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Política cultural; Estatística Aplicada; Gestão das bibliotecas; Gestão municipal.

FUNDAMENTAÇÃO: Necessidade de se conhecer e caracterizar as práticas propostas pelas bibliotecas, seus objectivos, públicos-alvo e de identificar o diferencial existente nas tipologias, destinatários, objectivos e recursos conferidos entre as práticas propostas, aprovadas e realizadas.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Qualitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por entrevista, análise descritiva e de conteúdo e dos planos e relatórios para comparar os dados e aferir o diferencial existente entre as variáveis constantes nas propostas e nos planos de actividades das bibliotecas, nos documentos previsionais e de prestação de contas municipais

TEMA: *Os recursos aplicados nas práticas de promoção da leitura na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas entre [ano(s)]*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Política Cultural; Política Educativa; Educação Social; Gestão das bibliotecas; Gestão municipal.

FUNDAMENTAÇÃO: Importância de conhecer-se o quadro dos recursos humanos, técnicos e materiais e divulgativos aplicados nas práticas de promoção da leitura.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Quantitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por questionário e análise descritiva e de conteúdo dos relatórios municipais e eventuais documentos externos.

³² “Os estudos bibliográficos são elaborados a partir de material já publicado” (Vilelas, 2009, 123).

TEMA: *Os recursos investidos na promoção da leitura na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas entre [anos]*

ÂMBITO CIENTÍFICO/ DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Estatística Aplicada; Gestão das Bibliotecas; Gestão Municipal; Governança; Políticas Educativas; Políticas Culturais; Gestão da rede de leitura pública.

FUNDAMENTAÇÃO: Importância de se conhecer os recursos nacionais, municipais e outros conferidos para promover a leitura.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Quantitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por questionário e análise descritiva e de conteúdo dos relatórios municipais e eventuais documentos externos.

TEMA: *Promoção da leitura na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: dificuldades e limites.*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Sociologia; Política Cultural; Política Educativa; Educação Social.

FUNDAMENTAÇÃO: Necessidade de se conhecer e categorizar o quadro das principais dificuldades identificadas pelas bibliotecas para promover a leitura pública.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Qualitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por entrevista, com base na prática empírica da amostra para aferir a sua percepção sobre a expressão das dificuldades que sinalizam e proceder à respectiva categorização.

TEMA: *Os contributos das práticas de promoção da leitura na biblioteca X*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Ciências da Educação; Didáctica da Leitura; Sociologia; Psicologia Social; Política de Leitura Pública; Política Educativa; Política Cultural; Gestão da rede de leitura pública.

FUNDAMENTAÇÃO: Necessidade de se saber qual é a relevância social, educativa e cultural do impacto das práticas de promoção da leitura e o que elas representam para os participantes aferindo o seu contributo em relação aos seus hábitos e interesse pela leitura, acréscimos cognoscitivos, e outros, que elas geram nos participantes e poder conhecer-se o nível de correspondência/correlação entre elas e a ampliação de conhecimentos culturais, competência leitoras, literácitas, emocionais e sociais conseguidas pelo efeito da exposição e envolvimento daqueles que nelas participam.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO: Qualitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento grupos focais³³ – cuja actuação é enquadrada por observação, análise e avaliação dos resultados da participação na prática de acordo com o “framework” teórico e prático para ela desenhado³⁴, o que pode permitir aferir e demonstrar o valor das práticas em termos de aquisição e/ou acréscimo de informação, conhecimentos e de competências leitoras e literácitas resultantes informativas, educativas, formativas e emocionais – ou, em alternativa ou complementarmente, análise de testemunhos fundamentados sobre os impactos sociais e cognoscitivos e emocionais das práticas de promoção da leitura.

³³ Técnica de investigação em que o investigador reúne num mesmo local e período de tempo as pessoas que fazem parte do público-alvo da investigação, de forma a colher – a partir da sua actuação, do diálogo, do debate com e entre eles – informações sobre o assunto que é objecto da investigação.

³⁴ Pode incorporar a avaliação da transmissão da informação e sua incorporação pelos participantes a nível, por exemplo, de: processamento da informação transmitida – conhecer, compreender, avaliar criticamente, aplicar a informação, criar e comunicar conteúdos; capacidade de análise – técnica, crítica, criativa; escolha e uso de suportes – classificados por o formato, origem, tipo de informação que veiculam; operacionalização de tarefas – localizar, identificar, avaliar, seleccionar; interpretar, reflectir, integrar essa informação na discussão, na produção de um conteúdo ou numa prova associada ao estudo dos contributos das práticas.

TEMA: *Relações colaborativas entre as bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas e as instituições da sua comunidade entre [anos]*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Sociologia; Educação Social; Políticas Educativas; Políticas Culturais; Gestão de bibliotecas; Gestão municipal.

FUNDAMENTAÇÃO: Interesse em identificar-se a tipologia de instituições locais envolvidas, a actuação interinstitucional desenvolvida e os resultados gerados pela relação desenvolvida entre as bibliotecas e as instituições da sua comunidade em termos dos contributos educativos, culturais e sociais, bem como sinalizar limitações e expectativas para a sua acção.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO:

Quantitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por questionário para efectuar o levantamento das instituições educativas, culturais e associativas concelhias, de saúde e outras com quem as bibliotecas cooperam, proceder à sua classificação e identificar o que/como o fazem.

TEMA: *Relações colaborativas entre as bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas e instituições externas [anos]*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Sociologia; Políticas Educativas; Políticas Culturais; Gestão de bibliotecas; Gestão municipal; Gestão da rede de leitura pública.

FUNDAMENTAÇÃO: Interesse em identificar-se a tipologia de instituições externas envolvidas com o trabalho das bibliotecas e conhecer-se os projectos e a actuação que mutuamente desenvolvem.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO:

Quantitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por questionário para efectuar o levantamento e tipologia das instituições envolvidas, identificar a actuação interinstitucional desenvolvida e os resultados gerados.

TEMA: *Práticas de cooperação e partilha entre as bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas entre [anos]*

ÂMBITO DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Sociologia; Políticas Educativas; Políticas Culturais; Gestão da rede de leitura pública; Gestão de bibliotecas; Gestão municipal;

FUNDAMENTAÇÃO: Necessidade de conhecer-se a expressão, tipologia e objectivos que enquadram de acções de cooperação e partilha desenvolvidas entre as bibliotecas que fazem parte da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, e saber-se: os resultados dessas actuações; a avaliação que a amostra faz sobre essas experiências; sinalizar as limitações detectadas e possíveis expectativas que possam ter para a construção de uma agenda de colaboração e partilha entre as bibliotecas da rede.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO:

Quantitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por questionário para efectuar o levantamento e tipologia das instituições envolvidas, identificar a actuação interinstitucional desenvolvida e os resultados gerados.

TEMA: *Projectos de intervenção sociocultural na comunidade promovidos pelas bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas entre [anos]*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: de Ciências da Informação, Sociologia; Animação Sociocultural; Políticas Educativas; Políticas Culturais; Gestão de bibliotecas; Gestão municipal

FUNDAMENTAÇÃO: Interesse de identificar e conhecer o âmbito das práticas sociais oferecidas pelas bibliotecas públicas para estimular: a participação activa dos indivíduos, e da comunidade, na dinâmica sociocultural e política; o seu envolvimento em práticas de empreendedorismo social no domínio educativo, formativo e cultural. Este estudo contribuiria para se conhecer melhor o valor sociocultural do papel das bibliotecas na educação, dinamização social e a sua intervenção na comunidade.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO:

Quantitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por questionário para efectuar o levantamento documental e identificar a tipologia de projectos desenvolvidos, os seus objectivos e resultados que averbaram.

:

TEMA: *A promoção da leitura nos planos estratégicos das bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: histórico e análise.*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Gestão de bibliotecas; Gestão municipal; Gestão da rede de leitura pública.

FUNDAMENTAÇÃO: Interesse em conhecer-se a existência destes documentos nas bibliotecas da rede e o papel estratégico que neles é conferido à promoção da leitura.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO:

Quantitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento inquérito por questionário para localizar o início da produção deste tipo de instrumentos de gestão, efectuar o seu levantamento, aferir a sua continuidade e proceder à análise documental e descritiva de conteúdo.

TEMA: *Visões prospectivas dos bibliotecários da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas para a promoção da leitura*

ÂMBITO CIENTÍFICO/DISCIPLINAR: Ciências da Informação e Documentação; Gestão; Sociologia; Psicologia Social; Educação Social; Gestão da rede de leitura pública; Gestão municipal; Gestão de bibliotecas.

FUNDAMENTAÇÃO: Importância de conhecer-se as perspectivas dos bibliotecários responsáveis pelas bibliotecas sobre a possível continuidade, extinção, reabilitação e inovações que eles prefiguram para a promoção da leitura e o respectivo impacto no papel social das suas bibliotecas. O interesse de proceder a “estudos de previsões” radica-se nestes permitirem reunir contribuições com potencial valor para o planeamento organizacional, neste caso para desenhar e programar práticas de promoção da leitura, incorporar-lhes dimensões criativas e delinear o alcance sociocultural dessas práticas.

POSSÍVEIS METODOLOGIAS QUANTO À ABORDAGEM, OBJECTIVO, PROCEDIMENTO:

Qualitativa; objectivo exploratório, descritivo; procedimento grupos focais para recolher as opiniões do painel de participantes com recurso, por exemplo a: i- “técnica Delphi”, a partir da apresentação de proposições a serem sucessivamente ordenadas pelo painel; ii- inquérito com questões abertas; iii- “brainstorming”. Poderá considerar-se a aplicação singular de uma destas técnicas ou mobilização três painéis e aplicar, a cada um, uma delas e comparar os resultados.

GLOSSÁRIO DE TERMOS E EXPRESSÕES RELACIONADOS COM PROMOÇÃO DA LEITURA

Este glossário tem por objectivo apresentar uma recolha da terminologia e conceitos relevantes sobre promoção da leitura, ou com ela relacionados, que emergiram no processo investigativo. Não se trata, como num dicionário, de uma lista alfabética de palavras e seus sinónimos, mas da apresentação de definições e explicitações sobre o sentido dos termos e conceitos relacionados com a matéria da investigação e nela usados. Sobre alguns termos nem sempre se encontrou a sua definição como, por exemplo, no caso da “Hora do Conto,” tal como alguns conceitos não apresentam uma formulação unívoca e inequívoca (vd. Cap. I, 1 - 1.3), o que sucede com o próprio conceito de “promoção da leitura”. Este glossário, “pequena língua”, procura facilitar o acesso ao sentido destes e outros termos e conceitos-base. As definições e sentidos foram encontrados na literatura científica ou na procura desenvolvida para os clarificar e apresentar a partir de leituras de documentos técnicos, ou com base no conhecimento obtido em diversas experiências empíricas de produção de práticas de promoção da leitura. Para a sua organização seguiu-se o modelo do livro sobre conceitos-chave de museologia de Desvallées e Mairesse (2010) e o *Glossário de cultura*, coordenado por de Cascão, Sousa e Ramalho (2007). Usa-se, consoante o contexto, o sinal * ou a indicação “vd” quando seja necessário ou útil a remissão para os termos assim sinalizados. Dada a relativa autonomia do glossário em relação à investigação, a sua produção não tem carácter obrigatório, as suas referências bibliográficas são apresentadas no final do glossário.

ACESSIBILIDADE

Característica do que está disponível. A acessibilidade gratuita a materiais de leitura é assegurada pelas bibliotecas públicas que os emprestam sem qualquer oneração directa ou indirecta, ainda que enfrentem particulares dificuldades em disponibilizar acesso público a alguns documentos em formato digital por limitações impostas pelo DRM (Digital Restrictions Management), mecanismos que os produtores de conteúdos neste formato aplicam para gerir e restringir a partilha de acesso a estes documentos (vd. Silva, 2015). O acesso a actividades disponibilizadas pelas bibliotecas públicas, como práticas de promoção da leitura e outras iniciativas informativas, culturais e formativas, também é disponibilizado gratuitamente para assegurar o direito à leitura e a equidade de acesso a bens culturais e informativos sem restrições de ordem social, financeira ou outras.

ACESSO AO CONHECIMENTO

Possibilidade de obter e utilizar o conhecimento existente sobre um assunto ou uma área de interesse da pessoa /cidadão (vd. APSDI, 2011).

ACTIVIDADES DE ANIMAÇÃO

Actividades ou acções que têm por objectivo proporcionar a todos os benefícios do desenvolvimento cultural e reduzir desigualdades sociais. O termo animar – do latim “animus”, dar ânimo, energia, vida – foi incorporado no conceito “actividade de animação” e reporta-se a esta e ao seu resultado. O conceito surgiu nos anos 60 do séc. XX na sequência de movimentos de reivindicação social e cultural que consideraram, apesar da existência de escolarização geral obrigatória, que as próprias escolas, “aparelhos ideológicos de Estado”³⁵, podiam reproduzir desigualdades, fenómeno que a animação cultural e social se propunham ultrapassar (vd. Ander-Egg, 2000; Trilla, 2004). Actividades de animação em bibliotecas públicas são definidas por Neves e Lima como “o conjunto de actividades culturais e não só as directamente relacionadas com documentos impressos ou digitais. A animação difere do fomento da leitura, já que este se refere a actividades mais específicas para praticar a leitura e à promoção das competências de leitura” (2009, 34-35).

ACTIVIDADES DE ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL*

Acções sistemáticas, planeadas e enquadradas em projectos e programas apoiados com mediação técnica habilitada e destinadas a contribuir para o desenvolvimento de compreensão crítica sobre diversos âmbitos e envolver as pessoas no seu desenvolvimento e no da comunidade, ao estimular a “la participación activa en las actividades culturales y en el movimiento de innovación y de expresión personal y colectiva” (De Varine, cf. Gómez Acosta [2014?], s.p.).

ACTIVIDADES COMPLEMENTARES A PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Actividades desenvolvidas em contextos lúdicos e pedagógicos que envolvem a combinação de situações e processos facilitadores de aprendizagens cognitivas para promover níveis de leitura e literacias ao fornecerem propostas, apoio e meios para os participantes envolverem-se activamente em acções que mobilizem o cruzamento de informações e de conhecimentos prévios e adquiridos na prática em que participaram, que também os podem estimular a pesquisar e complementar a informação nela fornecida e a produzir conteúdos materiais ou digitais relacionados com o tema. Estas actividades procuram recorrer a procedimentos de “hands-on*, minds-on*, hearts-on approach**” começando por diagnosticar as percepções iniciais do grupo e fazer a “negociação” prévia dos objectivos. Trabalham depois as expectativas e conhecimentos prévios, relacionam o universo de referentes com o elemento de novidade apresentado, sistematizam a articulação dos pontos de partida e de chegada alcançados pelos participantes (vd. Silva & Filipe, 2010).

ACTIVIDADES CULTURAIS

Conjunto de actividades desenvolvidas no domínio da cultura* – o conjunto de costumes, crenças, modos de vida, conhecimentos, produções sociais e artísticas geradas na sociedade ao longo do tempo e que caracterizam a própria sociedade, comunidade ou grupo que produz e partilha estes legados culturais (vd. UNESCO, 2002) – para divulgar o seu conhecimento. Estas actividades procuram que as pessoas confirmem significação a fenómenos naturais, históricos, culturais, materiais e imateriais passados, presentes e emergentes, e que a sua incorporação

³⁵ De acordo com Althusser (1980), a perpetuação das relações produtivas e sociais é assegurada por imposição coerciva, via aparelhos repressivos da superestrutura jurídica, política e ideológica e garantida por via de aparelhos ideológicos que asseguram socialmente a transmissão e condicionamento ideológico, nomeadamente através da educação. Bourdieu(1997), relembra que: ela enforma uma disciplina que racionaliza e assegura a obediência dentro da plural diversidade das pessoas.

cognoscitiva aporte aos participantes sentido de identidade e compreensão da diversidade criativa e cultural humana nos distintos contextos socioculturais (vd. UNESCO, 2003; Cascão, Sousa & Ramalho, 2007; Martins, 2020), o que também inscreve estas actividades no campo da inclusão cultural e da cidadania.

ACTIVIDADES DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

Actividades desenvolvidas para promover a cultura* e apropriação cultural colectiva a fim de capacitar e enriquecer a compreensão, aquisição e acréscimo de informação e conhecimentos. Para isso elas promovem o acesso a bens culturais tangíveis e intangíveis usados e transmitidos socialmente a fim de facultar aos participantes oportunidade de acesso, “chaves” de leitura e possibilidades de reflexão sobre modelos e convenções culturais a fim de as pessoas terem deles percepção e oportunidade de efectuar uma reflexão consciente (vd. UNESCO, 2003; Cascão, 2007). Existem actividades, disponibilizadas por várias instituições, nas quais se pode assistir a uma relativa indiferenciação entre cultura e cultura como evento.

ACTIVIDADES EDUCATIVAS

Actividades organizadas em torno de programas e projectos destinados à participação activa e interactiva dos que nelas participam para apoiar a sua educação, informação, enriquecimento cultural e ampliação das suas competências. São apoiadas por mediadores habilitados a: aplicar estratégias de abordagem*; facultar informação sobre o objecto* da actividade; incentivar a sua exploração pelos participantes; estimular o seu envolvimento na produção de conteúdos; fornecer auxiliares pedagógicos* atractivos e relevantes. O desenvolvimento destas actividades procura inculcar acréscimo cognoscitivo e recordações activas e operativas, pelo que elas devem oferecer conteúdos e abordagens centradas no desenvolvimento integral dos participantes, motivá-los e capacitá-los para aplicarem as competências adquiridas em diversas situações e usarem ferramentas e recursos, incluindo os tecnológicos e outros. Por isso o objectivo das actividades educativas não é serem uma mera oferta de evento (vd. eventos culturais) mas a exploração do seu potencial para os participantes. Actividades educativas diferenciam-se de actividades formativas* no sentido em que estas implicam maior focalização na aplicação das competências adquiridas na formação teórica e prática ministrada.

ACTIVIDADE DE ENTRETENIMENTO

Acção ou evento com a finalidade de distrair o público assistente, conforme à definição de entretenimento: actividade ou acontecimento com finalidade de entreter e distrair o público assistente que não desempenha um papel activo na acção. Perante muitas ofertas da indústria cultural*, apesar de nelas os envolvidos intervirem no desenrolar da acção, terá de aferir-se o que desta resulta em termos de dimensão reflexiva, crítica e informada, e de possibilidades de apropriação de instrumentos para intervenção consciente sobre o real, ou se esse “papel” não se reduz a ser mero entretenimento “activo”, alienador e promotor de passividade social e de “menoridade individual”³⁶.

³⁶ Conceito cunhado por Kant que em *Eléments métaphysiques de la doctrine du droit*, no capítulo Qu'est-ce que les lumières? (1853) reflectiu sobre a maioridade de entendimento, concebendo-a como condição de liberdade, e conseqüente exercício de cidadania que, para se realizar, carece do domínio de técnicas de leitura e de escrita. A este propósito, lembre-se o que Aristóteles refere sobre os seres passivos: “Com efeito, o elemento vegetativo não tem nenhuma participação num princípio racional, mas o apetitivo e, em geral, o elemento desiderativo participa dele

ACTIVIDADES FORMATIVAS

Actividades perspectivadas para adquirir ou ampliar conhecimentos e competências. A noção de formação – dar forma a, constituir algo – pode ter significado educativo e pedagógico quando visa o processo educativo enformador de comportamentos sociais por via da transmissão e aquisição de informação e conhecimentos. Tem ainda o sentido corrente de aquisição ou desenvolvimento de um conjunto de conhecimentos relativos a uma área científica ou técnica e o de domínio de perícias em âmbitos técnicos profissionais visando, com frequência, a inserção ou a reinserção laboral. Pressupõe-se que estas actividades, ao proporcionarem aprendizagem formativa, geram acréscimo e actualização de competências formais nos participantes e operam neles uma transformação em relação às suas competências anteriores.

ACTIVIDADES LÚDICAS

Acções desobrigadas relacionadas com o acto de brincar ou o envolvimento em jogos e cuja finalidade é produzir prazer e divertir os participantes. Observam-se casos em que se confunde actividades lúdicas com actividades de entretenimento. A actividade lúdica, apesar de desobrigada, pode associar a uma experiência de diversão estímulos e conteúdos para desenvolver competências emocionais, imaginativas, intelectuais, motoras, sociais e, nesse sentido, ser uma actividade educativa. Estas actividades têm pertinência pois o divertimento lúdico inscreveu-se, desde ancestrais comunidades e cidades antigas, nos referenciais culturais humanos. Yepes pensa que podem associar-se actividades lúdicas à promoção da leitura, textual ou outra, e que podem ter um papel adjuvante se nelas se perspectivarem as potencialidades das diversas dimensões da leitura e não se limitarem ao lúdico como fim em si (2013, 195).

ACTIVIDADES PEDAGÓGICAS

Actividades associadas a conteúdos e temas relacionados com as aprendizagens escolares, adaptados aos respectivos níveis etários, também relativas à formação e ao exercício da pedagogia.

ALFABETIZAÇÃO

Aquisições elementares de leitura, escrita e numeracia que hoje decorrem da frequência de graus básicos da escolaridade formal. Estes adquiridos implicam processos que envolvem a interiorização de prescrições sobre o uso destes conhecimentos, pelo que devem conferir capacidade de descodificar, interpretar, produzir textos em linguagem escrita e de resolver problemas matemáticos em diversas situações do quotidiano. Kant considerava os adquiridos da alfabetização como condição de liberdade e, conseqüentemente, que eles eram recursos cognoscitivos necessários para a liberdade dos indivíduos e o exercício da cidadania.

ANALFABETO

“Indivíduo com 10 ou mais anos que não sabe ler nem escrever, i.e., incapaz de ler e compreender uma frase escrita ou de escrever uma frase completa” (Justino, 2016, 284). Pessoas analfabetas também têm maior dificuldade em apreender prescrições sobre uso de conhecimento validado e em adquirir e aplicar estratégias discursivas socialmente aprovadas nas suas práticas comunicativas.

em certo sentido, na medida em que o escuta e lhe obedece”. (1991, Livro I, 13). Sobre o papel que o entretenimento pode desempenhar como factor de dominação veja-se em Debord (1992), Adorno (1987), Martel (2010) e Melman (2012).

ANIMAÇÃO CULTURAL

O uso corrente da expressão é aplicado como sinonímia de animação sociocultural*.

ANIMAÇÃO DA LEITURA

O termo “animação da leitura” terá surgido no início dos anos 80 do séc. XX, quando “la confianza depositada en el tándem escuela-biblioteca para la alfabetización social no había producido los resultados esperados. Los jóvenes no leían tal como se esperaba, ni en cantidad, ni en calidad” (cf. Yepes, 2013, 26). Jiménez Martínez informa que a primeira conceptualização teórica da animação de leitura data de 1991, quando Carmen Olivares a definiu como “un acto consciente realizado para producir un acercamiento afectivo e intelectual a un libro concreto, de forma que este contacto produzca una estimación genérica hacia los libros”³⁷ (cf. Jiménez Martínez 2012, 65). Neves e Lima consideram-na “o conjunto de bens, mensagens e serviços propostos ao público por profissionais ou o conjunto de actividades culturais realizadas pelas bibliotecas e não apenas as directamente relacionadas com os acervos documentais. Deste ponto de vista, animação distingue-se de promoção da leitura porque esta designará as actividades mais direccionadas para a dinamização do acervo documental e a leitura do ponto de vista das competências e, ou, das práticas” (2009, 33). Distinguem animação de fomento da leitura por este referir-se a actividades mais específicas para praticar a leitura (idem 34-35). Prole também os distingue, pois considera que a animação pode relacionar-se com actividades “em que a leitura é secundária ou pode mesmo estar ausente” (2009, 2). O *Glossário da Casa da Leitura* considera-a “actividades lúdicas que integram os projectos de promoção da leitura e que, através da leitura literária regular e continuada, visam a criação de hábitos de leitura e o desenvolvimento das competências leitoras”. (Fundação Calouste Gulbenkian, s.d). Costa define-a sinteticamente como “projectos de desenvolvimento pessoal e social, fundamentais para o crescimento pleno do ser humano do século XXI” (2007, 6).

ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL

Conjunto de acções para promover a cidadania nas comunidades e envolver activamente as pessoas na vida cultural e democrática. O termo foi usado pela primeira vez em 1950 na Conferência da UNESCO em Mondesee, Austria, que a definiu como “el conjunto de prácticas sociales que tienen como finalidad estimular la iniciativa y participar de las comunidades en el proceso de su propio desarrollo y en la dinámica global de la vida sociopolítica en que están integradas” (cf. Ander-Egg, 2000, 41). Reynolds informa que o termo “has gained increasing use internationally to describe community arts work which literally animates, or ‘gives life to’ the underlying dynamic of a community” (1984, 32). Ander-Egg considera-a uma tecnologia social “basada en una pedagogia participativa, [que] tiene por finalidad actuar en diferentes ámbitos de la calidad de vida, promoviendo, alentando y canalizando la participación de la gente en su propio desarrollo socio-cultural” (idem, 42), aspectos que são considerados em investigações designadas

³⁷ Informação fornecida, cf. Yepes, por Ana Garralón, in “El binomio realista”, publicado em *Educación y Biblioteca*, (1991, 4-44). Para Yepes, a definição de Carmen Olivares “conserva vigor dada su claridad. En ninguna ocasión menciona la palabra lúdica, juego o placer (2013, 33). E ele diz que a “lectura silenciosa, la lectura en voz alta o la narración à animação de leitura é indispensável. En ella pueden o no estar involucrados otros elementos, como por ejemplo algunos medios didácticos”(idem).

por pesquisa-acção*. O conceito “animação cultural” ou “animação sociocultural”³⁸ inscreve-se na corrente da educação popular, relativiza quadros referenciais de transmissão de conhecimento, de valores exteriores, e posiciona a aprendizagem no ponto de vista dos indivíduos e das suas realidades sociais. Segundo Ander-Egg (2000) estas práticas não devem ser processos educativos mecanicistas e “culturalistas”, servir para a promoção acrítica de valores e produtos dominantes, ser mero entretenimento para ocupação de tempo e reduzir-se a técnicas assépticas dissociadas de objectivos socioculturais, mas devem visar o estímulo à “participación activa en las actividades culturales y en el movimiento de innovación y de expresión personal y colectiva” (De Varine³⁹, cf. Gómez Acosta [2014], s.p.).

ANIMADOR SOCIOCULTURAL

É definido por Reynolds como um “community artist [ou, porventura, vinculado à comunidade] who helps people create and celebrate their own culture, drawing freely on the particular aspirations, myths, ethnic or historical heritage that bind them as a community [...] is a catalyst and synthesizer, as well as an organizer of work and an imparter of skills. Living and working in the mainstream of community life, comes to know the community intimately and is accepted as the community’s own. Animation work, by definition, involves people in a process of channeling their own creative energy toward a common goal. The process, as much as the product, enriches community life and imparts a sense of common identity” (1984, 32).

APRENDIZAGEM

Processo de aquisição e compreensão de conhecimentos, informação, competências e habilidades para conduzir a uma melhoria e/ou a uma mudança. A aprendizagem permite adquirir comportamentos e valores que são apropriados, e podem ser transformados, por processos decorrentes da experiência, da formação dos indivíduos e de estudo, o que lhes permite aprenderem a conhecer, a fazer, a interagir, a ser. É um continuado e complexo processo que acompanha o percurso de vida das pessoas. Ele não se completa num dado período determinado da vida das pessoas, nem se encerra com a conclusão de níveis da escolaridade formal, sobretudo no actual contexto social tão marcado pela diversidade, por inovações transformadoras, por novas realidades e necessidades sociais.

APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA (Lifelong learning)

Processo continuado e voluntário de aprendizagem para suprir necessidades pessoais, profissionais, que se desenvolve ao longo das várias fases da vida e pode ocorrer em contextos não escolarizados. Os programas para aprendizagem ao longo da vida não são exclusivos para pessoas adultas mas centram-se sobremaneira nestas, dado as inovações e transformações sociais terem alterado os ciclos clássicos de aprendizagem, trabalho, reforma e aportado a necessidade de actualizar conhecimentos e competências. Nesse sentido a aprendizagem ao longo da

³⁸ Cultural animation from the French animation socio-culturel, is a term that has gained increasing use internationally to describe community arts work which literally animates, or "gives life to," the underlying dynamic of a community. The animateur is a community artist who helps people create and celebrate their own culture, drawing freely on the particular aspirations, myths, ethnic or historical heritage that bind them as a community(...)is a catalyst and synthesizer, as well as an organizer of work and an imparter of skills. Living and working in the mainstream of community life, comes to know the community intimately and is accepted as the community’s own. Animation work, by definition, involves people in a process of channeling their own creative energy toward a common goal. The process, as much as the product, enriches community life and imparts a sense of common identity”(Reynolds,1984,32).

³⁹ Dinamizador, a nível internacional, do movimento de criação de ecomuseus.

vida contribui para o desenvolvimento pessoal, a sustentabilidade produtiva e a empregabilidade num mundo atravessado por rápidas mudanças tecnológicas que implicam permanente actualização de conhecimentos e domínio de novas competências. O acréscimo que esta aprendizagem faculta à requalificação das pessoas permite-lhes: actualizar as suas competências; minorar situações de desfavorecimento e marginalização no mercado laboral; ampliar oportunidades de integração social; obter conhecimentos para elas se movimentarem numa nova realidade e terem desta perspectivas mais informadas.

AUXILIARES PEDAGÓGICOS

Instrumentos textuais, ou noutros formatos, para fornecer aos participantes informação adicional sobre a prática ou propostas de actividades complementares a realizar no âmbito de uma prática de promoção da leitura, ou de outro projecto. Visam: ampliar a informação e conhecimentos; promover capacidade de reflexão crítica; estimular a produção de conteúdos, quer como um produto da acção dos participantes na actividade, quer como testemunho ou meio de reconhecimento e motivação; melhorar competências básicas de pesquisa e uso de recursos informativos; facilitar o processo de aquisição de competências informativas e interpretativas. Podem, também, contribuir para estimular a criatividade dos participantes e para que eles conservem melhor uma memória activa da sua participação e intervenção na actividade (vd. Silva & Filipe, 2010).

BIBLIOTECAS PÚBLICAS

São “organizaciones cuya principal función consiste en mantener una colección y facilitar, mediante los servicios del personal encargado de su gestión, el uso de diferentes tipos de materiales y medios escritos y audiovisuales necesarios para satisfacer las necesidades de información, de investigación, de educación y ocio de sus usuarios y cuya financiación procede de los poderes públicos” (UNESCO, 2014, 73). As *Directrizes da IFLA para a Biblioteca Pública* também lhes determinam estes objectivos, pelo que elas devem fornecer serviços e recursos para responder a actuais necessidades educativas, informativas, de desenvolvimento pessoal, recreação e lazer (Koontz & Gubbin, 2010, 13). Para concretizar a sua finalidade as bibliotecas devem facilitar a sua utilização pelas pessoas e disponibilizar equipamentos para acesso a recursos externos de leitura, oferecer acções informativas, formativas e culturais, o que implica terem meios e estarem capacitadas para o fazer, relacionarem-se com os seus leitores e utilizadores e com instituições locais, nacionais e internacionais congéneres e outras.

BRANDING EMOCIONAL

Conjunto de procedimentos para estabelecer uma relação emocional duradoura com o consumidor associada ao significado de uma marca para elevar o seu valor à maior expressão. Estes procedimentos assentam em estratégias de activação sensorial – visão, tacto, sabor, audição e olfacto – induzidas de forma a activar o sistema límbico cerebral e a predispor ao consumo de uma marca. A oferta dos produtos faz-se através de mensagens-chave indutoras da tomada de decisões pelo consumidor e explora “mitos performativos” – pessoas que influenciam a opinião pública na sociedade – e de identidade traduzidos na marca através da personagem ou da sua representação no produto. Na promoção da venda de uma marca os comentários, ou propostas políticas, sobre o que propõe que seja adquirido, ou escolhido, evoluem do

nível de identificação do desejo para o da oferta de um meio para o satisfazer. Ao adquirir o produto o consumidor não compra só o produto mas uma representação de um estilo de vida. Resulta deste processo que o eixo da qualidade de um produto pode ser relativizado pela afirmação dos fortes vínculos emocionais que a técnica de “branding” estabelece com o cliente. Pessoas menos informadas não têm consciência destes processos que são, também, aplicados em produtos da indústria cultural*, o que releva a importância de literacia mediática* e de literacia social*.

CAPACITAÇÃO

“Habilidades, capacidades, entendimentos, atitudes, valores, relacionamentos, conhecimento, condições e comportamentos que habilitam organizações, grupos e indivíduos na sociedade a produzirem benefícios e a atingirem seus objectivos ao longo do tempo” (UNESCO, 2011,31).

CERTIFICAÇÃO

“Processo de atribuição de um certificado, diploma ou título que atesta formalmente que um conjunto de resultados da aprendizagem (conhecimentos, capacidades e/ou competências) adquiridos por um indivíduo, foram avaliados e validados por um organismo competente de acordo com regras pré-definidas. A certificação pode atestar os resultados tanto da aprendizagem formal como da não formal e informal [...]. Certificação escolar – Processo de atribuição de um título que atesta uma habilitação académica. Certificação profissional – Processo de atribuição de um título que atesta uma qualificação profissional. Dupla certificação – título que atesta uma habilitação escolar e uma qualificação profissional” (Justino, 2016, 285).

COMPETÊNCIA

Capacidade que decorre da combinação de conhecimentos, aptidões e atitudes necessárias para num determinado contexto apreciar, avaliar e resolver um assunto ou produzir determinada coisa, seja esta de carácter material ou imaterial. O uso do termo competência tem vindo a ser aplicado no sentido de aptidões profissionais.

COMPETÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO

Capacidades para comunicar de forma clara e eficaz por diversos meios e de adaptar a comunicação a diferentes circunstâncias e contextos comunicacionais. Elas são socialmente importantes para evitar incompreensão e conflitualidade nos distintos ambientes que os indivíduos devem saber “ler” para se movimentar na sua vida quotidiana. Envolvem: saber ouvir; ser flexível e capaz de respeitar as opiniões dos outros; produzir feedback sobre a comunicação recebida; interpretar comunicação expressa em linguagem corporal; ter clareza e concisão de expressão; saber escolher e usar os meios e canais de comunicação mais adequados. Estas competências cruzam-se com diversas literacias – como literacia textual, literacia da informação, literacia digital, literacia social – e os participantes em práticas de promoção da leitura também devem aplicar competências de comunicação nas suas interações a fim de promover processos positivos de relações inter individuais de sociabilização nestas práticas.

COMPETÊNCIAS DE LEITURA

Competências evidenciadas pela capacidade de, a partir de um código humano de representação, o leitor poder interpretar e atribuir sentidos explícitos e implícitos ao que lê e ter capacidade de poder projectar compreensão crítica e reflexiva informada. Competências leitoras textuais carecem de: conhecimento sobre conceitos de escrita e leitura textual; informação sobre o tema que se está a ler; capacidade de compreender e interpretar criticamente um texto*, o que exige possibilidade de interacção entre o leitor e o texto (vd. Fundação Calouste Gulbenkian, s.d). Para se fazer uma leitura competente do código escrito e de outros códigos de representação deve ter-se informação sobre contextos produtivos e funções do objecto de leitura, uso de recursos metodológicos e de literacia da informação. E capacidade para explorar e confrontar a leitura, podendo ser necessário efectuar novas leituras e mobilizar memórias de leituras anteriores.

COMPETÊNCIAS DE PESQUISA

Competências para identificar, encontrar e seleccionar a informação necessária para ser usada e fazer a sua apresentação. Estas capacidades são enquadradas no conceito de literacia da informação* e são necessárias para o desenvolvimento de competências leitoras.

COMPREENSÃO LEITORA

“Processo activo e interactivo, através do qual se estabelecem relações entre o texto, e os conhecimentos ou as experiências prévias do leitor, que ocorrem em determinadas circunstâncias e de acordo com intenções mais ou menos específicas” (Barroco, 2004, 97). De acordo com o *Glossário da Casa da Leitura* (Fundação Calouste Gulbenkian, s.d.) a capacidade de compreender e interpretar criticamente um texto implica a interacção entre o leitor e o texto. Este processo não é exclusivo de competências leitoras textuais, ele será válido relativamente a outros códigos humanos de representação.

COMUNICAÇÃO

Do latim “communicare”, partilhar alguma coisa, é a relação que se estabelece entre um emissor e um receptor pela transmissão de sinais através da partilha de um código comum no processo de emissão, recepção, transferência e partilha de informação. Entre pessoas implica a interpretação da mensagem; entre equipamentos, que a comunicação ocorra sem alteração ou quebra da sequência, estrutura ou conteúdo (vd. APDSI, 2011). Ela pode processar-se entre vários emissores e receptores e fluir em distintos canais. Desvallées e Mairesse informam: “The concept is so general that it is not limited to human processes of bearing information of a semantic nature, but is also encountered in relation to machines and to animals or social life” e que o processo pode ser “most often unilateral, that is, without the possibility of reply from the receiving public, whose extreme passivity [...] the discussion regarding the communication methods used by the museum [e também pelas bibliotecas] raises the question of transmission” (2010, 28).

COMUNIDADE

Desvallées e Mairesse definem-na como “group of people living collectively or forming an association, sharing a number of things in common (language, religion, customs) without necessarily gathering around institutional structures. More generally speaking, society and community are generally differentiated by their assumed size: the term community is generally used to define smaller and more homogeneous groups. The term society is often used in the case of much larger and necessarily more heterogeneous groups of people (2010, 28). Uma comunidade partilha referenciais culturais e patrimoniais (vd. Património cultural) em torno dos quais desenvolve processos sociais e individuais de construção de significados, e estes referenciais também enformam a leitura (vd. Azevedo & Sardinha, 2009, 157).

COMUNIDADE DE LEITORES (vd. Grupos de leitura)

CONCEPTUALIZAÇÃO DE PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Processo que envolve modelos conceptuais em que se posicionam os conceitos em torno de leitura e literacias, perspectivas cognitivas e socioculturais da leitura, e as conexões e reflexão entre estes e as práticas empíricas desenvolvidas para promover a leitura. A conceptualização de práticas de promoção da leitura enquadra: a definição dos objectivos visados pela prática; o acréscimo de competências de leitura que ela pode potenciar; os conteúdos e recursos necessários; as estratégias para envolver crítica e activamente os participantes; as metodologias de abordagem e de exploração a utilizar; as formas de avaliar as práticas.

CONCEITO

Palavra ou expressão que representa uma ideia geral e abstracta que contém a noção intelectual sobre uma dada realidade interna ou externa ao sujeito.

CONHECIMENTO

Conjunto de noções e princípios adquiridos pelo estudo, observação ou experiência e que podem ser integrados nas capacidades das pessoas (cf. APDSI, 2011). O conceito de “conhecimento” foi sendo desenhado em torno do saber como necessidade de penetrar na realidade através da capacidade de a descrever, o que implicou questionar postulados sobre a impossibilidade de conhecer a realidade – dada a visível permanente mudança no mundo natural – com base no pressuposto de que tal podia ser alcançado por via da apreensão das características do objecto de conhecimento e da incorporação pelo sujeito cognoscente desta informação no seu próprio quadro cognoscitivo: “A estrutura do saber acaba por definir-se no horizonte de uma “razão” ou de um “logos” que, em última análise, fornecem a unidade que irá permitir determinar os contornos da inteligibilidade do real” (Barata-Moura, 1979, 583). Mais tarde também se deixou de considerar que a aquisição de conhecimento se processava como simples adição de dados, ao constar-se que ela estava associada a estágios do desenvolvimento cognitivo humano. E que estes envolviam processos aquisitivos complexos relacionados com a assimilação e acomodação cognoscitiva de novos conhecimentos (vd. Piaget, 1973), e que a aprendizagem desenvolvia-se pela interacção entre o sujeito que conhece e o que é objecto de conhecimento.

CONSCIÊNCIA COLECTIVA

Conjunto de crenças, valores e sentidos que os membros de uma sociedade* ou comunidade* partilham sobre a globalidade da sua vida colectiva. Ela enforma estruturas sociais, económicas, políticas, culturais e mentais que facultam um sistema articulador para a afirmação dos seus paradigmas* sociais (vd. Durkheim, 1984).

CONTEÚDO

Assunto ou matéria que se constitui como elemento relevante de um documento ou objecto independentemente da sua tipologia – texto, imagens, sons – e do suporte em que ele seja veiculado. No contexto da Sociedade da Informação um conteúdo é qualquer elemento relevante de um sistema de informação, quer este se apresente na forma de texto, gráficos, sons ou outras imagens, e cujos conteúdos possam ser veiculados em suportes multimédia (cf. APDSI, 2011).

CRIATIVIDADE

Capacidade de começar, de gerar, de formar algo. A faculdade humana de criatividade pode envolver dimensões tangíveis e intangíveis, e é normalmente avaliada por parâmetros de utilidade, originalidade, beleza, validade científica e de aferição das soluções alternativas que ela pode aportar. O potencial criativo humano tem-se exprimido ao longo da História através de novos processos, produtos e atitudes, de novas ideias, métodos, processos e teorias inovadoras, descobertas, invenções e produções artísticas que representam para a sociedade possibilidades de mudança e avanço no domínio tecnológico, social, criativo, artístico, teórico e científico.

CULTURA

Conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afectivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os seus modos de vida, sistemas de valores, práticas, tradições e crenças (vd. UNESCO, 2002). A cultura é a resultante do pensar e do fazer humano e da sua aplicação nos diversos contextos socioculturais epocais. O processo cultural e educativo de aquisição, transmissão e desenvolvimento de conhecimento não é inato ou espontâneo: “seja como ideia de progresso ou de civilização, seja como construção pessoal e social [...] está imbricado numa ideia de cultura e de educação” (Xavier, 2016, 30). O termo cultura deriva do latim “colere” – lavoura, cultivo dos campos, instrução, conhecimentos adquiridos. A cultura contrapunha-se “natura”, a ordem estabelecida pela natureza, o curso natural das coisas que existe independentemente da acção humana. A grande diferença entre natura e cultura, seja no sentido de lavoura ou de conhecimentos, é que esta implica participação directa do homem para realizar uma actividade que requer esforço e trabalho, seja agindo sobre a natureza ou para adquirir e produzir conhecimentos e bens materiais e imateriais. Na Antiguidade o labor necessário para os realizar era comparado ao labor agrícola – “as raízes do estudo são amargas, mas os seus frutos são doces”. No século XVIII “cultura” assumiu o sentido de padrão ou critério para definir e avaliar o grau de progresso, evolução e “civilização” de uma sociedade e envolveu as suas artes, ciências, técnicas, ofícios e filosofia. Assistiu-se nessa altura a uma maior demarcação entre “cultura erudita” – a cultura letrada gerada e alimentada pelo modo de vida das elites sociais – e “cultura popular” – gerada por práticas de vida quotidianas das pessoas comuns (vd. Williams, 1950,

1961). A esta divisão clássica foi, segundo Cascão, Sousa e Ramalho (2007), acrescentado um novo campo: a “cultura de massas” surgida após a revolução industrial e reforçada com o advento da sociedade de consumo. Esta gerou a indústria cultural* que adquiriu maior expressão com o aparecimento de formatos e mídias digitais.

CULTURA DE ENTRETENIMENTO

A que se afirma nas “sociedades do informacionalismo” (vd. Castells, 2003) e que se caracteriza pela focalização das pessoas no entretenimento (vd. Actividade de entretenimento) produzido em larga escala pela indústria cultural*, cujos produtos visam entreter e distrair o público através da diversão. Eles não procuram ir além do simples prazer, nem têm em particular consideração o valor educativo, estético e reflexivo que antes era associado a práticas desenvolvidas em torno de produções culturais eruditas e populares. Estes produtos perderam os traços que caracterizavam as ofertas de manifestações artísticas, culturais e patrimoniais, além de alguns veicularem situações de desrespeito pela privacidade e individualidade, ou envolverem situações de humilhação, crueldade e sofrimento. A consolidação, na sociedade contemporânea, da economia da cultura e da economia do entretenimento permite um maior e distinto controlo da organização social, da acção colectiva. E pode contribuir para a queda de anteriores e a ascensão de novos símbolos e referenciais, bem como para a construção de sentido e para transformar anteriores paradigmas sociais (vd. Moscovici, 1976). Este processo de “culturalização” pode levar a que as pessoas aceitem “voluntariamente” mecanismos de dominação política e de limitação de direitos sociais e culturais. Alguns autores receiam que a cultura de entretenimento aporte transformações socioculturais que representem um risco para o modelo de sociedade democrática que emergiu dos movimentos liberais oitocentistas, ao promover alienação e passividade social (vd. Debord, 1992; Martel, 2010; Lipovetsky, 2012; Melman, 2012).

CULTURA DA INFORMAÇÃO

O referencial cultural da sociedade do conhecimento – entendida como cultura educativa, reflexiva e crítica que enquadra cultura científica, tecnológica, humanística e os referenciais culturais que a sustentam. Ela carece de: habilidades de acesso, técnicas e metodológicas; competências culturais para uso crítico e criativo da informação; uma cultura de informação que não remeta, apenas, para bases de cultura tecnológica e dos média. Vários autores (vd. Juanals, 2003; Le Deuff, 2009; Furtado, 2012; Delamotte & Cordier, 2014) defendem a necessidade de uma cultura geral científica, humanística e tecnológica para conferir sustentação e significado à “expertise” digital, pois esta não se limita a ser simples habilidade de pesquisa, carece de capacidades cognitivas e de reflexão sobre os conteúdos. Le Deuff acrescenta: “culture de l’information implique la conscience des tensions, nullement son élimination [...] les discours de la société de l’information, qui se veut en dehors de tout dispositif idéologique, voire a-historique, [...] paradoxalement véhicule des forces qui s’imposent aux individus et aux sociétés” (2009, 61).

CULTURA INTERNET

A que se baseia nas culturas “tecnomeritocrática”, empreendedora, hacker e na cultura comunitária virtual. Castells definiu-a como uma “cultura construída sobre a crença tecnocrática no progresso humano através da tecnologia, praticada por comunidades de hackers que prosperam num ambiente de criatividade tecnológica livre e aberta,

assente em redes virtuais, dedicadas a reinventar a sociedade, e materializada por empreendedores capitalistas na maneira como a nova economia opera” (2003, 83).

CULTURA VALIDADA

A que decorre do reconhecimento de autoridade atribuída às criações e conhecimentos produzidos na sociedade e a que é atribuído o estatuto de serem referenciais nos domínios científicos, sociais, patrimoniais, tecnológicos e artísticos. Fundamenta-se na valia teórica e prática dos argumentos e das propostas, no rigor dos processos desenvolvidos nos resultados da actividade científica, técnica e no valor criativo. A autoridade atribuída à cultura validada contribui para contornar produções que reflectam experimentalismo sem sustentação científica, legitimações fundamentadas em mero empiricismo e intencionalidade subjectiva. A validação e hierarquias da criação e do conhecimento podem ser condicionadas por contextos culturais, políticos, económicos, sociais e ideológicos. Estes podem limitar o alcance das propostas, descobertas, inovações e reflectir desigualdades socioculturais. Ainda que a autoridade normativa conferida a determinados agentes e a diversos tipos de produções seja emitida pelo poder social estabilizado, as produções e práticas culturais também podem ser “legitimadas” pela validação que obtêm junto dos pares, pelo reconhecimento da crítica e do nível da sua aceitação pelo público.

DADOS

Conjunto de informação reunida de forma sistemática para responder a diversas finalidades. O glossário *DeConceptos.com* ([s.d., s.p.]) considera dado – do latim, “datum”, dado, estabelecido – “el elemento primario de la información (conformado por simboles /letras, números, dibujos, señas, gestos) que reunidos pueden cobrar significación. Solo o aislado el dato no posee relevancia, pero utilizado en las premisas de un razonamiento puede llevarnos a una conclusión”. A APSDI (2011, [s.p.]) define-os como “representação da informação sob uma forma convencional adequada à comunicação, à interpretação ou ao processamento”.

DEMOCRACIA CULTURAL

Produção e acesso a bens culturais realizado para concretizar perspectivas de promoção da participação activa das pessoas no processo do seu próprio desenvolvimento cultural e social. A democracia cultural fomenta, nos indivíduos e nas comunidades, atitudes de envolvimento activo na produção cultural e estímulo da sua responsabilidade nas dinâmicas e processos sociais e culturais que os afectam, o que também é um objectivo da animação sociocultural*. A democracia cultural relativiza a noção patrimonial de cultura e diverge da “democratização cultural”* ao dar maior enfoque a expressões culturais geradas por grupos menos favorecidos do que a produções culturais formais eruditas geradas à margem deles e em que se limitam a ter um papel de receptores passivos (vd. Ander-Egg, 2000; Trilla, 2004).

DEMOCRATIZAÇÃO CULTURAL

Conjunto de decisões e acções políticas, económicas e sociais para, com abrangência nacional territorial e institucional, os diversos níveis da administração pública assegurarem o direito de acesso a bens culturais, sobretudo no domínio da conservação e difusão do património cultural estabelecido para – enquanto aspiração legítima e democratizadora – aproximar as pessoas destes bens, elevar o seu nível cultural, limitar desigualdades neste domínio e promover o desenvolvimento cultural. Este processo concretiza-se através da aplicação coordenada de políticas públicas necessárias para garantir a operacionalização da oferta de acesso público a bens culturais e pelo financiamento para a continuidade da produção e apresentação pública de alguns bens culturais, particularmente àqueles em que as relações de mercado não lhes asseguram a necessária sustentabilidade*.

DESENVOLVIMENTO DO LEITOR (“Reader development”)

Movimento surgido no final do séc. XX (vd. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3875174/>) para encorajar e apoiar os leitores através de projectos multiculturais para populações com necessidades especiais e níveis socioculturais diversos. O seu objectivo é o de transformar as iniciativas de leitura das bibliotecas e outras instituições em práticas para o desenvolvimento do leitor “changing library culture to focus on readers rather than books” e refutar a anunciada “death of reading” através do desenvolvimento da leitura e dos leitores. Estes projectos, apoiados por programas de marketing, permitem concretizar o papel da biblioteca pública como um serviço que apoia a educação, o desenvolvimento e a inclusão social e cultural: “reading might be defined as being about the right book in the right format for the right adult at the right and in the right place. Almost inevitably, libraries and librarians play a significant role in ensuring that is a reality” (Elkin, Train, & Denham 2004, 146). Estes programas procuram incrementar “reading skills” – através do desenvolvimento de capacidades cognitivas de descodificação, interpretação e compreensão leitora para identificar o tema da leitura, analisar e articular as ideias centrais, lembrar, sintetizar e expressar um juízo de valor sobre elas – e assegurar a “quality of reading experiences for persons of all ages” com ofertas que respondam a interesses e necessidades de leitura, estimulem a capacidade de integração cooperativa dos participantes, a partilha de impressões e descobertas geradas pela leitura, alimentem o interesse por ela e por efectuar outras leituras que alarguem os horizontes de leitura dos leitores. O conceito de desenvolvimento do leitor da Open the Book – empresa de consultoria e fornecimento de materiais de leitura e outros bens a bibliotecas – baseia-se numa intervenção pró-activa focalizada no leitor e não nas suas competências de leitura. Centra-se em quatro princípios: i- fomentar a auto-confiança dos leitores e o prazer de ler; ii- ampliar as escolhas de leituras; iii- oferecer oportunidades para as pessoas partilharem experiências de leitura; iv- elevar o estatuto da leitura como actividade criativa (vd. <https://openingthebook.com/resources/glossary>). O foco é projectado sobre a leitura de prazer, normalmente a de ficção, e a Open the Book perspectiva o trabalho e ofertas das bibliotecas na “reader-centered approach”. Para isso elas devem valorizar a “experiência de leitura que um livro pode proporcionar e [...] o que ela pode fazer ao/pelo leitor, ao invés de se preocupar em recomendar géneros específicos, autores ou títulos, [(...) e] guiar o leitor através de várias hipóteses de leitura, de forma a [ele] não ficar refém de um escritor ou género concreto, ajudando o leitor a desenvolver confiança para experimentar

outras leituras” (Eiras, 2010, [3]). Na óptica da Open the Book os programas de leitura oferecidos devem ser informais, apresentar abordagens inclusivas e não intimidatórias, não formular juízos de valor sobre as leituras ou os conhecimentos e competências dos leitores e cada um deve sentir que pode – nas suas palavras e sem preocupação pelos termos que usa – compartilhar as suas opções de leitura e o impacto que elas lhe causaram.

DIDÁCTICA DA LEITURA

Do grego “Techné didaktiké”, arte ou técnica que estuda os princípios e normas que regulam qualquer tipo de ensino e as condições e modos como este se processa. A didáctica da leitura é a área de conhecimento que se dedica ao estudo, análise, divulgação e desempenho da aprendizagem e domínio da leitura, sua aplicação à escrita e ao funcionamento da língua (vd. Justino [2016]) e do trabalho docente desenvolvido nesse processo. “A didáctica como parte da pedagogia ocupa-se dos métodos e técnicas de ensino destinadas a colocar em prática as directrizes da teoria pedagógica estudada nos processos de ensino e aprendizagem (Universidade Estadual Paulista, 2011, 66). Ela focaliza-se nos objectivos, conteúdos e metodologias aplicados no ensino da leitura e no estudo: do fenómeno da leitura integrada no quotidiano da vida social; das práticas e usos que os públicos leitores desenvolvem sobre ela; da natureza e finalidades do acto educativo em torno da leitura e meios para a desenvolver; nos objectivos, conteúdos e metodologias para a prática da leitura. Segundo consta no documento supra referido, o termo “didáctica” foi substituindo o termo metodologia da leitura – técnicas de ensino para aplicar as directrizes teóricas da pedagogia da leitura* – e passou a incorporar a reflexão disciplinar sobre os métodos usados no processo de transmissão, a apropriação dos saberes na sala de aula e a discussão e compreensão dos processos que envolvem o ensino da leitura e que permitem a sua aprendizagem.

DISCIPLINA CURRICULAR

A matéria que se reporta ao conteúdo de uma área do saber num domínio do conhecimento a ser apreendido, conforme as regras e preceitos que enformam a disciplina.

DOCUMENTO

Qualquer registo de informação produzida pelo homem e que pode ter finalidades e características particulares. O conceito de documento envolve artefactos do quotidiano, ferramentas, instrumentos e dispositivos técnicos usados em qualquer época histórica – produções artísticas, manuscritos, livros, fotografias, filmes, gravações sonoras, registos digitais – e aplica-se à totalidade das produções e registos das práticas e criações humanas, independentemente dos materiais e suportes em que estas se apresentem.

EDUCAÇÃO

Do latim “educatio”, “educere” – guiar, conduzir – o processo instrutivo para, através de procedimentos apropriados, desenvolver as capacidades cognitivas, operativas e criativas das pessoas. A educação envolve um conjunto de valores, comportamentos, conceitos, conhecimentos e práticas de uma comunidade relativamente ao que ela considera valioso e que deve ser transmitido aos seus membros. Tem, portanto, função socializadora e instrumental, ao permitir desenvolver processos criativos, actualizar processos de trabalho, ampliar e adquirir novos

conhecimentos. Aristóteles considerava ser sua finalidade “a formação de homens livres com excelências éticas e dianoéticas [as possibilidades do conhecimento humano, no que é possível ser racionalizado] através dos saberes liberais⁴⁰” (1998, 35, [cf. Mendo Castro Henriques, int.]) e para o exercício de “artes mecânicas”, aquelas de que resultam na produção de um objecto.

EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Subsistema de educação facultativa destinada às crianças com idades mais baixas, normalmente a partir dos três anos, que antecede a sua entrada no ensino básico e pode complementar ou ser supletiva da acção educativa familiar. A educação pré-escolar formalizada processa-se em estabelecimentos educativos públicos ou privados conhecidos por escolas maternas e jardins-de-infância. Estes podem funcionar autonomamente ou estar integrados em unidades e agrupamentos escolares que ministram o ensino básico (vd. Justino, 2016, 287-288). Substituiu a prática anterior em que a educação das crianças ocorria maioritariamente em meio familiar e na comunidade de vizinhos.

EDUCADOR DE INFÂNCIA

Docente com habilitações certificadas para exercer funções na educação pré-escolar, após ter concluído um curso de formação ministrado numa Escola Superior de Educação, ou que possua habilitações legalmente equivalentes. (vd. Justino, 2016, 288).

ENTRETENIMENTO

Acção ou evento com finalidade de entreter e distrair o público e em que este não desempenha um papel activo⁴¹. A função do entretenimento é distractiva, de quebra de rotina, não é reflexiva, está associada a actividades de diversão com que as pessoas procuram ocupar o seu tempo livre. Perante algumas ofertas da indústria cultural* em que os envolvidos actuam no desenrolar da acção, é preciso discernir e aferir em que medida está associada a este papel uma dimensão reflexiva, crítica e informada. E ponderar no que resulta de algumas práticas de entretenimento, em termos de possibilidade de apropriação de instrumentos de intervenção consciente sobre o real, ou se o papel “activo” dos participantes não se reduzirá a um entretenimento alienador.

ENSINO

Forma sistemática de transmitir conhecimentos, valores e padrões de comportamento para educar os membros de uma sociedade, podendo esta transmissão processar-se de forma institucional ou outra. O ensino permite capacitar os indivíduos e estimular as suas aptidões para a sua autonomia e vida em sociedade, o que hoje também envolve o ensino das funcionalidades e da usabilidade de dispositivos informáticos, de meios de comunicação digitais e domínio de diversas literacias*.

⁴⁰ As disciplinas do “Trivium”, lógica, gramática e retórica, e do “Quadrivium”, aritmética, música, geometria e astronomia.

⁴¹ Sobre seres passivos relembre-se Aristóteles: “Com efeito, o elemento vegetativo não tem nenhuma participação num princípio racional, mas o apetitivo e, em geral, o elemento desiderativo participa dele em certo sentido, na medida em que o escuta e lhe obedece” (1991, Livro I, 13).

ESCRITA

Criação sociocultural para representar a linguagem falada, em que grafemas e fonemas estão interrelacionados em torno de códigos semânticos e sintáticos formalizados. Em tempos mais recuados a aprendizagem da escrita – como a da leitura e da numeracia – podia ocorrer em contextos sociais informais. Nas sociedades ocidentais estas aprendizagens passaram a ocorrer em instituições formais de ensino desde que naquelas se desenvolveu a rede pública de ensino e o direito à educação e à escolarização obrigatória foram integrados nas suas leis e Constituições.

ESTÉTICA

A percepção da sensação – a emoção estética – que uma criação gera no observador, ouvinte ou leitor por via de ressignificação semântica. Em termos clássicos o conceito de estética comporta maior subjectividade do que o de “belo”. A perspectiva tradicional considerava bela uma criação artística conforme com as regras de beleza evidenciadas em qualidades de ordem, proporção e harmonia. Se estas qualidades fossem excepcionais a obra transcendia a categoria de belo e ascendia à de sublime. Se elas estivessem pouco presentes, ausentes ou subvertidas, então a obra era considerada sem qualidade e podia ser relegada para as categorias de feia, ridícula, grotesca, monstruosa. Desde o final do séc. XIX, e sobretudo ao longo do séc. XX, assistiu-se ao questionamento de critérios artísticos tradicionais. Actualmente eles estão relativizados por critérios que se centram na valoração da expressão do conceito, no processo de produção e na natureza fragmentada, impactante ou ambígua dos objectos de arte. Existem também correntes de arte que se reclamam de antiestéticas ao não pretenderem provocar um sentimento estético no observador. Encontram-se ainda propostas artísticas que apresentam, como características de objectos de arte, estes serem diferentes, surpreendentes e atractivos, ainda que possam não estar propriamente imbuídos de critérios técnicos de belo mas de um bonito que agrada a muitas pessoas e/ou que possa congrega situações de envolvimento. Actividades educativas, culturais e práticas de leitura sobre o belo ou o estético beneficiam se forem antecedidas ou acompanhadas de práticas e visitas que permitam a observação, análise e colocar o observador, preferencialmente de forma directa, perante o objecto da sua leitura. (vd. Literacia visual e Literacia musical).

ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM DE PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Estratégias – do grego “strategos”, comandante militar – de abordagem a estas práticas consistem no planeamento das acções e processos que contribuam para assegurar que ela concretize os seus objectivos. Envolve abordagens planeadas e organizadas para, em cada etapa interdependente da prática, orientar a acção e esta alcançar as suas finalidades. A estratégia desenhada também deve ser antecedida pela definição de objectivos a concretizar por via do planeamento e aplicação de acções e processos a desenvolver para promover o envolvimento dos participantes.

ESTRATÉGIAS DE ENQUADRAMENTO PRÉVIO DE PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Actuações que antecedem a prática de **promoção da leitura** e visam: facultar ou melhorar a informação dos participantes sobre a prática; promover, por predição ou antecipação, expectativas junto dos participantes; incrementar a sua interactividade; estimular a convocação de competências transversais e específicas dos

participantes e a sua capacidade “para pensar sobre o seu próprio pensamento e sobre o pensamento dos outros [metacognição⁴²]” (Sprinthall & Sprinthall, 1994, 112).

ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

O conjunto de acções que visam: i- Seleccionar e atingir os públicos-alvo e despertar a sua focalização na prática que lhes é disponibilizada, ajustando e enfatizando as suas potencialidades para os participantes a fim de estes reconhecerem o potencial interesse desta para as suas expectativas e necessidades; ii- Obter e reunir algum conhecimento prévio dos participantes para ajustar melhor a prática aos seus interesses, necessidades e envolvê-los nela activamente; iii- Criar e proporcionar cenários de aprendizagem, de experimentação e contextos alusivos e recursos com o objectivo de envolver melhor os participantes e incitar a sua intervenção; iv- Suscitar diálogos e abordagens geradoras de interesse e relações de empatia fornecendo referências que lhes possam ser familiares ou desafiadoras; v- Conferir visibilidade à prática integrando-a nos circuitos de informação e sociabilização. Segundo Yepes, o conceito “estratégias de promoção da leitura” visou diferenciar a promoção da leitura de acções conjunturais não planeadas, como “por ejemplo un escritor de paso que hace una actividad en la escuela o una inversión en materiales de lectura sin previo estudio”, e distinguir uma acção estratégica de promoção da leitura de acções avulsas esporádicas, na medida em que estas não enquadram “ubicación táctica dentro del problema social de la lectura, funcionan de manera descoordinada y carecen de intencionalidad y claridad en sus objetivos, en tanto que una acción estratégica es estructurada y sistemática de acuerdo con unos objetivos básicos de promoción” (Yepes, 2013, 21-22).

EVENTOS CULTURAIS

Tempos e espaços educativos e lúdicos com importância social e potencial de mobilização, integração e sociabilização das pessoas para a troca de experiências entre a população de uma comunidade, os profissionais e as instituições. São também relevantes para “ampliar as oportunidades e possibilidades educativas de programas e projectos [...], podendo contribuir para a sensibilização sobre a importância do lazer. Além disso [...] os eventos [culturais] representam espaço de socialização de conhecimentos, de articulação teórica/prática dos conteúdos, de divulgação de resultados de nossos programas e projectos, bem como possibilidade de resignificação dos tempos e espaços educativos vividos nas ruas [...] e noutros espaços públicos] (Cascão, Sousa & Ramalho, 2007, 38).

EXPERIÊNCIA

O conceito de experiência comporta o sentido de observação associado ao método científico e de práticas socioculturais que ocorrem numa dada sociedade ou comunidade enquanto “acção dos sujeitos humanos sobre si mesmos, determinada pela interacção entre as identidades biológicas e culturais desses sujeitos em relação aos seus ambientes sociais e naturais” (Castells, 1999b, 33). Mais recentemente surgiu o conceito “economia da experiência” – a produção de bens, de “commodities” de entretenimento que proporcionam ofertas de experiências. Estas podem

⁴² Estímulo e apelo nas estratégias de enquadramento prévio, no decurso da prática e eventuais actividades complementares*, a que os participantes convoquem e apliquem os seus conhecimentos e processos cognitivos para auto regularem as relações e reflexões que estabelecem entre o seu quadro de conhecimentos e os objectos e situações que a prática e as actividades lhes apresentem.

ser pobres, homogeneizadoras e extinguem-se com rapidez, pois visam proporcionar sucessivas experiências sobre o que alguns consideram ser subprodutos da cultura que não induzem à reflexão, antes procuram gerar um estado psicológico de satisfação, de impressão de felicidade.

EXPOSIÇÃO

Acção de explicar ou expor algo. O sentido de explicar uma coisa ou de expor uma situação perdurou até hoje, e o de expor aplicou-se duradouramente a crianças abandonadas, deixadas expostas. Terá sido a partir do séc. XVI que o termo começou a ser mais usado para referir apresentação de mercadorias. Foi em França, no séc. XVIII, que ele começou a designar a exibição de obras de arte. No actual sentido de evento organizado, uma exposição “means the act of displaying things to the public, the objects displayed (the exhibits), and the area where this display takes place” (Desvallées & Mairesse, 2010, 34), e a apresentação ordenada dos objectos e conteúdos físicos e virtuais expostos são veiculados em suportes e condições de visionamento apropriados. A sua apresentação, e a de materiais de apoio, deve ser enquadrada com procedimentos de exploração, mediação e possíveis actividades complementares. Estes, e a própria exposição, devem visar especialmente os públicos a que ela se destina e as possíveis interacções a desenvolver em torno dela, dos conteúdos de apoio, dos processos comunicacionais e de construção de sentido e das possibilidades de apropriação de informação que a exposição e as actividades desenvolvidas comportam para os visitantes.

GESTÃO

Conjunto de princípios técnicos e procedimentais usados para concretizar os objectivos das organizações. A gestão envolve o planeamento, organização, direcção e controlo dos meios operacionais e dos produtos, serviços e ofertas, bem como a sua sistemática avaliação, o que permite induzir-lhes melhoria e inovação. No caso de bibliotecas públicas, organizações não lucrativas, a aplicação de princípios de gestão aos seus recursos humanos, materiais, tecnológicos e actividades que disponibilizam contribui para prestarem melhores serviços, qualificarem o seu trabalho, concretizarem os seus objectivos e aferirem se as suas ofertas estão conformes com as necessidades e expectativas dos seus leitores e utilizadores. A avaliação permite conhecer a satisfação destes, monitorizar a qualidade do trabalho técnico e criativo desenvolvido, identificar necessidades formativas, técnicas e de outros recursos, reflectir no interesse de manter ou alterar procedimentos e ofertas de forma a que as bibliotecas possam continuar a inscrever pertinentemente a sua acção social nas comunidades que servem.

GRUPOS DE LEITURA (Comunidade de leitores; Clube de leitura)

Grupo de pessoas que se encontram regularmente para discutir um livro previamente lido por todas elas e expressarem as suas apreciações e opiniões sobre a obra que foi objecto* de leitura. Este tipo de grupos pode ocorrer em relação a leituras desenvolvidas sobre outros suportes, temas e acontecimentos. As leituras a serem objecto de discussão são alvo de programação e as sessões têm habitualmente alguém que assume o papel de dinamizador e este pode ser permanente ou rotativo em relação à calendarização de leituras e discussões. Estes encontros ocorrem em bibliotecas mas também podem acontecer noutros espaços públicos, privados e até online.

HABILIDADES DIGITAIS

Competências e atitudes para usar ferramentas digitais para comunicar, aceder, identificar, analisar, avaliar, seleccionar, organizar e gerir informação em diversos formatos e para produzir e transmitir em meio digital nova informação e conhecimento (vd. Cultura da informação e Literacia da informação).

HANDS-ON APPROACH

Hands-on approach, como Hearts-on approach* e Minds-on approach*, são abordagens facilitadoras de aquisição de conhecimento e da progressiva construção de pensamento – processo individual de modelação da percepção do mundo e dos seus referenciais culturais, técnicos e científicos – em actividades que procuram promover interactividade, experienciação e envolvimento dos participantes em situações contextualizadas. Hands-on approach é um procedimento usado em actividades práticas. Promove a interacção e que nelas ocorra um “fazer” que convoca os múltiplos sentidos do sistema sensorial para explorar melhor as competências manipulativas dos participantes, ampliar a sua informação e conhecimentos, e consolidar as aprendizagens transmitidas nas actividades (vd. as fases apresentadas em Minds-on Approach). Este procedimento também pode ser usado em várias práticas de promoção da leitura e permite que nelas se desenvolvam e apliquem relações psicomotoras, ao estimular os participantes a recorrerem e usarem os seus conhecimentos prévios e ampliarem-nos no contexto de experiências educativas em que aprendem com as mãos e com a mente.

HEARTS-ON APPROACH

Procedimento usado em actividades que visam estimular o envolvimento emocional e afectivo dos participantes e fornecer-lhes oportunidades de reflexão que possam contribuir para a formação da sua sensibilidade (vd. Minds-on approach). Este procedimento pode ser aplicado em práticas de promoção da leitura para lhes proporcionar oportunidades de: exprimirem a sua sensibilidade perante situações enquadradas na prática; relacionarem-nas com a sua informação e possíveis vivências; reforçarem as suas atitudes de respeito pelo outro; desenvolverem reflexão e consciência crítica; sentirem-se encorajados a emitir as suas perspectivas e a participar na defesa e aplicação de práticas sociais modeladas em princípios cívicos, éticos e humanistas.

HORA DO CONTO

Actividade com carácter regular sustentada na leitura de histórias para crianças que tem por finalidade facilitar a sua introdução no mundo da linguagem e da comunicação através de histórias e promover neste público o gosto pela leitura e pela ancestral forma oral de transmissão de histórias; proporcionar-lhe prazer na audição dos textos apresentados e na experiência de comunicação, participação e aprendizagem gerada em torno deles. A Hora do Conto pode oferecer configurações e explorações diversas, apresentar distintas formas de abordagem e de envolvimento activo do público para promover a possibilidade de este encontrar e projectar sentidos de leitura e estabelecer relações associativas. Ela pode ser apoiada por recursos complementares, dispositivos técnicos e ser completada com ateliês e outras actividades. É habitual encontrar esta actividade nas bibliotecas públicas e ela ocorre, normalmente, num espaço que lhe é destinado. Este pode apresentar-se encenado de acordo com a história,

o que proporciona um contexto de maior envolvimento com a narrativa. Actividades complementares que lhe possam ser associadas podem não se limitar ao espaço onde a história é contada. Na sequência da sessão podem ocorrer ateliês e/ou serem apresentadas outras propostas complementares associadas à Hora do Conto com a disponibilização de pistas e materiais para as crianças – seja na biblioteca, em casa ou na escola – darem continuidade à exploração da história e de alguns tópicos com ela relacionados. Estas propostas desafiam os participantes para outras leituras e para ampliarem a sua informação sobre assuntos relacionados com o tema ou produzirem – individualmente, com amigos e familiares – conteúdos sobre ele.

IDENTIDADE

É definida por Castells como “processo pelo qual um actor social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais” (1999b, 39). Este processo gera, a nível individual e colectivo, diversidade de características próprias que diferenciam e distinguem os diferentes grupos, as pessoas, as suas mundividências, modos de vida, criações e comportamentos.

INDUSTRIA CULTURAL

Produção industrial de conteúdos e materiais artísticos e culturais que pode gerar produtos banalizados e mercantilizados, impor consumo acrítico e gosto massificado, o que pode contribuir para conformar a produção destes bens a induzir práticas paralisantes. A sua criação, submetida à lógica da produção industrial, pode não considerar o valor estético e reflexivo habitualmente associado às práticas e produções culturais eruditas e populares. A mercantilização que esta indústria operou em torno das artes, do património, do livro, da música, do cinema e de outros bens culturais levou-a a focar-se na produção e consumo de produtos de entretenimento, a transformar obras de arte em mercadorias comerciáveis e a perspectivar os seus destinatários como meros consumidores que podem sujeitar a processos de “branding emocional”*. Da adição ao consumo de bens de entretenimento* gerados pela indústria cultural podem resultar fenómenos de passividade, alienação do real, menoridade e dominação dos indivíduos (vd. Debord, 1992; Adorno, 2001; Martel, 2010; Lipovetsky, 2012; Melman, 2012). A indústria cultural também produz massivamente objectos e conteúdos de leitura padronizados. Parte destes e de outros produtos pouco diferenciados tendem a afunilar o interesse das pessoas para o mero entretenimento e alimentam a “economia da experiência” (vd. Experiência) e a “economia da cultura” – aplicação de instrumentos conceituais e procedimentos económicos à produção de serviços e bens culturais distribuídos num dado contexto sociocultural e histórico – que ganhou inédita expressão. Muitos produtos da indústria cultural distanciam-se da noção antropológica de cultura e das suas definições convencionais e não têm o propósito de elevar as pessoas ao contribuir para ampliar a sua informação em contextos reais do quotidiano, ou o seu nível de conhecimentos formalizados, de entendimento informado, de acréscimo cognitivo, e antes as podem distanciar destes. A economia da cultura aproximou-se de perspectivas instrumentais económicas e políticas, ao ser um recurso gerador de empregabilidade e contribuir para as relações económicas através dos resultados gerados com criação, produção e distribuição de produtos da indústria cultural. Ela pode cruzar-se com a economia do turismo, do desporto e com a

economia criativa – a gerada por sectores criativos e pela exploração de propriedade intelectual – e ser um meio para Estados e organizações públicas e privadas exercerem “soft-power” (vd. Martel, 2019), “biopoder” e “tecnopoder” (vd. Foucault, 1975 ; Lefranc, 2005), instrumentos que podem contribuir para reconfigurar o exercício do poder, ao facilitar fenómenos que apórtem a criação de novos códigos culturais que apoiem transformações socioculturais.

INFO-EXCLUSÃO

A situação das pessoas que não têm acesso nem capacidade para usar as actuais tecnologias da informação e comunicação (cf. APDSI, 2011).

INFORMAÇÃO

Área do conhecimento que tem por objecto a organização, acesso, difusão e comunicação dos registos das práticas empíricas, criações e observações humanas. Está associada a contextos históricos e sociais e à geração de novos conhecimentos e tecnologias, o que Araújo destaca ao considerá-la: um fenómeno social de linguagem sobre conhecimento e aspectos socioeconómicos e culturais; um produto da interacção entre dados e conhecimento que tem dimensões técnicas, semânticas, pragmáticas e significado social intersubjectivo (2003, 21-27). Silva e Ribeiro definem-na como “conjunto estruturado de representações mentais codificadas, (símbolos significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registadas num suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidireccionada” (2002, 37). Outras definições destacam distintos aspectos do fenómeno: “Dados e factos que foram organizados e comunicados de forma coerente e com significado e a partir dos quais se podem tirar conclusões” (APDSI, 2011, [s.p.]); “Información consiste en la transmisión de los datos obtenidos sensorialmente, através de un mensaje, desde un transmisor hacia un receptor, en un proceso comunicacional, utilizando el lenguaje oral, escrito o gestual, expuestos de manera sistemática para otorgarles significación, y generar conocimiento” (*DeConceptos.com* [s.d., s.p]). A sua recolha, análise, classificação, preservação, recuperação, acesso, comunicação e difusão, e o estudo dos seus usos e utilizadores, são o objecto das Ciências da Informação e da Documentação.

INPUTS EM PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Recursos técnicos, metodológicos, informativos, financeiros e outros aplicados à prática para que esta possa ser adequadamente operacionalizada de forma a atingir os seus objectivos, o que resulta do processo de transformação dos inputs, “entradas”, em “outputs”*, os resultados (vd. Davies, 2006), por via das agregações e interconexões operadas nos inputs e nos destinatários da prática. A noção de produção – qualquer acção que envolve a produção de um bem tangível, intangível ou de um serviço – implica sempre um processo de inter-relacionamento de operações que modificam as características iniciais do bem e o transformam para que ele possa responder a necessidades das pessoas. No caso de uma prática de promoção da leitura ela não visa fornecer um bem na perspectiva de este ser consumido mas um bem imaterial com significado, e que a própria prática possa contribuir para operar transformação nos participantes, ao ampliar ou modificar as suas anteriores competências cognoscitivas, sociais, sensitivas e emocionais, pelo que os inputs que lhe são aplicados podem ter, também, um relativo recorte “preditivo”.

INSTITUIÇÃO

Convenções e mecanismos sociais normativos e organizações formais e informais que são criadas ao longo da História com o acordo das pessoas para regularem uma sociedade ou comunidade. Enquanto organismo, público ou privado, uma instituição é uma criação que tem por finalidade responder a necessidades com permanência na vida em sociedade.

INTELIGÊNCIA

A capacidade humana de raciocinar logicamente, de pensar consciente e inconscientemente, de aprender e de usar o conhecimento, a experiência e recursos disponíveis para adaptar-se ao ambiente circundante, a novas situações e resolver problemas práticos e abstractos mobilizando processos cognitivos, emocionais e motivacionais que envolvem capacidades analíticas, criativas e práticas.

INTERACTIVIDADE

A relação, directa ou indirecta, entre pessoas ou grupos de pessoas numa situação em que procuram adaptar mutuamente comportamentos e acções para estas estimularem e promoverem comunicação, cooperação e colaboração entre os intervenientes perante um determinado objecto ou situação. Reportando-se a equipamentos tecnológicos de informação e comunicação, a interactividade possibilita o diálogo entre o utilizador e os equipamentos informáticos durante um processamento.

JOGO

Actividade individual ou grupal que possibilita desenvolver as capacidades de usar o corpo, de lidar com ritmos, sons, música, números, palavras, de relacionar faculdades psicofísicas, “motricidade grossa” e “motricidade fina”, linguagem oral e gestual para: usar o corpo de diferentes formas, de acordo com as regras dos jogos; ordenar e reordenar objectos e elementos; localizar-se no espaço; conhecer histórias; identificar e aplicar informação; convocar e relacionar conhecimentos para resolver desafios; relacionar-se com o meio ambiente e outras pessoas; vivenciar novas situações e experiências que ampliem os conhecimentos e o autoconhecimento dos participantes.

LABORATÓRIOS SOCIAIS

Conjunto de metodologias que visa mudanças interpessoais, grupais e intergrupais a partir do relato e análise de padrões e interacções que ocorrem na comunidade com a participação desta. “For a long time we have misinterpreted the scientific requirements of analyses and have tried to observe under all circumstances as “small ” units as possible [...]. In other words social observation should look toward unit’s sufficient size” (Lewin, 1951, 157).

LEITOR COMPETENTE

O que está habilitado com competências de literacia da leitura* para contextualizar o que lê, entender um conteúdo de leitura na sua linearidade ou na possível arbitrariedade semântica que possa ser assumida pelos referentes e representações que se ofereçam à leitura e dela extrair compreensão, gratificação, reflexão, utilidade e inspiração (vd. Palma [1966?] e Prole, 2005, 2009). Barroco considera um leitor competente o que “é capaz de antecipar relações

sintácticas, valores semânticos, acontecimentos, mesmo antes de completar os ciclos óptico e perceptivo, mas terminando com a sensação de ter visto cada traço gráfico, ter identificado cada forma e palavra” (2004, 91). Um leitor competente é alguém capacitado para viver em sociedade por via da aquisição cultural que realiza e pelo uso que faz de instrumentos e conteúdos de leitura.

LEITURA

O seu sentido etimológico remonta à palavra grega “léghein”, reunir. Em latim “legere” tinha o sentido de colher, escolher, captar com os olhos. Considera-se leitura o “processo de compreensão do mundo que envolve características essenciais singulares do homem” (Silva, J., 2011, 22) e a sua capacidade de compreender os códigos por ele produzidos – palavras, símbolos, signos, sons, gestos – de os descodificar e de interpretar significantes e significados, e de fazer da leitura uso adequado aos contextos e finalidades visadas. Esta capacidade envolve processos cognitivos para compreender e atribuir significado a “um conjunto de comportamentos que se regem por processos cognitivos armazenados na memória* do indivíduo, os quais afloram durante o contexto da actividade leitura” (idem, 22-23). Esta desenvolve-se através de processos culturais e educativos que historicamente enformaram a construção dos leitores e a sua capacidade para encontrar e conferir pluralidade de significações às características do objecto de leitura. Ela é um processo activo de construção do significado de um texto ou de outro objecto de leitura, apesar de, com frequência, ser associada à leitura textual*, a que se oferece na forma de escrita, um código de enorme importância cultural e social para a humanidade. A capacidade de leitura permite ler outros códigos não textuais, de os interpretar, construir sobre eles sentido subjectivo e cruzar leituras entre diversos códigos singulares de representação e significação.

LEITURA ACTIVA

A que exige envolvimento, compreensão e reflexão crítica, um processo que deve levar o leitor a: procurar compreender e questionar o que lê; formular reflexões de leitura; partilhar interpretações e significados das suas leituras e procurar conhecer as de outros leitores. Estes procedimentos podem favorecer novas experiências de leitura e reflexões enriquecedoras.

LEITURA AUDITIVA

Capacidade de ouvir, processar e compreender mensagens sonoras verbais ou outras. A leitura auditiva conserva a sua ancestral centralidade no processo comunicacional humano. Ela precedeu a leitura textual mas ainda é praticada, mesmo em espaços socioculturais dominantes, onde existem pessoas cujos quotidianos desenrolam-se algo marginais à cultura da escrita. Nas práticas de promoção de leitura auditiva de textos escritos ou orais – estes normalmente fazem parte do legado cultural da literatura oral (vd. Leitura partilhada) – eles são transmitidos em linguagem verbal. Práticas de leitura auditiva têm por objectivo difundir estes textos e incentivar a capacidade de: ouvir com atenção; reter a informação transmitida, os factos e sua sequência ou a combinação da organização de sons e ritmos; compreender a mensagem transmitida; estimular a expressão oral; motivar a produção de textos verbais e outros; escutar e falar de forma a respeitar o direito de comunicação dos outros. A leitura auditiva deve ser

enquadrada por condições de recepção apropriadas para perceber os sons captados e estes serem processados pelo sistema nervoso, decodificados por processos cognoscitivos e interpretados através de competências leitoras. Elkin, Train e Denham (2004, 143-170) destacam a importância de os programas de promoção da leitura das bibliotecas também providenciarem práticas que envolvam públicos ouvintes, bem como de estas visarem públicos com necessidades especiais*. A leitura auditiva, grupal ou individual, foi corrente até finais do séc. XVIII, mesmo entre leitores capacitados para uma leitura individual informada e apreciadores do envolvimento cognoscitivo e emocional que ela gerava (vd. Chartier, 2003; Manguel, 2010), ou ocorrer junto de audiências que podiam não possuir competências leitoras. Hoje a leitura auditiva visa crianças que ainda não sabem ler ou estão em processo de aprendizagem da leitura, pessoas de outras idades iletradas ou com fracas competências leitoras e públicos de eventos em torno da literatura oral que podem possuir competências leitoras. Estes apreciam o patrimonial cultural e o papel do contador de histórias que as protagoniza e que, pela sua capacidade de comunicação e expressividade, gera elevado envolvimento sensitivo e emocional da audiência com a narrativa.

LEITURA CONTEXTUAL EM PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Prática que explora a relação entre texto e situações reais/imaginárias que nele ocorrem ou outras circunstâncias associadas a memórias activas de outras leituras, vivências e situações relacionadas com o contexto da mensagem textual, auditiva ou icónica do material de leitura objecto da prática. Nalgumas práticas de promoção da leitura, sobretudo para públicos mais jovens, conferir-lhes enquadramento contextual envolve caracterização ambiental, disponibilização de objectos, actividades complementares e outros materiais de leitura para, por associação ou evocação, estes recursos proporcionarem aos participantes um reforço das circunstâncias e quadros contextualizadores da mensagem textual e aprofundarem a sua exploração facultando-lhes informação adicional e um ambiente favorecedor de maior imersão, como visitas a espaços ou a eventos relacionados com a prática, enquadramentos cénicos e “museus do conto”.

LEITURA PARTILHADA EM PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Aquela em que a condução da operacionalização da prática de leitura é repartida entre o mediador, os participantes ou entre estes, e também pode implicar uma leitura prévia individual, como nas comunidades de leitores, ou necessidade de pesquisar e preparar informação de enquadramento. A leitura partilhada diferencia-se da leitura auditiva* – apesar de esta ser uma leitura em voz alta e a leitura partilhada o poder ser – por implicar o envolvimento directo dos participantes na leitura e na exploração da prática, enquanto as práticas de leitura auditiva são, em regra, asseguradas pelo mediador ou por quem assume esse papel e os participantes não intervêm nessa acção.

LEITURA TEXTUAL

Capacidade de decifração e verbalização do código de linguagem alfabética que opera com três tipos de informação: semântica, ao nível do sentido; sintáctica, ao nível da estrutura; grafofónica, ao nível da relação entre letras e sons. Em latim “legere” significa colher, captar com os olhos, acção que passou a ser associada a textos escritos cuja leitura pode ser em voz alta ou silenciosa, prática na Antiguidade designada por “leitura mental”. Para poder ser lido, interpretado e

aplicado este código carece de um processo prévio de alfabetização para aprendizagem do significado dos símbolos linguísticos gráficos. Com o progressivo domínio da linguagem escrita processa-se o desenvolvimento de competências de leitura* textual (cf. Pike, 1994, 43). Estas implicam processos cognoscitivos que envolvem a construção e projecção de sentidos sobre o texto* escrito, e em que o leitor reavalia o significado da leitura, pode reconstruir e acomodar novas informações, ainda que estas possam alterar o sentido inicial (Barroco, 2004, 91- 92). Magda Soares (2009) refere a leitura textual como “habilidade de traduzir em sons sílabas sem sentido [...] habilidades cognitivas e metacognitivas [...] de decodificar símbolos escritos, [...] captar significados [...] capacidade de interpretar sequências de ideias ou eventos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas [...] de fazer previsões iniciais sobre o texto, de construir significado combinando conhecimentos prévios e informação textual, de monitorar a compreensão e modificar previsões iniciais quando necessário, de reflectir sobre o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamentos sobre o conteúdo” (2009, 69), o que releva a possibilidade de diversas práticas discursivas nas relações autor, texto, leitor. A leitura textual é um processo construtivo em que o leitor, que é central na construção de sentido, usa dois recursos: o texto e o seu “background” de conhecimento social e pessoal (cf. Pike, 1994, 22). Ela permite aceder ao conhecimento, reconstruir a informação, ampliar possibilidades de interpretação, construção de sentidos, projecção de significado e produção de diferentes práticas discursivas na relação de interação entre autor – texto – leitor, ainda que estas possibilidades, como a do próprio acesso à leitura, possam ser condicionadas pelo contexto sociocultural histórico e ideológico que enquadram o leitor e a leitura (vd. Orlandi, 2008).

LETRADO FUNCIONAL

A UNESCO considera “person functionally literate” aquela que pode envolver-se “in all those activities in which literacy is required for effective functioning in his group and community and also for enabling him to continue to use reading, writing and calculation for his own and the community’s development” (1986, [s. p.]).

LINGUAGEM

Faculdade genérica de significar organizada num sistema de comunicação. A linguagem humana – verbal, não verbal e mista – comporta um conjunto de enunciados e a linguagem verbal, oral ou escrita, articula-se em torno da semântica vocabular e da sua sintaxe gramatical (cf. Tiqqun, 2009, 160).

LITERACIA

Capacidade de compreender, interpretar, usar e comunicar eficazmente signos, significantes e significados, através de operações de leitura, escrita, numeracia e conhecimentos validados para usar informação escrita e noutros códigos, e ampliar competências de leitura em diversas literacias*. A OCDE define-a “as a particular capacity and mode of behaviour: the ability to understand and employ printed information in daily activities, at home, at work and in community – to achieve one’s goals, and to develop one’s knowledge and potential [...]. Literacy is measured operationally in terms of the three domains, [...]. each encompassing a common set of skills relevant for diverse tasks”. E enquadra-a em competências noutras literacias que também define: “Prose literacy – the knowledge and skills needed to understand and use information from texts [...]. Document literacy” – the knowledge and skills required to locate and use

information contained in various formats [...]. Quantitative literacy – the knowledge and skills required to apply arithmetic operations, either alone or sequentially [...] (2000, X). De acordo com a UNESCO (2004), competências de literacia envolvem um contínuo de aprendizagem e habilitam os indivíduos a: aplicarem-nas em diversos contextos; alcançarem os seus objectivos; desenvolverem os seus conhecimentos; participarem na vida da sociedade, na sua transformação e desenvolvimento. O termo literacia não era corrente até aos anos 80 do séc. XX. Ele começou a generalizar-se na nova realidade social e produtiva baseada nas tecnologias de informação e comunicação*, ao constatar-se que níveis de escolarização nem sempre correspondiam a capacidades de aplicar os adquiridos, o que era preocupante perante o papel da informação* e do conhecimento* na realidade tecnológica emergente. Literacia distingue-se de alfabetização* por incorporar, para além do grau formal de escolaridade, a efectiva capacidade das pessoas usarem os adquiridos escolares na sua vida quotidiana (vd. Benavente, 1995), aplicarem os seus conhecimentos para concretizar objectivos informativos e para ampliarem o seu desenvolvimento pessoal, a melhoria de desempenhos profissionais e a sua participação na sociedade globalizada. Esta visão não só valorizava o conhecimento como considerava a sua aquisição um processo em aberto. Pike define literacia como “the ability to communicate effectively using all the language modes both for learning and for pleasure. Moreover, we believe that literacy is best attained through authentic reading, writing, listening, and speaking activities” (1994, X), o que releva a importância de ela ser objecto de práticas de promoção da leitura.

LITERACIA AMBIENTAL

Capacidade de obter informação para conhecer e participar na resolução de problemas ambientais e usar a informação para responder à necessidade de uma sociedade mais informada e capacitada para viver em conformidade com práticas não destrutivas do meio ambiente (vd. Moreno & Mafra, 2019). Esta necessidade confere acrescida importância a dotar os cidadãos de literacia ambiental, “uma educação funcional básica para todos, que lhes proporciona os conhecimentos elementares, aptidões e motivos para fazer face às necessidades ambientais e contribuir para o desenvolvimento sustentável” (UNESCO, 1990, cf. idem, 67).

LITERACIA EM ARTES (Literacia artística)

Conjunto de competências que conferem capacidade de leitura* e compreensão das convenções que historicamente enformam a composição técnica e expressiva, os códigos iconográficos, as sintaxes e semânticas próprias das distintas linguagens artísticas. Estas competências permitem fruir mais plenamente as criações artísticas, ao facultarem maiores possibilidades de mobilizar informação para: interpretar e comunicar os seus significados; atribuir-lhes ressignificação; perceber as funções e possíveis intenções associadas às criações artísticas; enquadrá-las no contexto sociocultural que emoldurou a sua produção; identificar perspectivas de continuidade ou inovação formal e semântica que estas criações comportem; compreender as expressões apologéticas ou refutadoras que possam ter-se gerado em torno delas (vd. Estética, Literacia visual, Movimento artístico).

LITERACIA AUDITIVA

Capacidade de compreensão e conhecimento do “vocabulário” sonoro para o interpretar no quadro do sistema comunicacional e fazer dele uso adequado (vd. Leitura auditiva).

LITERACIA AUDIOVISUAL

Capacidade de compreensão da linguagem e técnicas audiovisuais para interpretar mensagens sonoras e visuais explícitas e implícitas, ampliar conhecimentos, projectar sentidos de leitura sobre os conteúdos audiovisuais e emitir juízos críticos informados.

LITERACIA CIENTÍFICA

Capacidade de compreender e usar conceitos científicos e de aplicar conhecimento científico para identificar questões científicas, retirar conclusões baseadas em evidências e poder tomar decisões sobre a natureza e as mudanças que a acção humana nela opera (cf. OCDE, 2002, 24-25). Branscomb definiu-a⁴³ como “capacidade de ler, escrever e compreender o conhecimento humano sistematizado” (1981, 5 cf. Azevedo & Sardinha, 2009, 179).

LITERACIA CÍVICA (Literacia para a cidadania)

Capacidade de: conhecer, observar e exercer os direitos e deveres cívicos; participar activa e criticamente no todo social; contribuir para o bem comum; fazer escolhas fundamentadas; participar politicamente na vida social através do voto e outras instâncias participativas. A possibilidade de aceder à informação e bases de literacia cívica e mediática* são essenciais para uma intervenção crítica informada na comunidade local e global.

LITERACIA CRÍTICA

Conjunto de competências necessárias para avaliar e usar a informação de forma eficiente e efectuar uma leitura, descodificação, interpretação e análise crítica, reflexiva e questionadora informada. E para ter capacidade de reflectir e de projectar pensamento crítico fundamentado sobre o significado de: acções sociais; concepções ideológicas; objectos e mensagens comunicacionais e representações textuais ou outras linguagens e expressões; ocorrências em contextos sociais, criativos e experimentais; produções normativas, artísticas, técnicas, científicas.

LITERACIA CULTURAL

Competências para compreender, adquirir e acrescentar informação e conhecimento sobre modelos e convenções culturais e fazer sobre elas uma reflexão consciente para, no actual contexto social marcado por diversidade, multi e interculturalidade e transformações, ter-se capacidade para conhecer e descodificar conotações simbólicas, produções culturais materiais, imateriais e práticas culturais da comunidade ou sociedade em que se vive, ou de outras, para as poder compreender, interagir ou dissociar-se delas de forma crítica e informada (vd. UNESCO, 2003).

LITERACIA DIGITAL

Conjunto de competências e atitudes para manipular hardware, software e para operar em redes de informação em ambientes digitais em transformação e neles desenvolver processos de pesquisa para identificar e localizar informação e para a seleccionar, interpretar, avaliar, organizar, gerir, reproduzir, integrar, produzir e difundir de modo eficaz. Literacia digital também envolve capacidade para adaptação a novas situações, aceder a novas fontes digitais, avaliar e aplicar as capacidades e conhecimentos de forma crítica, informada e ética (vd. Furtado, 2012).

⁴³ Em “Knowing how to know” (1981), *Science, Technology, & Human Values*, V. 6, 36, 5–9, vd. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/016224398100600302>

LITERACIA DE DIREITOS HUMANOS

Capacidade de conhecer os Direitos Humanos – direitos e liberdades básicos de todos os seres humanos, onde se incluem entre outros direitos sociais, políticos e culturais, o direito de liberdade de pensamento e de expressão e a igualdade perante a lei – para os poder respeitar, usufruir e defender como instituto legal que são e permitir que as pessoas possam viver de forma digna, consciente, informada e participar activa e positivamente na sociedade.

LITERACIA DA ESCRITA

Conhecimento de técnicas de organização da comunicação em código alfabético para produzir textos escritos. (vd. Escrita e Oficinas de escrita).

LITERACIA EMERGENTE (Literacia precoce, Pré-leitura)

Conjunto de actividades interactivas e processos educativos informais aplicados em idade pré-escolar para estimular capacidades comunicativas e competências cognitivas a partir da linguagem escrita, verbal, iconográfica e sonora através de práticas holísticas e desenvolvimentais motivadoras. Estas fornecem bases para a aquisição e desenvolvimento gradual das competências da fala, da leitura, da construção de significado, da integração e adopção de atitudes e comportamentos favorecedores da aprendizagem da leitura, do uso da linguagem oral e de interações estimulantes com a linguagem escrita e outras linguagens. Gomes e Santos consideram-na “um conjunto de precursores básicos da linguagem escrita, directamente relacionados com as experiências do meio em que a criança se encontra e cuja aquisição determinará o rumo da aquisição e do desenvolvimento da literacia” (2005, 322), Alçada atribui-lhe papel “decisivo para essa aprendizagem” em posteriores contextos educativos” (2016, 100).

LITERACIA FAMILIAR

Capacidades informativas e apetências dos pais, de outros familiares e de cuidadores para motivarem as crianças e outros membros da família para a leitura, mobilizando e envolvendo uns e outros em práticas e usos da leitura e em vivências relacionadas com ela. Para isso, as práticas de literacia familiar devem proporcionar, às pessoas que nelas participam, informação e técnicas que as levem a reconhecer a valia do papel da leitura no ambiente familiar, a desenvolver interesse por ela e pelo acréscimo de competências leitoras e literácitas no meio familiar e social.

LITERACIA FINANCEIRA

Capacidade de compreender conceitos financeiros básicos e competências de análise e comunicação relacionadas com questões financeiras e novos instrumentos financeiros para as pessoas fazerem escolhas informadas, gerirem e aplicarem os seus recursos financeiros e decidirem sobre eles.

LITERACIA FUNCIONAL

Castells e Cardoso definem-na como “capacidade de aplicar os conhecimentos adquiridos ao nível escolar na sociedade em que o indivíduo se insere (2006, 51). A UNESCO (1986) considera-a necessária para assegurar efectiva participação social, realização de actividades e para o processo de desenvolvimento das pessoas e da sua comunidade.

LITERACIA DA HISTÓRIA

Conjunto de competências para interpretar e compreender o passado, o que confere às pessoas capacidade de analisar de forma informada e crítica o processo de formação, percurso e consequências de fenómenos e acontecimentos históricos estruturais ou singulares no contexto do seu tempo e possibilita-lhes a construção de uma consciência cultural e social da História.

LITERACIA DA INFORMAÇÃO

A American Library Association (ALA) produziu um dos primeiros enunciados de “information literacy” – “To be information literate, a person must be able to recognize when information is need and have the ability to locate, evaluate, and use effectively the needed information” (1989, [s.p.] – e enquadrou a necessidade destas competências na nova realidade da então emergente Idade da Informação e seus previsíveis impactos nos países, na democracia, na desigualdade socioeconómica e na vida das pessoas. Para limitar estes efeitos sociais era preciso que “schools and colleges appreciate and integrate the concept of information literacy into their learning programs [...]. Ultimately information literate people are those who have learned how to learn [...] because they know how knowledge is organized, how to find information. [...]. They are people prepared for lifelong learning because they can always find the information needed for any task or decision at hand”⁴⁴ (idem). As *Directrizes da IFLA* consideram-na competências “através das quais uma pessoa sabe reconhecer quando a informação é necessária e tem a capacidade para localizar, avaliar e usar eficazmente a informação pretendida” (Koontz & Gubbin, 2010, 45) e o conceito passou a ser correntemente associado a competências técnicas para operar com equipamentos tecnológicos de informação e comunicação. Alguns autores, como Michel Menou (cf. Le Deuff, 2009, V.2, 25), conferiram à literacia da informação um enforme mais amplo. Consideram que ela enquadra competências analíticas, de pensamento crítico e conhecimentos formais para as pessoas poderem pesquisar, seleccionar, interpretar, usar e comunicar eficazmente a informação, e fazerem-no de forma ética (vd. Furtado, 2012). Entendem-na, portanto, como um sistema de valores, de atitudes e comportamentos, de conhecimentos e aptidões que conduzem não apenas a um uso inteligente e apropriado da informação externa, mas que a literacia da informação também contribui para a difusão de uma boa utilização da informação tanto externa como interna — a produzida/reconfigurada pelo sujeito — e para uma cultura de partilha e de enriquecimento colectivo.

LITERACIA DO IMAGINÁRIO

Competências de informação cultural e de interpretação sobre criações ou produções de matéria imaginativa no campo cultural, mítico e simbólico que foram geradas pela capacidade mental de representar objectos reais ou irrealis e situações factuais ou conjecturadas. Algumas destas criações e produções inscreveram-se na memória e na construção de referenciais da vida colectiva de uma comunidade e projectam no seu imaginário colectivo discursos exemplares ou situações que podem sugerir ou fomentar a expansão dos horizontes éticos e sociais.

⁴⁴ A SCONUL (2011) considera “information literate people will demonstrate an awareness of how they gather, use, manage, synthesise and create information and data in an ethical manner and will have the information skills to do so effectively”.

LITERACIA DA LEITURA ESCRITA

“Capacidade de cada indivíduo descodificar, compreender e usar textos escritos e reflectir sobre eles, de modo a atingir os seus objectivos, a desenvolver os seus próprios conhecimentos e potencialidades e participar activamente na sociedade. Esta definição ultrapassa o conceito tradicional de leitura como simples descodificação e interpretação literal do escrito, alargando-se a tarefas mais específicas e complexas” (PISA-OCDE, 2001, cf. Prole, 2005, 2). Este considera “entre outras, a capacidade de localizar informação implícita, construir significados a partir de subtilezas do texto, gerir informação não familiar, compreender em profundidade, fazer inferências de ordem superior, avaliar criticamente a informação e construir hipóteses interpretativas”. E afirma: “estas competências ultrapassam a aprendizagem das competências básicas da língua, ao nível da leitura, que a alfabetização exigia: velocidade de leitura, compreensão linear e exactidão leitora e que a escola era pressuposto treinar” (idem, 3).

LITERACIA DA LEITURA LITERÁRIA

Capacidade de compreensão e apropriação da literatura literária como linguagem com características próprias. Ela tem dimensões de criatividade que exploram o imaginário e, diferentemente de outras literaturas, permite maior diversidade de interpretação e percepção de emoção estética* gerada pela ressignificação semântica do texto literário. A literacia da leitura de textos literários (vd. Literatura, Leitura textual) envolve aspectos particulares relativamente aos processos de leitura enfocados no texto, no leitor, na interactividade entre eles. Independentemente do processo que seja desenvolvido esta literacia envolve: um “pacto ficcional” entre o leitor e o texto; capacidade de apreender a representação e significação do texto literário; aquisição de “capital leitor” pela ampliação de leituras sobre o repositório literário; interacção entre texto e leitor para este nele procurar o seu sentido, fazer a sua interpretação e, porventura, poder investi-lo de nova significação.

LITERACIA MATEMÁTICA (Numeracia)

“Capacidade de analisar, raciocinar e comunicar ideias com eficiência quando se colocam, formulam, resolvem e interpretam problemas matemáticos numa variedade de situações” (PISA, 2004, 7). A divulgação de literacia matemática contribui para: o conhecimento dos principais conceitos matemáticos, sua associação, aplicação; ajudar a resolver situações quotidianas pessoais, profissionais; obter informação que possibilita uma análise mais precisa sobre aspectos e questões que decorrem de problemas sociais, ambientais e outros; desenvolver consciência crítica sobre a fiabilidade e o limite de modelos de Matemática Aplicada que podem não apresentar a exactidão de resultados da Matemática Pura.

LITERACIA MEDIÁTICA

Competências para aceder aos média e de ler, analisar e avaliar de forma crítica e informada diversos aspectos dos conteúdos de informação transmitidos pelos média. Este processo implica leitores habilitados para verificar fontes informativas, emitir pontos de vista críticos informados e, se necessário, alternativos. E domínio de informação para que estes leitores possam conhecer diversos aspectos dos média e dos conteúdos mediáticos para poder comunicar na multiplicidade de suportes e contextos em que a informação circula. Le Deuff relaciona a literacia mediática

com “la textualité, la compétence et le pouvoir. La promesse de la littératie médiatique est sûrement qu’elle peut faire partie d’une stratégie visant à repositionner l’usager des médias – de la passivité à l’activité, de bénéficiaire à participant, du consommateur au citoyen” (2009, 210).

LITERACIA MUSICAL

Capacidade de percepção e compreensão da composição rítmica, melódica e harmónica, de analisar a linguagem musical – a combinação pré-organizada ou improvisada de sons durante um determinado período de tempo que é percebida pela audição e se exprime através da voz ou instrumentos musicais – e ter informação sobre a evolução da música ao longo do tempo. Leonido define-a como “conhecimento de rudimentos de “aprendizagem musical básica [...] [para o indivíduo] desenvolver capacidades musicais básicas para ter autonomia de criação e experimentação dos sons e de todo o mundo sonoro” (2007, [s. p.]). Sonoridades instrumentais – ritmo, melodia e harmonia – a sua escrita, notação, e os grandes géneros da música – erudita, popular, tradicional e religiosa – e subgéneros musicais têm códigos da linguagem próprios. A sua leitura e potencial estético (vd. Estética) ficam empobrecidos se, para além da audição sensorial impressiva, as pessoas não tiverem referências para fazer uma interpretação mais rica do texto musical executado e informação para enquadrar histórica, social e culturalmente os processos criativos, instrumentos musicais disponíveis em cada época, conteúdos dos temas e contextos socioculturais que abordam. O discurso sonoro é paralelo ao discurso verbal e visual e à linguagem corporal, gestual e performativa.

LITERACIA POLÍTICA

Competência para conhecer e compreender a organização, direcção e administração de uma comunidade ou de um Estado e os poderes em que este se organiza, bem como os discursos, opções e tensões políticas que percorrem a sociedade e as comunidades para se poder participar de forma informada no processo social de condução da vida colectiva que é regida por normas sociais e leis que enquadram os princípios de organização da vida colectiva e individual (vd. Política).

LITERACIA SOCIAL

Competências sociais necessárias num dado contexto social que permitem às pessoas a compreensão dos seus normativos e valores, comunicarem de forma assertiva e desenvolverem comportamentos que permitam o seu envolvimento informado, crítico e cooperativo numa comunidade.

LITERACIA TÉCNICA

Competências baseadas na informação, conhecimentos e uso de um conjunto de regras, normas, procedimentos e ordenação de acções que são aplicados numa arte, ciência ou ofício que têm o propósito de, com o seu emprego, produzir um resultado previamente visado.

LITERACIA TEXTUAL

Capacidade de compreender, produzir, usar e interpretar a linguagem escrita de forma eficaz para comunicar e adquirir informação e conhecimento sobre o que é objecto de leitura (vd. Leitura, Literacia, Texto).

LITERACIA VISUAL

Conjunto de competências que envolvem a compreensão das convenções, intenções subjectivas e referências ao real ou ao imaginário incluídas na produção ou recepção de uma imagem. O processo de construção de sentido que implica que a literacia visual seja entendida como uma prática social que não se limita ao texto da imagem, mas enquadra esta no seu contexto social e cultural (vd. Damásio, [2010]). As expressões nos diversos âmbitos de comunicação visual, publicidade, artes plásticas, têm uma sintaxe e semântica e códigos iconográficos, de composição técnica e expressiva própria. Sem domínio informativo deles as pessoas terão dificuldade em fazer uma leitura que transcenda a dimensão impressiva sensitiva. A literacia visual permite conferir às pessoas ampliadas competências de codificação e descodificação de conotações simbólicas, experiências sociais, estéticas (vd. estética) e reflexivas em torno de objectos e mensagens comunicacionais visuais e dos processos e contextos socioculturais da sua produção. Azevedo e Sardinha definem a educação visual por “ensinamentos de uma gramática visual, que permitem a fruição e facilidade de leitura da comunicação visual no mundo de imagens que temos à nossa volta” (2009, 36).

LITERACIAS

O conceito de literacia* foi objecto de segmentação e adjectivação para enquadrar as competências particulares necessárias à leitura, compreensão e uso de informação associada às características singulares dos códigos, conhecimentos e convenções artísticas e sociais nas distintas áreas dos domínios científicos, tecnológicos e criativos. “The ability to understand and use information contained in various kinds of text is an important aspect of literacy” (OCDE, 2000, 94) envolve competências informativas, conhecimentos específicos e domínio do respectivo aparelho conceptual apropriado à compreensão e construção de significado, apropriação e uso de informação, acréscimo de conhecimentos e construção de pensamento crítico relativo ao âmbito do conhecimento de uma dada literacia. E a capacidade de manipular ferramentas disponíveis, para pesquisar, avaliar, seleccionar, aplicar, produzir e difundir informação sobre um dado domínio do conhecimento, das tecnologias e criações humanas, para que os indivíduos desenvolvam as suas potencialidades pessoais e competências nestes domínios e participem crítica e activamente na discussão e reflexão de problemáticas que lhes estejam associadas e nos seus reflexos em diversos contextos da vida social.

LITERATURA

Reporta-se a textos* linguísticos sobre diversos saberes e assuntos particulares com eles relacionados ou a textos literários no âmbito de criações ficcionais. Estes são frequentemente aludidos na aplicação deste termo quando ele se reporta ao conjunto das obras literárias de uma época, país ou região. Textos, enquanto matéria literária, comportam dimensões semânticas, de veracidade e expressão distintas. Os de tipologia literária caracterizam-se por: transmitirem ideias e relatos comunicados com enforme subjectivo e também emocional; recorrerem ao sentido denotativo e metafórico das palavras; gerarem uma emoção estética*; abordarem situações ficcionadas para, através de palavras, representar ficcionalmente ou imitar a realidade (vd. Aristóteles, 1994) e levar o leitor a desenvolver sentimentos e reflexões sobre o tema e as personagens abordados, processo que pode inscrever valor educativo (vd. Educação) na literatura de ficção, ou em parte dela.

LITERATURA ORAL

Produções literárias criadas e transmitidas por via oral. São uma linguagem literária no sentido em que as suas narrações, inspiradas na tradição cultural, obedecem a uma codificação construída sobre a oralidade corrente. Esta tem e conserva centralidade no processo comunicacional humano e a literatura oral está sobretudo presente nos espaços onde existe um maior número de pessoas cujos quotidianos ainda são relativamente marginais à cultura escrita. No entanto, este fenómeno ainda ocorre nalgumas bolsas territoriais de países que apresentam no panorama mundial um nível elevado de desenvolvimento.

MEDIAÇÃO

Acção desenvolvida pela participação ou interferência de um mediador entre as partes. A aplicação do conceito de mediação a actuações e actividades de âmbito sociocultural surgiu no contexto museológico e de centros de interpretação e foi depois aplicado a outras realidades que visam a promoção e desenvolvimento sociocultural das pessoas e das suas comunidades através da forma como os espaços e as ofertas se dirigem a elas e na qualidade da interacção que possa haver entre estas e os indivíduos⁴⁵. Em Desvallées e Mairesse a mediação é definida como “an action aimed at reconciling parties or bringing them to agreement. [...] between that which is immediately perceived and the underlying meanings of natural, cultural or historical phenomena. Like means of mediation, interpretation materialises in interpersonal human actions and in aids which enhance the straightforward display of exhibited objects to suggest their meaning and importance. [...] Thus it can be defined as a revelation and unveiling which leads visitors to understand, and then to appreciate, and finally to protect the heritage which it takes as its object” (2010, 46). Mediar, a intermediação que faculta apoio e acompanhamento aos participantes, difere de mediatização como acção de divulgar algo através dos média. O elo de ligação que na mediação directa⁴⁶ esta e o mediador representam contribui para a concretização de políticas e actividades de promoção e democratização cultural* que têm como prioridades a difusão da cultura* entendida no seu sentido lato, a integração social dos participantes numa actividade grupal, o desenvolvimento de um trabalho em colectivo.

MEDIAÇÃO DE PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

A mediação em práticas de promoção da leitura envolve actividades programadas de representação e significação social que visam facultar oportunidades de promover o gosto e o interesse pela leitura e melhorar a apropriação do que é objecto das práticas (vd. Pike, 1944; Crescente, 2010; Azevedo & Sardinha, 2009; Fundação Calouste Gulbenkian,

⁴⁵Desde o início dos anos 70 do séc. XX afirmaram-se na museologia, e noutras áreas, perspectivas socioculturais e interdisciplinares sobre a educação ser desenvolvida em contextos práticos. Surgiram então, e particularmente desde o início dos anos 80, formas experimentais de ecomuseus que visavam que o museu não fosse, apenas, um espaço centralizado destinado a conservar a herança das grandes criações culturais e artefactos humanos. A nova visão que se tinha para eles era ampla e algo hegemónica. Deviam: ser descentralizados; transcender o seu espaço edificado; enquadrar o próprio território da sua comunidade; considerar a sua colecção uma herança viva do património de saberes, práticas e artefactos da comunidade; incluir todos os tipos de bens imobiliários, mobiliários, materiais e imateriais da comunidade; perspectivar o seu público como sendo todos os habitantes do território, os seus actores locais e, secundariamente, os seus visitantes; sensibilizar e envolver a comunidade na protecção do seu património cultural e natural.

⁴⁶A mediação directa envolve apelo a conhecimentos e experiências prévias dos participantes, procedimento que não é despiciente noutras actividades educativas e culturais com público-alvo e em mediação indirecta. A mediação indirecta baseia-se na produção e disponibilização de suportes de apoio físicos ou digitais, como textos, registos sonoros e visuais, aplicações informáticas que podem ter públicos alvo definidos ou destinarem-se ao público geral. Se o conhecimento do público anteceder a concepção destes suportes eles podem ser mais adequados e de acrescida pertinência.

[s.d.], 2012). A mediação destas práticas, e a de outras actividades culturais e educativas, enquadra um conjunto de acções para reduzir a distância entre os participantes e o objecto de arte, tecnológico ou cultural nelas visado. A mediação* directa de uma prática de promoção da leitura envolve o contributo de conhecimentos e técnicas para ela proporcionar envolvimento, apropriação informativa e de conhecimentos. Práticas de promoção da leitura* mediadas procuram: construir situações de compreensão e aprendizagem a partir do diagnóstico das percepções do grupo e negociação da proposta que lhe é apresentada; proporcionar experiências de participação significativas e capacitação para os intervenientes adquirirem, ampliarem e aplicarem a informação recolhida; enfatizar os conhecimentos prévios e experiências de leitura dos participantes; permitir a troca e acréscimo de informação entre eles; ampliar as suas competências de leitura, níveis de literacia e aquisição de nova informação e conhecimentos a partir das expectativas dos participantes e do cruzamento do seu universo referencial, informativo e cognoscitivo com novos tópicos informativos clarificadores e desafiantes, apresentados pelo mediador e pelo grupo, sobre o que é o objecto de leitura.

MEDIADOR DE LEITURA

O que organiza, planeia e realiza um trabalho significativo de leitura com crianças e outros públicos. Ele posiciona-se entre a obra, o objecto de arte, tecnológico ou de cultura alvo da prática e os participantes, e procura o enriquecimento destes e o da actividade. A sua acção visa oferecer uma prática que congregue: agradabilidade e interesse; estímulo a processos interactivos e participativos para a exploração de diferentes possibilidades de leitura e descoberta; oportunidade de encontrar e projectar mensagens explícitas e implícitas; facultar chaves de leitura; contextualizar a informação; permitir que os participantes aprofundem a leitura e conheçam melhor o objecto* de leitura.

MEMÓRIA

Processo cognitivo conferido pela capacidade de guardar, recuperar e evocar conhecimentos, ideias e experiências, pessoais ou diferidas, e que os permite reassociar a novas ideias, à tomada de decisões. A memória é uma faculdade essencial à sobrevivência e à identidade individual e colectiva.

METODOLOGIA NAS PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Conjunto planeado de procedimentos teóricos e técnicos aplicados para conceber e operacionalizar a condução destas práticas e elas alcançarem as finalidades que se propõem atingir, o que se afere através da avaliação dos seus resultados. Estas práticas carecem de: metodologias (vd. Pike, 1994; Azevedo & Sardinha, 2009; Prole, 2009; Araújo et al., 2010) recomendadas para diferentes públicos; abordagens e enquadramentos que ampliem o interesse pela leitura; criação de situações de aprendizagem; sugestões de exploração; apoio de materiais pedagógicos e informativos; enquadramentos para os participantes poderem, a partir do que lhes é oferecido e em conformidade com a prática, fazer leituras, descobrir sentidos, projectar interpretações e aplicar os acréscimos informativos e de conhecimentos nela adquiridos e noutras leituras à sua vida pessoal, a relações sociais e a criação de conteúdos e produção de materiais. Prole (2009) considera como princípios metodológicos essenciais à promoção da leitura textual alfabética: o processo da própria acção; esta ser antecedida de contacto regular com livros; existir uma “relação de interioridade” entre a prática e os participantes no sentido de estes serem agentes activos do processo e

não meros espectadores; cruzamento desta literatura com outras linguagens mas sem que isso a secundarize. As metodologias aplicadas nesta e outras leituras devem: procurar, se possível, conhecer o perfil dos seus participantes; permitir envolver activamente o público; conferir espaço de intervenção aos participantes; mobilizar os seus conhecimentos, experiências prévias para as cruzarem com nova informação e significados da leitura; instigar os participantes à expressão e procura de significados e relações textuais e conexões intertextuais; estimular a partilha e interacção entre os participantes; encorajar que estes dêem continuidade à ampliação da sua informação e conhecimentos; incentivar a produção e difusão de conteúdos e materiais relacionados com o que foi objecto* da prática de promoção da leitura. Uma prática de promoção da leitura deve concluir-se com a elaboração de uma síntese final e a apresentação de novas interrogações e desafios para que da prática resulte ampliação da informação, experiência, reflexão e conhecimento dos participantes e os motive a darem continuidade ao seu envolvimento no processo de construção da autonomia leitora e de novas aproximações à leitura e aos acréscimos que esta lhes proporciona.

MINDS-ON APPROACH

Procedimento usado em actividades que procuram mobilizar capacidades cognitivas – percepção; atenção; associação; memória; linguagem; raciocínio indutivo, dedutivo, abdução; imaginação; pensamento; juízo – e metacognitivas para incrementar as suas capacidades de interpretação, apreensão de informação, reflexão, interiorização de conhecimentos e desenvolvimento verbal e criativo dos participantes. Em práticas de promoção da leitura a Minds-on approach permite familiarizar melhor os participantes com os tópicos da prática, estimular o seu envolvimento em processos de análise e reflexão ao estimular a expressão de opiniões próprias e promover pensamento crítico que conduza à formação de opiniões informadas sobre as situações em discussão, proceder à difusão de informação e conhecimentos e à ampliação de competências de literacia relacionadas com a prática. Práticas de Minds-on approach envolvem várias fases: i- Fase de envolvimento, de empenhamento, em que se estimula a curiosidade do grupo, define-se o ambiente (“set environment”), inquire-se as expectativas dos participantes sobre a actividade e afere-se as suas experiências/conhecimentos prévios; ii- Fase de exploração, em que se indaga as ideias do grupo sobre as situações e os problemas associados ao que é objecto da prática e instiga-se à respectiva resolução; iii- Fase de adicionar nova informação, em que se introduz novas ideias e outras interpretações acompanhando-as de evidências e constroem-se explicações sobre o assunto sem deixar de as ligar e comparar com as que tinham sido fornecidas pelos participantes e de os envolver, explicam-se as informações fornecidas e procura-se relacioná-las com exemplos que os participantes conheçam e que houve oportunidade de sinalizar nas fases anteriores; iv- Fase de elaboração, em que se aplicam os novos conceitos e informações, procura-se reconstruir e ampliar explicações, cruzar interpretações e integrar as diferentes abordagens interpretativas, a informação fornecida e, se a actividade envolver uma parte prática, aplicá-las; v- Fase de avaliação, em que cria oportunidade de os participantes exprimirem e reverem as suas ideias e as aplicarem a outras situações, faz-se a sistematização da informação transmitida e expõe-se a compreensão das interpretações e, se for caso disso, das produções do grupo, e procura-se saber o que a prática lhes acrescentou. Estes procedimentos permitem familiarizar os participantes com os tópicos inerentes à prática, ampliar as suas possibilidades de interpretar,

reflectir, interiorizar novos tópicos e difundir diversas concepções sociais, e as suas opiniões próprias. Procedimentos de Minds-on approach podem ser ajustados e aplicados a práticas que envolvam Hands-on approach e Hearts-on approach, e ser apoiados por auxiliares pedagógicos* e outros conteúdos ,concebidos para a prática ou para nela serem produzidos, para melhorar a compreensão, ampliar a informação e conhecimentos dos participantes e apelar à sua capacidade de construção de sentido.

MODO INFORMACIONAL DE DESENVOLVIMENTO,

Castells considera que o actual modo de desenvolvimento caracteriza-se por a informação e o conhecimento serem “a principal fonte de produtividade e que ele se focaliza na permanente procura de melhoria da tecnologia do processamento da informação” (1999b, 35), e que a interacção entre fontes de conhecimento tecnológicos e a aplicação da tecnologia gera um círculo de nova melhoria de conhecimentos e de processamento de informação. Apesar de o modelo de desenvolvimento informacional valorizar mais umas competências cognitivas do que outras – literacia formal e literacias tecnológicas – e uma escolaridade mais elevada, Castells & Cardoso não consideram que a sociedade esteja em processo de cisão social por todas as competências serem adquiridas e não inatas: “como tal não há lugar a uma inevitabilidade de cisão social, antes existe um processo de transição em que os protagonistas são os que dominam essas competências mais facilmente” (2006, 53). Este quadro deveria contribuir para reforçar o papel de instituições educativas, de conhecimentos culturais científicos e técnicos validados e de acções educativas para a sua promoção.

MOVIMENTO ARTÍSTICO

Tendência artística solidamente caracterizada num programa que declara os princípios filosóficos e objectivos artísticos e culturais do movimento. Pretende abranger todos os campos da arte e, por vezes, dimensões sociais e políticas. Normalmente apresenta as suas objecções aos modelos existentes e fundamenta a sua perspectiva renovadora ou de ruptura em relação ao panorama vigente. Estas condições conferem às expressões dos seus adeptos visível constância de traços e características que projectam os princípios do movimento. Não obstante a diversidade de formas que possam assumir, controvérsias e dissonâncias que ocorram, a expressão dos princípios e características de um movimento artístico singularizam e identificam as suas teorias e criações. Já uma corrente artística é uma tendência de estilo, uma maneira de fazer que os artistas partilham e seguem no seu trabalho durante um determinado tempo. Esse estilo reflecte-se nas expressões artísticas dessa corrente, cujas criações apresentam características e traços semelhantes.

MOVIMENTO SOCIAL

Corrente solidamente caracterizada em princípios filosóficos e nos objectivos sociais do movimento que pretende abranger todos os campos da vida social, cultural e política. Um novo movimento apresenta as suas objecções aos modelos existentes e fundamenta a sua perspectiva renovadora ou de ruptura em relação ao panorama existente. Perdura durante algum tempo, tem maior dimensão do que correntes ou grupos isolados e enforma forte convergência de pressupostos e finalidades que conferem às expressões e acções dos seus adeptos visível constância de características e de objectivos do movimento. A enunciação e acções desenvolvidas enquadram-se nos seus princípios e características, o que

as singulariza e identifica, não obstante a diversidade de formas que possam assumir em diversos âmbitos, controvérsias e dissonâncias que possam ocorrer.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE

O “nível ou grau de ensino mais elevado que o indivíduo concluiu ou para o qual obteve equivalência e em relação ao qual tem direito ao respectivo certificado ou diploma. Níveis de qualificação: - Superior – CITE (Classificação Internacional Tipo da Educação) 4/5 (ensino pós secundário e superior); - Médio – CITE 3 (ensino secundário); - Inferior – CITE inferior a 3 (3º CEB ou menos)” (Justino, 2016, 288).

NORMA

A Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação (APSDI) define-a como o “conjunto das prescrições científicas e técnicas relativas à concepção de um objecto, produto ou trabalho no sentido de otimizar os benefícios” (2001, [s.p.]).

OBJECTO DE LEITURA

Objecto – do Latim “obiectum”, atirando adiante – significa algo de material, assunto, tema, o fim destinado ou o propósito de uma acção. Objecto de leitura pode comportar o sentido da coisa, material ou imaterial, o de suporte de leitura, ou ter o sentido de o seu objecto ser o conhecimento da realidade natural, cultural e criativa através do registo das representações produzidas sobre o conhecimento e criações humanas e cuja comunicação pode ser apresentada em diversos tipos de textos*. Num e noutro sentido o objecto de leitura não é, em si, uma forma ou um conteúdo natural, mas um produto sociocultural, tangível ou intangível, produzido para ser lido e com intenção de comunicar e transmitir informação, conhecimentos e criações que resultam da acção humana no contexto de relações sociais, históricas e individuais. A sua leitura pode visar finalidades de estudo, informação, educação e lazer.

OFICINAS DE ESCRITA

Actividades que facultam conhecimentos sobre técnicas básicas de organização textual para produzir textos, normalmente de ficção, que podem ser individuais ou de grupo. Estas oficinas podem estimular a reflexão, a imaginação e, ao implicarem pensar no que vai ser escrito, serem favorecedores da aquisição de maior confiança e de fluidez na escrita de outros textos.

OUTCOMES EM PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Mudanças e acréscimos cognitivos, emocionais e motivacionais duráveis que resultem dos contributos informativos, educativos, formativos, culturais e lúdicos da prática e o que eles podem vir a representar para os participantes em termos do valor que estes “outcomes” podem ter para estimular as suas capacidades intelectuais, criativas, práticas e analíticas e para os motivar a participarem noutras práticas e processos de envolvimento interactivo e de sociabilização (vd. Davies, 2006). O conhecimento destes impactos carece da realização de recolha de informação que os permita aferir. Eles também podem representar “outcomes” para as bibliotecas, que se podem

expressar em: acréscimo de participantes nas práticas; apreciações positivas que elas congreguem sobre o seu interesse; reconhecimento que elas atingem na comunidade; consolidação do papel sociocultural da biblioteca na comunidade; acréscimo de informação, conhecimento e experiência que a planificação, operacionalização e avaliação das práticas proporcionam aos técnicos da biblioteca.

OUTPUTS EM PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Resultados directos que decorreram do processo de transformação dos “inputs”* aplicados à prática (vd. Davis, 2006). Os resultados e o valor do investimento feito nela expressam-se: na resposta fornecida a necessidades informativas, educativas e culturais dos participantes; no significado que o processo informativo e fluxos comunicacionais e interactivos da própria prática adquiriram junto deles; no valor do acréscimo cognoscitivo que representou para eles. Estes resultados podem ser percebidos e medidos por indicadores que evidenciem: o acréscimo informativo proporcionado pela prática; a forma como os participantes nela se envolveram activamente, comunicaram e interagiram; os contributos e materiais por eles gerados no decurso da prática; o valor tangível e intangível que ela representou para os participantes, que pode ser aferido por procedimentos de avaliação; o envolvimento dos participantes em actividades complementares propostas ou autonomamente decididas por estes; a procura, num período de tempo relativamente próximo, de documentos directa ou indirectamente relacionados com a prática.

PARADIGMA

No campo científico um paradigma reporta-se a leis, teorias, instrumentos, experiências, realizações e métodos reconhecidos pela comunidade científica como padrões exemplares, aplicações e modelos orientadores para o desenvolvimento de pesquisas numa dada área científica ou do conhecimento. No campo social um paradigma é um conceito generalizado sobre um dado fenómeno sociocultural e que adquire um significado dominante nas perspectivas sociais, latas ou grupais, que sobre ele se construíram. Afirma-se como modelo exemplar e ideário social partilhado para ordenar e orientar modos de ver, formas de lidar e actuar. Quer no campo científico quer no campo social encontram-se exemplos de paradigmas que num dado contexto histórico impulsionam ou obstaculizam o desenvolvimento do conhecimento e de mudanças sociais. Tomaram-se uma barreira à inovação científica ou sustentaram modelos cristalizados face a novas dinâmicas socioculturais, até ao surgimento da “quebra de paradigma” por via de avanço no conhecimento científico e tecnológico e mudanças na realidade social que geraram novos paradigmas (vd. Jeanneret [s.d.] e Moscovici, 1976).

PARTICIPAÇÃO CRÍTICA

A participação autónoma informada, contributiva ou questionadora, do indivíduo. Ela vai além de críticas e opiniões impressivas ou baseadas no senso comum perante o que se oferece como óbvio e evidente, seja sobre o que lê, vê ou ouve, e procura aportar perspectivas alternativas de análise para uma compreensão das questões. Decorre de uma tomada de consciência que permite ao participante produzir significados, posicionar-se ao formar e emitir um juízo crítico sobre os fundamentos e razões do que analisa ou examina e tomar decisões fundamentadas.

PATRIMÓNIO CULTURAL

O termo património tem raiz no latim – “patri”, pai, e “monium”, recebido, herança que se recebe, também associada ou termo “múnus”, imposto ou contribuição – e estes sentidos conferem a património a noção de algo que se recebe do pai, e ser um bem pelo qual se tem o encargo de zelar (vd. Martins, 2020). No mundo anglo-saxónico o termo “property” designava estes e outros bens. A noção e o conteúdo do termo património evoluíram e “property” deixou de ter este sentido quando nos anos 50 do séc. XX “heritage” passou a designar bens recebidos por herança (vd. Desvallées, & Mairesse, 2010, 39). Foi por essa altura que surgiu a expressão “cultural heritage” para responder à necessidade de acautelar a salvaguarda e sobrevivência das evidências culturais tangíveis e intangíveis e o seu ambiente, porventura pela destruição gerada pela Segunda Guerra Mundial. O conceito de património cultural é então atribuído a materiais e memórias históricas cujo valor é reconhecido e de interesse colectivo e a UNESCO, na Convenção Mundial do Património Cultural, estipulou serem património cultural os “monuments: architectural works, works of monumental sculpture and painting, [...] – groups of buildings: groups of separate or connected buildings, [...] because of their architecture, [...] – sites: works of man or the combined works of nature and man, [...]. For the purposes of this Convention the following shall be considered natural heritage: natural features, [...] – geological and physiographical formations [...] – natural sites or natural areas.” (1972, [s.p.]). Hoje o património cultural integra todos os objectos ou conjuntos materiais, imateriais, paisagísticos e naturais que, pelo seu valor de testemunhos históricos, podem ser colectivamente apropriados e devem ser classificados, conservados, protegidos e socialmente valorizados (vd. Arpin, 2000). A UNESCO considera: “This concept refers to all natural or man-made goods and values, whether material or intangible, without restriction of time or space, whether they be simply inherited from the forebears of earlier generations or gathered and preserved to be transmitted to the descendants of future generations. Heritage is a public good; its preservation must be assumed by the community when individuals fail to do so. Individual local natural and cultural characteristics contribute to the conception and building of the universal character of heritage” (2003, [s.p.]). Alguns monumentos, bens imateriais e práticas culturais classificados como tendo valor patrimonial simbólico, cultural e social também são consideradas e exploradas como um valor cultural económico: “Nous sommes entrés dans une période de turbulence, où l’accélération vertigineuse des nouvelles technologies de l’information et de la communication, le mouvement croissant de concentration des méga-entreprises et la domination de la loi du marché dans tous les secteurs entraînent, par leur convergence, l’affaiblissement des souverainetés nationales, l’hégémonie d’un seul modèle socioculturel et d’une seule langue, et le risque de folklorisation de certaines cultures” (Arpin, 2000, 136).

PATRIMÓNIO IMATERIAL

O conjunto de bens imateriais – mitos, crenças, valores, tradições, actos celebrativos e festivos, costumes, saberes e saber fazer – que constituem parte integrante identitária e caracterizadora de uma comunidade (vd. Martins, 2020) cujo carácter, apesar de duradouro, não é estático: “This intangible cultural heritage, transmitted from generation to generation, is constantly recreated by communities and groups in response to their environment, their interaction with nature and their history, and provides them with a sense of identity and continuity, thus promoting respect for cultural diversity and human creativity” (UNESCO, 2003, [s.p.]).

PEDAGOGIA DA LEITURA

O termo tem raiz grega: “peda”, criança; “paidós” pais; “agein”, conduzir. A pedagogia é a ciência que tem como objecto de estudo as finalidades da educação e de transmitir conhecimentos “bem como os meios apropriados para a formação dos indivíduos, tendo em vista prepará-los para as tarefas da vida social [...]”(Universidade Estadual Paulista, 2011, 66). Ela “engloba, portanto, todo o conjunto de interações entre o professor, os alunos e o conhecimento” (idem). A pedagogia da leitura, a transmissão de conhecimentos de leitura, normalmente dirigida a crianças, centra-se no estudo da natureza e finalidades do acto educativo em torno da leitura, nos meios para a desenvolver e nos processos pedagógicos teóricos do seu ensino e aprendizagem, e propõe princípios, formas e directrizes para o fazer.

PESQUISA

Processo conduzido de forma sistemática para investigar um assunto pré-definido e o seu contexto através da recolha e análise de dados com o propósito de fazer avançar o conhecimento sobre esse assunto.

PESQUISA-ACÇÃO

É uma intervenção científica no campo social, que se debruça sobre condições e resultados sociais e que leva à acção social, no sentido de ela própria não se limitar à descrição e teorização de um problema e ser, também, uma intervenção social transformadora – “We should be aware that the problems of social perception have very broad theoretical and practical implications” (Lewin, 1951, 156) – na medida em que considerava que as necessidades dos indivíduos “are, to a very high degree, determined by social factors [...] e] his needs are much affected, also, by the ideology and conduct of those groups to which he would like to belong or from which he would like to be set apart” (idem, 1951, 289). Na pesquisa-acção a génese social do fenómeno a investigar precede a sua génese teórica, pois o seu fundamento teórico é que as pessoas são parte do problema e o grupo um todo dinâmico do qual elas fazem parte, pelo que elas podem, também, associar-se à investigação e propor melhores soluções do que um pesquisador isolado e externo ao grupo.

PLANO DE MARKETING E COMUNICAÇÃO

Ferramenta de gestão que se articula a partir de um plano estratégico com: a definição da missão e objectivos da instituição; a revisão da situação, numa análise baseada em evidências caracterizadoras e na sua avaliação – o que pode ser feito com uma análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats); a formulação da estratégia: definição de objectivos e estratégia de marketing ; resultados esperados; identificação de planos alternativos; orçamentação; aplicação, monitorização e avaliação. A análise SWOT realizada na fase de revisão da situação pode ser apoiada pelo modelo Canvas, um quadro de modelo de negócio concebido por Alexander Osterwalder e que é tributário do conceito de “cadeia de valor” – o conjunto de actividades desenvolvidas por uma organização desde o contacto com fornecedores até à distribuição final, no caso das bibliotecas à oferta de serviços, recursos e actividades – introduzido em 1985 por Porter (1998). O quadro do modelo Canvas é desenhado em função da oferta de valor que se faz ao cliente – no caso das bibliotecas a leitores e outros utentes – cruzando-a com: o “como se faz”, a enunciação das parcerias-chave; actividades e recursos-chave; “o quê” é o que se propõe, a oferta/proposta de valor; “para quem”, o

relacionamento com os utilizadores e canais que para isso se utilizam; segmentos de utilizadores visados; “o quanto” envolve, a estrutura de custos; o “revenue streams”, ou fluxos de receitas, no caso de organizações não lucrativas será a adesão do público, a sua avaliação às ofertas e o nível de cumprimento dos objectivos, enfim, o seu retorno social.

PLANOS

Construções amplas sobre políticas a serem empreendidas que se apresentam escoradas nos princípios ideológicos e nas finalidades que as justificam. Um plano fundamenta e exprime o conjunto de ideias, finalidades, estratégias, orientação e a administração que o enquadra. Apresenta os programas*, projectos* e as principais acções em que ele se desdobra. Estes devem ser delineados e desenvolvidos em coerência e de acordo com as premissas do plano.

POLÍTICA

As escolhas decididas para a governação de uma comunidade ou sociedade em conformidade com os seus paradigmas socioculturais e cívicos. Os homens são considerados seres sociais por orientarem-se por processos de cooperação, que podem ser hierarquizados, para assegurar as funções da sobrevivência do indivíduo e do seu grupo. A política começou por estar enquadrada em leis orais não codificadas que validavam as práticas aceites numa comunidade. Elas equivaliam às Constituições actuais, a lei principal que define o sistema de governo e as principais leis em que assenta o funcionamento de um país. Nas cidades da Grécia clássica – à época correspondiam aos actuais Estados – já havia constituições escritas, as “politéia”: “Ora, como a política utiliza as demais ciências e, por outro lado, legisla sobre o que devemos e o que não devemos fazer, a finalidade dessa ciência deve abranger as das outras, de modo que essa finalidade será o bem humano. Com efeito, ainda que tal fim seja o mesmo tanto para o indivíduo como para o Estado, o deste último parece ser algo maior e mais completo, quer a atingir, quer a preservar” (Aristóteles, 1991, I, 2). Nas cidades gregas os homens considerados cidadãos participavam na elaboração das suas leis e elegiam quem os representava para as fazer cumprir e garantir a sua aplicação. Esta situação levou a designar os seus governos por democracia. O termo Constituição política radica-se na expressão latina “Rem publicam constituere”, a constituição da coisa pública, e esta era na Roma republicana o objecto da política. As Constituições actuais continuam a determinar a forma de governo de um país e os principais direitos, deveres e obrigações das pessoas e, diferentemente de antigas Constituições, consideram todos os indivíduos cidadãos, o que confere particular interesse à promoção de literacia política, cívica e mediática.

PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Práticas enquadradas no contexto de acções, programas ou projectos orientados para estimular nos participantes a construção de atitudes positivas e o desenvolvimento de interesse pela leitura, ao encontrarem nela oportunidade de recreação, de se construírem e desenvolverem como leitores autónomos, críticos e universais. Estas práticas visam o acréscimo de competências leitoras para, independentemente das distintas linguagens de leitura e suportes, as pessoas obterem informação para as suas necessidades quotidianas de práticas e usos da leitura. E para elas conhecerem o mundo natural e social, transformarem o seu entorno, usando a informação cultural acumulada e a que é continuamente produzida na comunidade ou por si próprias, e dar-lhe um uso consciente. Práticas de

promoção da leitura devem contemplar tipos de ofertas que possam ser usufruídas por pessoas de várias idades e condição, de distintos quadros socioculturais, de diversos níveis educativos. Devem também constituir-se como espaços propiciadores de relações de sociabilidade e de melhoria de soft-skills, contribuir para as pessoas explorarem e usufruírem melhor tradicionais e novos processos de leitura, e capacitá-las para o fazerem de forma mais conhecedora e crítica. Não devem ser confundidas com actividades de entretenimento esvaziadas de conteúdo ou que se esgotem na realização da própria iniciativa (vd. Neves & Lima, 2009, 32-33; Prole, 2009).

PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DE LEITURA ACTIVA*

Práticas que enquadram os participantes como agentes activos e motores do próprio processo de desenvolvimento da prática e não como meros espectadores – sujeitos passivos relativamente à actividade desenvolvida (vd. Prole, 2009) – para que eles possam retirar maiores possibilidades de criação de gosto e interesse pela leitura em práticas que visem a sua promoção e a de competências leitoras*. Azevedo e Sardinha destacam que a promoção da leitura e a sua mediação* são objectos culturais e sociais, pelo que ao visarem processos de aprendizagem, de acréscimo de informação e conhecimento elas devem “fazer-se preferencialmente pela acção, o que requer que os conteúdos conceptuais se corporizem em procedimentos, materializando-se em produto” (2009, 59), implicando a necessidade de envolverem activamente os participantes e não se confundirem com actividades de entretenimento*.

PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA PARA LEITORES COM NECESSIDADES ESPECIAIS

As que enquadram as dificuldades de pessoas portadoras de necessidades especiais resultantes da sua diversidade funcional – com deficiências contínuas que as afectem a nível motor, sensorial ou com incapacidades cognitivas – oferecendo-lhes materiais e abordagens que permitam a sua inclusão e lhes assegurem oportunidades de sociabilização, interacção e participação adequadas. Estas práticas devem prever condições necessárias à sua acomodação, adaptação ao espaço, aos recursos a usar, à exploração da prática e facultar-lhes mediação adequada e materiais de apoio apropriados. O valor da leitura para leitores com necessidades especiais está em que nela “people find what they need in what they read” (Elkin, Train & Denham, 2004, 144) e práticas de promoção da leitura* devem representar para elas iguais oportunidades para o seu desenvolvimento, o acréscimo do seu interesse e gosto pela leitura e para ampliarem competências leitoras, pois apesar das suas limitações, as pessoas com necessidades especiais não precisam de ser marginalizadas da leitura: “Books are not just print, they can be sound, vision, large print, large format, CD-ROM. Books can be read using eyes, ears, hands and fingers... Reading should be a pleasure, not a punishment, and [...] achieving in encouraging [...] to read independently [...]” (Mathias, Beverly cf. Elkin, Train & Denham, 2004, 146). O mesmo se aplica à leitura auditiva digital a partir de aplicativos de leitura de ecrã e conversão de texto em Braille, de livros com formatos adaptados como audiolivros, videolivros, e livros para pessoas com limitações cognitivas que várias bibliotecas públicas disponibilizam.

PROGRAMAS BÁSICOS DE LEITURA (Basal Reading Programs)

Programas que visam o sistemático desenvolvimento de competências de leitura operando com materiais que oferecem: diferentes dificuldades de leitura; diversas abordagens; vocabulário controlado; resumos, aproximações ecléticas e enquadramento das leituras. Utilizam variedade de géneros – ficção e não ficção – e de ilustrações (cf. Pike, 1994, X).

PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Documento de planeamento para a orientação de políticas de promoção da leitura*, construído em torno de um ou mais planos. Nestes identifica-se a situação a ser intervencionada, diagnostica-se o seu estado e o que é proposto para o superar, apresentando para isso os projectos* e acções a desenvolver, relacionados entre si e coordenados de maneira articulada e focalizada no objectivo da intervenção e na avaliação dos seus resultados.

PROGRAMAS

Construções articuladas num plano*, ou autónomas, que diagnosticam uma situação a ser intervencionada e apresentam os projectos* e as acções a desenvolvermos relacionados entre si, coordenados de maneira articulada e focados no objectivo da intervenção.

PROJECTO EDUCATIVO

Documento de planeamento que apresenta o modelo de orientação para guiar a actuação educativa e conferir coerência e unidade ao conjunto de acções coordenadas e inter-relacionadas em torno das actividades educativas a desenvolver e os resultados que estas devem alcançar.

PROJECTO DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Documento que enuncia o objecto de uma actuação cuja concretização visa promover a leitura e apresenta de forma articulada os seus objectivos, metodologias a usar, acções a desenvolver, recursos a aplicar e os processos de operacionalização a mobilizar e como se procederá à avaliação do nível de cumprimento dos objectivos e dos seus resultados.

PROJECTOS

Construções que apresentam o objecto de concretização que visa ser realizado, os seus objectivos, metodologias e recursos a aplicar, acções a desenvolver e respectivos processos de operacionalização e avaliação.

PROMOÇÃO DA LEITURA

Intervenção sistemática deliberada, contínua e enquadrada por acções intencionais para, com transversalidade social, elevar índices e competências de leitura na comunidade através do estímulo à construção de atitudes positivas e ao desenvolvimento do interesse pela leitura e acréscimo de competências leitoras, enquadrando a complexidade de motivações para a leitura independentemente das suas distintas linguagens, suportes, práticas e usos. Quando

promovida por instituições públicas ela visa assegurar o acesso à leitura e a práticas que contribuam para a promover e que também considerem os significados, valores e expectativas da comunidade, e respondam às necessidades individuais e sociais da leitura. Promoção da leitura é definida pela Fundação Calouste Gulbenkian como conjunto articulado de actividades que “têm como objectivos a criação de hábitos de leitura e o desenvolvimento das competências leitoras”, e que estas actividades, que “exigem contacto regular e continuado com a leitura, incluindo a literária, não são um fim em si mesmas, mas um meio para a promoção da leitura e oportunidades de experiência e envolvimento activo e enriquecedor nessas actividades que visam formar leitores competentes, autónomos e capazes de avaliar criticamente o que lêem e de construir hipóteses interpretativas” ([s.d.; s.p]). Faria e Pericão consideram-na um “conjunto das actividades culturais que são levadas a cabo com o objectivo de impulsionar a procura e fomentar o progresso da acção de ler e da instrução que daí resulta” (2008, 1009), e Neves e Lima definem-na como actividades que “visam a elevação dos níveis de leitura em geral ou relativamente a um suporte em particular (designadamente o livro), em quantidade e/ou em qualidade, e dos níveis de compreensão do texto escrito e da sua utilização quotidiana (literacia) ou ainda com o enraizamento dos hábitos e do gosto pela leitura como prática cultural” (2009, 32-33), pelo que ela enquadra o “conjunto de actividades culturais levadas a cabo com a finalidade de elevar os níveis de literacia e de fomentar as práticas de leitura de lazer, designadamente de livros e animação da leitura, o conjunto de actividades ou acções que visam aproximar a população da biblioteca e promover a sua frequência” (Neves & Lima, 2009, 33). Distinguem actividades de animação e de promoção da leitura: esta “designará as actividades mais especificamente direccionadas para a dinamização do acervo documental e a leitura do ponto de vista das competências e, ou, das práticas. Porém, importa notar que tal distinção é feita num contexto geral cujo fulcro é a leitura, seja ela de livros, de jornais, de suportes multimédia, etc.” (idem). Yepes, Betancur e Álvarez definiram-na como qualquer acção ou conjunto de acções “dirigidas a acercar a un individuo o comunidad a la lectura elevándola a un nivel superior de uso y de gusto; de tal forma que sea asumida como una herramienta indispensable en el ejercicio pleno de la condición vital y civil” [...] [para] “crear un vínculo entre un material de lectura y un individuo/grupo” (cf. Yepes, 2013, 19, 32).

PROMOÇÃO DE LITERACIAS

Intervenção articulada com utensilagem e intencionalidade focada em competências específicas de literacia no domínio dos conteúdos em que a leitura se projecta, ou para entrecruzar e promover o domínio de técnicas e competências de leitura em diversas linguagens, disciplinas tecnológicas, científicas, criativas e das ciências humanas e sociais (vd. Literacias e Transliteracias). Numa cultura da informação*, competências literácitas são instrumentos essenciais para a qualificação integral das pessoas e a sua mobilidade social.

PROMOÇÃO SOCIAL DA LEITURA

Estímulo à construção de atitudes positivas e de interesse pela leitura que leve ao acréscimo de competências leitoras e a enquadrar a complexidade multidimensional de motivações para a leitura, independentemente das distintas linguagens, suportes, práticas e usos da leitura. A UNESCO conferiu intencionalidade social e cultural à educação, à leitura pública, e ao que se desenhava vir a ser a literacia, para capacitar cada indivíduo “to participate in solving the

problems of his community and the world at large” (1974, s.p.). A vinculação à comunidade remete para dimensões culturais e patrimoniais, pois informação e conhecimento envolvem processos pessoais de construção de significados que são “essencialmente, actos sociais, quando se partilham e contribuem para o desenvolvimento colectivo” (Azevedo & Sardinha, 2009, 157). Yepes considera a promoção da leitura como “una acción de intervención sociocultural que incluye acciones de todo tipo, como las centradas en el orden de lo político o lo administrativo y las de corte pedagógico – como la animación a la lectura – que en algunas ocasiones podrían no hacer parte de un proyecto de promoción de lectura. Por eso se dice que cuando se está haciendo animación a la lectura se está promoviendo la lectura, pero no siempre que se promueve la lectura se está haciendo animación a la lectura. En ese orden de ideas, con los medios o estrategias didácticas se busca que la mayor parte del contenido que intenta vincular el mediador quede tatuado en las mentes de sus receptores” (2013, 37).

PÚBLICO

Do latim “publicus” o que é relativo ao povo, “populus”, tem o significado do que pertence ou cujo acesso está aberto ao conjunto da comunidade, o que não sucede com o que é privado. Também designa o largo conjunto de pessoas que usufruem de um bem público disponibilizado como “gratia” social ou que acedem a bens onerados mas sem que o acesso, desde que remido, possa ser obstaculizado a qualquer pessoa que reúna os requisitos legais para o fazer. Os públicos das bibliotecas públicas, e das suas práticas de promoção da leitura, são também designados, de acordo com o uso que fazem das bibliotecas, por leitores, utentes, participantes, frequentadores e, por vezes, clientes, sendo que esta designação é imprópria dada a relação legal e social existente entre o público e a biblioteca. A sua propriedade é pública, bem como o seu financiamento. A sua administração efectua-se pelos que representam a comunidade e em quem ela delegou o poder para o fazer, mas sujeitos a obrigações de equidade, transparência, prestação de contas e ao escrutínio das suas decisões. As bibliotecas públicas são instituições não lucrativas, a generalidade dos seus serviços é gratuita por serem considerados de interesse público, logo não sujeitos às relações comerciais que regem a aquisição ou consumo de bens e serviços prestados por outro tipo de organizações aos seus clientes e consumidores, com os quais não estabelecem vínculos sociais. O público das bibliotecas é potencialmente formado por toda a comunidade – e pelos que nela trabalham, estudam ou a visitam – que beneficia dos bens, serviços e ofertas que elas asseguram. Tratando-se de um lato e diversificado universo de pessoas, pode ocorrer segmentação de públicos em torno das suas características, necessidades e das respostas que as bibliotecas dão às suas expectativas e interesses, através de serviços e ofertas que proporcionam aos seus distintos públicos. Estes também contribuem para: fortalecer o papel social da biblioteca na comunidade, seja por via da sua actuação organizada como “public advocacy”, ou de “grupos de leitores”; melhorar os seus serviços e ofertas por via de avaliações, críticas e sugestões grupais ou individuais.

QUALIFICAÇÃO

Resultado formal – certificado, título ou diploma – dum processo de avaliação e validação quando o organismo competente determina que um indivíduo obteve os resultados da aprendizagem fixados por normas predefinidas (Justino, 2016, 299)

RECURSOS CONCEPTUAIS OPERATIVOS EM PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Os que se centram na concepção das práticas, podendo existir neles maiores ou menores contributos teóricos a enquadrar o conceito de promoção da leitura, e que destacam o como criar e fazer a operacionalização relacionada com uma prática de promoção da leitura.

RECURSOS ESTRATÉGICOS EM PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Aplicação de uma dada actuação, de procedimentos e meios para alcançar um dado objectivo ou atingir um resultado específico numa prática de promoção da leitura.

RECURSOS INSTRUMENTAIS EM PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Aplicação de procedimentos e meios para caracterizar o conteúdo conferido a “recursos instrumentais”. Bardin considera “instrumental” (2008, 22) algo não fundamental, mas que serve o propósito de veicular os dados, os seus contextos e circunstâncias. No caso das práticas de promoção da leitura pode entender-se “recursos instrumentais como meios que podendo não ter relevância fulcral contribuem para as operacionalizar e facilitar a sua apresentação e apreensão pelos destinatários.

RECURSOS FORMAIS EM PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Os recursos que contribuem para atribuir uma configuração de prática de promoção da leitura com procedimento tipificado ou o recurso a um determinado suporte de leitura.

RECURSOS METODOLÓGICOS EM PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Conjunto de princípios teóricos e de procedimentos técnicos aplicados para orientar a planificação, condução e operacionalização de uma prática de promoção da leitura.

REFLEXÃO LEITORA

A reflexão é o processo “de conhecermo-nos nos outros, sabermos de nós através dos outros. Constitui a reflexão um acto intelectual e emocional absolutamente responsável porque é radicalmente sós que o podemos executar. Pela reflexão, tudo fazemos convergir – ou tentamos fazê-lo no que é essencial” (Palma, 1966, 55). A reflexão leitora é o processo de compreender e questionar criticamente o que se lê. Ela pode ser favorecedora de novas experiências de leitura e de reflexões enriquecedoras, que podem ser formuladas e partilhadas, sobre o objecto de leitura*.

SERVIÇO EDUCATIVO

Unidade de pesquisa e operacionalização associada a uma instituição, que promove a organização e oferta de actividades informativas, formativas, culturais e educativas sustentadas em programas e projectos coerentes, que têm por objectivo conseguir participação activa e interactiva dos participantes e ampliar o seu enriquecimento informativo, cultural e o domínio de competências para usarem ferramentas e recursos tecnológicos ou outros. A sua acção é apoiada pelo trabalho de mediadores credenciados e é enquadrada por: estratégias de abordagem; actividades de

exploração e produção de conteúdos; disponibilização de auxiliares pedagógicos com materiais apelativos e pertinentes que visam incutir nos participantes memórias activas enriquecedoras e operativas.

SOCIEDADE

O sentido mais comum e genérico de sociedade reporta-se a uma associação humana cooperativa estruturada por instituições políticas, jurídicas, económicas, sociais, culturais comuns – como é, entre outras, o caso das bibliotecas públicas. Está normalmente organizada em torno de países que possuem a sua própria estrutura política, soberania, normas e hierarquias sociais e que, dentro deles ou com outros, estabelecem sistemas de relações e de trocas económicas, culturais e alianças políticas que podem ser mais equitativas ou desiguais. A sociedade formada por um país pode comportar comunidades, organizações mais restritas cuja vida material e cultural pode ter língua, religião e costumes próprios.

SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

A APDSI (2011, [s.p.]) define-a como: “Etapa no desenvolvimento da civilização que se caracteriza por uma proporção alta de trabalhadores do conhecimento (profissionais que criam, modificam e/ou sintetizam conhecimento como parte integrante das suas ocupações), e onde a educação constitui a pedra angular da sociedade”, resultante do processo evolutivo da Sociedade da Informação.

SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A sociedade do actual período histórico caracterizada pela revolução tecnológica, em que a informação e o conhecimento são ferramentas de produção e desenvolvimento e tornaram-se os elementos estruturais da sua economia e das dinâmicas laborais, empresariais e de poder, por via da aplicação das tecnologias de informação e comunicação ao tratamento, uso, transmissão e armazenamento de dados numa sociedade globalizada e que usa amplamente redes digitais de informação. Ainda que registe diferentes estágios entre países e alguns grupos sociais, os seus impactos projectam-se na totalidade da vida social.

SOCIEDADE EM REDE

Conceito criado por Castells para caracterizar a forma de organização da sociedade e das suas relações de sociabilidade e interação assentes na dimensão virtual e tecnologias de informação e comunicação digitais, que por via da Internet diluíram as categorias de espaço e tempo: “A Sociedade em Rede é a nossa sociedade, a sociedade constituída por indivíduos, empresas e Estado operando num campo local, nacional e internacional” (Castells & Cardoso, 2006, 8).

SOFT-SKILLS

O conjunto de atributos e competências pessoais que contribuem para melhorar as interações entre as pessoas e os resultados das suas relações com os outros, com a sociedade e o mundo natural, e que, apesar de não específicas para desempenhar uma dada tarefa ou cargo – como, por exemplo, capacidade de comunicação, assertividade, trabalhar em equipa e resolver problemas, aprender e ensinar, resiliência e criatividade – são transversalmente valiosas em qualquer profissão e ao nível de diversas relações sociais. Existe um outro conjunto de competências de domínio técnico, as

“hard-skills”, que são as necessárias para realizar uma determinada tarefa ou cargo, como operar com determinado equipamento ou desempenho de um posto de trabalho específico. Mais do que contraporem-se, as soft-skills e hard-skills são competências de distinta natureza que podem complementar-se positivamente (vd. Heckman & Kautz, 2012).

SUSTENTABILIDADE

A preservação de condições iguais ou superiores de vida e produção para satisfazer necessidades económicas, sociais e culturais no presente e no futuro. Visa a possibilidade de obter, e manter continuamente, num dado ecossistema, condições iguais ou superiores de vida e produção para satisfazer necessidades das pessoas que nele vivem, sem comprometer as das futuras gerações. e o desenvolvimento das suas comunidades. Muitos crêem que o envolvimento comprometido da biblioteca e das pessoas em práticas participativas, criativas e ajustadas aos diversos contextos locais podem fazer a diferença.

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO

As tecnologias usadas para processar e gerir a informação digital “ou, mais especificamente, o hardware e o software utilizados para converter, armazenar, proteger, tratar, transmitir e recuperar a informação, a partir de qualquer lugar e em qualquer momento. [...]. Embora nesta definição esteja incluída a componente de comunicação da informação, os desenvolvimentos actuais do multimédia e das telecomunicações, designadamente as redes de computadores e em especial a Internet, levaram à adopção generalizada do termo ‘tecnologias da informação e comunicação’ (TIC)”. (APDSI, 2011, s. p.).

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO

Expressão usada para referir as aplicações e os desenvolvimentos das tecnologias da informação aplicados aos dispositivos e conteúdos multimédia, das telecomunicações, a redes de computadores e à Internet, cuja vulgarização levou à adopção generalizada da expressão “tecnologias da informação e comunicação (TIC). Segundo a APSDI, ela integra os “métodos, processos de produção, *hardware* e *software*, com o objectivo de proporcionar a recolha, o processamento, a disseminação, a visualização e a utilização de informação”.

TEXTO

Unidade linguística-histórica com estrutura e relação entre os elementos que o constituem e que normalmente designa um conjunto coerente de enunciados. Estes podem apresentar-se de forma escrita ou não escrita, por linguagem oral e outras formas de linguagem. O texto é aquilo que consiste num desenvolvimento manifesto, num objecto textual concreto (Metz, cf. Penafria, 2009). Um texto materializa uma linguagem, comporta sentido e veicula o registo de representações e criações. É produto da actividade discursiva, e o discurso, uma prática social de produção de textos, pode projectar o “ethos” — o modo de ser ou características dominantes num grupo. Os textos são uma construção social e a compreensão e interpretação do seu conteúdo semântico tem conformidade com as práticas socioculturais e decorre do processo de interacção leitora que se estabelece entre o texto e os leitores. Os textos também podem veicular expressões individuais e criações subjectivas sobre a realidade ou imaginadas e nestes casos a sua compreensão e interpretação apela, igualmente, à subjectividade, às referências e sensibilidade do leitor.

TRANSLITERACIAS

Competências e conexões de leitura, escrita e de interagir cruzando uma variedade de plataformas, ferramentas e meios de comunicação, da iconografia à oralidade passando pela escrita manuscrita e outros códigos expressivos, pela edição, televisão, rádio, cinema e redes sociais. Estas competências transversais de leitura e de interconexão de leituras não deixam de estar contempladas no conceito de literacia: “The ability to understand and use information contained in various kinds of text is an important aspect of literacy” (OCDE, 2000, 94). Le Deuff define-a como “l’habilité à lire, écrire et interagir par le biais d’une variété de plateformes, d’outils et de moyens de communication, de l’iconographie à l’oralité en passant par l’écriture manuscrite, l’édition, la télé, la radio et le cinéma, jusque aux réseaux sociaux.” (2009, 275). Considera, todavia, que a “transliteracy souhaite parfois englober les autres littératies” (2009, 275) e remete para autores que – como Sue Thomas, em “Transliteracy: Crossing divides” – apontam a este conceito ele não estar “clairement tranché et identifié et nous ne savons pas vraiment s’il s’agit d’une pratique ou d’un concept scientifique” (idem). Lesley Farmer e Ivanka Sticevic (2011) consideram que Sean Cordes expandiu a noção de literacia ao usar o conceito “multimodal literacy” para designar “a variety of terms such as visual literacy, digital literacy, media literacy, and multiliteracies, [que] is a literacy of the screen. Modes on the computer screen include image, text movement, music, sound effects and voice quality, all of which create meaning to the student. This multimodal literacy raises the issue of what literacy is or could be, and what it means to be literate in the digital era.” (2011, 5). Afigura-se que o conceito de transliteracias e o de “multimodal literacy” podem ter sido gerados perante a realidade de as pessoas precisarem de desenvolver as suas práticas e usos de leitura recorrendo a vários suportes e ao cruzamento de distintas literacias* e terem competências técnicas e cognitivas para o poderem fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adorno, Theodore W. (2001) – *The culture industry: selected essays on mass culture*. (210p.). London; New York: Routledge Lassics. ISBN: 978-0-415-25380-2

Alçada; Isabel (2016) – *O Plano Nacional de Leitura: fundamentos e resultados* (358p). [investigação homónima da dissertação de Doutoramento de Maria Isabel Girão de Mello Veiga (2016) em Ciências da Educação, especialidade Literacias e Educação. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Caminho. ISBN: 978-972-21-2825-4

Althusser, Louis (1980) – *A ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. (120p). Lisboa: Editorial Presença. [s. ISBN].

American Library Association (1989) – *American Library Association Presidential Committee on Information literacy. Final Report* [s.p.]. Chicago: American Library Association. Acedido em Mar. 23, 2013, em <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>

Ander-Egg, Ezequiel (2000) – *Metodologia y practica de la animación sociocultural*. (432p). Madrid: CCS- Central Catequística Salesiana. ISBN: 978-848-316-365-8

APDSI – Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação (2011) – *Glossário da Sociedade da Informação*, versão 2011. Acedido em Jan. 15, 2013, em <http://www.apdsi.pt/uploads/news/id432/glossário%20da%20si%20-%20versão%202011.pdf>

Araújo, Carlos Alberto Ávila (2003) – A ciência da informação como ciência social, *Ci. Inf. [Ciência da Informação]*, v. 32, 3, 21-27, Set-Dez. 2003. Brasília; [Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Acedido em Jan. 20, 2012, em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19020.pdf>

Araújo, Claudialyne Silva; Silva, Edeleyton Bruno Fernandes da & Silva, Alzira Karla Araújo da (2010) – Práticas de leitura e competências profissionais do bibliotecário: um estudo a partir dos trabalhos de conclusão do Curso de Biblioteconomia, UFPB. *Biblionline*. Número especial, 117-125. Acedido em Abr. 19, 2014, em <http://www.biblionline.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/9630/5243>

Aristóteles (1994) – *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda (316). ISBN: 972-27-0259-9

Aristóteles (1998) – *Política: edição bilingue*. (672 p.). [Lisboa]: Vega. ISBN: 972-699-561-2.

Arpin, Roland (dir.) (2000) – *Notre Patrimoine, un présent du passé* (240p). Québec: Communications Science-impact. ISBN 2-550-36748-0. Acedido em 16 Ago. 2013, em <http://bel.uqtr.ca/1239/1/6-19-681-20060117-1.pdf>

Azevedo, Fernando & Sardinha, Maria da Graça (2009) – *Modelos e práticas em literacias*. (260p). Lisboa: Lidel. ISBN: 978-972-757-589-5.

Barata-Moura, José (1979) – *Episteme perspectivas gregas sobre o saber: Heraclito, Platão, Aristóteles*. (832 p.) Dissertação de Doutoramento em Filosofia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Edição de autor, s. ISBN]

Barroco, Barroco, José Alves (2004) – *As bibliotecas escolares e a formação de leitores*. (247p). Dissertação de Mestrado em Educação. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia. Acedido em Abr. 8, 2012 em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/34002/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Vers%C3%A3o_final.pdf

Benavente, Ana (coord); Rosa, Alexandre; Costa, António Firmino da & Ávila, Patrícia (1995) – *Estudo nacional de literacia: relatório preliminar*. (92 p.). Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais. [s. ISBN]

Cascão, Rodolfo; Sousa, Eustáquia Salvadora de & Ramalho, Cláudia Martins (coord.) (2007) – *Glossário de cultura* (71 p.). Brasília: Confederação Nacional da Indústria; Serviço Social da Indústria. ISBN: 978-85-7710-049-11. Acedido em Set. 12, 2019, em http://www2.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2007/11/sesivol_03.pdf

Castells, Manuel (2003) – *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade* (238p). Rio de Janeiro: Zahar. ISBN: 978-85-7110-740-3. Acedido em Jan. 28, 2018 em Set. 12, 2019, em <https://www.scribd.com/document/328713904/A-Galaxia-da-Internet-Manuel-Castells-pdf>

Castells, Manuel & Cardoso, Gustavo (org.) (2006) – *A sociedade em rede: do conhecimento à acção política* (434 p.). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. ISBN: 972-27-1453-8. Acedido em Jan. 17, 2018, em http://cies.iscte-iul.pt/destaques/documents/Sociedade_em_Rede_CC.pdf

Castells, Manuel (1999) – *A sociedade em rede*. [v.1 da trilogia *A era da informação: economia, sociedade e cultura*] (639p?). [S. Paulo]: Paz e Terra. [ISBN indisponível]. Acedido em Dez. 27, 2017, em https://perguntasapo.files.wordpress.com/2011/02/castells_1999_parte1_cap1.pdf

Chartier, Roger (dir.) (2003) – *Pratiques de la lecture*, Paris, Editions Payot & Rivages. (324p). ISBD: 978-2-228-89777-8

Crescente, Katiane Lourenço (2010) – *Biblioteca escolar: da mediação à prática de leitura*. (297 p.). Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura. Porto Alegre: Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Acedido em Jul. 8, 2014, em <http://tede2.pucrs.br/ted2/bitstream/tede/1929/1/421023.pdf>

Damáσιο, Manuel José [2010] – Literacia visual. In *Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, da Universidade Nova de Lisboa* (org.), *Dicionário Crítico de Arte, Imagem. Linguagem e cultura*. [s.p.; sl.; s.n.]. Acedido em Ago. 17, 2016, em <http://www.arte-coa.pt/index.php?Language=pt&Page=Saberes&SubPage=ComunicacaoELinguagemImagem&Menu2=Autores&Slide=41>

Davies, J. Eric (2006) – Taking a measured approach to library management: performance evidence applications and culture. In *Management, marketing and promotion of library services: based on statistics, analyses and evaluation* (pp. 17–32). München: K.G. Saur. Online ISBN: 9783598440229. Acedido em Nov. 27, 2019, em <https://www.ifla.org/publications/management-marketing-and-promotion-of-library-services-based-on-statistics-analyses-and>

Debord, Guy (1992) – *La société du spectacle*. (209 p). [Obra originalmente publicada em 1967]. Paris: Gallimard. ISBN: 978-2-07-039443-2

Delamotte, Eric & Cordier, Anne (2014) – La culture informationnelle: quelques pistes pour sa didactisation. Dossier *Communication, technologie et développement*, 1, 98-108. Acedido em Mai. 13, 2016, em <http://www.comtecddev.com/fr/media/telechargement/revue/numerozero/Eric-Delamotte.pdf>

- Desvallées, André & Mairesse, François (Eds.) (2010) – *Key Concepts of Museology*. (83p). [Paris]: Armand Colin. ISBN: 978-2-200-25398-1. Acedido em Dez. 17, 2013, em http://icomuseum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Museologie_Anglais_BD.pdf
- Durkheim, Emile (1984) – *As regras do método sociológico*. (165p). Lisboa: Editorial Presença. [S. ISBD].
- Eiras, Bruno Duarte (2010) – Ler, ouvir e falar: a experiência dos grupos de leitores nas Bibliotecas Municipais de Oeiras. In *Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*, 10, [Guimarães, 7-9 Abril 2010], pp. 1-10. Lisboa: B.A.D. Acedido em Ago. 17, 2014, em <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/viewFile/214/209>
- Elkin, Judith; Train, Briony & Denham, Debbie (2004) – *Reading and reader development: the pleasure of reading* (xii, 241 p.). London: Facet Publishing. ISBN: 978-18-5604-467-7.
- Faria, Maria Isabel & Pericão, Maria da Graça (2008) – *Dicionário do Livro, da escrita ao livro electrónico*. (1288p). Coimbra: Almedina. ISBN: 978-972-403-499-7
- Farmer, Lesley & Sticevic, Ivanka (org.) (2011) – *Using research to promote literacy and reading in libraries: guidelines for librarians* (27 p.). (IFLA Professional Reports, 125). The Hague: IFLA Headquarters. ISBN: 978-90-77897-48-5; ISSN: 0168-1931. Acedido Mai. 16, 2015, em <https://www.ifla.org/files/assets/hq/publications/professional-report/125.pdf>
- Foucault, Michel (1975) – *Surveiller et punir: naissance de la prison*. (319p). Paris: Gallimard. [s. ISBD; texto policopiado].
- Fundação Calouste Gulbenkian ([s.d.]) – *Glossário da Casa da Leitura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (s.p.). Acedido Dez. 28, 2012, em http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/portal.pl?pag=sup_glossario
- Fundação Calouste Gulbenkian (2012) Regulamento do Concurso Apoio a Projectos de Promoção da Leitura em Bibliotecas Públicas [s.p.]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Acedido Dez. 28, 2012, em http://www.gulbenkian.pt/media/files/actividades/bolsas_subsidios/2012/EDUCA_RegLeituraBibPublica2012.pdf
- Furtado; José Afonso (2012) – *Uma cultura da informação para o universo digital*. (246 p). Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. ISBN: 978-989-8424-57-0
- Gómez Acosta, Francisco Rafael [2014] – La animación sociocultural. In [Observatorio Cultural del Proyecto Atalaya] *Manual Atalaya: apoyo a la gestión cultural* (s. p.). Cádiz: Universidad de Cádiz. [s. ISBN]. Acedido em Mai. 20, 2015, em <http://atalayagestioncultural.es/capitulo/animacion-sociocultural>
- Gomes, Inês & Santos, Nelson Lima (2005) – Literacia emergente: é de pequenino que se torce o pepino. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*. [2]. 312-326. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. ISSN: 1646-0502. Acedido a Set. 2, 2014, em <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/671/2/312-326FCHS2005-4.pdf>
- Heckman, James J. & Kautz, Tim D. (2012) – Hard evidence on soft skills. *NBER Working Paper*, 18121, 52p [Cambridge]: NBER [s. ISSN]. Acedido em Mai.22, 2014, em <http://www.nber.org/papers/w18121.pdf>
- Jeanneret, Yves (S.d) – La trivialité comme évidence et comme problème. A propos de la querelle des impostures. (11p). [Texto publicado pela Universidade de Grenoble, na sequência da obra do autor *L’Affaire Sokal ou la querelle des impostures*, 1998, na PUF]. Acedido em Abr. 15, 2013, em <http://lesenjeux.u-grenoble3.fr/2000/Jeaneret/Jeaneret.pdf>
- Jiménez Martínez, Lutgardo (2012) – La animación a la lectura en las bibliotecas... la construcción de un camino hacia la lectura. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*. 108, 59-78. [s. ISSN]. Acedido em Mar. 8, 2013, em <https://www.aab.es/app/download/4701852/La+animación.pdf>
- Juanals, Brigitte (2003) – *La culture de l'information: du livre au numérique*. (242 p). Paris: Lavoisier. ISBN: 2-7462-0691-9
- Justino, David (dir.) [2016] - *Estado da Educação 2015*. (289p.). Lisboa: Conselho Nacional de Educação. ISBN: 978-989-8841-05-6. Acedido em Mai. 2, 2017, em http://www.cnedu.pt/content/noticias/CNE/Estado_da_Educacao_2015_versao_digital.pdf
- Kant, Emmanuel (1853) – *Eléments métaphysiques de la doctrine du droit* (392 p.). Paris: Auguste Durand. Acedido em Abril, 28, 2015, em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6571553h>
- Koontz, Christie & Gubbin, Barbara (2010) – *Diretrizes da IFLA sobre os serviços da biblioteca pública*. (119 p.). Berlin: De Gruyter Saur. Acedido em Mar. 17, 2014, em <http://www.ifla.org/files/assets/hq/publications/series/147-pt.pdf>
- Le Deuff, Olivier (2009) – *La culture de l'information en reformation*. (458p). Dissertação de Doutoramento em Sciences de l'information et de la communication. Rennes : Université de Rennes. Acedido em Dez. 27, 2012, em <http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/42/19/28/PDF/theseLeDeuff.pdf>

- Lefranc, Clément (2005) – Microphysique du pouvoir chez Michel Foucault, *Sciences Humaines*, 3, N° Spécial, Foucault, Derrida, Deleuze: pensées rebelles. Mai-Juin 2005. Acedido em Fev. 20, 2014 em <http://libertaire.free.fr/MicrophysiquePouvoir.html>
- Leonido, Levi (2007) – Literacia musical a partir de uma prática interdisciplinar das artes. *Sinfonia Virtual: Revista de música clássica y reflexión musical*. 2, Enero 2007 [s. p.]. ISSN: 1886-9505. Acedido a 25 Abr. 2020 em http://www.sinfoniavirtual.com/revista/002/literacia_musical.php
- Lewin, Kurt (1951) – *Field theory in social science: selected theoretical papers*. (346p). New York: Harper & Brothers Publishers. Acedido em Jan. 22, 2018, em <https://ia801902.us.archive.org/26/items/in.enet.dli.2015.138989/2015.138989.Field-Theory-In-Social-Science-Selected-Theoretical-Papers.pdf>
- Lipovtsky Gilles. (2012) – *A Sociedade da decepção*. (112 p). Lisboa: Edições 70. ISBN: 978972441708-0
- Manguel, Alberto (2010) – *Uma história da leitura*. Lisboa: Editorial Presença. (366 p). ISBN:9 78-972-23-2339-0
- Martel, Frédéric. (2010) – *Mainstream: enquête sur la guerre globale de la culture et des médias*. (581p). Paris: Flammarion. ISBN : 978-2-0812-4958-5
- Martins, Guilherme d' Oliveira (2020) – Património cultural: realidade viva (124p.). Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. ISBN: 978-989-90004-19-1.
- Melman, Charles (2012) – *L'homme sans gravité: jouir à tout prix*. (267p). Paris: Denoël. ISBN: 978-2-07-030678-7
- Moreno, Marcia & Mafra, Paulo (2019) – Literacia ambiental: uma necessidade para uma sociedade ambientalmente ativa. *EDUSER: Revista de educação*. Vol. 11, 2, 66- 76. Bragança: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança ISSN: 1645-4774. Acedido a 25 Abr. 2020 em <http://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser>
- Moscovici, Serge (1976) – *Psychologie des minorités actives*. (275 p). Paris: PUF. [Referência de ISBN indisponível].
- Neves, José Soares & Lima, Maria João (2009) – *Promoção da leitura nas bibliotecas públicas* (195 p). Lisboa: Observatório das Actividades Culturais ISBN: 978-972-614-467-0. Acedido em Abr. 14, 2013, em http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/apoios/Documents/OAC_PromocaoLeituraBibliotecasPublicas.pdf
- Organisation for Economic Co-operation and Development (2002) – *Conocimientos y aptitudes para la vida: primeros resultados del Programa Internacional de Evaluación de Estudiantes (PISA) 2000 de la OCDE*. (347 p.). México: Santillana. ISBN: 970-29-0176-6. Acedido em Nov. 21, 2019, em <https://www.oecd.org/pisa/39817007.pdf>
- Organisation for Economic Co-Operation and Development (2000) – *Literacy in the Information Age: final report of the international adult literacy survey* (185 p.)Paris: OECD Publications. ISBD: 92-64-17654-3. Acedido em Jun. 10, 2014, em <https://www.oecd.org/education/skills-beyond-school/41529765.pdf>
- Orlandi, Eni Puccinelli (2008) – *Discurso e leitura*. (119 p). São Paulo: Cortez Editora. ISBN: 978-85-249-1255-9. Acedido em Jun.12, 2017, em <https://pt.slideshare.net/josebsantos3/eni-puccinelli-orlandi-discurso-e-leitura>
- Penafria, Manuela (2009) – *Análise de filmes: conceitos e metodologia(s)* In *Congresso SOPCOM*, 6. [Lisboa, Universidade Lusófona, 14-18 Abril], pp. 1-10. Acedido em Fev. 25, 2016, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>
- Piaget, Jean (1973) – *Biologie et connaissance: essais sur les relations entre les régulations organiques et les processus cognitifs*. (510p). Paris: Gallimard. [s. ISBN]
- Pike, Kathy [coord.] (1994) – *New connections: an integrated approach to literacy*. (452 p). New York: Harper Collins College Publishers. ISBN: 0-06-041337-9.
- PISA 2003 Programme for International Students Assessment (2004) – *Conceitos fundamentais em jogo na avaliação da literacia matemática* (106 p.). Lisboa: Gabinete de Avaliação Educacional do Ministério da Educação ISBN: 972-8866-10-0. Acedido a 24 Abr. 2020 em http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/Literacia_matematica_pisa2003.pdf
- Porter, Michael E. (1998) – *Competitive strategy: techniques for analyzing industries and competitors*. (387p). New York: The Free Press.. ISBN: 0-684-84148-7.
- Prole, António (2009) – *Como fazer um projecto de promoção da leitura. Casa da Leitura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Acedido em Out. 15, 2013 em http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/manual_instrucoes_projectos_a_C.pdf

- Prole, António (2005) – O papel das bibliotecas Públicas face ao conceito de literacia. In *Seminário Educação e Leitura* [Esposende Câmara Municipal de Esposende, 27-28 Outubro 2005] (10p). Acedido em Out. 4, 2012 em http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/manual_instrucoes_projectos_a_C.pdf
- Reynolds, Peter (1984) – Cultural animation: Art and ceremony in sustainable culture. *Context*, 5, [32]. Langley: Context Institut. [s. ISBN]. Acedido em Jun. 14, 2015, em <http://www.context.org/iclib/ic05/reynolds/>
- Society of College, National and University Libraries (2011) – *The SCONUL seven pillars of information literacy: core model for higher education*. (14p). [London]: SCONUL [s. ISBN]. Acedido em Out. 27, 2013 em <http://www.sconul.ac.uk/sites/default/files/documents/coremodel.pdf>
- Silva, Armando Malheiro da & Ribeiro, Fernanda (2002) – *Das Ciências documentais à ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. (174p). Porto: Edições Afrontamento. ISBN: 972-36-0622-4
- Silva, José Aroldo da (2011) – Discutindo sobre leitura, *Letras Escreve: Revista de Estudos Linguísticos* (p. 22-35). Vol. 1 - Nº 1 - Janeiro a Junho de 2011 e Literários do Curso de Letras-UNIFAP. ISSN: 2238-8060. Acedido em Set. 12, 2015 em <http://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/326/n1jose.pdf>
- Silva, Vera Maria da, (2015) – *Livros digitais em bibliotecas públicas: apontamentos para uma reflexão*. [S.l.]: Bubok; Scribd. ISBN: 978-989-20-6074-3; 978-989-20-6088-0. Acedido em Abr. 9, 2016, em <http://www.bubok.pt/livros/9760/Livros-Digitais-em-Bibliotecas-Publicas-Apontamentos-para-uma-reflexao> e <https://pt.scribd.com/doc/284220834/Livros-Digitais-Em-Bibliotecas-Vera-Maria-Da-Silva>
- Silva, Vera Maria da & Filipe, Susana Ramalho (2010) – Olhar a animação, visando Serviços Educativos para as literacias e competências de informação. In *Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*, 10. [Guimarães, 7-9 Abril], pp. 1-15. Acedido em Mar. 5, 2013, em <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/217/213>
- Silva, Vera Maria da & Vaz, Francisco (2013) – Civic literacy projects in libraries: acting in the present thinking in the future. WORLD LIBRARY AND INFORMATION CONGRESS, 79. Future libraries: infinite possibilities. Singapura. 17-23 Agosto. Singapura: IFLA. Acedido em Fev. 5, 2016, em <http://library.ifla.org/264/1/099-silva-en.pdf>
- Sprinthall, Norman A. & Sprinthall, Richard C. (1994) – *Psicologia educacional: uma abordagem desenvolvimentista* (605 p.) Lisboa: McGraw-Hill., ISBN: 972-9241-37-6
- Trilla, Jaume (2004) – *Animação sociocultural: teorias, programas e âmbitos*. (366p.). Lisboa: Instituto Piaget. ISBN: 972-771-763-2
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (2011) – *Abordagem de programa, gestão e monitoramento por resultados (RBM). Gestão e responsabilização por resultados aplicada pela UNESCO: princípios norteadores* (58p.). Brasília: Representação da UNESCO no Brasil. Acedido a 28 Nov. 2019 em https://es.unesco.org/creativity/sites/creativity/files/iued_manual_metodologico_1.pdf e https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000177568_por
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (1972) – *Convention concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage*. Paris: UNESCO.. Acedido em 16 Ago. 2013, em <http://whc.unesco.org/archive/convention-en.pdf>
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (2003) – *Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage*. Paris, 17 October 2003. Acedido em 15 Ago. 2013, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540e.pdf>
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (2002) – *Declaração universal sobre a diversidade cultural*. (7p.). Paris: UNESCO. Acedido em 15 Ago. 2013, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (2014) – *Indicadores UNESCO de Cultura para el Desarrollo: manual metodológico* (140p.).Paris: UNESCO ISBN 978-92-3-300001-8 Acedido a 18 Nov. 2017 https://es.unesco.org/creativity/sites/creativity/files/iued_manual_metodologico_1.pdf
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (2004) – *The plurality of literacy and its implications for policies and programmes*. (32 p.) The Hague: UNESCO. Acedido em 27 Dez. 2012, em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000136246>
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (1974) – *Recommendation concerning education for international understanding, co-operation and peace and education relating human rights and fundamental freedoms*. UNESCO, GENERAL CONFERENCE, 18, 17 Out.- 23 Nov. 1974. Paris: UNESCO. Acedido em 16 Ago. 2013, em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000114040.page=144>

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. (1986) – *Revised recommendations concerning the international standardization of educational statistics*. (s.p). Acedido em Mai. 11, 2013, em http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=13136&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2011) - *Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos*. (186 p.). São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, V. 2.. ISBN 978-85-7983-147-8. Acedido em Abr. 17, 2019 em https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/378644/1/caderno-formacao-pedagogia_9.pdf

Williams, Raymond (1960) – *Culture and Society: 1780-1950*. (399p). New York: Anchor Books. [s.ISBN]. Acedido em Nov. 18, 2012, em <http://archive.org/stream/culturesociety17001850mbp#page/n7/mode/2up>

Williams, Raymond (1961) – *The long revolution*. (367p). Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books. [s.ISBN]. Acedido em Dez.7, 2012, em <https://www.scribd.com/document/364893099/Raymond-Williams-The-Long-Revolution-pdf>

Xavier, Jorge Barreto (2016) – *A cultura na vida de todos os dias*. (207p). Porto: Porto Editora. ISBN: 978-972-0-54019-1.

Yepes Osorio, Luis Bernardo (2013) – La promoción de la lectura: conceptos y prácticas sociales. In Yepes Osorio, Luis Bernardo; Ceretta Soria, María Gladys & Diez, Carola, *Jóvenes lectores: caminos de formación*. (pp. 9-55). Bogotá: Ministerio de Educación y Cultura. [s. ISBN] Acedido em Mai. 16, 2013, em http://cerlalc.org/wp-content/uploads/2017/04/PUBLICACIONES_OLB_Jovenes_lectores_Guia_metodologica_2013.pdf

Parte III

Anexo de documentos apensos

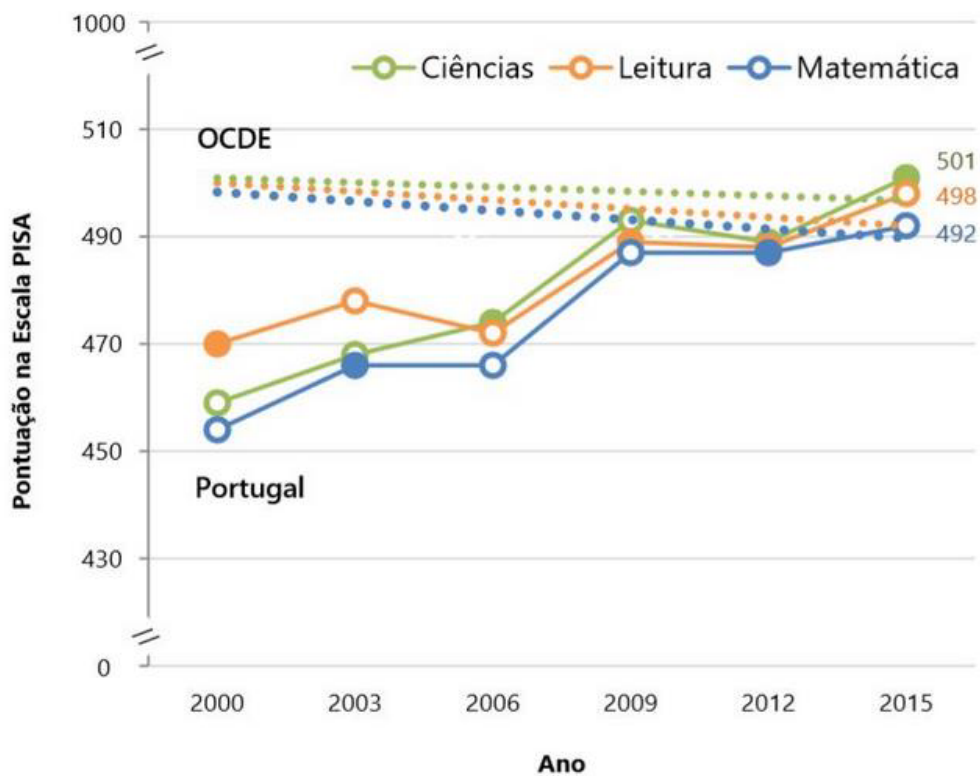



Gráfico1 - Evolução dos desempenhos dos alunos portugueses no PISA (Programme for International Student Assessment) de 2000-2015. Neste período, Portugal regista em Ciências +42 pts; Leitura +28 pts; Matemática +38 pts. Fonte: https://www.cfaematosinhos.eu/Ed_ozarfaxinars_n70.htm

Foi-nos apresentado, pela Dr.^a Vera Maria Silva, doutoranda de Ciências da Informação e Documentação da Universidade de Évora, o seu projeto de pesquisa sobre *Práticas de Promoção da Leitura nas Bibliotecas Municipais da Área Metropolitana de Lisboa*.

Tratando-se de um serviço nuclear das bibliotecas públicas, a Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, enquanto organismo coordenador do Programa da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, considera ser da maior relevância trabalhos de pesquisa nesta área que permitam completar a avaliação dos serviços de biblioteca pública, promovendo as boas práticas e o trabalho de cooperação, não só entre bibliotecas, mas igualmente entre o meio académico e o serviço público.

Lisboa, 10 de outubro de 2013


José Manuel Cortês
Diretor-Geral

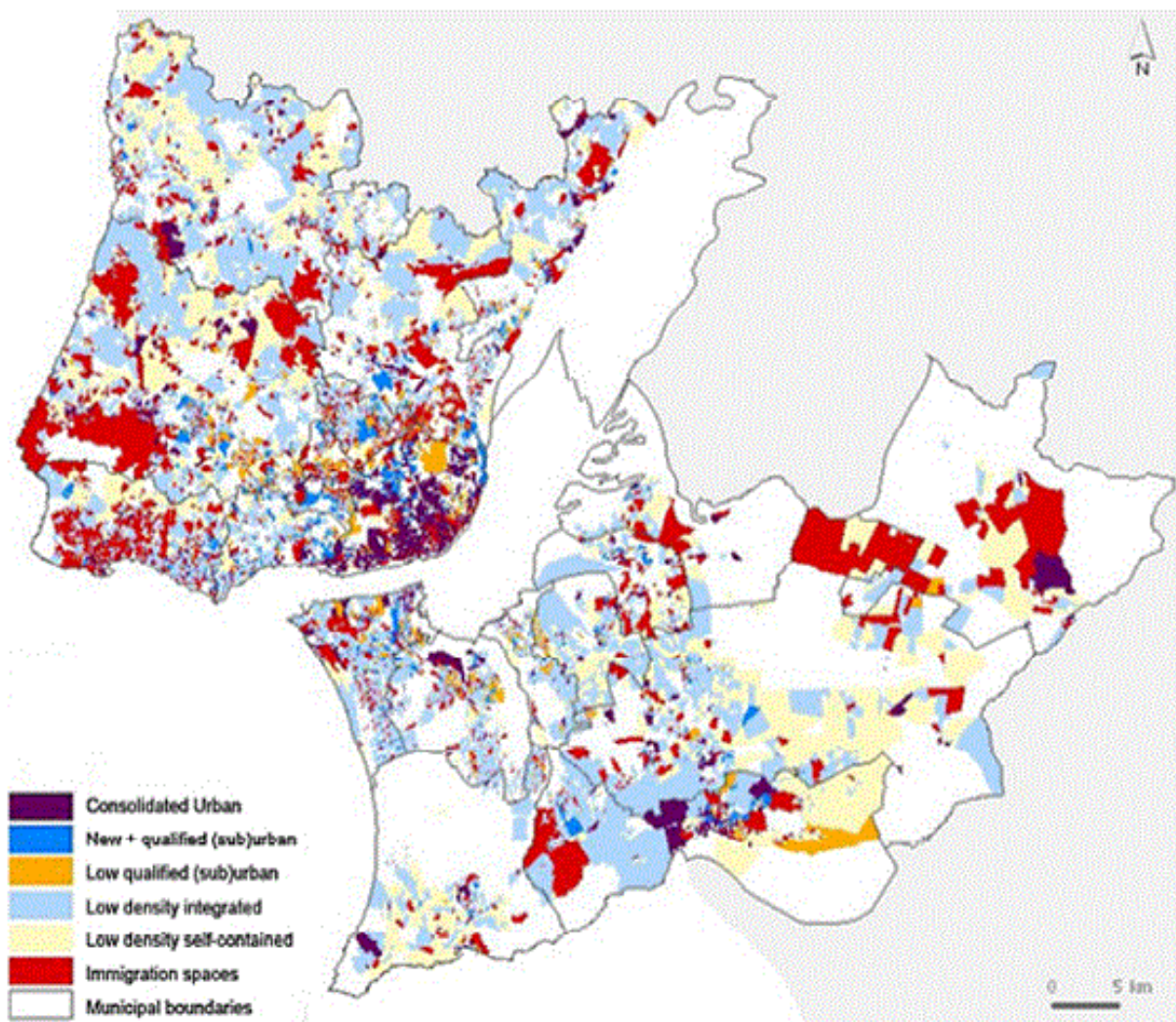
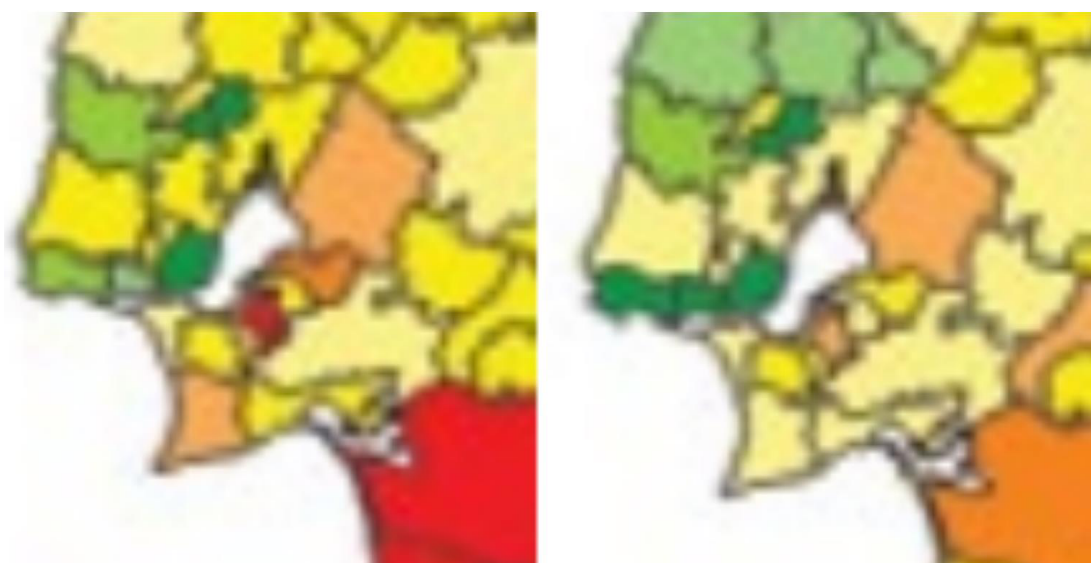


Imagem 2 – Classes das áreas edificadas da Área Metropolitana de Lisboa. Fonte: INE (2014, 72).



■ Grupo 1 ■ Grupo 2 ■ Grupo 3 ■ Grupo 4 ■ Grupo 5 ■ Grupo 6 ■ Grupo 7 ■ Grupo 8

Imagem 3- Mapa das médias de classificação nos exames.

Excertos ampliados dos mapas originais, correspondentes à AML, e concelhos confinantes.

1.º mapa: Médias do 9º ano (2008-2013). 2.º mapa: Médias do Ensino Secundário (2008-2013). Fonte: Justino (2014, 354).

“Representámos cartograficamente os valores observados, isto é, as médias de classificações nos exames (Figuras 1 e 2), os valores estimados (Figuras 3 e 4) e os desvios entre os valores observados e estimados (Figuras 5 e 6). Para tal, utilizámos uma divisão por percentis em que as posições centrais, entre o 1º quartil e o 3º quartil (50% da distribuição, em torno da mediana) têm pouca variação (representados com cores amarelas: grupo 4, negativo, com amarelo esbatido e grupo 5, positivo, com amarelo forte), fazendo sobressair na restante distribuição os casos que mais se afastam do centro, os grupos 3 (cor de laranja esbatido, com valores negativos, do percentil 10 ao 25) e 6 (verde esbatido, com valores positivos, do percentil 75 ao 90), com 15% da distribuição. Restam mais dois pares de grupos de valores positivos e negativos com 5% da distribuição cada, fazendo sobressair os extremos (positivos: grupo 7, a verde claro, grupo 8 a verde escuro; grupos negativos: grupo 2 a laranja escuro e a vermelho, o grupo 1). Se considerarmos apenas os grupos extremos, 1 e 8, teremos, respectivamente, os concelhos mais e menos performativos, ou seja, os que mais se distanciam da média dos desvios entre valores observados e estimados, respectivamente pela positiva ou pela negativa”.

(Justino, 2014, 350-353)

Informação noticiada sobre os resultados dos exames nacionais de 2017

Disciplinas de Português e Matemática

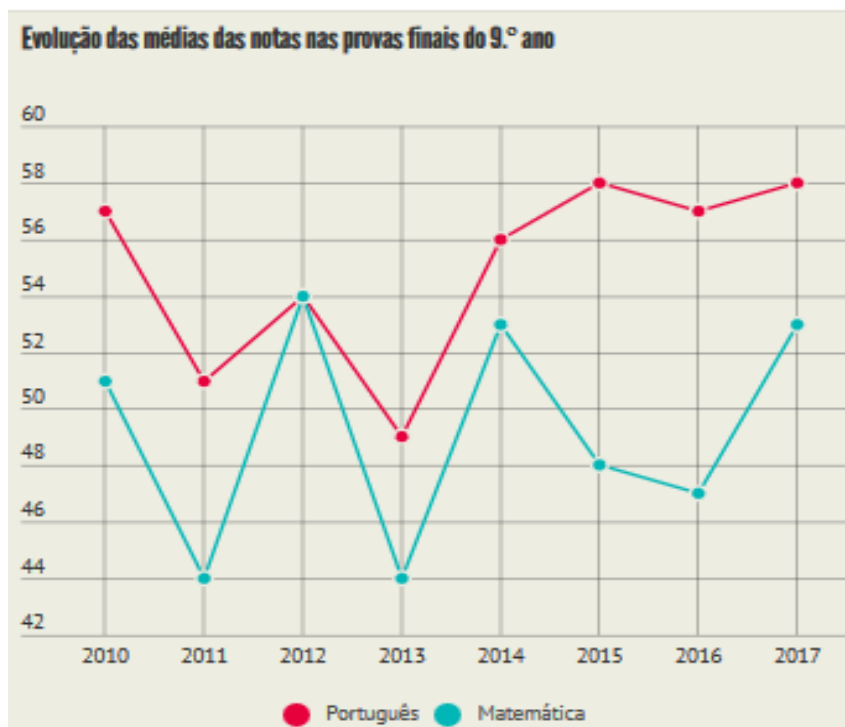


Gráfico 2 - Média das notas dos exames nacionais nas disciplinas de Português e Matemática.

Fonte dos gráficos: Júri Nacional de Exames, in *Observador*, 13, 14 Jul. 2017. Disponível em <http://observador.pt/2017/07/14/alunos-do-9-o-ano-melhoram-notas-media-a-matematica-volta-a-ser-positiva/>

O papel das bibliotecas públicas na promoção da leitura conservará pertinência. Os resultados dos mais recentes exames nacionais confirmam continuar a existir possibilidades para a sua intervenção e ampliação do seu campo de acção. Ainda que registando melhorias, os resultados positivos relevam, conforme o noticiado, graves insuficiências em 7% da população escolar portuguesa na disciplina de Português e ainda piores em Matemática:

“Os alunos do 9º ano que realizaram a prova de Português este ano lectivo 2017, obtiveram uma média de 58% (numa escala de 0 a 100%). Os resultados na prova de Português não sofreram uma grande oscilação face aos do ano anterior. A média subiu um ponto percentual e a taxa de chumbos desceu na mesma proporção. Dos 92.144 alunos postos à prova, 7% não conseguiram ter positiva. Em 2016 essa percentagem tinha sido de 8%. Cerca de 75% dos alunos obtiveram uma classificação igual ou superior a 50%. (...) De acordo com o IAVE [Instituto de Avaliação Educativa], e olhando mais em detalhe para os domínios explorados na prova de Português, os alunos saíram-se melhor a gramática e na escrita e pioraram a leitura e educação literária”. (*Observador*, 13-14 Jul. 2017)

Da experiência empírica de muitos professores surgem relatos de, nas várias disciplinas, os estudantes evidenciarem dificuldades na compreensão dos enunciados das questões, o que remete para dificuldades ao nível da sua competência leitora. Apesar do resultado quantitativamente positivo, as médias obtidos nestes exames (vd., infra, gráfico 1 da notícia), não deixam de ser globalmente baixas. Pelo que pode interpretar-se a partir do gráfico fornecida pelo IAVE (Instituto de Avaliação Educativa), cremos que essas médias terão sido de 11,6 valores em Português e de 10,5 valores em Matemática, para cujo cômputo geral positivo poderão ter contribuído critérios conferidos à valoração desta prova devido a um erro no seu enunciado.

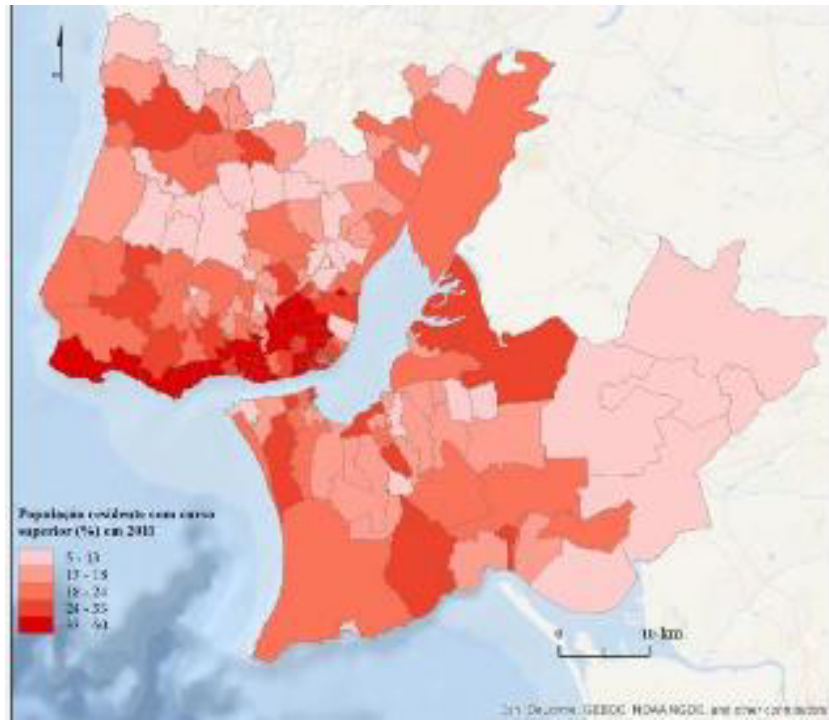
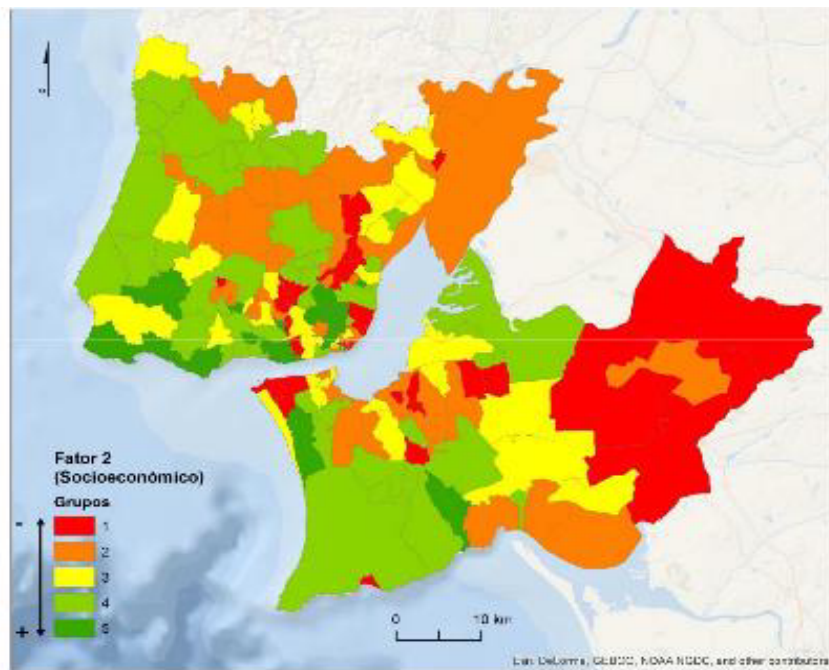


Imagem 4 - Mapa da população residente na AML com curso superior em 2011. Fonte: Costa (2016, 9).



População com pelo menos o 3º ciclo (%)	0,873	Taxa de abandono escolar	-0,460
População com Curso Superior (%)	0,829	Taxa de analfabetismo	-0,670
Profissões valorizadas socialmente (%)	0,781	Alojamentos sobrelotados (%)	-0,690
Valor médio da renda	0,742	Taxa de desemprego	-0,715
Número de divisões por alojamento	0,643	Pessoas com 1 ou mais dificuldades (%)	-0,716
Encargos médios com habitação própria	0,575	População (18-24 anos) com 3º ciclo e não estuda (%)	-0,834

Imagem 5 - Mapa e quadro do factor socioeconómico na AML Fonte: Costa (2016, 15).

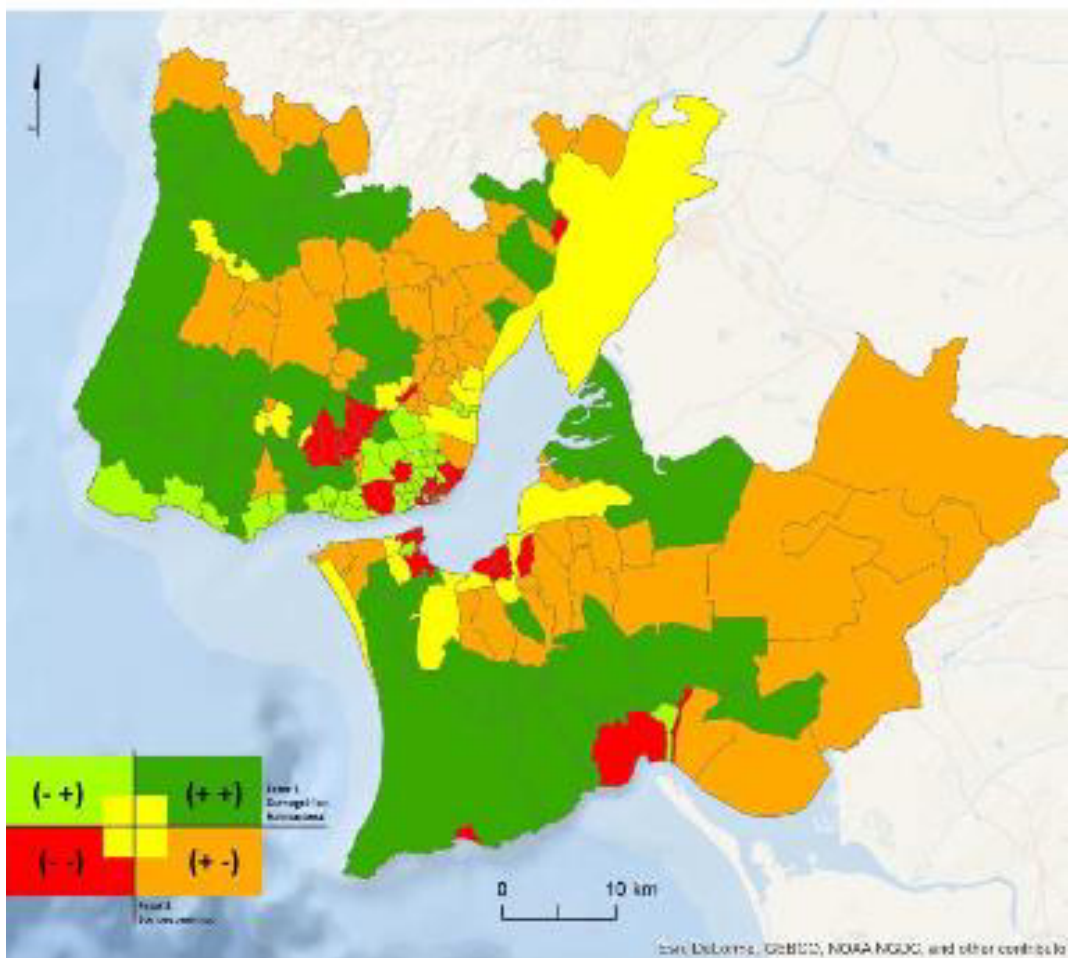


Imagem 6 - Mapa do cruzamento de factores demográfico, habitacional e socioeconómico na AML Fonte: Costa (2016, 17).

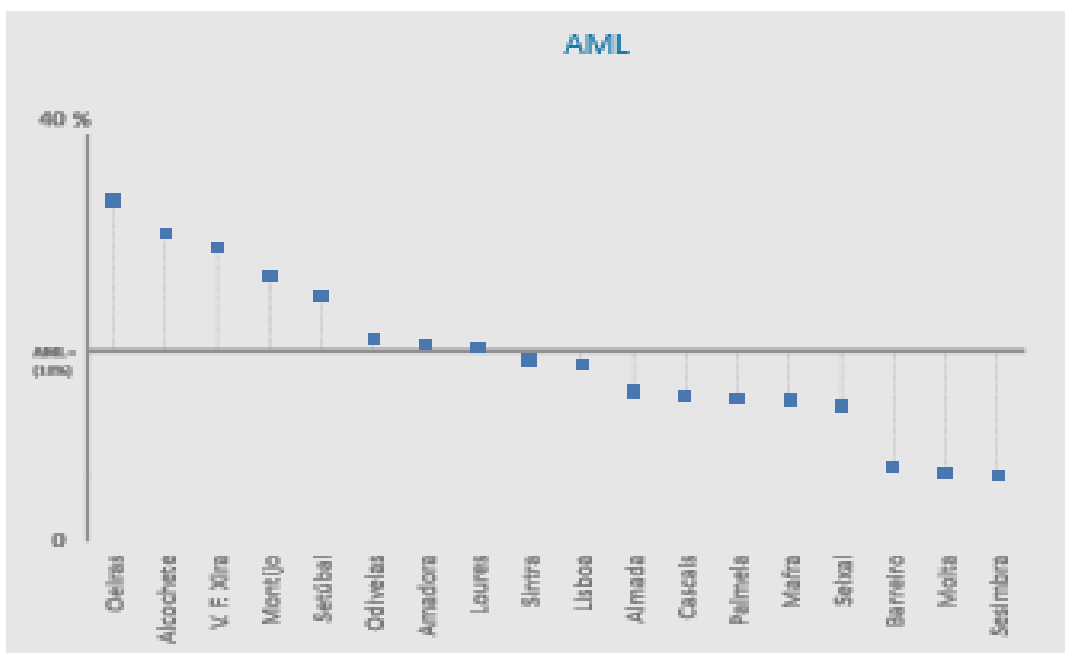
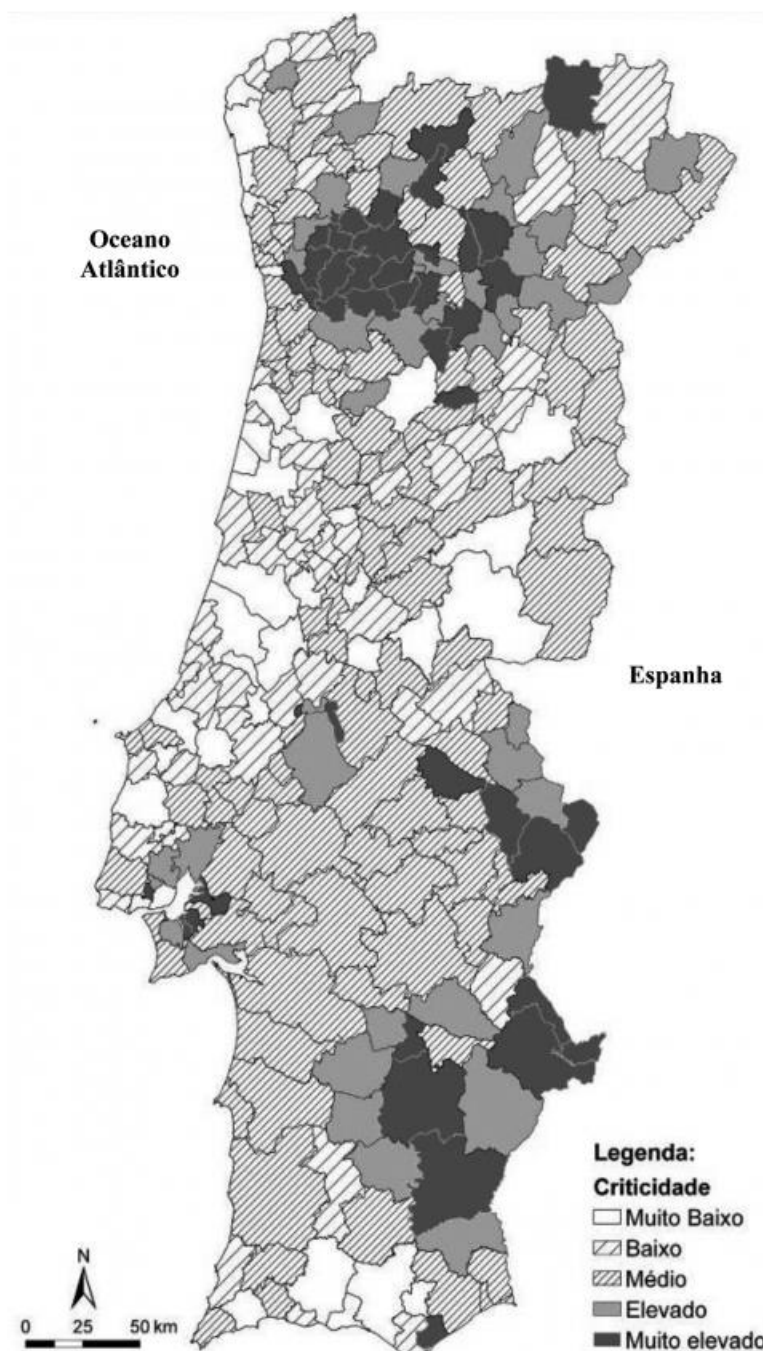


Gráfico 3 - Gráfico da Classe 2 - (Sub)urbano novo qualificado: importância populacional relativa por município da AML em 2011. Fonte: INE (2014, 72).



- 53 Nos municípios a norte, os valores elevados e muito elevados no índice de criticidade são essencialmente determinados pelo fraco poder económico da população, com particular ênfase para o factor 5 (percentagem de beneficiários do Rendimento Social de Inserção). Nos municípios localizados a sul os valores elevados e muito elevados de criticidade são determinados sobretudo pela influência dos factores 3 (condições dos edifícios) e 4 (estrutura profissional da população activa).

Imagem 7- Mapa da criticidade à escala municipal em Portugal. Fonte: Mendes; Tavares; Cunha & Freiria. (2011, 53).

ÍNDICE	
NOTA PRÉVIA	7
I — OS MOTIVOS POR QUE SE LÊ	13
A Moda	15
A tradição literária	16
Motivos religiosos	17
Motivos políticos	18
Motivos literários	20
a) <i>Crítica</i>	20
b) <i>Propaganda</i>	21
Motivos de passividade	24
a) <i>A pacificação</i>	26
b) <i>Distracção</i>	27
c) <i>Humorismo</i>	28
II — ONDE SE APRENDE A LER	33
a) <i>O ambiente familiar</i>	33
b) <i>O ambiente escolar</i>	36
c) <i>O ambiente social</i>	38
III — O QUE É A LEITURA	41
IV — A LEITURA EM PORTUGAL	69
1 — A produção do livro	71
a) <i>O editor</i>	71
b) <i>O escritor</i>	74
c) <i>O livreiro</i>	76
<i>Dados estatísticos</i>	77
2 — A distribuição dos livros	78
a) <i>Bibliotecas Municipais</i>	79
b) <i>Bibliotecas Corporativas</i>	84
c) <i>Bibliotecas Itinerantes</i>	85
d) <i>Outras Bibliotecas</i>	88
Conclusões	91
V — A INICIATIVA DO LEITOR	95
Montagem de um texto: «O Velho e o Novo»	105
A leitura de uma peça de teatro	134

Imagem 8 – Índice de *A orientação da leitura* de Ernesto Palma ([1966?]).

Índice onomástico

- A
- Abramo, Cláudio Weber 519
- Adorno, Theodore W. 12, 32, 128, 179, 185, 187, 195, 316, 317, 318, Vol. II 171, 188
- Afonso V, rei de Aragão 97
- Afonso V, rei de Portugal 92, 97, 149
- Alain, [pseud. de Émile-August Chartier] 21, 22, 27, 50, 205
- Álamo Nuñez, Enrique del 56
- Alçada, Isabel (pseud. de Isabel Veiga) 138, 338, 356, Vol. II 196
- Alexandre Magno 74, 75, 76
- Almeida, João Ferreira de Vol. II 161
- Almeida, Pedro Vieira de 133
- Alter, Adam 12, 199
- Althusser, Louis 12, 57, 68, 109, 149, 179, 192, 227, 315, Vol. II 169
- Álvarez Zapata, Didier 56, Vol. II 213
- Alvelos, Heitor 346
- Alves, Clara Ferreira 201
- Alvim, Luísa 354
- Amaral, A. E. Maia do 69, 82
- Amiano Marcelino 117
- Amin, Samir 185
- Anacársis 234
- Anastácio, Vanda 96
- Anaxágoras 107
- Ander-Egg, Ezequiel 11, 57, 58, 62, 130, Vol. II 169, 173, 181
- Andersen, Hans Christian 342
- Andersen, Sophia de Mello Breyner 329
- Andrade, Carlos Drumont de 353
- Andrade, Eugénio de 380
- António, João H. C. 10
- Antunes, António Lobo 100
- Antunes, Lina 258, 432
- Araújo, Carlos Alberto Ávila Vol. II 189
- Araújo, Claudialyne Silva 13, 230, Vol. II 203
- Arendt, Hannah 87, 201, 262, 356
- Ariés, Philippe 74
- Aristófanos 107
- Aristóteles 1, 4, 9, 25, 47, 62, 98, 108, 120, 145, 155, 163, 226, 234, 257, Vol. II 183, 201, 210
- Arpin, Rolin Vol. II 208
- Ashtoffen, Robson 24
- Assis, Machado de Vol II 157
- Atienza Ibáñez, María Dolores 11, 63
- Attali, Jacques 203
- Ávila, Patrícia 11, 32, 333, 401
- Azevedo, Fernando 9, 10, 11, 14, 49, 53, 63, 95, Vol. II 177, 195, 200, 202, 203, 210, 213
- B
- Bainton, George 40
- Bahia, Alvaro 119
- Bakhtin, Mikhail 155
- Baça, Ângela 11
- Baldwin, James 414
- Baltz, Claude 9, 48, 49, 50, 180, 189, 195
- Bamberger, Richard 56
- Barata-Moura, José 16, 17, 72, 160, 315, Vol. II 178
- Barbosa, Pedro 260
- Barbosa, Socorro de Fátima Pacífico 96
- Bardin, Laurence 7, 208, 209, 210, 211, 223, 231, 243, Vol. II 214
- Baró, Mónica 231, 276, 412, 451, 452, 455, 459
- Barreiros, José Jorge 43, 165, 167, 174
- Barrena, Pablo 60
- Barroco, José Alves 11, 41, Vol. II 176, 191, 193
- Barros, João de 122
- Barthes, Roland 208, 209, 231
- Batista, António Manuel Rodrigues Ricardo 11, 130
- Baudelaire, Charles 311
- Bauman, Zygmunt 12, 183, 188, 201, 205, 317
- Béland, Martine 198, 202
- Bell, Judith 21, 26, 207, Vol. II 3
- Benavente, Ana 2, 3, 10, 26, 39, 42, 43, 44, 333, Vol. II 194
- Benjamin, Walter 190
- Bercé, Yves Marie 154, 155
- Bergson, Henri, 17
- Berkowitz, Robert E. 44
- Bernays, Edward 128
- Berzosa, Raúl 12, 384
- Betancur, Adriana Maria B. 10, 56, 163, 268, Vol. II 213
- Bettelheim, Bruno 101, 376
- Bezerra, Manuel Lima 152
- Bicas, Maria Margarida Meira, 10, 266, 513
- Blair, Ann M. 13, 101
- Blanc, Louis 113
- Bloch, Marc 168, 187
- Borges, Jorge Luis 200
- Borges, Vera 2, 164, 222, 229, 540
- Bormuth, John R. 47
- Bosc, Amélie 455
- Bosman, Guillaume 81
- Bougainville, Louis Antoine 98

- Bourdieu, Pierre 13, 57, 183, 192, 356
 Boutin, Gérald 21, 27, 209
 Bradbury, Ray 203
 Braga, Inês 10, 16
 Brasília, Inês 13
 Branscomb, Anne W. Vol. II 195
 Braudel, Fernand 72, 149
 Brecht, Bertolt 199
 Breton, André 205
 Brioschi, Franco, 225, 226,277
 Buescu, Ana Isabel 83, 97, 101,119, 149
 Buffon, Georges-Louis Leclerc, conde de 80, 84, 150
 Bunbar, Ralph M. 513
 Burlamaqui, Jean-Jacques 122
 Butlen, Max 11, 167, 169, 170, 349, 355, 365, 384, 390, 393, 435, 455
- C
- Cabral, Luís 2, 132, 135, 136, 137, 140, 374, 443, 454
 Cabral, Maria Luísa I, 10, 11, 52, 83, 86, 98, 116, 118, 121, 124,125,150,152,158,177,193
 Caeiro, Alberto (heterónimo de Fernando Pessoa) 466
 Cain, Sheridan 489
 Calado, Jorge 315
 Calafate, Pedro 29, 80
 Calçada, Teresa 133, 384
 Caldas, Alexandre Castro 75, 186
 Calímaco 118
 Calixto, José António III, 11, 34, 266, 346, 432,451,513
 Câmara, Paulo III, 35
 Camões, Luís de 122
 Camões, Pedro Jorge Sobral 365, 491, 504
 Campos, Fernanda Maria Guedes de 13, 82, 118, 121, 149,156
 Candeias, António 13, 108, 115,143
 Canfora, Luciano 74, 106,107, 117, 160, 161, 260
 Capucha, Luís 309
 Cardim, José Eduardo de Vasconcelos Casqueiro 109,173
 Cardoso, Gustavo 3, 5, 66, 78, 89, 90, 129, 167, 170, 171, 175, 180, 186, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 254,317, 364, 435, 452 Vol. II 204, 216
 Cardoso, Gustavo Leitão 43, 165, 167, 174
 Cardoso, Rodrigo 19, 392, 396, 400
 Carreto, Carlos F. Clamote 75
 Carvalho, João Baptista da Costa 365, 491, 504
 Carvalho, Maria Amália Vaz de 483
 Carvalho, Maria João Lopo de 94, 110
 Carvalho, Rita Costa 104
 Carvalho,Rodrigues Guedes de 397
 Carvalho, Ruy de 485
 Casas Poves, Juana 231, 276, 455
 Cascalheira, Goretti III, 35
 Cascão, Rodolfo Vol. II 168, 170, 179, 186
 Castells, Manuel 3, 4, 5, 16, 39,66, 73, 78, 89, 90, 116, 129, 162, 167,170,171,173,174,175,176,179,180,186,187,189,190,191, 194, 195,196,197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 254,275, 283,306, 316, 317, 349,353, 364, 435, 450, 452, 454
 Castiglione, Baltassare 95
 Castro, Inês de 87
 Castro, São Luís 12, 16
 Cassiodoro, Flávio Magno 106
 Cassirer, Ernst 22
 Catulo, Caio Valério 99
 Cazuzu (pseud. de Agenor de Miranda Araújo Neto) 386
 Cenáculo, Manuel do, Arcebispo de Évora 98, 116, 121, 122, 123, 124,125, 152, 153,154
 Certeau, Michel de 15, 40, 92,176, 356
 Cervantes, Miguel de 76
 Chabault, Vincent 11
 Chacón Blanco, Maria Cruz 11, 130
 Chambers, Ephraim 44, 150
 Chante, Alain 9, 52
 Charmaz, Khathy 21, 23, 24, 25, 30, 32, 209, 211, 231, 382
 Chartier, Anne-Marie 13
 Chartier, Roger 5, 13, 25, 29, 42, 66, 67, 68, 69, 71, 74, 75, 79, 83, 84, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 98, 99, 101, 104, 107, 118, 119, 150, 151,155, 156, 157, 158, 159, 160, 173, 181, 183,185, 186, 190, 192, 193, 314, 356, 543, Vol. II 192
 Chomsky, Noam 79, 89, 91, 128, 156, 188, 203, 326, 370
 Chosson, Jean-François 146
 Churchill, Winston 428
 Cicero, Marco Tulio 75, 117, 122, 326
 Cícero, Quinto Túlio 289,551
 Clare, Roy 179
 Clubb, Barbara 10, 180
 Coelho, António Borges 315, 541
 Coelho, Mário 511
 Cohen, Jared 16, 73,191, 192, 195, 459
 Comte, August 21
 Condorcet, Jean Antoine Nicolas de Caritat, marquês de 115, 173
 Connors, Tracy D. 138, 480
 Cook, Colleen 509
 Cook, James 98
 Cook-Gumperez, Jenny 13, 40, 380
 Cordes, Sean Vol. II 217
 Cordier, Anne, 9, 13, 13, 16,44, 48, 49,51, 160, 180, 185, 189, 195, Vol. II 180
 Correia, Gaspar 97
 Correia, Tânia Sofia 10
 Cortês, José Manuel III

Costa, António (de Sousa de Macedo) da 126
Costa, António Firmino da 10, 11, 32, 262, 333
Costa, Armando 10, 43
Costa, Carlos 10, Vol. II 172
Costa, Eduarda Marques da 313, 380, Vol. II 229, 230
Costa, Fernanda 146
Costa, José Joaquim Marques da 10, 262
Costa, Sara 11
Coutinho, Rodrigo de Sousa 98
Couzinet, Viviane, 48, 49
Crescente, Katiane Lourenço Vol. II 202
Cristina, rainha da Suécia 104
Cromberger, Yacobo 79
Cruz, Joana Sara Ferraz da 11, 26
Cunha, Lúcio 179, 313, Vol. II 231
Cunhal, Álvaro 485

D

D'Alembert, Jean le Rond 98, 104, 119, 150,154
D'Ancona, Matthew 121, 191, 317, 341, 35,7, 458
D'Azevedo, Ricardo Chartres 93, 95
Damásio, António 17, 24, 29, 46, 63, 75, 85, 106, 185, 201,
202, 205, 339, 357 Vol. II 200
Damásio, Hanna 75, 201,202
Damilaville, Etienne Noel 81
Darnton, Robert 11, 13, 68, 69, 80, 82, 90, 119, 192, 346, 355
Davies, J. Eric 429, Vol. II 190, 206
De la Serre, Jean Puget 95
De Laclos, Chordelos 155
De Miguel, Armando 384
De Varine-Bohan, Hugues M. 62, Vol. II 169, 173
Debord, Guy 12, 179, 185 195, Vol. II 171, 179, 188
Debray, Régis 73
Delamotte, Eric 9, 13, 13, 44, 51, 160, 180, 185, 189, 195, Vol II 180
Deleuze, Gilles 17
Delgado, Manuel 384
Delgado-Martins, Maria Raquel, 10, 43
Demétrio de Falero 107
Demóstenes 107
Denham, Debbie Vol. II 181, 192, 211
Descartes, René 21, 223, 239
Desvallées, André Vol II 168, 177, 186, 202
Deway, Daniel 175, 203
Di Girolamo, Constanzo 225, 226,277
Di Nipoti, Cláudio 108, 117,160, 260
Diderot, Denis 80, 119, 150, 154
Diodoro 117
Domingos, Nuno 13
Duarte, rei de Portugal 92, 97, 148

Duby, Georges 52, 74
Durand, Gilbert 327
Durkheim, Emile 21, 73, 189

E

Eckhart de Hochheim 32
Eco, Umberto 12,42,117,131,188,200,205,217,258,321,356,392
Eiras, Bruno Duarte 14, 301, 318, 384, 496, Vol. II 182
Eisenberg, Michael B. 44
Elias, Norbert 74, 128, 199, 203, 215, 278, 282, 317, 352
Elkin, Judith Vol. II 181, 192, 211
Engels, Friedrich 205
Enrique de Aragão, marquês de Villena 97
Erasmus de Roterdão 95
Espanca, Túlio 123
Espósito, Robert 179
Ésquilo 530
Esteban Ortega, Joaquín 316, 317

F

Fanha, José 272, 404
Faria, Isabel 53, 103, 163, 268, Vol. II 212
Farmer, Lesley Vol II 217
Febvre, Lucien 72, 150, 153, 155, 168
Felício, Gisélia III
Fernandes, Catarina III, 10
Fernandes, Maria José da Silva 365, 491, 504
Fernandés, Viviana 178
Fernando de Aragão, duque da Calábria 97
Ferreira, António 87
Ferreira, Norma Sandra de Almeida 11
Ferreira, Raul José Hestnes 260
Fídias 339
Figueiredo, Fernanda Eunice 135, 512
Filipe II, rei de Espanha 97
Filipe III duque da Borgonha 97
Filipe, Susana. Ramalho 11, Vol. II 169, 174
Finkelkraut, Alain 197
Fiolhais, Carlos 12, 63, 121, 186, 275, 315, 316, 317, 357
Fischer, Nils 342
Floridi, Luciano 171
Fonseca, António José Branquinho da 140 141, 142, 145
Fontinha, António 272, V.II 42
Foucault, Michel 65, 66, 67, 106, 149, 154, 190, 199, 315, 356,
543, Vol. II 189
Fourier, Charles 113
Francisco I, rei de França 97
Frederico, o Grande, rei da Prússia 80, 120
Freire, Francisco José 96
Freire, Paulo 10, 226, 271, 320

Freiria, Susana, 179, 313, Vol. II 231
Freitas, Eduardo de 13
Freitas, Henrique 209
Friese, Susanne 211
Frost, Robert 26
Furet, François 92
Furtado, José Afonso 9, 52, 172, 182, 185, 189, 197, Vol. II
180, 196, 198
Fust, Hans 100

G

Gago, José Mariano Rebelo Pires 196
Gama, Sebastião da 305
Gambarato, Renira Rampazzo 375, 378
Garralón, Ana 61, Vol. II 172
Genovesi, António 122
Gil Calvo, Enrique 196
Gilbert, Martin, 29, 428
Ginzburg, Carlo 85, 91
Godard, Jean-Luc 237
Godinho, Vitorino Magalhães 28, 29, 106
Goethe, Johann Wolfgang von 524
Gomes, Inês 11 Vol. II 196
Gomes, José António 10
Gomes, Maria do Carmo 10, 32, 168
Gómez Acosta, Francisco Rafael 62, Vol. II 169, 173
Gómez-Villalba, Elena Ballesteros 253
Goyette, Gabriel 21, 27, 209
Grã, Ruy 102
Grafton, Anthony 13, 119, 192
Graue, M. Elizabeth 21, 228
Greimas, Algirdas Julius 376
Grilo, Eduardo Marçal 186, 286, 287, 288, 431, 432
Gubbin, Barbara 10, 15, 180, 182, 230, 338, 444, 456, 512,
Vol. II 174, 198
Guenassia, Jean-Michel 457
Guerreiro, António 86, 528
Gutenberg, Johannes 82, 100, 200, 262

H

Habermas, Jürgen 13, 79, 80, 81, 262, 406
Hallin, Daniel C. 181
Harland, John 12, 384
Hartog, François 86, 528
Hatcher, Richard 175, 203
Hawking, Stephen 202
Hébrard, Jean 13, 90, 158, 159
Hecateu de Abdera 117
Heckman, James J. 54, 59, Vol. II 216
Hegel, Georg Wilhelm Friedrich 27, 68, 194, 200
Heidegger, Martin 55

Heitor, Célia 135, 168, 413, 432, 444, 452, 458, 504, 512
Hemingway, Ernest 146
Henrique, cardeal, rei de Portugal 153
Henriques, Mendo Castro Vol. II 183
Heraclito 27
Herculano, Alexandre 82, 254
Hesíodo, 98
Himanen, Pekka 194, 349
Hitt, Michael 270
Hobbes, Thomas 109
Hobsbawm, Eric J. 72, 84, 88, 100, 113, 128
Hohenberg, Paul M., 400
Homero 98
Hood, Clarke M. 285
Hooper-Greenhill, Eileen 11, 286, 369, 370
Horácio 122
Horta, Maria Teresa 96

I

Innis, Harold Adams 63, 78
Isabel, a Católica, rainha de Castela e Leão 97
Isabel I, rainha de Inglaterra 97
Iser, Wolfgang 90

J

Jablonka, Ivan 150, 314
Jackson, Heather J. 103
Jamerey-Duval, Valentin 84, 90, 91, 96
Janissek-Muniz, Raquel 209
Jeanneret, Yves 51, 189, Vol. II 207
Jeffri, Joan 138, 480
Jesus, Patrício de 179
Jiménez Martínez, Lutgardo 61, Vol. II 172
João I, rei de Portugal 97
João II, rei de Portugal 92
João III, rei de Portugal, 97
João de Salisbúria 186
Johnston, Bill 10, 15, 46, 47, 180
Jones, Ken 9, 171
Juan Alonzo, duque de Medina Sidónia 97
Juanals, Brigitte 9, 49, 50, 180, 189, Vol. II 180
Júlio César 73, 74, 76, 100
Justiniano, imperador bizantino 106
Justino, David 3, 4, 9, 42, 313, 380, 381, 388, 392, 401, 432,
Vol. II, 172, 175, 182, 183, 205, 214, 227

K

Kant, Emmanuel 4, 10, 81, 94, 109, 121, 145, 151, 163, 175,
192, 194, 254, Vol. II 170, 171
Kautz, Tim D. 54, 59, Vol. II 216
Kavafis, Konstantinos 35

Keeley, Brian 16, 515
Kettering, Charles F. 192
Kickert, Christopher 285
Kinder, Kay 12, 384
Koontz, Christie 10, 15, 180, 182, 230, 338, 444, 456, 512,
Vol. II 174, 198, Vol. II 174, 198
Kraus, Dorothea 69, 70, 75, 76, 77, 81, 87, 90, 95, 150, 151
Kyrillidou, Martha 509

L

La Serre, Jean Puget de 95
Laclos, Pierre Choderlos 155
Lages, Mário F 10
Lai, Horng-Ji 11, 136
Lamas, Maria Vol. II 149
Lau, Jésus 10, 44, 46, 230, 465
Le Deuff, Olivier 9, 12, 48, 49, 50, 51, 55, 115, 177, 179,
180, 182, 184, 187, 189, 191, 195, 196, 238, 300,
316, 452, 573, Vol. II 180, 198, 199, 217
Le Gallois, Pierre, 119, 152
Le Goff, Jacques 186
Leal, Filipe 168, 313, 314, 315, 316, 346, 352, 392, 393, 442,
Leão X, Papa 97
Leduc, Diane 13, 96, 98, 104, 112, 118, 150, 154, 155
Lefranc, Clément 191, Vol. II 189
Leiderfarb, Lucianna, 55
Leitão, Paulo Jorge Oliveira III, 168, 275, 337, 338, 346,
352, 353, 456
Leite, Júlia III, 35
Leonido, Levi Vol. II 199
Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna 94, 96
Lessard-Hérbert, Michelle 21, 27, 209
Lewin, Kurt 22, 23, 24, 28, 58, 59, 60, Vol. II 191, 209
Lima, Cláudia 346
Lima, Maria João 2, 10, 11, 13, 14, 53, 56, 64, 164, 165, 168,
222, 229, 232, 237, 268 277, 318, 341, 369, 491, 540, Vol.
II 169, 172, 210, 212
Line, Maurice 314
Lineu, Carl 84
Lipovetsky, Gilles 12, 15, 174, 179, 187, 188, 195, 357, Vol II
179, 188
Lisboa, João Luís III, 13, 72, 76, 77, 93, 100, 101, 107, 109, 112,
113, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 156, 160
Liz, Carlos 10
Lobeira, João de 156
Lobo, Domingos 485
Lobo, Francisco Rodrigues 96
Locke, John 109
Lopes, Francisco III, 35, 102
Lopes, João Teixeira 10 168, 254, 432
Lopes, M. Conceição Oliveira 10, 16

Lopes, Paula 10, 11, 15, 26, 179,, 181, 182, 183, 189, 459
Lopes, Paula Cristina 10
Loureiro, Maria Carlos III, 10, 439
Luciano de Samósata 122
Luís XIV, rei de França 96
Luís da Câmara, conde da Ribeira Grande 94
Lutero, Martinho 68
Lynn- Draper, Jennifer 10, 180

M

Machado, António 541
Machado, Dinis 314
Mafra, Paulo Vol. II 194
Magalhães, Justino 9, 13, 42
Maiakovsky, Vladimiro 199
Mairesse, François Vol II 168, 177, 186, 202
Mañà, Teresa 231, 276
Mancini, Paolo 181
Mangas, Sérgio III, 35, 135, 238, 252, 253, 256, 257, 258, 264,
265, 285, 266, 267, 315, 352, 384, 411, 420, 432
Manguel, Alberto 13, 70, 73, 74, 76, 77, 100, 105, 107, 148, 159, 160
Manuel I, rei de Portugal 78, 97
Mao Tsé-Tung 68
Marçal, David 12, 121, 317, 357, 431, 529
Marcial, Marco Valério 99
Marcial, Viviana Fernandés 13, 15, 19, 178
Marconi, Guglielmo 200
Margaix-Arnal, Dídac 337, 452
Maria de Almeida e Lorena, condessa da Ribeira Grande 94, 96
Markless, Sharon 10, 48, 428, 456
Marques, Ana Rita da Fonseca Neto 125
Marques, Maria Beatriz 125
Marramaque, António Pereira 93
Martel, Frédéric 12, 52, 53, 179, 188, 204, 316, Vol. II 171, 179,
188
Martínez Bermejo, Saul III, 69, 75, 86, 100, 106
Martins, Daniel de Araújo 515
Martins, Guilherme Oliveira 124, 186,, 205, Vol. II 170, 207, 208
Martins, José Tomás de Sousa 511
Martins, José Vitorino Pina 95
Marx, Karl 68
Mathias, Beverly Vol. II 211
Mathias Corvino, rei da Hungria 97
Matisse, Henri 314
Mattoso, José 25
Max, Leo 194
Mazarin, Giulio Raimondo Mazzarino, cardeal 118
McKay, Adam 177
McLuhan, Marshall 43, 72, 75, 193, 194, 199, 202, 262, 324, 338,
339, 454, 456

Melman, Charles 12, 15, 174, 179, 186,187,188,189,195,459
Melo, Daniel 13, 118, 119, 129,130,133, 140,141, 144, 157,158
Menandro 107
Mendes, José Manuel 179, 313, Vol. II 231
Mendes, Renato 457
Mendinhos, Isabel Maria Silva 11, 27
Mendonça, Luísa 146
Meneses, Garcia, bispo de Évora 102
Menocchio (Domenico Scandella) 84, 85, 90
Menoncello, Aline 67, 542
Menou, Michel 51, Vol. II 198
Mesquita, Carla Maria Meira Dias 11, 26, 64, 164
Mestre, Joaquim Figueira 441, 463
Metz, Christian 209, 355, Vol. II 217
Meyer, Eduard 107
Milani, Marco Antonio 67, 542
Mirabeau, Honoré Gabriel Riqueti de 80
Miranda, Francisco de Sá de 255
Miranda, Tiago C. P. dos Reis 13, 72, 76, 77, 93, 94, 100, 101, 107, 109, 112, 113,148, 149,151, 152, 153, 154, 156, 160
Mislove, Alan 84
Molder, Filomena 55
Mónica, Maria Filomena 13, 84, 88, 112, 113, 114, 158, 160, 318
Montaigne, Michel 98, 102
Monteiro, Henrique 353
Monteiro, Nuno Gonçalo Freitas 92, 102, 110, 112, 159
Montesquieu, barão de, Charles-Louis de Secondat 80, 150
Moore, Jeanne 169
Moraes, Roque 211, 209
Moreiro González, José António 118, 119
Moreno, Marcia Vol. II 194
Moscarola, Jean 209
Moscoso Castro, Purificación 421
Moscovici, Serge 51, 179, 187, 189, 357, Vol. II 179, 207
Mota, Ana Sofia de Sousa Machado 168, 214, 352, 346
Mota, Arlindo Pato Ferreira da 285,352,358,363,460,477, 480, 508
Mozart, Wolfgang Amadeus 315
Muller, João Cristiano 152
Murad, Larissa Costa 12, 86
Musk, Elon, 202, 213

N

Naranjo Vélez, Edilma 59,60
Nascimento, Aires A. 9, 70, 178,196
Naudé, Gabriel 113
Negreiros, José de Almada 404
Nery, Rui Vieira 328
Neto, Dulce 286
Neves, José Soares das 2, 10, 11, 13, 26,53, 56, 64, 88, 89,156, 164, 165, 166, 168, 176, 178, 222, 229, 231, 232, 234, 237, 268, 271,277, 318,341, 369, 439, 491, 540, Vol. II 169, 172, 210, 212
Norte, Armando 13, 82
Nóvoa, António 13,42, 86
Nunes, Henrique Barreto 2, 10, 125, 126,127,128, 129, 130, 132, 133,134, 135, 136, 137, 140, 266,313,374,443, 454, 457, 463,514
Nunes, Manuela Barreto III, 11,383,390, 428,439, 493

O

Ochôa, Paula 421, 423, 456,519
Oleiro, Margarida III, 135, 168, 413, 432, 444, 452, 458, 504, 512
Olímpia do Épiro 74
Olivares, Cármen 61, Vol. II 172
Oliveira, Ana Rodrigues 103, 149
Oliveira, Francisco Xavier de 156
Oliveira, José Manuel Paquete de III, 43, 165, 167, 174
Orlandi, Eni, 41, 51, 166, 209,228, Vol. II 193
Orta, Garcia da 9, 16
Orwell, George 100
Osterwalder, Alexander Vol. II 209
Oudot, Nicolas 86, 150
Ovídio, Públio Ovidio Naso 98, 99
Owen, Robert 113
Owens, Major Robert 45

P

Paléologue, Noel 80, 81
Palma, Ernesto 3, 10, 41, 42, 54, 62, 122, 142, 145,146, 147,163, 165, 393, Vol. II 191, 215, 232
Parreira, Zélia 266, 451, 513
Pascal, Blaise 84
Paulmy D'Argenson, René L. de Voyer, marquês de 118, 150
Paulo IV, Papa 153
Pedro, infante 92
Pedrosa, Inês 272, 361
Peeters, Benoît, 19
Penafria, Manuela 209, 355, Vol. II 217
Pereira, Arnaldo 87
Pereira, Fernando António Baptista 315
Pereira, José Pacheco 12, 84,186, 189, 196, 197, 357
Pericão, Graça 53, 103, 163, 268,, Vol. II 212
Pessoa, Fernando 166, 250, Vol. II 32
Petrucci, Armando 107
Piaget, Jean 306, 339, 356, 369, 370, Vol II 178
Pike, Kathy 9, 10, 41, 43, 53,165, 201, 244,301,306, 327 Vol. II 193, 194, 202, 203, 211
Pimentel, Maria Cristina de Sousa III, 106
Pina, Natália 143
Pina, Rui de 149
Pineda, Juan Manuel 353, 354, 512

- Pinheiro, Dioguo, bispo do Funchal 102
 Pinheiro, Paula Moura 361
 Pinto, Antero 126
 Pinto, Jaime Nogueira 80, 81, 204
 Pinto, José Madureira Vol. II 161
 Pinto, Leonor Gaspar 421,428, 456, 519
 Pinto, Maria da Graça, 10, 39, 44
 Platão 46, 107, 108, 183, 193
 Plínio, 98, 100, 117, 119, 127, 160
 Plutarco 74, 75, 76, 98, 527
 Polanyi, Karl 43
 Políbio 117, 260
 Pollitt, Walter 285
 Polychroniou, Chronis J. 79, 89, 91, 128, 156, 188, 203, 326, 370
 Pombo, Olga 5, 23, 24, 29, 173
 Pompeia Plotina 117
 Portela, Joana Abranches 99
 Porter, Michael E. 270, Vol. II 209
 Portilheiro, Joaquim 2, 132, 135, 136, 137, 140, 374, 443, 454
 Powers, Bruce. R 75,194,202,262,324,338,456
 Prates, Manuela III
 Prensky, Marc 10, 167
 Procopius 106, 526
 Proença, Carla 380, 512
 Prole, António 3, 10, 11, 53, 54, 226, 234, 239,247, 267, 268, 271,277, 278,279,293, 301, 324, 457, 465, Vol. II 172, 191, 198, 203, 210
 Propercio, Sexto Aulo 99
- Q
- Queiroz, Eça de 44, 422
 Quintanilha, Aurélio 275
 Quintela, Pedro 11, 301
 Quintiliano, Marco Fábio 122
 Quivy, Raymond 17, 21, 24, 29, 207, 209, Vol. II 3
- R
- Rabelais, François 155
 Ramalho, Cláudia Martins Vol. II 168, 170, 179, 186
 Ramalho, Glória, 11, 43
 Ramos, Anatólia Saraiva Martins 515
 Ramos, Raquel 164
 Ramos, Rui. 13, 108, 113, 159, 161
 Ramsés II, faraó 117
 Ranson, Jean 84, 90, 91
 Real, Manuel 132
 Rebelo, Carlos Alberto 11, 13, 125, 126, 127, 154, 178
 Rebelo, José 181
 Regedor, António José Borges 140, 141, 142, 143
 Resende, Garcia de 82, 92, 102
- Resende, Hernâni 113
 Ribeiro, Bernardim 156
 Ribeiro, Fernanda 125, 138, 458,478, Vol. II 189
 Ribeiro, Orlando 380
 Richardson, Roberto Jerry 7, 21, 27, 209, 573
 Rifkin, Jeremy 316
 Roche, Daniel 91, 112
 Rodin, August 159, 439
 Rodrigues, Amália 328
 Rodríguez, Félix 384
 Rodríguez, Miguel 61
 Roquete, José Inácio 96
 Rosa, Alexandre 333
 Rosas, Fernando 187
 Rose, Jonathan 77, 89
 Rotstein, Abraham 43
 Rousseau, Jean-Jacques 70, 90, 150,151, 155
 Russell, Stuart 175, 203
 Reyes Camps, Lourdes 231, 276
 Reynolds, Peter 11, 57, Vol. II 173
- S
- Sá, Vítor de 159
 Saint-Simon, Claude-Henri de Rouvroy, conde de 113
 Salazar, Abel 324
 Saldanha, João Carlos G. D. V. F. Oliveira e Daun, duque de 126
 Sanches, Tatiana 13, 118, 317, 401
 Santo Agostinho 75, 217, 218
 Santo Ambrósio 75
 Santos, António Ribeiro dos I, 98, 118, 121, 124
 Santos, António Sá 10, 266, 513
 Santos, Boaventura Sousa 22, 25, 64
 Santos, Fernando Piteira 469
 Santos, José Rodrigues 397
 Santos, Maria de Lourdes Lima dos 2,10,13,14,26,85,138,139, 168,179,236,300,311,313,314,338,354,369,383,432,459, 491, 540
 Santos, Nelson Lima 11, Vol. II 196
 Santos, Tiago 13
 São Bento, Benedito da Núrcia 100, 148
 São Lucas 541
 São Paulo, Paulo de Tarso 68, 76
 Sardenha, Maria da Graça 9, 10, 11, 14, 49,53,63, Vol. II 177, 195, 200, 202, 203, 210, 213
 Sartre, Jean Paul 242
 Schaumburg-Lippe, Friedrich Wilhelm Ernst 111
 Schmidt, Eric 16, 73,191, 192, 195, 459
 Schmitt, Carl 92, 149
 Schwanitz, Dietrich 317

- Sebastião, João 32
- Seneca 18, 92, 98, 117
- Sequeira, Ricardo Manuel III
- Sequeira, Sérgio Miguel III
- Sérgio, António 134, 254, 255, 405
- Serra, Paulo 67, 185
- Serrão, Anabela 15, 19
- Serrão, Victor 315
- Sevcenko, Nicolau 68, 69, 70, 194
- Shakespeare, William 410, 482
- Sidoncha, Urbano Mestre 67
- Silva, Alzira Karla Araújo da 13, 230
- Silva, Ana Rita Santiago da 13
- Silva, Armando Barreiros Malheiro da 13, 15, 19, 125, 138, 178, 458, 478 Vol. II 189
- Silva, Augusto Santos 29, 106
- Silva, Edcleyton Bruno Fernandes da 13, 230
- Silva, José Aroldo Vol. II 191
- Silva, Maurício José Vianna e 413
- Silva, Sílvia Cortez 97, 153, 154
- Silva, Susana Gomes da 11, 53, 54, 301, 356, 369, 370
- Silva, Vera Maria da 1, 9, 11, 14, 104, 105, 134, 138, 171, 172, 177, 184, 201, 253, 360, 452, 454, 456, 457, 494, 512, Vol. II 168, 169, 174
- Sim-Sim, Inês 15, 19
- Simões, Manuel Alberto Coimbra Sobrinho 202
- Simões, Maria da Graça de Melo 133
- Snart, Jason A. 103
- Soares, Magda 41, 42, Vol. II 193
- Sócrates 107, 193
- Soriano, Paul 12, 186, 189, 195, 196, 197, 198, 262, 450, 459, 518
- Soules, Marshall 68, 73
- Sousa, Eustáquia Salvadora de Vol. II 168, 170, 179, 186
- Sousa, Isabel de 354
- Sousa, Luís frei, (Manuel de Sousa Coutinho) 122
- Sousa, Pedro III, 212
- Souza, Renata Junqueira de 11
- Sprinthall, Norman A. 356, 369, Vol. II 185
- Sprinthall, Richard 356, 369, Vol. II 185
- Steinbeck, John 199
- Stewart, J. 285
- Sticevic, Ivanka Vol. II 217
- Strauss, Neil 213
- Streatfield, David 10, 48, 428, 456
- Suaiden, Emir 11
- Sucena, Ana 12, 16
- Suetónio 73
- Svendsen, Gunnar Lind Haase 16, 192, 515
- T
- Tabet, Jean 137, 157, 314, 429, 514
- Tacito 102, 98
- Talleyrand-Périgord, Charles-Maurice 80, 81
- Taquelim, Cristina, 10, 350, 443
- Tasquinha, Margarida 346
- Tavares, Alexandre Oliveira 179, 313, Vol. II 231
- Távora, João Mascarenhas 153
- Tegmark, Max 175, 203
- Teixeira, Vera 10, 158, 162, 421, 427, 439
- Tengarrinha, José Manuel 81, 88, 123, 191
- Teodósio, duque de Bragança 97, 119, 149
- Terêncio 122
- Thomas, Sue Vol. II 217
- Thorhauge, Jens 11
- Tibulo, Álbio 99
- Tickle, Jack 489
- Tito Lívio 117, 122
- Todd, Ross 47, 421, 427,
- Tolstói, Lev 77, 79
- Touraine, Alain 204
- Train, Briony Vol. II 181, 192, 211
- Tressan, Louis-Élisabeth de la Vergne, conde de 150
- Trilla, Jaume 11, 57, Vol. II 169, 181
- Truffaut, François 203
- Tucídides 74, 98
- Twain, Mark 40, 177, 392
- U
- Usherwood, Bob 11, 177, 178, 193, 406
- V
- Vainstein, Rose 513
- Valéry, Paul 19, 25, 54, 94, 190, 193, 197, 198, 199, 202, 204, 339
- Van Campenhoudt, Luc 17, 21, 24, 29, 207, 209, Vol. II 3
- Varesco, Gianbattista 315
- Vargas Llosa, Mario 12, 186
- Vasconcelos, Helena 361
- Vasconcelos, Joana 350, Vol. II 84
- Vaz, Francisco III, 1, 9, 13, 14, 98, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 153, 154, 158, 518
- Veiga, Maria Isabel Girão de Mello [pseud. Isabel Alçada] 9 170, 226, 229, 234, 244, 369, 432
- Veloso, José Maria Queiroz 126
- Ventura, João 13, 258, 262, 406, 453
- Ventura, Núria, 455
- Verdelho, Evelina 82
- Verney, Luís António 93, 94, 122, 151
- Veyne Paul, 86
- Viana, Fernanda Leopoldina 15, 19

Vicente, Gil 153
Viegas, José Manuel Leite 13, 84, 160
Vieira, Padre António 80
Vilelas, José Vol. II 158, 160, 164
Virgílio 98, 122
Vitorino, Orlando 145, 147
Voltaire (pseud. de François-Marie Arouet) 80, 81, 102
Von Wilamowitz, Enno Friedrich Wichard Ulrich 107
Vygotsky, Lev Semyonovich 370

W

Waldstrøm, Christian 16, 192, 515
Walsh, Daniel J. 21
Weber, Marx 22, 25, 108, 113
Weber, Robert Philip 209, 211
Webber, Sheila 10, 15, 46, 47, 180
Wegner, Daniel 193
Wilde, Oscar 396
Willelm, Frederich 120
Williams, Raymond 13, 81, 86, 149, 184, 300, 315, 356,
Vol. II 179
Wittgeinstein Ludwig 55
Wright, Brian 106, 160

X

Xavier, Jorge Barreto 356, 357, 396, Vol. II 179
Xenofonte 98

Y

Yarrow, Alexandra 10, 180
Yepes Osório, Luis Bernardo 13, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 64,
65, 158, 161, 162, 171, 178, 181, 184, 196, 253, 286,
325, 327, 329, 356, 363, 364, 374, 375, 411 458, Vol. II
171, 172, 185, 213
Yourcenar, Marguerite 117, 296, 450,

Z

Zink, Rui 361